



COMPANHIA DAS LETRAS



BENJAMIN
FRANKLIN

— UMA VIDA AMERICANA —

WALTER ISAACSON

autor de *Steve Jobs: A biografia*

WALTER ISAACSON

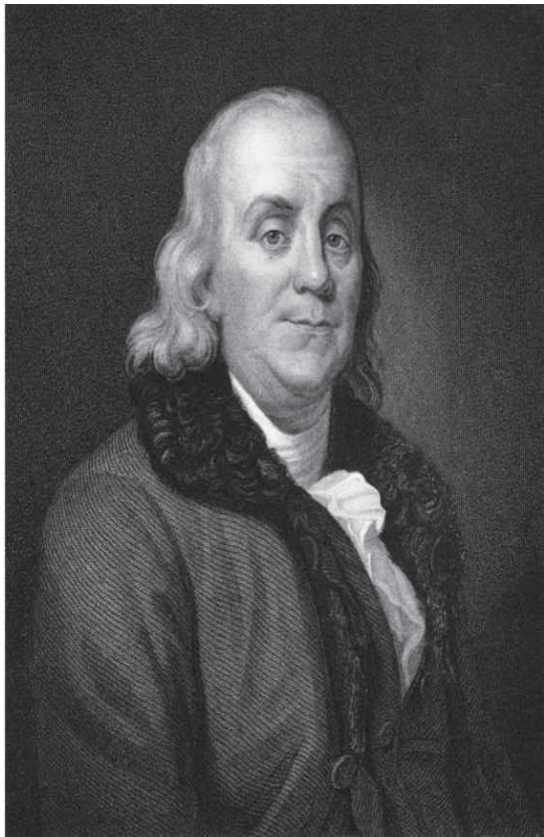
Benjamin Franklin

Uma vida americana

Tradução

Pedro Maia Soares





Para Cathy e Betsy, como sempre ...

Sumário

1. Benjamin Franklin e a invenção dos Estados Unidos da América
2. O progresso do peregrino: Boston, 1706-23
3. Artífice assalariado: Filadélfia e Londres, 1723-6
4. Impressor: Filadélfia, 1726-32
5. Cidadão público: Filadélfia, 1731-48
6. Cientista e inventor: Filadélfia, 1744-51
7. Político: Filadélfia, 1749-56
8. Águas turbulentas: Londres, 1757-62
9. Despedida de casa: Filadélfia, 1763-4
10. Agente provocador: Londres, 1765-70
11. Rebelde: Londres, 1771-5
12. Independência: Filadélfia, 1775-6
13. Cortesão: Paris, 1776-8
14. *Bon vivant*: Paris, 1778-85
15. Pacificador: Paris, 1778-85
16. Sábio: Filadélfia, 1785-90

Epílogo

Conclusões

Caderno de imagens

Personagens

Cronologia

Conversão de moedas

Agradecimentos

Fontes e abreviações

Notas

Créditos das imagens

1. Benjamin Franklin e a invenção dos Estados Unidos da América

Sua chegada à Filadélfia é uma das cenas mais famosas da literatura autobiográfica: o fugitivo enlameado de dezessete anos, atrevido mas com aparência humilde, extravai-se do barco e compra três pãezinhos gordos enquanto vagueia até a Market Street. Mas espere um minuto. Há algo mais. Elimine uma camada e é possível vê-lo como um observador irônico de 65 anos, sentado em uma casa de campo inglesa, escrevendo essa cena, fingindo que ela faz parte de uma carta ao seu filho, um filho ilegítimo que se tornou um governador colonial com pretensões aristocráticas e precisa ser lembrado por suas raízes humildes.

Um olhar cuidadoso ao manuscrito faz surgir outra camada. Inserida na frase sobre seu progresso de peregrino pela Market Street há uma nota, redigida na margem, na qual ele registra ter passado pela casa de sua futura esposa, Deborah Read, e que “ela, em pé na porta, me viu e achou que eu tinha, como certamente tinha, uma aparência ridícula das mais estranhas”. Portanto, temos aqui, em um breve parágrafo, o personagem multifacetado conhecido tão carinhosamente por seu autor como Benjamin Franklin: quando jovem, depois visto através dos olhos de seu eu mais velho, e depois através das memórias contadas mais tarde por sua esposa. E tudo encimado pela curta e hábil afirmação do velho — “como certamente tinha” —, em que a autodepreciação mal disfarça o orgulho que sentia por sua notável ascensão no mundo.¹

Benjamin Franklin é o pai fundador que dá uma piscadela para nós. Os colegas de George Washington achavam difícil se imaginar tocando o austero general no ombro; hoje, nós acharíamos isso ainda mais difícil. Jefferson e Adams são igualmente intimidantes. Mas Ben Franklin, aquele empresário urbano ambicioso, parece feito de carne em vez de mármore, possível de ser chamado pelo apelido; e, no palco da história, ele se vira para nós com olhos que cintilam por trás daqueles óculos modernos. Ele nos fala, por meio de suas cartas, brincadeiras e autobiografia, não com retórica bombástica, mas com uma tagarelice e uma ironia inteligente que são muito contemporâneas, às vezes de forma inquietante. Vemos seu reflexo em nosso próprio tempo.

Durante seus 84 anos de vida, ele foi o melhor cientista, inventor, diplomata, escritor e estrategista de negócios da América do Norte; foi também um dos pensadores políticos mais práticos, embora não o mais profundo. E, com o voo de uma pipa, ele provou que o raio era eletricidade, e inventou uma vara para domá-lo. Inventou óculos bifocais e estufas de queima limpa, elaborou cartas marítimas da corrente do Golfo e teorias sobre a natureza contagiosa da gripe comum. Lançou vários planos de melhorias cívicas, tais como uma biblioteca circulante, faculdade, corpo de bombeiros voluntários, associação de seguros e fundos de contrapartida. Ajudou a inventar o estilo peculiar americano de humor caseiro e pragmatismo filosófico. Na política externa, criou uma abordagem que entrelaçava o idealismo com o realismo do equilíbrio de poder. E, na política, propôs planos influentes para unir as colônias e criar um modelo federal para um governo nacional.

Mas a coisa mais interessante que Franklin inventou, e reinventou incessantemente, foi ele mesmo. Primeiro grande publicista americano, ele tentou, em sua vida e em seus escritos, criar de maneira consciente um novo arquétipo americano. No processo, ele criou a própria persona, retratou-a em público e a poliu para a posteridade.

Em parte, era uma questão de imagem. Quando jovem impressor, na Filadélfia, ele transportava em uma carroça rolos de papel pelas ruas para dar a impressão de ser diligente. Quando velho diplomata na França, usava um gorro de pele para fazer o papel de sábio do interior. Entre um período e outro, criou a imagem de si mesmo como um comerciante simples, mas esforçado, que aprimorava assiduamente as virtudes — diligência, frugalidade, honestidade — de um bom lojista e membro beneficente de sua comunidade.

No entanto, a imagem que criou estava enraizada na realidade. Nascido e criado na classe dos que usam avental, Franklin sentia-se, ao menos durante a maior parte de sua vida, mais confortável com os artesãos e pensadores do que com a elite dominante, além de ter alergia à pompa e às regalias da aristocracia hereditária. Ao longo de sua vida, ele se referiria a si mesmo como “B. Franklin, impressor”.

Dessas atitudes originou-se o que talvez seja a mais importante antevisão de Franklin: uma identidade nacional americana baseada nas virtudes e valores de sua classe média. Instintivamente mais confortável com a democracia do que alguns dos seus companheiros fundadores, e desprovido do esnobismo que os críticos mais tarde manifestariam em relação a seus valores de comerciante, ele tinha fé na sabedoria do homem comum e achava que uma nação nova tiraria sua força do que chamou de “pessoas medianas”. Por meio de suas dicas de autoaperfeiçoamento para cultivar virtudes pessoais e seus planos de aprimoramento cívico para promover o bem comum, ele ajudou a criar e celebrar uma nova classe dominante de cidadãos comuns.

Em face da complexa interação entre as várias facetas do caráter de Franklin — sua inventividade e sua sabedoria não reflexivas, sua ética protestante divorciada do dogma, os princípios que defendia com firmeza e aqueles que estava disposto a negociar —, cada novo olhar dirigido a ele reflete e refrata as mudanças de valores da nação. Ele foi vilipendiado em períodos românticos e festejado nos momentos empreendedores. Cada época o avalia de novo e, ao fazê-lo, revela algumas avaliações de si mesma.

Franklin tem uma especial ressonância nos Estados Unidos do século XXI. Editor de sucesso e consumado agente de relações com uma curiosidade inventiva, ele teria se sentido em casa na revolução da informação, e seu esforço descarado para fazer parte de uma meritocracia em ascensão fez dele, na expressão do crítico social David Brooks, “nosso yuppie fundador”. É fácil nos imaginarmos tomando uma cerveja com ele depois do trabalho, mostrando-lhe como usar o mais atual artefato digital, compartilhando o plano de negócios de um novo empreendimento e discutindo os escândalos políticos mais recentes ou ideias políticas. Ele riria da última piada sobre um padre e um rabino, ou sobre a filha de um fazendeiro. Nós admiraríamos tanto sua seriedade quanto sua ironia autoconsciente. E compreenderíamos a maneira como tentou equilibrar, às vezes constringido, a busca por riqueza, reputação, virtudes mundanas e valores espirituais.²

Há quem veja o reflexo de Franklin no mundo de hoje e se preocupe com a superficialidade da alma e uma complacência espiritual que parece permear a cultura do materialismo. Essas pessoas dizem que ele nos ensina a levar uma vida prática e pecuniária, mas não uma existência elevada. Outros veem o mesmo reflexo e admiram os valores básicos de classe média e os sentimentos democráticos que parecem sofrer o ataque de elitistas, radicais, reacionários e outros críticos virulentos da burguesia. Eles consideram Franklin um exemplo do caráter pessoal e da virtude cívica com frequência ausentes nos Estados Unidos de hoje.

Grande parte da admiração se justifica, bem como alguns dos receios. Mas as lições da vida de Franklin são mais complexas do que aquelas

normalmente tiradas por seus fãs ou seus inimigos. Ambos os lados o confundem com o peregrino esforçado retratado em sua autobiografia. Confundem suas máximas morais cordiais com as crenças fundamentais que motivaram suas ações.

Sua moral se baseava numa crença sincera em levar uma vida virtuosa, servindo ao país que amava e com a esperança de alcançar a salvação mediante a realização de boas obras. Isso o levou a fazer a ligação entre virtude privada e virtude cívica e a suspeitar, com base nas poucas provas que conseguiu reunir sobre a vontade de Deus, que as virtudes terrestres estavam ligadas também às celestiais. É o que se depreende do lema que ele criou para a biblioteca que fundou — “Distribuir benefícios para o bem comum é divino”. Em comparação aos contemporâneos como Jonathan Edwards, para quem os homens seriam pecadores nas mãos de um Deus irado e que a salvação só poderia vir por meio da graça, essa perspectiva pode parecer um tanto complacente. De certa forma era, mas também era genuína.

Qualquer que seja o ponto de vista que se assuma, é útil se envolver novamente com Franklin, pois, ao fazê-lo, estamos lidando com uma questão fundamental: como se vive uma vida que é útil, virtuosa, digna, moral e espiritualmente significativa? E, falando nisso, qual desses atributos é mais importante? São questões tão vitais para uma época de autossatisfação como foram para uma era revolucionária.

2. O progresso do peregrino *Boston, 1706-23*

OS FRANKLIN DE ECTON

Durante o final da Idade Média, uma nova classe surgiu nas aldeias da Inglaterra rural: homens que possuíam propriedades e riqueza, mas não eram membros da aristocracia titulada. Orgulhosos, porém sem grandes pretensões, assertivos de seus direitos como membros de uma classe média independente, esses proprietários vitalícios passaram a ser conhecidos por “frankins”, da palavra do inglês médio “frankeleyn”, que significa “homem livre”.¹

Quando os sobrenomes começaram a vigorar, as famílias das classes superiores tenderam a assumir os títulos de seus domínios, como Lancaster ou Salisbury. Seus inquilinos não raro recorriam a invocações de seu pequeno território próprio, como Hill [Monte] ou Meadows [Campos]. Os artesãos preferiram o nome de sua atividade, como Smith [Ferreiro], Taylor [Alfaiate] ou Weaver [Tecelão]. E, para algumas famílias, o termo que pareceu mais apropriado foi Franklin.

O mais antigo uso documentado desse nome por um dos ancestrais de Benjamin Franklin, pelo menos que pode ser encontrado hoje, remete a seu trisavô Thomas Francklyne ou Franklin, nascido por volta de 1540 na aldeia de Ecton, em Northamptonshire. Seu espírito independente se tornou parte do

folclore da família. “Essa nossa família obscura esteve no início da Reforma”, escreveu mais tarde Franklin, e “às vezes correu perigo por causa de seu fervor contra o papado”. Quando a rainha Maria I estava engajada em sua cruzada sangrenta para restabelecer a Igreja católica romana, Thomas Franklin manteve a proibida Bíblia inglesa amarrada embaixo de um banco. Este podia ser virado no colo para que a Bíblia pudesse ser lida em voz alta, mas imediatamente escondida sempre que um funcionário da corte eclesiástica passasse por ali.²

A independência forte mas pragmática de Thomas Franklin, aliada à sua engenhosidade inteligente, parece ter sido transmitida através de quatro gerações. A família produziu dissidentes e não conformistas dispostos a desafiar as autoridades, embora não a ponto de se tornarem fanáticos. Eram artesãos inteligentes e ferreiros inventivos, com um amor pela aprendizagem. Ávidos leitores e escritores, tinham convicções profundas, entretanto sabiam como usá-las de ânimo leve. Sociáveis por natureza, os Franklin tendiam a se tornar conselheiros de confiança para seus vizinhos e se orgulhavam de fazer parte da classe média composta de donos de lojas, comerciantes e proprietários independentes.

Pode ser apenas presunção de biógrafo pensar que o caráter de uma pessoa pode ser iluminado quando se vasculham suas raízes familiares e salientam os traços recorrentes que culminam perfeitamente na personalidade biografada. Não obstante, a herança da família de Franklin parece um lugar fértil para começar um estudo. Para algumas pessoas, o elemento formador mais importante é o lugar. Para entender Harry Truman, por exemplo, é preciso compreender a fronteira do Missouri no século XIX; do mesmo modo, é necessário mergulhar no Hill Country do Texas para nos aprofundarmos em Lyndon Johnson.³ Mas Benjamin Franklin não era tão enraizado. Sua herança era a de uma gente sem lugar — os filhos mais moços de artesãos de classe média —, a maioria dos quais fez carreira em cidades diferentes das de seus pais. Desse modo, ele é mais bem compreendido como um produto da linhagem, e não da terra.

Além disso, Franklin também pensava assim. “Eu sempre tive prazer em saber qualquer pequena história de meus antepassados”, diz a frase de abertura de sua autobiografia. Era um prazer ao qual ele iria se entregar quando, já na meia-idade, viajou a Ecton para entrevistar parentes distantes, pesquisar registros de igrejas e copiar inscrições de lápides familiares.

Ele descobriu que o traço dissidente que percorria sua família envolvia mais do que assuntos de religião. Segundo a tradição, o pai de Thomas Franklin tinha sido um ativo defensor legal do homem comum na controvérsia sobre a prática conhecida como “enclosure”, pela qual a aristocracia rural fechou suas propriedades e impediu que os agricultores mais pobres levassem seus rebanhos para nelas pastar. E o filho de Thomas, Henry, passou um ano na prisão por

escrever poesias que, como observou um descendente, “tocavam o caráter de um grande homem”. A inclinação para desafiar a elite, e para escrever poesia medíocre, duraria mais algumas gerações.

O filho de Henry, Thomas II, também apresentava traços que mais tarde ficariam evidentes em seu neto famoso. Era uma alma gregária que adorava ler, escrever e remendar. Quando jovem, construiu do zero um relógio que funcionou durante toda a sua vida. Tal como o pai e o avô, tornou-se ferreiro, mas, nas pequenas aldeias inglesas, o ferreiro exercia uma variedade de tarefas. De acordo com um sobrinho, ele “também praticava por diversão o comércio de torneador (tornear madeira girando com um torno mecânico), armeiro, cirurgião e escrivão, além de ter a letra mais bonita que já vi. Era historiador e tinha alguma habilidade em astronomia e química”.⁴

Seu filho mais velho assumiu o negócio de ferreiro e prosperou igualmente como dono de escola e advogado. Mas essa é uma história de filhos mais moços: Benjamin Franklin era o filho mais moço dos filhos mais moços havia cinco gerações. Ser o último da prole significava muitas vezes ter de se virar por conta própria. Para gente como os Franklin, restava deixar aldeias como Ecton, que eram pequenas demais para sustentar mais do que um ou dois profissionais de cada atividade, e se mudar para uma cidade maior, onde pudessem obter algum aprendizado.

Não era incomum — especialmente na família de Franklin — que irmãos mais novos fossem aprendizes dos mais velhos. Foi assim que o filho mais moço de Thomas II, Josiah Franklin,⁵ deixou Ecton na década de 1670 rumo à cidade vizinha de Banbury, em Oxfordshire, e se uniu a um agradável irmão mais velho chamado John, que ali havia se estabelecido como tingidor de tecidos de seda e algodão. Depois dos dias austeros do protetorado de Cromwell, a restauração do rei Carlos II levou a um breve florescimento da indústria de vestuário.

Quando estava em Banbury, Josiah foi arrastado pela segunda grande convulsão religiosa que atingiu a Inglaterra. A primeira fora resolvida pela rainha Elizabeth: a Igreja inglesa seria protestante, em vez de católica romana. No entanto, ela e seus sucessores enfrentaram posteriormente a pressão dos que queriam ir ainda mais longe e “purificar” a Igreja de todos os traços católicos. Os puritanos, como vieram a ser conhecidos os dissidentes calvinistas que defendiam o expurgo de vestígios papistas, foram particularmente ativos em Northamptonshire e Oxfordshire. Eles enfatizavam a autonomia congregacional, o sermão e o estudo da Bíblia em detrimento da liturgia e do ritual, e desprezavam grande parte dos adornos da Igreja anglicana, considerados remanescentes poluidores da Igreja de Roma. Apesar de sua concepção puritana da moralidade pessoal, tal seita atraiu alguns dos membros mais intelectualizados da classe média porque enfatizava o valor de reuniões, discussões, sermões e uma compreensão pessoal da Bíblia.

Quando Josiah chegou a Banbury, a cidade estava dividida pela luta em torno do puritanismo. (Durante uma das batalhas mais concretas, uma turba de puritanos derrubou a famosa cruz de Banbury.) A família Franklin também estava dividida, embora de forma menos encarniçada. John e Thomas III permaneceram leais à Igreja anglicana; seus irmãos mais moços, Josiah e Benjamin (às vezes chamado de Benjamin, o Velho, para distingui-lo de seu sobrinho famoso), tornaram-se dissidentes. Mas Josiah nunca foi fanático em levar adiante discussões teológicas. Não há registro de nenhuma disputa familiar sobre a questão.⁵

MISSÃO NA TERRA SELVAGEM

Mais tarde, Franklin afirmaria que foi um desejo de “desfrutar do exercício de sua religião com liberdade” que levou seu pai, Josiah, a emigrar para a América. Até certo ponto, isso é verdade. O fim do governo puritano de Cromwell e a restauração da monarquia em 1660 resultaram em restrições aos fiéis puritanos, e os ministros dissidentes foram forçados a abandonar seus púlpitos.

Contudo, o irmão de Josiah, Benjamin, o Velho, estava provavelmente certo ao atribuir a mudança a fatores mais de ordem econômica do que religiosa. Josiah não tinha uma fê ardorosa. Era próximo de seu pai e do irmão mais velho John, ambos anglicanos. “Todos os indícios sugerem que foi o espírito de independência, associado a uma espécie de vivacidade intelectual e um espírito prático, em vez de convicções doutrinárias, que levou os dois únicos Franklin que se tornaram puritanos — Benjamin, o Velho, e Josiah — a seguir esse caminho”, escreveu Arthur Tourtellot, autor de um livro abrangente sobre os primeiros dezessete anos da vida de Franklin.⁶

A maior preocupação de Josiah era sustentar sua família. Aos dezenove anos, ele se casou com uma amiga de Ecton, Anne Child, e levou-a para Banbury. Em rápida sucessão, tiveram três filhos. Com o término de sua aprendizagem, ele passou a trabalhar por salário na oficina de seu irmão. Mas não havia negócio suficiente para sustentar as duas famílias Franklin, que cresciam rapidamente, e a lei tornava impossível para Josiah entrar em uma nova atividade sem fazer outro aprendizado. Como disse Benjamin, o Velho: “As coisas não aconteceram ali de acordo com sua mente, por isso, com a permissão de seus amigos e do pai, ele foi para a Nova Inglaterra no ano de 1683”.

A história da migração da família Franklin, tal como a história de Benjamin Franklin, oferece um vislumbre da formação do caráter americano. Entre os grandes mitos românticos sobre a América enfatizados pelos livros escolares está

o de que o motivo principal de seus colonizadores era a liberdade, em particular a liberdade religiosa.

Como a maioria dos mitos românticos americanos, este contém muito de verdade. Para muitos dos que participaram da onda do século XVII de migração puritana para Massachusetts, como das ondas migratórias subsequentes que fizeram os Estados Unidos, a viagem foi principalmente uma peregrinação religiosa, que envolvia a fuga da perseguição e a busca de liberdade. E, como a maioria dos mitos românticos americanos, este também passa por cima de algumas realidades importantes. Para muitos outros imigrantes puritanos, como para diversas ondas subsequentes, a viagem foi sobretudo uma busca econômica.

Mas estabelecer uma dicotomia acentuada é não compreender os puritanos — e os Estados Unidos da América. Para a maioria dos puritanos, do rico John Winthrop ao pobre Josiah Franklin, a viagem para a terra selvagem foi impulsionada por considerações tanto de fé como de finanças. Afinal, a Colônia da Baía de Massachusetts foi criada por investidores como Winthrop para ser um empreendimento comercial licenciado e para criar uma “cidade [celestial] sobre uma colina”. Esses puritanos não faziam uma distinção excludente entre motivos espirituais e seculares, pois entre as ideias úteis que legaram para a América estava uma ética protestante segundo a qual liberdade religiosa e liberdade econômica estavam ligadas, empreender era uma virtude e o sucesso financeiro não tinha de excluir a salvação espiritual.⁷

Ao contrário, os puritanos desprezavam a crença monástica da Igreja romana antiga de que a santidade exigia a retirada das preocupações econômicas mundanas e pregavam que ser industrioso era um imperativo tanto celestial quanto terreno. O que o historiador da literatura Perry Miller chama de “o paradoxo do materialismo e da imaterialidade puritana” não era paradoxal para os puritanos. Ganhar dinheiro era uma forma de glorificar a Deus. Como Cotton Mather disse em seu famoso sermão “Um cristão em sua profissão”, feito cinco anos antes de Franklin nascer, era importante cuidar de “algum negócio estabelecido, no qual um cristão deve passar a maior parte de seu tempo para que possa glorificar a Deus fazendo o bem aos outros, e obtendo o bem para si mesmo”. O Senhor, muito convenientemente, sorria para aqueles que eram diligentes em sua vocação terrena e, como o *Almanaque do Pobre Ricardob* observaria mais tarde, “ajudava àqueles que ajudavam a si mesmos”.⁸

Desse modo, a migração puritana estabeleceu a base para algumas características de Benjamin Franklin, e dos Estados Unidos da América: a crença de que salvação espiritual e sucesso secular não precisam estar em desacordo, que a laboriosidade está próxima da santidade e que o pensamento livre e a livre-iniciativa estão integralmente relacionados.

UM HOMEM DE JUÍZO SÓLIDO

Josiah Franklin tinha 25 anos quando, em agosto de 1683, partiu para a América com sua esposa, duas crianças e uma menina de apenas alguns meses de idade. A viagem, em uma fragata abarrotada com centenas de passageiros, levou mais de nove semanas e custou à família perto de quinze libras esterlinas, o que equivalia a cerca de seis meses de renda para um comerciante como Josiah. Foi, no entanto, um investimento sensato. Os salários no Novo Mundo eram duas a três vezes maiores, e o custo de vida era mais baixo.⁹

A demanda por tecidos e sedas tingidos com cores vivas não era grande numa cidade de fronteira, especialmente num lugar puritano como Boston. De modo efetivo, era uma infração usar roupas que fossem rebuscadas demais. Mas, ao contrário da Inglaterra, não havia nenhuma lei que obrigasse uma pessoa a um longo aprendizado antes de entrar em uma atividade comercial. Então Josiah escolheu uma nova, que tinha muito menos glamour mas muito mais utilidade: a de comerciante de sebo, que transformava gordura animal em velas e sabão.

Foi uma escolha acertada. Velas e sabão estavam deixando de ser luxo para se tornarem artigos básicos. A tarefa odorífera de fazer lixívia de cinzas e fervê-la durante horas com gordura era algo que até a mais robusta das donas de casa de fronteira estava disposta a pagar a alguém para fazer. O gado, outrora uma raridade, começava a ser abatido com mais frequência, o que possibilitava a fabricação em massa de sebo. No entanto, a atividade não era comum. Um registro de profissões de Boston, pouco antes da chegada de Josiah, arrola doze sapateiros, onze alfaiates, três cervejeiros, mas apenas um comerciante de sebo.

Ele montou loja e residência em uma casa de madeira alugada de dois andares e meio, de apenas nove por seis metros, na esquina da Milk Street com High Street (hoje Washington Street). O térreo tinha somente uma peça e uma cozinha minúscula numa estrutura separada acrescentada na parte de trás. Como em outras casas de Boston, as janelas eram pequenas, de modo que seria mais fácil mantê-la aquecida, mas estava pintada de cores vivas, para parecer mais alegre.¹⁰

Do outro lado da rua ficava a South Church, a mais nova e mais liberal (relativamente falando) das três congregações puritanas de Boston. Josiah foi admitido como membro, ou teve permissão para “possuir a aliança”, dois anos depois de sua chegada.

Ser membro da Igreja era, ao menos para os puritanos, um nivelador social. Embora ele fosse apenas um comerciante batalhador, Josiah pôde, graças a sua condição de membro da South Church, se tornar amigo de luminárias da colônia, como Simon Bradstreet, que havia sido governador, e do juiz Samuel Sewall, membro de Harvard e diligente autor de um diário.

Figura confiável e paternalista, Josiah subiu na hierarquia puritana/cívica de Boston. Em 1697, foi escolhido para ser um *tithingman*, termo que designava os vigilantes morais, cuja função era impor o comparecimento e a atenção nos serviços religiosos dominicais e ficar de olho nos “notívagos, beberrões, violadores do descanso semanal [...] ou qualquer outra coisa que tenda à libertinagem, irreligião, profanação e ateísmo”. Seis anos depois, passou a ser *constable*, uma das onze pessoas que ajudavam a supervisionar os *tithingmen*. Embora os cargos não fossem remunerados, Josiah praticava a arte, que seu filho aperfeiçoaria, de casar a virtude pública com o lucro privado: ganhava dinheiro com a venda de velas aos vigilantes noturnos que supervisionava.¹¹

Em sua autobiografia, Benjamin Franklin faz uma descrição lapidar de seu pai:

Ele tinha uma constituição de corpo excelente, era de estatura média, mas bem firme e muito forte. Engenhoso, era capaz de desenhar lindamente, tinha um pouco de habilidade em música e uma voz clara agradável, de modo que, quando tocava músicas de salmos em seu violino e, além disso, cantava, como às vezes fazia em uma noite depois de encerrados os negócios do dia, era extremamente prazeroso de ouvir. Tinha também um gênio mecânico, e de vez em quando era muito hábil na utilização de ferramentas de trabalho dos outros. Mas sua grande excelência estava em uma boa compreensão e juízo sólido em questões de prudência, tanto nos assuntos públicos como nos privados [...] Lembro-me bem de que era frequentemente visitado por pessoas de renome, que pediam sua opinião em questões da cidade ou da igreja. [...] Ele também era muito consultado por particulares quando ocorria qualquer dificuldade, e era frequentemente escolhido para arbitrar entre partes em conflito.¹²

Essa descrição talvez seja excessivamente generosa. Afinal, ela está em uma autobiografia concebida, em parte, para incutir respeito filial no próprio filho de Benjamin. Como veremos, Josiah, embora fosse indiscutivelmente sábio, tinha horizontes limitados. Tendia a desestimular as aspirações educacionais, profissionais e poéticas de seu filho.

A característica mais proeminente de Josiah foi captada em uma frase, profundamente puritana em sua fidelidade ao mesmo tempo à laboriosidade e ao igualitarismo, que seria inscrita em sua lápide por seu filho: “Diligência em tua profissão”. Ela vinha do trecho preferido de Josiah de sabedoria salomônica

(Provérbios 22,29), que ele citava com frequência para seu filho: “Vês um homem perito em seu trabalho? Ele será posto a serviço de reis, não será posto a serviço de pessoas obscuras”. Como Franklin recordaria quando estava com 78 anos, com a mistura irônica de leve vaidade e divertida consciência de si mesmo que permeia sua autobiografia: “A partir de então, considere a indústria um meio de obtenção de riqueza e distinção, o que me incentivou, ainda que não achasse que viria a estar literalmente diante de reis, o que, no entanto, aconteceu, porque estive diante de cinco, e até tive a honra de sentar-me com um deles, o rei da Dinamarca, para jantar”.¹³

Enquanto Josiah prosperava, sua família crescia; ele teria dezessete filhos num período de 34 anos. Fecundidade como essa era comum entre os puritanos robustos e vigorosos: o reverendo Samuel Willard, pastor da South Church, teve vinte filhos; o famoso teólogo Cotton Mather tinha quinze. As crianças tendiam a ser mais um recurso do que um fardo. Elas ajudavam em casa e na loja, cuidando da maioria das tarefas domésticas.¹⁴

Às três crianças que vieram com eles da Inglaterra, Josiah e Anne Franklin acrescentaram rapidamente mais duas, que viveram ambas até a idade adulta: Josiah Jr., nascido em 1685, e Anne Jr., nascida em 1687. Depois, contudo, a morte atacou de maneira brutal. Três vezes ao longo dos dezoito meses seguintes, Josiah fez a procissão da Milk Street ao cemitério da South Church: a primeira em 1688, por um filho recém-nascido que morreu com cinco dias; depois, em 1689, por sua esposa, Anne, que morreu uma semana após dar à luz outro filho; e, novamente, por esse filho que morreu após outra semana. (Na época, um quarto de todos os recém-nascidos em Boston morria em uma semana.)

Não era incomum que os homens da Nova Inglaterra colonial sobrevivessem a duas ou três esposas. Das primeiras dezoito mulheres que vieram para Massachusetts em 1628, por exemplo, catorze morreram em um ano. Também não era considerado insensibilidade um marido enlutado se casar de novo rapidamente. Na verdade, como no caso de Josiah, era visto como uma necessidade econômica. Aos 31 anos, ele tinha cinco filhos para criar, um comércio para cuidar e uma loja para manter. Precisava de uma esposa nova e robusta, e precisava logo.

UMA MULHER VIRTUOSA

Tal como os Franklin, a família Folger (originalmente Foulger) era rebelde, mas também prática, e compartilhava a mesma combinação de inquietação religiosa e econômica. Descendentes de reformistas protestantes flamengos que haviam fugido para a Inglaterra no século XVI, os Folger

estavam na primeira onda de emigrantes que partiram para Massachusetts quando Carlos I e seu arcebispo da Cantuária, William Laud, começaram a reprimir os puritanos. A família de John Folger, com seu filho de dezoito anos de idade Peter, viajou para Boston em 1635, quando a cidade tinha apenas cinco anos de vida.

Durante a viagem, Peter conheceu uma jovem serva chamada Mary Morrill, que estava presa por contrato a um dos ministros puritanos a bordo. Depois da chegada, Peter conseguiu comprar a liberdade dela por vinte libras esterlinas e tomou-a por esposa.

Após encontrarem a liberdade religiosa e pessoal, os Folger estavam ansiosos por oportunidades econômicas. Mudaram-se de Boston para um novo assentamento rio acima chamado Dedham, depois para Watertown e, finalmente, para a ilha de Nantucket, onde Peter se tornou mestre-escola. A maioria dos habitantes era de indígenas; ele aprendeu a língua deles, ensinou-lhes o inglês e tentou (com sucesso) convertê-los ao cristianismo. Rebelde por natureza, ele mesmo se converteu e tornou-se batista, o que fez com que os índios fiéis que ele havia conduzido ao cristianismo o seguissem mediante o ritual que exigia a imersão total.

Exibindo a forte resistência à autoridade que caracterizava tanto a família Folger como os Franklin, Peter era o tipo de rebelde destinado a transformar a América colonial. Como secretário do Tribunal em Nantucket, a certa altura foi preso por desobedecer ao magistrado local durante uma briga entre os ricos acionistas da ilha e sua crescente classe média de comerciantes e artesãos.¹⁵

Ele também escreveu um panfleto quase sedicioso, em verso, em que mostrava sua simpatia para com os índios durante o que ficou conhecido como Guerra do Rei Filipe, em 1676. A guerra, declarou ele, era resultado da ira de Deus contra a intolerância dos ministros puritanos em Boston. Sua paixão subjugava seu talento poético: “Let Magistrates and Ministers/ consider what they do;/ Let them repeal those evil laws, and break those bonds in two”.^c Mais tarde, seu neto Benjamin Franklin diria que o poema foi “escrito com liberdade viril e uma simplicidade agradável”.¹⁶

Peter e Mary Folger tiveram dez filhos; a mais nova, Abiah, nasceu em 1667. Quando ela estava com 21 anos e ainda solteira, mudou-se para Boston e foi morar com uma irmã mais velha e seu marido, que eram membros da South Church. Embora tenha sido criada como batista, Abiah entrou para a congregação logo após sua chegada. Em julho de 1689, quando o bem respeitado comerciante de sebo Josiah Franklin foi até lá para enterrar sua esposa, Abiah era uma paroquiana fiel.¹⁷

Menos de cinco meses depois, em 25 de novembro de 1689, eles se casaram. Ambos eram os mais jovens de uma grande prole. Juntos, viveriam até idades invulgarmente avançadas — ele até os 87 anos, ela até os 84. E essa

longevidade estava entre os muitos traços que legariam a seu famoso filho mais moço, que viveria até os 84 anos. “Ele foi um homem piedoso e prudente; ela, uma mulher discreta e virtuosa”, Benjamin inscreveu mais tarde na lápide deles.

Nos doze anos seguintes, Josiah e Abiah Franklin tiveram seis filhos: John (nascido em 1690), Peter (1692), Mary (1694), James (1697), Sarah (1699) e Ebenezer (1701). Somados aos do primeiro casamento de Josiah, eram onze filhos, todos ainda solteiros, comprimidos na pequena casa da Milk Street, que também continha os equipamentos de sebo, sabão e vela.

Em tais circunstâncias, pode parecer impossível manter um olhar atento sobre tão grande prole, e a história dos Franklin oferece a prova trágica de que isso era verdade. Quando era um bebê de dezesseis meses, Ebenezer se afogou em uma banheira de espuma de sabão de seu pai. No mesmo ano, em 1703, os Franklin tiveram outro filho que também morreu criança.

Assim, embora o próximo filho, Benjamin, viesse a passar sua juventude numa casa com dez irmãos mais velhos, o mais novo deles seria sete anos mais velho que ele. Benjamin teria ainda duas irmãs mais novas, Lydia, nascida em 1708, e Jane, de 1712.

UM RAPAZ CORAJOSO

Benjamin Franklin nasceu e foi batizado no mesmo dia, um domingo, 17 de janeiro de 1706.^d Boston tinha então 76 anos de idade e não era mais um posto avançado puritano, mas um próspero centro comercial repleto de pregadores, comerciantes, marinheiros e prostitutas. Contava com mais de mil casas, mil navios registrados em seu porto e 7 mil habitantes, número que dobrava a cada vinte anos.

Crescendo ao longo do rio Charles, Franklin era, de acordo com suas lembranças, “geralmente o líder entre os meninos”. Um dos pontos de encontro preferidos da garotada era um pântano salgado perto da foz do rio, que se tornou um atoleiro devido ao pisoteio constante. Sob a liderança de Franklin, os amigos construíram um cais com pedras destinadas à edificação de uma casa nas proximidades. “À noite, quando os trabalhadores foram embora para casa, reuni alguns dos meus companheiros de brincadeiras e trabalhamos diligentemente como formigas, às vezes dois ou três para carregar uma pedra, até trazê-las para fazer nosso pequeno ancoradouro.” Na manhã seguinte, ele e os outros foram apanhados e punidos.

Franklin contou essa história em sua autobiografia para ilustrar a máxima de seu pai de “que nada era útil se não fosse honesto”.¹⁸ No entanto, como muitas das tentativas de Franklin de autodepreciação, a historietta parece mais

projetada para mostrar como ele era um bom líder do que quão ruim era durante sua infância. Ao longo de sua vida, ele sentiu um orgulho palpável de sua capacidade de organizar esforços de cooperação e projetos de espírito público.

A infância de Franklin brincando às margens do rio Charles também lhe incutiu um amor pela natação que perduraria pelo resto de sua vida. Depois que aprendeu e ensinou aos seus companheiros, inventou maneiras de tornar-se mais rápido. Ele percebeu que o tamanho das mãos e dos pés limitava a quantidade de água que podiam empurrar e, em decorrência, seu poder de propulsão. Então, fez duas paletas ovais, com furos para os polegares, e (como explicou em carta a um amigo) “eu também equipei as solas dos meus pés com uma espécie de sandália”. Com essas raquetes e nadadeiras, ele podia acelerar na água.

Pipas, como ele mais tarde viria a mostrar, também poderiam ser úteis. Depois de empinar uma delas, tirou a roupa, entrou num lago, flutuou de costas e deixou-a puxá-lo: “Tendo conseguido que outro menino levasse minhas roupas ao outro lado da lagoa, comecei a atravessá-la com a minha pipa, que me carregou sem a menor fadiga e com o maior prazer que se possa imaginar”.¹⁹

Um incidente da infância que ele não incluiu em sua autobiografia, mas que contaria mais de setenta anos depois, para a diversão de seus amigos em Paris, ocorreu quando ele encontrou um menino soprando um apito. Encantado com o aparelho, deu todas as moedas que tinha no bolso por ele. Seus irmãos o ridicularizaram, dizendo que ele havia pagado quatro vezes o valor do objeto. “Eu chorei com o vexame”, Franklin recordou, “e a reflexão me deu mais desgosto do que o apito me deu prazer.” A frugalidade tornou-se para ele não apenas uma virtude, mas também um prazer. “Indústria e frugalidade são os meios para adquirir riqueza e, assim, assegurar a virtude”, escreveu na descrição do tema dos almanaques *Pobre Ricardo*.²⁰

Quando Benjamin tinha seis anos, sua família se mudou da minúscula casa de dois quartos da Milk Street, onde catorze crianças foram criadas, para uma casa e loja maiores no centro da cidade, na esquina das ruas Hanover e Union. Sua mãe estava com 45 anos e, naquele ano (1712), deu à luz a última de suas filhas, Jane, que viria a ser a irmã preferida de Benjamin e sua correspondente pelo resto da vida.

A casa nova de Josiah Franklin, aliada à diminuição do número de filhos que ainda moravam com ele, possibilitou que recebesse convidados interessantes para o jantar. Benjamin relembrou: “À sua mesa, ele gostava de ter, sempre que podia, algum amigo ou vizinho sensato para conversar, e sempre tinha o cuidado de iniciar algum tópico engenhoso ou útil na conversa que poderia tender a melhorar a mente de seus filhos”.

As conversas eram tão cativantes, afirma Franklin em sua autobiografia, que ele “mal notava” o que era servido no jantar. Esse treinamento instilou nele uma “perfeita desatenção” à comida pelo resto de sua vida, característica que

considerava “uma grande conveniência”, embora a quantidade de receitas de delícias culinárias americanas e francesas encontradas entre seus papéis pareça desmenti-lo.²¹

A nova casa também permitiu que os Franklin acomodassem Benjamin, o irmão de Josiah, que emigrou da Inglaterra em 1715 quando estava com 65 anos e seu xará tinha nove anos. Como Josiah, o Benjamin mais velho achou o Novo Mundo inóspito para sua arte de tingir seda, mas, ao contrário de Josiah, não tinha energia para aprender uma nova profissão. Então, ficou na casa de Franklin escrevendo má poesia (inclusive uma autobiografia em 124 quadras) e uma útil história da família, assistindo e transcrevendo sermões, divertindo o sobrinho e irritando aos poucos seu irmão.²²

Tio Benjamin ficou com os Franklin por quatro anos e ultrapassou facilmente o período de boas-vindas do irmão, assim como do sobrinho. Por fim, foi morar com seu filho Samuel, um cuteleiro que também emigrara para Boston. Anos mais tarde, o Benjamin mais moço escreveria para sua irmã Jane e contaria com humor as “discussões e desentendimentos” entre seu pai e seu tio. A lição que seu pai tirou do episódio foi que visitas de parentes distantes “deveriam ser curtas o suficiente para que continuassem amigos”. No *Almanaque do Pobre Ricardo*, Franklin diria de forma mais sucinta: “Peixes e hóspedes fedem depois de três dias”.²³

EDUCAÇÃO

O plano para o jovem Benjamin era fazê-lo estudar para o sacerdócio, o décimo filho de Josiah ungido como seu dízimo ao Senhor. Tio Benjamin apoiava fortemente essa ideia; entre os muitos benefícios desse plano estava o fato de que lhe dava algo a fazer com seu estoque de sermões de segunda mão. Durante décadas, ele havia seguido os melhores pregadores e transcrito suas palavras em uma taquigrafia clara de sua invenção. Seu sobrinho observou mais tarde com ironia divertida que ele “se propôs a me dar todos os seus volumes taquigrafados, suponho que como um estoque para começar”.

A fim de prepará-lo para Harvard, Josiah enviou o filho de oito anos para a Escola Latina de Boston, onde Cotton Mather estudara e seu filho Samuel estava então matriculado. Embora estivesse entre os alunos menos privilegiados, Franklin destacou-se em seu primeiro ano, subindo do meio da classe até o topo, e acabou promovido para uma série à frente. Apesar desse sucesso, Josiah mudou abruptamente de ideia sobre o envio dele para Harvard. “Meu pai, sobrecarregado com uma família numerosa, foi incapaz de suportar sem

inconveniência a despesa de uma educação superior”, escreveu Franklin.

Essa explicação econômica é insatisfatória. A família estava suficientemente bem de vida, e havia menos filhos em casa para sustentar (somente Benjamin e suas duas irmãs mais moças) do que houvera durante muitos anos. Não havia cobrança de taxa na Escola Latina, e, como o primeiro de sua classe, ele poderia facilmente ter ganhado uma bolsa para Harvard. Dos 43 estudantes que entraram na faculdade na época em que Franklin teria entrado, apenas sete vinham de famílias ricas; dez eram filhos de comerciantes e quatro eram órfãos. A universidade gastava então cerca de 11% do seu orçamento com ajuda financeira, mais do que hoje.²⁴

O mais provável é que houvesse outro fator. Josiah passou a acreditar, sem dúvida corretamente, que seu filho mais moço não era adequado para o clero. Benjamin era cético, travesso, curioso, irreverente, o tipo de pessoa que iria rir ao longo de sua vida da ideia de que seria útil para um novo pregador começar sua carreira com uma provisão de sermões usados. Abundam histórias sobre seu intelecto jovem e sua natureza travessa, mas não há nenhuma que o mostre como piedoso ou crente.

Exatamente o oposto. Uma história relatada por seu neto, mas não incluída na autobiografia, mostra que Franklin era atrevido não só em relação à religião, como também à verbosidade no culto que era um marco de fé puritana. “O dr. Franklin, quando criança, achava muito tediosas as longas graças dadas por seu pai antes e depois das refeições”, conta seu neto. “Um dia depois que as provisões de inverno haviam sido salgadas, Benjamin disse: ‘Pai, acho que se você desse graças pelo barril inteiro — de uma vez por todas — seria uma imensa economia de tempo.’”²⁵

Desse modo, Benjamin foi matriculado por um ano em uma academia de escrita e aritmética a duas quadras de distância, dirigida por um mestre brando mas eficiente chamado George Brownell. Franklin destacou-se na escrita, porém não na matemática, um déficit escolar nunca totalmente corrigido e que, combinado com sua falta de formação acadêmica no campo, acabaria por condená-lo a ser meramente o cientista mais engenhoso de sua época, em vez de transcender para o panteão de teóricos verdadeiramente profundos como Newton.

O que teria acontecido se Franklin tivesse recebido uma educação acadêmica formal e ido para Harvard? Alguns historiadores, como Arthur Tourtelot, argumentam que ele teria sido despojado de sua “espontaneidade”, de seu estilo literário “intuitivo”, de “entusiasmo”, “frescor” e do “desembaraço” de sua mente. E, em geral, Harvard era conhecida por fazer isso e até pior para alguns de seus pupilos.

Mas os indícios de que Franklin teria sofrido em decorrência disso são fracos e não fazem justiça nem a ele nem a Harvard. Tendo em vista sua

mentalidade cética e sua alergia à autoridade, é improvável que Franklin tivesse se tornado, como planejado, um ministro. Dos 39 que estavam naquela que teria sido sua turma, menos da metade entrou para o clero. Sua natureza rebelde talvez fosse até reforçada, em vez de reprimida; na época, os administradores da faculdade lutavam fortemente contra o excesso de festas, comilanças e bebidas que infectava o campus.

Um aspecto do gênio de Franklin era a variedade de seus interesses, da ciência à administração, à diplomacia e ao jornalismo, todos abordados de um ângulo muito mais prático do que teórico. Se tivesse ido para Harvard, essa diversidade de perspectivas não se perderia necessariamente, pois a faculdade, dirigida pelo liberal John Leverett, não estava mais sob o controle firme do clero puritano. Na década de 1720, já oferecia cursos famosos de física, geografia, lógica e ética, bem como de literatura clássica e teologia, e um telescópio no alto do Massachusetts Hall fazia dela um centro de astronomia. Felizmente, Franklin adquiriu algo que era talvez tão iluminador quanto uma educação em Harvard: a formação e as experiências de editor, impressor e jornalista.

APRENDIZ

Aos dez anos, com apenas dois anos de escolaridade, Franklin passou a trabalhar em tempo integral na fábrica de vela e sabão de seu pai, substituindo seu irmão mais velho, John, que tinha terminado seu período de aprendiz e saíra para montar o próprio negócio, em Rhode Island. Não era um trabalho agradável — escumar sebo derretido de caldeirões ferventes de gordura era particularmente nocivo, e cortar mechas e encher moldes era bastante tedioso — e Franklin deixou claro seu desgosto por aquilo. E o que era mais preocupante, manifestou sua “forte inclinação para o mar”, embora seu irmão Josiah Jr. tivesse sido recentemente perdido para suas profundezas.

Temendo que o filho “se soltasse e fosse para o mar”, Josiah o levou em longas caminhadas por Boston para que visse outros artesãos e pudesse “observar minha inclinação e meu empenho para fixá-los em algum comércio que me mantivesse em terra”. Isso o fez valorizar para o resto de sua vida artesãos e comerciantes. Sua familiaridade passageira com uma variedade de atividades também contribuiu para torná-lo um consumado remendão de coisas, o que lhe foi muito útil como inventor.

Josiah acabou concluindo que seria melhor para Benjamin ser couteleiro, o tipo de artífice que fazia facas e afiava lâminas. Por essa razão, ele foi, ao menos por alguns dias, aprendiz de Samuel, filho do tio Benjamin. Mas Samuel exigiu uma taxa de aprendizagem que Josiah não achou razoável, em face sobretudo da

história de hospitalidade e aborrecimento que existia entre ele e o Benjamin mais velho.²⁶

Em vez disso, quase que à revelia, o jovem Benjamin aos doze anos acabou aprendiz, em 1718, de seu irmão James, de 21 anos, que havia voltado recentemente de um treinamento na Inglaterra para se estabelecer como impressor. De início, o voluntarioso jovem Benjamin recusou-se a assinar o contrato de aprendizagem; ele era um pouco mais velho do que o usual para iniciar um aprendizado e seu irmão exigia um prazo de nove anos, em vez dos costumeiros sete anos. Por fim, Benjamin assinou, embora não estivesse destinado a ficar amarrado ao contrato até completar 21 anos.

Durante sua estada em Londres, James viu como os baladistas da Grub Street produziam odes às pencas e as vendiam nos cafés. Então, prontamente pôs Benjamin para trabalhar não só pressionando tipos como também produzindo poesia. Com o incentivo de seu tio, o jovem Franklin escreveu duas obras baseadas em notícias, ambas tratando do mar: uma sobre uma família morta em um acidente de barco, outra sobre o assassinato do pirata conhecido como Barba Negra. Como Franklin recordou, eram “coisas lamentáveis”, mas venderam bem, o que “lisonjeou minha vaidade”.²⁷

Herman Melville diria um dia que Franklin era “tudo, menos poeta”. Na verdade, seu pai, que não era nenhum romântico, preferia que fosse assim e pôs fim à versificação de Benjamin. “Meu pai me desencorajou ao ridicularizar minhas apresentações e me dizer que fazedores de versos eram geralmente mendigos; desse modo, escapei de ser um poeta, muito provavelmente muito ruim.”

Quando Franklin começou sua aprendizagem, Boston tinha apenas um jornal: *The Boston News-Letter*, lançado em 1704 por um impressor de sucesso chamado John Campbell, que era também o agente postal da cidade. Então, como hoje, uma vantagem no negócio de meios de comunicação era controlar tanto o conteúdo como a distribuição. Campbell conseguiu unir forças com uma rede de colegas agentes postais que ia de New Hampshire à Virgínia. Seus livros e jornais eram enviados de graça por essa rota — ao contrário dos de outros impressores —, e os agentes postais de sua rede lhe enviavam um fluxo constante de notícias. Além disso, uma vez que detinha uma posição oficial, podia proclamar que seu jornal era “publicado pela autoridade”, uma certificação importante numa época em que a imprensa não se orgulhava de ser independente.

A ligação entre ser agente postal e editor de jornal era tão natural que, quando Campbell perdeu o emprego, seu sucessor nos correios, William Brooker, supôs que também assumiria o jornal. Campbell, entretanto, conservou o jornal, o que levou Brooker a lançar, em dezembro de 1719, um concorrente — *The Boston Gazette* — e a contratar James Franklin, o impressor mais barato da

cidade, para produzi-lo.

Mas, depois de dois anos, James perdeu o contrato para imprimir a *Gazette* e teve uma atitude muito audaciosa: fundou o que era então o único jornal verdadeiramente independente nas colônias e o primeiro com aspirações literárias. O semanal *New England Courant* era muito explicitamente *não* “publicado pela autoridade”.²⁸

O *Courant* seria lembrado pela história principalmente porque contém o primeiro texto em prosa publicado por Benjamin Franklin. E James ficaria conhecido por ser o mestre rigoroso e ciumento descrito na autobiografia de seu irmão. Para sermos justos, contudo, o *Courant* deve ser lembrado por seu próprio mérito de ser o primeiro jornal das colônias americanas ferozmente independente, um jornal antiestablishment que ajudou a criar a tradição de imprensa irreverente do país. “Foi o primeiro esforço aberto de desafiar a norma”, disse o historiador literário Perry Miller.²⁹

Desafiar a autoridade em Boston naquela época significava desafiar os Mather e o papel do clero puritano na vida secular, uma causa cuja defesa James assumiu na primeira página da primeira edição de seu jornal. Infelizmente, a batalha que ele escolheu era sobre a vacinação contra a varíola, e ele optou pelo lado errado.

Epidemias de varíola devastaram Massachusetts a intervalos regulares nos noventa anos decorridos desde sua fundação. Em 1677, um surto matou setecentas pessoas, o equivalente a 12% da população. Durante a epidemia de 1702, na qual três de seus filhos foram atingidos, mas sobreviveram, Cotton Mather começou a estudar a doença. Alguns anos mais tarde, foi apresentado à prática da vacinação por seu escravo negro, que passara pelo procedimento na África e mostrou a Mather sua cicatriz. Este verificou com outros africanos de Boston e descobriu que a vacinação era uma prática comum em partes da África.

Em 1721, pouco antes de o *Courant* de James Franklin fazer sua estreia, o navio inglês HMS *Seahorse* chegou das Índias Ocidentais trazendo o que viria a ser uma nova onda de varíola. Dentro de meses, novecentos dos 10 mil habitantes de Boston estariam mortos. Mather, que tivera formação de médico antes de se tornar pregador, mandou uma carta aos dez médicos de Boston (dos quais apenas um tinha o diploma de medicina) resumindo seu conhecimento da vacinação africana e instando que eles adotassem a prática. (Mather havia se afastado bastante das superstições que o levaram a apoiar a caça às bruxas de Salém.)

A maioria dos médicos rejeitou a ideia, e o mesmo fez o novo jornal de James Franklin (com poucas justificativas além do desejo de alfinetar as pretensões dos pregadores). O primeiro número do *Courant*, datado de 7 de agosto de 1721, continha o ensaio de um jovem amigo de James, John Checkley,

um atrevido anglicano educado em Oxford. Ele escolheu para sua investida o clero puritano, que, “ao ensinar e praticar o que é ortodoxo, reza muito contra a doença, mas prega a varíola!”. A mesma edição trazia também uma diatribe escrita pelo único médico da cidade que tinha efetivamente diploma de médico, o dr. William Douglass, que rejeitava a vacinação como “uma prática de mulheres gregas velhas” e chamava seus colegas de clero e Mather de “seis senhores de piedade e conhecimento profundamente ignorante no assunto”. Foi o primeiro exemplo, e bem robusto, de um jornal atacar o establishment dominante na América.³⁰

Increase Mather, o idoso patriarca da família, trovejou: “Não posso senão ter pena do pobre Franklin, que, embora homem jovem, talvez deva aparecer brevemente perante o tribunal de Deus”. Seu filho, Cotton Mather, escreveu uma carta a um jornal rival em que denunciava o “famigerado e escandaloso jornal chamado *Courant*, cheio de absurdos, indignidades e zombaria”, e comparava seus colaboradores ao Clube do Fogo do Inferno, um conhecido grupo de jovens hereges garbosos de Londres. O primo de Cotton, um pregador chamado Thomas Walter, entrou na briga, escrevendo um artigo cáustico intitulado “O anti-*Courant*”.

Consciente de que esse debate público venderia jornais, e disposto a lucrar com ambos os lados de uma discussão, James Franklin ficou feliz de assumir a tarefa de publicar e vender a refutação de Thomas Walter. Porém, a natureza cada vez mais pessoal da controvérsia começou a inquietá-lo. Depois de algumas semanas, anunciou em uma nota do editor que havia banido Checkley de seu jornal por ter deixado a disputa ficar muito vingativa. A partir de então, prometia, o *Courant* teria por objetivo ser “inocentemente divertido” e publicaria opiniões de ambos os lados da controvérsia sobre vacinação, desde que estivessem “isentas de reflexões malignas”.³¹

Benjamin Franklin conseguiu ficar de fora da batalha de seu irmão com a família Mather sobre a varíola e nunca mencionou isso em sua autobiografia ou em cartas, uma omissão surpreendente que sugere não ter se orgulhado do lado escolhido pelo jornal. Mais tarde, tornou-se um fervoroso defensor da vacinação, esposando dolorosa e pungentemente a causa logo depois que seu filho Francis, de quatro anos, morreu de varíola, em 1736. E, como menino aspirante das letras e alguém em busca do patrocínio de anciãos influentes, tornou-se admirador de Cotton Mather e, alguns anos mais tarde, seu conhecido.

A atividade de impressor era uma vocação natural para Franklin. “Desde criança, eu gostava de ler”, lembrou ele, “e todo o pouco dinheiro que chegava às minhas mãos era gasto com livros.” Na realidade, os livros foram a influência mais importante em sua formação, e ele teve a sorte de crescer em Boston, onde as bibliotecas eram cuidadosamente cultivadas desde que o *Arabella* trouxera cinquenta volumes junto com os primeiros colonos da cidade, em 1630. Quando Franklin nasceu, Cotton Mather já havia montado uma biblioteca particular de quase 3 mil volumes, rica em obras clássicas e científicas, além de teologia. Esse apreço pelos livros era uma das características que o puritanismo de Mather compartilhava com o Iluminismo de Locke, mundos que se combinariam no caráter de Benjamin Franklin.³²

Distante menos de dois quilômetros da biblioteca de Mather, estava a pequena estante de livros de Josiah Franklin. Embora modesta, era notável que um inculto fabricante de velas e sabão tivesse livros. Cinquenta anos depois, Franklin ainda era capaz de lembrar-se de seus títulos: *Vidas*, de Plutarco (“que li abundantemente”), *Um ensaio sobre projetos*, de Daniel Defoe, *Bonifácio: Ensaio para fazer o bem*, de Cotton Mather, e uma variedade de “livros sobre divindade polêmica”.

Depois que começou a trabalhar na tipografia de seu irmão, Franklin pôde surrupiar livros dos aprendizes que trabalhavam para livreiros, desde que os devolvesse limpos. “Muitas vezes, eu me sentava em meu quarto, lendo durante a maior parte da noite, quando o livro era tomado emprestado à noite e precisava ser devolvido no início da manhã, para que não dessem pela falta dele.”

Os livros preferidos de Franklin eram sobre viagens, tanto espirituais quanto terrenas, e o mais notável deles era sobre ambas: *O peregrino*, de John Bunyan, a saga da busca tenaz de um homem chamado Cristão para chegar à Cidade Celestial; publicado em 1678, rapidamente tornou-se popular entre os puritanos e outros dissidentes. Tão importante quanto sua mensagem religiosa, pelo menos para Franklin, era o estilo de prosa limpo e ralo numa época em que a escrita estava coagulada pela riqueza da Restauração. “O honesto John foi o primeiro, que eu saiba”, observou Franklin corretamente, “a misturar narração e diálogo, um método de escrever muito atraente para o leitor.”

Um tema central do livro de Bunyan — e da passagem do puritanismo para o Iluminismo, e da vida de Franklin — estava contido em seu título original: *o progresso*, a ideia de que os indivíduos e a humanidade em geral seguem em frente e melhoram baseados no aumento constante do conhecimento e da sabedoria advinda da vitória sobre a adversidade. A famosa frase cristã de abertura dá o tom: “Quando eu caminhava pelo deserto deste mundo...”. Mesmo para os fiéis, esse progresso não era apenas obra do Senhor, mas também resultado do esforço humano, realizado por indivíduos e comunidades, para triunfar sobre obstáculos.

Da mesma forma, outro preferido de Franklin — e devemos fazer uma pausa para nos maravilharmos diante desse menino de doze anos que tinha esse gosto em suas atividades de lazer — era *Vidas*, de Plutarco, que também tem por base a premissa de que o esforço individual pode mudar o curso da história para melhor. Os heróis de Plutarco, tal como o Cristão de Bunyan, são homens honrados para os quais seus esforços pessoais estão interligados com o progresso da humanidade. Franklin passou a acreditar que a história é uma narrativa, não de forças imutáveis, mas sim de empenhos humanos.

Essa visão entrava em choque com alguns dos princípios do calvinismo, como a depravação essencial do homem e a predestinação de sua alma, que Franklin acabaria por abandonar à medida que se aproximava do deísmo menos assustador que se tornou o credo de escolha durante o Iluminismo. No entanto, muitos aspectos do puritanismo deixaram uma impressão duradoura, em especial os aspectos práticos, sociáveis, orientados para a comunidade dessa religião.

Tais aspectos estavam expressos eloquentemente em uma obra que Franklin citava com frequência como uma influência fundamental: *Bonifácio: Ensaios para fazer o bem*, um dos poucos tratados suaves dos mais de quatrocentos escritos por Cotton Mather. Quase setenta anos mais tarde, Franklin escreveu para o filho de Cotton Mather: “Se fui um cidadão útil, o público deve essa vantagem a esse livro”. O primeiro pseudônimo de Franklin, Silence Dogood [Silêncio Fazbem], prestava homenagem tanto ao livro como a um sermão famoso de Mather, “Silenciário: o sofredor silencioso”.

O tratado de Mather apelava aos membros da comunidade para formar associações voluntárias em benefício da sociedade; ele fundou pessoalmente um grupo de melhoramentos do bairro, conhecido como Famílias Associadas, ao qual pertenceu o pai de Benjamin. Instigou também a criação de clubes de Homens Jovens Associados e Sociedades Reformadoras para a Supressão de Desordens, que procurariam melhorar as leis locais, prestar caridade aos pobres e incentivar o comportamento religioso.³³

As ideias de Mather eram influenciadas por *Um ensaio sobre projetos*, de Daniel Defoe, que era outro dos livros preferidos de Franklin. Publicado em 1697, propunha para Londres muitos projetos comunitários do tipo que, mais tarde, Franklin iniciaria na Filadélfia: associações de seguro contra incêndio, sociedades voluntárias de marinheiros para criar pensões, projetos para proporcionar bem-estar aos idosos e viúvas, academias para educar os filhos da classe média e (com um pequeno toque de humor à la Defoe) instituições para abrigar os deficientes mentais pagas por um imposto sobre os autores porque eles ganhavam uma fatia maior de inteligência no momento do nascimento, assim como os deficientes ganhavam uma menor.³⁴

Entre as ideias mais progressistas de Defoe estava a de que era “bárbaro” e “desumano” negar às mulheres educação e direitos iguais, e *Um ensaio sobre*

projetos contém uma diatribe contra esse sexismo. Por volta daquela época, Franklin e “outro rapaz livresco” chamado John Collins começaram a se envolver em debates como um esporte intelectual. O primeiro tópico deles foi a educação das mulheres, com Collins se opondo a ela. “Eu assumi o lado contrário”, lembrou Franklin, não totalmente por convicção, mas “talvez um pouco em nome da disputa.”

Em consequência de seus debates simulados com Collins, Franklin começou a criar para si mesmo uma persona que era menos contenciosa e beligerante, o que o fez parecer simpático e charmoso à medida que ficava mais velho ou, para um pequeno porém ruidoso grupo de inimigos, manipulador e conivente. Ser “polemizador”, concluiu ele, era “um hábito muito ruim”, porque as pessoas que se opõem provocam “desgostos e até inimizades”. Mais para o final de sua vida, ele diria ironicamente das discussões: “As pessoas de bom senso, tenho observado desde então, raramente caem nelas, exceto advogados, homens da universidade e homens e mulheres de todos os tipos que foram criados em Edimburgo”.

Em vez disso, depois de tropeçar em alguns livros de retórica que exaltavam o método socrático de construir um argumento por meio de perguntas *gentis*, ele abandonou seu estilo de argumentação de “contradição abrupta” e “assumi o de inquiridor humilde” do método socrático. Ao formular o que pareciam ser perguntas inocentes, Franklin levava as pessoas a fazer concessões que gradualmente provavam o que ele estava tentando afirmar. “Achei que esse método era o mais seguro para mim e muito embaraçoso para aqueles contra os quais eu o usava; portanto, me deliciava com ele.” Apesar de mais tarde ter abandonado os aspectos mais irritantes de uma abordagem socrática, ele continuou a favorecer o caminho indireto em vez do confronto ao defender suas posições.³⁵

SILENCE DOGOOD

Parte de seu debate com Collins sobre a educação das mulheres foi travada por cartas, e aconteceu de seu pai lê-las. Embora não tenha tomado partido na disputa (ele realizou seu próprio arremedo de justiça ao dar pouca educação formal a todos os seus filhos de ambos os sexos), Josiah criticou seu filho por seu estilo de escrita fraco e pouco persuasivo. Em reação, o jovem adolescente precoce concebeu para si um curso de autoaperfeiçoamento, com a ajuda de um volume de *The Spectator* que encontrou.

The Spectator, um diário de Londres que floresceu em 1711 e 1712,

publicava ensaios competentes de Joseph Addison e Richard Steele que sondavam as vaidades e os valores da vida contemporânea. A perspectiva era humanista e iluminada, mas leve. Como disse Addison: “Esforçar-me-ei para animar a Moralidade com Espírito, e temperar o Espírito com Moralidade”.

Como parte do curso que elaborou para si, Franklin lia os ensaios, tomava notas breves e as punha de lado por alguns dias. Depois, tentava recriar o ensaio com suas palavras e, em seguida, comparava sua composição com o original. Às vezes, misturava suas anotações, de modo que tinha de descobrir por conta própria a melhor ordem para construir o argumento do ensaio.

Ele transformou alguns dos ensaios em poesia, o que o ajudava a expandir seu vocabulário (assim ele pensava), pois o forçava a procurar palavras que tivessem significados semelhantes, mas diferentes ritmos e sons. E as poesias ele também transformava em ensaios depois de alguns dias, comparando-os para ver em que haviam divergido do original. Quando achava sua versão deficiente, ele a corrigia. “Mas às vezes eu tinha o prazer de imaginar que em certos detalhes de pouca importância eu tivera sorte o suficiente para melhorar o método ou a linguagem, e isso me incentivou a pensar que com o tempo eu poderia vir a ser um escritor inglês tolerável, o que eu ambicionava muitíssimo.”³⁶

Mais do que tornar-se um escritor meramente “tolerável”, ele veio a ser o escritor mais popular na América colonial inglesa. Seu estilo autodidata, condizente com um discípulo de Addison e Steele, tinha uma prosa divertida e coloquial que carecia de floreios poéticos, mas era poderoso em sua franqueza.

Assim nasceu Silence Dogood. O *Courant* de James Franklin, que tinha por modelo *The Spectator*, publicava ensaios atrevidos com pseudônimos, e sua tipografia atraiu uma congregação de colaboradores jovens e inteligentes que gostavam de andar juntos e elogiar a prosa uns dos outros. Benjamin ansiava por fazer parte do grupo, mas sabia que era improvável que James, já com ciúmes de seu jovem e pretensioso irmão, o estimulasse. “Ouvindo suas conversas e seus relatos da aprovação com que seus artigos eram recebidos, eu estava animado para tentar a minha mão entre eles.”

Então, uma noite, Franklin, disfarçando sua caligrafia, escreveu um ensaio e o enfiou sob a porta da tipografia. O grupo dos frequentadores do *Courant* que se reuniu no dia seguinte elogiou o artigo anônimo, e Franklin teve o “prazer delicioso” de ouvi-los decidir publicá-lo na primeira página da edição seguinte de segunda-feira, 2 de abril de 1722.

O personagem literário que Franklin inventou era um triunfo da imaginação. Silence Dogood era uma mulher viúva levemente recatada de uma área rural, criação de um corajoso adolescente solteiro de Boston que jamais havia passado uma noite fora da cidade. Apesar da qualidade desigual dos ensaios, a capacidade de Franklin de falar de forma convincente como uma

mulher era notável e mostrava tanto sua criatividade como seu apreço pela mente feminina.

Os ecos de Addison são aparentes desde o início. No primeiro ensaio de Addison publicado no *Spectator*, ele escreveu: “Eu observei que é raro um leitor ler atentamente um livro com prazer até saber se o escritor é um homem negro ou branco, de disposição leve ou colérica, casado ou solteiro”. Do mesmo modo, Franklin também começava por justificar uma introdução autobiográfica de sua narradora fictícia: “Observa-se que as pessoas em geral, hoje em dia, não estão dispostas a elogiar ou desprezar o que leem até que sejam, em alguma medida, informadas sobre quem ou o que o autor é, seja ele pobre ou rico, jovem ou velho, um estudioso ou um homem de avental de couro”.

Uma razão pela qual os ensaios de Silence Dogood são tão historicamente notáveis é que eles estão entre os primeiros exemplos do que se tornaria um gênero de humor americano por excelência: a mistura irônica e rústica de contos simples e observações agudas que foi aperfeiçoada por descendentes de Franklin, como Mark Twain e Will Rogers. Por exemplo, no segundo ensaio, Silence Dogood conta como o ministro de quem ela era aprendiz decidiu fazer dela sua esposa: “Tendo feito várias tentativas infrutíferas na camada mais superior de nosso sexo, e estando cansado de fazer viagens problemáticas e visitas sem nenhum sucesso, ele começou inesperadamente a lançar um olhar amoroso sobre mim [...]. Não há certamente uma parte da vida de um homem em que ele pareça mais bobo e ridículo do que quando faz seu primeiro ataque de corte amorosa”.

O retrato traçado por Franklin da sra. Dogood exibe uma destreza literária que era bastante sutil para um rapaz de dezesseis anos. “Eu poderia ser facilmente persuadida a casar-me de novo”, ele a faz declarar. “Sou educada e afável, bem-humorada (exceto quando sou provocada) e bonita, e às vezes espirituosa.” O salpico da locução “às vezes” é particularmente hábil. Ao descrever as crenças e preconceitos da sra. Dogood, Franklin a faz afirmar uma atitude que, com o estímulo dele, iria tornar-se parte do caráter americano emergente: “Eu sou [...] inimiga mortal do governo arbitrário e do poder ilimitado. Sou naturalmente muito ciosa dos direitos e liberdades de meu país; e a menor aparência de invasão desses privilégios inestimáveis é capaz de fazer meu sangue ferver extremamente. Também tenho uma inclinação natural para observar e reprovos os defeitos dos outros, atividade para a qual tenho excelente aptidão”. Tratava-se de uma descrição do próprio Benjamin Franklin — e, na verdade, de um americano típico — tão boa quanto a melhor que se possa encontrar.³⁷

Dos catorze ensaios de Dogood que Franklin escreveu entre abril e outubro de 1722, aquele que se destaca ao mesmo tempo como jornalismo e autorrevelação é o seu ataque à faculdade que nunca chegou a frequentar. A

maioria dos colegas que ele havia superado na Escola Latina acabara de entrar em Harvard, e Franklin não pôde abster-se de zombar deles e da instituição. Para isso, usou uma narrativa alegórica descrita como um sonho. Ao fazê-lo, baseou-se no *Peregrino* de Bunyan, também uma viagem alegórica descrita como um sonho, e talvez tenha feito uma leve paródia dessa obra. Addison havia usado essa forma um tanto desajeitadamente numa edição do *Spectator* que Franklin lera, em que contava o sonho de um banqueiro sobre uma virgem alegórica chamada Crédito Público.³⁸

No ensaio, a sra. Dogood conta ter adormecido debaixo de uma macieira, enquanto ponderava sobre a possibilidade de mandar seu filho para Harvard. Quando viaja em seu sonho para esse templo do saber, ela faz uma descoberta sobre os que enviam os filhos para lá: “A maioria deles consultou suas bolsas, em vez da capacidade de seus filhos, de modo que observei muitos, sim, a maior parte daqueles que estavam viajando para lá era pouco melhor do que asnos e cabeças-duras”. Ela descobre que o portão do templo é guardado por “dois porteiros robustos chamados Riqueza e Pobreza”, e apenas aqueles que recebem a aprovação do primeiro podem entrar. A maioria dos estudantes está satisfeita por flertar com as figuras chamadas Ociosidade e Ignorância. “Eles aprendem pouco mais do que se manterem bonitos e entrar elegantemente em uma sala (o que poderia muito bem ser aprendido numa escola de dança), e dali retornam, após numerosas confusões e acusações, como os grandes cabeças-duras de sempre, só que mais orgulhosos e convencidos.”

Tomando as propostas de Mather e Defoe de associações cívicas voluntárias, Franklin dedicou dois dos ensaios de *Silence Dogood* ao tópico da assistência às mulheres solteiras. Para as viúvas como ela, a sra. Dogood propõe um plano de seguro financiado pela assinatura de casais. O ensaio seguinte ampliava a ideia para as solteironas. Seria formada uma “sociedade de amigos” que garantiria quinhentas libras esterlinas “em dinheiro vivo” para qualquer moça que atingisse a idade de trinta anos e ainda não estivesse casada. O dinheiro, observa a sra. Dogood, viria com uma condição: “Nenhuma mulher que, depois de reivindicar e receber, tiver a sorte de se casar deve entreter qualquer companhia [elogiando] seu marido acima do período de uma hora de cada vez, sob pena de ter de devolver a metade do dinheiro para o escritório na primeira infração e, na segunda infração, devolver o restante”. Nesses ensaios, Franklin estava sendo um pouco satírico e não totalmente sério. Mas seu interesse por associações cívicas mais tarde encontraria expressão mais séria, como veremos, quando ele se estabeleceu como jovem comerciante na Filadélfia.

A vaidade de Franklin foi ainda mais alimentada durante o verão de 1722, quando seu irmão ficou preso por três semanas — sem julgamento — pelas autoridades de Massachusetts devido à “alta afronta” de questionar a competência delas na perseguição de piratas. Por três números, Benjamin teve

de publicar o jornal.

Ele alardeia em sua autobiografia: “Fiquei com a direção do jornal e tive o atrevimento de dar algumas esfregas em nossos governantes, o que o meu irmão viu com bons olhos, ao passo que outros começaram a me considerar, sob uma luz desfavorável, como um jovem gênio que tinha uma queda para a difamação e a sátira”. Na verdade, além de uma carta aos leitores escrita da prisão por James, nada nas três edições de Benjamin desafiava diretamente as autoridades civis. O mais próximo que ele chegou disso foi fazer a sra. Dogood citar um ensaio inteiro de um jornal inglês que defendia a liberdade de expressão: “Sem liberdade de pensamento, não pode haver sabedoria, e não há liberdade pública sem liberdade de expressão”.³⁹

As “esfregas” que Franklin lembrou vieram uma semana depois do retorno de seu irmão da prisão. Escrevendo como Silence Dogood, ele desencadeou um ataque penetrante às autoridades civis, talvez o mais mordaz de toda a sua carreira. A questão que a sra. Dogood propunha era: “Uma comunidade sofre mais com pretendentes hipócritas à religião ou com os abertamente profanos?”.

Sem surpresa, a sra. Dogood argumentava que “alguns pensamentos recentes dessa natureza me levaram a pensar que o hipócrita é o mais perigoso dos dois, especialmente se detém um cargo no governo”. O artigo atacava a ligação entre a Igreja e o Estado, que era o próprio fundamento da comunidade puritana. O governador Thomas Dudley, que passou do ministério religioso para a Justiça, é citado (embora não pelo nome) como um exemplo: “O hipócrita mais perigoso em uma comunidade é aquele que deixa o Evangelho por causa da Justiça. Um homem composto de lei e Evangelho é capaz de enganar um país inteiro com sua religião e depois destruí-lo sob a cor da Justiça”.⁴⁰

No outono de 1722, faltavam ideias para os escritos de Silence Dogood. Pior ainda, o irmão de Franklin começava a suspeitar da proveniência dos artigos. Em sua 13ª contribuição, Silence Dogood observou que ouvira uma conversa uma noite em que um senhor havia dito: “Embora eu escrevesse no papel de uma mulher, ele sabia que eu era homem; mas, continuou, ele tem mais necessidade de empenhar-se numa reforma de si mesmo do que de gastar seu espírito satirizando outros”. O próximo Dogood seria o último de Franklin. A revelação da verdadeira identidade da sra. Dogood elevou sua estatura junto aos colaboradores do *Courant*, mas “não agradou muito” a James. “Ele pensou, provavelmente com razão, que eu tendia a tornar-me demasiado vaidoso.”

Silence Dogood conseguiu se safar com um ataque à hipocrisia e à religião, mas, quando James escreveu um artigo semelhante em janeiro de 1723, entrou em apuros de novo. “De todos os patifes, o religioso é o pior”, escreveu ele. A religião era importante, mas, usando palavras que descreveriam a atitude de seu irmão mais moço durante toda a sua vida, acrescentou: “o excesso dela é

pior do que nenhuma”. As autoridades locais, observando que “a tendência do dito jornal é zombar da religião”, prontamente aprovaram uma resolução que exigia que James apresentasse cada número às autoridades para ser aprovado antes da publicação. James desafiou a ordem com grande prazer.

O Tribunal Geral reagiu proibindo James Franklin de publicar o *Courant*. Em uma reunião secreta em sua oficina, foi decidido que a melhor maneira de contornar a ordem era continuar a imprimir o jornal, mas sem James como seu editor. Na segunda-feira, 11 de fevereiro de 1723, apareceu no cabeçalho do *Courant*: “Impresso e vendido por Benjamin Franklin”.

O *Courant* de Benjamin foi mais cauteloso do que o de seu irmão. O editorial de sua primeira edição denunciava publicações que eram “odiosas” e “maliciosas” e declarava que a partir de então o *Courant* seria “projetado exclusivamente para a diversão e alegria do leitor” e para “entreter a cidade com os incidentes mais cômicos e divertidos da vida humana”. O mestre do jornal, lia-se no editorial, seria o deus romano Jano, que podia olhar para dois lados ao mesmo tempo.⁴¹

Os números seguintes, contudo, dificilmente cumpriram essa promessa. A maioria dos artigos era composta de despachos ligeiramente obsoletos contendo notícias estrangeiras ou velhos discursos. Houve apenas um ensaio claramente escrito por Franklin, um devaneio irônico sobre a tolice de títulos como visconde e mestre. (Sua aversão a títulos hereditários e aristocráticos seria um tema presente ao longo de toda a sua vida.) Depois de algumas semanas, James reassumiu o comando do *Courant*, se não oficialmente, mas de fato, e voltou a tratar Benjamin como um aprendiz, sujeito a pancadas ocasionais, em vez de como um irmão e colega escritor. Esse tipo de tratamento “humilhava-me demais”, lembrou Franklin, e ele ficou ansioso por seguir em frente. Tinha um desejo de independência que ajudaria a fazer disso uma marca do caráter americano.

O FUGITIVO

Franklin conseguiu sua fuga tirando partido de um ardis planejado por seu irmão. Quando fingira entregar o *Courant* a Benjamin, James assinara uma dispensa oficial de sua condição de aprendiz para fazer a transferência parecer legítima. Mas, depois, fez Benjamin assinar um novo acordo de aprendiz que seria mantido em segredo. Alguns meses mais tarde, Benjamin decidiu fugir. Ele supôs corretamente que seu irmão perceberia que era insensato tentar impor a escritura secreta.

Benjamin Franklin deixou para trás um irmão cujo jornal iria lentamente

fracassar e cuja reputação acabaria por se reduzir a uma nota enodada de rodapé histórico. James foi condenado pela pena afiada de seu irmão a ser lembrado “pelos golpes que sua paixão exigia com frequência demasiada que desse em mim”. Na realidade, sua importância na vida de Franklin é descrita em uma rude nota de rodapé na *Autobiografia*, redigida quando nosso autor era um agente colonial em luta contra o domínio britânico: “Imagino que o tratamento cruel e tirânico que me infligiu tenha sido um meio de marcar-me com a aversão ao poder arbitrário que ficou comigo durante toda a minha vida”.

James merecia julgamento melhor. Se Franklin aprendeu uma “aversão ao poder arbitrário” com ele, não foi apenas por causa de seu estilo supostamente tirânico, e sim porque havia dado o exemplo de desafiar, com bravura e coragem, a elite governante de Boston. James foi o primeiro grande batalhador por uma imprensa independente nas colônias americanas e a influência jornalística mais importante sobre o irmão mais moço.

Também foi uma importante influência literária. Na cabeça de Benjamin, Addison e Steele teriam sido os modelos de Silence Dogood, mas na verdade, com suas desprezíveis percepções vernáculas e comuns, ela se assemelhava mais a Abigail Afterwit, Jack Dulman e outros personagens com pseudônimos que haviam sido criados por James para o *Courant*.

O rompimento de Benjamin com seu irmão foi bom para sua carreira. Por melhor que fosse ser criado em Boston, a cidade provavelmente se tornaria limitante para um deísta de espírito livre que não frequentara Harvard. “Eu já me tornara um pouco repulsivo para o partido governante”, escreveu ele mais tarde, “e era provável que, se ficasse, em breve me pusesse em enrascadas.” Sua zombaria da religião fazia com que fosse apontado nas ruas “com horror por pessoas boas como infiel ou ateu”. Tudo considerado, era um bom momento para ele deixar para trás tanto seu irmão como Boston.⁴²

Era tradição entre os pioneiros americanos partir para a fronteira quando suas comunidades se tornavam muito limitadoras. Mas Franklin era um tipo diferente de rebelde americano. O território selvagem não o atraía. Em vez disso, sentia-se seduzido pelos novos centros comerciais, Nova York e Filadélfia, que ofereciam a chance de alcançar o sucesso por conta própria. John Winthrop conduziu seu bando puritano em missão à terra selvagem, mas Franklin fazia parte de uma nova geração, que levava sua missão para as ruas do Mercado.

Com medo de que seu irmão tentasse detê-lo, Franklin pediu a um amigo que lhe reservasse secretamente uma passagem em um veleiro para Nova York, usando a desculpa de que era para um rapaz que precisava fugir porque “tinha uma intriga com uma moça de mau caráter” (ou, como Franklin diz numa versão anterior, “deixara uma moça travessa com criança”). Depois de vender alguns de seus livros para pagar a tarifa, Franklin, aos dezessete anos, embarcou em um veleiro na noite de quarta-feira, 25 de setembro de 1723. Na segunda-feira

seguinte, o *New England Courant* publicou um anúncio sucinto e levemente triste: “James Franklin, impressor na Queen Street, precisa de um rapaz promissor para aprendiz”.⁴³

a Ver na p. 497 uma descrição sucinta dos principais personagens deste livro.

b *Poor Richard's Almanac*: publicação anual de Benjamin Franklin. (N. T.)

c “Que magistrados e ministros/ considerem o que fazem;/ Que revoguem essas leis ruins,/ e quebrem aqueles laços em dois”. (N. T.)

d Ver na p. 503 uma cronologia concisa dos eventos narrados neste livro. A data de nascimento de Franklin em 17 de janeiro de 1706 e todas as demais, exceto indicação em contrário, estão de acordo com o calendário gregoriano em uso hoje. Até 1752, a Grã-Bretanha e suas colônias usavam o calendário juliano, que diferia daquele por onze dias. Além disso, consideravam 25 de março, em vez de 1^o de janeiro, o primeiro dia de um novo ano. Assim, de acordo com o calendário de então, registrou-se que o nascimento de Franklin se deu em um domingo, 6 de janeiro de 1705. Do mesmo modo, George Washington nasceu em 11 de fevereiro de 1731, segundo o calendário antigo, mas atualmente se considera que seu nascimento ocorreu em 22 de fevereiro de 1732.

3. Artífice assalariado *Filadélfia e Londres, 1723-6*

A GRÁFICA DE KEIMER

Quando jovem aprendiz, Franklin lera um livro que exaltava o vegetarianismo. Ele abraçou a dieta, mas não somente por razões morais e de saúde. Seu principal motivo era financeiro: permitia pegar o dinheiro que seu irmão lhe dava para comida e economizar a metade para comprar livros. Enquanto seus colegas de trabalho saíam para refeições fartas, Franklin comia biscoitos e passas e usava o tempo para estudo, “no qual fiz o maior progresso naquela maior clareza e na apreensão mais rápida que costumam acompanhar a temperança no comer e beber”.¹

Franklin, porém, era uma alma razoável, tão apegada a ser racional que se tornou hábil em racionalizações. Durante sua viagem de Boston a Nova York, quando seu barco estava na calmaria ao largo de Block Island, a tripulação capturou e preparou bacalhaus. De início, Franklin recusou-se a comer o peixe, até que o aroma da frigideira se tornou tentador demais. Com divertida consciência de si mesmo, ele recordou mais tarde o que aconteceu:

Eu balancei por algum tempo entre o princípio e a inclinação até que

lembrei que, quando os peixes foram abertos, vi peixes menores retirados do estômago deles. “Então”, pensei, “se vocês comem uns aos outros, não vejo por que não possamos comê-los.” Assim, jantei bacalhau com grande apetite e, desde então, continuei a comer como as outras pessoas, voltando só de vez em quando para uma dieta vegetariana.

Disso ele tirou uma lição irônica, talvez até um pouco cínica, que expressou numa máxima: “Como é conveniente ser uma criatura racional, pois permite encontrar ou criar uma razão para tudo o que se quer fazer”.²

O racionalismo de Franklin faria dele um exemplar do Iluminismo, a era da razão que floresceu na Europa e na América do século XVIII. Pouco lhe servia o fervor religioso da época em que nasceu, bem como os sentimentos sublimes do período romântico, cujo surgimento se deu perto do fim de sua vida. Mas, como Voltaire, ele era capaz de zombar dos próprios esforços, e da humanidade em geral, para ser guiado pela razão. Um tema recorrente em sua autobiografia, assim como em seus contos e almanaques, era sua diversão com a capacidade do homem de racionalizar o que era conveniente.

Aos dezessete anos, Franklin era fisicamente impressionante: musculoso, de peito forte, expressão franca, tinha quase 1,80 metro de altura. Era dono do feliz talento de estar à vontade na companhia de quase todo mundo, de pequenos comerciantes briguentos a ricos mercadores, de acadêmicos a malandros. Sua característica mais notável era o magnetismo pessoal: ele atraía pessoas que queriam ajudá-lo. Jamais tímido e sempre pronto para conquistar amigos e clientes, explorava socialmente esse charme.

Em sua viagem de fuga, por exemplo, conheceu o único impressor de Nova York, William Bradford, que havia publicado editoriais de apoio à luta de James Franklin contra os “opressores e intolerantes” de Boston. Bradford não tinha emprego para lhe oferecer, mas sugeriu que o jovem fugitivo seguisse para a Filadélfia e procurasse trabalho com seu filho Andrew Bradford, que lá dirigia a gráfica e o jornal semanal da família.

Franklin chegou ao cais da Market Street da Filadélfia numa manhã de domingo, dez dias depois de sua partida de Boston. No bolso, não tinha nada mais do que um dólar holandês e cerca de um xelim em cobre, o qual entregou aos barqueiros para pagar a passagem. Eles não queriam aceitar o pagamento porque Franklin ajudara com o remo, mas ele insistiu. Deu também dois dos três pãezinhos que comprara para uma mulher e seu filho que conhecera na viagem. “Um homem [é] às vezes mais generoso quando tem pouco dinheiro do que quando tem muito”, escreveu mais tarde, “talvez por medo de pensarem que tem pouco.”³

Desde seus primeiros momentos na Filadélfia, Franklin se preocupou com

as aparências. Os individualistas americanos com frequência se orgulham de não se preocuparem com o que pensam deles. Franklin, mais tipicamente, cultivava sua reputação como uma questão tanto de orgulho quanto de utilidade e se tornou o primeiro especialista em relações públicas descarado do país. Mais tarde, ele escreveu: “Tomei o cuidado não apenas de ser, *na realidade*, industrial e frugal, como de evitar todas as *aparências* em contrário” (ênfase dele). Especialmente em seus primeiros anos de comerciante jovem, ele era, nas palavras do crítico Jonathan Yardley, “um homem de criação própria e pertinaz que avançou na vida em um ritmo calculado na direção de fins calculados”.⁴

Com uma população de 2 mil habitantes, Filadélfia era então a segunda maior cidade da América do Norte depois de Boston. Imaginada por William Penn como uma “cidade do campo verde”, tinha uma grade bem planejada de ruas largas ladeadas por casas de alvenaria. Além dos quacres originais que haviam se estabelecido ali cinquenta anos antes, a cidade com o nome de “amor fraternal” atraiu imigrantes escoceses, alemães e irlandeses ruidosos e empreendedores que a transformaram em um mercado animado, cheio de lojas e tabernas. Embora sua economia fosse claudicante e a maioria das ruas fosse suja e não pavimentada, o tom estabelecido pelos quacres e imigrantes posteriores era atraente para Franklin. Eles tendiam a ser diligentes, despretensiosos, amistosos e tolerantes, sobretudo em comparação aos puritanos de Boston.

Na manhã posterior à sua chegada, descansado e mais bem-vestido, Franklin visitou a gráfica de Andrew Bradford. Lá ele encontrou, além do jovem impressor, pai deste, William, que viera de Nova York a cavalo e chegara mais rápido. Andrew não tinha trabalho imediato para o fugitivo, então William o levou para conhecer o outro impressor da cidade, Samuel Keimer — um testemunho tanto da capacidade de Franklin de conquistar padrinhos como da mistura peculiar de cooperação e competição tão frequentemente encontrada entre os comerciantes americanos.

Keimer era um homem despenteado e extravagante, com uma atividade heterogênea de impressão. Ele fez algumas perguntas a Franklin, deu-lhe um compenador para avaliar suas habilidades, então prometeu empregá-lo tão logo tivesse mais trabalho. Sem saber que William era o pai de seu concorrente, Keimer descreveu seus planos para atrair a maior parte dos clientes de Andrew Bradford. Franklin ficou em silêncio, maravilhado com a astúcia do Bradford mais velho. Depois que este foi embora, recordou Franklin, Keimer “ficou muito surpreso quando eu lhe disse quem era o velho”.

Mesmo depois dessa apresentação pouco auspiciosa, Franklin conseguiu trabalho com Keimer enquanto estava alojado com o Bradford mais jovem. Quando Keimer por fim insistiu para que encontrasse alojamentos que causassem menos conflito profissional, ele conseguiu fortuitamente alugar um

quarto de John Read, o pai da menina que se divertira muito com sua aparência no dia em que ele desceu do barco. “A essa altura, meu baú e minhas roupas haviam chegado e tive uma aparência mais respeitável aos olhos da srta. Read do que quando ela me viu comer meu pãozinho na rua”, observou.⁵

Franklin achava que Keimer era um “tipo esquisito”, mas se divertia com ele, pois compartilhavam o amor pelo debate filosófico. Franklin aperfeiçoou o método socrático que achava tão útil para ganhar discussões sem antagonizar adversários. Ele fazia perguntas a Keimer que pareciam inocentes e tangenciais, mas que acabavam por expor suas falácias lógicas. Keimer, propenso a abraçar crenças religiosas ecléticas, ficou tão impressionado que propôs que criassem uma seita juntos. O impressor se responsabilizaria pelas doutrinas, como não aparar a barba, e Franklin ficaria encarregado de defendê-las. O jovem concordou com uma condição: que o vegetarianismo fizesse parte do credo. A experiência terminou depois de três meses, quando, uma noite, o famélico Keimer cedeu à tentação e comeu sozinho um porco assado inteiro.

O magnetismo de Franklin atraía não somente padrinhos, mas também amigos. Com sua inteligência, espírito cativante e sorriso conquistador, ele se tornou um membro popular da confraria de comerciantes jovens da cidade. De sua turma faziam parte três jovens vendedores: Charles Osborne, Joseph Watson e James Ralph. Ralph era o mais literário do grupo, um poeta convencido de seu talento e da necessidade de ser indulgente consigo mesmo para se tornar um grande artista. Osborne, um rapaz crítico, sentia ciúmes dos esforços de Ralph e invariavelmente os depreciava. Em uma de suas caminhadas pela margem do rio, durante a qual os quatro amigos liam seus trabalhos uns para os outros, Ralph tinha um poema que sabia que Osborne iria criticar. Assim, pediu a Franklin que lesse o poema como se fosse seu. Osborne caiu na armadilha e o elogiou, ensinando a Franklin uma regra da natureza humana que lhe foi de grande utilidade (com algumas exceções) ao longo de sua carreira: as pessoas são mais propensas a admirar o seu trabalho se você for capaz de evitar que sintam ciúmes de você.⁶

UM PADRINHO NÃO CONFIÁVEL

O patrono mais fatídico com quem Franklin fez amizade foi o efusivo governador da Pensilvânia, Sir William Keith, um intrometido bem-intencionado mas ineficaz. Eles se encontraram graças a uma carta apaixonada que Franklin havia escrito para um cunhado explicando por que estava feliz na Filadélfia e não tinha vontade de voltar para Boston ou contar aos pais onde estava. O parente mostrou a carta ao governador Keith, que expressou surpresa ao saber que uma

missiva tão eloquente fora escrita por um rapaz tão jovem. O governador, que se deu conta de que os dois impressores estabelecidos em sua província estavam numa situação miserável, decidiu procurar Franklin e estimulá-lo.

Quando o governador Keith, vestido com suas melhores roupas, subiu a rua até a gráfica de Keimer, o desganhado proprietário apressou-se a cumprimentá-lo. Para sua surpresa, Keith pediu para ver Franklin, a quem cobriu de elogios e convidou para um drinque. Keimer, Franklin observou mais tarde, “ficou olhando como um porco envenenado”.⁷

Enquanto tomavam um belo Madeira numa taverna próxima, o governador ofereceu-se para ajudar Franklin a montar seu próprio negócio. Prometeu que exerceria sua influência para que ele obtivesse a licença oficial da província e escreveria uma carta ao pai do jovem impressor exortando-o a ajudar a financiar o filho. Keith prosseguiu com convites para jantar, mais elogios e estímulo constante. Assim, com uma carta carregada de elogios de Keith na mão e sonhos de uma reconciliação familiar seguidos por fama e fortuna, Franklin estava pronto para enfrentar sua família novamente. Ele embarcou em um navio rumo a Boston em abril de 1724.

Havia sete meses desde que fugira e seus pais nem sequer tinham certeza de que ele estava vivo, então ficaram emocionados com seu retorno e o receberam calorosamente. Porém, Franklin ainda não havia aprendido a lição sobre as armadilhas do orgulho e da inveja. Com passos despreocupados foi até a gráfica do irmão que abandonara, ostentando orgulhosamente um “terno refinado novo”, um relógio elegante e cinco libras em moedas de prata salientes em seu bolso. James o olhou de cima a baixo, deu as costas e voltou silenciosamente ao trabalho.

Franklin não conseguiu deixar de ostentar a sua nova situação. Enquanto James se apoquentava, ele regalou os jovens oficiais da gráfica com histórias de sua vida feliz na Filadélfia, espalhou as moedas de prata sobre a mesa para que eles as admirassem e deu-lhes dinheiro para comprar bebidas. Mais tarde, James disse à sua mãe que jamais poderia esquecer nem perdoar a ofensa. “Nisso, contudo, ele estava enganado”, Franklin lembrou.

Cotton Mather, o velho adversário de sua família, foi mais receptivo e instrutivo. Ele convidou o jovem Franklin a visitá-lo, conversou com ele em sua magnífica biblioteca e disse que lhe perdoava as farpas publicadas no *Courant*. Quando estavam saindo, passaram por uma passagem estreita e Mather advertiu de repente: “Abaixe-se! Abaixese-se!”. Franklin, sem entender a exortação, bateu com a cabeça em uma viga baixa. Como era seu hábito, Mather transformou o evento em uma homilia: “Que isso seja um aviso para que você nem sempre mantenha sua cabeça tão no alto. Abaixese-se, jovem, abaixese-se — enquanto atravessa este mundo — e evitará muitas pancadas duras”. Franklin recordou mais tarde ao filho de Mather: “Esse conselho, enfiado dessa forma em minha

cabeça, muitas vezes foi útil para mim, e penso com frequência nisso quando vejo orgulho mortificado e desgraças causadas às pessoas por andarem com a cabeça alta demais”. Embora a lição fosse um bom contraponto para sua visita exibicionista à gráfica do irmão, ele não a incluiu em sua autobiografia.⁸

A carta e a proposta do governador Keith surpreenderam Josiah Franklin. Mas, depois de considerá-la por alguns dias, ele decidiu que era imprudente financiar um fugitivo rebelde que tinha apenas dezoito anos. Apesar de sentir orgulho do patrocínio atraído por seu filho e da diligência que ele havia mostrado, Josiah sabia que Benjamin ainda era impudente.

Ao ver que não havia nenhuma possibilidade de reconciliação entre seus dois filhos, Josiah deu sua bênção a Benjamin para voltar à Filadélfia, com a exortação de “comportar-se respeitosamente para com as pessoas de lá [...] e evitar sátiras e difamações, para as quais ele achava que eu tinha demasiada inclinação”. Se ele fosse capaz, graças ao “esforço constante e prudente parcimônia”, de economizar quase o suficiente para abrir o próprio negócio quando tivesse 21 anos, Josiah prometia que ajudaria a financiar o resto.

O velho amigo de Franklin, John Collins, encantado com suas histórias, decidiu sair de Boston também. Mas, já na Filadélfia, os dois adolescentes tiveram um desentendimento. Collins, academicamente mais brilhante do que Franklin porém menos disciplinado, logo começou a beber. Pegou dinheiro emprestado de Franklin e passou a ter rancor pelo amigo. Um dia, quando estavam navegando de barco com conhecidos no Delaware, Collins se recusou a remar quando chegou sua vez. Os outros estavam dispostos a deixar passar, mas não Franklin, que brigou com ele, agarrou-o pela virilha e atirou-o na água. Cada vez que Collins nadava até o barco, Franklin e os outros remavam alguns metros a mais, enquanto insistiam que ele promettesse assumir sua vez nos remos. Orgulhoso e ressentido, Collins não concordou, e eles finalmente permitiram que voltasse ao barco. Ele e Franklin mal se falaram depois disso e Collins acabou indo para Barbados, sem jamais reembolsar o dinheiro que havia tomado emprestado.

No decorrer de alguns meses, Franklin tinha aprendido com quatro pessoas — James Ralph, James Franklin, Cotton Mather e John Collins — lições sobre rivalidade e ressentimentos, orgulho e modéstia. Ao longo de sua vida, ocasionalmente ele faria inimigos, como a família Penn, e teria rivais ciumentos, como John Adams. Mas o fez menos do que a maioria dos homens, especialmente homens tão realizados. Um segredo que ele aprendeu para ser mais reverenciado do que ressentido foi exibir (ao menos quando conseguia ter disciplina para tanto) um humor autodepreciativo, uma conduta despretensiosa e um estilo não agressivo em suas conversas.⁹

A recusa de Josiah Franklin de financiar o empreendimento gráfico de seu filho não diminuiu o entusiasmo do governador Keith. “Já que ele não vai ajudá-

lo, farei isso sozinho”, prometeu solenemente. “Estou decidido a ter um bom impressor aqui.” Pediu então a Franklin uma lista de equipamentos necessários — Franklin estimou que custariam cerca de cem libras esterlinas — e depois sugeriu que ele fosse a Londres para escolher pessoalmente as fontes e fazer contatos. Keith prometeu cartas de crédito para pagar o equipamento e a viagem.¹⁰

O aventureiro Franklin ficou entusiasmado. Nos meses que antecederam a sua partida prevista, jantou frequentemente com o governador. Sempre que pedia as cartas de crédito prometidas, elas não estavam prontas, porém Franklin não via nenhuma razão para se preocupar.

Na época, Franklin fazia a corte à Deborah Read, a filha de sua senhoria. Apesar de seus apetites sexuais, ele era prático sobre o que queria em uma esposa. Deborah era bastante simples, mas oferecia a perspectiva de conforto e domesticidade. Franklin também oferecia muito, além de sua aparência robusta e de seu charme cordial. Ele se transformara do sujo fugitivo que ela vira pela primeira vez vagando pela Market Street em um dos comerciantes jovens mais promissores e aceitáveis da cidade, alguém que caíra nas graças do governador e era popular entre seus pares. O pai de Deborah morrera recentemente, o que pôs a mãe em dificuldades financeiras e a deixou aberta à perspectiva de um bom casamento para a filha. No entanto, ela temia permitir o enlace com um pretendente que preparava sua partida para Londres. Ela insistiu que o casamento esperasse até o retorno de Franklin.

LONDRES

Em novembro de 1724, pouco mais de um ano depois de chegar à Filadélfia, Franklin partiu para Londres. Viajou com ele o rapaz que havia substituído Collins no papel de seu melhor amigo não confiável, o aspirante a poeta James Ralph, que estava deixando para trás esposa e filho. Franklin ainda não recebera as cartas de crédito do governador Keith, mas lhe fora garantido que elas seriam enviadas a bordo, no saco final de despachos.

Somente depois que chegou a Londres, na véspera de Natal, foi que Franklin descobriu a verdade. O estovado governador não fornecera cartas de crédito nem recomendação. Franklin, intrigado, consultou um passageiro chamado Thomas Denham, um proeminente mercador quacre com quem fizera amizade durante a viagem. Este explicou a Franklin que Keith era incorrigivelmente caprichoso e “riu da ideia de o governador dar-me uma carta de crédito, uma vez que, como ele disse, não tinha nenhum crédito a dar”. Para Franklin, foi mais uma revelação sobre as fraquezas humanas do que um mal. “Ele queria agradar a todos e, tendo pouco a dar, dava expectativas”, disse mais

tarde de Keith.¹¹

Seguindo o conselho de Denham, Franklin decidiu tirar o melhor partido de sua situação. Londres experimentava uma era dourada de paz e prosperidade, bastante atraente para um jovem impressor intelectualmente ambicioso. Entre aqueles que então iluminavam o mundo das letras londrinas estavam Swift, Defoe, Pope, Richardson, Fielding e Chesterfield.

Com o perdulário sonhador Ralph sob sua asa, Franklin encontrou alojamentos baratos e emprego em uma gráfica famosa, de propriedade de Samuel Palmer. Ralph tentou conseguir trabalho de ator, depois de jornalista ou balconista. Fracassou em todas as frentes e, durante todo o tempo, pediu dinheiro emprestado a Franklin.

Era uma estranha simbiose do tipo frequentemente encontrada entre sujeitos ambiciosos e práticos e amigos despreocupados e românticos: Franklin ganhava diligentemente o dinheiro e Ralph fazia com que gastassem tudo em teatro e outros divertimentos, inclusive ocasionais “intrigas com mulheres inferiores”. Ralph logo se esqueceu da esposa e do filho na Filadélfia, e Franklin seguiu o exemplo, ignorando seu noivado com Deborah, para quem escreveu somente uma vez.

Não surpreende que a amizade tenha explodido por causa de uma mulher. Ralph se apaixonou por uma jovem chapeleira agradável mas pobre, foi morar com ela e então finalmente se sentiu motivado a encontrar trabalho como professor em uma escola de aldeia, em Berkshire. Ele escrevia para Franklin com frequência, enviando partes de um poema épico ruim, junto com pedidos para que Franklin cuidasse de sua namorada. Isso ele fez bem demais. Emprestou dinheiro a ela, confortou-a na solidão e (“estando na época sob nenhuma restrição religiosa”) tentou seduzi-la. Ralph voltou furioso, rompeu a amizade e declarou que a transgressão o liberava da obrigação de reembolsar os débitos, que chegavam a 27 libras esterlinas.¹²

Franklin concluiu mais tarde que a perda do dinheiro que lhe era devido foi compensada pela perda do peso de ter Ralph como amigo. Surgia um padrão. A começar com Collins e Ralph, Franklin fazia facilmente amigos casuais, companheiros intelectuais, patronos úteis, admiradoras coquetes e círculos de amizades cordiais, mas não era tão bom em nutrir laços duradouros que envolvessem compromissos pessoais profundos ou relacionamentos emocionais, até mesmo dentro de sua própria família.

CALVINISMO E DEÍSMO

Enquanto estava com Palmer, Franklin ajudou a imprimir uma edição de

The Religion of Nature Delineated [A religião da natureza delineada], de William Wollaston, um tratado iluminista segundo o qual as verdades religiosas deveriam ser colhidas por intermédio do estudo da ciência e da natureza, e não pela revelação divina. Com a coragem intelectual que vem da juventude e do fato de não ter um tutor a instruí-lo, Franklin decidiu que Wollaston estava certo no geral, mas errado em partes, e expôs o próprio pensamento em um artigo que escreveu no início de 1725, chamado “Uma dissertação sobre liberdade e necessidade, prazer e dor”.

Nele, Franklin amarrava premissas teológicas com silogismos lógicos para ficar ele também bastante enrolado. Por exemplo: postulava que Deus é “todo sábio, todo bom, todo-poderoso”. Portanto, tudo o que existe ou acontece é com o seu consentimento. “O que Ele consente deve ser bom, porque Ele é bom; portanto, o mal não existe.”

Além disso, a felicidade só existia como contraste à infelicidade, e uma não poderia existir sem a outra. Logo, elas se compensavam: “Uma vez que a dor produz natural e infalivelmente um prazer em proporção a ela, cada criatura deve, em qualquer estágio de vida, ter uma quantidade igual de cada um”. Ao longo do raciocínio, Franklin desaprovava (para sua própria satisfação, ao menos) a ideia de uma alma imortal, a possibilidade de livre-arbítrio e o princípio calvinista fundamental de que as pessoas estão destinadas a serem salvas ou condenadas. “Uma criatura não pode fazer nada, senão o que é bom”, declarava, e todos “devem ser igualmente apreciados pelo Criador.”¹³

A “Dissertação” de Franklin não pertence aos anais da filosofia sofisticada. Na verdade, como ele admitiu mais tarde, era tão superficial e pouco convincente que chegava a causar embaraço. Ele imprimiu uma centena de exemplares, chamou-a de “*erratum*” e queimou quantas conseguiu recuperar.

Em sua defesa, pode-se alegar que, no decorrer dos séculos, filósofos maiores e mais maduros do que Franklin se perderam ao tentar resolver a questão do livre-arbítrio e conciliá-lo com um Deus onisciente. E muitos de nós talvez lembremos — ou nos envergonharíamos ao ser lembrados — de trabalhos escolares ou divagações de dormitório de calouros quando tínhamos dezenove anos. Contudo, mesmo depois de amadurecido, Franklin jamais se tornaria um filósofo rigoroso de primeira linha, da ordem de contemporâneos como Berkeley e Hume. Assim como o dr. Johnson, ele estava mais à vontade explorando pensamentos práticos e situações da vida real do que abstrações metafísicas ou provas dedutivas.

O principal valor de sua “Dissertação” está no que ela revela sobre a disposição intermitente de Franklin de abandonar a teologia puritana. Quando jovem, ele havia lido John Locke, Lord Shaftesbury, Joseph Addison e outros que abraçaram a religião do livre-pensamento e a filosofia iluminista do deísmo, que sustentava que cada indivíduo podia descobrir melhor a verdade sobre Deus

através da razão e do estudo da natureza, no lugar da fé cega em doutrinas recebidas e na revelação divina. Ele também leu tratados mais ortodoxos que defendiam os dogmas do calvinismo contra essas heresias, mas os achou menos convincentes. Como escreveu em sua autobiografia, “os argumentos dos deístas que eram citados para serem refutados pareciam muito mais fortes do que as refutações”.¹⁴

Não obstante, ele logo chegou à conclusão de que um deísmo simples e complacente tinha seu conjunto de inconvenientes. Ele havia convertido Collins e Ralph ao deísmo, e logo eles o enganaram sem remorso. Da mesma forma, chegou a se preocupar com o fato de que seu próprio livre-pensamento o fizera ser desdenhoso para com Deborah Read e outras pessoas. Em uma máxima clássica que caracteriza sua abordagem pragmática da religião, Franklin declarou: “Comecei a suspeitar que essa doutrina, embora pudesse ser verdade, não era muito útil”.

Embora a revelação divina “não contasse para mim”, ele decidiu que as práticas religiosas eram benéficas porque estimulavam o bom comportamento e uma sociedade moral. Então, começou a defender um tipo moralmente fortificado de deísmo, que sustentava que Deus era mais bem servido quando se faziam boas obras e se ajudavam outras pessoas.

Essa filosofia o levou a renunciar a grande parte da doutrina dos puritanos e outros calvinistas cuja pregação era de que a salvação vinha somente pela graça de Deus e não podia ser conquistada por meio de boas obras. Essa possibilidade, segundo eles, fora perdida quando Adão rejeitou a promessa de Deus de boas obras e fora substituída por uma promessa de graça em que os salvos faziam parte de um grupo de eleitos predeterminados por Deus. Para um racionalista e pragmático em formação como Franklin, a promessa da graça parecia “incompreensível” e, pior ainda, “não benéfica”.¹⁵

UM PLANO DE CONDUTA MORAL

Depois de um ano com Palmer, Franklin conseguiu um emprego de remuneração melhor, em uma gráfica muito maior, cujo proprietário era John Watts. Lá, os trabalhadores bebiam cerveja após cerveja aguada durante todo o dia para se manterem fortificados. Com sua propensão à temperança e à frugalidade, Franklin tentou convencer seus colegas de trabalho de que poderiam se alimentar melhor comendo mingau de água quente com pão. Assim, ele se tornou conhecido como o “americano da água”, admirado por sua força, mente clara e capacidade de emprestar-lhes dinheiro depois que haviam gastado o salário semanal em cervejarias.

Apesar de sua abstinência, os trabalhadores de Watts insistiram que ele pagasse uma taxa de iniciação de cinco xelins usada para a compra de bebidas. Quando foi promovido da sala de imprensa para a sala de composição, convocaram-no a pagar outra iniciação, mas ele se recusou. Em consequência, foi tratado como um pária e submetido a pequenas maldades. Por fim, depois de três semanas, ele cedeu e pagou o solicitado, “convencido da asneira de ficar em maus termos” com seus colegas de trabalho. Assim, recuperou prontamente a popularidade e ganhou a reputação de “histrião muito bom”, alguém cujas jocosidade e habilidade de “humorista verbal” angariaram o respeito dos demais.

Um dos homens menos tímidos que se possa imaginar, Franklin era tão sociável em Londres quanto havia sido em Boston e na Filadélfia. Frequentava as mesas de debate promovidas por luminares literários menores da época e buscava apresentar-se a várias pessoas interessantes. Entre as primeiras cartas que subsistem está a que enviou a Sir Hans Sloane, secretário da Sociedade Real. Franklin escreveu que trouxera da América uma bolsa feita de amianto e perguntava se Sloane gostaria de comprá-la. Sloane visitou Franklin, levou o rapaz até sua casa na Bloomsbury Square para mostrar sua coleção e comprou a bolsa por uma bela quantia. Franklin também fez um acordo para tomar emprestados livros de um livreiro do bairro.

Desde que, ainda menino, inventara alguns remos e nadadeiras para impulsionar-se no porto de Boston, ele tinha fascínio pela natação. Estudou um dos primeiros livros sobre o assunto, *A arte de nadar*, escrito em 1696 por um francês chamado Melchisédech Thévenot, que ajudou a popularizar o nado de peito. (Isso só aconteceu com o estilo crawl mais de um século depois.) Franklin aperfeiçoou variações dos movimentos para nadar tanto na superfície como debaixo d’água, “visando ao gracioso e fácil, bem como ao útil”.

Entre os amigos que ensinou a nadar estava um jovem impressor chamado Wygate. Um dia, durante uma viagem de barco pelo Tâmis com Wygate e outros, Franklin decidiu se exhibir. Despiu-se, pulou no rio e fez o percurso de ida e volta até a margem usando vários tipos de braçada. Um membro do grupo se ofereceu para financiar uma escola de natação para Franklin. Wygate, por sua vez, “ficou cada vez mais ligado” a ele e propôs que viajassem juntos pela Europa como oficiais impressores e professores. “Senti-me inclinado a fazer isso”, lembrou Franklin,

mas, ao mencionar o assunto ao meu bom amigo sr. Denham, com quem muitas vezes eu passava uma hora quando tinha algum tempo de lazer, ele me dissuadiu de fazê-lo, aconselhando-me a pensar apenas em voltar para a Pensilvânia, o que ele estava prestes a fazer.¹⁶

Denham, o mercador quacre que Franklin conhecera na viagem de ida, planejava abrir um armazém na Filadélfia e se ofereceu para pagar sua passagem se ele concordasse em ser contratado como seu funcionário por cinquenta libras anuais. Era menos do que ganhava em Londres, mas lhe oferecia a chance de voltar para a América e se estabelecer como comerciante, uma ocupação mais valorizada do que a de impressor. Juntos, eles partiram em julho de 1726.

Franklin se dera mal no passado com sua atração por malandros românticos (Keith, Collins, Ralph) de caráter duvidoso. Denham, por outro lado, era um homem íntegro. Anos antes, havia partido da Inglaterra cheio de dívidas, fizera uma pequena fortuna na América e, em seu retorno, oferecera um jantar de luxo para seus credores antigos. Depois de lhes agradecer profusamente, disse que todos deviam olhar sob seus pratos. Lá eles descobriram o reembolso total, acrescido de juros. A partir de então, Franklin se sentiria mais atraído por pessoas práticas e confiáveis, em vez de sonhadoras e românticas.

Para aperfeiçoar a arte de se tornar uma pessoa de confiança, Franklin escreveu um “Plano de Conduta Futura” durante a viagem de onze semanas de volta à Filadélfia. Seria o primeiro de muitos credos pessoais que estabeleciam regras pragmáticas para o sucesso e que fizeram dele o santo padroeiro dos guias de autoaperfeiçoamento. Ele lamentava que, não tendo jamais esboçado um projeto de como se conduzir, sua vida até então havia sido um pouco confusa. “Deixem-me, portanto, tomar algumas resoluções e algumas formas de ação para que doravante eu possa viver em todos os aspectos como uma criatura racional.” Eram quatro regras:

1. É necessário que eu seja extremamente frugal, por algum tempo, até ter pagado o que devo.
2. Empenhar-se em falar a verdade em todos os casos; não dar expectativas a ninguém que não sejam suscetíveis de ser cumpridas, mas visar à sinceridade em cada palavra e ação — a qualidade mais agradável em um ser racional.
3. Aplicar-me diligentemente em qualquer negócio que empreenda, e não desviar a mente de meu negócio por nenhum projeto tolo de ficar subitamente rico; pois diligência e paciência são o meio mais seguro para chegar à abundância.
4. Decido não falar mal de ninguém.¹⁷

A primeira regra ele já havia dominado. A terceira também apresentava pouca dificuldade para ser seguida. Quanto à segunda e à quarta, ele passaria a

pregá-las diligentemente e faria em geral grande alarde de sua prática, embora, às vezes, viesse a ser melhor no alarde do que na prática.

Na viagem para casa, Franklin, aos vinte anos de idade, entregou-se ao que viria a ser uma curiosidade científica de toda a sua vida. Fez experiências com os pequenos caranguejos que encontrou em algumas algas, calculou a distância de Londres com base na cronometragem de um eclipse lunar e estudou os hábitos dos golfinhos e peixes-voadores.

Seu diário da viagem também revela talento para a observação da natureza humana. Quando ouviu a história de um ex-governador da ilha de Wight, que fora considerado um santo, mas que era conhecido por ser um patife de acordo com o zelador de seu castelo, Franklin concluiu que era impossível para uma pessoa desonesta, por mais astuciosa que fosse, esconder completamente seu caráter. “A verdade e a sinceridade têm certo brilho distintivo natural que não pode ser perfeitamente falsificado, pois eles são como fogo e chama, que não podem ser pintados.”

Enquanto jogava damas com alguns companheiros de viagem, formulou uma “regra infalível”, que era a de que, “se duas pessoas iguais em juízo jogam por uma quantia considerável, aquele que ama mais o dinheiro perderá; sua ansiedade pelo sucesso do jogo o confunde”. Essa regra, segundo ele, aplicava-se a outras batalhas; uma pessoa que é demasiado temerosa acabará agindo defensivamente e, assim, deixará de aproveitar vantagens ofensivas.

Franklin também desenvolveu teorias sobre os anseios sociáveis dos homens, as quais se aplicavam especialmente a ele mesmo. Um dos passageiros foi pego trapaceando no jogo e os outros tentaram multá-lo. Quando o sujeito se negou a pagar, eles decidiram por uma punição ainda mais dura: ele seria condenado ao ostracismo e completamente evitado até que cedesse. Por fim, o patife pagou a multa para pôr fim à sua excomunhão. Franklin concluiu:

O homem é um ser sociável e, pelo que sei, um dos piores castigos é ser excluído da sociedade. Eu li uma abundância de belas coisas sobre o tema da solidão e sei que é uma jactância comum na boca daqueles que gostam de ser considerados sábios que nunca estão menos sós do que quando estão sozinhos. Admito que a solidão é um refresco agradável para uma mente ocupada; mas, se essas pessoas pensantes fossem obrigadas a estar sempre sozinhas, sou propenso a pensar que rapidamente julgariam seu próprio ser insuportável para elas.

Um dos sentimentos fundamentais do Iluminismo era o de que há uma afinidade sociável, baseada no instinto natural de benevolência entre os seres

humanos, e Franklin era um exemplo dessa visão. A frase de abertura do trecho citado — “O homem é um ser sociável” — viria a ser uma crença definidora de sua longa vida. Mais adiante, na mesma viagem, eles encontraram outro navio. Franklin observou:

Há algo que é estranhamente animador para os espíritos no encontro de um navio no mar, contendo uma sociedade de criaturas da mesma espécie e nas mesmas circunstâncias que as nossas, depois de estarmos separados e, por assim dizer, excomungados por muito tempo do resto da humanidade. Eu vi tantos semblantes humanos e mal pude abster-me daquele tipo de riso que procede de um certo grau de prazer interior.

Sua maior felicidade, no entanto, aconteceu quando finalmente vislumbrou a costa americana. “Meus olhos turvaram-se com o derrame de duas pequenas gotas de alegria”, escreveu ele. Com o aprofundamento de seu apreço pela comunidade, a curiosidade científica e as regras para levar uma vida prática, Franklin estava pronto para se instalar e buscar o sucesso na cidade que, mais do que Boston ou Londres, percebia agora ser sua verdadeira casa.¹⁸

4. Impressor *Filadélfia, 1726-32*

UMA GRÁFICA PRÓPRIA

Franklin era um comerciante nato: inteligente, charmoso, perspicaz em relação à natureza humana e ansioso para se dar bem na vida. Tornou-se, como ele mesmo disse, “um especialista em vendas” quando, com Denham, abriu um armazém na Water Street, logo depois do retorno à Filadélfia, no final de 1726. Denham ocupou o lugar de mentor e de pai substituto para o aspirante de vinte anos. “Morávamos e comíamos juntos; ele me aconselhava como um pai e tinha sincera estima por mim. Eu respeitava-o e amava-o.”¹

Mas o sonho de Franklin de se tornar um próspero comerciante chegou ao fim depois de alguns meses, quando Denham adoeceu e morreu. Em seu testamento oral, ele perdoou as dez libras esterlinas que Franklin ainda lhe devia da passagem de navio, mas não lhe deixou o negócio que haviam montado. Sem dinheiro e com poucas perspectivas, Franklin engoliu o orgulho e aceitou uma oferta do excêntrico Keimer de voltar para sua gráfica, porém como gerente.²

Como na América não havia fundição para fabricar tipos, Franklin deu um jeito de usar as letras de Keimer para fazer moldes de chumbo. Tornou-se assim o primeiro impressor nos Estados Unidos a fabricar tipos. Em 1792, uma das fontes contemporâneas mais conhecidas, a sem serifa denominada Franklin

Gothic, usada com frequência em manchetes de jornais, ganhou esse nome em sua homenagem.

Quando Keimer começou a afirmar seu poder, a aversão à autoridade arbitrária, que fazia parte da herança e da criação de Franklin, explodiu. Um dia, houve um tumulto do lado de fora da gráfica e Franklin espiou pela janela. Keimer, que estava na rua abaixo, gritou-lhe para cuidar da própria vida. A natureza pública da repreensão foi humilhante e Franklin foi embora na mesma hora. Contudo, depois de alguns dias, Keimer implorou para que ele voltasse, e Franklin concordou. Eles precisavam um do outro, pelo menos naquele momento.

Keimer ganhou o direito de imprimir uma nova emissão de papel-moeda para a Assembleia de Nova Jersey, e somente Franklin tinha competência para executar esse trabalho corretamente. Ele inventou uma prensa com modelos gravados para fazer cédulas tão ornamentadas que não poderiam ser falsificadas com facilidade, e, junto com o patrão, viajou para Burlington. Mais uma vez, foi o jovem Franklin, o conversador bem-disposto e espirituoso, em vez de seu patrão desmazelado, que fez amizade com os dignitários. “Minha mente foi muito mais aperfeiçoada pela leitura do que a de Keimer, e suponho que foi por esse motivo que minha conversa pareceu ser mais valorizada. Convidaram-me para suas casas, apresentaram-me para seus amigos e demonstraram muita civilidade.”³

A relação com Keimer não estava destinada a durar. Franklin, sempre esforçado e impaciente, percebeu que estava sendo usado. Keimer pagava-lhe para treinar as quatro “mãos baratas” que trabalhavam na gráfica com a intenção de despedi-lo assim que estivessem formados. Franklin, por sua vez, estava disposto a usar Keimer. Ele e um desses aprendizes, Hugh Meredith, faziam planos secretos de abrir uma gráfica, financiada pelo pai de Meredith, depois que o contrato do aprendiz terminasse. Apesar de não ser desonesto, esse projeto não combinava completamente com a promessa elevada de Franklin de “visar à sinceridade em cada palavra e ação”.

Meredith tinha trinta anos e gostava de ler, mas também de beber. Seu pai, um fazendeiro criado no País de Gales, gostava de Franklin, sobretudo porque ele convencera seu filho a se abster (pelo menos temporariamente) de bebida. Ele concordou em fornecer o financiamento necessário (duzentas libras) para os dois jovens criarem uma sociedade, para a qual a contribuição de Franklin seria o próprio talento. Mandaram buscar em Londres o equipamento,^a que chegou no início de 1728, logo depois que o trabalho para a Assembleia de Nova Jersey foi concluído e o contrato de aprendizagem de Meredith expirou.

Os dois sócios deram adeus ao desafortunado Keimer, alugaram uma casa na Market Street, montaram a gráfica e logo foram procurados pelo primeiro cliente, um fazendeiro encaminhado por um amigo. “Os cinco xelins desse homem do campo, sendo nossos primeiros frutos e vindo tão oportunamente, deram-me mais prazer do que qualquer coroa que eu tenha ganhado.”

O negócio deles obteve sucesso grande parte em razão da diligência de Franklin. Quando foram contratados por um grupo de quacres para imprimir 178 páginas de sua história — o resto seria impresso por Keimer —, Franklin não deixou a gráfica nenhuma noite, muitas vezes trabalhando até depois das onze horas, enquanto não tivesse completado um fôlio de quatro páginas. Uma noite, no momento em que estava terminando a folha do dia, a placa caiu e quebrou; Franklin levou a noite toda para refazê-la. “Essa diligência, visível aos nossos vizinhos, começou a nos dar caráter e crédito”, observou Franklin. Um dos comerciantes de destaque da cidade disse aos membros de seu clube: “A diligência desse tal de Franklin é superior a qualquer coisa que já vi; eu o vejo ainda no trabalho quando do clube vou para casa, e ele está de volta ao trabalho antes que seus vizinhos tenham saído da cama”.

Franklin tornou-se um apóstolo de ser e — tão importante quanto — de parecer industrioso. Mesmo depois que se tornou bem-sucedido, fazia questão de carregar pessoalmente os rolos de papel que comprava em um carrinho de mão pela rua até sua gráfica, em vez de delegar essa tarefa a um empregado.⁴

Meredith, por outro lado, estava longe de ser trabalhador e voltou a beber. Além disso, seu pai pagara apenas metade do dinheiro que havia prometido para os equipamentos, o que provocou cartas ameaçadoras dos fornecedores. Franklin encontrou dois amigos que estavam dispostos a financiá-lo, desde que se livrasse de Meredith. Felizmente, este se deu conta de que era melhor voltar para a agricultura. Tudo terminou bem: Meredith vendeu a Franklin sua parte na sociedade, foi para as Carolinas e mais tarde escreveu cartas descrevendo a paisagem de lá, publicadas por Franklin.

E, assim, Franklin finalmente tinha uma gráfica própria. Mais importante, tinha uma carreira. A impressão e as profissões a ela relacionadas — editor, escritor jornalista, agente postal — começaram a parecer não apenas um emprego, mas uma ocupação interessante, ao mesmo tempo nobre e divertida. Em sua longa vida, ele teria muitas outras carreiras: cientista, político, estadista, diplomata. Mas, a partir desse evento, ele se identificaria sempre da mesma maneira, como faria sessenta anos depois nas palavras iniciais de sua última vontade e testamento: “Eu, Benjamin Franklin da Filadélfia, impressor”.⁵

A JUNTA

Franklin tinha um talento perfeito para estabelecer redes de contatos. Ele gostava de misturar sua vida cívica com a social e combinava alegremente as duas para promover sua vida empresarial. Essa maneira de agir ficou clara quando, no outono de 1727, criou um clube de trabalhadores jovens, pouco depois

de seu retorno à Filadélfia, que era comumente chamado de Clube do Avental de Couro e oficialmente batizado de Junta.

O pequeno clube de Franklin era composto de comerciantes empreendedores e artesãos, e não pela elite social, com seus clubes mais elegantes de cavalheiros. No início, os membros se encontravam às sextas-feiras à noite numa taberna local, mas logo conseguiram alugar uma casa. Lá discutiam as questões do momento, debatiam temas filosóficos, elaboravam projetos para o autoaperfeiçoamento e formaram uma rede para a promoção de suas carreiras.

O empreendimento era típico de Franklin, sempre ansioso para organizar clubes e associações de benefício mútuo, e também era tipicamente americano. À medida que a nação desenvolvia uma classe média de comerciantes, seu povo compensava as características individualistas com uma propensão para formar clubes, lojas, associações e ordens fraternais. Franklin era um exemplo desse desejo rotariano e, depois de mais de dois séculos, continua a ser.

A Junta de Franklin era composta inicialmente de doze jovens membros, entre eles seu sócio de gráfica Hugh Meredith; George Webb, um espirituoso mas imprudente estudante fugitivo de Oxford, que também foi aprendiz de Keimer; Thomas Godfrey, vidraceiro e matemático amador; Joseph Breintnall, escritor e amante da poesia; Robert Grace, homem generoso e entusiasta de trocadilhos, com algum dinheiro de família; e William Coleman, um funcionário lúcido e de bom coração, com moral exigente, que mais tarde se tornou um distinto comerciante.

Além de serem companheiros de clube, os membros da Junta eram muitas vezes úteis uns para os outros, do ponto de vista tanto pessoal quanto profissional. Godfrey comia na gráfica de Franklin e sua esposa cozinhava para eles. Breintnall foi o amigo que obteve a encomenda de impressão quacre. E Grace e Coleman financiaram Franklin quando ele rompeu com Meredith.

O tom que Franklin estabeleceu para as reuniões da Junta era sério. Exigia-se que os iniciados ficassem de pé, pusessem a mão no peito e respondessem corretamente a quatro perguntas: Há algum membro atual que você despreza? Você ama a humanidade em geral, independentemente de religião ou profissão? Você acha que as pessoas devem ser punidas em virtude de suas opiniões ou de seu culto religioso? Você ama e busca a verdade por si mesma?

Franklin estava preocupado com a possibilidade de que seu gosto pela conversa e a ânsia de impressionar o tornassem propenso a “tagarelar, fazer trocadilhos e brincadeiras, o que só me tornava aceitável para companhias frívolas”. O conhecimento, dava-se conta, “era obtido mais pelo uso da orelha do que da língua”. Assim, na Junta, ele começou a trabalhar seu uso do silêncio e do diálogo gentil.

Um método que havia desenvolvido durante seus debates simulados com

John Collins em Boston, e, depois, ao discutir com Keimer, era perseguir tópicos mediante perguntas socráticas suaves. Esse era seu estilo preferido nas reuniões da Junta. As discussões deveriam ser conduzidas “sem predileção por disputa ou desejo de vitória”. Franklin ensinou os amigos a defender suas ideias por meio de sugestões e perguntas e a utilizar (ou pelo menos fingir) a curiosidade ingênua para evitar contradizer as pessoas de uma maneira que pudesse ser ofensiva: “Todas as expressões de dogmatismo de opinião ou de contradição direta foram proibidas e sujeitas a pequenas sanções pecuniárias”. Era um estilo que ele instaria que fosse adotado na Convenção Constitucional, sessenta anos mais tarde.

Em um artigo espirituoso de jornal chamado “Sobre a conversa”, que escreveu pouco depois da fundação da Junta, Franklin destacou a importância de acatar os outros, ou pelo menos dar a impressão de fazer isso. Caso contrário, até os comentários mais inteligentes “ocasionariam inveja e repulsa”. Seu segredo para fazer amigos e influenciar pessoas parece um curso antigo de Dale Carnegie: “Para conquistar o coração dos outros, não se deve dar a impressão de competir com eles, mas de admirá-los. Dê-lhes todas as oportunidades de mostrar as próprias qualificações, e depois de ter-lhes satisfeito a vaidade, eles o louvarão por sua vez, e o preferirão acima dos outros [...] Tamanha é a vaidade da humanidade que dar importância ao que os outros dizem é uma forma mais segura de agradar do que falar bem delas”.⁶

Em seguida, Franklin cataloga os pecados mais comuns da conversação, “que causam repulsa”; o maior deles é “falar excessivamente [...] o que nunca deixa de provocar ressentimento”. A única coisa divertida nesses indivíduos, ele brincou, era assistir ao encontro de dois deles: “A irritação que ambos sentem é visível em seus olhares e gestos; nós os veremos bocejar e olhar e interromper um ao outro a cada momento, e esperar com extrema impaciência por uma tosse ou pausa, quando podem então enfiar um comentário seu”.

Os outros pecados da sua lista eram, em ordem: parecer desinteressado, falar muito sobre a própria vida, intrometer-se em segredos pessoais (“uma grosseria imperdoável”), contar histórias longas e sem sentido (“os velhos são mais propensos a esse erro, o que é uma das principais razões para que sua companhia seja muitas vezes evitada”), contradizer ou contestar alguém diretamente, ridicularizar ou vituperar contra as coisas, exceto em pequenas doses espirituosas (“é como o sal: em alguns casos, um pouco dá prazer, mas, se jogado a mancheias, estraga tudo”) e disseminar escândalo (embora mais tarde viesse a escrever defesas joviais do mexerico).

Quanto mais velho ficava, mais Franklin aprendia (com alguns lapsos notáveis) a seguir seu próprio conselho. Ele usava o silêncio com sabedoria, empregava um estilo indireto de persuasão e fingia modéstia e ingenuidade nas discussões. “Quando alguém afirmava algo que eu julgava errado, negava a mim mesmo o prazer de contradizê-lo.” Em vez disso, concordava em partes e

sugeria suas diferenças apenas indiretamente. “Nos últimos cinquenta anos, ninguém jamais ouviu uma expressão dogmática escapar de mim”, lembrou ao escrever sua autobiografia. O estilo docemente passivo, de “língua de veludo” e de argumentação prudente faria com que parecesse sábio para alguns, insinuante e manipulador a outros, mas incendiário para quase ninguém. Esse método também se tornaria, muitas vezes com uma menção a Franklin, um elemento básico em guias de gestão modernos e livros de autoaperfeiçoamento.

Embora fosse o membro mais moço da Junta, Franklin, por força do carisma intelectual e da conversa encantadora, não só foi seu fundador como sua força motriz. Os tópicos discutidos variavam do social ao científico e metafísico. A maioria deles era séria, alguns eram extravagantes e todos eram intrigantes. A importação de servos fez com que a América fosse mais próspera? O que tornava bom um texto escrito? Por que se formava condensação em uma caneca fria? O que causava a felicidade? O que é a sabedoria? Existe diferença entre conhecimento e prudência? Se um poder soberano priva o cidadão de seus direitos, é justificável que ele resista?

Além desses temas de debate, Franklin estabeleceu um guia para contribuições à conversa e poderia ser útil para cada membro. Eram 24 temas ao todo e, por ser sua praticidade tão reveladora da postura de Franklin, vale a pena citar algumas:

1. No último autor que leu, encontrou alguma coisa interessante ou apropriada para ser comunicada à Junta? [...]
 2. Que história nova ouviu recentemente que seria agradável para contar em uma conversa?
 3. Algum cidadão do seu conhecimento fracassou em seu negócio ultimamente, e o que ouviu falar da causa?
 4. Ouviu falar recentemente de algum cidadão que prosperou, e por que meios?
 5. Ouviu contar recentemente como um homem rico atual, aqui ou em outro lugar, obteve sua propriedade?
 6. Conhece algum concidadão que tenha praticado uma ação digna de merecer elogio e imitação? Ou que tenha cometido um erro contra o qual devamos ser advertidos e que devamos evitar?
 7. Que efeitos infelizes da intemperança observou ou dos quais ouviu falar ultimamente? Da imprudência? Da paixão? Ou de qualquer outro vício ou loucura?
- [...]

12. Ouviu falar de algum estranho merecedor de atenção que tenha chegado à cidade desde a última reunião? E o que ouviu falar de seu caráter ou méritos? Você pensa que fazer parte da Junta pode favorecê-lo ou incentivá-lo como ele merece?

[...]

14. Observou recentemente algum defeito nas leis de seu país diante do qual seria adequado mobilizar o Legislativo para fazer uma emenda?

15. Observou recentemente alguma violação das justas liberdades das pessoas?

16. Alguém atacou sua reputação recentemente, e o que a Junta pode fazer para defendê-la?

17. Existe algum homem cuja amizade você quer e que a Junta ou algum de seus membros pode conseguir?

[...]

20. De que maneira a Junta ou qualquer um de seus membros pode ajudá-lo em qualquer um de seus honrados projetos?⁷

[...]

Franklin utilizou a Junta como plataforma de lançamento para várias de suas ideias sobre o serviço público. Logo no início, o grupo discutiu se a Pensilvânia deveria aumentar a oferta de papel-moeda, proposta que Franklin defendia com entusiasmo porque achava que beneficiaria a economia e, claro, seu negócio de impressão. (Franklin e, por extensão, a Junta gostavam particularmente de coisas que pudessem ajudar o público, bem como a eles mesmos.) Quando mudaram para as salas alugadas, os membros da Junta conseguiram formar uma coleção de livros que mais tarde constituiu a base da primeira biblioteca por assinatura do país. Da Junta vieram também propostas de Franklin para a criação de um imposto para pagar policiais de bairro, de uma força de bombeiros voluntários e da academia que posteriormente se transformou na Universidade da Pensilvânia.

Muitas das regras e questões propostas para a Junta eram semelhantes, embora um pouco menos sentenciosas, às que Cotton Mather havia idealizado para as sociedades beneficentes de bairro uma geração antes, em Boston. Uma das indagações de Mather, por exemplo, era: “Existe alguma pessoa em particular cujo comportamento desordeiro pode ser tão escandaloso e tão famigerado que talvez devamos enviar até a dita pessoa nossas advertências caridosas?”. O ensaio de Daniel Defoe “Sociedades de amigos” e o de John Locke, “Regras de uma sociedade que se reunia uma vez por semana para a

melhoria do conhecimento útil”, ambos lidos por Franklin, também serviram de modelos.⁸

Em geral, entretanto, com seu teor sério e a ênfase no autoaperfeiçoamento, a Junta era um produto do caráter de Franklin e fazia parte de sua marca sobre a personalidade americana. O clube floresceu com ele ao leme durante trinta anos. Ainda que funcionasse em relativo sigilo, eram tantas as pessoas dispostas a participar que Franklin permitiu a cada membro a constituição de seu próprio clube derivado. Quatro ou cinco afiliados foram bem-sucedidos, e a Junta funcionava como uma extensão e amplificação da natureza cívica gregária de Franklin. Tal como o próprio Franklin, era prática, diligente, questionadora, sociável e pseudofilosófica. Exaltava a virtude cívica, os benefícios mútuos, o aperfeiçoamento da pessoa e da sociedade e a proposição de que os cidadãos trabalhadores poderiam progredir fazendo o bem. Era, em suma, uma escritura pública de Franklin.

OS ENSAIOS DO ABELHUDO

Frugal e laborioso, contando com uma rede de membros da Junta para atrair negócios, Franklin tinha ganhos modestos: ele era um dos três impressores em uma cidade em que havia espaço apenas para dois. Mas uma das lições que ele havia aprendido em seus dias de aprendiz em Boston era que o verdadeiro sucesso seria alcançado se ele tivesse não somente uma gráfica, mas também conteúdo próprio e uma rede de distribuição. Seu concorrente Andrew Bradford publicava o único jornal da cidade, que era insignificante mas rentável, e ajudava seu negócio de impressão, dando-lhe influência junto aos comerciantes e políticos. Ele também era o agente dos correios, o que lhe conferia algum controle sobre a distribuição de jornais, além de acesso prévio às notícias de longe.

Franklin decidiu enfrentar Bradford e, ao longo da década seguinte, conseguiria montar um conglomerado de mídia que incluía a capacidade de produção (operações de impressão, impressores franqueados em outras cidades), produtos (jornal, revista, almanaque), conteúdo (seus próprios escritos, os de seu alter ego Pobre Ricardo, assim como os da Junta) e distribuição (por fim, todo o sistema postal colonial).

Primeiro veio o jornal. Franklin decidiu lançar um concorrente ao *American Weekly Mercury* de Bradford, porém cometeu o erro de confiar seu plano a George Webb, um colega da Junta que era aprendiz na gráfica de Keimer. Webb, para consternação de Franklin, contou a Keimer, que imediatamente lançou um jornal desleixado a que deu o nome complicado de

The Universal Instructor in All Arts and Sciences, and Pennsylvania Gazette [O instrutor universal em todas as artes e ciências e Gazeta da Pensilvânia]. Franklin percebeu que seria difícil lançar na sequência um terceiro jornal; ademais, ele não dispunha de fundos. Então elaborou um plano para esmagar o jornal de Keimer, usando a arma mais poderosa à sua disposição: o fato de que era o melhor escritor da Filadélfia e, provavelmente, aos 23 anos, o mais divertido de toda a América do Norte. (Carl Van Doren, biógrafo de Franklin e excelente crítico literário da década de 1930, declarou categoricamente que, em 1728, Franklin era “o melhor escritor da América”. Seu rival mais próximo na época seria provavelmente o pregador Jonathan Edwards, que era mais intenso e literário, embora bem menos oportuno e divertido.)

Franklin decidiu atacar por tabela, escrevendo uma série de cartas e ensaios anônimos, na linha dos artigos de Silence Dogood, para o *Mercury* de Bradford, a fim de desviar a atenção do novo jornal de Keimer. O objetivo era dar vida, ao menos até Keimer ser derrotado, ao jornal maçante de Bradford, que em seus dez anos jamais havia publicado escritos desse tipo.

Os dois primeiros textos foram ataques contra o pobre Keimer, que estava publicando em série verbetes de uma enciclopédia. O fascículo inicial trazia inocentemente um verbete sobre aborto. Franklin aproveitou. Usando os pseudônimos de “Martha Careful” e “Celia Shortface”, escreveu cartas ao jornal de Bradford fingindo choque e indignação diante da ofensa de Keimer. A srta. Careful [Cuidadosa] ameaçava: “Se ele continuar a expor os segredos do nosso sexo dessa forma audaciosa, [as mulheres] correrão o risco de agarrá-lo pela barba no próximo lugar que o encontrarem”. Desse modo Franklin forjou o primeiro debate sobre aborto registrado na América, não porque tivesse sentimentos fortes em relação à questão, mas porque sabia que isso ajudaria a vender jornais.

Na semana seguinte, Franklin lançou uma série de ensaios clássicos com o pseudônimo de “Busy-Body” [Abelhudo], publicados por Bradford na primeira página com uma grande assinatura. Franklin escreveu pelo menos quatro por conta própria e outros dois em parte, antes de passar a série para seu colega da Junta Joseph Breintnall. “Por esse meio, a atenção do público fixou-se naquele jornal e as propostas de Keimer, que caricaturamos e ridicularizamos, foram desconsideradas.”⁹

Abelhudo começava por admitir espertamente as inadequações do jornal de Bradford (“com frequência muito aborrecido”) e declarar sua intenção de fazê-lo (pelo menos temporariamente) melhor. Faria isso repreendendo e bisbilhotando, na tradição do personagem Isaac Bickerstaff criado pelo ensaísta inglês Richard Steele, adicionando a coluna de fofocas à lista de inovações americanas de Franklin. Ele admitia prontamente que grande parte disso não era “da conta de ninguém”, mas, “por zelo do bem público”, ele se oferecia “para

tomar o que era da conta de ninguém inteiramente em minhas mãos”. Alguns poderiam ofender-se, alertava. No entanto, ele apontava para o que era, e é, o atrativo básico da fofoca: “Como a maioria das pessoas se delicia com a censura, quando não são o objeto dela, se alguém se ofender com minha exposição pública de seus vícios privados, prometo que terá a satisfação, em um tempo muito pequeno, de ver seus bons amigos e vizinhos nas mesmas circunstâncias”.

Keimer respondeu com uma admoestação antiquada de que a série de Abelhudo poderia aumentar inicialmente a expectativa dos leitores do jornal de Bradford “de que teriam agora algum entretenimento por seu dinheiro”, porém em breve sentiriam “uma dor secreta de ver a reputação de seus vizinhos destruída”. Quando o Abelhudo continuou alegremente a publicar suas farpas, o excitável Keimer tornou-se mais estridente. Ele reagiu com versos de pé quebrado: “You hinted at me in your paper./ Which now has made me draw my rapier./ With scornful eye, I see your hate./ And pity your unhappy fate”.^b Ele publicou os versos junto com uma história complicada chamada “Matiz e Grito atrás do Abelhudo”, em que retratava Franklin e Breintnall como um monstro de duas cabeças e descrevia o primeiro como “epítome de todo Macaco [...] tão surrado quanto seu grande casaco, e crânio tão grosso quanto a sola de seus sapatos”.¹⁰

Keimer tornou-se assim um dos primeiros inimigos declarados de Franklin. A traição, a guerra de imprensa, o duelo de ensaios, tudo se repetiria uma década depois, quando Franklin e Bradford, cada um por seu lado, decidiram publicar revistas.

Infelizmente para aqueles que gostavam de excitação, os ensaios de Abelhudo não forneciam muita bisbilhotice. Em vez disso, tendiam a ser histórias inteligentes com correspondências mal disfarçadas na vida real (em um caso, um leitor se deu ao trabalho de publicar uma chave para cada personagem mencionado). Franklin utilizava o que é hoje uma advertência-padrão hipócrita: “Se acontecer de quaisquer personagens ruins serem descritos no decorrer destes escritos, eles não se referem a nenhuma pessoa em particular”.

O último Abelhudo escrito principalmente por Franklin fazia troça dos caçadores de tesouros que usavam varinhas mágicas e cavavam os bosques à procura de tesouros piratas enterrados: “Homens que sob outros aspectos têm muito bom senso foram atraídos para essa prática graças a um desejo presunçoso de riqueza súbita, enquanto os métodos racionais e quase certos de obter riquezas mediante diligência e frugalidade são negligenciados”. A fábula, um ataque aos esquemas de enriquecimento rápido da época, pregava o tema favorito de Franklin: diligência lenta e constante é o verdadeiro caminho para a riqueza. Ele encerrava citando o que o seu amigo imaginário Agrícola disse sobre dar um pedaço de terra ao seu filho: “Eu te asseguro que encontrei uma quantidade considerável de ouro cavando lá; deves fazer o mesmo. Mas deves

observar atentamente isto: nunca caves mais do que a profundidade do arado”.

O ensaio tinha uma segunda metade que defendia mais papel-moeda para a Pensilvânia. Franklin escreveu a maior parte dele, com uma pequena seção redigida por Breintnall. Franklin dava a entender que aqueles que se opunham à emissão de mais papel-moeda estavam tentando proteger os próprios interesses financeiros, embora, é claro, ele igualmente tivesse interesse financeiro na aprovação de mais trabalho de impressão. Ele também fazia o primeiro de muitos ataques destinados à família Penn, proprietária da província,^c e seu governador nomeado, sugerindo que tentavam fazer da maior parte dos moradores da Pensilvânia “seus inquilinos e vassalos”. Esse final foi excluído na maioria das edições do jornal de Bradford, talvez porque seu proprietário fosse aliado da família Penn e seu partido.¹¹

Outra razão para o recuo nos escritos sarcásticos sobre papel-moeda era que Franklin havia produzido um ensaio muito mais ponderado sobre o assunto, que discutiu na Junta e publicou como panfleto na semana seguinte. “Uma modesta inquirição sobre a natureza e a necessidade de papel-moeda” foi a primeira análise séria de Franklin acerca da política pública e se sustenta muito melhor do que suas meditações metafísicas sobre religião. Dinheiro era um conceito sobre o qual ele tinha uma ideia sólida, ao contrário de suas abstrações teológicas.

Franklin argumentava que a falta de moeda fazia a taxa de juros subir, mantinha os salários baixos e aumentava a dependência das importações. Ele acusava os credores e os grandes proprietários de se oporem ao aumento de moeda por motivos egoístas, mas “aqueles que amam o comércio e têm prazer em ver os fabricantes estimulados serão a favor de haver uma grande adição em nossa moeda”. A percepção fundamental de Franklin era de que a moeda dura, como prata e ouro, não era a verdadeira medida da riqueza de uma nação: “As riquezas de um país devem ser avaliadas pela quantidade de trabalho que seus habitantes são capazes de comprar, e não pela quantidade de prata e ouro que possuem”.

O ensaio alcançou grande popularidade, exceto entre os mais ricos, e ajudou a persuadir a legislatura a aprovar o aumento proposto de papel-moeda. Embora Bradford tenha recebido a primeira encomenda para imprimir uma parte do dinheiro, Franklin ganhou a rodada seguinte de trabalho. No espírito do que o Pobre Ricardo chamaria de “se dar bem fazendo o bem”, Franklin não era avesso a misturar seus interesses particulares com os públicos. Seus amigos na legislatura, “que consideraram que eu havia sido de alguma utilidade, julgaram apropriado me recompensar com a impressão de dinheiro — um trabalho muito rentável e de grande ajuda para mim. Essa foi outra vantagem alcançada pelo fato de eu saber escrever”.¹²

O plano de Franklin de tirar Keimer do negócio, auxiliado pela incompetência do próprio impressor e sua incapacidade de ignorar farpas, logo teve êxito. Ele contraiu dívidas, esteve brevemente preso, fugiu para Barbados e, antes de partir, vendeu seu jornal para Franklin. Livrando-se da enciclopédia em fascículos e de parte do nome complicado do jornal, Franklin tornou-se o orgulhoso editor do *Pennsylvania Gazette*, em outubro de 1729. Em sua primeira carta aos leitores, anunciou que “muita gente há muito tempo deseja ver um bom jornal na Pensilvânia”, atingindo tanto Keimer como Bradford.¹³

Existem muitos tipos de editor de jornal. Alguns são ideólogos em cruzada, abençoados com opiniões fortes, paixões partidárias ou um desejo de desafiar a autoridade. James, o irmão de Benjamin, pertencia a essa categoria. Outros são o oposto: gostam do poder e de estar perto dele, sentem-se confortáveis com a ordem estabelecida e parte dela. Andrew Bradford, o concorrente de Franklin na Filadélfia, era desse tipo.

Há ainda aqueles que se encantam e se divertem com o mundo e têm prazer em encantar e divertir os outros. Tendem a ser céticos tanto em relação a ortodoxias quanto a heresias, e são sinceros no desejo de buscar a verdade e promover a melhoria do público (bem como vender jornais). Franklin encaixa-se nessa categoria. Ele era agraciado — e atormentado — pela característica tão comum aos jornalistas, especialmente os que leram muitas vezes Swift e Addison, de querer participar do mundo e, ao mesmo tempo, continuar a ser um observador imparcial. Como jornalista, ele podia sair de uma cena, ainda que apaixonadamente envolvido nela, e comentá-la, ou falar de si mesmo, com uma ironia cômica. As profundezas de suas crenças eram com frequência escondidas por seu talento para lançar uma piscadela de cumplicidade.

Como a maioria dos outros jornais da época, o *Pennsylvania Gazette* de Franklin publicava, além de notícias curtas e relatos sobre eventos públicos, ensaios divertidos e cartas de leitores. O que tornava seu jornal delicioso era a riqueza desse tipo de correspondência, boa parte escrita sob pseudônimos pelo próprio Franklin. Esse truque de escrever como se fosse um leitor lhe dava mais liberdade para zombar dos rivais, deleitar-se com fofocas, contornar seu compromisso pessoal de não falar mal de ninguém e testar suas filosofias em evolução.

Em uma clássica manobra sagaz, Franklin corrigiu um erro de composição — havia informado que alguém “morreu” [died] em um restaurante quando queria dizer “jantou” [dined] — escrevendo uma carta de um fictício “J. T.” que discorria sobre outros erros de impressão divertidos. Por exemplo, uma edição da Bíblia citava Davi dizendo que era “maravilhosamente louco” [mad], em vez de

“feito” [made], o que fez um “pregador ignorante arengar para sua plateia durante meia hora sobre o tema da loucura espiritual”. Franklin passava então (sob o disfarce de J. T.) a louvar o próprio jornal, apontava um erro de composição semelhante cometido pelo rival Bradford, criticava-o por ser geralmente mais descuidado e (com saborosa ironia) elogiava Franklin por não criticar Bradford: “Seu jornal costuma ser muito correto, e mesmo assim nunca se soube que usasse esse êxito para ridicularizar publicamente e expor os erros contínuos de seu contemporâneo”. Franklin chegava mesmo a transformar a falsa modéstia em uma máxima para perdoar seu erro de composição: “Quem se acostuma a deixar passar em silêncio as falhas de seus vizinhos receberá muito mais clemência do mundo quando acontecer de ele mesmo cair em erro”.¹⁴

A guerra entre os jornais de Franklin e Bradford incluía discussões sobre furos e matérias roubadas. Em uma nota de editor, Franklin escreveu: “Quando o sr. Bradford publica depois de nós e tem a oportunidade de tomar emprestado um ou dois artigos do *Gazette*, e ele é sempre bem-visto ao fazê-lo, deseja-se que não date seu jornal de um dia antes do nosso para que os leitores não imaginem que pegamos dele, o que sempre evitamos com todo cuidado”.

A competição já tinha um ano quando Franklin resolveu tomar de Bradford a tarefa de ser o impressor oficial da Assembleia da Pensilvânia. Ele já começara a cultivar alguns dos membros, em particular os da facção que resistia ao poder da família Penn e seus aliados da camada superior. Depois que Bradford imprimiu o discurso do governador para a Assembleia de “forma grosseira e desajeitada”, Franklin viu despontar a sua chance. Ele imprimiu a mesma mensagem, conforme suas palavras, “elegante e corretamente”, e a enviou para todos os membros. “Isso fortaleceu a posição de nossos amigos na Câmara”, Franklin recordou-se mais tarde, “e eles votaram em nós para ser seus impressores.”¹⁵

Mas, mesmo ao se tornar mais político, Franklin resistiu a tornar seu jornal ferozmente partidário. Ele expressou seu credo de editor em um famoso editorial da *Gazette* intitulado “Defesa dos impressores”, que continua a ser uma das melhores e mais fortes defesas de uma imprensa livre.

As opiniões que as pessoas têm, Franklin escreveu, são “quase tão variadas quanto o rosto delas”. A tarefa dos impressores é permitir que as pessoas expressem opiniões divergentes. “Haveria muito pouca coisa impressa”, observava ele, se os editores produzissem somente coisas que não ofendessem ninguém. Estava em jogo a virtude da livre expressão, e Franklin resumia a posição iluminista em uma frase que está hoje emoldurada nas paredes das redações: “Os impressores são educados na crença de que, quando os homens divergem em opinião, ambos os lados devem igualmente ter a vantagem de ser ouvidos pelo público e de que, quando Verdade e Erro jogam limpo, a primeira

sempre leva a melhor sobre a segunda”.

“Não é razoável imaginar que os impressores aprovelem tudo o que imprimem”, continuava argumentando. “Do mesmo modo, tampouco é razoável o que alguns afirmam, que os impressores não deveriam imprimir senão o que aprovam; pois [...] acabaria assim a escrita livre, e depois o mundo não teria mais nada para ler, a não ser o que correspondesse à opinião dos impressores.”

Com um toque irônico, ele lembrava aos leitores que os editores estão no negócio tanto para informar o público como para ganhar dinheiro. “Por isso, eles atendem de bom grado a todos os escritores em disputa que lhes paguem bem”, mesmo que não concordem com suas opiniões. “Se todas as pessoas de opiniões diferentes desta província tratassem de me pagar para não imprimir as coisas de que não gostam tanto quanto eu poderia conseguir as imprimindo, eu provavelmente levaria uma vida muito fácil; e se todos os impressores de todos os lugares fossem assim tratados, haveria pouca coisa impressa.”

Não estava na natureza de Franklin, no entanto, ser dogmático ou extremado em relação a qualquer princípio; em geral, ele gravitava na direção de um equilíbrio sensato. Os direitos dos impressores, ele se dava conta, eram contrabalançados pelo dever de ser responsável. Assim, não obstante devessem ser livres para publicar opiniões ofensivas, deveriam exercer um poder discricionário. “Eu mesmo sempre me recusei a imprimir qualquer coisa que pudesse tolerar o vício ou promover a imoralidade, embora [...] pudesse ter ganhado muito dinheiro. Também sempre me recusei a imprimir matérias que pudessem causar prejuízo real a qualquer pessoa.”

Um exemplo disso envolveu um cliente que pediu ao jovem impressor que publicasse um artigo no *Gazette* que Franklin achou “grosseiro e difamatório”. Em seu esforço para decidir se deveria ficar com o dinheiro do cliente, apesar de o artigo violar seus princípios, Franklin se submeteu ao seguinte teste:

Para determinar se deveria publicá-lo ou não, fui para casa à noite, comprei um pão de dois centavos na padaria, e com a água da bomba fiz minha ceia; depois, enrolei-me em meu sobretudo, deitei no chão e dormi até de manhã, quando, com outro pão e uma caneca de água, fiz o meu café da manhã. Não senti nenhum inconveniente nesse regime. Ao descobrir que posso viver dessa maneira, tomei a decisão de nunca prostituir minha impressora para fins de corrupção e abuso desse tipo apenas com o propósito de ganhar uma subsistência mais confortável.

Franklin terminava sua “Defesa dos impressores” com uma fábula sobre

um pai e um filho viajando com um burro. Quando o pai montava e fazia o filho caminhar, eram criticados por quem os encontrava; da mesma forma, eram criticados quando o filho montava e fazia o pai caminhar, ou quando ambos montavam no animal, ou quando nenhum dos dois o fazia. Por fim, decidiram jogar o burro de uma ponte. A moral, de acordo com Franklin, era a de que é tolice tentar evitar todas as críticas. Apesar de seu “desespero para agradar a todos”, concluía Franklin, “não vou queimar minha impressora nem derreter minhas letras”.¹⁶

Em conjunção com esses princípios elevados, Franklin empregava algumas estratégias mais comuns para vender jornais. Um método sempre confiável, que exercia atração especial sobre o jovem editor solteiro e um tanto lascivo, era a velha verdade de que sexo vende. O *Gazette* de Franklin era temperado com pequenos itens maliciosos e excitantes. Uma semana depois de sua “Defesa dos impressores”, por exemplo, Franklin escreveu sobre um marido que pegou a mulher na cama com um homem chamado Stonecutter [cortador de pedras], tentou cortar a cabeça do intruso com uma faca, mas apenas o feriu. Franklin termina com um trocadilho afetado sobre castração: “Algumas pessoas se admiram com o fato de que não tenha passado pela cabeça do indivíduo injuriado, quando teve uma oportunidade tão justa e adequada, ele mesmo se tornar um St-n-c-tt-r”.

A edição seguinte trazia uma matéria semelhante acerca de um policial amoroso que havia “feito um acordo com uma fêmea vizinha para vigiar com ela naquela noite”. O policial comete o erro de subir na janela de uma mulher diferente, cujo marido estava em outro quarto. Relatava Franklin: “A boa mulher, percebendo o carinho extraordinário de seu companheiro de cama que não poderia ser seu marido, fez tanto barulho que despertou o bom homem, que, ao encontrar alguém em seu lugar sem sua licença, se pôs a atacá-lo impiedosamente”.

Na sequência veio a história da mulher sedenta de sexo que queria se divorciar do marido porque ele não conseguia satisfazê-la. Ela “de vez em quando diligentemente solicitava^d à maioria dos magistrados” simpatia para sua situação. Depois que seu marido foi submetido a exame médico, no entanto, ela voltou para ele. “O relatório dos médicos (que examinaram satisfatoriamente suas *capacidades* e opinaram que em todos os aspectos ele era *suficiente*) deu-lhe apenas uma pequena satisfação”, relatou Franklin. “Não podemos dizer se alguma experiência *mais satisfatória* foi tentada, mas parece que, segundo ela, ‘George é tão bom quanto o melhor.’” Em outra referência de passagem à virilidade sexual, que foi também sua primeira notícia publicada sobre raios, Franklin escreveu sobre um raio que derreteu o botão de estanho das calças de um rapaz, acrescentando: “Ainda bem que nada mais por ali era feito de estanho”.

Assinando-se “O Casuista”, Franklin até ajudou a criar o gênero coluna de conselhos sexuais e morais. (Embora a definição primeira da palavra “casuismo” diga respeito à aplicação de princípios morais à conduta diária, Franklin a utilizou, com um toque de ironia, em seu sentido mais coloquial, que significa uma aplicação enganosa ou simulada desses princípios.) Uma carta de leitor, ou de Franklin fingindo ser um leitor, propunha o seguinte dilema: se um indivíduo descobre que sua mulher foi seduzida por seu vizinho, e se ele tem motivos para acreditar que, caso revele esse fato à mulher do vizinho, ela talvez concorde em manter relações sexuais com ele, “é justificável que ele faça isso?”. Franklin, na persona do Casuista, dava uma resposta sincera. Se a pergunta fosse de um cristão, ele saberia que não deveria “retribuir o mal com o mal, mas pagar o mal com o bem”. E se não fosse cristão, mas “alguém que fizesse da razão a regra de suas ações”, ele chegaria à mesma conclusão: “Tais práticas não podem produzir nada de bom para a sociedade”.¹⁷

Franklin também conhecia outra máxima do jornalismo: histórias de crime vendem, particularmente quando são bizarras. Em uma matéria sobre a morte de uma jovem, por exemplo, ele fornecia uma combinação de reportagem e indignação aperfeiçoada depois por tabloides mais picantes. O caso envolvia um casal acusado de assassinar a filha de um casamento anterior do marido por negligência, pois a obrigaram “a deitar e apodrecer em sua imundície”, dando-lhe “os próprios excrementos para comer” e “jogando-a na rua”. A criança morreu, porém um médico declarou que ela teria morrido de qualquer maneira devido a outras doenças que havia contraído, então o juiz somente condenou o casal a ter a mão queimada. Franklin enfureceu-se com a decisão “patética” e deu seu próprio veredicto severo de que o casal “não só havia agido contra a lei particular de todas as nações, como também havia violado a lei universal da natureza”.¹⁸

Um terceiro método confiável para a venda de jornal era a disposição leve e um tanto inocente para bisbilhotar e difundir rumores. Em seu primeiro ensaio do Abelhudo para Bradford, Franklin havia defendido o valor da bisbilhotice e da fofoca. Agora que era dono do próprio jornal, ele deixava claro que o *Gazette* tinha o prazer e, com efeito, sentia orgulho de dar continuidade a esse serviço. Usando o mesmo tom do Abelhudo, Franklin escreveu uma carta anônima ao seu jornal em que defendia fofocas, calúnias e a censura, “mostrando a sua utilidade e o grande bem que fazia para a sociedade”.

E continuava:

Isso é frequentemente o meio de evitar que os poderosos, os políticos e os homens mal-intencionados fiquem muito populares. A Censura que tudo examina, com seus cem olhos e suas mil línguas, logo descobre e divulga

rapidamente por todos os cantos cada crime ou fraqueza que fazem parte do verdadeiro caráter deles. Isso corta as asas de sua ambição.

A fofoca também pode, observava ele, promover a virtude, pois algumas pessoas são mais motivadas pelo medo da humilhação pública do que por princípios morais interiores.

O que o mundo vai dizer de mim se eu agir assim? — é muitas vezes uma reflexão suficientemente forte para nos fazer resistir à tentação mais poderosa de cair no vício ou cometer loucuras. Isso preserva a integridade do oscilante, a honestidade do ambicioso, a santidade de alguns religiosos e a castidade de todas as virgens.

É engraçado que Franklin, embora estivesse disposto a contestar a determinação inata de “todas” as virgens, se protegesse ao contestar apenas “alguns” religiosos. Além disso, revelava um lado um tanto cínico ao deixar implícito que a maioria das pessoas não age virtuosamente porque possui bondade interior, e sim porque teme a censura pública.¹⁹

Na semana seguinte, Franklin defendeu o valor da fofoca em outra carta, ainda mais saborosa, supostamente escrita por uma pessoa que apropriadamente se identificava como Alice Addertongue [Língua de víbora]. Franklin, então com 26 anos, fazia sua Alice ficcional descrever-se, com uma ponta de ironia, como “uma jovem com quase 35 anos”. Ela morava com sua mãe e dizia “julgar ser meu dever, assim como uma inclinação para exercer meu talento na censura para o bem da gente do meu país”.

Depois de receber um comentário ferino num artigo “bobo” no *Mercury* de Bradford, que criticava as mulheres por serem fofoqueiras, Alice conta como certa vez se viu em desacordo com sua mãe sobre essa questão. “Ela sustentava que o escândalo estragava a boa conversa e eu insistia que, sem ele, não poderia haver tal coisa.” Em consequência, ela era banida para a cozinha quando vinham visitas para o chá. Enquanto sua mãe envolvia os convidados numa conversa elevada na sala, Alice regalava poucas amigas jovens com as histórias da intriga de um vizinho com sua empregada doméstica. Ouvindo os risos, as amigas de sua mãe começaram a se deslocar da sala para a cozinha para participar da fofoca. Sua mãe finalmente se juntou a elas. “Há muito tempo penso que, se fizesse do seu jornal um veículo de escândalo, *dobraria o número de assinantes.*”

As defesas jocosas de Franklin dos abelhudos estão entre os artigos mais divertidos que escreveu e definem o tom jovial de seu jornal. Em razão de sua

personalidade gregária e de seu fascínio pela natureza humana, ele apreciava histórias sobre o comportamento e as fraquezas das pessoas e compreendia por que os leitores também gostavam disso. Mas é evidente que ele não era totalmente sério em sua defesa da fofoca. A outra parte de sua personalidade era mais grave: sempre decidia não falar mal de ninguém. Em consequência, brincava no *Gazette* com a defesa da fofoca, porém, na realidade, não se dava muito ao gosto de praticá-la. Por exemplo, em um número do jornal anunciou ter recebido uma carta que descrevia as divergências e a conduta de um determinado casal, “mas, por razões de caridade, não julgamos que a referida carta seja digna de publicação no momento”.²⁰

Da mesma forma, era ambíguo ao escrever sobre bebida. Era um homem moderado que, não obstante, gostava da jovialidade das tabernas. Em um artigo famoso do *Gazette*, destinado a virar cartaz em incontáveis bares, ele produziu um “dicionário do bebedor”, em que listava 250 ou mais sinônimos para a palavra “bêbado” em inglês, tais como “*addled... afflicted... biggy... boozy... busky... buzzey... cherubimical... cracked... halfway to Concord...*”. Contudo, ele também assustava os leitores com notícias sobre mortes de bêbados e escrevia editoriais sobre o efeito “venenoso” das bebidas alcoólicas. Quando impressor em Londres, havia advertido seus colegas de trabalho sobre o fato de que as bebidas fortes os tornavam menos diligentes e continuou essa cruzada quando foi editor na Filadélfia.²¹

Franklin também aperfeiçoou a arte de fazer troça de si mesmo. Ele percebeu, tal como os humoristas norte-americanos posteriores, que um pouco de autodepreciação irônica poderia fazê-lo parecer mais cativante. Em uma pequena nota no *Gazette*, contou como “certo impressor” estava caminhando pelo cais quando escorregou e enfiou a perna em um barril de alcatrão. Sua fuga desajeitada o lembrou do ditado sobre ser “tão ágil quanto uma abelha em um barril de alcatrão”. Franklin terminava a nota com um pequeno jogo de palavras: “É verdade que ele não era abelha de mel, nem uma abelha humilde, mas um estúpido que lhe era permitido ser, ou seja B. F.”.²²

No início da década de 1730, o negócio de Franklin prosperava. Ele começou a construir um pequeno império enviando seus jovens trabalhadores, depois de terem servido como aprendizes, para montar gráficas em parceria em lugares que iam de Charleston a Hartford. Ele arcava com as prensas e parte das despesas, bem como com alguns conteúdos para as publicações e, em troca, ficaria com uma parcela da receita.

Agora que estava estabelecido no negócio, Franklin viu-se carente de uma boa esposa. O celibato era malvisto na América colonial e Franklin tinha um apetite sexual que sabia que exigia disciplina. Então decidiu encontrar uma companheira, de preferência acoplada a um dote.

Alojados em sua casa estavam um amigo da Junta, o vidraceiro e matemático Thomas Godfrey e sua esposa, que cuidava das refeições e das tarefas domésticas. A sra. Godfrey propôs união com uma de suas sobrinhas, que Franklin achou “muito digna”, e seguiu-se uma corte. Como os dotes eram comuns, Franklin tentou negociar o seu por intermédio da sra. Godfrey: cerca de cem libras esterlinas, o montante que ele ainda devia no seu negócio de impressão. Quando a família da moça respondeu que não poderia despendar essa quantia, Franklin sugeriu de forma não muito romântica que eles poderiam hipotecar sua casa.

A família da moça rompeu imediatamente o relacionamento, fosse por indignação, fosse (como Franklin suspeitou) na esperança de que o namoro tivesse ido tão longe que eles fugiriam sem o dote. Ressentido, Franklin recusou-se a ter qualquer relação com a moça, mesmo depois de a sra. Godfrey sugerir que eles estavam abertos a negociações.

Não foi somente o namoro que acabou, mas também outra amizade de Franklin. Godfrey mudou-se de sua casa, retirou-se da Junta e entregou a impressão de seu pequeno almanaque a Bradford, o concorrente de Franklin. Anos mais tarde, Franklin escreveu com desdém sobre o homem que outrora compartilhara sua casa, seu clube e, presumivelmente, seu afeto. Godfrey “não era um companheiro agradável; como a maioria dos grandes matemáticos que conheci, ele esperava uma precisão incomum em tudo o que fosse dito, ou estava sempre negando ou distinguindo ninharias, perturbando toda conversa”.

O aborrecimento de Franklin também o levou, não muito tempo depois, a satirizar a situação no *Gazette*, utilizando o pseudônimo de Anthony Afterwit. O “comerciante honesto” reclama que, quando estava cortejando sua esposa, o pai dela deu a entender que ele poderia ganhar um bom dote, e ele “fez belos planos” para gastar o dinheiro. “Quando o velho cavalheiro viu que eu estava bastante envolvido e que a relação havia ido longe demais para ser facilmente rompida, ele [...] proibiu-me de entrar em sua casa e disse à filha que, se ela se casasse comigo, não lhe daria um centavo.” Afterwit, ao contrário do Franklin real, fugiu com a moça. “Desde então aprendi que existem velhos rabugentos que lançam mão desse truque para casar suas filhas e ainda ficar com o que podem economizar.”

(O ensaio de Anthony Afterwit teve um efeito colateral interessante. Sua esposa fictícia, Abigail Afterwit, era o nome de uma personagem criada quase uma década antes por James, o irmão afastado de Franklin, no *New England Courant*. James, que se mudara para Rhode Island, reproduziu o artigo de

Anthony Afterwit em seu jornal com a resposta de uma certa Patience Teacraft. Por sua vez, Benjamin reproduziu a resposta em seu jornal da Filadélfia e, no ano seguinte, visitou seu irmão para uma reconciliação emocionante. James não estava bem de saúde e implorou ao irmão mais moço que cuidasse de seu filho de dez anos. Benjamin providenciou a educação do menino e o tomou como aprendiz. Um tema dominante na autobiografia de Franklin é o de cometer erros e depois fazer reparações, como se fosse um contador moral fazendo o balanço de suas contas. Segundo ele, fugir de seu irmão foi “uma das primeiras erratas da minha vida”. Ajudar o filho de James era a maneira de zerar as contas no livro-razão. “Desse modo, dei ampla reparação ao meu irmão pelo serviço de que o havia privado, deixando-o tão cedo.”)

Depois que a corte à sobrinha da sra. Godfrey foi abandonada, Franklin explorou os arredores em busca de outras possíveis noivas, mas descobriu que jovens impressores não eram valorizados o suficiente para merecer um dote justo. Ele não poderia esperar dinheiro, a menos que fosse para casar com uma mulher que “eu deveria julgar apenas agradável”. Em sua autobiografia, que começou anos mais tarde, como uma carta ao filho ilegítimo que teve enquanto procurava uma esposa, Franklin escreveu uma frase memorável: “Nesse meio-tempo, aquela paixão da juventude difícil de ser governada frequentemente me apressara a entrar em intrigas com mulheres baixas que caíam em meu caminho, que foram atendidas com alguma despesa e grande inconveniência”.²³

Deborah Read, a menina que havia rido dele quando ele chegou à Filadélfia, também estava em uma situação bastante desesperada. Depois que Franklin a deixou para morar em Londres, ela havia recebido somente uma breve carta dele. Então, cometeu o erro de se casar com um oleiro encantador, mas não confiável, chamado John Rogers. Ele era incapaz de ganhar a vida e Deborah logo ouviu rumores de que havia abandonado uma mulher na Inglaterra. Ela voltou a morar com a mãe, Rogers roubou um escravo e fugiu para as Índias Ocidentais, deixando para trás uma dívida pesada. Embora houvesse relatos de que ele morreria em uma briga, não havia confirmação disso, o que significava que Deborah teria dificuldade para se casar legalmente de novo. A bigamia era um crime punível com 39 chicotadas e prisão perpétua.

Desde a morte do pai de Deborah, sua mãe ganhava a vida com dificuldade vendendo medicamentos caseiros. Um anúncio impresso por Franklin diz: “A viúva Read [...] continua a fazer e vender sua bem conhecida pomada para coceira, com a qual tem curado muitas pessoas [...] A pomada também mata ou afasta todos os tipos de piolho com uma ou duas vezes de uso”. Franklin visitava com frequência as Read, aconselhava-as sobre questões comerciais e tinha pena da desanimada Deborah. Ele se culpava pela situação dela, embora a sra. Read assumisse a maior parte da culpa por não ter permitido o casamento dos dois antes da ida de Franklin para Londres. Felizmente para todos, de acordo

com Franklin, “nosso afeto mútuo reavivou-se”.

Naquela época, Franklin desenvolveu um método para tomar decisões difíceis. “Minha maneira é dividir uma folha de papel com uma linha em duas colunas, escrevendo no topo de uma *Pró* e no da outra *Contra*”, recordou mais tarde. Depois listava todos os argumentos de cada lado e pesava a importância de cada um. “Quando encontrava dois, um de cada lado, que pareciam iguais, riscava ambos; se encontrasse uma razão *pró* igual a duas razões *contra*, riscava as três.” Por esse cálculo de guarda-livros, ficava claro para ele “onde está o equilíbrio”.

Não sabemos quão exata foi sua decisão, mas a balança das considerações acabou por se inclinar para o lado de Deborah e, em setembro de 1730, eles passaram a viver juntos em concubinato. Não houve cerimônia oficial. Em vez disso, eles estabeleceram um tipo de arranjo informal que serviria para protegê-los das acusações de bigamia, caso Rogers reaparecesse inesperadamente. Mas isso nunca aconteceu. Franklin considerava sua união com Deborah, tal como sua reconciliação com seu irmão, um exemplo de retificação de um erro anterior. “Desse modo, corrigi aquele grande erro do melhor modo que pude”, escreveu mais tarde sobre o mau tratamento que destinara à Deborah jovem.

Franklin é frequentemente descrito como (ou acusado de ser) muito mais prático do que romântico, um homem da razão em vez do coração. A história de seu concubinato com Deborah oferece algum fundamento para essa visão. Mas também ilustra algumas complexidades do seu caráter: seu desejo de domar suas paixões difíceis de governar por meio da praticidade e o carinho genuíno que sentia por companheiros afins. Ele não era dado a compromissos cheios de arroubos e emoção ou amor poético; em vez disso, seus apegos emocionais tendiam a ser os laços mais prosaicos de afeto que se desenvolviam a partir de parceria, interesse pessoal, colaboração, camaradagem e afinidade bem-humorada.

Uma esposa que trouxesse um dote provavelmente traria também ares e aspirações sociais caras. Em vez disso, Franklin descobriu “uma companheira boa e fiel”, frugal, prática e sem pretensões, traços que, depois ele observou, eram muito mais valiosos para um comerciante em ascensão. A união deles foi mutuamente útil, embora não muito romântica, até a morte de Deborah, 44 anos mais tarde. Como Franklin faria Pobre Ricardo pronunciar em breve em seu almanaque: “Mantenha os olhos bem abertos antes do casamento, um pouco fechados depois”.²⁴

O novo casamento tinha pela frente uma grande complicação. Franklin tornou-se pai e assumiu sozinho a custódia de um filho ilegítimo chamado William, que era com toda probabilidade a “grande inconveniência”, como friamente escreveu em sua autobiografia, o resultado de consorciar-se com “mulheres baixas”.

A identidade da mãe de William é um dos mistérios deliciosos da história e fonte de especulação entre os estudiosos. Franklin nunca revelou o segredo, tampouco William, se é que sabia. Na verdade, até mesmo a data de seu nascimento é incerta. Começemos por aí.

A maioria dos historiadores diz que William nasceu em algum momento entre 12 de abril de 1730 e 12 de abril de 1731. Essa afirmação baseia-se em uma carta que Franklin escreveu para sua mãe em 12 de abril de 1750, em que se refere a William, “agora com dezenove anos de idade, um jovem alto e respeitável, e muito de um dândi”.

Willard Sterne Randall, em *A Little Revenge* [Uma pequena vingança], relato fascinante, embora um pouco especulativo, do relacionamento conturbado de Franklin com seu filho, questiona a data. Em setembro de 1746, William saiu de casa com uma patente de alferes numa expedição militar ao Canadá, e Randall argumenta ser improvável que ele tivesse apenas quinze ou dezesseis anos. Talvez, ao escrever para sua mãe, Franklin tivesse tirado um ou dois anos da idade de William para fazê-lo parecer legítimo. Da mesma forma, o metuculo J. A. Leo Lemay, estudioso de Franklin, no site que detalha a vida de Franklin, supõe que ele nasceu em 1728 ou 1729, como acreditam alguns biógrafos do século XIX.

No entanto, sabemos que, antes de ser autorizado a se alistar, talvez em algum momento do início de 1746, William tentou fugir para o mar, e seu pai teve de buscá-lo em um navio no porto, o que indica que, de fato, ele não teria mais do que quinze ou dezesseis anos na época (seu pai havia pensado em fugir para o mar aos doze, e fugiu para a Filadélfia aos dezessete). A biografia abrangente de William escrita por Sheila Skemp faz parecer bastante lógico que ele tenha partido com os militares aos dezesseis anos, bem depois de ter terminado sua instrução escolar. Além disso, William foi o responsável pela crença registrada em uma revista de que estava com 82 anos quando morreu, em 1813 (o que localizaria seu nascimento no final de 1730 ou início de 1731).

No fim das contas, uma vez que ninguém jamais negou a ilegitimidade de William, faz sentido acreditar que Franklin disse a verdade para a mãe, quando se referiu à idade do filho; também faz sentido acreditar que William nunca foi (intencionalmente ou não) enganado sobre sua idade. Com base nessas premissas, é provável que ele tenha nascido na época em que Deborah começou a viver com Franklin, no final de 1730.²⁵

Se esse for o caso, sua mãe poderia ser Deborah, como alguns estudiosos

especulam? O concubinato teria sido parcialmente causado pela gravidez, ao mesmo tempo que a origem de William permanecia obscura, caso Rogers reaparecesse e a acusasse de bigamia e adultério? Carl Van Doren especula: “Haveria certamente um escândalo. Mas é claro que seria menor se a criança parecesse ser de Franklin e de uma mãe desconhecida. O filósofo vigoroso poderia levar toda a culpa”.

Essa teoria, entretanto, não suporta um exame minucioso. Se Deborah estava grávida e deu à luz, haveria certamente amigos e parentes, inclusive sua mãe, que saberiam disso. Segundo H. W. Brands:

Mesmo depois que a passagem dos anos excluiu qualquer preocupação com Rogers, Debbie se recusou a reivindicar William como seu — uma omissão impossível de imaginar em qualquer mãe, muito menos numa que teve que ver de perto seu filho sendo rotulado de bastardo a vida toda.

Ao contrário, ela era abertamente hostil a ele. De acordo com um funcionário que trabalhou mais tarde para a família, Deborah chamava William de “o maior vilão sobre a terra” e lhe lançava “invectivas nos termos mais sujos que já ouvi de uma senhora”.²⁶

Em 1764, durante uma eleição acalorada, a paternidade de William se tornou uma questão a ser explorada. Um panfleto abusivo acusava-o de ser filho de uma prostituta chamada Barbara, que havia sido posteriormente explorada pelos Franklin como criada até sua morte e foi enterrada em uma cova sem identificação. Tendo em vista a natureza difamatória dessa campanha e da improbabilidade de que qualquer um dos Franklin pudesse ter suportado a presença da verdadeira mãe de William como criada, isso também parece implausível.

A melhor explicação vem de uma carta sobre William de 1763, redescoberta mais de dois séculos depois, escrita por George Roberts, um próspero comerciante da Filadélfia e amigo próximo da família, para um amigo em Londres:

Aqui é amplamente sabido que seu nascimento é ilegítimo e que sua mãe não está em boas circunstâncias, mas o relato de que mendiga pão nas ruas desta cidade não tem o menor fundamento. É de meu conhecimento que ele dá a ela uma pequena provisão, porém, como não é das mulheres mais agradáveis, isso impede que se mostre atenção especial, ou que pai e filho admitam qualquer ligação com ela.

Como Roberts estava provavelmente em posição de saber, e como não tinha nenhum motivo oculto, julgamos que essa seja a melhor explicação.²⁷

UMA COMPANHEIRA FRUGAL

Na autobiografia (que exalta 36 vezes as virtudes da “diligência” e “frugalidade”), Franklin escreveu a respeito de sua esposa: “Foi uma sorte para mim ter alguém tão disposto à diligência e à frugalidade quanto eu”. Ele lhe dá ainda mais mérito em uma carta escrita mais tarde, perto do fim de sua vida: “A frugalidade é uma virtude enriquecedora, uma virtude que eu jamais poderia adquirir sozinho, mas que tive a sorte de encontrar em uma mulher, que assim se tornou uma fortuna para mim”. Para Franklin, isso passava por amor verdadeiro. Deborah ajudava-o na gráfica, costurava panfletos e comprava trapos para a fabricação de papel. No início, pelo menos, não tinham criados e Franklin comia seu mingau de pão e leite todas as manhãs em uma tigela barata.

Em anos posteriores, depois que um conflituoso Franklin havia desenvolvido certo gosto pela elegância, ao mesmo tempo que se aferrava à admiração pela frugalidade, ele ironicamente contou um pequeno lapso por parte de Deborah que mostrava “como o luxo entra nas famílias e faz progressos, apesar dos princípios”. Um dia, ele chegou para o café da manhã e o encontrou servido em uma tigela de porcelana com uma colher de prata. Deborah as comprara pela “quantia enorme” de 23 xelins, sem “nenhuma desculpa ou pedido de desculpas a fazer, a não ser que achava que seu marido merecia uma colher de prata e uma tigela de porcelana, como qualquer um de seus vizinhos”. Com uma mistura cômica de orgulho e desdém, Franklin lembrava como, ao longo de muitos anos, à medida que sua riqueza crescia, eles acabaram adquirindo porcelanas e mobiliário que valiam várias centenas de libras.

Quando soube que sua irmã mais nova, Jane, planejava se casar, Franklin escreveu-lhe uma carta que refletia sua concepção de que uma boa esposa deveria ser frugal e diligente. Havia pensado em lhe mandar uma mesa de chá, disse ele, mas sua natureza prática levou a melhor. “Quando pensei que o caráter de uma boa dona de casa era muito mais importante do que ser apenas uma dama bonita, resolvi enviar-lhe uma roda de fiar.” O Pobre Ricardo em breve diria em seu primeiro almanaque: “Muitas heranças são gastas em comprar/ pois as mulheres pelo chá abandonaram fiar e tricotar”.²⁸

A virtude da frugalidade também era um dos temas favoritos do jovem Franklin em seus escritos para jornal. Na carta de Anthony Afterwit, depois da reclamação por ter de fugir sem dote, ele passa a ridicularizar sua esposa por adotar os ares e os hábitos de consumo de uma dama rica. Primeiro, ela paga por

um espelho chique, que então requer uma boa mesa sobre a qual repousar, depois, um serviço de chá, e por fim um relógio. Enfrentando dívidas crescentes, Anthony decide vender essas coisas quando sua mulher sai da cidade a fim de visitar parentes. Para substituir a mobília elegante, compra uma roda de fiar e algumas agulhas de tricô. Ele pede ao *Gazette* que publique a carta para que ela a leia antes de seu retorno e, desse modo, esteja preparada. “Se ela puder conformar-se com esse novo esquema de vida, seremos o casal mais feliz da província.” E depois, como recompensa, ele talvez a deixe ter de volta o belo espelho.

Menos sexista do que a maioria dos homens de sua época, Franklin também direcionava suas farpas aos homens. A carta de Afterwit foi respondida duas semanas depois por outra criação de Franklin, Celia Single [Solteira]. Com a deliciosa voz fofoqueira de suas outras personagens femininas, como Silence Dogood e Alice Addertongue, Single narra uma visita a uma amiga cujo marido está tentando reproduzir o método de Afterwit. Segue-se uma discussão estridente. “Não há pecado nem vergonha em tricotar um par de meias”, diz o marido. Ela responde: “Há mulheres pobres o suficiente na cidade que podem tricotar”. Single por fim vai embora, “sabendo que um homem e sua esposa estão dispostos a brigar mais violentamente quando diante de estranhos do que quando sozinhos”. Mais tarde, ela fica sabendo que a linha de tricô acabou na lareira.

Single (ou melhor, Franklin) admoesta Franklin por publicar mais histórias de mulheres amantes da boa vida do que de homens. “Se eu estivesse disposta a ser uma crítica rigorosa, poderia dar-lhe muitos exemplos”, diz ela, e começa a recitar uma longa lista de homens que perdem seu tempo jogando sinuca, dados ou damas e compram roupas extravagantes. Por fim, Franklin faz com que ela cutuque habilmente o véu de sua pseudonímia. “Há buracos suficientes para serem escolhidos em seu casaco, assim como no de outros; e aqueles que se sentem afrontados pelas sátiras que você pode publicar não considerarão tanto quem escreveu quanto quem imprimiu.”²⁹

Em tom mais sério e menos moderno, Franklin publicou, quatro semanas após seu casamento, “Regras e máximas para promover a felicidade matrimonial”. O texto começava com um hino ao casamento, “o alicerce mais seguro e duradouro do conforto e do amor”. No entanto, a insensatez de alguns que casam frequentemente faz com que ele seja “um estado da mais requintada desgraça e sofrimento”. Ele pedia desculpas por endereçar seu conselho às mulheres, pois os homens eram de fato mais defeituosos, “mas a razão disso é porque eu as considero mais bem-dispostas a recebê-los e a praticá-los”.

Entre suas regras estavam: evitar todos os pensamentos de controlar o marido, nunca enganá-lo ou deixá-lo desconfortável, aceitar que ele “é um homem, não um anjo”, “decidir todas as manhãs ser bem-humorada e alegre”,

lembrar da palavra “obedecer” em seus votos matrimoniais, não discutir com ele e “negar a si mesma a satisfação trivial de ter vontade própria”. O poder e a felicidade de uma mulher, segundo Franklin, “não têm outro fundamento senão a estima e o amor de seu marido”. Portanto, uma esposa deve “compartilhar e aliviar as preocupações dele, e com a máxima diligência esconder as fraquezas que venha a ter”. No tocante ao sexo: “Deixe que a ternura do seu amor conjugal se expresse com tal decência, delicadeza e prudência que possa parecer clara e completamente distinta da afeição planejada de uma prostituta”.³⁰

Os ensaios e as cartas ficcionais de Franklin deixam claro que de sua união com Deborah faziam parte algumas concepções tradicionais sobre o matrimônio: as esposas devem dar apoio, os lares devem ser dirigidos de forma frugal e diligente. Felizmente para ele, Deborah tendia a compartilhar esses pontos de vista. Em geral, ela tinha gostos simples, disposição para trabalhar e um desejo de agradar o marido. Claro que, como Franklin poderia ter apontado, o mesmo poderia ser dito dele naquela época.

E assim eles estabeleceram uma parceria que era ao mesmo tempo mais e menos do que um casamento convencional. Colaboradora incansável, tanto em casa como no trabalho, Deborah cuidava da maioria das contas e expandiu o estoque da loja para incluir pomadas feitas por sua mãe, sabão feito por parentes de Franklin em Boston, café, chá, chocolate, açafrão, queijos, peixes e vários outros artigos. Ela forçava os olhos encadernando livros e costurando roupas à luz de velas. E, embora a ortografia e a escolha das palavras refletissem sua falta de instrução — o *sexton* [sacristão] da igreja foi anotado como *seck stone* e uma cliente foi chamada de “Mary the Papist”, [Maria, a papista] —, suas copiosas anotações no livro da loja são um registro delicioso da época.

A afeição de Franklin por ela cresceu do orgulho que ele sentia de sua diligência; muitos anos depois, quando estava em Londres argumentando perante a Câmara dos Comuns que impostos injustos acarretariam boicotes dos fabricantes britânicos, ele afirmou que nunca se sentira mais orgulhoso do que quando era um comerciante jovem e usava apenas roupas feitas por sua esposa.

Mas Deborah não era apenas uma parceira submissa ou mansa para o homem que ela costumava chamar (como ele a ela) de “minha criança querida” e a quem ela às vezes tratava publicamente por “papai”. Ela tinha um temperamento forte, que Franklin sempre defendia. “Você não sabe que todas as esposas têm razão?”, perguntou a um sobrinho que estava tendo uma discussão com Deborah. Logo após o casamento, ele escreveu um artigo intitulado “Uma esposa rabugenta”, em que defendia as mulheres assertivas dizendo que elas tendiam a ser “ativas no negócio da família, especiais boas donas de casa e muito cuidadas no que diz respeito aos interesses de seus maridos”.³¹

A única pintura existente de Deborah a faz parecer uma mulher sensível e determinada, gorducha e simples, mas não destituída de atrativos. Em uma carta

que Franklin lhe escreveu de Londres, anos mais tarde, ele descrevia uma caneca que estava enviando e a comparava a ela: “Apaixonei-me por ela à primeira vista, pois pensei que se parecia com uma dama gorda e alegre, limpa e arrumada, com um vestido caprichado de chita azul e branca, de boa índole e encantadora, que só me fez lembrar de — alguém”.

Era uma relação que não inspirava grandes versos românticos, mas produziu uma balada cativante que ele pôs na boca de Pobre Ricardo. Nela, Franklin prestava homenagem a “My Plain Country Joan” [Minha simples Joana do campo] e abençoava o dia em que se uniu a ela. Eis alguns versos:

*Not a word of her shape, or her face, or her eyes,
Of flames or of darts shall you hear:
Though I beauty admire, 'tis virtue I prize,
Which fades not in seventy years...
In peace and good order my household she guides,
Right careful to save what I gain;
Yet cheerfully spends, and smiles on the friends
I've the pleasure to entertain...
The best have some faults, and so has my Joan,
But then they're exceedingly small,
And now, I'm used to 'em, they're so like my own.
I can scarcely feel them at all.^f*

[...]

Ao longo dos anos, Franklin superaria Deborah de muitas maneiras. Embora compartilhassem valores, ele era muito mais mundano e intelectual do que ela era, ou quis ser. Há alguns indícios de que ela possa ter nascido em Birmingham e tenha sido levada para a América quando criança, mas, durante sua vida adulta, parece nunca ter passado uma noite fora da Filadélfia. Morou a maior parte de sua vida na Market Street, a duas quadras da casa onde foi criada.

Franklin, por outro lado, adorava viajar e apesar de, em anos posteriores, ter expressado ocasionalmente alguma esperança de que ela o acompanharia, ele sabia que Deborah não estava inclinada a isso. Ele parecia pressentir que ela não se sentiria socialmente confortável nos novos domínios dele. Assim, sob esse aspecto, um respeitava a independência do outro, talvez ao extremo. Em quinze dos últimos dezessete anos da vida de Deborah, Franklin estaria longe, inclusive quando ela morreu. Não obstante, a afeição, o respeito e a lealdade mútuos — e o sentimento de parceria — perdurariam.³²

FRANCIS

Dois anos depois do casamento, em outubro de 1732, Deborah deu à luz um filho. Francis Folger Franklin, conhecido como Franky, era adorado por ambos os pais: seu retrato foi pintado quando ainda era bebê, e seu pai pôs um anúncio pedindo um tutor para os filhos quando Francis estava com dois anos e William com cerca de quatro. Pelo resto de sua vida, Franklin se maravilhariam com a lembrança de como Franky era precoce, curioso e especial.

Destinavam-se a ser apenas lembranças tristes. Em uma das poucas tragédias marcantes da vida de Franklin, Franky morreu de varíola logo após seu quarto aniversário. Para seu túmulo, Franklin escolheu um epitáfio simples: “A alegria de todos os que o conheceram”.

A amarga ironia era que Franklin se tornara um defensor fervoroso da vacinação contra a varíola, depois de tê-la ridicularizado no *New England Courant* quando trabalhava no jornal de seu irmão. Nos anos que antecederam o nascimento de Franky, ele escreveu um editorial no *The Pennsylvania Gazette* apoiando a vacinação e chegou a publicar estatísticas que comprovavam sua eficácia. Em 1730, por exemplo, escreveu o relato de uma epidemia em Boston em que a maioria das pessoas vacinadas foi poupada.

Ele havia planejado vacinar Franky, porém adiar a medida porque o menino estava com disenteria. Em um triste anúncio publicado em seu jornal uma semana após a morte do filho, Franklin negou rumores de que ele tenha morrido por ter sido vacinado. “Venho por este meio declarar sinceramente que ele não foi vacinado, mas recebeu a doença pelo caminho comum da infecção.” E prosseguia declarando sua crença de que a vacinação era “uma prática segura e benéfica”.

A memória de Franky foi uma das poucas a provocar reflexões dolorosas em Franklin. Quando sua irmã Jane lhe escreveu em Londres anos depois, com boas notícias sobre seus netos, Franklin respondeu que isso “traz de novo à minha mente a lembrança do meu filho Franky, morto há 36 anos, a quem eu raramente vi ser igualado em tudo, e em quem até hoje não posso pensar sem um suspiro”.³³

Para aumentar a pungência, Franklin havia escrito para seu jornal, enquanto Franky ainda estava vivo, uma reflexão involuntariamente profunda sobre “A morte de bebês”, ocasionada pela morte do filho de um vizinho. Com base em suas observações do pequenino Franky, ele descrevia a beleza mágica dos bebês:

Que juntas e dobradiças curiosas em que os membros são movidos para lá e para cá! Que variedade inimaginável de nervos, veias, artérias, fibras e

pequenas partes invisíveis se encontram em cada membro! [...] Que artifícios intermináveis para garantir a vida, nutrir a natureza e para propagar o mesmo para futuros animais!

Como poderia, perguntava então Franklin, “um Criador bom e misericordioso produzir miríades de tais mecanismos requintados para nenhum fim ou objetivo senão serem depositados nas câmaras escuras da sepultura” antes que tivessem idade suficiente para distinguir o bem do mal ou para servir a seus semelhantes e seu Deus? A resposta, ele admitia, estava “além de nosso alcance mortal” de entendimento. “Quando a natureza nos deu lágrimas, ela nos deu licença para chorar.”³⁴

A DEFINIÇÃO DE SEU DEUS

Quando tomamos o pulso espiritual de Franklin pela última vez, em Londres, ele havia escrito a sua mal concebida “Dissertação sobre liberdade e necessidade”, que atacava a ideia de livre-arbítrio e grande parte da teologia calvinista, panfleto que mais tarde repudiou como uma “errata” constrangedora. Isso o deixou em um dilema religioso. Ele já não acreditava nos dogmas recebidos de sua educação puritana, segundo a qual o homem só poderia alcançar a salvação pela graça de Deus, em vez de merecê-la por suas boas obras. Mas se sentia desconfortável abraçando uma versão simples e sem contraste do deísmo, o credo da era iluminista de que a razão e o estudo da natureza (e não a revelação divina) nos dizem tudo o que podemos saber sobre o Criador. Os deístas que ele conhecia, inclusive seu eu mais jovem, eram volúveis em sua moral.

Em seu retorno à Filadélfia, Franklin mostrou pouco interesse pela religião organizada e menos ainda em comparecer aos serviços dominicais. Ainda assim, continuava a ter algumas crenças religiosas básicas, entre elas “a existência da divindade” e que “o serviço mais aceitável de Deus era fazer o bem para o homem”. Era tolerante com todas as seitas, especialmente aquelas que trabalhavam para tornar o mundo um lugar melhor, e tratava de “evitar qualquer discurso que tenda a diminuir a boa opinião que o outro possa ter de sua própria religião”. Como acreditava que as igrejas eram úteis para a comunidade, pagava sua assinatura anual para apoiar o pastor presbiteriano da cidade, o reverendo Jedediah Andrews.³⁵

Um dia, Andrews o persuadiu a comparecer a seus sermões dominicais, o que Franklin fez por cinco semanas. Infelizmente, achou-os “desinteressantes e

pouco edificantes, pois nenhum princípio moral era inculcado ou imposto; seu objetivo parecia ser nos fazer antes bons presbiterianos do que bons cidadãos”. Em sua última visita, a leitura da Bíblia (Filipenses 4:8) estava relacionada à virtude. Era um tema caro a Franklin, e ele esperava que Andrews falasse sobre o conceito em seu sermão. Em vez disso, o ministro tratou apenas de dogma e doutrina, sem oferecer pensamentos práticos sobre a virtude. Franklin ficou “indignado” e voltou a passar seus domingos lendo e escrevendo por conta própria.³⁶

Ele começou a esclarecer suas crenças religiosas por meio de uma série de ensaios e cartas. Nesses textos, adotou um credo que duraria o resto de sua vida: uma versão virtuosa, moralmente fortificada e pragmática do deísmo. Ao contrário da maioria dos deístas puros, ele concluiu que era útil (e, portanto, provavelmente correto) acreditar que a fé em Deus deve animar nossas ações diárias; mas, como outros deístas, sua fé era desprovida de dogma sectário, espiritualidade flamejante, exame de consciência profundo, ou uma relação pessoal com Cristo.³⁷

O primeiro desses ensaios religiosos foi um texto “para meu uso privado”, escrito em novembro de 1728, intitulado “Artigos de crença e atos da religião”. Ao contrário de sua dissertação de Londres, que estava cheia de imitações complicadas da filosofia analítica, era elegante e sucinto. Começava com uma simples afirmação: “Acredito que existe um Ser Supremo perfeito”.³⁸

Era uma declaração importante, porque alguns deístas mais frouxos evitavam ir tão longe. Como brincou certa vez Diderot, um deísta é alguém que não viveu o suficiente para se tornar ateu. Franklin viveu muito tempo e, apesar das suspeitas de John Adams e de outros de que era um ateu enrustido, ele afirmava com frequência e cada vez mais sua crença em um Deus supremo.

Na tradição deísta, o Ser Supremo de Franklin era distante e não se envolvia em nossas labutas diárias. “Imagino que é uma grande vaidade supor que o Supremamente Perfeito olhe, por pouco que seja, para um nada tão insignificante como o homem”, escreveu ele. E acrescentou sua crença de que esse “Pai Infinito” estava muito acima de querer nosso louvor ou orações.

Há em todos os seres humanos, no entanto, um desejo e um dever profundamente sentido de cultuar um Deus mais íntimo, conjecturava Franklin. Portanto, o Ser Supremo faz com que haja deuses menores e mais pessoais para os homens mortais adorarem. Desse modo, Franklin combina duas coisas: o conceito deísta de Deus como Causa Primeira distante e a crença de outras religiões que adoram um Deus que se envolve diretamente na vida das pessoas. O resultado é um Ser Supremo que pode manifestar-se de várias maneiras, dependendo das necessidades dos diferentes fiéis.

Alguns comentaristas, notadamente A. Owen Aldridge, leem isso de maneira literal e consideram que Franklin adotava algum tipo de politeísmo, com

um bando de deuses menores supervisionando vários reinos e planetas. Ao longo de sua vida, Franklin se referiria ocasionalmente a “os deuses”, mas essas referências posteriores são bastante informais e coloquiais, e ele parece estar falando mais figurativa do que literalmente em seu artigo de 1728. Como Kerry Walters escreve em *Benjamin Franklin and His Gods* [Benjamin Franklin e seus deuses]: “É um erro presumir que apontam para um politeísmo literal. Essa conclusão é filosoficamente bizarra e textualmente injustificada”. (Tendo em vista as dificuldades que Franklin parece ter às vezes em acreditar em um único Deus, é improvável que pudesse acreditar em muitos.)³⁹

No mesmo ensaio, Franklin delineia sua concepção e o cultivo ao seu Deus pessoal. Isso incluía oferecer orações apropriadas, e Franklin apresentava uma liturgia de sua autoria. Exigia também agir com virtude, e fazia um cálculo moral muito pragmático e até um pouco utilitarista: “Acredito que Ele tem prazer e se deleita com a felicidade daqueles que criou; e, uma vez que sem virtude o homem não pode ter felicidade neste mundo, acredito firmemente que Ele se deleita em me ver virtuoso”.

Em um texto que leu posteriormente para seus amigos na Junta, Franklin estendeu-se a respeito de suas crenças religiosas, explorando a questão da “providência divina”, à medida que Deus se envolve em assuntos mundanos. Os puritanos acreditavam em um envolvimento detalhado e íntimo, chamado de “providência especial”, e rezavam habitualmente a Deus por intercessões muito específicas. Como disse o próprio Calvino: “Supor que Ele permanece tranquilamente no céu, sem se importar com o mundo, é uma afronta que priva Deus de todo o poder efetivo”. A maioria dos deístas, por outro lado, acreditava em uma “providência geral”, em que Deus expressa sua vontade por intermédio das leis da natureza que põs em movimento, em vez de administrar os detalhes de nossa vida cotidiana.

Como era típico, Franklin procurou uma resolução pragmática em sua palestra na Junta, que chamou de “Sobre a providência de Deus no governo do mundo”. Começava por pedir desculpas a “meus companheiros íntimos de libação” por ser pouco “qualificado” para falar sobre questões espirituais. Seu estudo da natureza o havia convencido de que Deus criou o universo e era infinitamente sábio, bom e poderoso. Ele então explorava quatro possibilidades: 1) Deus predeterminou e predestinou tudo o que acontece, eliminando qualquer possibilidade de livre-arbítrio; 2) Ele deixa as coisas acontecerem de acordo com as leis naturais e o livre-arbítrio de Suas criaturas, e nunca interfere; 3) Ele predestinou algumas coisas e deixou outras para o livre-arbítrio, mas mesmo assim nunca interfere; 4) “Ele às vezes interfere mediante Sua particular providência e põe de lado os efeitos que teriam sido produzidos por qualquer das causas acima”.⁴⁰

Franklin finalmente optou pela quarta possibilidade, não porque pudesse

prová-la, e sim porque resultava de um processo de eliminação e de uma percepção de qual crença seria mais útil para as pessoas. Qualquer uma das três primeiras significaria que Deus não é infinitamente poderoso, bom ou sábio. “Somos, então, necessariamente conduzidos para a quarta suposição.” Ele admitia que muitos julgam contraditório acreditar ao mesmo tempo que Deus é infinitamente poderoso e que os homens têm livre-arbítrio (esse foi o enigma que lhe causou um bloqueio na dissertação que escreveu em Londres e depois renegou). Mas, se Deus é de fato todo-poderoso, raciocinava Franklin, decerto ele é capaz de encontrar uma maneira de dar às criaturas que fez à Sua imagem um pouco do próprio livre-arbítrio.

A conclusão de Franklin tinha, como era de esperar, consequências práticas: as pessoas devem amar a Deus e “rezar a Ele por Sua graça e proteção”. Porém, ele não se afastava muito do deísmo: punha pouca fé no uso de orações para pedidos pessoais ou milagres específicos. Em uma carta irreverente que escreveu mais tarde a seu irmão John, calculou que 45 milhões de orações foram oferecidas em toda a Nova Inglaterra na busca da vitória sobre uma guarnição francesa fortificada no Canadá. “Se você não conseguir, temo que não terei senão uma opinião indiferente sobre as orações presbiterianas em tais casos, enquanto eu viver. Com efeito, no ataque a cidades fortes eu deveria depender mais de *obras* do que de *fé*.”

Acima de tudo, as crenças de Franklin eram guiadas pelo pragmatismo. A frase final de sua palestra na Junta ressaltava que era socialmente útil acreditar na versão da providência divina e do livre-arbítrio que ele propunha: “Essa religião será um poderoso regulador de nossas ações, nos dará paz e tranquilidade ao nosso espírito e nos tornará benevolentes, úteis e benéficos aos outros”.⁴¹

Nem todas as reflexões religiosas de Franklin eram sérias. Por volta da época em que leu esse ensaio na Junta, ele escreveu para seu jornal um conto chamado “Um julgamento de feiticeira em Mount Holly”, que era uma paródia deliciosa das crenças místicas puritanas em confronto com a experimentação científica. As acusadas de bruxaria deveriam submeter-se a dois testes: ser pesadas em uma balança contra o peso da Bíblia e ser jogadas no rio com mãos e pés atados para ver se flutuavam. Elas concordam em se submeter aos testes, com a condição de que duas das acusadoras fizessem o mesmo teste. Franklin descrevia o processo com detalhes vívidos de toda a pompa ridícula. Acusadas e acusadoras conseguem pesar mais do que a Bíblia. Contudo, as duas acusadas e uma das acusadoras não afundam no rio, o que indica tratar-se de bruxas. Os espectadores mais inteligentes concluem que a maioria das pessoas flutua naturalmente. As outras não têm tanta certeza e resolvem esperar até o verão, quando o experimento poderia ser refeito com as acusadas despidas.⁴²

O livre-pensamento de Franklin deixava sua família nervosa. Quando seus pais lhe escreveram preocupados com suas “opiniões equivocadas”, Franklin

respondeu com uma carta que expunha uma filosofia religiosa, baseada na tolerância e na utilidade, que seguiria durante toda a sua vida. Seria inútil, escreveu ele, que qualquer pessoa insistisse que “todas as doutrinas que defende são verdadeiras e todas as que rejeita são falsas”. O mesmo podia ser dito das opiniões de diferentes religiões. Elas deveriam ser avaliadas, dizia o jovem pragmático, por sua utilidade: “As opiniões devem ser julgadas por suas influências e efeitos; e, se um homem não tem nenhuma que tenda a torná-lo menos virtuoso ou mais vicioso, pode-se concluir que ele não tem nenhuma que seja perigosa, o que espero que seja o meu caso”. Ele via pouca utilidade nas distinções doutrinárias com que sua mãe se preocupava.

A religião vital sempre sofreu quando se leva mais em conta a ortodoxia do que a virtude. E a Bíblia me assegura que, no último dia, não seremos examinados por aquilo que *pensávamos*, e sim pelo que *fizemos* [...] que fizemos o bem para nossos semelhantes. Ver Mateus 26.

Seus pais, um pouco mais versados nas Escrituras, provavelmente perceberam que ele queria dizer Mateus 25. Não obstante, pararam de se preocupar com suas heresias.⁴³

O PROJETO DE PERFEIÇÃO MORAL

A reputação histórica de Franklin, tanto para discípulos quanto para detratores, foi moldada, em grande parte, pelo famoso projeto para atingir a “perfeição moral” que relatou em sua autobiografia. Esse esforço bastante estranho, que envolvia praticar sequencialmente uma lista de virtudes, parece ao mesmo tempo tão sério e mecânico que é impossível não admirá-lo ou ridicularizá-lo. Como zombou muito tempo depois o romancista D. H. Lawrence: “Ele fez para si mesmo uma lista de virtudes que trotou como um pangaré cinza em um cercado”.

Por isso, é importante observar as insinuações de ironia e autodepreciação em suas engraçadas recordações, escritas quando já estava com 79 anos, do que chamou ironicamente de “o ousado e árduo projeto de chegar à perfeição moral”. Seu relato tem pinceladas do mesmo tom de diversão com seu eu juvenil que encontramos nos pequenos contos que escreveu na França, na época em que compôs essa parte de sua autobiografia. Contudo, deve-se também notar que, quando jovem, ele parecia tratar seu programa de perfeição moral com

sinceridade cativante e, na velhice, parecia orgulhoso de seu valor.

Franklin começou sua busca quando terminaram suas visitas insatisfatórias aos serviços religiosos presbiterianos e começou a explicar seu próprio credo religioso. A tentativa era tipicamente pragmática. Não continha nenhuma filosofia abstrata nem referência a doutrinas religiosas. Como ele observou mais tarde com orgulho, não se tratava apenas de uma exortação para ser virtuoso, era também um guia prático sobre como alcançar esse objetivo.

Em primeiro lugar, ele fez uma lista de doze virtudes que achava desejáveis e para cada uma delas acrescentou uma breve definição:

Temperança: Não coma até o enfado; não beba até a exaltação.

Silêncio: Fale apenas o que pode beneficiar os outros ou a si mesmo; evite a conversa insignificante.

Ordem: Que todas as suas coisas tenham os seus lugares; que cada parte de seu negócio tenha seu tempo.

Resolução: Resolva realizar o que deve; realize sem falhar o que resolver.

Frugalidade: Não faça nenhum gasto senão para fazer o bem aos outros ou a si mesmo (isto é, não desperdice nada).

Diligência: Não perca tempo; esteja sempre empenhado em algo útil; corte todas as ações desnecessárias.

Sinceridade: Não utilize engano nocivo, pense com inocência e justiça e, se falar, fale de acordo com isso.

Justiça: Não seja injusto com ninguém, causando danos ou omitindo benefícios que são o seu dever.

Moderação: Evite extremos; refreie ressentir-se de danos tanto quanto acha que eles merecem.

Limpeza: Não tolere impureza no corpo, nas roupas ou na habitação.

Tranquilidade: Não se perturbe com ninharias, ou com acidentes comuns ou inevitáveis.

Castidade: Pratique raramente o ato sexual, senão para a saúde ou a procriação, nunca por tédio, fraqueza, ou para causar dano à paz ou à reputação sua ou de outrem.

Um amigo quacre “gentilmente” o informou de que ele havia deixado uma coisa de fora: Franklin não raro era acusado de “soberba”, disse o amigo, citando vários exemplos, e podia ser “arrogante e um tanto insolente”. Então

Franklin acrescentou “humildade” como a 13ª virtude de sua lista. “Imite Jesus e Sócrates.”⁴⁴

As descrições, como a notavelmente branda da castidade, eram bastante reveladoras. Assim como a própria iniciativa. Eram também, em sua paixão pelo aperfeiçoamento de si mesmo por meio da determinação diligente, encantadoramente americanas.

O foco de Franklin estava em características que poderiam ajudá-lo a ter sucesso neste mundo, em vez daquilo que exaltaria sua alma para o além. “Franklin celebrava um conjunto de virtudes caracteristicamente burguesas”, escreve o teórico social David Brooks. “Não são virtudes heroicas. Elas não incendiam a imaginação ou despertam paixões, como o amor aristocrático da honra. Não são virtudes particularmente espirituais. Mas são práticas e são democráticas.”

O conjunto de virtudes era também, como Edmund Morgan e outros apontaram, um pouco egoísta. Ele não inclui a benevolência ou a caridade, por exemplo. Mas, para sermos justos, devemos lembrar que se tratava de um plano de autoaperfeiçoamento de um comerciante jovem, não uma declaração plena de sua moralidade. A benevolência era, e continuaria a ser, um ideal motivador para ele, e a caridade, como observa Morgan, “era na verdade o princípio orientador da vida de Franklin”. O princípio fundamental de sua moralidade, ele declarou várias vezes, era “O serviço a Deus mais aceitável é fazer o bem para o homem”.⁴⁵

Dominar todas essas treze virtudes de uma só vez era “uma tarefa mais difícil do que eu imaginara”, relembrou Franklin. O problema era que, “enquanto estava empregado em me precaver contra um erro, eu era, com frequência, surpreendido por outro”. Então, decidiu enfrentá-los como uma pessoa que, “tendo um jardim para limpar, não tenta erradicar todas as ervas daninhas de uma só vez, o que excederia seu alcance e sua força, mas trabalha em um canteiro de cada vez”.

Nas páginas de um pequeno caderno, ele traçou um gráfico com sete colunas vermelhas para os dias da semana e treze linhas para suas virtudes. As infrações eram marcadas com um ponto preto. Na primeira semana, ele se concentrou na temperança, tentando manter essa linha vazia, sem se preocupar com as demais. Com essa virtude fortalecida, ele poderia voltar sua atenção para a próxima, o silêncio, na expectativa de que a linha de temperança também se mantivesse vazia. No decorrer do ano, completaria quatro vezes o ciclo de treze semanas.

“Fiquei surpreso ao me descobrir muito mais cheio de falhas do que eu imaginava”, observou friamente. Na realidade, seu caderno de notas encheu-se de furos à medida que ele apagava as marcas, a fim de reutilizar as páginas. Então, ele transferiu seus gráficos para placas de marfim que poderiam ser

limpas com mais facilidade.

Sua maior dificuldade era com a virtude da ordem. Ele era um homem desleixado e acabou por se orientar pelo fato de que era tão ocupado e tinha uma memória tão boa que não precisava ser organizado demais. Comparou-se ao homem apressado que leva seu machado para ser polido, porém depois de um tempo perde a paciência e declara: “Acho que gosto mais de um machado manchado”. Além disso, como lembrou com humor, desenvolveu outra racionalização conveniente: “Algo que fingia ser a razão me sugeria de vez em quando que essa minúcia extrema que eu exigia de mim poderia ser uma espécie de janotismo na moral que, se ficasse conhecido, me faria ridículo aos olhos dos outros; que um caráter perfeito podia ser acompanhado pelo inconveniente de ser invejado e odiado”.

A humildade também era um problema. “Não posso jactar-me de muito sucesso na aquisição da *realidade* dessa virtude, entretanto tive uma boa quantidade no que diz respeito à sua *aparência*”, escreveu ele, repetindo o que tinha dito sobre como havia adquirido a aparência de diligência ao empurrar rolos de papel pelas ruas da Filadélfia. “Talvez não exista uma paixão natural tão difícil de subjugar como o orgulho; disfarce-o, lute com ele, derrote-o, sufoque-o, mortifique-o quanto quiser, ele ainda está vivo e de vez em quando vai espreitar e mostrar-se.” Essa batalha contra o orgulho o desafiaria — e também o divertiria — pelo resto de sua vida. “Você o verá talvez com frequência nesta história. Pois mesmo que eu pudesse pensar que consegui superá-lo por completo, eu provavelmente estaria sendo orgulhoso a respeito da minha humildade.”

De fato, ele sempre sentiria um pouco de orgulho ao falar de seu projeto de perfeição moral. Cinquenta anos depois, ao flertar com as damas da França, apresentaria as placas de marfim antigas e exibiria suas virtudes, fazendo com que um amigo francês exultasse ao tocar “nesse livretinho precioso”.⁴⁶

O CREDO ILUMINISTA

Esse plano para perseguir a virtude, combinado com a visão religiosa que havia formulado, estabeleceu os alicerces de um credo que durou toda a sua vida. Baseava-se no humanismo pragmático e na crença em uma divindade benevolente, mas distante, que era mais bem servida com a prática da boa vontade em relação aos outros. As ideias de Franklin nunca amadureceram a ponto de se tornarem uma filosofia moral ou religiosa profunda. Seu foco estava mais na compreensão da virtude do que na graça de Deus, e ele baseava sua

crença antes na utilidade racional do que na fé religiosa.

Sua visão de mundo continha alguns vestígios de educação puritana, em especial uma inclinação para a frugalidade, a falta de pretensão e a crença de que Deus aprecia aqueles que são diligentes. Mas ele separava esses conceitos da ortodoxia puritana sobre a salvação dos eleitos e de outros princípios que não considerava úteis para melhorar a conduta terrena. Para o professor de Yale A. Whitney Griswold, sua vida mostra “o que os hábitos puritanos desvinculados de crenças puritanas eram capazes de realizar”.

Franklin também era muito menos introspectivo do que Cotton Mather ou outros puritanos. Na verdade, ele zombava de profissões de fé que tinham pouco propósito mundano. Como diz A. Owen Aldridge: “Os puritanos eram conhecidos por sua introspecção constante, pela preocupação com os pecados, reais ou imaginários, e sofriam com a incerteza de sua salvação. Absolutamente nada desse exame de consciência aparece em Franklin. Pode-se examinar sua obra da primeira à última página sem encontrar um único sinal de ansiedade espiritual”.⁴⁷

Da mesma forma, ele via pouca utilidade na subjetividade sentimental da era romântica, com sua ênfase no emocional e inspirador, que começou a predominar na Europa e depois na América durante a última parte de sua vida. Em consequência, seria criticado por autores românticos como Keats, Carlyle, Emerson, Thoreau, Poe e Melville.⁴⁸

Em vez disso, se encaixava perfeitamente na tradição — foi, de fato, o primeiro grande exemplar americano — do Iluminismo e sua Idade da Razão. Esse movimento, que cresceu na Europa no final do século XVII, se definia pela ênfase na razão e na experiência observável, por uma desconfiança da ortodoxia religiosa e da autoridade tradicional e pelo otimismo em relação à educação e ao progresso. A essas características Franklin acrescentou elementos de seu pragmatismo. Ele foi capaz (como observaram o romancista John Updike e o historiador Henry Steele Commager, entre outros) de reconhecer as energias inerentes ao puritanismo e libertá-las do dogma rígido para que pudessem florescer na atmosfera livre-pensadora do Iluminismo.⁴⁹

Em seus textos sobre religião escritos ao longo das cinco décadas seguintes, Franklin raramente demonstrou muito fervor. Isso porque, em grande medida, achava que era inútil tratar de questões teológicas sobre as quais não tinha provas empíricas e, portanto, nenhuma base racional para formar uma opinião. Os raios do céu eram, para ele, uma coisa a ser capturada por uma linha de pipa e estudada.

Em consequência, era um profeta da tolerância. Achava que se concentrar em disputas doutrinárias causava divisões e tentar averiguar certezas divinas estava além de nossa compreensão mortal. Também não considerava tais esforços socialmente úteis. O objetivo da religião deveria ser tornar o homem

melhor e aperfeiçoar a sociedade, e qualquer seita ou credo que fizesse isso estaria bom para ele. Ao descrever em sua autobiografia seu projeto de aperfeiçoamento moral, ele observa:

Não havia nele nenhuma marca de algum princípio distintivo de uma seita em particular. Evitei-os de propósito; pois, estando totalmente convencido da utilidade e excelência de meu método, e que ele pode ser útil para pessoas de todas as religiões, e tencionando publicá-lo em algum momento, eu não acrescentaria nada que predispuesse alguém, de qualquer seita, contra ele.

Essa simplicidade do credo de Franklin fez com que fosse desdenhado pelos sofisticados e desclassificado para inclusão no cânone da filosofia profunda. Albert Smyth, que compilou volumes de documentos de Franklin no século XIX, proclamou: “Sua filosofia nunca foi além das máximas caseiras da prudência mundana”. Franklin, entretanto, admitia abertamente que seus pontos de vista religiosos e morais não se baseavam em análises profundas ou no pensamento metafísico. Perto do final de sua vida, ele declarou a um amigo: “Repugnou-me a grande incerteza que encontrei nos raciocínios metafísicos, e troquei esse tipo de leitura e estudo por outros mais satisfatórios”.

O que ele achava mais satisfatório — mais do que a metafísica, a poesia ou os sentimentos românticos exaltados — era olhar para as coisas de forma pragmática e prática. Será que tinham consequências benéficas? Para ele, havia uma ligação entre a virtude cívica e a virtude religiosa, entre servir a seu semelhante e honrar a Deus. Ele não tinha vergonha da simplicidade desse credo, como explicou em uma carta amorosa para sua esposa: “Deus é muito bom para nós. Mostremos nossa consciência de Sua bondade para conosco continuando a fazer o bem aos nossos semelhantes”.⁵⁰

POBRE RICARDO E O CAMINHO PARA A RIQUEZA

O *Almanaque do Pobre Ricardo*, que Franklin começou a publicar no final de 1732, combinava os dois objetivos de sua filosofia de “dar-se bem fazendo o bem”: ganhar dinheiro e promover a virtude. A publicação tornou-se, no decorrer de seus 25 anos de existência, o primeiro grande clássico do humor americano. O fictício Poor Richard Saunders e sua rabugenta esposa Bridget (como seus

antecessores Silence Dogood, Anthony Afterwit e Alice Addertongue) ajudaram a definir o que se tornaria uma tradição dominante no humor popular americano: a sabedoria ingenuamente perversa e rústica de personagens desprezíveis que parecem ser um encanto de inocentes, mas são cortantes em relação às pretensões da elite e às asneiras da vida cotidiana. Pobre Ricardo e outros personagens desse tipo “aparecem como gente simples e cativante para melhor transmitir vislumbres perversos”, observa o historiador Alan Taylor. “Uma longa linhagem de humoristas, de Davy Crockett e Mark Twain a Garrison Keillor, ainda trabalha em cima dos protótipos criados por Franklin.”⁵¹

Os almanaques eram uma bela fonte de receita anual para um impressor — superavam facilmente até a Bíblia (porque se comprava um novo a cada ano). Na época, publicavam-se seis na Filadélfia, dois dos quais eram impressos por Franklin: o de Thomas Godfrey e o de John Jerman. Mas, depois de se desentender com Godfrey por causa da tentativa de casamento fracassada e de perder Jerman para seu rival, Andrew Bradford, no outono de 1732 Franklin se viu sem um almanaque para ajudar a tornar rentável sua gráfica.

Então ele montou o seu às pressas. No formato e no estilo, era como os outros almanaques, parecido principalmente com o de Titan Leeds, que publicava, tal como seu pai antes dele, a versão mais popular da Filadélfia. O nome Pobre Ricardo, um leve oximoro trocadilhesco, lembrava o *Almanaque do Pobre Robin*, que fora publicado por James, o irmão de Franklin. E Richard Saunders era o nome verdadeiro de um conhecido escritor de almanaque da Inglaterra do final do século XVII.⁵²

Franklin, no entanto, acrescentou seu toque característico. Utilizou seu pseudônimo para permitir-se certa distância irônica e armou uma rixa com seu rival ao prever e depois fabricar a morte de Titan Leeds. Como seu anúncio no *The Pennsylvania Gazette* prometia sem nenhuma modéstia:

Acaba de ser publicado para 1733: *Poor Richard: An Almanack* contendo as fases da lua, eclipses, movimentos e aspectos dos planetas, clima, nascimento e pôr do sol e da lua, maré cheia etc., além de muitos versos agradáveis e espirituosos, piadas e ditos, motivo de escrever do autor, previsão da morte de seu amigo, o sr. Titan Leeds [...] Por Richard Saunders, filomata, impresso e vendido por B. Franklin, preço 3s 6d por dúzia.⁵³

Anos mais tarde, Franklin lembraria que considerava seu almanaque um “veículo para transmitir instrução para a gente comum” e, portanto, o enchia de

provérbios que “inculcassem a diligência e a frugalidade como meio de adquirir riqueza e, desse modo, assegurar a virtude”. Na época, contudo, ele tinha também outro motivo, sobre o qual foi muito franco. A beleza de inventar um autor ficcional estava no fato de poder zombar de si mesmo, ao admitir, um pouco na brincadeira, por meio da pena do Pobre Ricardo, que o dinheiro era sua principal motivação. “Eu poderia, neste lugar, tentar ganhar seu favor, declarando que escrevo almanaques sem outro objetivo que o bem público, mas, assim fazendo, não seria sincero”, começava o primeiro prefácio de Pobre Ricardo. “A verdade simples é que sou excessivamente pobre, e minha esposa [...] ameaçou mais de uma vez queimar todos os meus livros e geringonças (como ela chama meus instrumentos) se eu não fizer uso rentável deles para o bem da minha família.”⁵⁴

Pobre Ricardo previu então a “morte inexorável” de seu rival Titan Leeds, e forneceu o dia e a hora exatos para esse acontecimento. Era uma brincadeira que tomara emprestada de Jonathan Swift. Leeds caiu na armadilha e, em seu almanaque de 1734 (escrito após a data prevista para sua morte), chamou Franklin de “escrevinhador convencido”, que se havia “revelado um tolo e mentiroso”. Franklin, com sua própria tipografia, teve o luxo de ler Leeds antes de publicar sua edição para 1734. Nela, Pobre Ricardo respondia que todos esses protestos difamatórios indicavam que o verdadeiro Leeds deveria estar realmente morto e que seu novo almanaque era uma farsa feita por outra pessoa. “O sr. Leeds era muito bem-educado para abusar de qualquer homem de forma tão indecente e difamatória; ademais, sua estima e afeição por mim eram extraordinárias.”

Em seu almanaque de 1735, Franklin novamente ridicularizou as respostas afiadas de seu “falecido” rival — “Titan Leeds, quando vivo, não me teria usado dessa maneira!” — e também apanhou Leeds num pequeno lapso de linguagem. Este havia declarado que era “falso” que ele mesmo tivesse previsto que iria “sobreviver até” a data em questão. Franklin retrucou que, se fosse falso que Leeds havia sobrevivido até então, ele deveria, portanto, estar “realmente defunto e morto”. “Está claro para todos que leram seus dois últimos almanaques que nenhum homem vivo escreveria ou poderia escrever tal coisa”, zombava o Pobre Ricardo.⁵⁵

Mesmo depois que Leeds morreu de verdade, em 1738, Franklin não cedeu. Publicou uma carta do fantasma admitindo “que eu realmente morri naquele momento, exatamente na hora que você mencionou, com uma variação de apenas cinco minutos e 53 segundos”. Franklin fazia então o fantasma emitir uma previsão sobre outro rival do Pobre Ricardo: John Jerman se converteria ao catolicismo no ano seguinte. Franklin manteve essa brincadeira por quatro anos, até quando obteve, mais uma vez, o contrato para imprimir o almanaque de Jerman. Mas o bom humor de Jerman se esgotou e, em 1743, ele levou seu

negócio de volta para Bradford. “O leitor pode esperar uma resposta de mim para R_____ S_____rs, pseudônimo B_____ F_____ns, quanto à maneira de provar que não sou protestante”, escreveu ele, acrescentando que devido “a esse desempenho espiritual [ele] não terá o benefício do meu almanaque deste ano.”⁵⁶

Franklin divertia-se escondendo-se por trás do véu do Pobre Ricardo, mas ocasionalmente também gostava de dar suas cutucadas. Em 1736, fez Pobre Ricardo negar rumores de que ele era apenas uma ficção. Ele não teria “tomado conhecimento nenhum de um relato tão ocioso, se não fosse por causa de meu impressor, a quem meus inimigos gostam de atribuir minhas produções, e que parece tão relutante em assumir a paternidade de minha prole quanto estou de perder o mérito dela”. No ano seguinte, Pobre Ricardo culpou seu impressor (Franklin) por causar alguns erros na previsão do tempo, mudando-a para encaixar-se nos feriados. E em 1739, lamentou que seu impressor embolsasse seus lucros, mas acrescentou: “Não guardo rancor dele; é um homem pelo qual tenho grande respeito”.

Sob muitos aspectos, Richard e Bridget Saunders refletiam Benjamin e Deborah Franklin. No almanaque de 1738, Franklin fez a Bridget ficcional escrever o prefácio do Pobre Ricardo. Isso foi pouco depois de Deborah Franklin ter comprado para seu marido a tigela de porcelana, bem no momento em que artigos do jornal de Franklin zombavam das pretensões de mulheres que adquirem gosto por serviços de chá elegantes. Bridget Saunders anunciava para o leitor que naquele ano havia lido o prefácio que seu marido escrevera, descobrira que ele havia “lançado algumas de suas velhas chacotas sobre mim” e o jogou fora. “Não posso cometer um ou dois pequenos erros que todo o país não os veja impressos! Já foi dito uma vez que sou orgulhosa, outra vez, que sou obstinada e que tenho uma saia nova, e várias coisas desse tipo. E agora — certamente! — todo o mundo precisa saber que a esposa do Pobre Rick deu ultimamente de gostar de tomar chá de vez em quando.” Para que a conexão não fosse perdida, ela observava que o chá foi “um presente do impressor”.⁵⁷

Infelizmente, os deliciosos prefácios anuais do Pobre Ricardo nunca se tornaram tão famosos quanto as máximas e provérbios que Franklin espalhava nas margens de seus almanaques todos os anos, como o mais famoso de todos: “Dormir cedo e acordar cedo faz um homem saudável, rico e sábio”. Franklin teria se divertido pela forma como eles foram fielmente elogiados por defensores subsequentes do autoaperfeiçoamento, e é provável que se divertisse ainda mais com os humoristas que mais tarde fizeram troça deles. Em um esboço com o título irônico de “O finado Benjamin Franklin”, Mark Twain zombou:

Como se fosse objetivo de qualquer menino ser saudável, rico e sábio com essas condições. A tristeza que essa máxima me custou, por intermédio de meus pais, que a experimentaram em mim, é impossível descrever. O resultado legítimo é o meu atual estado de debilidade geral, indigência e aberração mental. Meus pais costumavam me acordar antes das nove da manhã, quando eu era menino. Se eles tivessem me deixado dormir naturalmente, onde eu estaria agora? Seria um dono de loja, sem dúvida, e respeitado por todos.

Groucho Marx, em suas memórias, também abordou o tema:

Dormir cedo, acordar cedo, faz um homem você-sabe-o-quê. Isso é puro blá-blá-blá. A maioria das pessoas ricas que conheço gosta de dormir tarde e despedirá o criado se for perturbada antes das três da tarde [...] Você não vê Marilyn Monroe levantar-se às seis da manhã. A verdade é que não vejo Marilyn Monroe levantar-se a qualquer hora, o que é uma pena.⁵⁸

A maioria dos ditados do Pobre Ricardo não era, de fato, totalmente original, como o próprio Franklin admitia. Eles “continham a sabedoria de muitas eras e nações”, disse ele em sua autobiografia, e observou na última edição “que nem a décima parte da sabedoria era minha”. Até mesmo uma versão próxima de sua máxima de “dormir cedo e acordar cedo” havia aparecido em uma coleção de provérbios ingleses um século antes.⁵⁹

O talento de Franklin foi inventar algumas máximas novas e polir muitas antigas para torná-las mais concisas e expressivas. Por exemplo, o velho provérbio inglês “Peixe fresco e hóspedes novos fedem, mas só depois de três dias” foi transformado por ele em “Peixe e hóspedes fedem em três dias”. Da mesma forma, “Um gato agasalhado não é bom caçador de ratos” tornou-se “Gatos de luvas não pegam ratos”. Ele pegou o velho ditado “Muitos golpes derrubam grandes carvalhos” e lhe deu um fio moral mais afiado: “Pequenos golpes derrubam grandes carvalhos”. “Três podem manter um segredo se dois deles estão longe” foi alterado para “Três podem manter um segredo se dois deles estiverem mortos”. E o ditado escocês segundo o qual “Uma donzela que ouve e um castelo que fala jamais acabarão com honra” foi transformado em “Nem fortaleza nem virgindade resistem por muito tempo depois que começam a negociar”.⁶⁰

Ainda que a maioria das máximas tenha sido adotada de outros, elas

oferecem uma noção do que ele julgava útil e divertido. Entre as melhores estão:

É tolo quem faz de seu médico seu herdeiro... Coma para viver e não viva para comer... Quem se deita com cães levanta com pulgas... Onde há casamento sem amor, haverá amor sem casamento... A necessidade nunca fez um bom negócio... Existem mais bêbados velhos do que médicos velhos... Um bom exemplo é o melhor sermão... Ninguém prega melhor do que a formiga, e ela não diz nada... Um centavo poupado são dois centavos certos... Quando o poço está seco é que vemos o valor da água... Raposa que dorme não apanha galinha... A chave usada é sempre reluzente... Quem vive de esperança morre peidando [ele escreveu mais tarde “morre em jejum”, e a versão inicial pode ter sido um erro de impressão]...g A diligência é a mãe da boa sorte... Quem persegue duas lebres de uma só vez não pega nenhuma... Procura nos outros as virtudes, em ti mesmo teus vícios... Reis e ursos muitas vezes preocupam seus guardiões... A pressa causa desperdício... Apressa-te devagar... Quem multiplica riquezas multiplica preocupações... É tolo quem não esconde sua sabedoria... Não há ganho sem dor... O vício sabe que é feio, então usa máscara... A loucura mais requintada é feita de sabedoria fina... Ama teus inimigos, pois eles te dirão teus defeitos... A ferroada de uma censura é sua verdade... Há um tempo para piscar, outro para ver... Gênio sem educação é como prata na mina... Nunca houve uma faca boa feita de aço ruim... Uma meia verdade é muitas vezes uma grande mentira... Deus ajuda quem se ajuda...

O que distinguia o almanaque de Franklin era sua perspicácia dissimulada. Quando estava terminando a edição de 1738, ele escreveu uma carta em seu jornal, sob o pseudônimo de “Philomath”, que cutucava seus rivais dando conselhos sarcásticos sobre escrever almanaques. Um talento necessário, dizia ele, “é uma espécie de gravidade, que mantém o devido equilíbrio entre a obtusidade e o absurdo”. Isso porque “as pessoas comuns tomam os homens graves por sábios”. Além disso, o autor “deve escrever frases e lançar insinuações que nem ele nem ninguém possam entender”. Como exemplos, citava algumas expressões usadas por Titan Leeds.⁶¹

Em sua última edição, concluída quando ele estava a caminho da Inglaterra, em 1757, Franklin faria um resumo com um discurso ficcional de um

velho chamado Pai Abraão, que amarra todos os adágios do Pobre Ricardo sobre a necessidade da frugalidade e da virtude. Mas o tom irônico de Franklin estava, mesmo então, intacto. Pobre Ricardo, que está atrás da multidão, relata no final: “As pessoas ouviram e aprovaram a doutrina e imediatamente praticaram o contrário”.⁶²

Tudo isso fez do Pobre Ricardo um sucesso e deixou rico seu criador. O almanaque vendia 10 mil exemplares por ano e superava seus rivais na Filadélfia. John Peter Zenger, cujo famoso julgamento de 1735 por difamação foi coberto pelo jornal de Franklin, comprou 36 dúzias em um ano. A viúva de James vendia cerca de oitenta dúzias por ano. O discurso do Pai Abraão com a compilação dos ditados do Pobre Ricardo recebeu o título de *O caminho para a riqueza* e se tornou, por um tempo, o livro mais famoso publicado nas colônias americanas. Em quarenta anos, foi reimpresso em 145 edições e sete línguas; a francesa chamava-se *La Science du bonhomme Richard*. Até hoje, teve mais de 1300 edições.

Tal como o projeto de perfeição moral de Franklin e a *Autobiografia*, os ditados do Pobre Ricardo foram criticados por revelar a mente de um moralista hipócrita e pão-duro. “Precisei de muitos anos e de considerável esperteza para sair daquele recinto moral cercado de arame farpado que o Pobre Ricardo armou”, escreveu D. H. Lawrence. Mas essa declaração não capta o humor e a ironia, tampouco a interessante mistura de inteligência e moralidade que Franklin forjava com tanta habilidade. Ela também confunde erroneamente Franklin com os personagens que criou. O Franklin real não era um puritano moralista e não dedicou sua vida a acumular riqueza. “A fraqueza geral da humanidade”, disse a um amigo, está “na busca de riqueza sem-fim.” Seu objetivo era ajudar os candidatos a comerciante a se tornarem mais diligentes e, desse modo, mais capazes de serem cidadãos úteis e virtuosos.

Os almanaques do Pobre Ricardo oferecem algumas indicações úteis sobre Franklin, especialmente sobre sua sagacidade e seus pontos de vista. No entanto, ao se esconder atrás de um recorte ficcional, ele mais uma vez seguia sua regra da Junta de revelar o seu pensamento somente por vias indiretas. Nisso, agia de acordo com o conselho que pôs na boca do Pobre Ricardo. “Que todos os homens te conheçam, mas que ninguém te conheça completamente: vadeia sem dificuldades quem vê os baixios.”⁶³

a As fontes encomendadas por Franklin foram aquelas criadas no começo da década de 1720 pelo famoso fabricante de tipos de Londres William Caslon. Elas são o modelo para a fonte Adobe Caslon usada no texto do original americano

deste livro. (N. A.)

b “Você aludiu a mim em seu pasquim. Que agora me fez sacar meu espadim. Com olhos de desprezo, vejo seu desatino. E tenho pena de seu infeliz destino”. (N. T.)

c Em inglês, *proprietors*, espécie de donatários das colônias norte-americanas. (N. T.)

d Franklin faz um trocadilho com os dois sentidos do verbo *solicitar*: pedir algo para alguém e abordar alguém para oferecer serviços de prostituta. (N. T.)

e No original inglês: “’Tis true he was no Honey Bee, nor yet a Humble Bee, but a Boobee he may be allowed to be, namely B.F.”. (N. T.)

f “Nem uma palavra de sua forma, ou a sua face, ou seus olhos./ De chamas ou de dardos deverás ouvir./ Embora eu admire a beleza, é a virtude que prezo./ Que não se desvanece em setenta anos.../ Na paz e na boa ordem, minha casa ela orienta./ Cuidadosa de economizar o que ganho./ Mas alegremente gasta, e sorri para os amigos/ Que tenho o prazer de receber.../ As melhores têm seus defeitos, e também minha Joana os tem./ Mas são extremamente pequenos./ E agora, estou tão acostumado a eles que parecem meus./ Mal posso senti-los.” (N. T.)

g Em inglês, a diferença é de uma letra: “dies farting” e “dies fasting”. (N. T.)

5. Cidadão público *Filadélfia, 1731-48*

ORGANIZAÇÕES PARA O BEM COMUM

A essência de Franklin é que ele era um homem voltado para a sociedade civil. Preocupado mais com o comportamento público do que com a devoção interior, estava mais interessado em construir a Cidade dos Homens do que a Cidade de Deus. A máxima que havia proclamado em sua primeira viagem de volta de Londres — “o homem é um ser sociável” — se refletia não somente em seu companheirismo pessoal, mas também em sua crença de que a benevolência era a virtude que unia a sociedade. Como disse o Pobre Ricardo, “quem bebe sua sidra sozinho, sozinho captura seu cavalo”.

Essa perspectiva gregária o levaria, na década de 1730, quando era um impressor de vinte e poucos anos, a usar a Junta para criar uma variedade de organizações comunitárias, entre elas uma biblioteca circulante, uma brigada de incêndio e corpos de vigias noturnos; mais tarde, um hospital, uma milícia e uma instituição de ensino superior. “O que os homens de bem podem fazer separadamente é pouco em comparação com o que podem fazer coletivamente”, escreveu ele.

Franklin herdou sua propensão para a formação de associações beneficentes de Cotton Mather e outros, mas seu fervor organizacional e sua

personalidade galvanizadora o tornaram a força mais influente para fazer disso um aspecto duradouro da vida americana. “Os americanos de todas as idades, de todas as posições sociais e de todos os tipos de aptidão estão sempre formando associações”, maravilhou-se Tocqueville. “É assim que hospitais, prisões e escolas tomam forma.”

Tocqueville chegou à conclusão de que havia uma luta inerente na América entre dois impulsos opostos: o espírito de individualismo robusto em contraposição ao espírito conflitante de comunidade e criação de associações. Franklin teria discordado. Um aspecto fundamental de sua vida e da sociedade americana que ele ajudou a criar é que individualismo e comunitarismo, de modo aparentemente contraditório, estavam entrelaçados. A fronteira atraía pioneiros construtores de celeiros que eram individualistas enérgicos, mas também apoiadores ferozes de sua comunidade. Franklin foi o epitome dessa mistura de autoconfiança e envolvimento cívico, e o que ele exemplificava se tornou um elemento do caráter americano.¹

A biblioteca circulante de Franklin, que foi a primeira desse tipo nas colônias americanas, começou quando ele sugeriu à Junta que cada membro trouxesse livros para a sede do clube a fim de que os outros pudessem usá-los. Isso funcionou muito bem, mas era necessário dinheiro para cuidar e aumentar a coleção. Então, ele decidiu recrutar assinantes que pagariam taxas para ter o direito de tomar emprestados livros, a maioria dos quais seria importada de Londres.

A Companhia da Biblioteca da Filadélfia foi constituída em 1731, quando Franklin tinha 27 anos. Seu lema, escrito por ele, refletia a ligação que Franklin fazia entre bondade e devoção: *Communiter Bona profundere Deum est* (distribuir benefícios para o bem comum é divino).

A captação de recursos não foi fácil. “Na época, eram tão poucos os leitores na Filadélfia e a maioria de nós tão pobre que não consegui, mesmo com grande esforço, encontrar mais do que cinquenta pessoas, na maioria jovens comerciantes, dispostos a pagar.” Ao fazer isso, ele aprendeu uma de suas lições pragmáticas sobre ciúme e modéstia: descobriu que as pessoas relutavam em apoiar o “proponente de qualquer projeto útil que se pudesse supor que aumentaria a reputação dele”. Então, Franklin se pôs “tanto quanto pôde fora da vista” e concedeu o mérito da ideia a seus amigos. Esse método funcionou tão bem que “eu sempre o pus em prática em situações desse tipo”. As pessoas acabaram por dar-lhe o crédito, observou ele, se você não tentar reivindicá-lo. “O pequeno sacrifício atual de sua vaidade será mais tarde amplamente recompensado.”

A escolha dos livros, recomendados por homens cultos da Filadélfia — como James Logan, um rico comerciante de peles e cavalheiro erudito com quem Franklin teve a oportunidade de travar amizade para esse fim —, refletia a

natureza prática de Franklin. Dos primeiros 45 comprados, nove eram de ciências, oito de história e oito sobre política; a maioria dos demais era composta de obras de referência. Não havia romances, peças de teatro, poesia nem grande literatura, exceto dois clássicos (Homero e Virgílio).

Franklin passava uma ou duas horas por dia lendo na biblioteca, “e assim reparei de alguma maneira a perda da educação culta que meu pai um dia pretendeu para mim”. Seu envolvimento também o ajudou a subir socialmente: a Junta era composta sobretudo de comerciantes pobres, mas a Companhia da Biblioteca possibilitou que Franklin obtivesse o patrocínio de alguns dos cavalheiros mais ilustres da cidade e iniciasse uma longa amizade com Peter Collinson, um comerciante de Londres que concordou em ajudar na aquisição dos livros. Com o tempo, a ideia de bibliotecas circulantes e seus benefícios se espalharam para o resto das colônias. “Essas bibliotecas melhoraram a conversa em geral dos americanos”, Franklin observou mais tarde, e “tornou os comerciantes e agricultores comuns tão inteligentes quanto a maioria dos cavalheiros de outros países.” A Companhia da Biblioteca prospera até hoje. Com 500 mil livros e 160 mil manuscritos, continua a ser um repositório histórico significativo e é a mais antiga instituição cultural dos Estados Unidos.²

Muitas vezes, Franklin lançava no ar suas ideias para melhorias cívicas escrevendo sob pseudônimo para seu jornal. Assinando como Pennsylvanus, escreveu uma descrição dos “homens valentes” que se oferecem para combater incêndios e sugeriu que aqueles que não se juntavam a eles deveriam ajudar a pagar a despesa com escadas, baldes e bombas. Um ano depois, em um ensaio que leu para a Junta, posteriormente publicado como uma carta ao seu jornal, propôs a formação de um corpo de bombeiros. Tomando cuidado mais uma vez para não reivindicar o mérito, fingia que a carta fora escrita por um idoso (que, ao declarar que “um grama de prevenção vale um quilo de cura”, se parecia muito com o Pobre Ricardo). A Filadélfia tinha muitos voluntários briosos, observava ele, mas lhes faltavam “ordem e método”. Portanto, deveriam pensar em seguir o exemplo de Boston e organizar clubes de combate a incêndios com deveres específicos. Sempre defensor da especificidade, Franklin enumerava essas funções detalhadamente: deveria haver guardas que carregassem “um bastão vermelho de um metro e meio”, bem como homens com machados e foices e outras especialidades.

“Falou-se muito que isso era útil”, lembrou Franklin em sua autobiografia, então ele começou a organizar a Companhia Unida do Fogo, constituída em 1736. Ele detalhou meticulosamente suas regras e as multas que seriam aplicadas por infrações. Em se tratando de um projeto de Franklin, havia também um componente social; eles jantavam juntos uma vez por mês “para um encontro social em que discutiam e comunicavam ideias que nos ocorriam sobre a questão dos incêndios”. Eram tantas as pessoas que queriam participar que, como a Junta,

isso gerou outras companhias de bombeiros pela cidade.

Franklin permaneceu ativamente envolvido na Companhia Unida do Fogo por muitos anos. Em 1743, o *Gazette* trazia um pequeno aviso: “Perdidos no último incêndio na Water Street dois baldes de couro, marcados B. Franklin & Co. Quem os apresentar ao impressor deste jornal será recompensado por seu trabalho”. Cinquenta anos depois, quando retornou de Paris após a Revolução, ele promoveria encontros com os quatro membros restantes da companhia, junto com seus baldes de couro.³

Ele também procurou melhorar as ineficazes forças policiais da cidade. Na época, os grupos heterogêneos de vigias eram geridos por policiais que arrematavam vizinhos ou lhes arrancavam uma taxa para evitar o serviço. Isso resultava em bandos errantes que ganhavam pouco dinheiro e, conforme notara Franklin, passavam a maior parte da noite se embriagando. Como de costume, ele sugeriu uma solução em um artigo que escreveu para sua Junta, propondo que vigias em tempo integral fossem financiados por um imposto sobre a propriedade cobrado de acordo com o valor de cada casa. Assim ele apresentou um dos primeiros argumentos na América em defesa da tributação progressiva: era injusto, dizia ele, que “uma dona de casa viúva e pobre, cuja propriedade inteira a ser guardada pelo vigia talvez não ultrapassasse o valor de cinquenta libras esterlinas, pagasse tanto quanto o mais rico dos comerciantes, que tinha milhares de libras em mercadorias em suas lojas”.

Ao contrário das associações de bombeiros, essas patrulhas policiais eram concebidas como uma função do governo e precisavam da aprovação da Assembleia. Em consequência, elas se formaram somente em 1752, “quando os membros de nossos clubes ganharam mais influência”. Nessa época, Franklin já era deputado e ajudou a elaborar a legislação detalhada sobre a organização dos vigias.⁴

OS MAÇONS

Uma associação fraterna, mais augusta do que a Junta, já existia na Filadélfia e parecia perfeitamente adequada às aspirações de Franklin: a Grande Loja dos Maçons Livres e Aceitos. A franco-maçonaria, uma organização fraterna semisecreta baseada nos antigos rituais e símbolos das corporações de pedreiros, foi fundada em Londres em 1717, e sua primeira loja na Filadélfia surgiu em 1727. Tal como Franklin, os maçons dedicavam-se à solidariedade, às obras cívicas e à tolerância religiosa não sectária. Para Franklin, também representavam mais um passo acima na escada social; muitos dos principais comerciantes e advogados da cidade eram maçons.

A mobilidade social não era muito comum no século XVIII. Mas Franklin assumiu orgulhosamente a missão de que um comerciante poderia subir no mundo e apresentar-se perante reis; com efeito, ajudou que isso fizesse parte da missão dos Estados Unidos. Nem sempre foi fácil e, de início, ele teve problemas para ser convidado a entrar para a maçonaria. Então, começou a publicar pequenas notas favoráveis aos maçons em seu jornal. Quando isso não funcionou, tentou uma tática mais forte. Em dezembro de 1730, publicou um longo artigo que simulava revelar, com base em documentos de um membro que acabara de morrer, alguns segredos da organização, inclusive o fato de que a maioria dos segredos era apenas um embuste.

Dentro de algumas semanas, foi convidado a entrar para a maçonaria; depois disso, o *Gazette* se retratou do artigo de dezembro e publicou pequenas notas lisonjeiras. Franklin tornou-se um maçom fiel. Em 1732, ajudou a redigir os estatutos da loja da Filadélfia e, dois anos mais tarde, tornou-se grão-mestre e imprimiu sua constituição.⁵

A fidelidade de Franklin aos maçons o envolveu em um escândalo que ilustra sua aversão a pessoas desafiadoras. No verão de 1737, um aprendiz ingênuo chamado Daniel Rees queria entrar para a maçonaria. Um grupo de conhecidos dele, que não eram maçons, resolveu fazer uma brincadeira e inventou um ritual com juramentos estranhos, purgantes e beijos nas nádegas. Quando contaram a Franklin sobre a brincadeira, ele riu e pediu uma cópia do juramento falso. Poucos dias depois, os desordeiros realizaram outra cerimônia, na qual o infeliz Rees morreu acidentalmente queimado por uma tigela de aguardente em chamas. Franklin não estava envolvido, porém foi chamado a testemunhar no julgamento de homicídio. O jornal impresso por seu rival Andrew Bradford, que não morria de amores por Franklin nem pela maçonaria, acusou Franklin de ser indiretamente responsável por ter encorajado os algozes.

Ao responder em seu próprio jornal, Franklin admitiu que, de início, riu da brincadeira. “Contudo, quando chegaram àquelas circunstâncias de lhe dar um purgante violento, fazê-lo beijar traseiros e administrar-lhe o juramento diabólico que R_____n leu para nós, eu fiquei realmente sério.” Sua credibilidade, no entanto, não foi ajudada pelo fato de ter pedido para ver o juramento e depois tê-lo alegremente mostrado aos amigos.

A notícia da tragédia e do envolvimento de Franklin foi publicada em jornais inimigos da maçonaria em todas as colônias, inclusive no *News Ledger* de Boston, e chegou a seus pais. Por carta, ele procurou acalmar as preocupações de sua mãe com os maçons: “Eles são, em geral, um tipo muito inofensivo de pessoa e não têm princípios ou práticas que sejam incompatíveis com a religião ou os bons costumes”. Porém, reconhecia que ela tinha o direito de ficar descontente pelo fato de não admitirem mulheres.⁶

O GRANDE DESPERTAR

Embora fosse não doutrinário a ponto de ser pouco mais do que um deísta, Franklin continuava interessado em religião, particularmente em seus efeitos sociais. Durante a década de 1730, ficou encantado com dois pregadores, primeiro com um livre-pensador heterodoxo como ele, depois com um evangelista itinerante cujo ardente conservadorismo ia contra quase tudo em que Franklin acreditava.

Samuel Hemphill era um jovem pregador da Irlanda que, em 1734, chegou à Filadélfia para trabalhar como auxiliar na igreja presbiteriana que Franklin havia esporadicamente visitado. Mais interessado em pregar sobre moralidade do que sobre as doutrinas calvinistas, Hemphill começou a atrair muita gente, inclusive o curioso Franklin, que achou “seus sermões agradáveis, pois, apesar de pouco dogmáticos, inculcavam fortemente a prática da virtude”. Porém, essa carência de dogma não agradou aos presbíteros. Jedediah Andrews, o ministro mais velho, cujos sermões aborreciam Franklin, reclamou que Hemphill havia sido imposto à sua igreja e que “livres-pensadores, deístas e nulidades, tendo sentido seu cheiro, acorreram a ele”. Logo Hemphill foi levado perante o sínodo sob a acusação de heresia.

Quando o julgamento teve início, Franklin saiu em sua defesa com um artigo esperto que fingia ser um diálogo entre dois presbiterianos do lugar. O sr. S., representando Franklin, escuta enquanto o sr. T. reclama porque o “pregador novidadeiro” fala demais sobre as boas obras. “Não gosto de ouvir falar tanto de moralidade, tenho certeza de que isso não leva ninguém para o céu.”

O sr. S. retruca que é o que “Cristo e seus apóstolos costumavam pregar”. A Bíblia deixa claro, diz ele, que Deus quer que levemos “vidas virtuosas, justas, guiadas pela prática do bem”.

Mas, pergunta o sr. T., não é a fé, em vez da virtude, o caminho para a salvação?

“A fé é recomendada como um meio de produzir moralidade”, responde o sr. S., porta-voz de Franklin, acrescentando hereticamente que “esperar a salvação apenas desse tipo de fé não me parece uma doutrina cristã, nem razoável”.

Como crente na tolerância, poder-se-ia esperar que Franklin tolerasse a imposição pelos presbiterianos de qualquer doutrina que quisessem aos seus pregadores, mas o sr. S. argumenta que eles não deveriam aderir a tais ortodoxias. “Nenhum artigo de fé é tão claro quanto o de que a moralidade é nosso dever”, conclui o sr. S., fazendo eco à filosofia central de Franklin. “Um herege virtuoso será salvo antes de um cristão ímpio.”

Era um esforço de persuasão típico de Franklin: inteligente, indireto e com o uso de personagens fabricados para defender sua posição. Mas, quando o

sínodo censurou e suspendeu Hemphill por unanimidade, Franklin deixou de lado suas luvas de veludo habituais e, como ele mesmo disse, “tornou-se seu partidário fervoroso”. Publicou então um panfleto anônimo (e, ao contrário do diálogo publicado no jornal, assegurou-se de que assim permanecesse) em que se destacava uma raiva atípica. Não só apresentava detalhadas refutações teológicas a cada uma das acusações do sínodo, como acusava seus membros de “maldade e inveja”.

Os acusadores de Hemphill responderam com um panfleto próprio, o que levou Franklin a escrever outra resposta anônima, ainda mais virulenta, em que empregava expressões como “intolerância e preconceito” e “fraude religiosa”. Em um poema posterior, ele chamou os críticos de Hemphill de “Reverendos Asnos”.

Tratava-se de uma rara violação cometida por Franklin com relação à regra da Junta de evitar a contradição ou argumentação direta, algo ainda mais estranho porque no passado ele abandonara jovialmente qualquer pretensão de dar muita importância a disputas doutrinárias. Seu ressentimento contra o establishment clerical encastelado parecia tirar o melhor de seu temperamento.

A defesa de Franklin tornou-se mais difícil quando veio a público que Hemphill plagiava muitos de seus sermões. Não obstante, Franklin continuou ao lado dele e mais tarde explicou que “preferia que ele desse bons sermões compostos por outras pessoas àqueles ruins de sua própria lavra, embora esta última fosse a prática de nossos professores comuns”. No final, Hemphill deixou a cidade e Franklin saiu definitivamente da congregação presbiteriana.⁷

O caso Hemphill ocorreu no mesmo momento em que uma onda emocional de revivalismo, conhecida como o Grande Despertar, começou a varrer a América. Fervorosos tradicionalistas protestantes, com destaque para Jonathan Edwards, levavam congregados a frenesim espirituais e conversões convulsivas com histórias de fogo e enxofre. Como Edwards disse à sua congregação no mais famoso de seus sermões “terroristas”, “Pecadores nas mãos de um Deus irado”, a única coisa que os salvava da condenação eterna era a graça inexplicável do “Deus que te segura sobre o poço do inferno, da mesma forma como se segura uma aranha ou algum inseto repugnante sobre o fogo”.

Nada poderia estar mais longe da teologia de Franklin. Com efeito, Edwards e Franklin, os dois americanos mais proeminentes de sua geração, podem ser considerados, observou Carl Van Doren, “símbolos dos movimentos hostis que se esforçaram em conquistar o domínio de sua época”. Edwards e os Grandes Despertadores queriam que a América refizesse seu compromisso com a espiritualidade angustiada do puritanismo, ao passo que Franklin tentava levá-la para uma era de Iluminismo, que exaltava a tolerância, o mérito individual, a virtude cívica, as boas ações e a racionalidade.⁸

Assim, pode parecer surpreendente e, de fato, um pouco estranho que

Franklin tenha se encantado com George Whitefield, o mais popular dos pregadores itinerantes do Grande Despertar, que chegou à Filadélfia em 1739. O evangelista inglês havia sido um espírito descontente no Pembroke College, Oxford, e depois teve um “novo nascimento” no metodismo e, mais tarde, no calvinismo. Ele era doutrinariamente puro em sua insistência de que a salvação vinha apenas pela graça de Deus, mas, não obstante, estava profundamente envolvido em obras de caridade, e sua turnê de um ano pelas colônias americanas tinha por objetivo arrecadar dinheiro para um orfanato na Geórgia. Ele levantou mais dinheiro do que qualquer outro clérigo de seu tempo para entidades filantrópicas, entre elas escolas, bibliotecas e asilos na Europa e na América. Desse modo, talvez não seja tão surpreendente que Franklin gostasse dele, embora sem abraçar sua teologia.

As reuniões noturnas ao ar livre de renascimento religioso promovidas por Whitefield na Filadélfia (então a maior cidade dos Estados Unidos, com uma população de 13 mil habitantes) atraíram multidões, e Franklin, farejando uma grande matéria, fez ampla cobertura delas no *The Pennsylvania Gazette*: “Na quinta-feira, o rev. sr. Whitefield começou a pregar da galeria do Tribunal nesta cidade, por volta das seis da tarde, para cerca de 6 mil pessoas que estavam diante dele na rua e que ficaram em tremendo silêncio para ouvi-lo”. A multidão cresceu ao longo de sua visita de uma semana, e Whitefield retornou à cidade outras três vezes durante sua cruzada americana de um ano.

Franklin estava maravilhado. Publicou relatos de aparições de Whitefield em 45 edições semanais do *Gazette*, e oito vezes ocupou a primeira página inteira para publicar os sermões. Em sua autobiografia, relembrou com certa ironia proveniente de anos de distanciamento o entusiasmo que o contaminou na época:

Pouco depois, assisti a um de seus sermões, no decorrer do qual percebi que ele pretendia terminar com uma coleta, e decidi silenciosamente que ele não obteria nada de mim. Eu tinha no bolso um punhado de moedas de cobre, três ou quatro dólares de prata e cinco moedas de ouro. À medida que ele avançava, comecei a amolecer e resolvi dar as moedas de cobre. Outro golpe de sua oratória me fez sentir vergonha disso e me determinou a entregar a prata; e ele terminou de forma tão admirável, que esvaziei todo o meu bolso no prato do coletor, com ouro e tudo.

Franklin também ficou impressionado com o efeito transformador que Whitefield teve sobre os cidadãos da Filadélfia. “Nunca as pessoas mostraram disposição tão grande para participar de sermões”, relatou ele no *Gazette*. “A

religião tornou-se tema da maioria das conversas. Não há pedido de livros, a não ser os de religião.”⁹

As implicações financeiras dessa última observação não deixaram de ser percebidas por Franklin. Ele se reuniu com Whitefield e fez um acordo para se tornar o principal editor de seus sermões e diários, o que sem dúvida aumentou seu zelo para divulgá-lo. Após a primeira visita de Whitefield, Franklin publicou um anúncio solicitando pedidos para uma série de sermões de Whitefield a dois xelins por volume. Poucos meses depois, publicou a notícia de que havia recebido tantos pedidos que aqueles “que já pagaram ou que trouxeram o dinheiro em mãos terão a preferência”.

Milhares de exemplares foram vendidos, o que ajudou a deixar Franklin rico e Whitefield famoso. Franklin também publicou dez edições dos diários de Whitefield, cada uma delas cinco vezes mais cara do que o seu almanaque, e contratou uma equipe de vendas de onze impressores que conhecia em todas as colônias para fazer deles best-sellers. Sua cunhada Anne Franklin, de Newport, levou um carregamento de 250. Durante o período entre 1739 e 1741, mais da metade dos livros que Franklin imprimiu era de Whitefield ou sobre ele.

Em consequência, alguns historiadores concluíram que a paixão de Franklin por Whitefield era meramente pecuniária. Mas isso é demasiado simplista. Como acontecia com frequência, Franklin conseguiu entrelaçar perfeitamente seus interesses financeiros com seus desejos cívicos e entusiasmos pessoais. Ele tinha uma personalidade sociável e sentia-se genuinamente atraído pelo carisma hipnotizante e pelo empenho caridoso de Whitefield. Franklin convidou Whitefield para ficar em sua casa e, quando o pregador elogiou o convite como sendo “por causa de Cristo”, Franklin o corrigiu: “Não me entenda mal, não foi por causa de Cristo, e sim por sua causa”.

Além disso, apesar de suas diferenças teológicas, Franklin estava encantado com Whitefield porque ele estava sacudindo o establishment local. Seu velho desdém pela elite religiosa o levou a deleitar-se com o desconforto e os cismas causados pela intrusão de pregadores itinerantes muito populares em seu território. O tolerante Franklin estava contente com o fato de que os partidários de Whitefield, com o apoio financeiro dele, houvessem erguido um grande salão novo que, entre outros usos, poderia proporcionar um púlpito para qualquer pessoa de qualquer crença, “de modo que, se o mufti de Constantinopla enviasse um missionário para pregar o islamismo, ele encontraria um púlpito ao seu dispor”.¹⁰

O prazer populista de Franklin diante do desconforto da elite ficou evidente na maneira como alimentou uma polêmica sobre uma carta enviada ao *Gazette* por alguns membros da aristocracia da cidade, em que declaravam que Whitefield não tinha “encontrado grande sucesso junto ao melhor tipo de gente”. Na semana seguinte, usando o pseudônimo de “Obadiah Plainman” [Homem

Comum], Franklin ridicularizou o uso da expressão “o melhor tipo de gente” e sua implicação de que os partidários de Whitefield eram “do tipo mais vil, o populacho ou a plebe”. O sr. Plainman afirmava que ele e seus amigos se orgulhavam de se dizerem parte da plebe, mas odiavam quando pessoas que se denominavam “do melhor tipo” usavam tais termos e insinuavam que as pessoas comuns eram “um rebanho estúpido”.

Um cavalheiro arrogante chamado Tom Trueman (ou talvez, tendo em vista o nome [Homem Verdadeiro], Franklin fingindo ser um cavalheiro) escreveu na semana seguinte ao jornal mais exclusivo de William Bradford para negar que se pretendesse tal ofensa e acusar o sr. Plainman de se passar por líder da gente comum da cidade. Franklin, mais uma vez usando o nome de sr. Plainman, respondeu que ele era apenas “um pobre artesão comum” que, depois de seu trabalho, “em vez de ir para a cervejaria, me entretenho com os livros da Companhia da Biblioteca”. Como tal, ele se exasperava com aqueles que se proclamavam ser do melhor tipo e “olham para o resto de seus concidadãos com desprezo”. Embora estivesse subindo no mundo de um modo que lhe permitiria, se a isso fosse inclinado, assumir ares aristocráticos, Franklin ainda era alérgico ao esnobismo e orgulhava-se de ser um Homem Comum defendendo o povo mediano.¹¹

No outono de 1740, Franklin já mostrava sinais de ligeiro arrefecimento em relação a Whitefield, mas não em relação aos lucros advindos de publicá-lo. Os esforços do pregador para fazer dele um crente “renascido” na ortodoxia calvinista se desgastaram, e clientes valiosos da aristocracia da Filadélfia começaram a denunciar a ardente propaganda do *Gazette*. Em resposta a essas críticas, Franklin publicou um editorial negando (sem convencer) qualquer tendenciosidade e reafirmando sua filosofia, proposta pela primeira vez em sua “Defesa dos impressores” de 1731, de que “quando a verdade joga limpo, ela sempre prevalece sobre a falsidade”. No entanto, ele incluiu na edição uma carta de um pregador que criticava os “delírios entusiasmados” de Whitefield, e publicou posteriormente dois panfletos em que o atacava duramente, bem como uma resposta de Whitefield. As cartas no *Gazette*, 90% das quais haviam sido favoráveis a Whitefield nos primeiros nove meses de 1740, tornaram-se negativas a partir de setembro, ainda que os artigos escritos por Franklin permanecessem positivos.

Embora com menos ardor, Franklin continuou a apoiar Whitefield ao longo dos anos seguintes e eles mantiveram uma correspondência afetuosa até a morte do pregador, em 1770. Em sua autobiografia, escrita após a morte de Whitefield, Franklin acrescenta uma dose de distanciamento irônico às suas lembranças calorosas. Ele relembra um sermão a que assistiu no qual, em vez de se emocionar com as palavras de Whitefield, passou o tempo calculando o alcance de sua voz. Quanto à influência do pregador em sua vida espiritual, Franklin

relembra ironicamente: “Com efeito, ele às vezes costumava rezar pela minha conversão, mas nunca teve a satisfação de acreditar que suas preces eram ouvidas”.¹²

GUERRAS DE EDITORES

À medida que a gráfica de Franklin crescia, acirrava-se sua competição com o outro impressor da cidade, Andrew Bradford. No início da década de 1730, eles haviam zombado dos erros nos jornais um do outro e brigaram sobre questões como a morte do jovem aspirante a maçom e as pregações de Samuel Hemphill. Havia uma base política e social para a rivalidade. O bem-nascido Bradford e seu *American Weekly Mercury* alinhavam-se com a “facção dos proprietários” da Pensilvânia, que apoiava a família Penn e seus governadores nomeados. O Franklin do avental de couro e seu *The Pennsylvania Gazette* eram mais contra o establishment e tendiam a apoiar os direitos da Assembleia eleita.

Suas posições políticas entraram em confronto em 1733, durante a campanha de reeleição do presidente da Assembleia, Andrew Hamilton, um líder antiproprietário que ajudou Franklin a arrancar de Bradford o trabalho de impressão para o governo. Franklin admirava o populismo antiaristocrático de Hamilton. “Ele não era amigo do poder”, escreveu Franklin. “Era amigo do homem pobre.” Bradford, por outro lado, publicou ataques candentes a Hamilton. Entre eles, um ensaio intitulado “Sobre a infidelidade”, que visava atingir Hamilton, mas também Franklin. Outro texto acusava Hamilton de insultar a família Penn e abusar de seu poder como chefe da agência de empréstimos.

Franklin saiu em defesa de Hamilton com uma réplica digna, porém condenatória. Escrito no formato de uma “Conversa de meia hora” com Hamilton, o artigo alfinetava Bradford por pecados que iam desde o erro de palavras (usar “desprezivelmente” quando queria dizer “desdenhosamente”) até se esconder atrás do manto do anonimato (“vendo que era comum ser escrito por ninguém, ele pensou que ninguém deveria levar isso em consideração”). Hamilton aparece como um visitante educado da Junta com um toque de Pobre Ricardo. “Jogue bastante sujeira e alguma grudarará”, lamenta ele.¹³

Hamilton ganhou a reeleição e, em 1736, conseguiu que Franklin fosse escolhido como escrevente da Assembleia. Mais uma vez, serviço público e lucro privado se combinavam. O posto na Assembleia, Franklin admitiu francamente, “deu-me uma oportunidade efetiva de manter um interesse entre os membros, o que garantiu para mim o negócio da impressão dos votos, de leis, de papel-moeda e outros trabalhos ocasionais para o público que, no conjunto, eram muito

lucrativos”.

O serviço público também lhe ensinou um truque útil para seduzir adversários. Depois que um membro rico e bem-educado falou contra ele, Franklin decidiu conquistá-lo:

No entanto, não procurei ganhar seu favor prestando-lhe respeito servil, mas, depois de algum tempo, adotei este outro método. Após tomar conhecimento de que ele tinha em sua biblioteca um determinado livro muito raro e curioso, escrevi um bilhete para ele expressando meu desejo de lê-lo atentamente e perguntando se ele me faria o favor de emprestá-lo por alguns dias. Ele o enviou imediatamente, e o devolvi cerca de uma semana depois com outro bilhete, expressando fortemente minha consciência do favor. Na próxima vez em que nos encontramos na Câmara, ele falou comigo (o que nunca fizera antes), e com grande civilidade; desde então sempre manifestou disponibilidade para me servir em todas as ocasiões, de modo que nos tornamos grandes amigos, e nossa amizade continuou até sua morte. Este é outro exemplo da verdade de uma velha máxima que eu aprendi e que diz: “Aquele que uma vez lhe fez uma gentileza estará mais disposto a fazer-lhe outra do que aquele que foi obrigado a fazer alguma”.¹⁴

A competição de Franklin com Bradford tinha um aspecto interessante que pode parecer estranho, mas que era, então como agora, um tanto comum. Ao mesmo tempo que competiam em algumas áreas, eles colaboravam em outras, como os barões da mídia moderna. Por exemplo, em 1733, embora fossem oponentes encarniçados na eleição de Hamilton, formaram um empreendimento conjunto para compartilhar o risco de publicar um livro caro de Salmos. Por sugestão de Bradford, que forneceu o papel, Franklin cuidou da impressão, eles dividiram os custos, e cada um ficou com a metade dos quinhentos exemplares que foram feitos.¹⁵

Na competição com Bradford, Franklin tinha grande desvantagem. Bradford era o agente postal da Filadélfia e usava essa posição para negar a Franklin o direito de, pelo menos oficialmente, enviar o *Gazette* pelo correio. A batalha que se seguiu entre eles sobre a questão da carruagem aberta foi um dos primeiros exemplos da tensão existente entre aqueles que criam conteúdos e aqueles que controlam os sistemas de distribuição.

A certa altura, Franklin conseguiu que o coronel Alexander Spotswood, o

chefe dos correios para as colônias, mandasse Bradford manter um sistema aberto que transportasse jornais rivais. Bradford, entretanto, continuou a dificultar o transporte dos jornais de Franklin, o que o forçou a subornar os transportadores postais. Franklin se preocupava não somente com a despesa, mas também com a percepção do público. Uma vez que Bradford controlava os correios da Filadélfia, escreveu Franklin, “imaginava-se que ele tinha melhores oportunidades de obtenção de notícias, [e] pensava-se que seu jornal era um distribuidor de anúncios melhor do que o meu”.

Franklin conseguiu arrebatou o posto de agente postal da Filadélfia quando se descobriu que Bradford fora desleixado em sua contabilidade. O coronel Spotswood, com o incentivo de Franklin, tirou a comissão de Bradford em 1737 e ofereceu o cargo a Franklin. “Aceitei-o prontamente”, observou Franklin,

e achei uma grande vantagem, pois, embora o salário fosse baixo, ele facilitou a correspondência que melhorou meu jornal, aumentou o número de exemplares pedidos, bem como os anúncios a serem inseridos, de tal forma que me propiciou uma renda muito considerável.

Por conseguinte, o jornal de Bradford entrou em declínio.

Em vez de retaliar, Franklin permitiu que o *Mercury* de Bradford fosse transportado pelos correios, junto com o *Gazette* e outros — ao menos inicialmente. Em sua autobiografia, Franklin congratula-se por ter sido tão aberto. Na verdade, porém, essa política durou apenas dois anos. Em razão de Bradford nunca ter resolvido as contas de seu mandato como agente postal da Filadélfia, Spotswood ordenou que Franklin “abrisse um processo contra ele” para “os correios não mais sofrerem para transportar quaisquer de seus jornais”.

Bradford teve que recorrer ao velho hábito de Franklin: subornar os transportadores postais para distribuir seus jornais não oficialmente. Franklin sabia disso e tolerava, assim como Bradford fizera antes. Mas até essa complacência parcial de Franklin não duraria muito.¹⁶

Em 1740, ele e Bradford envolveram-se numa corrida para criar a primeira revista de interesse geral das colônias americanas. Franklin teve a ideia, porém mais uma vez foi traído por um confidente, tal como acontecera quando planejava lançar um jornal. Como o sábio Pobre Ricardo proclamaria explicitamente em seu almanaque de 1741, “se você quiser guardar seu segredo de um inimigo, não o conte a um amigo”.

Dessa vez, o traidor foi um advogado chamado John Webbe, que colaborara com ensaios para o *Gazette* e fora escolhido por Franklin para entrar com a ação judicial contra Bradford ordenada pelo coronel Spotswood. Franklin

descreveu a revista para Webbe e ofereceu-lhe o cargo de editor. Mas Webbe levou a ideia para Bradford e fez um negócio melhor. Em 6 de novembro de 1740, Bradford anunciou o plano de publicar a *The American Magazine*. Uma semana depois, Franklin divulgou seu plano para a *The General Magazine*.

No anúncio, Franklin denunciava a traição de Webbe. “Esta revista [...] foi projetada há muito tempo”, escreveu ele. “Com efeito, ela não seria publicada tão cedo, não fosse o fato de que uma Pessoa, a quem o projeto foi comunicado em confiança, achou apropriado anunciá-lo no último *Mercury* [...] e colher a vantagem totalmente para si.” A rusga que se seguiu levou Franklin a banir completamente o jornal de Bradford dos correios. E também transformou o acesso postal em uma questão pública.

Na semana seguinte, Webbe respondeu no *Mercury* com um forte contra-ataque. Particularmente ele fazia objeções a um dos traços menos cativantes de Franklin: sua maneira esperta e, não raro, astuta de fazer acusações implícitas, em vez de pronunciá-las com clareza. A dissimulação de Franklin, “como a astúcia de um batedor de carteiras”, era mais “covarde” do que a audácia de um “franco mentiroso”, escreveu Webbe. “Quando os golpes são oblíquos e indiretos, um homem não pode se defender tão facilmente deles.” Franklin gostava de acreditar que seu método de usar a insinuação indireta era menos ofensivo do que o confronto direto, mas às vezes isso levava a uma inimizade ainda maior e a uma reputação de enganador ardiloso.

Franklin não respondeu. Com uma aguda percepção de como aguilhoar Webbe e Bradford, ele simplesmente reimprimiu o anúncio original na edição seguinte do *Gazette*, inclusive a mesma acusação de duplicidade de Webbe. Isso levou o advogado a publicar outra arenga no *Mercury*. Mais uma vez, Franklin mostrou moderação irritante: não respondeu e tornou a publicar sua nota original e a acusação.

Webbe intensificou a discussão no *Mercury* de 4 de dezembro, com uma acusação que certamente provocaria uma resposta de Franklin. “Desde minha primeira carta”, escreveu Webbe, Franklin “decidiu privar o *Mercury* do benefício dos correios.” Franklin respondeu na semana seguinte com uma explicação um tanto insincera. Fazia um ano, disse ele, que o *Mercury* de Bradford havia sido barrado do uso gratuito dos correios. Isso nada tinha a ver com a disputa em relação às revistas. Era uma ordem direta do coronel Spotswood. Para provar o que dizia, Franklin publicou a carta de Spotswood. Ele disse que Bradford e Webbe sabiam que se tratava disso, Webbe em particular, pois fora contratado como advogado por Franklin para abrir o processo.

Webbe respondeu revelando a história das práticas postais. Sim, admitia ele, Spotswood ordenara que Franklin não mais transportasse o jornal de Bradford. Mas, como Franklin bem sabia, o jornal continuara a ser levado não

oficialmente. Além disso, acusava Webbe, o próprio Franklin havia confidenciado a outras pessoas que permitia esse arranjo porque ajudava a assegurar que Bradford não publicaria nada muito prejudicial a Franklin. “Ele havia declarado”, escreveu Webbe, “que, ao favorecer o sr. Bradford, permitindo que o carteiro distribuisse os jornais, ele o tinha, portanto, sob seu controle.”

O debate público sobre as práticas postais se acalmou à medida que cada lado corria para publicar sua revista. No fim, Bradford e Webbe venceram por três dias. A *American Magazine* saiu do prelo em 13 de fevereiro de 1741; a *General Magazine*, de Franklin, no dia 16.

A palavra “magazine”, tal como era utilizada, significava uma coletânea retirada de jornais e outros lugares. O conteúdo da de Franklin, que tinha por modelo a *Gentleman’s Magazine* de Londres, existente havia dez anos, era surpreendentemente seco: proclamações oficiais, relatórios sobre os processos do governo, discussão sobre questões do papel-moeda, um punhado de poesias e um relato sobre o orfanato de Whitefield.

A fórmula fracassou. A revista de Bradford fechou em três meses, a de Franklin não passou de seis. Nenhum texto memorável de Franklin saiu desse processo, exceto um poema que escreveu em dialeto irlandês como paródia a um dos anúncios da revista de Bradford. Mas a competição para lançar a revista atiu o interesse de Franklin pelo poder do sistema postal.¹⁷

SALLY FRANKLIN

Em 1743, onze anos após o nascimento de Franky, o filho morto prematuramente, os Franklin tiveram uma menina. Batizada de Sarah, nome da mãe de Deborah, e apelidada de Sally, ela deixou seus pais felizes e encantados. Quando estava com quatro anos, Franklin escreveu para sua mãe que “sua neta é mais amante do livro e da escola do que qualquer criança que já conheci”. Dois anos depois, fez um relato semelhante: “Sally torna-se uma bela menina, é extremamente diligente com a agulha e delicia-se com os livros. É de temperamento muito carinhoso, e perfeitamente obediente e prestativa aos seus pais e a todos. Eu talvez me lisonjeie demais, mas tenho esperança de que ela será uma mulher engenhosa, sensível, notável e digna”.

Meio a sério, Franklin levantou a ideia de que sua filha algum dia poderia se casar com o filho de William Strahan, um impressor de Londres, que era um de seus correspondentes ingleses. (Nisso ele não era machista: também tentou arranjar casamento para seu filho William, e mais tarde para seus dois netos, com filhas de seus amigos ingleses e franceses, todos sem sucesso.) Suas

descrições de Sally nas cartas a Strahan revelam sua afeição por ela e as características que ele procurava em uma filha. “Ela descobre diariamente as sementes e os sinais da diligência e da economia e, em suma, de todas as virtudes do sexo feminino”, escreveu quando ela tinha sete anos. Seis anos depois, observou: “Sally é realmente uma menina muito boa, carinhosa, obediente e diligente, tem um ótimo coração e, embora não seja sagaz, não é, para sua idade, de forma alguma deficiente em entendimento”.

Em um dos debates com John Collins na época de sua infância, Franklin havia defendido a educação para as meninas, assim como aos meninos, posição que reiterou como Silence Dogood. Ele praticava essas ideias em algum grau com Sally, com previsível ênfase em assuntos práticos. Fez questão de que ela aprendesse a ler, a escrever e a fazer contas. A pedido dela, arranjou-lhe aulas de francês, embora seu interesse logo tenha minguado. Também insistiu que aprendesse contabilidade; quando um parceiro de publicação que ele tinha em Charleston morreu e sua esposa teve de assumir o negócio, isso reforçou em Franklin a concepção prática de que se devia ensinar contabilidade às meninas, “provavelmente mais útil para elas e seus filhos em caso de viuvez do que música ou dança”.

Quando Sally estava com apenas oito anos, Franklin importou da Inglaterra um grande carregamento de livros. A ideia era que ela seria responsável por vendê-los em sua gráfica, mas presumivelmente a menina também poderia aprender alguma coisa com eles. Faziam parte do pedido três dezenas de manuais da Escola de Winchester, quatro dicionários e duas dúzias de exemplares de uma coleção de “contos e fábulas com máximas de prudência”.

Com mais frequência, Franklin instava Sally a aperfeiçoar suas habilidades domésticas. Um dia, depois de observá-la tentar sem sucesso pregar um botão, pediu ao seu alfaiate que a orientasse. Ela nunca recebeu a formação acadêmica que ele proporcionou a William. E, quando fez planos para instituir uma academia na Filadélfia, Sally tinha seis anos, porém não incluiu nenhuma medida para educar meninas.¹⁸

Com apenas uma filha (e um enteado ilegítimo), a prole de Deborah era excepcionalmente pequena para uma mulher robusta dos tempos coloniais; ela tinha seis irmãos, o pai de Franklin teve dezessete filhos em seus dois casamentos e a família média da época tinha cerca de oito. Franklin escreveu elogiosamente a respeito de filhos e fez Pobre Ricardo tecer loas à aparência de uma mulher grávida. Em sátiras como “Polly Baker” e ensaios sérios, tais como “Observações sobre o aumento da humanidade”, ele exaltou os benefícios da fecundidade. Assim, a escassez de filhos dos Franklin não parece refletir uma decisão deliberada, mas indica que eles ou não tinham intimidade abundante ou não acharam fácil conceber, ou uma combinação dos dois. Qualquer que tenha sido o motivo, isso acabou por dar a Franklin mais liberdade para se aposentar

cedo de seu negócio a fim de se dedicar a iniciativas científicas e distantes viagens diplomáticas. E talvez tenha contribuído também para sua prática de toda a vida de fazer amizade com pessoas mais jovens — mulheres, em particular — e forjar relações com elas como se fossem suas filhas.¹⁹

POLLY BAKER

As atitudes de Franklin em relação às mulheres podem ser caracterizadas como esclarecidas até certo ponto, no contexto de sua época, porém só até certo ponto. O que está claro, no entanto, é que ele realmente gostava das mulheres, deleitava-se com a companhia e a conversa delas, e era capaz de levá-las a sério e de flertar com elas. Durante a primeira infância de Sally, escreveu dois ensaios famosos que, de diferentes maneiras, combinavam divertidamente sua atitude tolerante em relação ao sexo fora do casamento com seu apreço pelas mulheres.

“Conselho a um jovem sobre a escolha de uma amante”, escrito em 1745, é bastante famoso, contudo foi suprimido pelo neto de Franklin e outros compiladores de seus textos ao longo do século XIX por ser muito indecente. Franklin começa o pequeno ensaio exaltando o casamento como “o remédio adequado” para as necessidades sexuais. Mas, se o leitor “não aceita esse conselho” e ainda acha o “sexo inevitável”, ele aconselha que, “em todos os seus amores, prefira mulheres mais velhas às jovens”.

Franklin fornecia então uma lista picante de oito motivos: porque têm mais conhecimento, elas conversam melhor; à medida que perdem a aparência, aprendem mil serviços úteis “para manter sua influência sobre os homens”; “não há perigo de filhos”; são mais discretas; envelhecem da cabeça para baixo e assim, mesmo depois que o rosto fica enrugado, a parte inferior de seu corpo permanece firme, “de tal modo que, cobrindo a parte de cima com uma cesta e olhando somente o que está abaixo da cintura, é impossível distinguir entre uma velha e uma jovem”; é menos pecaminoso corromper uma mulher mais velha do que uma virgem; há menos culpa, porque a mulher mais velha ficará feliz enquanto a mais jovem se sentirá desgraçada. E termina o artigo com o cúmulo do atrevimento: “Por fim, elas ficam tão agradecidas!!”²⁰

“O discurso de Polly Baker” é uma história de sexo e infortúnio contada do ponto de vista de uma mulher, artifício literário muitas vezes utilizado por Franklin com uma destreza que demonstrava sua capacidade de apreciar o outro sexo. Ele se propõe a recontar o discurso de uma jovem mulher que está sendo julgada por ter um quinto filho ilegítimo. Publicado pela primeira vez em Londres, o texto foi reimpresso com frequência na Inglaterra e na América sem que as pessoas se dessem conta de que era ficção. Trinta anos depois, Franklin revelou que ele o

havia escrito como uma brincadeira.

O humor leve do texto esconde o fato de que se trata, na verdade, de um ataque cortante aos costumes hipócritas e às atitudes injustas em relação às mulheres e ao sexo. Polly argumenta que ela fazia o bem, obedecendo à ordem de Deus de ser prolífica e multiplicar-se. “Eu trouxe cinco belos filhos ao mundo, com o risco da minha vida; mantive-os bem graças ao meu esforço.” Com efeito, ela se queixa de que poderia tê-los mantido um pouco melhor, se o tribunal parasse de multá-la. “Pode ser um crime (quer dizer, na natureza das coisas) aumentar o número dos súditos do rei em um novo país que realmente precisa de gente? Confesso que deveria pensar que isso é louvável, e não uma ação punível.”

Franklin, que era pai de um filho ilegítimo, mas assumira a responsabilidade por ele, é particularmente contundente em relação ao duplo padrão que submete Polly — mas não os homens que tiveram relações sexuais com ela — à humilhação. Como ela diz:

Eu aceitei de pronto a única proposta de casamento que me foi feita, que foi quando eu era virgem; no entanto, ao confiar facilmente na sinceridade da pessoa que fez a proposta, eu infelizmente perdi minha honra ao confiar na dele; pois ele me engravidou e me abandonou. Essa pessoa, vocês todos conhecem: é agora um magistrado deste condado.

Ao cumprir seu dever de trazer filhos ao mundo, apesar do fato de ninguém se casar com ela e apesar da desgraça pública, ela argumentava que “merecia, na minha humilde opinião, em vez de uma surra, uma estátua erigida em minha memória”. Conforme o texto de Franklin, o tribunal ficou tão comovido com o discurso que ela foi absolvida e um dos juízes se casou com ela no dia seguinte.²¹

A SOCIEDADE FILOSÓFICA AMERICANA

Franklin foi um dos primeiros a considerar os assentamentos britânicos na América não apenas colônias separadas, mas também parte de uma nação potencialmente unificada. Isso se devia, em parte, ao fato de que ele era muito menos paroquial do que a maioria dos americanos. Havia viajado de uma colônia para outra, feito alianças com impressores de Rhode Island à Carolina do Sul e recolhido notícias para seu jornal e sua revista graças à leitura de muitas

outras publicações americanas. Como agente postal da Filadélfia, suas conexões com outras colônias eram mais fáceis e sua curiosidade em relação a elas cresceu.

Em uma circular de maio de 1743, intitulada “Uma proposta para promover o conhecimento útil entre as plantações britânicas na América”, ele propunha o que era, na realidade, uma Junta intercolonial, a ser chamada de Sociedade Filosófica Americana. A ideia fora discutida pelo naturalista John Bartram, entre outros, mas Franklin tinha a gráfica, a inclinação e os contatos postais para juntar os elementos necessários. Baseada na Filadélfia, incluiria cientistas e pensadores de outras cidades, os quais compartilhariam seus estudos pelo correio. Resumos seriam enviados a todos os membros quatro vezes por ano.

Tal como no estatuto detalhado que fez para a Junta, Franklin era muito específico sobre os temas a serem explorados, que eram, sem surpresa, mais práticos do que puramente teóricos:

plantas, ervas, árvores, raízes recém-descobertas, suas virtudes, usos etc.; [...] melhorias de sucos vegetais, como sidras, vinhos etc.; novos métodos de cura ou prevenção de doenças; [...] aperfeiçoamentos em qualquer ramo da matemática [...] novas artes, ofícios e manufaturas [...] pesquisas, mapas e gráficos [...] métodos para melhorar as raças de animais [...] e todas as experiências filosóficas que lancem luz sobre a natureza das coisas.

Franklin ofereceu-se para ser o secretário.

Na primavera de 1744, a Sociedade começou a se reunir regularmente. O matemático pedante Thomas Godfrey era membro, o que indica que sua rixa com Franklin a respeito de dotes e almanaques acabara. Um dos membros mais importantes era Cadwallader Colden, um estudioso e oficial de Nova York que Franklin havia conhecido em suas viagens durante o ano anterior. Eles se tornariam amigos para o resto da vida e estimulariam os interesses científicos um do outro. O clube não foi muito ativo no início — Franklin se queixou de que seus membros eram “cavalheiros muito ociosos” —, mas acabou por se tornar uma sociedade culta que floresce até hoje.²²

A maioria das associações voluntárias que Franklin havia criado — a Junta, a biblioteca, a Sociedade Filosófica, até mesmo o corpo de bombeiros — não assumia as funções essenciais do governo. (Quando apareceu com um plano para uma patrulha da polícia, sugeriu que a Assembleia o aprovasse e controlasse.) Mas, em 1747, propôs algo que era, embora ele possa não ter percebido, muito mais radical: uma força militar independente do governo colonial da Pensilvânia.

O plano de Franklin para uma milícia voluntária da Pensilvânia surgiu em virtude da reação ineficaz do governo da colônia às ameaças em andamento da França e seus aliados indígenas. Desde 1689, as guerras intermitentes entre Grã-Bretanha e França vinham sendo travadas na América, e cada lado alistava várias tribos indígenas e corsários violentos para ganhar vantagem. O mais recente capitulo americano era conhecido como a Guerra do Rei George (1744-8), um desdobramento da Guerra de Sucessão austríaca na Europa e uma luta singular dos britânicos contra a Espanha, conhecida como a Guerra da Orelha de Jenkins (nome de um contrabandista britânico que teve essa parte do corpo removida pelos espanhóis). Entre os americanos que marcharam em 1746 em direção ao Canadá para combater os franceses e os indígenas em nome dos britânicos estava William Franklin, talvez então com dezesseis anos, cujo pai percebeu que era inútil resistir ao desejo de viajar do filho que ele mesmo havia sentido naquela idade.

William nunca entrou em ação, mas a guerra logo ameaçou a segurança da Filadélfia, quando corsários franceses e espanhóis começaram a invadir as cidades ao longo do rio Delaware. A Assembleia, dominada por quacres pacifistas, vacilou e não autorizou nenhuma defesa. Franklin ficou horrorizado com a falta de disposição para trabalhar em conjunto dos vários grupos da colônia — quacres, anglicanos e presbiterianos, gente da cidade e do campo. Então, em novembro de 1747, ele ocupou a brecha ao escrever um panfleto vibrante intitulado “Verdade simples”, assinado por “um comerciante da Filadélfia”.

Sua descrição da destruição que um ataque corsário poderia causar parecia um sermão terrorista do Grande Despertar:

No primeiro alarme, o terror vai se espalhar por toda a parte [...]. O homem que tem esposa e filhos vai encontrá-los pendurados em seu pescoço, rogando-lhe com lágrimas nos olhos para sair da cidade [...]. O saque à cidade será o primeiro, e queimá-la, com toda a probabilidade, o último ato do inimigo [...]. Confinados em vossas casas, não tereis nada em que confiar, exceto na misericórdia do inimigo [...]. Quem pode, sem

o máximo horror, conceber os sofrimentos causados por eles quando seus entes, fortunas, esposas e filhas estiverem sujeitas à fúria, rapina e luxúria cruéis e desenfreadas.

Com um pequeno trocadilho com a palavra “Amigos”,* Franklin culpava em primeiro lugar os quacres da Assembleia: “Devemos rogar-lhes que considerem, se não como amigos, pelo menos, como legisladores, que a proteção é verdadeiramente devida pelo governo ao povo”. Se seus princípios pacifistas os impediam de agir, deveriam ficar de lado. Franklin mencionava em seguida os “grandes e ricos homens” da facção dos proprietários, que se recusavam a agir devido a “inveja e ressentimento” em relação à Assembleia.

Então, quem poderia salvar a colônia? Aqui surgia o grande apelo de Franklin à nova classe média norte-americana. “Nós, o povo mediano”, escreveu com orgulho, usando a expressão duas vezes no panfleto. “Os comerciantes, lojistas e agricultores desta província e da cidade!”

Na sequência ele passava a usar uma imagem que seria aplicada a grande parte de sua obra nos anos seguintes: “No momento, somos como filamentos separados de linho antes que se forme o fio, sem força porque sem conexão. Mas a União nos faria fortes”.

Chama a atenção sua insistência populista de que não haja distinção de classe. A milícia seria organizada por área geográfica, e não por estratos sociais. Conforme ele disse, “isso se destina a impedir que as pessoas se separem em companhias de acordo com suas situações na vida, suas qualidades ou posições sociais. Ela é projetada para misturar os grandes e os pequenos [...] Não deve haver distinção de circunstância, todos devem estar no mesmo nível”. Em outra abordagem radicalmente democrática, Franklin propunha que cada uma das novas companhias de milícias elegeisse seus oficiais, em vez de tê-los nomeados pelo governador ou pela Coroa.

Franklin concluía com uma oferta para elaborar propostas de uma milícia, se seu pleito fosse bem recebido. Foi. “O panfleto teve um impacto súbito e surpreendente”, escreveu mais tarde. Assim, uma semana depois, em um artigo publicado em seu jornal, ele apresentou planos para uma milícia, com sua típica descrição detalhada da organização, do treinamento e das regras. Embora jamais tenha sido um orador público entusiástico ou eficaz, ele concordou em falar para uma plateia de pessoas de sua classe em um local de fabricação de velame e, em seguida, dois dias depois, para um público mais exclusivo de “cavalheiros, mercadores e outros” no Novo Salão que havia sido construído para Whitefield.²³

Em breve, cerca de 10 mil homens de toda a colônia estavam alistados e organizados em mais de cem companhias. A companhia da Filadélfia escolheu

Franklin como seu coronel, mas ele recusou o posto, dizendo-se “incapaz”. Em vez disso, serviu como “soldado comum” e assumia periodicamente sua vez na patrulha das baterias que ajudara a construir ao longo das margens do rio Delaware. Ele também se divertiu criando uma variedade de insígnias e lemas para várias companhias.

A fim de prover a Associação de Milícia com canhões e equipamentos, Franklin organizou uma loteria que levantou 3 mil libras esterlinas. A artilharia teve de ser comprada de Nova York, e Franklin comandou uma delegação para convencer o governador George Clinton a aprovar a venda. Franklin relatou, em tom divertido:

De início, ele recusou peremptoriamente as armas, mas durante o jantar com seu conselho, quando se bebeu muito vinho da Madeira, como era então costume do lugar, ele suavizou aos poucos e disse que nos emprestaria seis. Depois de mais alguns copos, avançou para dez; e por fim, muito bem-humorado, concedeu dezoito. Eram excelentes canhões, de dezoito libras, com suas carretas, que logo transportamos e montamos em nossa bateria.

Franklin não chegou a perceber como era radical que uma associação privada tomasse do governo o direito de criar e controlar uma força militar. Seu estatuto, tanto no espírito como na letra, prenunciava uma declaração que viria três décadas depois: “Estando assim desprotegidos pelo governo sob o qual vivemos, organizamo-nos pelo presente em uma associação, para nossa defesa mútua e segurança, e para a segurança de nossas esposas, nossos filhos e bens”.

Thomas Penn, o proprietário da colônia, entendeu as implicações das ações de Franklin. “Essa associação funda-se em um desprezo do governo”, escreveu ele ao secretário do conselho do governador, “algo pouco menos que traição.” Em carta posterior, ele chamou Franklin de “uma espécie de tribuno do povo”, e lamentou: “Ele é um homem perigoso e eu ficaria muito contente [se] ele habitasse em qualquer outro país, pois creio que é um espírito muito inquieto”.

No verão de 1748, a ameaça de guerra já havia passado e a Associação de Milícia foi dissolvida, sem nenhuma tentativa de Franklin de capitalizar seu novo poder e popularidade. Mas as lições que ele aprendeu ficaram. Ele percebeu que os colonos poderiam ter de cuidar de si mesmos, e não apenas confiar em seus governantes britânicos, que as elites poderosas não mereciam respeito e que “o povo mediano” de trabalhadores e comerciantes deveria ser a orgulhosa energia da nova terra. O episódio também reforçou sua crença central de que as pessoas, e talvez algum dia as colônias, poderiam realizar mais quando se uniam do que

quando eram somente filamentos separados de linho, quando formavam associações em vez de ficarem sozinhas.²⁴

APOSENTADORIA

A gráfica de Franklin já era então um bem-sucedido conglomerado de mídia verticalmente integrado. Ele tinha gráfica, editora, jornal, uma série de almanaques e o controle parcial do sistema postal. Os livros de sucesso que havia publicado variavam de biblias e saltérios ao romance de Samuel Richardson *Pamela*, uma história cuja mistura de atrevimento e moralismo provavelmente o atraiu. (A reimpressão feita por Franklin de *Pamela* em 1744 foi o primeiro romance publicado nas colônias norte-americanas.) Ele também montara uma rede de parcerias e franquias lucrativas de Newport e Nova York a Charleston e Antígua. O dinheiro entrava e Franklin investia boa parte dele, muito sabiamente, em propriedades na Filadélfia. “Eu experimentei a verdade da observação de que, depois de ganhar a primeira centena de libras, é mais fácil obter a segunda”, lembrou ele.

Acumular dinheiro, no entanto, não era o objetivo de Franklin. Apesar do espírito pecuniário dos ditados do Pobre Ricardo e da reputação de poupador que mais tarde foi atribuída a Franklin, ele não tinha alma de capitalista aquisitivo. Em carta para sua mãe, declarou: “Eu preferiria que dissessem ‘ele teve uma vida útil’ a ‘morreu rico’”.

Assim, em 1748, aos 42 anos — exatamente a metade de sua vida —, ele se aposentou e entregou a operação da gráfica ao seu supervisor, David Hall. O detalhado acordo de parceria que Franklin elaborou o deixaria rico o suficiente pelos padrões da maioria das pessoas: garantia-lhe a metade dos lucros do negócio pelos próximos dezoito anos, o que equivaleria a cerca de 650 libras esterlinas anuais. Numa época em que um funcionário comum ganhava em torno de 25 libras por ano, era uma quantia suficiente para viver com bastante conforto. Ele não via nenhuma razão para ocupar-se de seu negócio a fim de ganhar ainda mais. Conforme escreveu para Cadwallader Colden, agora teria “lazer para ler, estudar, fazer experiências e conversar em geral com os homens engenhosos e dignos que estão satisfeitos por me honrar com sua amizade”.²⁵

Até então, Franklin se considerara orgulhosamente um homem de avental de couro e comerciante comum, desprovido de pretensões aristocráticas, das quais chegava até a desdenhar. Da mesma forma, é assim que ele se retratava novamente no final da década de 1760, quando seu antagonismo às autoridades britânicas cresceu (e suas esperanças de cargos de alto patrocínio foram

frustradas), e essa é a imagem de si mesmo que transmitiria em sua autobiografia, que começou a escrever em 1771. É também o papel que desempenharia mais tarde como patriota revolucionário, enviado de gorro de pele e inimigo fervoroso de honras e privilégios hereditários.

Porém, em sua aposentadoria, e de forma intermitente durante a década seguinte, ele se imaginaria ocasionalmente como um cavalheiro refinado. Em seu estudo pioneiro *The Radicalism of the American Revolution* [O radicalismo da Revolução Americana], o historiador Gordon Wood o chama de “um dos mais aristocráticos dos pais fundadores”. Essa avaliação talvez seja um pouco exagerada ou amplia a definição de aristocrata, pois, mesmo durante os anos imediatamente posteriores à sua aposentadoria, Franklin evitou a maioria das pretensões elitistas e permaneceu um populista na maior parte de suas posições políticas locais. Mas sua aposentadoria inaugurou de fato um período de sua vida em que aspirou a ser, se não parte da aristocracia, pelo menos, como diz Wood, “um filósofo cavalheiro e autoridade pública” com um verniz de “nobreza esclarecida”.²⁶

O flerte ambivalente de Franklin com um novo status social foi captado na tela quando Robert Feke, um pintor autodidata popular de Boston, chegou à Filadélfia naquele ano. Ele fez o primeiro retrato conhecido de Franklin (hoje no Museu de Arte Fogg de Harvard) e o mostra vestido como um cavalheiro de casaco de veludo, camisa de babados e peruca. No entanto, em comparação com outros retratados por Feke naquele ano, Franklin se apresenta de forma bastante simples, desprovido de ostentação social. “Ele é representado de uma maneira quase dolorosamente simples e despretensiosa”, observa o historiador de arte Wayne Craven, especialista em retratos coloniais. “A simplicidade de Franklin não é acidental: tanto o pintor quanto o retratado teriam concordado que aquela era a forma mais adequada para representar um membro da sociedade mercantil colonial que era bem-sucedido, mas não efetivamente rico.”

Franklin não aspirava, com sua aposentadoria, a tornar-se apenas um cavalheiro ocioso. Ele deixou sua gráfica porque estava ansioso por concentrar sua grande ambição em outras atividades que o interessavam: a ciência, em primeiro lugar, depois a política, a diplomacia e a arte de governar. Como disse Pobre Ricardo em seu almanaque daquele ano, “o tempo perdido nunca mais é encontrado de novo”.²⁷

* Os quacres pertenciam à Sociedade Religiosa dos Amigos e eram conhecidos também como simplesmente “Amigos”. (N. T.)

6. Cientista e inventor *Filadélfia, 1744-51*

ESTUFAS, TEMPESTADES E CATETERES

Ainda jovem, a curiosidade intelectual de Franklin e sua admiração iluminista pela ordem do universo o atraíram para a ciência. Aos vinte anos, durante sua viagem de regresso da Inglaterra, estudara os golfinhos e calculara a localização do navio mediante a análise de um eclipse lunar; na Filadélfia, utilizou o jornal, o almanaque, a Junta e a sociedade filosófica para discutir fenômenos naturais. Seus interesses científicos perdurariam pelo resto de sua vida, com pesquisas sobre a corrente do Golfo, meteorologia, magnetismo da Terra e refrigeração.

Sua imersão mais intensa na ciência aconteceu durante a década de 1740 e atingiu o auge nos anos imediatamente posteriores ao seu afastamento dos negócios, em 1748. Ele não tinha formação acadêmica, nem base matemática para ser um grande teórico, e sua busca do que chamava de “divertimentos científicos” fez com que algumas pessoas o vissem como mero remendão. Mas, durante sua vida, ele foi celebrado como o mais famoso cientista vivo, e estudos acadêmicos recentes restauraram seu lugar no panteão científico. O professor de Harvard Dudley Herschbach declara: “Seu trabalho sobre eletricidade foi reconhecido em inaugurador de uma revolução científica comparável à

provocada por Newton no século anterior ou por Watson e Crick no nosso”.¹

As investigações científicas de Franklin eram provocadas principalmente por pura curiosidade e pela emoção da descoberta. Na verdade, havia alegria em seu interesse extravagante, fosse no uso de choques de eletricidade para cozinhar perus, fosse na distração de seu tempo de funcionário da Assembleia, construindo complexos “quadrados mágicos” de números em que as linhas, colunas e diagonais somadas davam todas o mesmo resultado.

Ao contrário do que ocorria em algumas de suas outras pesquisas, ele não era movido por razões pecuniárias; declinou de patentear suas invenções famosas e sentia prazer em partilhar livremente suas descobertas. Tampouco era motivado somente pela busca por coisas práticas. Reconhecia que seus quadrados mágicos eram “incapazes de aplicação útil”, e seu interesse inicial por eletricidade foi provocado mais por fascínio do que pela busca de utilidade.

Não obstante, sempre tinha em mente o objetivo de fazer ciência útil, de acordo com o desejo da esposa do Pobre Ricardo, que queria que ele fizesse algo prático com todas as suas velhas “geringonças”. Em geral, Franklin começava uma investigação científica impulsionado por pura curiosidade intelectual e, depois, procurava uma aplicação prática para ela.

Seu estudo sobre como tecidos escuros absorvem melhor o calor do que os claros é um exemplo desse método. Essas experiências, iniciadas na década de 1730 com Joseph Breintnall, seu colega de Junta, baseadas nas teorias de Isaac Newton e Robert Boyle, incluíam a colocação de pedaços de panos de cores diferentes na neve para determinar quanto o sol aquecia cada um deles com a posterior medição do derretimento. Mais tarde, ao descrever as experiências, ele se voltou para as consequências práticas, entre elas a de que “roupas pretas não são muito adequadas para vestir em um clima quente e ensolarado” e que as paredes de galpões de frutas deveriam ser pintadas de preto. Ao relatar tais conclusões, ele fez a famosa observação: “Que sentido tem uma filosofia que não se aplica a algum uso?”.²

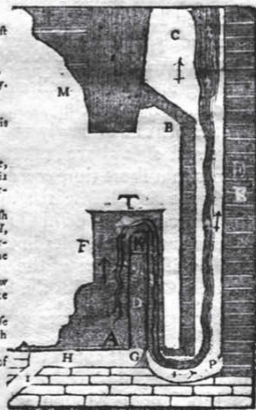
Um exemplo muito mais significativo de aplicação da teoria científica para fins práticos foi sua invenção, no início da década de 1740, de uma estufa a lenha que poderia ser incorporada a lareiras para maximizar o calor, ao mesmo tempo que diminuía a fumaça e as correntes de ar. Usando seu conhecimento de convecção e de transferência de calor, Franklin elaborou um projeto engenhoso (e provavelmente demasiado complexo).

A estufa era construída de tal modo que o calor e a fumaça do fogo subiam e aqueciam uma chapa de ferro no topo e depois desciam por convecção por um canal que passava sob a parede da lareira e, por fim, subiam pela chaminé. No processo, o fogo aquecia uma câmara metálica interna que puxava o ar frio e limpo do porão, o aquecia e o emitia por grelhas para a sala. Essa era a teoria.

the following

PROFILE of the Chimney and FIRE-PLACE.

- M The Mantle-piece or Breast of the Chimney.
- C The Funnel.
- B The false Back & Closing.
- E True Back of the Chimney.
- T Top of the Fire-place.
- F The Front of it.
- A The Place where the Fire is made.
- D The Air-Box.
- K The Hole in the Side-plate, thro' which the warm'd Air is discharg'd out of the Air-Box into the Room.
- H The Hollow fill'd with fresh Air, entering at the Passage I, and ascending into the Air-Box thro' the Air-hole in the Bottom-plate near
- G The Partition in the Hollow to keep the Air and Smoke apart.
- P The Passage under the false Back and Part of the Hearth for the Smoke.
- I I I I I The Course of the Smoke.



Em 1744, um colega da Junta que era ferreiro fabricou a nova estufa e Franklin fez com que dois de seus irmãos e vários outros amigos a comercializassem em todo o nordeste. No panfleto de venda escrito por Franklin havia ciência e promoção comercial. Explicava em detalhes como o ar quente se expande para ocupar mais espaço do que o frio, como é mais leve e como o calor se irradia, enquanto a fumaça é carregada apenas pelo ar. Também incluía depoimentos sobre seu novo projeto e alardeava que ele diminuía as correntes de ar frio e a fumaça, reduzindo o risco de febres e tosses. Além disso, economizava combustível, anunciava Franklin.

As novas Lareiras Pensilvânia, como ele as chamou, vendidas a cinco libras esterlinas, tiveram um sucesso inicial e os jornais das colônias se encheram de depoimentos. “Elas deveriam chamar-se, por justiça e gratidão, estufas do sr. Franklin”, declarava uma carta enviada ao *Boston Evening Post*. “Acredito que

todos que já experimentaram o conforto e o benefício proporcionados por ela concordarão que o autor dessa feliz invenção merece uma estátua.”

O governador da Pensilvânia estava entre os entusiastas e ofereceu a Franklin o que poderia ser uma patente lucrativa. “Mas eu não a aceitei”, observou Franklin em sua autobiografia. “Assim como nós desfrutamos de grandes vantagens das invenções de outros, devemos agradecer a oportunidade de servir aos outros com uma invenção nossa, e isso deve ser feito livre e generosamente.” Era um sentimento nobre e sincero.

Um estudo exaustivo recente mostra que o projeto de Franklin se revelou menos prático e popular do que ele esperava. A menos que a chaminé e os canais mais baixos estivessem quentes, não havia convecção suficiente para impedir que a fumaça voltasse para a sala. Isso tornava o ato de acender a estufa um problema. As vendas diminuíram, a fabricação cessou em duas décadas e a maioria dos modelos foi modificada por seus donos para eliminar o canal de volta e a câmara. Pelo resto de sua vida, Franklin refinaria suas teorias sobre projetos de chaminés e lareiras. Mas o que é hoje conhecido como estufa de Franklin é uma engenhoca muito mais simples do que aquela originalmente concebida por ele.³

Franklin também combinou ciência e praticidade mecânica ao criar o primeiro cateter urinário usado na América, que era uma modificação de uma invenção europeia. Seu irmão John, em Boston, estava gravemente doente e escreveu a Franklin sobre seu desejo de um tubo flexível para ajudá-lo a urinar. Franklin fez um projeto e, em vez de simplesmente descrevê-lo, foi a um prateiro da Filadélfia e supervisionou sua fabricação. O tubo era fino o suficiente para ser flexível, e Franklin adicionou um fio que podia ser enfiado no interior para endurecê-lo enquanto estava inserido e, depois, ser gradualmente retirado quando o tubo atingia o ponto em que precisava ser encurvado. O cateter comportava um parafuso que permitia que fosse inserido girando, e ele o fez dobrável, a fim de facilitar sua retirada. “É necessária experiência para o uso correto de todas as novas ferramentas ou instrumentos, e isso talvez sugira alguns aperfeiçoamentos”, disse Franklin ao irmão.

O estudo da natureza continuou a interessar Franklin. Entre suas descobertas mais notáveis estava a de que as grandes tempestades da costa leste, conhecidas como nordestinas, cujos ventos vinham do nordeste, na verdade se moviam na direção oposta de seus ventos, subindo do sul pela costa. Na noite de 21 de outubro de 1743, Franklin aguardava para observar um eclipse lunar cuja ocorrência seria às oito e meia. Porém, uma tempestade violenta atingiu a Filadélfia e o céu escureceu. Nas semanas seguintes, ele leu notícias sobre os danos causados pela tempestade da Virgínia a Boston. “Mas o que me surpreendeu foi encontrar nos jornais de Boston um relato da observação daquele eclipse”, ele disse mais tarde a seu amigo Jared Eliot. Então Franklin escreveu

para seu irmão em Boston, e este confirmou que a tempestade só chegou uma hora após o fim do eclipse. Conforme contou a Eliot, novas investigações sobre o momento daquela e de outras tempestades acima e abaixo da costa o levaram à “opinião muito singular de que, embora o trajeto do vento seja de nordeste para sudoeste, o trajeto da tempestade é de sudoeste para nordeste”. Ele ainda supôs, corretamente, que o ar em ascensão aquecido no sul criava sistemas de baixa pressão, que atraíam ventos do norte. Mais de 150 anos depois, o grande estudioso William Morris Davis proclamou: “Com isso, teve início a ciência da previsão do tempo”.⁴

Dezenas de outros fenômenos científicos também atraíram o interesse de Franklin durante esse período. Por exemplo, ele correspondeu-se com seu amigo Cadwallader Colden sobre cometas, a circulação do sangue, o suor, a inércia e a rotação da Terra. Mas foi um espetáculo de truques de salão a que assistiu em 1743 que o lançou no caminho daquela que seria de longe sua mais célebre pesquisa científica.

ELETRICIDADE

Numa noite do verão de 1743, em uma visita a Boston, Franklin divertiu-se com um cientista viajante da Escócia, o dr. Archibald Spencer. (Em sua autobiografia, Franklin fornece o nome e o ano errados, dizendo tratar-se de um certo dr. Spence, em 1746.) Spencer era especialista em demonstrações surpreendentes que beiravam a mostra de diversões. Ele representava as teorias de Newton sobre a luz e exibiu uma máquina que media o fluxo do sangue, ambos assuntos de interesse de Franklin. No entanto, mais importante do que isso, realizava truques de eletricidade, tais como criar eletricidade estática esfregando um tubo de vidro e tirar faíscas dos pés de um menino pendurado por cordas de seda no teto. “Uma vez que diziam respeito a um tema bastante novo para mim, os truques ao mesmo tempo me surpreenderam e me agradaram”, relembrou Franklin.

No século anterior, Galileu e Newton haviam desmistificado a gravidade. Mas a outra grande força do universo, a eletricidade, não era mais bem entendida do que fora pelos antigos. Havia pessoas, como o dr. Spencer, que brincavam com ela para realizar espetáculos. O abade Nollet, cientista da corte do rei Luís XV da França, havia ligado 180 soldados e, depois, setecentos monges e, para diversão da corte, os fizera saltar em uníssono enviando através deles um choque de eletricidade estática. Franklin, contudo, era a pessoa perfeita para transformar a eletricidade de um truque de magia em ciência. Essa tarefa não exigia um estudioso de matemática ou teórico, e sim uma pessoa inteligente e

engenhosa movida pela curiosidade de realizar experimentos práticos, além de suficiente talento mecânico e tempo para fuçar em numerosas engenhocas.

Poucos meses depois de Franklin voltar para a Filadélfia, o dr. Spencer visitou a cidade. Franklin atuou como seu agente, divulgou suas palestras e vendeu ingressos em sua gráfica. A Companhia da Biblioteca também recebeu, no início de 1747, de Peter Collinson, seu agente em Londres, um longo tubo de vidro para gerar eletricidade estática, bem como documentos que descreviam alguns experimentos. Na carta de agradecimento a Collinson, Franklin foi efusivo ao descrever a diversão que estava tendo com o dispositivo: “Nunca antes me envolvi em um estudo que absorvesse tanto minha atenção”. Ele encomendou a um vidreiro e um ourives que fizessem mais desses aparelhos e convidou seus amigos da Junta a participar do experimento.⁵

A primeira experiência séria de Franklin foi feita com a coleta de uma carga elétrica e, em seguida, o estudo de suas propriedades. Ele fez seus amigos atraírem cargas do tubo de vidro giratório e depois tocarem uns nos outros para ver se provocavam faíscas. O resultado foi a descoberta de que a eletricidade “não era criada pelo atrito, mas apenas recolhida”. Em outras palavras, uma carga podia ser atraída para a pessoa A e tirada da pessoa B, e o fluido elétrico fluiria de volta se as duas pessoas se tocassem.

Para explicar isso, ele inventou alguns termos novos em uma carta para Collinson. “Dizemos que B é eletrizado *positivamente*; A *negativamente*: ou melhor, B é eletrizado *mais* e A, *menos*.” Ele pediu desculpas ao inglês pela criação de palavras: “Podemos usar esses termos até que seus estudiosos nos deem melhores”.

Na verdade, os termos inventados por Franklin são aqueles que usamos ainda hoje, junto com outros neologismos que criou para descrever suas descobertas: bateria, carregado, neutro, condensar e condutor. Parte da importância de Franklin como cientista está em sua escrita clara. “Ele escreveu tanto para filósofos como para não iniciados”, observou Sir Humphry Davy, químico inglês do início do século XIX, “e tornou seus detalhes divertidos e compreensíveis.”

Até então, pensava-se que a eletricidade envolvia dois tipos de fluido, chamados vítreo e resinoso, que poderiam ser criados de forma independente. A descoberta de Franklin de que a geração de uma carga positiva era acompanhada pela geração de uma carga negativa igual se tornou conhecida como a teoria da conservação de carga e do fluido único da eletricidade. Os conceitos refletiam sua mentalidade de guarda-livros, expressa pela primeira vez em sua “Dissertação” de Londres que postulava que prazer e dor estão sempre em equilíbrio.

Foi um avanço de proporções históricas. Nas palavras do professor de Harvard I. Bernard Cohen: “Como uma generalização ampla que resistiu ao teste

de duzentos anos de aplicação frutífera, a lei da conservação da carga elétrica de Franklin deve ser considerada de importância tão fundamental para a ciência física quanto a lei da conservação da quantidade de movimento de Newton”.

Franklin descobriu também um atributo das cargas elétricas — “os maravilhosos efeitos de pontas” — que em breve levaria à sua mais famosa aplicação prática. Ele eletrificou uma bola de ferro pequena e balançou uma rolha ao lado dela, a qual foi repelida devido à força da carga da bola. Quando ele aproximou da bola a ponta de um pedaço pontiagudo de metal, ela afastou a carga. Mas uma peça arredondada de metal não atraía uma carga nem provocava faísca tão facilmente, e, se estivesse isolada em vez de aterrada, não atraía nenhuma carga.

Ele deu continuidade às suas experiências com a captação e o armazenamento de cargas elétricas em uma forma primitiva de condensador chamado garrafa de Leyden (nome da cidade holandesa em que foi inventado). Essas garrafas tinham uma folha metálica do lado de fora; no interior, separado do metal pelo isolamento de vidro, havia chumbo, ou água ou metal que podia ser carregado através de um arame. Franklin mostrou que, quando o interior da garrafa estava carregado, a folha exterior apresentava uma carga igual e oposta.

Além disso, ao derramar a água e o metal que estavam dentro de uma garrafa de Leyden carregada e não conseguir provocar uma faísca, ele descobriu que a carga não residia neles e concluiu corretamente que era o próprio vidro que a segurava. Então, alinhou uma série de placas de vidro ladeadas por metal, carregou-as, ligou umas às outras com um fio e criou (e deu o nome a) um novo dispositivo: “o que chamamos de bateria elétrica”.⁶

A eletricidade também energizou seu senso de humor. Ele criou uma aranha de metal carregada de eletricidade que saltava como uma aranha de verdade, eletrificou a cerca de ferro em torno de sua casa para produzir faíscas que divertiam os visitantes e fez com que um retrato do rei George II produzisse um choque de “alta traição” quando alguém tocava em sua coroa dourada. “Se uma roda de pessoas levar o choque, o experimento é chamado de Os Conspiradores”, brincou Franklin. Os amigos se reuniam para ver seus shows, e ele reforçou sua reputação de brincalhão. (Em uma das cenas mais estranhas no romance de Thomas Pynchon *Mason e Dixon*, Franklin junta alguns jovens em uma taberna para sacudi-los com sua bateria, gritando “Todos de mãos dadas agora, Fileira de Peralvilhos”.)

Como o verão de 1749 se aproximava e o aumento da umidade tornava as experiências mais difíceis, Franklin decidiu suspendê-las até o outono. Embora suas descobertas tivessem grande significado histórico, ele ainda tinha que lhes dar uma utilidade prática. A Collinson lamentou estar “um pouco decepcionado por não ter sido até agora capaz de descobrir nada de útil para a humanidade”. Na verdade, depois de muitas teorias revistas e alguns choques dolorosos que o

fizeram desmaiar, o único “uso descoberto da eletricidade”, disse o homem que estava sempre tentando controlar seu orgulho, era que “pode ajudar a tornar humilde um homem vaidoso”.

O final da temporada de experimentos deu motivo para uma “festa de prazer” nas margens do rio. Franklin descreveu-a em carta para Collinson:

Um peru será morto para nossos jantares pelo choque elétrico, e assado pelo facho elétrico, diante de um fogo aceso pela garrafa eletrificada, enquanto beberemos à saúde de todos os eletricistas famosos da Inglaterra, da França e da Alemanha em copos eletrificados, sob a descarga de armas da bateria elétrica.

A frivolidade correu bem. Embora os perus se revelassem mais difíceis de matar do que as galinhas, Franklin e os amigos finalmente obtiveram sucesso com uma grande bateria. “As aves mortas dessa maneira ficam extraordinariamente macias”, escreveu ele, tornando-se o pioneiro culinário do peru frito. Quanto a fazer algo mais prático, haveria tempo para isso no outono.⁷

ARREBATANDO OS RAIOS DO CÉU

No diário que mantinha para seus experimentos, Franklin observou em novembro de 1749 algumas semelhanças intrigantes entre faíscas elétricas e raios. Ele listou doze delas, entre as quais: “1. Dar luz. 2. Cor da luz. 3. Direções tortas. 4. Movimento rápido. 5. Condução por metais. 6. Estalo ou barulho de explosão. [...] 9. Destruição de animais. [...] 12. Cheiro sulfuroso”.

O mais importante é que ele estabeleceu uma conexão entre essa conjectura sobre raios e suas experiências anteriores sobre o poder de objetos metálicos pontiagudos de atrair cargas elétricas. “O fluido elétrico é atraído por pontas. Não sabemos se essa propriedade existe em um raio. Mas, uma vez que eles concordam em todos os detalhes em que já podemos compará-los, não é provável que concordem também nisso?” A essa pergunta, ele acrescentou um grito de guerra momentoso: “*Que se faça a experiência*”.

Durante séculos, o flagelo devastador dos raios foi considerado um fenômeno sobrenatural ou expressão da vontade de Deus. Diante da aproximação de uma tempestade, os sinos das igrejas tocavam para afastar os raios. “Os sons do metal consagrado repelem o demônio e evitam tempestades e relâmpagos”, declarou São Tomás de Aquino. No entanto, mesmo os mais fiéis

provavelmente notavam que isso não era muito eficaz. Em meados do século XVIII, num período de 35 anos, somente na Alemanha, 386 igrejas foram atingidas e mais de cem sineiros foram mortos. Em Veneza, cerca de 3 mil pessoas foram mortas quando toneladas de pólvora armazenadas em uma igreja foram atingidas. Mais tarde, Franklin relatou ao professor de Harvard John Winthrop: “O raio parece atacar torres escolhidas e no exato momento em que os sinos estão tocando; ainda assim, continuam a abençoar os sinos novos e a tocar os antigos sempre que troveja. É o caso de pensar que está na hora de tentar outro truque”.⁸

Muitos cientistas, entre eles Newton, notaram a aparente conexão entre raios e eletricidade. Mas ninguém havia declarado “que se faça a experiência”, nem criado um teste metódico, ou pensado na praticidade de amarrar tudo isso com o poder de hastes de metal pontiagudas.

Franklin esboçou pela primeira vez suas teorias sobre raios em abril de 1749, pouco antes de fritar os perus. Os vapores de água em uma nuvem podem estar eletricamente carregados, conjecturou, e os positivos se separarão dos negativos. Quando essas “nuvens eletrificadas passam”, acrescentou, “as árvores altas, torres elevadas, flechas de torres, mastros de navios [...] atraem o fogo elétrico e a nuvem inteira solta uma descarga”. Não era um palpite ruim, e isso levou a alguns conselhos práticos: “Perigoso, portanto, é se abrigar sob uma árvore durante uma rajada de trovões”. E também levou à mais famosa de todas as suas experiências.⁹

Antes de tentar realizar pessoalmente seus experimentos, Franklin descreveu-os em duas famosas cartas enviadas a Collinson em 1750, que foram apresentadas à Sociedade Real de Londres e depois amplamente divulgadas. A ideia essencial era usar uma haste de metal alta para atrair um pouco da carga elétrica de uma nuvem, tal como ele usara uma agulha para atrair a carga de uma bola de ferro em seu laboratório. Franklin detalhou a proposta de experiência:

No topo de uma torre alta ou campanário, pôr uma espécie de guarita grande o suficiente para conter um homem e um suporte elétrico. Do meio do suporte, ergue-se uma haste de ferro [...] vertical, de seis a nove metros, com uma ponta bem aguda no final. Se o suporte elétrico for mantido limpo e seco, um homem de pé sobre ele quando as nuvens estão passando baixo pode ser eletrificado e produzir fagulhas, com a haste atraindo fogo para ele vindo da nuvem. Se houver receio de algum perigo para o homem (embora eu pense que não haveria nenhum), que ele permaneça no chão de sua guarita e de vez em quando aproxime da haste

a alça de um fio que tem uma extremidade presa aos condutores, ele segurando-o por um cabo de cera [isto é, isolando-o]. Desse modo, as faíscas, se a haste for eletrificada, passarão da haste para o fio e não o afetarão.

O único erro de Franklin estava em pensar que não haveria perigo, como pelo menos um experimentador europeu descobriu fatalmente. Sua sugestão de usar um fio seguro por um cabo de cera de isolamento era uma ideia mais inteligente.

Se suas suposições fossem verdadeiras, Franklin escreveu em outra carta para Collinson, então, os para-raios poderiam domar um dos maiores perigos naturais que as pessoas enfrentavam. “Casas, navios e até cidades e igrejas podem ser eficazmente protegidos do ataque de um raio por meio deles”, previu ele. “O fogo elétrico seria, penso eu, retirado de uma nuvem em silêncio.” Porém, ele não tinha certeza. “Isso pode parecer extravagante, mas deixemos passar no momento até que eu faça os experimentos em geral.”¹⁰

Trechos das cartas de Franklin foram divulgados em Londres pela *The Gentleman's Magazine* em 1750 e, no ano seguinte, as cartas foram publicadas como um livretinho de 86 páginas. Mais significativo ainda, foram traduzidas para o francês no início de 1752 e se tornaram uma sensação. O rei Luís XV pediu que fizessem testes de laboratório para ele, que foram realizados em fevereiro por três franceses que haviam traduzido as experiências de Franklin, liderados pelos naturalistas conde de Buffon e Thomas-François D'Alibard. O rei ficou tão entusiasmado que incentivou o grupo a tentar a experiência proposta por Franklin com um para-raios. Uma carta à Sociedade Real de Londres observava: “Tendo esses aplausos de Sua Majestade animado nos senhores de Buffon, D'Alibard e de Lor um desejo de verificar as conjecturas do sr. Franklin sobre a analogia entre trovão e eletricidade, eles se prepararam para fazer a experiência”.

Na aldeia de Marly, na periferia norte de Paris, os franceses construíram uma guarita com uma haste de ferro de doze metros e arremataram um soldado aposentado para fazer o papel de Prometeu. Em 10 de maio de 1752, pouco depois das duas da tarde, uma nuvem de tempestade passou e o soldado conseguiu atrair faíscas, como Franklin havia previsto. Um prior entusiasmado do lugar agarrou o fio isolado e repetiu a experiência seis vezes, levando um choque numa delas, mas sobreviveu para comemorar o sucesso. Dentro de semanas, o experimento foi reproduzido dezenas de vezes em toda a França. “A ideia do sr. Franklin deixou de ser uma conjectura”, relatou D'Alibard à Academia Real Francesa. “Aqui, ela tornou-se realidade.”

Embora ainda não soubesse disso, Franklin tornou-se uma sensação internacional. Collinson, em êxtase, escreveu de Londres que “o Grande

Monarca da França ordena rigorosamente” que seus cientistas transmitam “expressamente cumprimentos ao sr. Franklin da Filadélfia pelas descobertas úteis em eletricidade e aplicação das hastes pontiagudas para prevenir os terríveis efeitos de tempestades”.¹¹

No mês seguinte, antes que a notícia do sucesso francês chegasse à América, Franklin criou sua própria maneira engenhosa de realizar o experimento, de acordo com relatos escritos depois por ele e seu amigo, o cientista Joseph Priestley. Ele estava esperando que terminassem a construção do campanário da igreja de Cristo da Filadélfia para poder usar o seu elevado ponto de observação. Impaciente, teve então a ideia de usar uma pipa, um brinquedo que gostava de empinar e experimentar desde seus dias de infância em Boston. A fim de fazer a experiência com algum sigilo, chamou seu filho William para ajudar a empinar a pipa de seda. Um arame aguçado se projetava da parte superior do brinquedo e uma chave foi presa próximo da base da corda molhada, de modo que um arame podia ser aproximado dela, numa tentativa de atrair faíscas.

Nuvens passaram sem causar nenhum efeito. Franklin começava a perder a esperança quando de repente viu alguns fios da corda endurecerem. Ao pôr os nós dos dedos na chave, conseguiu atrair faíscas (e sobreviver, por incrível que pareça). Ele tratou de coletar parte da carga em uma garrafa de Leyden e descobriu que ela tinha as mesmas qualidades da eletricidade produzida em laboratório. “Dessa maneira, a similaridade da matéria elétrica com a de um raio”, relatou em carta do mês de outubro seguinte, foi “completamente demonstrada.”

Franklin e sua pipa estavam destinados a ser celebrados não apenas nos anais da ciência, mas também no folclore popular. A famosa pintura feita por Benjamin West em 1805, *Franklin atraindo a eletricidade do céu*, mostra-o equivocadamente como um sábio enrugado, em vez de um homem vivaz de 46 anos, e uma igualmente famosa gravura do século XIX de Currier e Ives mostra William como um garotinho, no lugar de um rapaz com cerca de 21 anos.

Até entre os historiadores da ciência há certo mistério em relação ao famoso empinamento de pipa de Franklin. Embora tenha supostamente ocorrido em junho de 1752, sem que soubesse dos testes franceses realizados algumas semanas antes, Franklin não fez nenhuma declaração pública sobre a experiência durante meses. Ele não a mencionou nas cartas que escreveu a Collinson naquele verão, e aparentemente não contou nada ao seu amigo Ebenezer Kinnersley, que estava dando palestras sobre eletricidade na Filadélfia na ocasião. Tampouco divulgou publicamente sua experiência com a pipa mesmo depois de receber a notícia do sucesso francês, provavelmente no final de julho ou em agosto. Em 27 de agosto de 1752, o *The Pennsylvania Gazette* reproduzia uma carta sobre as experiências francesas, mas não mencionava que Franklin e seu filho já haviam

confirmado os resultados.

O primeiro relato público ocorreu em outubro, quatro meses após o fato, em uma carta que Franklin escreveu a Collinson e publicou no *Gazette*:

Como há menções frequentes em jornais da Europa ao sucesso da experiência da Filadélfia para atrair o fogo elétrico das nuvens, pode ser agradável para os curiosos receber a informação de que o mesmo experimento foi bem-sucedido na Filadélfia, embora conduzido de uma forma diferente e mais fácil.

Ele então descrevia os detalhes da construção da pipa e outros aparelhos, mas de maneira estranhamente impessoal, sem jamais usar a primeira pessoa para deixar explícito que ele e seu filho haviam feito tudo. Terminava a carta expressando satisfação porque o sucesso de seus experimentos na França levava à instalação de para-raios naquele país, e fazia questão de ressaltar que “nós os instalamos antes, em cima de nossa academia e nas cúspides da sede do governo”. A mesma edição do jornal anunciava a nova edição do *Almanaque do Pobre Ricardo*, com um relato sobre “como proteger casas etc. de raios”.

Um relato mais colorido e pessoal do empinamento de pipa, com detalhes sobre o envolvimento de William, apareceu em *The History and Present State of Electricity* [A história e o estado atual da eletricidade], de Joseph Priestley, publicado pela primeira vez em 1767. “Ocorreu-lhe que, com uma pipa comum, ele poderia ter um acesso melhor e mais rápido às regiões do trovão do que por qualquer torre”, Priestley escreveu sobre Franklin, e “ele aproveitou a oportunidade da aproximação da primeira tempestade para dar uma caminhada em um campo no qual havia um galpão conveniente para seu propósito.” Priestley, conhecido cientista inglês, baseou seu relato em informações recebidas diretamente de Franklin, a quem conhecera em Londres, em 1766. Franklin forneceu material científico a Priestley e revisou o manuscrito, que termina com esta declaração categórica: “Isso aconteceu em junho de 1752, um mês depois que os eletricitistas da França verificaram a mesma teoria, mas antes que ele tivesse ouvido falar sobre o que eles haviam feito”.¹²

O atraso de Franklin em relatar sua experiência com a pipa levou alguns historiadores a se perguntarem se ele realmente a realizou naquele verão, e um livro recente chega mesmo a acusar que sua alegação foi uma “farsa”. Mais uma vez, o meticuloso I. Bernard Cohen fez um trabalho exaustivo de investigação histórica. Baseando-se em cartas, relatórios, e no fato de que para-raios foram erguidos na Filadélfia naquele verão, ele conclui, após quarenta páginas de análise, que “não há nenhuma razão para duvidar de que Franklin

tenha concebido e executado o experimento da pipa antes de receber a notícia da experiência francesa”. Cohen afirma ainda que a experiência foi conduzida “não somente por Franklin, mas também por outros”, e acrescenta que “podemos concluir com segurança que Franklin fez a experiência da pipa em junho de 1752, e que logo depois, no final de junho ou em julho de 1752, foi na Filadélfia que os primeiros para-raios instalados foram postos em serviço”.¹³

Na verdade, penso que não é razoável acreditar que Franklin tenha inventado a data de junho ou outros fatos de sua experiência com a pipa. Não há nenhum caso em que ele tenha embelezado suas realizações científicas, e sua descrição e o relato de Priestley contêm detalhes específicos que os tornam convincentes. Se quisesse tornar sua história mais atraente, Franklin poderia ter alegado que empinou sua pipa antes que os cientistas franceses realizassem a versão deles de seu experimento; em vez disso, admitiu generosamente que os cientistas franceses foram os primeiros a provar sua teoria. E o filho de Franklin, com quem mais tarde ele teve um desentendimento violento, nunca contradisse a história bem contada da pipa.

Então, por que ele adiou o relato do que pode ser o seu feito científico mais famoso? Há muitas explicações. Franklin quase nunca publicava relatos imediatos de suas experiências em seu jornal, ou em nenhum outro lugar. Ele costumava esperar, como provavelmente fez nesse caso, para preparar um relato completo, em vez de dar uma notícia rápida. Com frequência, levava um tempo para escrever e depois fazer uma cópia; não divulgou publicamente seus experimentos de 1748, por exemplo, até sua carta para Collinson, em abril de 1749, e houve atraso semelhante em transmitir seus resultados, divulgados no ano seguinte.

Ele também pode ter sentido medo de ser ridicularizado se suas descobertas iniciais se provassem equivocadas. Priestley, em sua história da eletricidade, citou essas preocupações como o motivo de Franklin empinar secretamente sua pipa. De fato, no momento mesmo em que as experiências estavam sendo realizadas naquele verão, muitos cientistas e comentaristas, entre eles o abade Nollet, as consideravam tolas. Assim, ele talvez estivesse esperando, como especula Cohen, para repetir e aperfeiçoar os experimentos. Outra possibilidade, sugerida por Van Doren, é que ele queria que a revelação coincidisse com a publicação do artigo sobre para-raios na nova edição de seu almanaque, que sairia em outubro.¹⁴

Qualquer que tenha sido sua razão para adiar o relato de seu experimento, Franklin foi levado naquele verão a convencer os cidadãos da Filadélfia a instalar pelo menos dois para-raios aterrados em construções altas, os quais, aparentemente, foram os primeiros do mundo utilizados para proteção. Em setembro daquele ano, ele também instalou uma vara na própria casa com um dispositivo engenhoso para avisar sobre a aproximação de uma tempestade. A haste, que ele descreveu em uma carta para Collinson, estava aterrada por um

fio ligado à bomba de um poço, mas ele deixou uma lacuna de quinze centímetros no fio quando ele passava pela porta de seu quarto. Nessa lacuna havia uma bola e dois sinos que tocariam quando uma nuvem de tempestade eletrificasse a haste. Era uma combinação típica de diversão, pesquisa e praticidade. Ele a utilizou para atrair cargas para seus experimentos, porém a lacuna era pequena o suficiente para permitir uma descarga segura, caso um raio realmente caísse. Deborah, no entanto, achou menos engraçado. Anos depois, quando Franklin estava morando em Londres, ele respondeu à queixa da esposa — “se o toque a assusta” — instruindo-a a fechar a lacuna com um fio de metal para que o para-raios protegesse a casa em silêncio.

Em alguns círculos, especialmente os religiosos, as descobertas de Franklin provocaram polêmica. O abade Nollet, ciumento, continuou a denegrir suas ideias e afirmou que o para-raios era uma ofensa a Deus. “Ele fala como se achasse presunção do homem propor se defender contra os trovões do céu!”, Franklin escreveu a um amigo. “Com certeza, o trovão do céu não é mais sobrenatural do que a chuva, o granizo ou sol do céu, contra cujo inconveniente nos guardamos com telhados e sombras, sem escrúpulos.”

A maior parte do mundo logo concordou, e os para-raios começaram a brotar em toda a Europa e nas colônias. De repente, Franklin era um homem famoso. Harvard e Yale deram-lhe títulos honoríficos no verão de 1753, e a Sociedade Real de Londres fez dele a primeira pessoa que vivia fora da Grã-Bretanha a receber a sua prestigiosa medalha Copley de ouro. Sua resposta para a Sociedade foi tipicamente espirituosa: “Não sei se algum membro culto de vosso corpo atingiu a antiga arte alardeada de multiplicar o ouro, mas vos certamente encontrastes a arte de torná-lo infinitamente mais valioso”.¹⁵

UM LUGAR NO PANTEÃO

Ao descrever para Collinson como pontas de metal desviavam cargas elétricas, Franklin arriscou algumas teorias sobre a física subjacente. Porém admitiu que tinha “algumas dúvidas” sobre essas conjecturas e acrescentou sua opinião de que aprender *como* a natureza agia era mais importante do que saber as razões teóricas do *porquê*:

Tampouco tem muita importância para nós saber a maneira como a natureza executa suas leis; é suficiente conhecermos as próprias leis. É de utilidade real saber que a porcelana deixada no ar sem suporte cairá e

quebrará; mas como ela chega a cair e por que quebra são questões de especulação. Na verdade, é um prazer conhecê-las, no entanto podemos preservar nossa porcelana sem isso.

É por essa atitude, e sua falta de fundamento em matemática e física teórica, que Franklin, embora engenhoso, não foi um Galileu ou um Newton. Ele era um experimentador prático mais do que um teórico sistemático. Tal como acontecia com sua filosofia moral e religiosa, seu trabalho científico se distinguiu menos por sua sofisticação teórica abstrata do que por seu foco em descobrir fatos e pô-los em uso.

Ainda assim, não devemos minimizar a importância teórica de suas descobertas. Ele foi um dos cientistas mais notáveis de sua época e concebeu e provou um dos conceitos mais fundamentais sobre a natureza: que a eletricidade é um único fluido. “O serviço que a teoria do fluido único prestou à ciência da eletricidade não pode ser subestimado”, escreveu o grande físico britânico do século XIX J. J. Thompson, que descobriu o elétron 150 anos depois das experiências de Franklin. Ele também propôs a distinção entre isolantes e condutores, a ideia do aterramento elétrico e os conceitos de capacitores e baterias. Como observa Van Doren, “ele encontrou a eletricidade como curiosidade e a deixou como ciência”.

Não devemos subestimar o significado prático de provar que o raio, outrora um mistério mortal, era uma forma de eletricidade que podia ser subjugada. Poucas descobertas científicas foram de tamanha utilidade imediata para a humanidade. O grande filósofo alemão Immanuel Kant chamou-o de “novo Prometeu” por roubar o fogo dos céus. Ele se transformou rapidamente não apenas no cientista mais famoso na América e na Europa, mas também num herói popular. Ao resolver um dos maiores mistérios do universo, havia dominado um dos mais terríveis perigos da natureza.

Mas, por mais que adorasse seus estudos científicos, Franklin achava que eles não eram mais dignos do que o empenho no campo dos negócios públicos. Por volta dessa época, seu amigo político e naturalista Cadwallader Colden também se aposentou e declarou sua intenção de se dedicar em tempo integral às “diversões filosóficas”, expressão empregada no século XVIII para experimentos científicos. “Não deixe que seu amor pelas diversões filosóficas tenha mais do que seu devido peso”, instou Franklin em resposta. “Se Newton tivesse sido piloto de um único navio comum, a melhor de suas descobertas dificilmente o desculparia ou resgataria por abandonar o leme uma hora em tempo de perigo; muito menos se o navio carregasse o destino da Commonwealth.”

Desse modo, Franklin aplicaria em breve seu estilo científico de raciocínio

— experimental, pragmático — não apenas à natureza, mas também aos negócios públicos. Essas atividades políticas seriam realçadas pela fama que adquirira como cientista. A partir de então, o cientista e o estadista estariam entrelaçados, cada fio reforçando o outro, até que se pudesse dizer dele, no epigrama de duas partes que o estadista francês Turgot escreveu: “Ele arrebatou o raio do céu e o cetro dos tiranos”.¹⁶

A ACADEMIA E O HOSPITAL

O rapaz engenhoso que não chegou a ir para Harvard, que desprezava pretensões acadêmicas com mal disfarçada inveja quando era um ensaísta adolescente e cuja sede de conhecimento fez dele o melhor escritor e cientista autodidata de seu tempo, alimentou durante anos o sonho de abrir uma instituição de ensino superior. A ideia fora discutida na Junta, já em 1743, e, depois de sua aposentadoria, ele ficou ainda mais motivado pelo prazer que encontrava na ciência e na leitura. Então, em 1749, publicou um panfleto sobre “Propostas relativas à educação dos jovens na Pensilvânia” que mostrava, com sua habitual profusão de detalhes, por que era necessária uma academia, o que ela deveria ensinar e como seria possível levantar fundos para esse propósito.

Ela não deveria ter filiação religiosa nem ser um bastião da elite, como as quatro escolas superiores (Harvard, William & Mary, Yale e Princeton) que já existiam nas colônias. O foco, como seria de esperar de Franklin, estaria na instrução prática, em matérias como escrita, aritmética, oratória, contabilidade, história e negócios, com “atenção voltada para as diversas profissões às quais se destinam”. Seriam promovidas as virtudes terrestres; os estudantes viveriam “com simplicidade, temperança e frugalidade” e seriam “frequentemente

exercitados em correr, saltar, lutar e nadar”.

O plano de Franklin era o de um reformador educacional competindo com os classicistas rígidos. A nova academia não deveria, segundo ele, formar estudiosos somente para glorificar a Deus ou para buscar o conhecimento por si mesmos. Ao contrário, o que deveria ser cultivado era “uma inclinação unida a uma capacidade de servir a humanidade, o país, os amigos e a família”. Isso, Franklin declarava como conclusão, “deveria ser de fato o grande *objetivo* e a *finalidade* de toda aprendizagem”.

O panfleto estava cheio de notas de rodapé com citações de eruditos antigos e de sua própria experiência em tudo, desde natação ao estilo de escrita. Como qualquer bom pensador iluminista, Franklin amava a ordem e os procedimentos precisos. Ele exibira essa tendência ao delinear, nos menores detalhes imagináveis, suas regras para dirigir a Junta, a loja maçônica, a biblioteca, a Sociedade Filosófica Americana, o Corpo de Bombeiros, a patrulha policial e a milícia. Sua proposta para a academia era um exemplo extremo, repleto de procedimentos exaustivos sobre as melhores formas de ensinar tudo, desde pronúncia até história militar.

Franklin levantou rapidamente 2 mil libras esterlinas em doações (e não as 5 mil que citou em sua autobiografia), elaborou uma constituição que era tão detalhada quanto sua proposta original e foi eleito presidente do conselho. Ele também passou a integrar o conselho do Grande Salão que fora construído para o reverendo Whitefield, que caíra em desuso com o declínio do revivalismo religioso. Desse modo, pôde negociar um acordo para que a nova academia assumisse o edifício, o dividisse em pisos e salas de aula e deixasse algum espaço disponível para os pregadores visitantes e uma escola gratuita para crianças pobres.

A academia foi aberta em janeiro de 1751 e foi a primeira instituição de ensino superior não sectária das colônias americanas (em 1791, passou a ser conhecida como Universidade da Pensilvânia). Os instintos reformistas de Franklin foram às vezes frustrados. A maioria do conselho diretor do estabelecimento era composta de anglicanos ricos e eles decidiram, contra sua objeção, escolher para reitor da escola o professor de latim e não o de inglês. William Smith, um ministro frívolo da Escócia com quem Franklin travara amizade, foi designado reitor, mas ele e Franklin logo tiveram um forte desentendimento político. Não obstante, Franklin continuou no conselho diretor pelo resto de sua vida e considerava a instituição uma das realizações de que mais se orgulhava.¹

Logo depois da abertura da escola superior, Franklin passou para seu próximo projeto e começou a arrecadar dinheiro para um hospital. O apelo público que fez no *Gazette*, em que descrevia vividamente o dever moral que as pessoas tinham de ajudar os doentes, continha o típico refrão de Franklin: “O bem

que os homens podem fazer em separado para ajudar os doentes é pequeno em comparação com o que eles podem fazer coletivamente”.

Levantar o dinheiro era difícil, então ele elaborou um plano inteligente: fez a Assembleia concordar que, se fossem obtidas 12 mil libras de particulares, o erário público entraria com quantia equivalente. O plano, Franklin lembrou, deu às pessoas “um motivo adicional para doar, uma vez que a doação de cada um seria duplicada”. Os adversários políticos o criticariam mais tarde por ser muito ardiloso, mas ele sentia grande satisfação por esse exemplo de esperteza. “Não me lembro de nenhuma das minhas manobras políticas cujo sucesso tenha me dado no momento mais prazer, ou que, depois de pensar nela, eu tenha me desculpado com mais facilidade por ter feito uso de astúcia.”²

UMA FILOSOFIA POLÍTICA AMERICANA

Ao inventar o que é hoje conhecido como subsídio equivalente, Franklin mostrou como o governo e a iniciativa privada poderiam agir em conjunto, o que até hoje é um método muito americano. Ele acreditava em voluntariado e governo limitado, mas também na existência de um papel legítimo para o governo na promoção do bem comum. Ao trabalhar com parcerias público-privadas, achava que os governos poderiam ter mais sucesso, enquanto evitavam a imposição de muita autoridade.

Havia outros traços de conservadorismo, embora do que hoje seria rotulado de conservadorismo compassivo, no estilo político de Franklin. Ele acreditava muito na ordem, e isso faria com que demorasse muito para se radicalizar e se tornar um revolucionário americano. Ainda que caridoso e ativista cívico, desconfiava das consequências não intencionais do excesso de engenharia social.

Isso se reflete numa carta meditativa sobre a natureza humana que enviou a seu amigo Peter Collinson em Londres: “Sempre que tentamos consertar o plano da providência, precisamos ser muito cautelosos para não causar mais mal do que bem”. Até a assistência aos pobres talvez fosse um exemplo. Ele perguntava se “as leis peculiares da Inglaterra que obrigam os ricos a manter os pobres não têm causado nos últimos dependência”. Era “divino” e louvável, acrescentava, “aliviar os infortúnios de nossos semelhantes”, mas isso não poderia, no fim das contas, “fornecer incentivos para a preguiça”? E acrescentava uma história moral sobre os habitantes da Nova Inglaterra, que decidiram se livrar de melros que estavam comendo a safra de milho. O resultado foi que os vermes que os melros costumavam comer proliferaram e destruíram o capim e o plantio de grãos.

Mas essas eram perguntas mais do que asserções. Em filosofia política, assim como em religião e ciência, Franklin não era, em geral, ideológico — na verdade, era alérgico a qualquer coisa que cheirasse a dogma. Ao contrário, como na maioria dos aspectos de sua vida, estava interessado em saber o que funcionava. Como observou um escritor, ele exemplificava “o respeito pela razão e a natureza, a consciência social, o progressismo, a tolerância, o cosmopolitismo e a filantropia afável” do Iluminismo. Tinha um temperamento empírico que era geralmente avesso a paixões arrebatadoras e defendia um humanismo benevolente que enfatizava o objetivo terreno um pouco sentimental (mas bastante real) de “fazer o bem” ao próximo.³

O que o tornava um pouco rebelde, e mais tarde muito mais que isso, era a sua resistência inata à autoridade estabelecida. Sem se impressionar com a hierarquia social, queria muito evitar a importação para a América da rígida estrutura de classes da Inglaterra. Ao contrário, até quando era um aposentado aspirante a cavalheiro, continuou em seus escritos e cartas a exaltar a diligência da classe média dos comerciantes e lojistas, os aventais de couro.

Disso surgiu uma visão da América como uma nação em que as pessoas, independentemente de seu nascimento ou classe social, poderiam subir (como ele) até alcançar a riqueza e o status social, baseadas na disposição de serem trabalhadoras e cultivar as virtudes. Em relação a isso, seu ideal era mais igualitário e democrático até do que a concepção de Thomas Jefferson de uma “aristocracia natural”, que procurava pegar homens selecionados com “virtudes e talentos” promissores e prepará-los para fazer parte de uma nova elite de líderes. A ideia de Franklin era mais extensiva: ele acreditava em incentivar e oferecer oportunidades a todos para obter sucesso com base na diligência, no esforço, na virtude e na ambição. Suas propostas para o que veio a ser a Universidade da Pensilvânia (em contraste com a de Jefferson para a Universidade da Virgínia) não tinham por objetivo filtrar uma nova elite, mas incentivar e enriquecer todos os homens jovens “com aspirações”.

As atitudes políticas de Franklin, em conjunção com as religiosas e científicas, se encaixam numa perspectiva bastante coerente. Mas, assim como ele não era um teórico religioso ou científico profundo — nenhum Tomás de Aquino ou Newton —, tampouco era um filósofo político profundo da ordem de um Locke ou de um Jefferson. Sua força como pensador político, como em outros campos, era mais prática do que abstrata.

Isso está evidente em um de seus mais importantes tratados políticos, “Observações a respeito do crescimento da humanidade”, escrito em 1751, em que ele afirma que a abundância de terras não colonizadas na América levou a um crescimento mais rápido da população. Não se trata de uma conjectura filosófica, e sim de um cálculo empírico. Ele observou que a probabilidade de os colonos permanecerem solteiros era apenas a metade da dos ingleses, que eles se

casavam mais cedo (por volta dos vinte anos), e que tinham em média o dobro de filhos (cerca de oito). Assim, ele concluía que a população das colónias americanas dobraria a cada vinte anos e ultrapassaria a da Inglaterra em cem anos.

Sua previsão estava correta. A população dos Estados Unidos superou a da Inglaterra em 1851 e continuou dobrando a cada duas décadas, até que a fronteira a ser conquistada acabou, no final daquele século. Adam Smith citou Franklin em *A riqueza das nações*, seu tratado clássico de 1776, e Thomas Malthus, famoso pelas opiniões pessimistas sobre superpopulação e pobreza inevitável, também fez uso de seus cálculos.

Franklin, no entanto, não era um pessimista malthusiano. Ele acreditava que, pelo menos na América, o aumento da produtividade se manteria à frente do crescimento da população, fazendo com que a situação melhorasse à medida que o país cresce. Na verdade, ele previu (também corretamente) que o que iria limitar o crescimento da população americana no futuro seria provavelmente a riqueza, em vez da pobreza, porque as pessoas mais ricas tendiam a ser mais “cautelosas” no que dizia respeito a se casar e ter filhos.

O argumento mais influente de Franklin — e que iria desempenhar um papel significativo nas lutas que teriam lugar à frente — era contra o desejo mercantilista britânico dominante de restringir a manufatura na América. O Parlamento tinha acabado de aprovar um projeto de lei que proibia siderurgias na América e se aferrava a um sistema econômico baseado no uso das colónias como fonte de matérias-primas e mercado para produtos industrializados.

Franklin retrucava que a abundância de terras abertas nas colónias impediria o desenvolvimento de uma grande fonte de trabalho urbano barato. “O perigo, portanto, de essas colónias interferirem na pátria-mãe em comércios que dependem de mão de obra, manufaturas etc. é remoto demais para exigir a atenção da Grã-Bretanha”, que, por sua vez, logo seria incapaz de suprir todas as necessidades da América. “Portanto, a Grã-Bretanha não deve restringir demais as manufaturas em suas colónias. Uma mãe sábia e boa não faria isso. Constranger é enfraquecer, e, quando se enfraquecem os filhos, toda a família enfraquece.”⁴

A seriedade desse tratado sobre assuntos imperiais foi compensada por um texto satírico que escreveu na mesma época. A Grã-Bretanha vinha mandando condenados para a América, com a justificativa de que se tratava de uma forma de ajudar as colónias a crescer. Escrevendo com o pseudônimo de Americanus no *Gazette*, Franklin observou sarcasticamente que “essa generosa preocupação paternal de nossa pátria-mãe pelo bem-estar de seus filhos clama pelas mais altas retribuições de gratidão”. Assim, ele propunha que a América enviasse um barco cheio de cascavéis para a Inglaterra. Talvez a mudança do clima pudesse domesticá-las, exatamente o que os britânicos haviam alegado que aconteceria

com os condenados. Ainda que isso não acontecesse, os britânicos levariam a melhor no negócio, “pois a cascavel avisa antes de tentar sua maldade, o que o condenado não faz”.⁵

ESCRavidÃO E RAÇA

Uma das grandes questões morais que os historiadores americanos devem enfrentar quando avaliam os pais fundadores do país é a escravidão, e Franklin lutava com ela também. Naquela época, os escravos representavam cerca de 6% da população da Filadélfia, e Franklin havia facilitado a compra e a venda deles por meio de anúncios em seu jornal. “Uma mulher negra confiável à venda. Informe-se na Widow Read’s”, lia-se em um anúncio publicado por sua sogra. Outro oferecia para venda “um jovem negro confiável” e terminava com a indicação “informar-se com o impressor deste”. O próprio Franklin possuía um casal de escravos, mas em 1751 decidiu vendê-los porque, como disse à sua mãe, não gostava de ter “criados negros” e os achava antieconômicos. Não obstante, mais tarde manteria, às vezes, um escravo como criado pessoal.

Em “Observações a respeito do crescimento da humanidade”, ele atacou a escravidão por razões econômicas. Ao comparar os custos e os benefícios de possuir um escravo, concluiu que não fazia sentido. Segundo Franklin, “a introdução de escravos” era uma das ações que “diminuem uma nação”. Mas sua atenção estava voltada principalmente aos efeitos nocivos para os proprietários, e não para a imoralidade causada aos escravos. “Os brancos que têm escravos e não trabalham ficam debilitados”, disse ele. “Os escravos também deterioram as famílias que os utilizam; crianças brancas tornam-se orgulhosas, com aversão ao trabalho.”

Na verdade, o texto era bastante preconceituoso em alguns trechos. Ele condenava a imigração alemã e instava que a América fosse colonizada sobretudo por brancos de ascendência inglesa:

A quantidade de pessoas brancas puras no mundo é proporcionalmente muito pequena. Por que aumentar os filhos de África, plantando-os na América, onde temos uma oportunidade tão justa de aumentar o número de brancos e vermelhos adoráveis, com a exclusão de todos os negros e fulvos? Mas talvez eu seja parcial em relação à pele do meu país, pois esse tipo de parcialidade é natural da humanidade.

Como a frase final indica, ele estava começando a reexaminar sua “parcialidade” em relação à própria raça. Na primeira edição de “Observações”, Franklin comentou que “quase todos os escravos são, por natureza, ladrões”. Quando o reeditou, dezoito anos depois, alterou o texto para dizer que eles se tornaram ladrões “devido à natureza da escravidão”. E também omitiu toda a seção sobre a conveniência de manter a América principalmente branca.⁶

O que o ajudou a mudar de atitude foi outro de seus esforços filantrópicos. No final da década de 1750, ele participou ativamente de uma organização que abria escolas para crianças negras na Filadélfia e, mais tarde, em outros lugares das colônias americanas. Em 1763, depois de visitar a escola da Filadélfia, escreveu uma carta reflexiva sobre seus preconceitos anteriores:

Eu fiquei em geral muito satisfeito e, pelo que vi então, tive uma opinião melhor sobre as capacidades naturais da raça negra do que já tivera antes. A apreensão deles parece tão rápida, sua memória tão forte e sua docilidade em todos os aspectos é igual à de crianças brancas. Você se perguntará, talvez, por que duvidei alguma vez disso, e não vou tratar de justificar todos os meus preconceitos.⁷

Nos últimos anos de sua vida, como veremos, ele se tornou um dos abolicionistas mais ativos da América, alguém que denunciava a escravidão por razões morais e que ajudou a promover os direitos dos negros.

Como mostra a expressão que usou em “Observações”, sobre aumentar “os brancos e vermelhos adoráveis” na América, os sentimentos de Franklin em relação aos indígenas eram geralmente positivos. Ele maravilhou-se, em carta a Collinson, com o apelo romântico da simplicidade da vida selvagem que levavam. “Eles nunca mostraram nenhuma inclinação para mudar seu modo de vida para o nosso”, escreveu. “Uma criança indígena que foi criada entre nós, aprendeu nossa língua e se habituou aos nossos costumes, se vai visitar seus parentes e faz um passeio com eles, não há como convencê-la a voltar.”

As pessoas brancas às vezes também sentem essa preferência pelo modo de viver dos indígenas, Franklin observou. Quando crianças brancas são capturadas e criadas por indígenas e depois voltam para a sociedade branca, “em pouco tempo tornam-se desgostosas com nosso estilo de vida e os cuidados e dores que são necessários para sustentá-lo, e aproveitam a primeira oportunidade para fugir de volta para a floresta”.

Ele também contou a história de alguns comissários de Massachusetts que convidaram os índios a enviar uma dúzia de jovens para estudar gratuitamente

em Harvard. Os índios responderam que anos antes haviam enviado alguns de seus guerreiros jovens para estudar lá, mas que, quando retornaram, “eram absolutamente inúteis para tudo, pois desconheciam os verdadeiros métodos de matar veados, capturar castores ou surpreender um inimigo”. Eles se ofereceram então para educar uma dúzia de crianças brancas nos modos indígenas “e fazer delas homens”.⁸

DEPUTADO, DIPLOMATA INDÍGENA E AGENTE DOS CORREIOS

O trabalho na Assembleia da Pensilvânia, que exercia desde 1736, frustrava Franklin. Sem poder tomar parte nos debates, ele se divertia inventando quadrados mágicos numéricos. Assim, quando um dos membros da Filadélfia morreu, em 1751, Franklin prontamente aceitou a eleição para o assento (e passou o cargo de funcionário para seu filho desempregado William). “Imaginei que tornar-me membro aumentaria meu poder de fazer o bem”, lembrou ele, porém depois admitiu: “Mas eu não insinuaria que minha ambição não se sentiu lisonjeadá”.⁹

Assim começou a carreira de Franklin na política, que duraria mais de 37 anos até sua aposentadoria como presidente do Conselho Executivo da Pensilvânia. Como cidadão, ele propusera vários planos de melhorias cívicas, tais como a biblioteca, o corpo de bombeiros e a patrulha da polícia. Agora, como membro da Assembleia, poderia fazer ainda mais para ser, como ele mesmo disse, “um grande promotor de projetos úteis”.

A quintessência de tais projetos foi seu esforço para varrer, pavimentar e iluminar as ruas da cidade. Tudo começou quando se incomodou com a poeira diante de sua casa, que ficava na frente do mercado dos agricultores. Então, achou “um homem pobre trabalhador” que estava disposto a varrer a quadra por uma taxa mensal e escreveu um artigo que descrevia todos os benefícios de contratá-lo. As casas da quadra ficariam mais limpas, observou, e as lojas atrairiam mais clientes. Ele circulou o artigo entre seus vizinhos, e todos concordaram em contribuir com uma parcela do salário mensal do varredor de rua. A beleza do plano foi que ele abriu caminho para melhorias cívicas maiores. “Isso provocou um desejo geral de ter todas as ruas pavimentadas e deixou as pessoas mais dispostas a se submeterem a um imposto para essa finalidade”, recordou Franklin.

Em consequência, ele conseguiu apresentar um projeto de lei na Assembleia para pavimentar as ruas, acompanhado de uma proposta para instalar lâmpadas de rua na frente de cada casa. Com seu amor pela ciência e pelos detalhes, chegou a fazer um projeto para as lâmpadas. Ele percebeu que os

globos importados de Londres não tinham uma abertura na parte inferior para permitir a entrada do ar, o que significava que juntavam fumaça e o vidro escurecia. Franklin inventou um novo modelo com aberturas e uma chaminé, de modo que a lâmpada permanecesse limpa e clara. Projetou também o estilo de lâmpada, hoje comum, que tinha quatro painéis de vidro plano em vez de um globo, tornando mais fáceis eventuais consertos. “Alguns podem pensar que não vale a pena gastar tempo com essas coisas triviais”, disse Franklin, mas devem lembrar que “a felicidade humana é produzida [...] por pequenas vantagens que ocorrem todos os dias”.¹⁰

Havia, obviamente, questões mais graves a discutir. A Assembleia era dominada pelos quacres, em geral pacifistas e frugais. Com frequência, estavam envolvidos em alguma querela com a família dos proprietários da colônia, liderada por Thomas Penn, o não tão grande filho do grande William Penn, que não ajudou nas relações quando se casou com uma anglicana e se afastou da fé quacre. As principais preocupações dos proprietários eram obter mais terra dos indígenas e certificar-se de que suas propriedades permanecessem isentas de tributação.

(A Pensilvânia era uma colônia de proprietário [uma espécie de capitania], por isso era governada por uma família dona da maior parte das terras não colonizadas. Em 1681, Carlos II fez esse tipo de concessão a William Penn como pagamento de uma dívida. A maioria das colônias começou com esse tipo de estatuto, mas, na década de 1720, grande parte já se tornara colônia real governada diretamente pelo rei e seus ministros. Somente Pensilvânia, Maryland e Delaware permaneceram sob o domínio de seus proprietários até a Revolução.)

Na época, a Pensilvânia enfrentava duas grandes questões: forjar boas relações com os indígenas e proteger a colônia dos franceses. Elas estavam relacionadas, pois as alianças com os índios se tornavam ainda mais importantes quando estouravam as guerras recorrentes com os franceses.

Para manter-se em bons termos com os índios eram necessárias quantias significativas de dinheiro para presentes, e a defesa colonial também era cara. Isso levou a lutas políticas complexas na Pensilvânia. Os quacres se opunham a gastos militares por princípio, e os Penn (atuando por intermédio de uma série de governadores servis nomeados) eram contra qualquer coisa que lhes custasse muito dinheiro ou submetesse suas terras a impostos.

Em 1747, Franklin exercera um papel importante na acomodação dessas questões, quando criou a milícia voluntária. Contudo, no início da década de 1750, as tensões com a França no tocante ao controle do vale do rio Ohio estavam aumentando novamente e em breve estourariam na guerra franco-indígena (um desdobramento do que ficou conhecido na Europa como a Guerra dos Sete Anos). A situação levaria Franklin a tomar duas iniciativas significativas que iriam

moldar não apenas sua carreira política, como também o destino das colônias americanas:

- Ele se tornou um adversário cada vez mais fervoroso dos proprietários e, depois, dos britânicos, porque eles afirmavam teimosamente seu direito de controlar os impostos e o governo da colônia, uma postura que refletia seus sentimentos antiautoritários e populistas.
- Ele se tornou um dos líderes do esforço para reunir as

colônias, até então truculentamente independentes umas das outras, com o objetivo de se unirem para fins comuns, o que refletia sua propensão para forjar associações, sua visão não paroquial da América e sua crença de que as pessoas poderiam realizar mais quando trabalhavam juntas do que quando atuavam separadas.

comissários da Pensilvânia que participariam de uma conferência de cúpula com uma congregação de líderes indígenas em Carlisle, a meio caminho entre a Filadélfia e o rio Ohio. O objetivo era garantir a fidelidade dos índios delawares, que estavam irritados com Penn por tê-los enganado no que ficou conhecido como a “compra caminhadora”. (Um documento antigo dera aos Penn um pedaço de terra indígena que foi definido como o que um homem poderia andar em um dia e meio; Thomas Penn contratou três corredores velozes para correr por 36 horas e, desse modo, reivindicar muito mais terras do que o pretendido.) Aliadas à Pensilvânia estavam as Seis Nações da Liga Iroquesa, que incluía as tribos mohawke e seneca.

Mais de cem índios compareceram à conferência de Carlisle. Depois que os representantes da Pensilvânia apresentaram a tradicional enfiada de contas — nesse caso, uma espantosa quantidade de presentes no valor de oitocentas libras esterlinas* —, o chefe iroquês Scaroyady propôs um plano de paz. Os colonos brancos deveriam recuar para o leste dos Apalaches, e seus comerciantes deveriam ser regulamentados para atuar de forma honesta e vender aos índios mais munição e menos rum. Eles também queriam garantias de que os ingleses os ajudariam a se defender dos franceses, que estavam militarizando o vale do rio Ohio.

Os representantes da Pensilvânia acabaram prometendo pouco mais do que uma regulamentação mais rigorosa de seus comerciantes, o que levou os Delaware a passar para o lado francês. Na última noite, Franklin viu uma exibição assustadora dos perigos do rum. Os pensilvanianos se recusaram a oferecer aos índios a bebida até o final da reunião e, quando a proibição foi suspensa, estourou uma bacanal. Franklin descreveu a cena:

Eles fizeram uma grande fogueira no meio da praça. Estavam todos bêbados, homens e mulheres, discutindo e brigando. Seus corpos coloridos escuros, seminus, vistos apenas à luz sombria da fogueira, correndo atrás e batendo uns nos outros com tochas, acompanhados de gritos horríveis, compunham uma cena mais parecida com nossas ideias de inferno do que se poderia imaginar.

Franklin e seus colegas comissários escreveram um relatório irado condenando os comerciantes brancos que costumavam vender rum aos índios. Ao fazer isso, eles ameaçavam “manter esses pobres índios continuamente sob o domínio da bebida” e “afastar totalmente as afeições deles pelos ingleses”.¹¹

Ao retornar, Franklin soube que fora nomeado pelo governo britânico para partilhar com William Hunter, da Virgínia, o mais alto cargo dos correios na

América, conhecido como agente adjunto dos correios para as colônias. Havia dois anos que ele ansiava pelo posto e tinha mesmo autorizado Collinson a gastar até trezentas libras para fazer lobby a favor de seu nome em Londres. “Porém”, brincou Franklin, “quanto menos custar, melhor, pois, por ser vitalício, é um mandato incerto.”

Sua busca pelo cargo era impelida por sua habitual mistura de motivos: o controle do posto lhe permitiria dinamizar a Sociedade Filosófica Americana, melhorar a sua rede de publicações, uma vez que poria amigos e parentes em empregos postais em todas as colônias americanas, e talvez ganhar algum dinheiro. Ele designou seu filho para o cargo de agente postal da Filadélfia e, mais tarde, deu empregos em várias cidades para seus irmãos Peter e John, para o enteado de John, para o filho de sua irmã Jane, para dois parentes de Deborah e para James Parker, seu sócio de gráfica em Nova York.

Como era de seu feitio, Franklin traçou procedimentos detalhados para executar o serviço de forma mais eficiente, criando o primeiro sistema de distribuição domiciliar e seção de cartas não reclamadas, e fazia frequentes viagens de inspeção. Dentro de um ano, já havia cortado para um dia o tempo de entrega de uma carta de Nova York para a Filadélfia. As reformas foram custosas e ele e Hunter contraíram uma dívida de novecentas libras ao longo dos primeiros quatro anos. Mas depois começaram a ter lucro: cada um ganhava ao menos trezentas libras por ano.

Em 1774, quando os britânicos o demitiram por suas posições políticas rebeldes, ele já ganhava mais de setecentas libras por ano. Mas um benefício ainda maior do cargo, tanto para ele como para a história, foi ter aprofundado sua concepção de que as diferentes colônias americanas constituíam uma nação potencialmente unificada com interesses e necessidades comuns.¹²

O PLANO DE ALBANY PARA UMA UNIÃO AMERICANA

A cúpula dos pensilvanianos e indígenas em Carlisle nada fez para deter os franceses. O objetivo deles era confinar os colonos britânicos à costa leste por meio da construção de uma série de fortes ao longo do rio Ohio, que criariam um arco francês do Canadá à Louisiana. Em resposta, o governador da Virgínia enviou um jovem soldado promissor chamado George Washington ao vale do Ohio no final de 1753 para exigir que os franceses o desocupassem. Ele falhou, mas seu relato vívido da missão fez dele um herói e coronel. Na primavera seguinte, ele deu início a uma série de ataques a esmo contra os fortes franceses que se transformariam em uma guerra generalizada.

Os ministros da Grã-Bretanha haviam sido cautelosos no incentivo à

cooperação demasiada entre suas colônias, mas a ameaça francesa a tornou necessária. Desse modo, o Conselho de Comércio britânico pediu que cada colônia enviasse delegados a uma conferência em Albany, Nova York, em junho de 1754. Eles teriam duas missões: reunir-se com a Liga Iroquesa para reafirmar a lealdade dela e discutir entre si maneiras de criar uma defesa colonial mais unificada.

A cooperação entre as colônias não aconteceu naturalmente. Algumas assembleias recusaram o convite, e a maioria das sete que aceitaram instruiu seus delegados a evitar qualquer plano de confederação colonial. Franklin, por outro lado, estava ansioso para promover mais unidade. Em 1751, ele havia escrito ao seu amigo James Parker: “Seria muito estranho se seis nações de selvagens ignorantes [os iroqueses] pudessem ser capazes de criar um plano para tal união [...] e que uma união desse tipo fosse impraticável para dez ou doze colônias inglesas, para as quais ela é mais necessária”.

Na carta a Parker, Franklin esboçava uma estrutura de cooperação colonial: deveria haver um Conselho Geral com delegados de todas as colônias, proporcionalmente à quantidade que cada uma pagava em impostos para o Tesouro geral, e um governador nomeado pelo rei. Os locais de reunião deveriam alternar-se entre as várias capitais coloniais, para que os delegados pudessem compreender melhor o resto da América, e o dinheiro seria levantado por um imposto sobre bebidas alcoólicas. Como de costume, ele achava que o conselho deveria surgir voluntariamente, em vez de ser imposto por Londres. E pensava que a melhor maneira de colocá-lo em funcionamento era pegar um punhado de homens inteligentes para visitar as pessoas influentes em todas as colônias e pedir apoio. “Homens razoáveis e sensatos podem sempre fazer um plano razoável assim parecer a outros homens razoáveis.”

Quando a notícia das derrotas de Washington chegou à Filadélfia, em maio de 1754, pouco antes da Conferência de Albany, Franklin escreveu um editorial no *Gazette*. Ele punha a culpa do sucesso francês “no estado atual de desunião das colônias britânicas”. Ao lado do artigo, publicou o primeiro e mais famoso cartoon editorial da história americana: uma cobra cortada em pedaços, cada um com o nome de uma colônia, e a legenda: “Unir-se ou morrer”.¹³

Franklin foi um dos quatro comissários (juntamente com Richard Peters, secretário particular do proprietário, John Penn, sobrinho de Thomas Penn, e Isaac Norris, presidente da Assembleia) escolhidos para representar a Pensilvânia na Conferência de Albany. Para seu pesar, a Assembleia decidira se manifestar contra a “proposição de união das colônias”, mas Franklin não se intimidou. Levou com ele um artigo de sua autoria intitulado “Sugestões curtas para um projeto de união das colônias do Norte”. O texto continha uma modificação em relação ao plano de união descrito por ele em sua carta anterior a James Parker: uma vez que as assembleias coloniais pareciam recalcitrantes,

talvez fosse melhor, se e quando os comissários em Albany adotassem esse plano, enviá-lo a Londres “a fim de obter uma lei do Parlamento para criar a união”.

Na escala que fez em Nova York, Franklin compartilhou com os amigos o plano que havia elaborado. Enquanto isso, Peters e outros foram comprar os presentes para os índios no valor de quinhentas libras autorizado pela Assembleia: cobertores, fitas, pólvora, armas, cinábrio para pintura facial, chaleiras e tecidos. Então, em 9 de junho, partiram em um veleiro bem carregado para Albany com “uma pipa do mais antigo e melhor vinho da Madeira que se conseguiu”.¹⁴

Antes da chegada dos índios, os 24 comissários coloniais se reuniram para suas próprias discussões. O governador de Nova York, James DeLancey, propôs um plano para construir dois fortes ocidentais, mas a proposta chegou a um impasse porque os delegados não concordavam em dividir os custos. Assim, aprovou-se uma moção, provavelmente por instigação de Franklin, para que fosse nomeada uma comissão cujo objetivo seria “preparar e receber os planos ou projetos para a união das colônias”. Franklin foi um dos sete nomeados para a comissão, o que lhe proporcionou um foro perfeito para obter apoio ao plano que tinha em seu bolso.

Nesse interim, os índios chegaram, liderados pelo chefe mohawk Tiyanoga, também conhecido como Hendrick Peters. Ele mostrou desdém. As Seis Nações haviam sido negligenciadas, disse ele, “e, quando você negligencia os negócios, os franceses tiram vantagem disso”. Em outra diatribe, ele acrescentou: “Olhem para os franceses! Eles são homens, estão se fortalecendo em toda parte. Mas, temos vergonha de dizer isso, vocês todos são como mulheres”.

Depois de uma semana de discussões, os comissários fizeram uma série de promessas para os índios: haveria mais consultas sobre assentamentos e rotas de comércio, certas vendas de terras seriam investigadas e se aprovariam leis para restringir o comércio de rum. Os índios, com pouca escolha, aceitaram os presentes e declararam “solenemente renovado” o acordo de aliança com os ingleses. Franklin não se impressionou e escreveu a Peter Collinson: “Nós avivamos a aliança com eles, mas, na minha opinião, não se deve esperar nenhum auxílio deles em nenhuma disputa com os franceses até que, graças a uma união completa entre nós, formos capazes de apoiá-los caso eles sejam atacados”.

Em seu esforço para forjar uma união em Albany, o aliado fundamental de Franklin foi um rico negociante de Massachusetts chamado Thomas Hutchinson. (Guarde-se esse nome; ele se tornará mais tarde um inimigo fatal.) O plano que a comissão aprovou se baseava naquele que fora redigido por Franklin. Haveria um congresso nacional composto de representantes escolhidos por cada estado aproximadamente em proporção à sua população e riqueza. O

executivo seria um “presidente-geral” nomeado pelo rei.

Em seu núcleo, havia um conceito relativamente novo, que se tornou conhecido como federalismo. Um “governo-geral” cuidaria de questões como a defesa nacional e a expansão para o Oeste, mas cada colônia manteria sua própria Constituição e poder de governo local. Embora às vezes fosse reputado mais como um homem prático do que um visionário, em Albany, Franklin ajudou a inventar um conceito federal — ordenado, equilibrado e esclarecido — que acabaria por estabelecer a base para uma nação americana unificada.

Em 10 de julho, mais de uma semana depois que os índios haviam deixado Albany, todo o grupo de comissários finalmente votou o plano. Alguns delegados de Nova York se opuseram, assim como Isaac Norris, o líder quacre da Assembleia da Pensilvânia; não obstante, o plano foi aprovado com bastante facilidade. Apenas algumas revisões foram feitas no projeto esboçado nas “Sugestões curtas” que Franklin levava para Albany, e ele aceitou-as no espírito de compromisso. “Quando há tantas pessoas diferentes com opiniões diferentes para lidar com um caso novo, às vezes se é obrigado a ceder em alguns itens menores, a fim de ganhar nos maiores”, ele explicou a seu amigo Cadwallader Colden. Era um sentimento que ele expressaria com palavras semelhantes quando se tornou o principal conciliador na Convenção Constitucional, 33 anos mais tarde.

Os comissários decidiram que o plano deveria ser enviado tanto às assembleias coloniais quanto ao Parlamento para aprovação, e Franklin imediatamente lançou uma campanha pública em favor da proposta. Fez parte disso uma troca animada de cartas abertas com William Shirley, governador de Massachusetts, para quem o rei, e não as assembleias coloniais, deveria escolher o Congresso federal. Franklin respondeu com um princípio que estaria no cerne das lutas futuras: “Supõe-se que seja um direito inquestionável dos ingleses não serem tributados senão por seu próprio consentimento dado por intermédio de seus representantes”.

Foi em vão. O Plano de Albany foi rejeitado por todas as assembleias coloniais porque usurpava poder demais delas; em Londres foi arquivado porque dava poder demais aos eleitores e incentivava uma unidade perigosa entre as colônias. “As assembleias não o adotaram porque todas acharam que havia *prerrogativas demais*”, lembrou Franklin, “e, na Inglaterra, julgaram que era *democrático demais*.”

Perto do fim de sua vida, ao lançar um olhar retrospectivo, Franklin estava convencido de que a aceitação de seu Plano de Albany poderia ter evitado a revolução e criado um império harmonioso. “As colônias assim unidas teriam sido suficientemente fortes para se defenderem”, raciocinou. “Não teria havido a necessidade de tropas da Inglaterra; é claro que a pretensão subsequente de tributar a América e a disputa sangrenta que isso ocasionou poderiam ter sido

evitadas.”

Nesse aspecto, provavelmente ele estava enganado. Novos conflitos em relação ao direito da Grã-Bretanha de tributar suas colônias e mantê-las subservientes eram quase inevitáveis. Mas, nas duas décadas seguintes, Franklin batalharia para encontrar uma solução harmoniosa, mesmo quando ficou mais convencido da necessidade de as colônias se unirem.¹⁵

CATHERINE RAY

Depois da Conferência de Albany, Franklin iniciou uma inspeção aos seus domínios postais que culminou em uma visita a Boston. Não estivera lá desde perto da morte de sua mãe, dois anos antes, e passou um tempo com sua família extensa, arranjando empregos e contratos de aprendizado. Quando estava hospedado na casa de seu irmão John, conheceu uma jovem fascinante que se tornou o primeiro exemplo intrigante de seus muitos flertes amorosos e românticos, mas que provavelmente nunca se consumaram.

Catherine Ray era uma jovem vivaz de 23 anos de idade, de Block Island, cuja irmã era casada com o enteado de John Franklin. Então com 48 anos, Franklin ficou imediatamente tão atraído quanto atraente. Ela era uma excelente conversadora; Franklin também era, quando queria lisonjear, além de ser um excelente ouvinte. Eles jogavam um jogo em que ele tentava adivinhar os pensamentos dela; ela o chamou de feiticeiro e apreciava sua atenção. Ela fez doces; ele insistiu que eram os melhores que já havia comido.

Passada uma semana, quando chegou a hora de Caty deixar Boston para visitar outra irmã, em Newport, ele decidiu acompanhá-la. Ao longo do caminho, seus cavalos mal ferrados tiveram problemas nas colinas geladas; foram apanhados por chuvas frias e, em uma ocasião, tomaram o rumo errado. Mas lembrariam, anos mais tarde, a diversão que tiveram conversando durante horas, explorando ideias, flertando suavemente. Após dois dias com a família dela em Newport, ele a levou até o barco para Block Island. “Fiquei na praia, olhando-a, até que não pude mais enxergá-la, mesmo com os óculos”, escreveu logo depois.

Ele partiu para a Filadélfia lentamente e com relutância, demorando no caminho por várias semanas. Quando por fim chegou em casa, havia uma carta dela. No decorrer dos meses seguintes, ele lhe escreveria seis vezes, e ao longo da vida, trocariam mais de quarenta cartas. Franklin não guardou a maioria delas, talvez por prudência, mas a correspondência que sobrevive revela uma notável amizade e oferece vislumbres significativos sobre as relações de Franklin com as mulheres.

Da leitura da correspondência deles, e lendo nas entrelinhas, tem-se a

impressão de que Franklin fez alguns avanços brincalhões delicadamente evitados por Caty, e parece que ele a respeitou ainda mais por isso. “Escrevo esta durante uma tempestade de neve do nordeste”, disse ele na primeira carta que enviou do encontro entre eles. “Os flocos de neve são tão puros quanto sua inocência virginal, brancos como seu peito adorável — e igualmente frios.” Em carta de alguns meses depois, ele fala da vida, de matemática e do papel da “multiplicação” no casamento, acrescentando com malícia: “Eu teria de bom grado lhe ensinado isso pessoalmente, mas você pensou que era tempo suficiente, e não quis aprender”.

Entretanto, as cartas de Caty destinadas a Franklin estavam cheias de ardor. “A ausência aumenta, em vez de diminuir meu afeto”, escreveu ela. “Ame-me uma milésima parte do que eu o amo.” Ela era emotiva e chorosa nas cartas, que transmitiam seu afeto por ele, mas também descreviam os homens que a cortejavam. Ela implorou-lhe que as destruísse depois de terminada a leitura. “Eu disse mil coisas que nada deveria ter me tentado a dizê-las.”

Franklin assegurou-lhe que seria discreto. “Pode escrever livremente tudo o que julgar adequado, sem a menor apreensão de que outra pessoa verá suas cartas, exceto eu mesmo”, ele prometeu. “Sei muito bem que as expressões mais inocentes de amizade calorosa [...] entre pessoas de sexos diferentes são suscetíveis de ser mal interpretadas por mentes desconfiadas.” Por isso, explicava, ele era cauteloso em suas cartas. “Embora você diga mais, eu digo menos do que penso.”

E assim ficamos com um conjunto de cartas sobreviventes cheias de flertes provocantes. Ela enviou-lhe alguns confeitos que marcara (supõe-se) com um beijo. “Eles são todos adoçados como você costumava gostar”, disse ela. Ele respondeu: “Os doces chegaram incólumes, e eram tão doces pelo motivo que você mencionou que mal pude sentir o gosto do açúcar”. Ele falou sobre os “prazeres da vida” e observou que “eu ainda os tenho todos em meu poder”. Ela escreveu sobre tecer uma longa fieira de fios, e ele respondeu: “Eu gostaria de segurar uma ponta dela, para puxá-la para mim”.

Como Deborah, sua esposa fiel e paciente, se encaixava nesse tipo de flerte à longa distância? Curiosamente, parece que ele a usava como escudo, tanto com Caty quanto com as outras mulheres jovens com que mais tarde se entreteve, para manter seus relacionamentos no lado seguro do decoro. Ele invocava invariavelmente o nome de Deborah e elogiava suas virtudes em quase todas as cartas que escreveu a Caty. Era como se quisesse que Caty mantivesse seu ardor em perspectiva e percebesse que, embora sua afeição fosse real, seus flertes eram meramente lúdicos. Ou, talvez, depois que seus avanços sexuais foram rejeitados, quisesse mostrar (ou fingir) que não tinham sido sérios. “Eu quase esqueci que tinha um lar”, escreveu a Caty ao descrever sua viagem de volta do primeiro encontro deles. Mas logo ele começou “a pensar e desejar seu

lar, e, à medida que me aproximava, sentia a atração cada vez mais forte”. Então, ele acelerou mais e mais, “para minha casa e para os braços de minha boa e velha esposa e meus filhos, onde permaneço, graças a Deus”.

Mais adiante, naquele mesmo outono, ele foi ainda mais explícito ao lembrar a Caty que era um homem casado. Quando ela lhe enviou um queijo de presente, ele respondeu: “A sra. Franklin ficou muito orgulhosa que uma jovem desse tanta atenção ao seu velho marido a ponto de lhe enviar tal presente. Falamos de você sempre que ele vem à mesa”. Na verdade, havia um aspecto interessante nessa carta e nas posteriores que escreveu para Caty: elas revelavam menos sobre a natureza de seu relacionamento com Caty do que sobre o relacionamento, menos passional, mas profundamente confortável, que ele mantinha com a esposa. Como contou a Caty:

Ela tem certeza de que você é uma moça sensata e [...] fala de legar-me para você como herança, mas devo lhe desejar coisa melhor, e espero que ela viva cem anos, pois envelhecemos juntos, e, se ela tem defeitos, estou tão acostumado a eles que não os percebo [...]. Unamo-nos no desejo de uma vida longa e feliz para a velha senhora.

Em vez de simplesmente continuar com o flerte, Franklin começou a fazer exortações paternas a Caty sobre dever e virtude: “Seja uma boa menina até conseguir um bom marido; depois, fique em casa e cuide dos filhos, e viva como uma cristã”. Ele esperava, um dia, encontrá-la rodeada por “belos pequenos moleques, gorduchos, fortes, corados, como a mãe”. E assim aconteceu. Na próxima vez em que se encontraram, ela estava casada com William Greene, futuro governador de Rhode Island, com quem viria a ter seis filhos.¹⁶

Então, que conclusão devemos tirar desse relacionamento? Havia claramente insinuações ternas de atração romântica. Porém, a menos que Franklin estivesse dissimulando em suas cartas, a fim de proteger a reputação dela (e a sua), o prazer vinha de fantasias divertidas, em vez de realidades físicas. Isso provavelmente era típico dos muitos flertes que ele teria com mulheres mais jovens ao longo dos anos: levemente maliciosos de forma lúdica, lisonjeiros para ambas as partes, cheios de insinuações de intimidade, envolvendo tanto o coração como a mente. Apesar da reputação de lascivo que ele pouco fez para dissipar, não há nenhuma prova de algum caso sexual sério que tenha tido depois de seu casamento com Deborah.

Claude-Anne Lopez, ex-editora do projeto dos Documentos de Franklin em Yale, passou anos pesquisando sua vida privada. Sua análise do tipo de relações que ele manteve com mulheres como Catherine Ray parece ao mesmo tempo

astuta e crível:

Um romance? Sim, mas um romance à maneira de Franklin, um pouco picante, um pouco paternal, dando um passo ousado para a frente e um passo irônico para trás, dando a entender que ele é tentado enquanto homem, mas respeitoso enquanto amigo. De todos os matizes de sentimento, este, que os franceses chamam de *amitié amoureuse* — um pouco além do platônico, mas aquém da grande paixão —, talvez seja o mais requintado.¹⁷

Franklin forjava apenas ocasionalmente laços íntimos com seus amigos do sexo masculino, que tendiam a ser companheiros intelectuais ou colegas joviais de clube. Mas ele adorava estar com mulheres e estabeleceu relacionamentos profundos e duradouros com muitas delas. Para ele, essas relações não eram um esporte ou um divertimento insignificante, apesar do que podiam parecer, e sim um prazer a ser apreciado e respeitado. Ao longo de sua vida, ele perderia muitos amigos homens, no entanto jamais perdeu uma amiga, inclusive Katy Ray. Como ele lhe diria 35 anos mais tarde, um ano antes de morrer: “Entre as felicidades da minha vida, incluo a sua amizade”.¹⁸

ABASTECENDO O GENERAL BRADDOCK

No início de 1755, ao voltar para a Filadélfia depois de seu namorico com Katy Ray, Franklin conseguiu, por um tempo, forjar um relacionamento funcional com a maioria dos líderes políticos locais. Os proprietários haviam nomeado um novo governador, Robert Hunter Morris, e Franklin lhe garantiu que ele teria um mandato confortável “se tomar cuidado para não entrar em disputa com a Assembleia”. Morris respondeu meio em tom de brincadeira. “Você sabe que adoro uma discussão”, disse ele. “É um dos meus maiores prazeres.” Entretanto, prometeu, “se possível, evitá-las”.

Franklin também se esforçou para evitar conflitos com o novo governador, especialmente quando envolviam a questão da proteção das fronteiras da Pensilvânia. Assim, ficou contente quando os britânicos decidiram enviar o general Edward Braddock para a América com a missão de expulsar os franceses do vale do Ohio e apoiou o pedido do governador Morris para que a Assembleia reservasse fundos para suprir as tropas.

Mais uma vez, os representantes insistiram que as fazendas dos proprietários fossem tributadas. Franklin propôs alguns esquemas inteligentes envolvendo empréstimos e impostos destinados a romper o impasse, mas não conseguiu resolver o problema de imediato. Assim, assumiu a missão de encontrar outras maneiras de fazer com que Braddock recebesse os suprimentos necessários.

Uma delegação de três governadores — Morris da Pensilvânia, Shirley de Massachusetts e DeLancey de Nova York — fora escolhida para reunir-se com o general em sua chegada à Virgínia. A Assembleia da Pensilvânia queria que Franklin fizesse parte da delegação, da qual ele estava ansioso por participar. Esse também era o desejo do governador Shirley. Então, ele juntou-se ao grupo usando seu chapéu de agente postal, sob o pretexto de ajudar a facilitar as comunicações de Braddock. Ao longo do caminho, impressionou os membros da delegação com sua curiosidade científica. Ao encontrar um pequeno redemoinho, Franklin entrou nele com seu cavalo, estudou seus efeitos e até tentou rompê-lo com seu chicote.¹⁹

O general Braddock transbordava de arrogância. “Não vejo nada que possa obstruir minha marcha até Niagara”, asseverou. Franklin advertiu que ele deveria ser cauteloso com as emboscadas indígenas. Braddock retrucou: “Esses selvagens podem ser um tremendo inimigo para sua milícia americana crua, mas nas tropas regulares e disciplinadas do rei, senhor, é impossível que eles causem qualquer impressão”. Como lembrou Franklin mais tarde: “Ele tinha demasiada autoconfiança”.

O que lhe faltava, além de humildade, eram suprimentos. Uma vez que os americanos tinham ido ao seu encontro apenas com uma fração dos cavalos e carroças prometidos, ele declarou sua intenção de voltar para casa. Franklin intercedeu. Os pensilvanianos apoiariam a causa, disse. O general prontamente designou Franklin para se encarregar da aquisição de equipamentos.

Os folhetos que Franklin escreveu anunciando a necessidade de Braddock de contratar cavalos e carroças jogavam com o medo, interesse próprio e patriotismo. Diziam que o general propusera confiscar cavalos e obrigar os americanos a prestar serviço, mas fora convencido a tentar “meios justos e equitativos”. Os termos eram bons, argumentava Franklin: “A contratação dessas carroças e cavalos atingirá mais de 30 mil libras, que vos serão pagas em prata e ouro e dinheiro do rei”. Para persuadir os fazendeiros assegurava que “o serviço será leve e fácil”. Por fim, vinha a ameaça de que, se não houvesse ofertas voluntárias, “a sua lealdade será fortemente posta sob suspeita”, “medidas violentas serão provavelmente tomadas”, e um “hussardo com um corpo de soldados entraria de imediato na província”.

Franklin agiu de maneira notavelmente desinteressada. Quando os fazendeiros disseram que não estavam dispostos a confiar nas promessas

financeiras de um general desconhecido, ele assumiu o compromisso pessoal de que receberiam o pagamento integral. Seu filho William ajudou-o a alistar os fazendeiros e em duas semanas conseguiram 259 cavalos e 150 carroças.²⁰

O general Braddock ficou emocionado com o desempenho de Franklin e a Assembleia também o elogiou profusamente. Contudo, o governador Morris não seguiu o conselho de Franklin para evitar disputas e não resistiu a atacar a Assembleia por ser de pouca ajuda. Isso o desconcertou, mas ele ainda tentou ser conciliador. “Estou muito aflito com nossa situação atual: não gosto da conduta do governador, nem do comportamento da Assembleia, e, contando com alguma confiança de ambos, esforcei-me para reconciliá-los, porém em vão”, escreveu ao seu amigo Collinson, em Londres.

Sempre camarada, Franklin conseguiu se manter temporariamente em bons termos pessoais com o governador. “Você tem de ir para casa comigo e passar a noite”, Morris lhe disse um dia ao encontrá-lo na rua. “Terei uma companhia de que você vai gostar.” Um convidado contou a história de Sancho Pança, que, quando lhe ofereceram um governo, pediu que seus súditos fossem negros para que pudesse vendê-los, se lhe causassem problemas. “Por que você continua do lado desses malditos quacres?”, ele perguntou a Franklin. “Não era melhor que você os vendesse? Os proprietários lhe dariam um bom preço.” Franklin respondeu: “O governador ainda não os *enegreceu* o suficiente”.

Embora todo mundo tenha rido, as fissuras estavam se aprofundando. Ao tentar denegrir a reputação da Assembleia, Morris havia “enegrecido a si mesmo”, Franklin escreveu mais tarde. Do mesmo modo, Morris também começara a desconfiar de Franklin. Em carta ao proprietário Thomas Penn, ele o acusou de ser “extremamente a favor das reivindicações absurdas das assembleias americanas”.²¹

Enquanto isso, Braddock marchava confiantemente para o Oeste. A maioria dos moradores da Filadélfia tinha certeza de que ele iria sair vitorioso e até iniciou uma coleta a fim de comprar fogos de artifício para comemorar. Franklin, mais cauteloso, recusou-se a contribuir. “Os eventos de guerra estão sujeitos a grandes incertezas”, alertou.

Suas preocupações eram justificadas. O Exército britânico foi emboscado e massacrado; Braddock e dois terços de seus soldados morreram. “Quem poderia ter pensado nisso?” — Braddock sussurrou para um ajudante antes de morrer. Entre os poucos sobreviventes estava o coronel americano George Washington, que viu serem mortos dois cavalos que montava e quatro balas perfurarem suas roupas.

Para aumentar a aflição de Franklin, havia a dificuldade financeira que enfrentou devido aos empréstimos que havia pessoalmente garantido. Eles “chegavam perto de 20 mil libras, cujo pagamento me teria arruinado”, lembrou. Assim que os fazendeiros começaram a processá-lo, o governador

Shirley de Massachusetts, então general das tropas britânicas, veio em seu socorro e ordenou que os agricultores fossem pagos com fundos do Exército.

O desastre de Braddock aumentou a ameaça dos franceses e dos indígenas e aprofundou a divisão política na Filadélfia. A Assembleia aprovou rapidamente um projeto reservando 50 mil libras para a defesa, mas insistiu de novo que se cobrasse um imposto sobre todas as terras, “não excluídas aquelas dos proprietários”. O governador Morris rejeitou-a, exigindo que a palavra “não” fosse trocada por “somente”.

Franklin ficou furioso. Não mais se propondo a mediar, escreveu a resposta que a Assembleia enviou a Morris. Chamava o governador de “instrumento odioso da redução de um povo livre ao estado abjeto de vassalagem” e acusava o proprietário Thomas Penn de “aproveitar-se da calamidade pública” e tentar “empurrar goela abaixo leis de imposição abomináveis à justiça comum e ao bom senso”.

Ele ficou particularmente enfurecido ao tomar conhecimento de que havia uma cláusula secreta no mandato de Morris segundo a qual ele era obrigado a rejeitar qualquer imposto sobre os imóveis do proprietário. Uma semana depois, em outra mensagem da Assembleia, em resposta à objeção de Morris ao uso da palavra “vassalagem”, Franklin escreveu sobre Penn: “Nosso senhor quer que defendamos sua propriedade às nossas próprias custas! Isso não é apenas vassalagem, é pior do que qualquer vassalagem de que tenhamos notícia, é uma coisa para a qual não temos nome adequado; é ainda mais servil do que a própria servidão”. Em uma mensagem posterior, acrescentou o que se tornaria um grito revolucionário: “Aqueles que desistem da liberdade essencial para comprar um pouco de segurança temporária não merecem nem liberdade nem segurança”.

No final, chegou-se a uma série de acordos remendados. Os proprietários, ao perceberem a ira da Assembleia, concordaram com uma contribuição voluntária de 5 mil libras esterlinas para complementar o que a Assembleia conseguisse levantar. Embora isso tenha desativado a crise imediata, o princípio continuou sem solução. E o que é mais significativo, para ele e para a história, Franklin abandonara sua antiga aversão à disputa. A partir de então, se tornaria um inimigo cada vez mais fervoroso dos proprietários.²²

O CORONEL FRANKLIN DA MILÍCIA

A questão de como pagar pela defesa da fronteira fora resolvida, por enquanto, pelos acordos incômodos entre a Assembleia e os proprietários. A Franklin coube a tarefa de descobrir como gastar o dinheiro e criar uma milícia. Ele fez aprovarem um projeto de lei para criar uma força que era puramente

voluntária — e desse modo garantiu o apoio dos quacres — e depois publicou um discurso fictício projetado para obter apoio ao plano. Um personagem, opondo-se à ideia de que os quacres não tinham de participar, declara: “Enforquem-me se eu lutar para salvar os quacres”. Seu amigo responde: “Isso significa que você não vai bombear o navio, porque isso vai salvar os ratos, além de você mesmo”.

O plano de Franklin tinha por modelo a Associação de Milícia que havia organizado em 1747, mas dessa vez seria sob a égide do governo. De novo, ele expôs minuciosamente os detalhes do treinamento, da organização e da escolha dos dirigentes. Em uma carta, apresentou também um esquema muito específico para o uso de cães como batedores: “Eles devem ser grandes, fortes e ferozes, e cada cão deve ser conduzido numa trela forte para evitar que se canse correndo para lá e para cá e revele o grupo ao latir para esquilos”.

O governador Morris aceitou a contragosto o projeto de milícia de Franklin, embora não gostasse das disposições que a tornavam voluntária e permitiam a eleição democrática dos comandantes. Ainda mais preocupante era o fato de que Franklin se tornara o líder de fato e o homem mais poderoso na colônia. “Desde que o sr. Franklin se colocou à frente da Assembleia”, Morris alertou Penn, seus seguidores “estão usando todos os meios ao alcance deles, mesmo quando seu país é invadido, para arrancar o governo de suas mãos.” De sua parte, Franklin passara a sentir profundo desprezo por Morris. “Esse homem é meio louco”, escreveu ao lobista da Assembleia em Londres.²³

Os temores dos proprietários não se acalmaram quando Franklin vestiu um uniforme militar e, acompanhado de seu filho, foi para a fronteira supervisionar a construção de uma linha de paliçadas. Ele passou a semana em que completou cinquenta anos, em janeiro de 1756, acampado no passo de Lehigh e comendo as provisões que sua diligente esposa havia enviado. “Nós apreciamos o seu rosbife e este dia começou com a vitela assada”, escreveu a Deborah. “Os cidadãos que comem o jantar quente nada sabem do comer bem; encontramos uma perfeição muito maior quando a cozinha fica a dois quilômetros e meio da sala de jantar.”

Franklin gostou de seu período como comandante de fronteira. Entre suas realizações inteligentes estava a elaboração de um método confiável para fazer com que os quinhentos soldados sob seu comando assistissem aos cultos: atribuiu ao capelão da milícia a tarefa de distribuir as rações diárias de rum logo após seus serviços. “Nunca houve orações mais geral e pontualmente frequentadas.” Também achou tempo para observar e registrar, em seu modo irônico, os costumes dos morávios do lugar, que acreditavam em casamentos arranjados. “Objetei que, se os casamentos não fossem feitos pela escolha mútua das partes, alguns deles poderiam ser muito infelizes”, lembrou Franklin. “‘De fato, podem’, respondeu o meu informante, ‘se você deixar que as partes escolham sozinhas’, o que eu não podia negar.”²⁴

Depois de sete semanas na fronteira, Franklin voltou para a Filadélfia.

Apesar das preocupações dos proprietários e do governador, era pequeno o seu desejo de fazer o papel do herói a cavalo ou de transformar sua popularidade em poder político. Na verdade, ele apressou seu retorno para chegar tarde da noite e evitar a recepção triunfal que seus partidários haviam planejado.

Porém, não deixou de aceitar quando o regimento de milícia da Filadélfia o elegeu seu coronel. O governador Morris, que relutantemente procurara a ajuda de Franklin durante a crise, recusou-se a aprovar a seleção. Mas ele tinha pouca escolha, pois a lei da milícia de Franklin determinava a seleção democrática dos oficiais e, depois de algumas semanas, ele acabou por aceitar.

Ao longo de toda a sua vida, Franklin se veria dividido (e divertido) pelo conflito entre seu desejo declarado de alcançar a virtude da humildade e sua sede natural por aclamação. Seu mandato de coronel não foi exceção. Ele não conseguiu se abster de ceder à vaidade e programou uma grandiosa revista pública de suas tropas. Mais de mil desfilaram diante de sua casa na Market Street, com grande pompa e cerimônia. Cada companhia chegava ao som de pífaros e oboés, exibia seus canhões recém-pintados e disparava uma salva de tiros para anunciar a chegada da próxima companhia. Os tiros, ele observou mais tarde em tom irônico, “derrubaram e quebraram vários vidros de meu aparelho elétrico”.

Algumas semanas mais tarde, quando partiu em viagem de inspeção postal, “os oficiais do meu regimento decidiram que seria apropriado me escortar até a saída da cidade”. Eles sacaram suas espadas e o acompanharam até a balsa, o que enfureceu Thomas Penn quando leu sobre isso em Londres. “Esse caso bobo”, observou Franklin, “aumentou muito seu rancor contra mim [...] e ele citou essa parada com meus oficiais como uma prova de que eu tinha a intenção de tomar à força o governo da província de suas mãos.” Franklin também ficou “envergonhado” com a exibição, ou pelo menos foi o que disse mais tarde: “Não fui previamente avisado do projeto, senão o teria impedido, sendo naturalmente avesso à presunção em qualquer ocasião”.

Para ser justo com Franklin, ele nunca se deleitou com cerimônias públicas, ou com a pompa e as regalias do poder. Quando Penn e seus aliados tentaram neutralizá-lo mediante a formação de milícias rivais na Filadélfia, e depois convencer os ministros do rei a anular sua lei de milícia, Franklin reagiu entregando prontamente sua comissão. Em uma carta reflexiva ao seu amigo Peter Collinson, admitiu que apreciava a afeição pública, mas percebia que não devia permitir que ela lhe subisse à cabeça. “Acontece de o povo gostar de mim”, escreveu ele, mas depois acrescentou: “Perdoe ao seu amigo um pouco de vaidade, porque é só entre nós [...] Você está pronto agora para me dizer que o favor popular é a coisa mais incerta. Tem razão. Eu coroo por ter me valorizado tanto em relação a isso”.²⁵

UMA NOVA MISSÃO

Os dias de Franklin como político habilidoso, disposto e capaz de buscar compromissos pragmáticos em tempos de crise, estavam temporariamente acabados. No auge das tensões anteriores, ele tivera ocasionais consultas amigáveis e interações sociais com o governador Morris, mas não era mais o caso. Morris e outros da facção dos proprietários estavam fazendo tudo o que podiam para humilhá-lo, e durante um tempo ele cogitou mudar para Connecticut ou até para o Oeste, a fim de ajudar a fundar uma colônia na região de Ohio.

Assim, sua viagem de inspeção postal à Virgínia foi uma pausa bem-vinda, que ele estendeu tanto quanto possível. De Williamsburg, escreveu à sua esposa que “estava alegre como um pássaro, ainda sem sentir saudades de casa, com a preocupação de negócios perpétuos fresca em minha memória”. Encontrou-se com o coronel Washington e outros conhecidos, maravilhou-se com o tamanho dos pêssegos, aceitou um título honorário da William & Mary e andou pelo campo calmamente para inspecionar contas postais.

Quando finalmente voltou para casa, depois de mais de um mês, a atmosfera da Filadélfia estava ainda mais polarizada. O secretário dos proprietários, Richard Peters, conspirava com William Smith, que fora recrutado por Franklin para dirigir a Academia da Pensilvânia, para derrubá-lo da presidência do conselho de administração dessa instituição. Smith vinha escrevendo duros ataques a Franklin, e os dois homens pararam de se falar, em mais uma das desavenças que teve com amigos do sexo masculino.

No final do verão de 1756, houve um breve período de esperança de restauração da civilidade quando um militar profissional, William Denny, substituiu Morris no posto de governador. Todos os lados apressaram-se a saudá-lo e abraçá-lo. No jantar festivo de posse, ele conduziu Franklin a uma sala particular e tentou cultivar sua amizade. Bebendo generosamente de uma garrafa de Madeira, Denny cobriu Franklin de elogios, o que era uma abordagem inteligente, e depois tentou suborná-lo com promessas financeiras, o que não era. Se a oposição de Franklin diminuisse, Denny prometeu, ele poderia “depende de reconhecimentos adequados e recompensas”. Franklin respondeu que “minha situação, graças a Deus, torna os favores dos proprietários desnecessários para mim”.

Denny era menos exigente em relação a incentivos financeiros. Tal como seu antecessor, contrapôs-se à Assembleia e rejeitou leis que tributavam as fazendas dos proprietários, mas depois voltou atrás, sem a permissão dos Penn, quando a Assembleia lhe ofereceu um generoso salário.

Nesse meio-tempo, a Assembleia decidiu que não era mais possível tolerar a obstinação dos proprietários. Em janeiro de 1757, os membros decidiram pelo

voto enviar Franklin para Londres como seu agente. Seu objetivo, pelo menos no início, seria pressionar os proprietários para que fossem mais transigentes com a Assembleia em relação à tributação e outros assuntos; se isso falhasse, caberia a ele levar a causa da Assembleia ao governo britânico.

Peters, o secretário dos proprietários, estava preocupado. “A ideia de BF é efetuar uma mudança de governo”, escreveu a Penn em Londres, “e, considerando a popularidade de seu caráter e a reputação adquirida por seus descobrimentos de eletricidade, que o apresentarão a todos os tipos de companhia, ele pode vir a ser um inimigo perigoso.” Penn era mais otimista. “A popularidade do sr. Franklin não é nada aqui”, respondeu. “Ele será visto com frieza pelas pessoas importantes.”

Na verdade, tanto Peters quanto Penn tinham razão. Franklin partiu em junho de 1757 com a firme convicção de que os colonos deveriam unir-se mais estreitamente e ter acesso a todos os direitos e liberdades na qualidade de súditos da Coroa britânica. Mas sustentava esse ponto de vista como um inglês orgulhoso e leal, alguém que procurava fortalecer o império de Sua Majestade, em vez de buscar a independência das colônias americanas. Só muito mais tarde, depois que foi de fato visto com frieza por pessoas importantes de Londres, é que Franklin se tornou um inimigo perigoso da causa imperial.²⁶

* Equivalentes a 128 mil dólares em valores de 2002. No final deste volume encontra-se uma tabela de equivalências das moedas. (N. A.)

8. Águas turbulentas *Londres, 1757-62*

O INQUILINO DA SRA. STEVENSON

No verão de 1757, ao atravessar o Atlântico, Franklin notou algo nos outros navios do comboio. A maioria agitava a água, deixando grande esteira. Um dia, porém, o oceano atrás de dois deles estava estranhamente tranquilo. Sempre curioso, ele perguntou sobre o fenômeno. Disseram-lhe que “os cozinheiros esvaziaram a água oleosa através dos embornais, e isso untou as laterais desses navios”.

A explicação não satisfez Franklin. Entretanto, ele lembrou-se de ter lido que Plínio, o Velho, o senador e cientista romano do primeiro século depois de Cristo, acalmara a água agitada derramando óleo sobre ela. Nos anos seguintes, faria várias experiências com óleo e água e chegou a inventar um truque de magia em que acalmava as ondas ao tocá-las com uma bengala que continha um galheteiro de óleo escondido. A metáfora, embora óbvia, é boa demais para não ser dita: Franklin, por natureza, gostava de descobrir maneiras engenhosas de acalmar águas turbulentas. Contudo, durante seu período de diplomata na Inglaterra, essa tendência não o ajudou.¹

Durante a travessia, também aconteceu de seu navio evitar por pouco de naufragar nas ilhas Scilly quando buscava fugir de corsários franceses no

nevoeiro. Franklin descreveu sua reação agradecida em carta à esposa: “Se eu fosse católico romano, talvez devesse nesta ocasião prometer construir uma capela para algum santo. Mas, como não sou, se fosse fazer uma promessa, seria a de construir um *farol*”. Franklin sempre se orgulhou de seu instinto para soluções práticas, porém isso também não o ajudaria na Inglaterra.²

O retorno de Franklin a Londres aos 51 anos aconteceu quase 33 anos depois de sua primeira visita, quando era um impressor adolescente. Sua missão de agente da Pensilvânia era uma mistura de lobby com diplomacia hábil. Infelizmente, suas costumeiras habilidades de observação, seu senso prático, sua prudência e seu temperamento calmo e cabeça fria seriam dominados pela frustração e pela amargura. No entanto, mesmo que sua missão diplomática tenha fracassado, haveria aspectos de sua vida em Londres — a companhia de intelectuais cosmopolitas que o adoravam, a criação de um lar feliz semelhante ao seu na Filadélfia — que tornariam difícil para ele ir embora. De início, pensou que seu trabalho seria feito em cinco meses, mas acabou ficando mais de cinco anos e, depois de um breve interlúdio em casa, outros dez.

Franklin chegou a Londres em julho acompanhado por seu filho William, então com quase 26 anos, e dois escravos que haviam sido criados de sua família. Eles foram recebidos por seu velho amigo e correspondente Peter Collinson, o quacre londrino comerciante e botânico que havia ajudado a comprar livros para a primeira biblioteca da Junta e que publicou as cartas de Franklin sobre eletricidade. Collinson hospedou Franklin em sua imponente casa ao norte de Londres e convidou outras pessoas, como o impressor William Strahan, que estava encantado por finalmente conhecer pessoalmente o homem lendário com quem trocou correspondência por anos.³

Depois de alguns dias, Franklin encontrou hospedagem (inclusive um quarto para seus experimentos de eletricidade) em uma casa aconchegante e conveniente de quatro andares na Craven Street, situada entre a Strand e o rio Tâmisa, perto de onde hoje é a Trafalgar Square e a poucos passos dos ministérios da Whitehall. Sua senhoria era uma viúva de meia-idade sensível e despretensiosa chamada Margaret Stevenson. Com ela, Franklin estabeleceria uma relação familiar, ao mesmo tempo curiosa e mundana, que reproduzia o casamento de conveniência reconfortante que mantinha com Deborah, na Filadélfia. Seus amigos de Londres costumavam tratar Franklin e a sra. Stevenson como um casal, os convidavam juntos para jantares e perguntavam por ambos em cartas. Embora fosse possível que houvesse algum aspecto sexual, não havia paixão em particular, e a relação provocava muito pouco mexerico ou escândalo em Londres.⁴

Mais complexa era a relação dele com Mary, a filha da sra. Stevenson, conhecida como Polly. Era uma moça alegre e cativante de dezoito anos, com o tipo de intelecto curioso que Franklin adorava nas mulheres. Em alguns aspectos,

Polly serviu como uma réplica londrina de sua filha Sally. Ele a tratava como se fosse seu tio, às vezes até seu pai, instruindo-a sobre a vida e os costumes, bem como sobre ciência e educação. Mas ela também era uma versão inglesa de Katy Ray, uma bela jovem de comportamento brincalhão e espírito vivo. As cartas destinadas a ela eram às vezes flertes, e ele a lisonjeava com a atenção que apresentava para com as mulheres de que gostava.

Franklin passava horas conversando com Polly, cuja ávida curiosidade o encantava. Depois, quando ela foi morar com uma tia no campo, manteve uma correspondência surpreendente. Durante seus anos em Londres, ele escreveu para ela com muito mais frequência do que para sua família. Algumas cartas continham galanteios. “Não passa um dia sem que eu pense em você”, escreveu menos de um ano depois do primeiro encontro entre eles. Ela lhe enviava pequenos presentes. “Recebi as ligas que você tão gentilmente tricotou para mim”, agradeceu ele por carta. “Elas são do único tipo que posso usar, não tendo vestido nenhuma de qualquer espécie por vinte anos, até que você começou a fazê-las para mim [...]. Tenha certeza de que penso tanto em você ao usá-las quanto você em mim ao fazê-las.”

Tal como acontecia com Katy Ray, seu relacionamento com Polly era tanto mental quanto sentimental. Ele escrevia para ela longas cartas com detalhes minuciosos sobre como funcionam os barômetros, como as cores absorvem calor, como a eletricidade é conduzida, como se formam as trombas-d’água e sobre a influência da lua nas marés. Oito dessas cartas foram posteriormente incluídas em uma edição revisada de seus trabalhos sobre eletricidade.

Ele também trabalhou com Polly para criar o que era essencialmente um curso por correspondência com o objetivo de lhe ensinar uma variedade de assuntos. “Nosso método mais fácil de proceder, creio, será que você leia alguns livros que posso lhe recomendar”, sugeriu ele. “Eles fornecerão matéria para suas cartas e, em consequência, para as minhas.” Essa tutoria intelectual era para ele a melhor forma de lisonjear uma mulher jovem. Como dizia um final de carta que enviou a ela: “Depois de escrever seis páginas em in-fólio de filosofia para uma moça, é necessário concluir esta carta com um cumprimento? Não é esta carta ela mesma um elogio? Ela não diz ‘Ela tem uma mente sedenta por conhecimento e capaz de recebê-lo’?”⁵

Sua única preocupação era que Polly levasse seus estudos *demasiado* a sério. Embora apreciasse sua mente, Franklin recuou quando ela deu a entender seu desejo de se dedicar ao estudo à custa de se casar e criar uma família. Então, ele providenciou algumas cutucadas paternas. Em resposta à sugestão de que ela poderia “viver solteira” pelo resto de sua vida, ele lhe passou um sermão sobre o “dever” da mulher de formar uma família:

Existe, contudo, uma moderação prudente a ser utilizada em estudos desse tipo. O conhecimento da natureza pode ser ornamental e pode ser útil, mas, se atingir uma eminência em que negligenciamos o conhecimento e a prática dos deveres essenciais, merecemos repreensão. Pois não há posição no conhecimento natural de igual dignidade e importância que a de ser um bom pai, um bom filho, um bom marido ou uma boa esposa.

Polly levou a ordem a sério. “Obrigada, meu querido preceptor, por vossa atenção em satisfazer minha curiosidade”, respondeu ela. “Como minha maior ambição é tornar-me amável perante vossos olhos, terei o cuidado de nunca transgredir os limites da moderação que prescreveis.” E depois, ao longo das semanas seguintes, eles entraram num extenso colóquio, repleto de pesquisa factual e várias teorias, sobre como as marés afetam o fluxo da água na foz de um rio.⁶

Polly acabaria por se casar, teria três filhos, ficaria viúva, mas durante todo esse tempo se manteria extraordinariamente próxima de Franklin. Em 1783, perto do fim de sua vida, ele lhe escreveria: “Nossa amizade foi toda sol aberto, sem a menor nuvem em seu hemisfério”. E ela estaria à cabeceira de Franklin quando ele morreu, 33 anos depois do primeiro encontro entre eles.⁷

Margaret e Polly Stevenson proporcionaram uma réplica da família que ele deixou na Filadélfia, igualmente confortável, mas mais estimulante do ponto de vista intelectual. Então, o que isso significou para sua verdadeira família? William Strahan, o amigo inglês de Franklin, manifestou preocupação. Ele escreveu a Deborah para tentar persuadi-la a se juntar ao marido em Londres. O oposto do peripatético Franklin, ela não tinha vontade de viajar e tinha um profundo medo do mar. Strahan assegurou-lhe que jamais alguém morreria no percurso entre a Filadélfia e Londres, sem mencionar que essa estatística ignorava os muitos que haviam morrido em rotas similares. Strahan enfatizava que a viagem também seria uma grande experiência para Sally.

Essa era a parte amena da carta, as cenouras destinadas a atrair. Porém era seguida, de forma quase rude, por alguns conselhos presunçosos, camuflados com cortesia, mas que continham advertências mal disfarçadas que refletiam o conhecimento que Strahan tinha da natureza de Franklin:

Minha senhora, como sei que as damas daqui o consideram exatamente sob a mesma luz que eu, penso que a senhora deveria vir com toda a velocidade conveniente para cuidar do seu interesse; não que eu deixe de pensar que ele é tão fiel a sua Joan [apelido poético que Franklin deu a

Deborah] quanto qualquer homem vivo, mas quem sabe o que pode com o tempo, e enquanto ele está a uma distância tão grande da senhora, conseguir uma tentação repetida e forte.

Caso Deborah não entendesse, Strahan deixava cair uma gota de tranquilização salpicada de veneno no final de sua carta:

Não posso me despedir sem informá-la de que o sr. F. tem a sorte de morar com uma dama muito discreta que é particularmente cuidadosa com ele, que o assistiu durante um resfriado muito severo com assiduidade, preocupação e ternura que, talvez, somente a senhora poderia igualar; de modo que não creio que poderia haver uma substituta melhor até que a senhora venha para pô-lo sob sua própria proteção.⁸

Franklin gostava de Deborah, contava com ela e respeitava suas maneiras sólidas e simples, mas sabia que ela se sentiria deslocada naquele mundo mais sofisticado de Londres. Então, ele parecia um tanto ambivalente em relação à perspectiva de convencê-la a ir para a Inglaterra — e tipicamente realista sobre a possibilidade disso. “[Strahan] ofereceu-se para fazer comigo uma considerável aposta de que uma carta que ele escreveu para você vai trazê-la imediatamente para cá”, escreveu ele. “Digo-lhe que não vou bater sua carteira, pois estou certo de que não existe incentivo forte o suficiente para fazê-la cruzar os mares.” Quando ela respondeu que de fato permaneceria na Filadélfia, Franklin mostrou pouco pesar. “Sua resposta ao sr. Strahan foi exatamente o que deveria ser; fiquei muito satisfeito com ela. Ele imaginava que sua retórica e arte certamente a convenceriam.”

Em suas cartas para casa, Franklin pisava em ovos para tranquilizar Deborah de que ele estava sendo bem cuidado e, ao mesmo tempo, assegurarlhe que sentia falta de seu amor. Quando caiu doente, alguns meses depois de sua chegada, escreveu:

Transmiti seus elogios para a sra. Stevenson. Ela é realmente muito prestativa, cuida muito de minha saúde e é muito diligente quando estou com alguma indisposição; mas, mesmo assim, mil vezes desejei que você e minha pequena Sally estivessem comigo [...]. Há uma grande diferença na doença em ser cuidado com aquela atenção terna que procede do amor

sincero.

A carta era acompanhada por uma variedade de presentes, alguns dos quais, ele contou, foram escolhidos pela sra. Stevenson. A remessa continha porcelanas, quatro das conchas de prata para sal “mais novas, mas feias” de Londres, “um pequeno instrumento para retirar o núcleo de maçãs, outro para transformar nabos grandes em pequenos”, uma cesta para Sally da sra. Stevenson, ligas para Deborah, que foram tricotadas por Polly (“que me favoreceu com um par do mesmo tipo”), tapetes, cobertores, toalhas de mesa, tecidos para vestidos escolhidos pela sra. Stevenson para Deborah, apagadores de velas e outros itens suficientes para amenizar qualquer culpa.⁹

Deborah era geralmente cordial em relação às mulheres da vida de Franklin. Ela o abastecia com todas as notícias e fofocas de casa, inclusive a mais recente, um pedido de conselhos de Caty Ray sobre (quem diria) sua vida amorosa. “Estou feliz em saber que a srta. Ray está bem e que vocês se correspondem”, Franklin respondeu, embora a advertisse para não “ser apressada em dar conselhos nesses casos”.

A correspondência entre eles, em sua maior parte, tinha pouco do conteúdo emocional ou intelectual que se encontra nas cartas que Franklin trocava com Polly ou Caty Ray, ou, mais tarde, com suas amigas em Paris. Tampouco ele discorria muito sobre assuntos políticos, da maneira como fazia com sua irmã Jane Mecom. Embora suas cartas transmitam o que parece ser um carinho sincero por Deborah e pela natureza prática da parceria entre eles, não há sinais da parceria mais profunda que é tão evidente, por exemplo, na correspondência de John Adams com sua mulher, Abigail.

Por fim, à medida que a missão de Franklin se prolongava, as cartas de Deborah se tornariam mais desoladas e com sinais de autocomiseração, especialmente após a morte de sua mãe em um horrível incêndio na cozinha, em 1760. Pouco depois, ela escreveu em seu modo desajeitado sobre sua solidão e suas preocupações sobre os boatos que ouvira a respeito dele e outras mulheres. A resposta de Franklin, embora tranquilizadora, foi formulada de modo friamente abstrato. “Estou preocupado com que tantos problemas lhe sejam causados por relatos ociosos. Fique satisfeita, minha querida, que, enquanto eu tiver juízo e Deus me conceder sua proteção, não farei nada indigno do caráter de um homem honesto e que ama sua família.”¹⁰

Na década de 1750, com 750 mil habitantes e em rápido crescimento, Londres era a maior cidade da Europa e, no mundo, perdia apenas para Beijing (900 mil habitantes). Apertada e suja, cheia de doenças, prostitutas e crime, estava estratificada havia muito tempo em uma classe superior de aristocratas e uma classe inferior de trabalhadores pobres que lutavam contra a fome. No entanto, era também vibrante e cosmopolita, e na década de 1750 já contava com uma classe média emergente de comerciantes e industriais, bem como com uma crescente sociedade de intelectuais, escritores, cientistas e artistas frequentadores de cafés. Embora a Filadélfia fosse a maior cidade das colônias americanas, era uma aldeia minúscula, em comparação, com apenas 2 mil habitantes (aproximadamente do tamanho atual de Franklin, Wisconsin, ou Franklin, Massachusetts).

Na mistura cosmopolita de classes antigas e novas que compunha Londres, Franklin foi rapidamente bem recebido pelo ambiente intelectual e literário. Mas, apesar de sua reputação de ascensão social, mostrou pouca inclinação para cortejar os membros da aristocracia conservadora, e o sentimento era mútuo. Ele gostava de estar entre pessoas com espírito vivo e virtudes simples e tinha aversão inata aos poderosos e às elites ociosas. Uma de suas primeiras visitas foi à gráfica onde havia trabalhado. Lá, comprou baldes de cerveja e fez brindes ao “sucesso da impressão”.

Strahan e Collinson formaram o núcleo de um novo conjunto de amigos que reproduzia para Franklin sua velha Junta, mas com mais sofisticação e distinção. Ele se correspondia com Strahan, impressor e coproprietário do *Chronicle* de Londres, desde 1743, quando Strahan deu uma carta de recomendação para seu aprendiz, David Hall, que Franklin contratou e mais tarde transformou em sócio. Eles trocaram mais de sessenta cartas antes de se encontrarem e, quando finalmente o fizeram, Strahan ficou encantado com o extraordinário Franklin. “Nunca vi um homem que fosse, em todos os aspectos, tão perfeitamente agradável para mim”, ele escreveu para Deborah Franklin. “Alguns são amáveis em um aspecto, alguns o são em outro, ele é em todos.”

Collinson, o negociante com quem se correspondera sobre eletricidade, apresentou Franklin para a Sociedade Real, que já o havia eleito seu primeiro membro americano um ano antes de sua chegada. Por intermédio de Collinson, Franklin conheceu o dr. John Fothergill, um dos médicos mais importantes de Londres, que se tornou seu médico e o aconselhou sobre como lidar com os Penn, e também com Sir John Pringle, um mal-humorado professor escocês de filosofia moral e mais tarde médico real, que se tornou seu companheiro de viagens. Collinson também o levou ao Honest Whigs, um clube de discussão de intelectuais liberais pró-americanos. Entre seus membros, Franklin fez amizade com Joseph Priestley, que escreveu a história da eletricidade que garantiu sua reputação e depois isolou o oxigênio, e Jonathan Shipley, o bispo de St. Asaph, em

cuja casa escreveria boa parte de sua autobiografia.¹¹

Franklin também entrou em contato com James Ralph, o amigo genioso de sua juventude, que havia sido seu companheiro na viagem anterior a Londres, durante a qual tiveram um desentendimento por causa de dinheiro e mulher. O caráter de Ralph não mudara muito. Franklin levava da Filadélfia uma carta para Ralph escrita pela filha que ele havia abandonado e que agora era mãe de dez filhos. Mas Ralph não queria que sua mulher e sua filha inglesas soubessem de suas conexões na América e se recusou a responder à carta. Disse apenas que Franklin transmitisse seu “grande afeto”. Franklin teve pouco contato com Ralph depois disso.¹²

Para os cavalheiros da aristocracia, começavam a surgir na St. James's Street clubes elegantes onde comer e jogar, como o White e, mais tarde, o Brookes e o Boodle. Para a crescente classe de escritores, jornalistas, profissionais liberais e intelectuais cuja companhia Franklin preferia, havia os cafés. Londres contava com mais de quinhentos na época. Eles tinham jornais e revistas para a leitura dos clientes e mesas em torno das quais se formavam clubes de discussão. Os membros da Sociedade Real tendiam a encontrar-se no café Grecian, na Strand, a uma curta caminhada da Craven Street. O Clube dos Honest Whigs reunia-se às quintas-feiras alternadas no café St. Paul. Outros, como os cafés Massachusetts e Pennsylvania, proporcionavam uma conexão americana. Franklin, que gostava de clubes e de um copo ocasional de vinho da Madeira, frequentava esses e outros.¹³

E, assim, ele criou um novo e abrangente grupo de amigos e lugares de reunião que reproduzia as alegrias da Junta e lhe proporcionava uma base modesta de poder entre os intelectuais da cidade. Mas era, como Thomas Penn havia previsto, uma base de poder um tanto limitada. O proprietário tranquilizara seus aliados, após a nomeação de Franklin, dizendo que ele poderia achar apoio entre aqueles que se preocupavam com seus experimentos científicos, mas os intelectuais whigs de classe média não eram os responsáveis por decidir o destino da Pensilvânia: “Há muito poucas pessoas de importância social que ouviram falar de seus experimentos elétricos, pois são assuntos que chamam a atenção apenas de um grupo determinado de pessoas. Porém é um tipo bem diferente de pessoas que vai decidir a disputa entre nós”. Penn tinha razão.¹⁴

A BATALHA CONTRA OS PENN

Franklin chegou a Londres não apenas como alguém leal à Coroa, mas também como um entusiasta do império, do qual achava que as colônias americanas eram parte integrante. No entanto, logo descobriu que estava

trabalhando com base em um equívoco. Ele acreditava que os súditos de Sua Majestade que viviam nas colônias não eram cidadãos de segunda classe. Achava que deveriam ter todos os direitos de qualquer cidadão britânico, inclusive o de eleger assembleias com poderes legislativos e fiscais semelhantes aos do Parlamento. Os Penn talvez não vissem a situação dessa maneira, mas ele acreditava que os ministros britânicos esclarecidos certamente o ajudariam a pressionar os Penn a mudar seus métodos autocráticos.

Por isso, foi uma desagradável surpresa para Franklin quando, pouco depois de sua chegada, se encontrou com lorde Granville, o presidente do Conselho Privado, grupo composto dos principais ministros que agiam em nome do rei. “Vocês, americanos, têm ideias erradas sobre a natureza de sua Constituição”, disse lorde Granville. As instruções dadas aos governadores coloniais eram a “lei suprema” e os legislativos coloniais não tinham o direito de ignorá-las. Franklin respondeu que “isso é uma doutrina nova para mim”. As cartas régias coloniais especificavam que as leis seriam feitas pelas assembleias coloniais, argumentou ele; embora pudessem vetá-las, os governadores não poderiam ditá-las. “Ele me garantiu que eu estava totalmente errado”, relembrou Franklin, que ficou tão alarmado que escreveu a conversa na íntegra tão logo retornou à Craven Street.¹⁵

A interpretação de Franklin tinha méritos. Anos antes, o Parlamento havia rejeitado uma cláusula que daria poder de lei às instruções dos governadores. Mas a reprimenda de Granville, que por acaso era contraparente dos Penn, serviu como um aviso de que a interpretação dos proprietários tinha apoio nos círculos da corte.

Alguns dias mais tarde, em agosto de 1757, Franklin deu início a uma série de reuniões com o principal proprietário, Thomas Penn, e seu irmão Richard. Ele já conhecia Thomas, que havia morado por um tempo na Filadélfia e até mandou imprimir ex-libris na gráfica de Franklin (embora a contabilidade de Franklin mostre que ele não chegou a pagar todas as suas contas). A princípio, as sessões foram cordiais; ambos os lados proclamaram o desejo de ser razoáveis. Franklin, contudo, observou mais tarde: “Acho que cada partido tinha a sua própria ideia do que se devia entender por *razoável*”.¹⁶

Os Penn pediram a argumentação da Assembleia por escrito, o que Franklin fez em dois dias. Intitulado “Tópicos de reclamação”, o memorando de Franklin exigia que o governador nomeado tivesse liberdade para “usar seu melhor critério”, e chamava de “injusta e cruel” a exigência de isenção dos proprietários de impostos que ajudavam a defender suas terras. Mais provocante do que sua substância era o estilo informal utilizado por Franklin; ele não dirigia o documento diretamente aos Penn nem usava o título correto de “proprietários verdadeiros e absolutos”.

Ofendidos com o desprezo, os Penn advertiram Franklin de que ele deveria

passar a tratar somente por intermédio do advogado deles, Ferdinand John Paris. Franklin recusou-se. Ele considerava Paris um “homem orgulhoso e raivoso”, que havia desenvolvido uma “inimizade mortal” em relação a ele. O impasse serviu aos objetivos dos proprietários; durante um ano, eles evitaram dar qualquer resposta enquanto esperavam por decisões judiciais dos advogados do governo.¹⁷

A famosa capacidade de Franklin de permanecer calmo e afável abandonou-o numa reunião rancorosa com Thomas Penn, em janeiro de 1758. Em causa estava o direito de Penn de vetar a nomeação pela Assembleia de um grupo de comissários para negociar com os índios. Mas Franklin aproveitou o encontro para afirmar a posição mais ampla de que a Assembleia tinha poderes na Pensilvânia comparáveis aos do Parlamento na Grã-Bretanha. Ele argumentou que William Penn, o reverenciado pai de Thomas, havia expressamente conferido esses direitos à Assembleia da Pensilvânia, na “Carta de privilégios” que concedera aos colonos em 1701.

Thomas respondeu que a carta régia recebida por seu pai não lhe dava o poder de fazer essa concessão: “Se meu pai concedeu privilégios que pela carta régia não tinha poderes para conceder, nada pode ser reclamado por essa concessão”, disse Penn.

Franklin respondeu: “Se seu pai não tinha o direito de conceder os privilégios que fingiu conceder e divulgou por toda a Europa como concedidos, então aqueles que vieram a se estabelecer na província [...] foram enganados, trapaceados e traídos”.

“A carta régia não era nenhum segredo”, Penn respondeu. “Se eles foram enganados, foi por culpa deles mesmos.”

Franklin não estava totalmente correto. A carta de William Penn de 1701 declarava de fato que a Assembleia da Pensilvânia teria o “poder e os privilégios de uma assembleia, de acordo com os direitos dos súditos livres da Inglaterra, e como é habitual em qualquer das colônias do rei na América” — sujeita, portanto, a algum tipo de interpretação. Contudo, Franklin estava furioso. Em uma vívida descrição da discussão, escrita ao presidente da Assembleia, Isaac Norris, Franklin usou palavras que mais tarde, quando a carta vazou para o público, acabariam com qualquer chance que ele tivesse de ser um lobista eficaz junto aos proprietários: “[Penn falou] com uma espécie de insolência triunfante, risonha, como um vil trapaceiro pode fazer quando um comprador reclama que ele o enganou em relação a um cavalo. Fiquei pasmo ao vê-lo assim, entregar mesquinhamente o caráter de seu pai, e naquele momento senti um desprezo mais profundo e completo por ele do que já senti por qualquer outro homem”.

Franklin sentiu o rosto esquentar e a cólera crescer. Então, teve o cuidado de dizer pouco que traísse suas emoções. “Não dei nenhuma outra resposta”, lembrou ele, “além de dizer que as pessoas pobres não eram elas mesmas

advogados e, confiando em seu pai, não acharam que fosse necessário consultar algum.”¹⁸

A reunião venenosa foi um momento de inflexão na missão de Franklin. Penn recusou-se a continuar as negociações pessoais, disse que Franklin parecia um “vilão maligno” e declarou que “a partir deste momento não terei nenhuma conversa com ele sob nenhum pretexto”. Depois disso, sempre que acontecia de se encontrarem, relatou Franklin, “aparece em seu deplorável semblante uma estranha mistura de ódio, raiva, temor e aborrecimento”.

Abandonando seu pragmatismo habitual, Franklin começou a desabafar sua raiva com os aliados na Pensilvânia. “Minha paciência com os proprietários, embora não completamente, quase acabou”, escreveu a Joseph Galloway. Junto com seu filho, ele se preparava para publicar uma história das disputas na Pensilvânia, “na qual os proprietários serão expostos ao escárnio público como merecem, para apodrecer e feder nas narinas da posteridade”.¹⁹

A possibilidade de Franklin atuar como agente estava, portanto, encerrada, ao menos naquele momento. Apesar disso, ele ainda pôde proporcionar a seus amigos da Filadélfia informações sobre os que estavam no poder, tal como a antecipação da notícia de que os Penn planejavam destituir o governador William Denny, que violara suas instruções, ao permitir um acordo que tributava as terras dos proprietários. “Era para ser mantido em segredo”, escreveu a Deborah, acrescentando com um pouco da graça do Pobre Ricardo: “Assim, você também pode manter isso em segredo, se quiser, e obrigar todos os seus amigos a guardá-lo também”.

Ele também foi eficaz, como era desde a adolescência, em usar a imprensa para travar uma campanha. Escrevendo anonimamente no *Chronicle* de Londres, jornal de Strahan, criticou as ações dos Penn por serem contrárias aos interesses da Grã-Bretanha. Uma carta assinada por William Franklin, mas claramente escrita com a ajuda de seu pai, que atacava os Penn de forma mais pessoal, foi reproduzida em um livro sobre a história da Pensilvânia que Franklin ajudou a compilar.²⁰

Com a aproximação do verão de 1758, Franklin tinha diante de si duas escolhas: poderia voltar para casa e para sua família, como planejado, mas sua missão teria sido um fracasso. Ou, em vez disso, poderia passar seu tempo viajando pela Inglaterra e desfrutar da aclamação que encontrava entre seus admiradores intelectuais.

Não há sinal de que Franklin tenha achado difícil essa decisão. “Não tenho nenhuma perspectiva de voltar antes da próxima primavera”, informou a Deborah com bastante frieza em junho. Anunciava que passaria o verão vagando pelo campo. “Dependo principalmente dessas viagens previstas para o restabelecimento de minha saúde.” Quanto às queixas de Deborah sobre sua própria saúde, Franklin foi apenas levemente solícito: “Preocupa-me receber

relatos tão frequentes de suas indisposições; mas nós dois avançamos em anos e devemos esperar que nossas constituições, embora razoavelmente boas, aos poucos darão lugar às enfermidades da idade”.

Suas cartas eram, como sempre, amáveis e loquazes, mas dificilmente românticas. Tendiam a ser paternalistas, talvez um pouco condescendentes, às vezes, e não tão atraentes do ponto de vista intelectual como aquelas enviadas à sua irmã Jane Mecom ou a Polly Stevenson. Transmitem, entretanto, um pouco de carinho genuíno e até devoção. Ele apreciava o senso prático de Deborah e a natureza acomodatória da relação entre eles. E, na maior parte do tempo, ela parecia aceitar o acordo que tinham feito havia muito tempo e, em geral, se mostrava contente de permanecer abrigada em sua casa confortável numa vizinhança familiar, em vez de ter de segui-lo em suas viagens distantes. A correspondência deles revela, até perto do final, apenas repreensões ocasionais de ambos os lados, e ele fornecia devidamente mexericos, instruções sobre como desmontar seus sinos para-raios e alguns conselhos antiquados sobre mulheres e política. “Você é muito prudente em não se envolver em disputas partidárias”, escreveu em certo momento. “As mulheres jamais devem se intrometer neles, exceto em esforços para reconciliar seus maridos, irmãos e amigos que por acaso estejam em lados contrários. Se seu sexo for capaz de manter a calma, vocês podem ser um meio de resfriar o nosso mais cedo.”

Franklin era igualmente atencioso — mas também de forma moderada — em relação à filha que havia deixado na Filadélfia. Expressou sua felicidade ao receber um retrato de Sally e enviou-lhe um chapéu e uma capa brancos, algumas miudezas e uma fivela de pedras coladas francesas. “Elas custam três guinéus, dizem que são baratas por esse preço”, escreveu ele. Se sentia o puxão de sua família, não era particularmente forte, porque tinha uma réplica em Londres. Como observou no pós-escrito descuidado de uma carta divagante enviada para Deborah em junho: “A sra. Stevenson e sua filha desejam que eu envie seus cumprimentos”.²¹

WILLIAM E A ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA

William Franklin, talvez em reação a ser habitualmente chamado pelos inimigos da sua família de um bastardo de origem vulgar, tinha um desejo de status social muito maior do que o de seu pai. Entre seus livros mais manuseados estava *A verdadeira conduta de pessoas de qualidade* e, em Londres, gostava de frequentar as casas elegantes de jovens condes e duques, em vez dos cafés e salões intelectuais preferidos por seu pai. Tanto em seu mundo social como em seus estudos jurídicos nas Inns of Court, onde seu pai o matriculou, William

acabaria por se sentir atraído por uma visão mais conservadora e legalista. Mas a mudança seria gradual, errática e cheia de conflitos pessoais.

Antes de deixar a Filadélfia, William fizera a corte a uma jovem debutante bem-nascida chamada Elizabeth Graeme. Seu pai, o dr. Thomas Graeme, médico e membro do Conselho do Governador, possuía uma grande casa em Society Hill e uma propriedade rural de 120 hectares considerada a melhor da região da Filadélfia. A mãe dela era enteada do governador Keith, o patrono não confiável de Benjamin Franklin. A relação entre os Graeme e os Franklin era tensa: o dr. Graeme sentiu-se insultado quando o Franklin mais velho não o recrutou inicialmente para dirigir a equipe do novo Hospital da Filadélfia e, além disso, era amigo próximo da família Penn em sua briga com a Assembleia.

Apesar disso, com a aprovação relutante do dr. Graeme, o relacionamento tinha evoluído e Elizabeth aceitou com hesitação o pedido de casamento de William. Ela tinha dezoito anos, ele era quase dez anos mais velho. A aceitação veio com uma condição: William se retiraria de qualquer envolvimento na política. Porém, ela se recusou a acompanhá-lo a Londres, ou casar-se antes da partida dele. Ambos concordaram que se casariam após o retorno dele.

Uma vez na Inglaterra, o ardor de William por ela aparentemente esfriou muito mais do que seu ardor pela política. Depois de um breve bilhete logo após sua chegada, ele deixou de escrever para ela por cinco meses. Os clichês floridos sobre o amor deles foram substituídos por descrições da alegria “deste país enfeitador”. Pior ainda, William orgulhosamente mandou-lhe a arenga política que havia assinado no *Chronicle* de Londres atacando os proprietários, e chegou a solicitar a opinião dela sobre a recepção do artigo na Filadélfia.

Desse modo, acabou o relacionamento. Ela esperou meses para enviar uma resposta fria e amarga, que o rotulava de “uma coleção de maldades partidárias”. No dia seguinte, ele respondeu, por intermédio de um amigo mútuo, que a culpa era da volubilidade dela e que ele ficaria feliz em vê-la encontrar a felicidade com outro homem. De sua parte, William estava encontrando sua felicidade tanto com as senhoras elegantes de Londres como, não negando que era filho de seu pai, ocasionalmente com prostitutas e outras mulheres de baixa reputação.²²

Benjamin Franklin, que tinha sentimentos contraditórios sobre o relacionamento, parecia não se incomodar com a separação. Sua esperança era de que o filho se casasse com Polly Stevenson. Havia poucas chances de isso acontecer, pois as aspirações sociais de William eram mais altas do que as de seu pai. Com efeito, William estava assumindo ares sociais e financeiros que preocupavam Franklin. Então ele começou um esforço, que mais tarde se tornaria tema da seção de sua autobiografia que foi escrita como se fosse uma carta para seu filho, para impedir William de assumir pretensões de classe superior. Isso acabaria por revelar-se inútil e viria a ser, tanto quanto a política,

uma causa do afastamento entre eles.

Anos antes, Franklin advertira William para não esperar muito de herança. “Eu lhe assegurei que pretendo gastar o pouco que tenho comigo mesmo”, ele escreveu para sua mãe. Uma vez na Inglaterra, Franklin manteve uma contabilidade meticulosa de todas as despesas de William — inclusive refeições, alojamento, roupas e livros — com o entendimento de que os adiantamentos deveriam um dia ser reembolsados. Em 1758, no mesmo momento em que William se regalava um pouco com uma carruagem à custa da Pensilvânia, Franklin advertia seu filho para ser mais frugal nas refeições e evitar a ligação com um estilo de vida londrino elevado. William, que estava viajando com amigos pelo sul da Inglaterra, ficou intimidado. “Sou extremamente grato ao senhor por seu cuidado em me suprir de dinheiro”, escreveu ele, acrescentando que havia mudado seu alojamento para algo “muito pior, porém mais barato.”²³

Em seu esforço para manter o filho enraizado em sua herança “mediana”, Franklin o levou numa excursão genealógica durante o verão de 1758. Eles viajaram a Ecton, cerca de cem quilômetros a noroeste de Londres, onde gerações de Franklins haviam vivido antes de Josiah emigrar para a América. Nas proximidades, ainda morava Mary Franklin Fisher, prima em primeiro grau de Franklin, filha de Thomas, irmão de Josiah. Ela estava “fraca pela idade”, observou Franklin, mas “parece ter sido uma mulher muito inteligente e sensível”.

Na igreja paroquial, os Franklin descobriram duzentos anos de registros de nascimento, casamento e óbito de sua família. A esposa do reitor os entreteve com histórias de Thomas, o tio de Franklin, cuja vida tinha certa semelhança com a de seu sobrinho. Como Franklin contou a Deborah:

[Thomas Franklin foi] um homem muito importante em todos os assuntos do condado, e muito ocupado com os negócios públicos. Ele fez uma subscrição para erigir sinos em sua torre e conseguiu erguê-los, e ouvimos tocar. Ele descobriu um método fácil de evitar que seus prados da aldeia fossem alagados, como costumavam ser às vezes pelo rio, o qual ainda existe [...]. Seus conselhos e opiniões eram procurados em todas as ocasiões, por todos os tipos de pessoas, e ele era visto, segundo ela, por alguns, como uma espécie de feiticeiro. Ele morreu quatro anos antes de eu nascer, no mesmo dia do mesmo mês.

Franklin talvez tenha notado que o termo “feiticeiro” era o mesmo que Caty Ray usara uma vez a respeito dele. E William, impressionado com a

coincidência das datas, conjecturou que havia ocorrido uma “transmigração”.

No cemitério, enquanto William copiava dados das lápides, Peter, o servo de Franklin, usava uma escova dura para limpar o musgo. O relato de Franklin da cena é um lembrete de que, por mais esclarecido que viria a ser, ele levou consigo dois escravos para a Inglaterra. No entanto, considerava-os mais como criados velhos da família do que propriedade sua. Quando um deles fugiu logo depois que chegaram à Inglaterra, Franklin não tentou forçar seu retorno, como a lei britânica teria permitido. Sua resposta a Deborah, quando ela perguntou sobre o bem-estar deles mais tarde, é reveladora:

Peter continua comigo e se comporta tão bem quanto eu posso esperar em um país onde há muitas ocasiões para estragar os criados, se forem tão bons. Ele tem alguns defeitos, como a maioria deles, [mas eu os vejo] com apenas um olho e os ouço com apenas um ouvido, de modo que convivemos tranquilamente. King, por quem você pergunta depois, não está conosco. Ele fugiu de nossa casa há quase dois anos, quando estávamos ausentes no campo; mas logo foi encontrado em Suffolk, onde estava a serviço de uma senhora que gostava muito do mérito de fazer dele um cristão e contribuir para sua educação e aperfeiçoamento.²⁴

Naquele momento, seu comportamento em relação a Peter era semelhante ao que tinha a respeito da escravidão: ele via os defeitos com um olho apenas, os escutava somente com um ouvido e convivia com ela tranquilamente, embora cada vez menos. Na realidade, a evolução de seus pontos de vista sobre escravidão e raça estava em andamento. Em breve, ele seria eleito para o conselho diretor de um grupo inglês de caridade, os Associados do dr. Bray, dedicado à construção de escolas para negros nas colônias.

Com William a reboque, Franklin passou a primavera e o verão de 1758 vagando pela Inglaterra para absorver a hospitalidade e a aclamação de seus admiradores intelectuais. Em uma visita à Universidade de Cambridge, ele realizou uma série de experimentos sobre evaporação com o renomado químico John Hadley. Franklin já havia estudado como os líquidos produzem diferentes efeitos de refrigeração, conforme a rapidez com que evaporam. Com Hadley, ele fez o experimento com éter, que evapora muito rapidamente. Em um ambiente de 65 graus Fahrenheit [cerca de 18°C], eles repetidamente revestiram o bulbo de um termômetro com éter e usaram um fole para evaporá-lo. “Nós continuamos essa operação, um de nós umedecia a bola, e outro do grupo soprava sobre ela com o fole para acelerar a evaporação, com o mercúrio

descendo o tempo todo até chegar a 7 [-13,8°C], que é 25 graus abaixo do ponto de congelamento”, escreveu Franklin. “Com base nessa experiência, pode-se ver a possibilidade de congelar um homem até a morte em um dia quente de verão.” Ele também especulou, corretamente, que a brisa de verão não refresca por si mesma as pessoas; na verdade, o efeito de resfriamento vem do aumento causado pela brisa da evaporação do suor humano.

Seu estudo do calor e da refrigeração, embora não tão seminal como seu trabalho sobre eletricidade, continuou ao longo de sua vida. Além dos experimentos com evaporação, ele aprofundou os estudos sobre como diferentes cores absorvem o calor da luz, sobre como os materiais que conduzem eletricidade, caso dos metais, também são bons transmissores de calor e sobre projetos de estufas melhores. Como de costume, seu forte não estava na elaboração de teorias abstratas, e sim nas aplicações práticas que poderiam melhorar a vida cotidiana.²⁵

Sua visita a Cambridge causou tanta impressão que ele foi convidado a voltar ainda naquele verão para assistir à cerimônia de graduação. “Minha vaidade não foi pouco gratificada pelo respeito especial que me foi dado”, admitiu para Deborah. Mas esse respeito não o esperava quando voltou para Londres no outono.²⁶

A RESPOSTA DA FAMÍLIA PENN

Em novembro de 1758, mais de um ano depois de Franklin ter apresentado seus “Tópicos de reclamação”, os Penn finalmente responderam. Esnobando Franklin, mandaram o advogado Ferdinand Paris escrever diretamente para a Assembleia da Pensilvânia, com cópia para Franklin, e depois enviaram uma carta deles mesmos para a Assembleia.

Sobre a questão do poder da Assembleia, os proprietários se mantinham firmes: suas instruções aos governadores eram invioláveis, e a carta “dá ao proprietário o poder de fazer leis”. A Assembleia poderia fornecer apenas “conselho e consentimento”. Sobre a questão da tributação, no entanto, os Penn deixavam aberta a possibilidade de algum acordo. “Eles estão muito dispostos a ter investigada a renda anual de sua propriedade”, escreveu Paris, e considerar algumas contribuições com base no que “é em sua natureza tributável”.

A resposta turva, que não oferecia garantias concretas de dinheiro, levou Franklin a escrever pedindo esclarecimentos. Mas um aspecto essencial da posição dos proprietários era que eles não tratariam mais com ele. Paris disse explicitamente à Assembleia que ela não havia escolhido uma “pessoa de sinceridade” para ser seu agente. E os Penn, em sua própria carta, diziam que

novas negociações exigiriam “uma representação muito diferente”. A fim de enfatizar isso, Paris visitou Franklin pessoalmente para entregar a mensagem dos Penn de que “não julgamos necessário manter uma correspondência com um cavalheiro que reconhece que não tem poderes para concluir as medidas adequadas”. Franklin “não disse uma palavra”, relatou Paris, e “pareceu muito desapontado”.

“Desse modo, foi posto um ponto final em todas as negociações entre mim e eles”, Franklin escreveu a Norris, o presidente da Assembleia. Com sua missão frustrada, ele poderia ter voltado para casa e deixar outros trabalharem os detalhes de um acordo sobre a tributação. Então, fez a Norris uma oferta sem entusiasmo de renunciar. “A Câmara verá que, se quiser continuar a negociação com os proprietários, será necessário chamar-me de volta e nomear outra pessoa ou pessoas para esse serviço, que sejam mais aceitáveis ou mais maleáveis do que eu, ou, como expressam os proprietários, pessoas de sinceridade.”

Franklin, entretanto, não recomendava essa atitude. Seus instintos pragmáticos habituais caíram presa de sentimentos que ele tentara educar-se para evitar, como amargura, orgulho ferido, sentimentalismo e fervor político. Ele propunha, em vez disso, uma alternativa radicalmente diferente: tentar tirar a Pensilvânia dos Penn e transformá-la em uma colônia da Coroa, diretamente subordinada ao rei e seus ministros.

Se a Câmara, sensibilizada diante das ameaças às liberdades do povo que decorrem necessariamente do crescente poder e propriedade nas mãos de uma família com tais princípios, pensar que seria oportuno ter governo e propriedade em mãos diferentes, e com esse objetivo deseje que a Coroa assuma a província sob seu cuidado imediato, acredito que essa questão pode, sem muita dificuldade, ser levada adiante.

Com um pouco de ansiedade, ele concluía: “Nisso, creio que ainda posso ter serventia”.²⁷

Não havia nenhuma razão para acreditar que os ministros da Inglaterra fossem mexer na carta régia do proprietário ou dar um golpe a favor da democracia nas colônias. Então, por que Franklin se fixou em uma irrefletida e malfadada cruzada para transformar a Pensilvânia em uma colônia real? Parte do problema era que sua animosidade contra os Penn havia turvado sua visão periférica. Para o historiador Edmund Morgan, de Yale, esse “ataque prolongado de cegueira política” parece surpreendente, até mesmo intrigante: “A preocupação de Franklin, para não dizer obsessão, com as prerrogativas dos proprietários não somente desperdiçou seus talentos imensos, como obscureceu

sua visão e suas percepções do que era politicamente viável”.

No entanto, as ações de Franklin podem ser explicadas, pelo menos em parte, por seu entusiasmo pela glória do crescente império do rei. Argumenta o professor Gordon Wood, da Universidade Brown:

Uma vez que aceitemos plenamente o fato de que Franklin, entre 1760 e 1764, foi um monarquista entusiasta e sem pejo que não previu nem poderia prever o colapso do Império, então muito da surpresa, confusão e mistério de seu comportamento nesses anos se dissolve.²⁸

Outras pessoas na América foram mais rápidas do que Franklin para perceber que a atitude predominante da maioria dos líderes britânicos, e não apenas dos proprietários, era de que as colônias deveriam ser subservientes tanto política quanto economicamente. Porém, os aliados de Franklin na Assembleia da Pensilvânia partilhavam sua convicção de que a luta era com os proprietários e concordaram com sua permanência na Inglaterra para combatê-los. Então, sem nenhum desejo pessoal de deixar aquele país, ele lançou ataques contra os Penn em três frentes.

A primeira tinha a ver com o tratamento dado pelos Penn aos assuntos indígenas. Havia muito tempo que Franklin era simpático aos direitos dos índios, especialmente os delawares, os quais se consideravam enganados pelos Penn para ficar com suas terras. No outono de 1758, ele apresentou um mandato em nome dos Delaware ao Conselho Privado. Nele, repetia o uso da expressão “vil trapaceiro” que sabia haver enfurecido os adversários. Os Penn, dizia ele, haviam ampliado suas posses “por tais artes de trapaça [que] deram aos índios a pior das opiniões sobre os ingleses”. A advocacia de Franklin deu pouco resultado, mas ele ajudou a divulgar o caso para marcar pontos contra a maneira como os Penn administravam sua colônia.²⁹

A segunda linha de ataque de Franklin envolvia um processo por difamação que a Assembleia da Pensilvânia havia vencido contra William Smith, o reitor da Academia, que se tornara adversário político de Franklin. Quando Smith recorreu ao Conselho Privado em Londres para pedir uma revogação, Franklin transformou o caso em uma luta maior em prol dos direitos da Assembleia. Ferdinand Paris representava Smith, argumentando que “a Assembleia da Pensilvânia não era um Parlamento nem tinha nada parecido com o poder da Câmara dos Comuns”. Em junho de 1759, o Conselho Privado decidiu contra Franklin. Num sentido estrito, o órgão observou que a Assembleia em questão fora suspensa e que uma nova fora eleita, portanto a atual não tinha nenhum pleito. O mais preocupante, porém, era a observação de que “assembleias

inferiores” como as das colônias “não devem ser comparadas em poder ou privilégios com a Câmara dos Comuns”.³⁰

Na terceira questão, Franklin teve um pouco mais de sucesso. Ela dizia respeito ao caso do governador William Denny, que havia violado sua instrução em inúmeras instâncias ao aprovar leis que tributavam as fazendas dos proprietários. Os Penn, alegando, com algumas provas, que Denny havia sido subornado, não só o chamaram de volta como também apelaram ao Conselho Privado para obter a anulação das leis.

Uma primeira opinião consultiva do Conselho de Comércio foi contrária à de Franklin e à da Assembleia. Mas algo surpreendente aconteceu quando o Conselho Privado ouviu o apelo. Lorde Mansfield, que era membro do Conselho, chamou Franklin ao escritório do secretário, enquanto os advogados estavam discutindo. Seria ele realmente da opinião de que os impostos poderiam ser cobrados de tal forma que não prejudicassem as propriedades dos Penn?

“Certamente”, respondeu Franklin.

“Então o senhor deve ter pouca objeção para entrar em um compromisso a fim de garantir esse ponto”, disse lorde Mansfield.

“Nenhuma”, disse Franklin.

Desse modo, chegou-se a um acordo. Franklin concordou que a lei tributária da Assembleia excluiria as “terras incultas não mapeadas” pertencentes aos proprietários e tributaria as terras não colonizadas a uma taxa “não superior à de terras similares de propriedade de outros”. Ao voltar ao seu velho pragmatismo, Franklin obteve uma vitória parcial. Mas o acordo não resolvia definitivamente a questão do poder da Assembleia, nem restaurava a harmonia entre ela e os proprietários.³¹

O acordo também nada fez para promover a cruzada de Franklin com vistas a tirar dos Penn a propriedade da Pensilvânia. Muito pelo contrário. Em todas as suas decisões, o Conselho Privado não mostrou nenhuma inclinação para alterar a carta régia dos proprietários; tampouco Franklin conseguiu reunir apoio público para essa medida. Mais uma vez, ele enfrentou uma situação em que havia pouco mais que pudesse conseguir na Inglaterra e nenhuma razão concreta para não voltar para casa. No entanto, novamente Franklin não sentiu nenhuma inclinação para partir.

“A MAIS DENSA FELICIDADE”

Entre as maiores alegrias de Franklin estavam suas viagens de verão. Em 1759, ele e William foram à Escócia com o caminho aberto por apresentações para a elite intelectual feitas por William Strahan e John Pringle, ambos nativos

de Edimburgo. Ele ficou na mansão de Sir Alexander Dick, um renomado médico e cientista, e ali conheceu os grandes nomes do Iluminismo escocês: o economista Adam Smith, o filósofo David Hume e o jurista e historiador lorde Kames.

Uma noite, durante o jantar, Franklin regalou os convidados com uma de suas melhores brincadeiras literárias, um capítulo bíblico que fabricou chamado de “Parábola contra a perseguição”. Nela, Abraão dava comida e abrigo a um homem de 198 anos de idade e depois o expulsava quando ele dizia não acreditar no Deus de Abraão. A parábola concluía:

E à meia-noite Deus chamou Abraão, dizendo: Abraão, onde está o estranho?

E Abraão respondeu e disse: Senhor, ele não vos adoraria; tampouco chamaria vosso nome. Portanto, eu o expulsei da minha frente para o deserto.

E Deus disse: Eu o tolerei estes 198 anos, e o alimentei, e o vesti, apesar de sua rebelião contra mim, e tu não pudeste, tu que és um pecador, tolerá-lo uma noite?³²

Os convidados, encantados com Franklin e sua filosofia da tolerância, pediram-lhe que lhes enviasse cópias, o que ele fez. Foi também nessa época que escreveu a Hume sobre a história da disputa em relação a um mastro de maio, que envolvia um lorde marechal que fora convidado a opinar sobre se todas as formas de danação eram eternas. Franklin o comparou com a situação difícil de um prefeito em uma aldeia puritana de Massachusetts, que foi chamado para resolver uma disputa entre aqueles que queriam erguer um mastro de maio e outros que o consideravam blasfemo:

Ele ouviu a altercação deles com grande paciência, e depois gravemente decidiu assim: os que são a favor de não ter mastro de maio não o terão; e aqueles que são a favor do terão. Vão cuidar de seus negócios e não quero mais ouvir essa discussão. Então penso que o lorde marechal poderia dizer: os que são a favor de não mais danação do que aquela proporcional a suas ofensas têm o meu consentimento para que seja assim, e os que são a favor da danação eterna, que Deus eternamente os dá e a todos, e não quero mais ouvir sua discussões.³³

David Hume foi o maior filósofo britânico de sua época e um dos mais importantes pensadores lógicos e analíticos de todos os tempos. Ele já escrevera duas obras fundamentais, *Tratado da natureza humana* e *Ensaios sobre o entendimento humano*, consideradas entre as mais importantes para o desenvolvimento do pensamento empírico, o que o colocava no panteão ao lado de Locke e Berkeley. Quando Franklin o conheceu, ele estava terminando uma *História da Inglaterra* em seis volumes que o tornaria rico e famoso.

Franklin cortejou-o assiduamente e ajudou a convertê-lo para a causa colonial. “Não é pouco o que me agrada saber de sua mudança de sentimentos em alguns particulares relacionados com a América”, Franklin escreveu-lhe depois, acrescentando um comentário lisonjeiro: “Sei que ninguém tem mais poder para corrigir” os equívocos britânicos. De um dos ensaios de Hume a favor do livre-comércio com as colônias, Franklin disse entusiasmado que teria “um efeito bom na promoção de certo interesse muito pouco pensado pelo homem egoísta [...] Refiro-me ao interesse da humanidade, ou o bem comum da humanidade”.

Franklin e Hume também compartilhavam um interesse pela linguagem. Quando Hume o repreendeu por cunhar palavras novas, Franklin concordou em deixar de usar os termos *colonize* [“colonizar”] e *unshakeable* [“inabalável”]. Mas lamentou: “Não posso senão desejar que o uso da nossa língua permitisse fazer novas palavras quando as queremos”. Por exemplo, Franklin argumentou, a palavra *inaccessible* [“inacessível”] não era tão boa quanto uma palavra nova, como *uncomeatable*.^{*} Desconhecemos a resposta de Hume a essa sugestão, porém isso não diminuiu de forma alguma sua admiração ardente pelo novo amigo. Em carta a Franklin, ele elogiou: “A América mandou-nos muitas coisas boas, ouro, prata, açúcar, tabaco, índigo. Mas você é o primeiro filósofo e, sem dúvida, o primeiro grande homem de letras, pelo que estamos em dívida com ela”.³⁴

Durante sua visita à Escócia, Franklin também se tornou amigo de Henry Home, lorde Kames, cujos interesses iam da agricultura e da ciência à crítica literária e à história. Entre as questões que discutiram em passeios a cavalo pelos campos estava a necessidade de a Grã-Bretanha manter o controle do Canadá, que havia sido arrancado aos franceses no início daquele ano, quando uma força anglo-americana capturou Quebec, em uma das batalhas decisivas da guerra franco-indígena. Franklin defendeu sua posição “não somente porque sou colono, mas porque sou britânico”. Ele escreveu a Kames logo após sua partida: “A grandeza e a estabilidade futuras do Império Britânico estão na América”. Apesar de todos os seus problemas com os Penn, ele ainda não tinha se transformado em um rebelde.

A visita à Escócia foi coroada com a aceitação por parte de Franklin de um doutorado honorário da Universidade de St. Andrews. Enquanto a toga de seda

escarlate e cetim branco era posta sobre seus ombros, Franklin ouviu uma menção que elogiava “a retidão de sua moral e a doçura de sua vida e sua conversação”. E acrescentava:

Por suas invenções engenhosas e experiências de sucesso, com as quais enriqueceu a ciência da filosofia natural e, mais especificamente, da eletricidade, que até então era pouco conhecida, [ele] granjeou tantos elogios em todo o mundo de modo a merecer as maiores honras na República das Letras.

A partir de então, passou a ser chamado com frequência, até por si mesmo, de dr. Franklin.

O tempo que passou na Escócia, ele escreveu a lorde Kames quando estava a caminho de casa, “foram seis semanas da mais densa felicidade que já senti em qualquer parte de minha vida”. Trata-se, talvez, de um pequeno exagero. Mas ajuda a explicar por que ele não estava com pressa de voltar para a Filadélfia.³⁵

Entretanto, no início de 1760, Franklin começava a nutrir alguma esperança de que Deborah e Sally se juntassem a ele na Inglaterra. Seu sonho, agora que percebia a improbabilidade de William se casar com Polly Stevenson, era outra união de classe média: ver Sally se casar com Billy, filho de William Strahan. Era um casamento sobre o qual fantasiara quando Sally ainda era criança e Strahan era alguém que ele conhecia apenas através de cartas. Embora não predominassem mais, os casamentos arranjados não eram incomuns, e Strahan propôs por escrito um plano para unir seus filhos. Franklin o passou para Deborah, cautelosamente, supondo que era improvável convencê-la:

Há algum tempo, recebi a carta anexada do sr. Strahan. Depois disso, passei uma noite em conversa com ele sobre o assunto. Ele instou-me muito para ficar na Inglaterra e convencê-la a mudar-se para cá com Sally. Ele propôs vários planos vantajosos para mim que pareciam razoavelmente fundados. A família dele é muito agradável; a sra. Strahan é uma mulher sensível e boa, os filhos têm índole amável e, em particular, o rapaz jovem, que é sóbrio, engenhoso e industrioso, uma pessoa desejável.

No que diz respeito às circunstâncias, não pode haver objeção, sendo o sr. Strahan tão próspero a ponto de economizar mil libras esterlinas por ano dos lucros do seu negócio, depois de manter a família e pagar todos os

encargos [...] Dei-lhe, no entanto, duas razões pelas quais eu não poderia pensar em mudar-me para cá. Uma é minha afeição pela Pensilvânia, e as amizades e outras conexões há muito estabelecidas aí. A outra é sua aversão invencível a cruzar os mares.

Sally tinha quase dezessete anos, e a união trazia a promessa de uma vida confortável em um círculo inteligente e divertido. Mas Franklin deixou a decisão para sua esposa. “Agradei a consideração mostrada na proposta, mas não lhe dei nenhuma expectativa de que eu encaminharia as cartas”, escreveu ele. “Então, você está livre para responder ou não, conforme achar adequado.” Não há indicação de que Deborah tenha sentido a menor tentação.³⁶

Quanto a William, Franklin não era apenas um mau casamenteiro, como também um modelo ainda pior. Naquela época, provavelmente em fevereiro de 1760, William seguiu os passos de seu pai e procriou um filho ilegítimo, William Temple Franklin, conhecido como Temple. Sua mãe era aparentemente uma mulher da rua da qual (como a própria mãe de William) parece que nunca mais se teve notícia. William aceitou a paternidade, mas, em vez de procurar imediatamente uma esposa e levá-lo para casa (como seu pai havia feito), enviou o filho para ser criado secretamente por uma família adotiva.³⁷

Temple acabaria por se tornar um neto estimado por Benjamin Franklin, que supervisionou sua educação e, depois, o pôs sob sua asa como secretário pessoal. Mais tarde, quando seu avô e seu pai ficaram em lados opostos durante a guerra de independência, Temple se tornaria um joguete numa batalha de cortar o coração por sua lealdade e devoção, que Benjamin Franklin ganharia a um grande custo pessoal. Mas, por enquanto, ele era mantido fora da vista enquanto William desfrutava do turbilhão social de Londres e de mais excursões com seu pai famoso.

A mais memorável foi uma viagem ao continente europeu, no verão de 1761. Como a Grã-Bretanha ainda estava em guerra com a França, eles foram para a Holanda e Flandres. Franklin notou com prazer que a observância da religião não era tão rigorosa como nas colônias americanas, especialmente quando se tratava do respeito religioso dos domingos. “Na parte da tarde, gente tanto da alta quanto da baixa sociedade vai ao jogo ou à ópera, onde há abundância de canto, distração e dança”, relatou a um amigo de Connecticut. “Procurei em volta pelos juizes de Deus, mas não vi sinais deles.” Ele concluía, com um toque de diversão, que isso oferecia provas de que o Senhor não se importava tanto com a prevenção do prazer no descanso semanal quanto os puritanos rigorosos queriam que o povo acreditasse. A felicidade e a prosperidade em Flandres, escreveu ele, “quase fazem alguém suspeitar de que a Divindade não fica tão zangada com essa ofensa quanto a Justiça da Nova Inglaterra”.

Em razão de sua fama como cientista, Franklin era celebrado aonde quer que fosse. Em Bruxelas, o príncipe Charles de Lorena mostrou-lhes o equipamento que havia comprado para reproduzir as experiências de Franklin com eletricidade. E em Leyden, ocorreu um encontro dos dois maiores eletricitistas do mundo: Franklin esteve com Pieter van Musschenbroek, o inventor da garrafa de Leyden. O professor disse que estava prestes a publicar um livro que faria uso de uma carta que Franklin lhe havia enviado sobre a eletricidade, mas infelizmente ele morreu duas semanas depois da partida de Franklin.³⁸

CANADÁ E IMPÉRIO

Franklin encurtou sua viagem ao continente para voltar a Londres e comparecer à coroação do rei George III, em setembro de 1761. Ainda era um orgulhoso monarquista britânico, nutria grandes esperanças em relação ao novo rei e imaginava que ele poderia proteger as colônias da tirania dos proprietários.

Na América, a guerra francesa e indígena havia praticamente terminado, com a captura por parte da Inglaterra e suas colônias do controle do Canadá e de muitas ilhas produtoras de açúcar do Caribe pertencentes à França e à Espanha. Na Europa, no entanto, a luta mais ampla entre Grã-Bretanha e França, conhecida como a Guerra dos Sete Anos, não se resolveria até que o Tratado de Paris fosse assinado, em 1763. O entusiasmo de Franklin pela expansão do império do rei o levou a continuar sua cruzada para convencer a Grã-Bretanha a manter o controle do Canadá, em vez de cedê-lo de volta à França, em troca de algumas ilhas do Caribe, como parte de uma solução negociada. Em um artigo anônimo publicado em Londres pelo *Chronicle* de Strahan, ele usou seu velho truque da paródia e produziu dez motivos espirituosos pelos quais o Canadá *deveria* ser devolvido para a França. Entre eles:

Devemos devolver o Canadá porque um comércio ininterrupto com os índios numa vasta região onde a comunicação por água é tão fácil iria aumentar nosso comércio, já grande demais [...]

Devemos devolvê-lo a fim de que os chapéus de abas largas, devido à maior abundância de castores, não se tornem mais baratos para aquela seita mal-educada, os quacres.

Devemos devolver o Canadá para que possamos ter em breve outra guerra, e outra oportunidade de gastar 2 ou 3 milhões por ano na América, uma vez que há grande perigo de nos tornarmos ricos demais.

Em tom muito mais sério, ele escreveu um panfleto de 58 páginas intitulado “O interesse da Grã-Bretanha com relação às suas colônias”, no qual argumentava que manter o controle do Canadá beneficiaria o Império Britânico e ajudaria a proteger suas colônias americanas do assédio constante dos franceses e seus aliados indígenas. “Deixar os franceses de posse do Canadá quando está em nosso poder removê-los não parece seguro nem prudente”, escreveu ele.

O panfleto tratava detalhadamente da questão do Canadá, mas também levantava um tema ainda mais importante: a relação entre a Grã-Bretanha e suas colônias. Franklin escrevia como um homem que ainda era um defensor leal e ardente do império, “feliz como estamos agora sob o governo do melhor dos reis”. Os habitantes das colônias, segundo ele, estavam “ansiosos pela glória de sua Coroa, pela extensão de seu poder e comércio, pelo bem-estar e sossego futuro de todo o povo britânico”. A melhor maneira de garantir a harmonia contínua seria fornecer terra segura e abundante para que as colônias pudessem se expandir.

Franklin tinha uma teoria sobre a causa subjacente do atrito crescente entre a Grã-Bretanha e suas colônias, que expressara pela primeira vez nove anos antes, em suas “Observações a respeito do crescimento da humanidade”. Ele acreditava que os conflitos surgiram a partir da atitude dos mercantilistas britânicos, que tinham algo em comum com os proprietários: eles viam as colônias como um mercado a ser explorado. Consequentemente, opunham-se ao desenvolvimento da manufatura nas colônias, bem como a direitos maiores de autogoverno. No panfleto, ele salientava seu temor de que essa atitude pudesse até mesmo provocar “a independência futura de nossas colônias”.

A melhor maneira de tornar a América próspera sem transformá-la em um centro de manufatura, dizia Franklin, era manter o Canadá e, assim, garantir que haveria sempre terras em abundância para os colonos ocuparem. “Nenhum homem que pode ter um pedaço de terra própria, suficiente com seu trabalho para sustentar sua família com folga, é pobre o bastante para ser um produtor e trabalhar para um patrão”, escreveu ele. “Assim, enquanto houver terra suficiente na América para o nosso povo, não haverá produtores de qualquer quantidade ou valor.” Desse modo, uma América em expansão ofereceria sempre um mercado para produtos britânicos.

Ele também argumentava que, enquanto a Grã-Bretanha evitasse “a tirania e a opressão”, não haveria perigo de as colônias se rebelarem. “Enquanto o governo for brando e justo, enquanto importantes direitos civis e religiosos forem assegurados, esses súditos serão obedientes e respeitosos.” E então usava uma metáfora que vinha de seus estudos sobre águas turbulentas: “As ondas não sobem, exceto quando os ventos sopram”.

Portanto, a Grã-Bretanha estaria mais bem servida, concluía Franklin, se tratasse os habitantes das colônias como cidadãos plenos do império, com os mesmos direitos, liberdades e aspirações econômicas. No fim, ele não conseguiria vender para o Ministério britânico essa visão expansiva de harmonia imperial. Mas ele e outros que defendiam a manutenção do Canadá pela Grã-Bretanha prevaleceram.³⁹

DESPEDIDA AGRIDOCE

No verão de 1762, cinco anos depois de sua chegada, Franklin finalmente decidiu que era hora de voltar para casa. Estava dividido. Amava sua vida na Inglaterra, tanto a aclamação (acabara de ser agraciado com um doutorado honorário em Oxford) como os amigos e a família substituta que ganhara.

Mas a decisão tornou-se um pouco mais fácil porque ele supôs que logo estaria de volta. “A atração da *razão* é no momento pelo outro lado da água, mas a *inclinação* será para este lado”, escreveu para Strahan. “Você sabe o que geralmente prevalece.” Com efeito, sua inclinação pela Inglaterra prevaleceria novamente dentro de dois anos. Porém, ele foi otimista demais em relação à sua vida, tanto pessoal como pública, quando acrescentou: “Farei provavelmente disso uma única vibração e aqui me instalarei para sempre. Nada impedirá isso se eu puder, como espero poder, convencer a sra. F. a me acompanhar”.⁴⁰

William também estava pronto para voltar e precisava de um emprego. Candidatara-se ao cargo de vice-secretário da Carolina do Norte e perguntara sobre oportunidades no serviço aduaneiro e do Caribe. Mas a sorte e boas conexões acabaram por produzir algo surpreendentemente melhor. O governador real de Nova Jersey acabara de ser chamado de volta e seu provável substituto decidiu recusar o cargo. Agindo silenciosamente para não alertar os Penn, William fez um lobby bem-sucedido para conseguir o posto, com a ajuda de John Pringle, o amigo de seu pai que era médico e conselheiro íntimo do novo primeiro-ministro, lorde Bute. Quando a notícia da nomeação se tornou pública, os Penn tentaram sornateiramente desfazê-la espalhando a notícia de que ele era bastardo, mas não obtiveram sucesso.

A nomeação de William fazia parte da tentativa de Bute e outros de garantir a lealdade de seu famoso pai, contudo não há sinais de que ele tenha feito muito para ajudar seu filho. Anos mais tarde, Franklin diria a seus amigos na França que tentara dissuadir o filho de pleitear a posição, ou qualquer cargo público alcançado por meio do clientelismo, contando-lhe sobre seu tempo de criança quando pagara demais por um apito. “Pense no que o apito pode um dia

lhe custar”, disse a William. “Por que não se tornar um carpinteiro ou fabricante de carroças, se a herança que lhe deixou não for suficiente? O homem que vive de seu trabalho é pelo menos livre.” William, no entanto, estava encantado com o título de “excelência”, como uma maneira de sair da sombra de seu pai.⁴¹

De posse de um emprego público, William precisava de uma esposa. Assim, ao mesmo tempo que garantia a sua nomeação, fazia planos para se casar com uma meiga e bem-nascida filha de fazendeiro chamada Elizabeth Downes, figura da alta sociedade conservadora que conheceu nos bailes de Londres. Seu pai teve dificuldades para extinguir toda a esperança de que William se casaria com Polly Stevenson, mas finalmente deu “consentimento e aprovação” para o casamento.

Em carta para sua irmã Jane, Franklin afirmava estar satisfeito com a nomeação de William e mais ainda com seu casamento: “A dama é de índole tão amável que ela me dá mais prazer do que aquela, embora eu não tenha nenhuma dúvida de que ele será tão bom governador quanto marido, porque tem bons princípios e boas disposições, e penso que não é deficiente em bom entendimento”. No entanto, Franklin, que costumava gostar tanto de mulheres mais jovens e membros substitutos da família, não simpatizou com Elizabeth, e nunca simpatizaria.

Na verdade, Franklin não estava entusiasmado e, talvez, estivesse até incomodado com o êxito de seu filho. O casamento de William com uma mulher da classe alta era uma declaração de independência, e sua nomeação para governador significava que não era mais subserviente ao pai. Então, com cerca de 31 anos, William teria uma condição de vida mais elevada do que a de seu pai, o que provavelmente reforçaria a tendência pouco atraente de seu filho de adotar ares e pretensões elitistas.

Uma nuvem estava surgindo no horizonte, e não havia para-raios para neutralizar sua carga emocional. Os primeiros sinais da tensão que se desenvolveria entre pai e filho surgiram quando Franklin decidiu ir embora da Inglaterra sem ele, em 24 de agosto de 1762 — exatamente o mesmo dia em que a notícia da nomeação pendente de William apareceu nos jornais e menos de duas semanas antes da data de seu casamento. Em 4 de setembro, William casou-se com Elizabeth Downes, na elegante igreja de St. George, na Hanover Square, sem a presença de seu pai. Poucos dias depois, ele foi ao Palácio de St. James, onde beijou o anel do jovem rei George III e recebeu sua comissão real. Seu pai, que voltara correndo de Flandres para Londres um ano antes, a fim de testemunhar a coroação do soberano, não estava presente. Em seguida, William e Elizabeth viajaram para Nova Jersey, deixando Temple, o filho secreto de William, na Inglaterra.

Com o frio distanciamento que era capaz de exibir em relação à sua família, Franklin nunca manifestou pesar nem pediu desculpas por sua ausência

nesses eventos importantes da vida de seu filho. Por outro lado, em sua carta de despedida a Polly Stevenson, expressou grande emoção e lamentou que ela não tivesse se tornado sua nora. Escrevendo de uma “pousada deplorável” de Portsmouth e usando a terceira pessoa, ele lamentava que “tivesse outrora se iludido” com a possibilidade de que ela viesse “a ser dele na relação terna de uma filha, mas agora não pode mais entreter tais agradáveis esperanças”. Contudo, embora seu filho não tivesse se casado com ela, Franklin prometia que seu amor paternal não diminuiria. Com mais emoção do que jamais empregara em suas cartas para sua filha verdadeira, ele se despediu de Polly. “Adeus, minha filha querida: vou chamar-te assim. Por que não deveria chamar-te assim, uma vez que te amo com toda a ternura, toda a afeição de um pai?”⁴²

A missão de Franklin em Londres produzira resultados contraditórios. A disputa a respeito da tributação dos proprietários chegara a um acordo transitório, e o final da guerra franco-indígena acalmara as divergências maiores sobre a captação de fundos para a defesa colonial. Mas permanecia sem solução a questão subjacente da governança colonial. Para Franklin, que se considerava igualmente britânico e americano, a resposta era óbvia. Os poderes das assembleias coloniais deveriam evoluir para espelhar os do Parlamento, e os ingleses de ambos os lados do oceano deveriam gozar das mesmas liberdades. Porém, depois de cinco anos na Inglaterra, ele começava a perceber que os Penn não eram os únicos que viam a situação de forma diferente.

Na viagem de volta para casa, Franklin retomou seu estudo sobre o efeito calmante do óleo sobre a água, dessa vez com implicações metafóricas mais perturbadoras. As lanternas a bordo de seu navio tinham uma grossa camada de óleo que flutuava sobre uma camada de água. Vista de cima, a superfície estava sempre calma e plana e parecia que o óleo havia apaziguado a água turva. Mas quando a lanterna era vista de lado, de modo que se podiam enxergar ambas as camadas, tornava-se evidente que, tal como registrou Franklin, “a água sob o óleo estava em grande agitação”. Embora o óleo pudesse dar a impressão de amainar a turbulência, a água sob a superfície ainda estava “subindo e descendo em ondas irregulares”. Essa turbulência subjacente, Franklin se deu conta, não era algo que poderia ser abrandado com facilidade, nem mesmo pela aplicação mais criteriosa de óleo.⁴³

* Em inglês, “come-at-able” é o termo coloquial para “acessível”, “afável”. (N. T.)

9. Despedida de casa
Filadélfia, 1763-4

O AGENTE POSTAL PERIPATÉTICO

Quando William Franklin chegou à Filadélfia, em fevereiro de 1763, três meses depois da volta de seu pai, a tensão porventura existente entre os dois se dissipou rapidamente. Ele e sua nova esposa ficaram quatro dias na casa de Franklin, recuperando-se da assustadora travessia do oceano no inverno, e depois pai e filho partiram para Nova Jersey. A aristocracia local saiu em trenós para escoltá-los até Perth Amboy, um pequeno povoado de duzentas casas, durante uma tempestade de neve. Depois que William fez seu juramento de posse, eles viajaram para repetir a cerimônia em outra capital da colônia, Burlington, onde as festividades terminaram “com fogueiras, toque de sinos e salvas de tiros”.

Na Filadélfia, os inimigos de Franklin estavam chocados com o fato de ter sido concedida uma nomeação real a seu filho. Mas o proprietário Thomas Penn, em carta de Londres, sugeria que isso poderia ter um efeito calmante: “Disseram-me que o sr. Franklin ficará mais tratável, e acredito que isso deverá acontecer. Seu filho deve obedecer às instruções, e às ordens que ele receber o pai não poderá se opor na Pensilvânia”.¹

Isso não passaria de ilusão, porque Franklin (naquele momento, ao menos) fazia distinção entre as instruções emitidas pelo proprietário e aquelas enviadas

pelo rei. Apesar disso, seu primeiro ano de volta à América seria pacífico. De fato, ele se mostrava muito mais dócil em relação à política na Pensilvânia — em parte porque estava menos envolvido na política, e em parte porque estava menos envolvido com a vida na Pensilvânia. Sempre revigorado pelas viagens e pela busca de interesses diversos, e claramente desapegado do lar que havia abandonado durante cinco anos, Franklin partiu em abril numa viagem de inspeção postal, de sete meses e quase 3 mil quilômetros, que o levou da Virgínia a New Hampshire.

Na Virgínia, ele protagonizou um daqueles atos de generosidade silenciosa que o levaram a ter, mesmo em tempos controversos, mais amigos fiéis do que inimigos. Seu parceiro nos correios William Hunter morrera, deixando um filho ilegítimo na pobreza. Um dos amigos de Hunter pediu a Franklin que cuidasse do menino e supervisionasse sua educação. Era uma tarefa difícil, e Franklin manifestou alguma relutância. “Como outros homens mais velhos, na maioria das coisas eu começo a consultar meu conforto”, observou ele. “Mas assumirei com prazer o encargo que você me propõe.” Por ter um filho e um neto ilegítimos, ele foi sensível à situação e observou que Hunter teria feito o mesmo por ele.²

Franklin esperava que, com a morte de Hunter, após 24 anos de serviço, ele se tornaria o único agente postal nas colônias, como sua comissão original estipulava. Mas isso não aconteceu. Apesar do ardente apelo de Franklin aos seus superiores em Londres, o governador da Virgínia conseguiu a nomeação de seu secretário, John Foxcroft, para ser o novo parceiro de Franklin. A natureza mais cooperativa de Franklin voltou à tona e ele forjou uma amizade com Foxcroft em sua visita à Virgínia. Havia muito trabalho a ser feito. Como o Canadá agora fazia parte do Império Britânico, eles montaram um sistema para estender as entregas a Montreal. Também providenciaram navios de entregas para as Índias Ocidentais e a viagem noturna dos correios a cavalo. Uma carta enviada da Filadélfia a Boston poderia receber uma resposta dentro de seis dias, e uma ida e volta a Nova York poderia ser feita em 24 horas, um serviço que parece notável ainda hoje.

Foxcroft juntou-se a Franklin numa breve visita à Filadélfia e depois foram para Nova York e fizeram uma excursão pelos correios do Norte. Franklin queria muito que Deborah o acompanhasse. Achava que, se pudesse aprender a compartilhar seu amor por viagens e sua curiosidade a respeito do mundo, ela talvez até concordasse em acompanhá-lo a Londres um dia. Porém, não surpreende que mais uma vez ela tenha se recusado a sair de seu canto: à sua maneira, Deborah era tão independente quanto ele. Mas a relação dos dois era tão íntima que ele lhe deu permissão para abrir qualquer correspondência que recebesse da Inglaterra, “pois deve lhe dar prazer ver que as pessoas que lá me conheceram há tanto tempo e tão intimamente mantêm uma consideração tão

sincera por mim”. Havia mais do que vaidade nisso: quem sabe as cartas suavizassem a resistência dela em visitar a Inglaterra.³

No lugar de Deborah, ele levou sua filha Sally, então com dezenove anos, em sua excursão. Serviria como sua festa de debutante. Em Nova Jersey, ficaram com William e Elizabeth, que os levaram a festas formais, bem como a excursões agradáveis pelo campo. Depois, viajaram de barco até Newport, onde Sally teve o prazer (e, de fato, viria a ser isso) de conhecer Caty, a moça com quem seu pai havia flertado no passado, agora Catherine Ray Greene, casada e mãe de duas meninas. (Incapaz de esquecer as mulheres que se tornaram partes de sua família, ele também trocou cartas com Polly Stevenson sobre a viagem, observando que “a terna consideração filial que você constantemente manifesta por seu velho amigo é particularmente atraente”.)⁴

Franklin deslocou o ombro ao cair de sua carruagem e Sally estava disposta a permanecer em Newport para que ela e Caty pudessem cuidar dele. Mas ele estava ansioso para ir a Boston. Lá ficaram por dois meses, Franklin com sua irmã Jane Mecom e Sally com os primos, que possuíam um cravo. “Eu não queria que ela perdesse a prática”, Franklin explicou a Jane, acrescentando docemente, “e assim ficarei mais tempo com a minha irmã querida.”

Durante boa parte de sua estada em Boston, Franklin ficou confinado à casa. Havia sofrido outra queda, em uma curta viagem a New Hampshire, e mais uma vez deslocara o ombro. Com a maioria de seus parentes de Boston mortos e, aos 57 anos, com a capacidade de resistência diminuída, suas cartas se tornaram mais reflexivas e menos sedutoras. “Ainda não sou capaz de viajar por estradas irregulares”, lamentou a Caty. Apesar disso, ainda nutria esperanças de viajar para a Inglaterra de novo. “Nenhum amigo pode desejar que eu vá para a Inglaterra mais do que eu mesmo”, escreveu a Strahan. “Mas, antes de ir, preciso resolver todos os meus interesses aqui para tornar desnecessário outro retorno à América.”⁵

Em novembro, quando voltou para a Filadélfia, Franklin descobriu que seria mais difícil do que nunca resolver seus assuntos de uma forma que lhe permitisse uma aposentadoria sedentária na Inglaterra. Mais turbulência política feroz e quatro outras travessias do Atlântico estavam à frente. A excursão de sete meses pelas colônias e o tempo que passara na Inglaterra o puseram numa posição privilegiada para desempenhar um papel nas tempestades que viriam. Na condição de magnata editorial e, depois, de agente postal, era um dos poucos a ver as colônias americanas como um todo. Para Franklin, elas não eram apenas entidades díspares: eram um novo mundo com interesses e ideais comuns.

Durante sua viagem postal, Franklin fez planos e deu instruções para a construção de uma nova casa de alvenaria de três andares, na Market Street, a poucos passos do local onde Deborah o havia visto pela primeira vez, quando era um garoto fugitivo. Desde seu casamento não formalizado em 1730, eles haviam

morado em pelo menos seis casas alugadas, mas nunca numa residência própria. Agora, pela primeira vez, teriam espaço para desfrutar de todos os objetos de luxo que adquiriram desde que Deborah comprara sua primeira tigela de café da manhã de porcelana: a harmônica e o cravo, a estufa e o equipamento científico, a biblioteca e as cortinas de rendas.

Estaria Franklin se tornando um homem doméstico? De certa forma, apesar de seu amor pelas viagens e da relação às vezes distante com seu lar, o fugitivo em processo de envelhecimento sempre foi um espírito doméstico, onde quer que tenha vivido. Ele amava a Junta e os clubes, sua rotina e os arranjos domésticos substitutos que fizera na Inglaterra. Também permanecera um pouco atencioso, até mesmo cuidadoso, em relação à esposa e à filha, bem como aos parentes, mesmo quando se entregava ao desejo de viajar. Não estava claro, talvez nem para ele, se sua nova casa se destinava ao seu próprio desfrute ou sobretudo ao de sua família, mas seu amor por projetos o levou a se envolver profundamente em todos os detalhes, até na qualidade das maçanetas e dobradiças.

Apesar do que havia escrito para Strahan, o conflito quanto ao lado do oceano em que habitaria continuava por resolver. Deborah, com certeza, não tinha o desejo de morar mais do que a algumas centenas de metros de onde se criara. “Minha mãe é tão avessa a ir para o mar que acredito que meu pai nunca mais será induzido a ver a Inglaterra de novo”, William escreveu a Strahan. “Ele agora está construindo uma casa para eles mesmos.” Franklin também flertava com a ideia de obter uma concessão de terras em Ohio, olhando para o Oeste, em vez de para o Leste. No final de 1763, confessou a Strahan que estava confuso a respeito de onde passaria seus últimos anos: “Veremos em pouco tempo o que vai acontecer”.⁶

OS “PAXTON BOYS”

Os planos futuros de Franklin iriam depender, em parte, da conduta de John Penn, o novo governador da Pensilvânia que era sobrinho do proprietário Thomas Penn e havia sido delegado, junto com Franklin, na Conferência de Albany. Franklin estava esperançoso. “Ele é civil”, escreveu a Collinson, “então acho que não teremos nenhuma diferença pessoal, pelo menos não lhe darei motivos para isso.”

A primeira questão que Penn e a Assembleia da Pensilvânia enfrentaram foi a defesa da fronteira. A vitória britânica na guerra franco-indígena não assegurara totalmente a paz com todos os índios, e os colonos no Oeste estavam sendo atormentados por ataques liderados pelo chefe dos Ottawa conhecido

como Pontiac. No outono de 1763, a luta já tinha acalmado, mas não o ressentimento de muitos colonos toscos da Pensilvânia.

Esse sentimento eclodiu em 14 de dezembro, quando uma turba de mais de cinquenta colonizadores da região da cidadezinha de Paxton assassinou seis índios desarmados, todos eles cristãos convertidos e pacíficos. Duas semanas mais tarde, uma turba ainda maior abateu catorze índios que estavam abrigados por segurança em um asilo nas proximidades.

Os “Paxton Boys”, como a turba crescente de colonos da fronteira veio a ser chamada, declararam que sua próxima parada seria na Filadélfia, onde mais de 140 índios pacíficos estavam abrigados. Eles ameaçavam matar não somente os índios, como também os brancos que os protegiam, inclusive proeminentes quacres. Isso levou alguns quacres a deixar de lado o pacifismo e pegar em armas, e outros a fugir da cidade.

A revolta ameaçava tornar-se a mais grave crise que a Pensilvânia já havia enfrentado, uma guerra civil social e religiosa. De um lado estavam os homens da fronteira, principalmente presbiterianos, além de simpatizantes da classe trabalhadora da cidade, entre eles muitos luteranos alemães e presbiterianos de origem escocesa e irlandesa. Do outro lado estavam os quacres tradicionais da Filadélfia, com suas tendências pacifistas e o desejo de negociar com os índios. Os quacres, apesar de facilmente suplantados em quantidade pelos novos imigrantes alemães, dominavam a Assembleia e sempre resistiam a gastar muito na defesa da fronteira. Ao contrário de outras ocasiões, a classe alta dos comerciantes anglicanos da Filadélfia, que tendia a apoiar os proprietários em suas lutas com a Assembleia, aliou-se aos quacres, ao menos temporariamente.

Seguiu-se uma guerra virulenta de panfletos. Os presbiterianos da Filadélfia, apoiando seus irmãos do campo, atacaram os quacres por mimar os índios e por se recusarem a permitir aos colonos da fronteira a representação adequada na Assembleia decretada na carta régia. Franklin respondeu com seu próprio panfleto no final de janeiro de 1764. Intitulado “Uma narrativa dos últimos massacres no condado de Lancaster”, é um dos textos mais emotivos que escreveu em toda a sua vida.

Ele começa com o perfil pungente de cada um dos índios mortos, com destaque para suas personalidades gentis, e usa seus nomes em inglês. “Essas pobres criaturas indefesas foram imediatamente alvejadas, esfaqueadas e atacadas com machadinhas até a morte!”, assim descreve o massacre em detalhes sangrentos. O índio mais velho foi “cortado em pedaços em sua cama”, os outros foram “escalpelados e horrivelmente mutilados”.

Franklin passa a descrever o segundo massacre, que ocorrera duas semanas depois, em termos ainda mais horríveis:

Sem a menor arma para se defenderem, eles se dividiram em suas pequenas famílias, com os filhos agarrados a seus pais. Eles caíram de joelhos, protestaram sua inocência, declararam seu amor aos ingleses e que, em toda a sua vida, jamais lhes causaram dano; e, nessa postura, todos receberam a machadinha! Homens, mulheres e crianças pequenas foram todos desumanamente assassinados, a sangue-frio!

Para os Paxton Boys, todos os índios eram iguais e não havia necessidade de tratá-los como indivíduos. “Quem já proclamou guerra com parte de uma nação, e não com o todo?”, declarou o porta-voz deles. Franklin, por outro lado, usou seu panfleto para denunciar o preconceito e defender a tolerância individual que estava no cerne de seu credo político. “Se um índio me fere, conclui-se que eu possa vingar-me desse ferimento em todos os índios?”, perguntava ele. “O único crime desses infelizes parece ter sido o de que tinham pele marrom avermelhada e cabelos negros.” Para Franklin, era imoral punir um indivíduo em vingança por um ato praticado por outros de sua raça, tribo ou grupo.

Se um homem de rosto sardento e cabelos ruivos matar minha esposa ou um filho meu, [por este raciocínio] eu estaria correto em me vingar matando todos os homens, mulheres e crianças sardentos de cabelos ruivos e que eu viesse a encontrar depois em qualquer lugar.

Para reforçar seu ponto de vista, ele dava exemplos históricos de como vários outros povos — judeus, muçulmanos, mouros, negros e índios — haviam mostrado maior moralidade e tolerância em situações semelhantes. Franklin concluía que era necessário que toda a província enfrentasse os Paxton Boys no momento em que se preparavam para atacar a Filadélfia e levá-los à Justiça. Ignorando a pequena inconsistência de seu argumento, ele alertava para a culpa coletiva que todos os brancos compartilhariam: “A culpa recairá sobre toda a terra até que a justiça seja feita aos assassinos”.⁷

Mais tarde, o panfleto prejudicaria Franklin politicamente, pois refletia preconceito subjacente contra os colonos alemães, bem como sua aversão de sempre ao dogma presbiteriano-calvinista. Ele revelava pouca simpatia pelas queixas dos colonos; chamava-os de “homens bárbaros”, que haviam agido “para a desgraça eterna de sua terra e cor”. Apesar de, sob vários aspectos, ser um populista, ele era cauteloso com a população. Seu ponto de vista, como de costume, era o de uma nova classe média: desconfiado tanto da turba suja como das elites estabelecidas no poder.

No sábado, 4 de fevereiro, mais ou menos uma semana depois da publicação do panfleto de Franklin, enquanto os Paxton Boys se dirigiam para a cidade, o governador John Penn convocou uma reunião da população nos jardins da Câmara. De início, assumiu uma posição forte. Ordenou a prisão dos líderes da turba, mobilizou soldados britânicos e pediu à população que entrasse nas companhias de milícias que Franklin e outros estavam organizando. Muitos quacres pegaram em armas, embora a maioria dos presbiterianos da cidade tenha se recusado a fazê-lo.

À meia-noite de domingo, a turba de 250 homens chegou a Germantown, ao norte da cidade. Os sinos das igrejas repicaram alarmes e, em meio ao caos, formou-se uma aliança surpreendente. O governador Penn, escreveu Franklin a um amigo, “fez-me a honra, ao som de um alarme, de correr até a minha casa à meia-noite, com seus conselheiros nos calcanhares, para pedir conselho, e fez dela seu quartel-general por algum tempo”. Penn chegou a oferecer a Franklin o controle da milícia, mas ele prudentemente recusou: “Preferi carregar um mosquete e fortalecer a autoridade dele dando um exemplo de obediência a suas ordens”.⁸

Franklin e outros, inclusive muitos quacres, queriam que o governador ordenasse um ataque. Em vez disso, Penn decidiu enviar uma delegação de sete líderes da cidade, entre eles Franklin, para se encontrar com os Paxton Boys. “A expressão de combate que assumimos e os raciocínios que usamos com os insurgentes restauraram a tranquilidade para a cidade”, Franklin recordou mais tarde. A turba concordou em se dispersar se pudesse enviar alguns líderes à cidade para apresentar suas queixas.

Enquanto a tensão com os Paxton Boys diminuía, voltava o antagonismo entre Franklin e Penn. Franklin assumiu uma linha dura. Queria que o governador e a Assembleia, agindo em conjunto, enfrentassem a delegação de Paxton e os responsabilizassem pelos massacres. O governador, no entanto, percebeu a vantagem política que poderia obter se forjasse uma aliança com os presbiterianos e alemães, que simpatizavam com os colonos da fronteira (e que se sentiram ofendidos pelas críticas agressivas que Franklin lhes fizera no panfleto). Assim, ele se reuniu com a delegação de Paxton em particular, escutou-os com cortesia e concordou em não apresentar acusações contra eles. Por sugestão deles, também instituiu uma política de oferecer uma recompensa por qualquer escalpo indígena, masculino ou feminino.

Franklin ficou furioso. “Essas coisas atraem para ele e seu governo um súbito desprezo”, escreveu a um amigo. “Todo o respeito por ele na Assembleia está perdido. Todas as esperanças de felicidade sob um governo do proprietário estão no fim.” O sentimento era mútuo. Em carta ao seu tio Thomas Penn, o governador John Penn escreveu uma condenação igualmente forte de Franklin: “Jamais haverá perspectiva alguma de tranquilidade e felicidade enquanto

aquele vilão tiver a liberdade de espalhar o veneno daquela maldade inveterada e natureza doente profundamente arraigadas em seu coração negro”.

A escuridão havia realmente começado a infectar o coração em geral otimista de Franklin. Sentindo-se confinado pela Filadélfia e sua política fétida, inquieto em casa, e encontrando poucas diversões científicas ou profissionais, ele perdeu um pouco de sua postura divertida e irônica. Suas cartas continham avaliações duras, em vez de bem-humoradas, da política e até trechos pessoais mais sombrios. Para o médico John Fothergill, um amigo quacre que morava em Londres, ele escreveu: “Você se satisfaz com a fantasia de que está fazendo o bem? Você se engana. Metade das vidas que você salva não vale a pena salvar, por serem inúteis; e quase toda a outra metade não deveria ser salva, por ser nociva”.⁹

EM BRIGA COM OS PROPRIETÁRIOS, NOVAMENTE

Assim, as brigas entre o governador e a Assembleia tornaram-se mais acaloradas do que nunca. Entraram em choque pelo controle de nomeações para as milícias, por um farol e, obviamente, por causa de impostos. Quando a Assembleia aprovou uma lei que tributava as fazendas dos proprietários, que seguia a orientação geral, mas não a fórmula precisa do compromisso do Conselho Privado, Franklin escreveu uma mensagem da Assembleia ao governador advertindo que as consequências de vetar o projeto de lei, “sem dúvida, aumentarão a carga de descrédito e culpa de que a família proprietária já está sobrecarregada e trarão ao seu governo (se isso é possível) um desprezo ainda maior”. O governador o vetou.¹⁰

Em jogo estava não apenas o princípio, mas o poder. Franklin percebeu que o partido dos proprietários tinha forte apoio dos colonizadores da fronteira e de seus parentes de origem escocesa e irlandesa e alemães. Isso reacendeu sua determinação de continuar a perseguir, contra todas as probabilidades, seu sonho de convencer os britânicos a revogar a carta dos proprietários e fazer da Pensilvânia uma colônia da Coroa.

A maioria das pessoas na Pensilvânia ainda não partilhava seu fervor por um governo direto da Coroa, sem a presença do proprietário. Os membros da aristocracia mercante da Filadélfia eram amigos da família Penn. Os colonizadores presbiterianos e a classe trabalhadora étnica haviam forjado uma aliança nova depois do caso dos Paxton Boys, além de temer que uma tomada do poder pela realza tornasse oficial a Igreja anglicana, da qual suas famílias dissidentes haviam fugido. Até quacres proeminentes, como Isaac Norris e Israel Pemberton, que tendiam a ser aliados de Franklin, estavam desconfiados de uma

nova carta que poderia retirar algumas das liberdades religiosas que o falecido William Penn garantira havia muito tempo. Com sua cruzada obstinada, Franklin estava conseguindo dividir seus amigos e unir seus inimigos.

Da mesma forma, em Londres, não havia mais apoio para uma tomada do poder pela Coroa do que quando Franklin deu início à sua cruzada. Lorde Hyde, chefe de Franklin no departamento postal britânico, escreveu que nem os ministros reais que talvez gostassem de “pôr as mãos” na colônia estavam dispostos a atacar a família Penn. Ele advertiu publicamente Franklin, que era nomeado pelo rei: “Espera-se que todos os funcionários da Coroa auxiliem o governo”. Franklin fez uma pequena piada a respeito da advertência, observando que ele “não seria Hyde-bound”.^{*11}

Apesar disso, Franklin ainda gozava de controle efetivo da Assembleia e, em março de 1764, conseguiu aprovar uma série de 26 resoluções — um “colar de resoluções”, como ele as chamou — pedindo o fim do governo proprietário. Os proprietários, escreveu ele, agiram de maneira “tirânica e desumana”. Havia usado a ameaça indígena “para extorquir privilégios do povo [...] com a faca dos selvagens no pescoço deles”. A resolução final declarava que a Assembleia iria consultar os cidadãos sobre se deveriam enviar uma “humilde petição” ao rei “rogando para que ele ficasse misericordiosamente satisfeito de tomar o povo desta província sob sua imediata proteção e governo”.

O resultado foi uma petição solicitando a expulsão dos proprietários. Franklin imprimiu cópias em inglês e alemão e até criou uma versão ligeiramente diferente para a comunidade quacre, mas seus seguidores só conseguiram 35 signatários. Os opositores da mudança chegaram a 15 mil assinaturas em suas petições.

Mais uma vez, estourou uma guerra de panfletos. A contribuição de Franklin, “Pensamentos frios sobre a situação atual”, era mais quente do que o título sugeria. Ele não estava, ao menos naquele momento, distanciado o suficiente para utilizar suas velhas ferramentas de humor, sátira, indiretas e leve sarcasmo na discussão. Seu panfleto acusava os proprietários de submissão aos Paxton Boys e incapacidade de administrar a colônia. “Felizmente, a religião nada tem a ver com nossas diferenças atuais, apesar dos grandes esforços para arrastá-la para a disputa”, escreveu ele, de forma não totalmente correta. De qualquer modo, continuava, era mais provável que a Coroa, mais que os proprietários, protegesse as liberdades religiosas.

O mais novo adversário de Franklin era John Dickinson, um jovem advogado, genro da grande eminência quacre Isaac Norris. Dickinson fora amigo de Franklin e não era grande fã dos proprietários, mas argumentava racionalmente que as salvaguardas da Carta Penn não deveriam ser abandonadas, nem se deveria supor que os ministros reais seriam mais esclarecidos do que os proprietários. Em maio, Norris, não querendo ser

apanhado no fogo cruzado, fingiu estar doente e renunciou ao cargo de presidente da Assembleia. Franklin foi eleito para o cargo.

Franklin também enfrentou um adversário mais velho e mais virulento: o presidente do Tribunal William Allen, seu amigo no passado, mas cujo fervoroso apoio aos proprietários levava a uma ruptura amarga. Quando Allen voltou de uma viagem à Inglaterra, em agosto, Franklin fez-lhe uma visita como “uma tentativa de aproximação”. Diante de outros convidados, Allen denunciou seu ataque aos proprietários. Uma mudança para um governo real, disse ele, custaria 100 mil libras à Pensilvânia e não tinha apoio em Londres.

Com a aproximação das eleições para a Assembleia em 1º de outubro, a guerra de panfletos tornou-se violenta, com os inimigos de Franklin tentando impedir sua reeleição. Uma obra anônima, intitulada “O que é bom para um é bom também para todos”, reunia todas as alegações possíveis contra Franklin — em especial, que William era filho bastardo de uma “rapariga de cozinha” chamada Barbara. O panfleto ainda reproduzia, e enfeitava um pouco, vários trechos antigermânicos que Franklin havia escrito. E o acusava, falsamente, mas com veemência, de comprar títulos honoríficos, querer o cargo de governador real para si e roubar seus experimentos de eletricidade de outros cientistas.

Outro panfleto o retratava como um devasso excitável:

Franklin, embora na idade de tatear,
Nada precisa pra ficar excitado,
Pois está sempre disposto a se entregar,
Se por braços mais jovens for convidado. **12

As campanhas eleitorais modernas são muitas vezes criticadas por serem negativas, e a imprensa de hoje é acusada de ser difamatória. Mas o mais brutal dos anúncios agressivos modernos empalidece em comparação com a enxurrada de panfletos da eleição para a Assembleia de 1764. A Pensilvânia sobreviveu a eles, assim como Franklin, e a democracia americana aprendeu que poderia prosperar em um ambiente de expressão livre, irrestrita e até mesmo destemperada. Como a eleição de 1764 mostrou, a democracia americana estava construída sobre um alicerce de liberdade de expressão desenfreada. Nos séculos decorridos desde então, as nações que prosperaram foram aquelas que, tais como os Estados Unidos, se sentem mais à vontade com a cacofonia e a desordem ocasional oriundas dos discursos robustos.

O dia de eleição foi tão selvagem quanto os panfletos. Multidões de eleitores entupiram os degraus da Câmara durante todo o dia 1º de outubro, e as filas permaneceram longas muito tempo depois da meia-noite. Os partidários de Franklin conseguiram forçar as urnas a ficarem abertas até o amanhecer

enquanto acordavam quem pudessem encontrar que ainda não havia votado. Foi um erro tático. O partido dos proprietários mandou trabalhadores até Germantown para arrebanhar ainda mais adeptos. Franklin terminou em 130 lugar entre os catorze candidatos que disputavam os oito assentos na Filadélfia.

Sua facção, no entanto, manteve o controle da Assembleia, a qual prontamente votou pela apresentação aos ministros britânicos da petição contra os proprietários. E, como um prêmio de consolação que talvez fosse melhor do que uma vitória, aprovou por dezenove votos a onze a designação de Franklin para levar a petição à Inglaterra.

Isso provocou uma nova onda de panfletos. Dickinson declarou que Franklin seria ineficaz porque era odiado pelos Penn, desdenhado pelos ministros do rei e “extremamente desagradável para um número muito grande de habitantes sérios e respeitáveis” da Pensilvânia. O presidente do Tribunal Allen rotulou-o de “o nome mais impopular e odioso da província [...] delirante de ódio, decepção e maldade”. Mas agora que retornaria para a Inglaterra, o temperamento equilibrado de Franklin começava a voltar. “Devo agora despedir-me (talvez uma última despedida) da terra que amo”, escreveu ele em resposta. “Desejo todo tipo de prosperidade aos meus amigos, e perdoo meus inimigos.”¹³

Mais uma vez, sua esposa recusou-se a acompanhá-lo à Inglaterra. Tampouco permitiu que ele levasse sua filha. Então, por que ele estava tão disposto a partir de novo? Em parte, porque sentia saudades de Londres, em parte porque se sentia deprimido e confinado na Filadélfia.

Havia também uma razão mais elevada. Franklin vinha desenvolvendo a visão de um futuro americano que ia além de arrancar a Pensilvânia dos proprietários. Ela envolvia maior união entre as colônias, dentro das linhas propostas por seu Plano de Albany, e uma relação mais igualitária entre as colônias e a pátria-mãe, como parte de um Império Britânico maior. Isso poderia incluir, sugeria ele, a representação no Parlamento. Respondendo a relatos de que a Grã-Bretanha poderia propor impostos sobre as colônias, ele escreveu a Richard Jackson, o outro agente da Pensilvânia que havia permanecido em Londres, sugerindo uma resposta: “Se vocês optarem por nos tributarem, deem-nos membros em sua legislatura, e sejamos um único povo”.

Em novembro de 1764, enquanto preparava sua partida para a Inglaterra, Franklin escreveu uma carta para sua filha. O texto continha exortações paternais para ser “obediente e terna com sua boa mãe” e conselhos típicos de Franklin, como “adquirir aqueles conhecimentos úteis de aritmética e contabilidade”. Mas continha igualmente uma nota mais séria: “Eu tenho muitos inimigos. Suas menores indiscrições serão ampliadas para crimes, a fim de me ferir e afligir de modo mais sensível. Portanto, é mais necessário ainda que você seja extremamente prudente em todo o seu comportamento, para que nenhuma vantagem seja dada à maldade deles”.

Ele também tinha muitos adeptos. Mais de trezentos o saudaram quando saiu da Filadélfia para pegar o navio. Dispararam-se canhões na despedida e cantou-se uma música ao som de “Deus salve o rei”, com um novo final: “Franklin, em ti nos fixamos/ Deus salve a todos nós”. Ele disse a alguns amigos que esperava ficar longe por apenas alguns meses, a outros disse que talvez nunca mais voltasse. Não está claro em qual das previsões acreditava, se é que acreditava em uma delas, mas o tempo mostraria que nem uma nem outra estavam corretas.¹⁴

* O trocadilho é com a palavra *hidebound*, que significa “constrangido pela tradição, retrógrado”. (N. T.)

** No original: “Franklin, though plagued with fumbling age,/ Needs nothing to excite him,/ But is too ready to engage,/ When younger arms invite him”. (N. T.)

10. Agente provocador
Londres, 1765-70

UMA FAMÍLIA EXTENSA

A sra. Stevenson estava fora quando Franklin chegou, sem aviso prévio, a sua antiga casa na Craven Street, e sua criada não sabia onde encontrá-la. “Então, sentei-me e esperei seu retorno”, Franklin contou em carta para a filha dela, Polly. “Ela ficou muito surpresa ao encontrar-me na sala de estar.” Surpresa, talvez, mas preparada. Os aposentos dele tinham ficado vagos, pois seus amigos ingleses e a família substituta não tinham dúvidas de que ele voltaria.¹

Seria apenas uma visita curta, foi o que Franklin levou sua esposa verdadeira, e talvez até ele mesmo, a acreditar. Queria voltar para casa até o final do verão, escreveu para Deborah logo após sua chegada. “Alguns meses, espero, terminarão meus assuntos aqui conforme meu desejo, e me levarão para a aposentadoria e o repouso com minha pequena família.” Ela ouvira isso muitas vezes antes. Na verdade, ele jamais a veria de novo. Apesar dos apelos e da saúde em declínio de Deborah, ele continuaria sua missão cada vez mais inútil por mais de dez anos, até a véspera da Revolução.

Essa missão envolvia complexos atos de equilíbrio que testariam todas as artimanhas de Franklin. Por um lado, ele ainda era um monarquista fiel que

queria permanecer na graça dos ministros do rei, a fim de arrancar a Pensilvânia dos odiados Penn. Tinha também motivos pessoais: proteger seu cargo de agente postal, talvez conseguir um cargo ainda mais alto, e perseguir seu sonho de uma concessão de terras. Por outro lado, depois que ficou claro que o governo britânico nutria pouca simpatia pelos direitos coloniais, ele teria de lutar para restabelecer sua reputação de patriota americano.²

Enquanto isso, Franklin teve o prazer de voltar à vida que adorava em Londres. Sir John Pringle, um médico famoso, tornou-se seu melhor amigo. Eles jogavam xadrez, faziam a ronda em seus clubes habituais e, em breve, adquiriram o hábito de fazer viagens de verão juntos. James Boswell, o grande biógrafo de Samuel Johnson, era outro conhecido. Depois de aparecer em um de seus jogos de xadrez, Boswell anotou em seu diário que Pringle tinha “modos peculiarmente azedos”, mas que Franklin estava, como sempre, “todo jovialidade e jocosidade”. Franklin e a sra. Stevenson retomaram seu relacionamento de conveniência doméstica, e Polly, ainda morando com uma tia no interior, continuava a ser objeto de afeto paterno e flerte intelectual de Franklin.

Ele tomou Polly como primeira potencial convertida a um novo alfabeto fonético que havia inventado, numa busca quixotesca de simplificar a ortografia inglesa. É fácil ver por que o alfabeto não pegou. “Kansider chis alfabet, and giv mi instances af syts Inlis uyrds and saunds az iu mee hink kannat perfekly i bi eksprest by i it”, dizia uma de suas frases mais compreensíveis. Depois de uma longa resposta que é quase impossível de traduzir, em que ela diz sem entusiasmo que o alfabeto “my it bi uv syrvis”, ela recaí no inglês normal para concluir: “Com facilidade e com sinceridade, posso no velho modo subscrever-me [...]”.

É um indicador da ligação intelectual entre eles que Polly tenha concordado entrar nessa fantasia linguística de modo tão fiel. A reforma fonética de Franklin mostrava pouco de sua consideração habitual pela utilidade e levava sua paixão pela melhoria social a extremos radicais. Ela exigia a invenção de seis letras novas para as quais não havia fontes de impressão e abandonava seis outras letras que Franklin considerava supérfluas. Respondendo às muitas objeções de Polly, insistia em que a dificuldade em aprender as novas grafias seria superada pela lógica existente por trás delas e descartava a preocupação de que as palavras seriam divorciadas de suas raízes etimológicas e, assim, perderiam seu poder. Mas Franklin logo desistiu da empreitada. Anos mais tarde, mostrou seu projeto para Noah Webster. O famoso lexicógrafo incluiu as cartas de Franklin a Polly em seu livro de 1789 *Dissertações sobre a lingua inglesa* (que dedicou a Franklin) e chamou o projeto de “profundamente interessante”, porém acrescentou: “Se ele será derrotado por insolência e preconceito, cabe aos meus compatriotas determinar”.³

Franklin tirou seu neto Temple, o filho ilegítimo de seu filho ilegítimo, do anonimato e o levou para sua estranha órbita doméstica na Craven Street. A

relação era esquisita, até mesmo para os padrões da família de Franklin. O menino, que tinha quatro anos quando Franklin restabeleceu contato, fora cuidado por uma série de mulheres que enviavam faturas detalhadas de seus gastos (cortes de cabelo, vacinação, roupas) para a sra. Stevenson, que então pedia o reembolso a William, que estava em Nova Jersey. Em todas as suas cartas para Deborah dessa época, cheias de detalhes sobre vários amigos e conhecidos, Franklin nunca mencionou Temple. Mas, quando o menino fez nove anos, William perguntou, de forma bastante covarde, se seu filho poderia ser levado para morar com ele na América. “Ele poderia, então, tomar o seu nome próprio e ser apresentado como o filho de um parente pobre do qual eu fui padrinho e que pretendia criar como meu.”

Em vez disso, e renunciando uma batalha posterior pela fidelidade do menino, Franklin o abrigou sob sua asa. Na Craven Street, ele era conhecido simplesmente como “William Temple”, e Franklin o matriculou em uma escola dirigida pelo cunhado de William Strahan, um educador excêntrico que compartilhava a paixão de Franklin pela reforma ortográfica. Embora Temple tenha se tornado parte da família Stevenson estendida, eles fingiam (pelo menos publicamente) não saber de sua proveniência exata.

(Ainda em 1774, em carta que descrevia um casamento em que o menino era encarregado de levar os convidados aos seus lugares na igreja, Polly se refere a ele como “sr. Temple, um jovem cavalheiro que está na escola aqui e está sob os cuidados do dr. Franklin”. Foi somente mais tarde, depois que Franklin e seu neto voltaram para a América e Temple assumiu seu sobrenome verdadeiro, que Polly confessou suspeitar o tempo todo que havia alguma relação. “Regozijo-me de saber que ele acrescentou Franklin [ao seu nome], ao qual eu sempre soube que tinha algum direito.”)⁴

A LEI DO SELO DE 1765

Na Filadélfia, Franklin ainda era visto como um “tribuno do povo” e um defensor de seus direitos. Em março de 1765, quando finalmente se noticiou que havia chegado em segurança a Londres, os sinos tocaram “quase toda a noite”, seus partidários “andavam de um lado para outro como loucos”, e copiosas quantidades de “libações” foram feitas à sua saúde. Mas a alegria deles seria passageira. Franklin estava prestes a se envolver em uma controvérsia sobre a famigerada Lei do Selo, que exigiria um selo fiscal em todos os jornais, livros, almanaques, documentos legais e baralhos de cartas.⁵

Era a primeira vez que o Parlamento propunha um grande imposto interno às colônias. Franklin acreditava que o Parlamento tinha o direito de impor tributos

externos, tais como impostos e tarifas de importação e exportação, para regular o comércio. No entanto, achava imprudente, talvez até inconstitucional, que o Parlamento arrecadasse um imposto interno das pessoas que não tinham representação naquela assembleia. Apesar disso, não lutou contra a proposta da Lei do Selo com muito vigor e tentou fazer o papel de conciliador.

Ele e um pequeno grupo de agentes coloniais se reuniram em fevereiro de 1765 com o primeiro-ministro George Grenville, que explicou que o alto custo das guerras indígenas tornava necessário algum imposto sobre as colônias. Qual era a melhor maneira de aplicá-lo? Franklin argumentou que deveria ser feito do “modo constitucional habitual”, o que significava um pedido do rei aos diferentes legisladores coloniais, os únicos que tinham o poder de tributar os próprios habitantes. Grenville perguntou a Franklin e a seus colegas agentes se seriam capazes de se comprometer que as colônias concordariam com a quantia adequada e com a maneira como seria repartida entre elas. Franklin e os outros admitiram que não era possível assumir nenhum compromisso firme.

Alguns dias depois, Franklin apresentou uma alternativa. Ela derivava de seu antigo desejo, tanto de teórico econômico bastante sofisticado como de impressor, de ter mais papel-moeda em circulação na América. Ele propôs que o Parlamento autorizasse novas notas de crédito que seriam emitidas para tomadores a 6% de juros. As notas de papel serviriam como dinheiro legal e circulariam como moeda, aumentando desse modo o suprimento de dinheiro na América, e a Grã-Bretanha recolheria os juros, em vez de arrecadar impostos diretos internos. “Isso funcionará como um imposto geral sobre as colônias, mas não um imposto desagradável”, disse Franklin. “Os ricos, que lidam com a maior parte do dinheiro, pagarão, na realidade, a maior parte do imposto.” Nas palavras de Franklin, Grenville estava “obcecado por seu projeto de selos” e descartou a ideia. Isso pode ter sido uma sorte para Franklin, pois mais tarde ele soube que até seus amigos na Filadélfia não gostaram da ideia de crédito de papel.⁶

Em março, quando a Lei do Selo foi aprovada, Franklin cometeu o erro de tomar uma atitude pragmática. Ele recomendou que seu bom amigo John Hughes fosse nomeado coletor oficial na Pensilvânia. “Sua incumbência de executá-la pode torná-lo impopular por um tempo, mas seu agir com firmeza e firmeza e com todas as circunstâncias em seu poder de favorecer o povo irá gradualmente reconciliá-lo”, argumentou erroneamente em carta a Hughes. “Nesse meio-tempo, uma lealdade firme à Coroa e a adesão fiel ao governo desta nação serão sempre o caminho mais sensato para você e eu tomarmos, independentemente da loucura da população.” Em seu desejo de permanecer em termos decentes com os ministros reais, Franklin subestimou demais a loucura da população na América.

Thomas Penn, por outro lado, soube jogar habilmente com a situação. Ele

se recusou a apresentar seu candidato a coletor de selos, dizendo que, se fizesse isso, “o povo poderia supor que estamos consentindo com a imposição dessa carga em cima dele”. John Dickinson, o jovem adversário de Franklin e líder do partido dos proprietários na Assembleia, elaborou uma declaração de queixas contra a Lei do Selo, que foi retumbantemente aprovada.⁷

Foi um dos piores erros de julgamento político de Franklin. O ódio que sentia pelos Penn cegou-o para o fato de que a maioria de seus conterrâneos da Pensilvânia odiava mais os tributos impostos por Londres. “Tomei todas as medidas ao meu alcance para impedir a aprovação da Lei do Selo”, ele alegou de maneira não convincente ao seu amigo da Filadélfia Charles Thomson, “mas a maré estava muito forte contra nós.” Defendia então uma posição pragmática: “Poderíamos muito bem ter impedido o pôr do sol. Isso não conseguimos fazer. Mas, já que ele baixou, meu amigo, e pode demorar muito para subir novamente, vamos fazer a melhor noite que pudermos. Ainda podemos acender velas”.

A carta, que se tornou pública, foi um desastre de relações públicas para Franklin. Thomson respondeu que os filadelfianos, em vez de estarem dispostos a acender velas, estavam prontos para iniciar “as obras das trevas”. Em setembro, ficou claro que isso poderia incluir a violência da multidão. “Uma espécie de frenesi ou loucura tomou conta das pessoas de todas as categorias, de tal modo que imagino que algumas vidas serão perdidas antes que este incêndio seja apagado”, escreveu o assustado Hughes ao homem que o indicara para aquilo que viria a ser um emprego nada invejável.⁸

David Hall, sócio de Franklin na gráfica, enviou advertência semelhante: “O espírito do povo é violentamente contra todos os que eles acham que têm a menor relação com a Lei do Selo”. Filadelfianos irados “assimilaram a noção de que você participou da elaboração dela, o que lhe granjeou muitos inimigos”. Hughes acrescentava que temia pela segurança de Franklin se ele voltasse. Um desenho impresso na Filadélfia mostrava o diabo sussurrando ao ouvido de Franklin: “Tu deves ser o agente, Ben, para todos os meus domínios”.⁹

O frenesi culminou numa noite do final de setembro de 1765, quando uma turba se reuniu em um café da Filadélfia. Seus líderes acusavam Franklin de defender a Lei do Selo e decidiram destruir sua nova casa, assim como a de Hughes e a de outros apoiadores de Franklin. “Se eu viver até amanhã de manhã, far-lhe-ei um novo relato”, Hughes escreveu em um bilhete que enviou depois a Franklin.

Por segurança, Deborah despachou sua filha para Nova Jersey. Mas, arraigada ao lar, ela se recusou a fugir. Seu primo Josiah Davenport chegou com mais de vinte amigos para ajudar a defendê-la. O relato que ela fez daquela noite em uma carta ao marido, embora angustiante, é também uma prova de sua força:

Perto da noite, eu disse que ele [o primo Davenport] deveria buscar uma ou duas armas, pois não tínhamos nenhuma. Mandeí pedir que meu irmão viesse e trouxesse sua arma. Também transformamos um quarto em paiol. Mandeí fazer algum tipo de defesa no andar de cima que eu pudesse dirigir. Quando me aconselharam a me retirar, eu disse que tinha muita certeza de que você não havia feito nada de mau a ninguém, nem eu havia ofendido quem quer que fosse. Tampouco eu seria constrangida por qualquer pessoa. Nem me agitaria.

A casa de Franklin e sua esposa foram salvas quando um grupo de adeptos, apelidados de White Oak Boys [Moços do Carvalho Branco], reuniu uma força para enfrentar a turba. Eles declararam que, se a casa de Franklin fosse destruída, o mesmo aconteceria com a casa de todos os envolvidos. Por fim, a turba se dispersou. “Eu reverencio muito o espírito e a coragem que você demonstrou”, escreveu Franklin para Deborah depois de saber de sua provação. “Merece uma boa casa a mulher que está determinada a defendê-la.”¹⁰

A crise da Lei do Selo provocou uma transformação radical nos assuntos americanos. Um novo grupo de líderes coloniais, que se irritava com a subserviência à Inglaterra, ocupava o primeiro plano, especialmente na Virgínia e em Massachusetts. Embora a maioria dos americanos tivesse poucos sentimentos separatistas ou nacionalistas até 1775, o choque entre o controle imperial e os direitos coloniais emergia em várias frentes. O jovem Patrick Henry, de 29 anos, levantou-se na Câmara dos Deputados da Virgínia para condenar a tributação sem representação. “César teve seu Brutus, Carlos I seu Cromwell, e George III...” Ele foi interrompido por gritos de “Traição!” antes que pudesse terminar, mas era óbvio que alguns colonos estavam se tornando mortalmente sérios. Logo ele encontraria um aliado em Thomas Jefferson. Em Boston, um grupo que assumiria o nome de Filhos da Liberdade encontrou-se em uma destilaria e atacou a casa do comissário de impostos de Massachusetts e a do governador Thomas Hutchinson. Entre os patriotas que lá surgiam e que acabariam por se tornar rebeldes estava um jovem comerciante chamado John Hancock, um agitador feroz chamado Samuel Adams e seu primo advogado John Adams.

Pela primeira vez desde a Conferência de Albany de 1754, líderes de diferentes partes das colônias americanas foram estimulados a pensar como uma unidade coletiva. Em outubro, realizou-se em Nova York um congresso de nove colônias, entre elas a Pensilvânia, em que foi pedida a revogação da Lei do Selo e negado o direito do Parlamento de impor impostos internos às colônias. O lema adotado foi aquele escrito por Franklin como legenda de um cartoon mais de uma

década antes, quando quis promover a unidade em Albany: “Unir-se, ou morrer”.

De sua distância em Londres, Franklin demorou a entrar na agitação. “A precipitação da Assembleia na Virgínia é espantosa”, escreveu para Hughes. “Espero, no entanto, que a nossa se mantenha dentro dos limites da prudência e moderação.” Por enquanto, ele ainda via com mais simpatia o governador Hutchinson de Massachusetts, que mais tarde seria um grande inimigo. Ambos eram homens razoáveis chocados com o domínio da turba e, nesse caso, ameaçados por ela. “Quando você e eu estávamos em Albany, há dez anos, não propusemos uma união com propósitos como esses”, Hutchinson lhe escreveu.¹¹

A moderação de Franklin se devia, em parte, ao seu temperamento, ao seu amor pela Grã-Bretanha e a seus sonhos de um império harmonioso. Era de sua natureza ser um manipulador suave, e não um revolucionário. Ele gostava de discussões inteligentes regadas a vinho da Madeira e odiava a desordem e o comportamento turbulento. Os bons vinhos e refeições contribuíam não apenas para a sua gota, como também para sua visão embaçada sobre a animosidade crescente na América. E, o que era talvez mais importante, ele estava fazendo uma última tentativa de transformar a Pensilvânia em colônia real, em vez de capitania de proprietário.

Era sempre uma busca improvável, agora ainda mais, devido à turbulência relativa à Lei do Selo, que tornou o governo britânico menos popular na Pensilvânia e os pleitos coloniais menos populares em Londres. Em novembro de 1765, um ano depois da chegada de Franklin e justamente quando ele estava absorvendo os danos causados a sua reputação pelas evasivas a respeito da Lei do Selo, o Conselho Privado suspendeu oficialmente a ação legal relativa à petição anti-Penn que ele havia apresentado. De início Franklin acreditou (ou, pelo menos, professou publicamente) tratar-se apenas de um revés temporário. Mas logo se deu conta de que Thomas Penn estava certo quando escreveu a seu sobrinho, o governador John Penn, que a decisão significava que o assunto estava morto “para sempre”.¹²

RECICLAGEM

No final de 1765, com sua reputação de defensor dos direitos coloniais em frangalhos em virtude de seu equívoco em relação à Lei do Selo, Franklin encarou um dos grandes desafios nos anais do controle de danos políticos. Ele começou com uma campanha de cartas. Ao seu sócio David Hall e outros, negou veementemente que tivesse alguma vez apoiado a lei. Fez também com que proeminentes quacres de Londres escrevessem em seu nome. “Posso asseverar

com certeza que Benjamin Franklin fez tudo o que estava ao seu alcance para evitar que a Lei do Selo fosse aprovada”, John Fothergill escreveu a um amigo da Filadélfia. “Ele afirmou os direitos e privilégios da América com a máxima firmeza.” Hall reproduziu a carta no *Pennsylvania Gazette*.

Franklin achava que a melhor maneira de forçar a revogação, aquela que satisfaria sua propensão para a frugalidade e a autossuficiência, era que os americanos boicotassem as importações britânicas e se abstivessem de transações que exigissem o uso de selos. Essa postura atrairia também para a causa comerciantes e fabricantes britânicos prejudicados pela perda de exportações. Escrevendo anonimamente com o pseudônimo de “Homespun” [Despretensioso] em um jornal britânico, ele ridicularizou a noção de que os americanos não poderiam passar sem importações britânicas como o chá. Se necessário, eles fariam chá de milho. “Suas espigas verdes assadas são uma iguaria indescritível.”¹³

Dois ensaios sardônicos de Franklin assinados por Homespun estavam entre os treze ataques à Lei do Selo que ele publicou em um período de três meses. Em uma brincadeira, assinada por “Um Viajante”, afirmava que a América não tinha necessidade da lã britânica porque “as caudas das ovelhas americanas são tão carregadas de lã que cada uma tem um carro ou carroça sobre quatro rodinhas de apoio para sustentá-la e impedir que se arraste no chão”. Escrevendo com o pseudônimo de “Pacificus Secundus”, recorreu à sua velha tática da sátira mordaz, fingindo apoiar a ideia de que se deveria impor o regime militar às colônias. Seriam necessários somente 50 mil soldados britânicos a um custo de apenas 12 milhões de libras esterlinas por ano.

Pode-se objetar que, ao arruinar nossas colônias, matar metade do povo e impelir o resto para as montanhas, talvez nos privemos de fregueses para nossos fabricantes, mas uma consideração rápida mostrará que, uma vez que perdemos muito do nosso comércio europeu, só pode ser a demanda da América que nos mantém e ultimamente aumentou significativamente o preço desses fabricantes e, portanto, o fim dessa demanda será uma vantagem para todos nós, pois poderemos a partir de então comprar os nossos próprios produtos a um preço mais baixo.

A única desvantagem para a Inglaterra, observava ele, era que “multidões de nossos pobres talvez morram de fome por falta de emprego”.¹⁴

(Como observamos com frequência, Franklin escrevia muitas vezes anonimamente ou usando pseudônimo, desde quando era jovem adolescente e se

assinou Silence Dogood e, depois, Busy-Body, Alice Addertongue, Poor Richard, Homespun e outros. Às vezes, estava tentando ser verdadeiramente anônimo; em outros momentos, usava apenas uma máscara fina. Essa prática, longe de ser rara, era muito comum entre os escritores do século XVIII, entre eles, a de heróis de Franklin como Addison, Steele e Defoe. “Apenas um décimo dos livros valiosos que são publicados o é com o nome do autor”, Addison declarou certa vez, com um pouco de exagero. Na época, escrever anonimamente era considerado mais inteligente, menos vulgar e menos propenso a levar a acusações de difamação ou sedição. Com frequência os cavalheiros julgavam que estava abaixo de seu status ter seus nomes em panfletos e artigos na imprensa. A prática também garantia que escritos políticos e religiosos dissidentes fossem refutados com base em seus méritos, e não em ataques pessoais.)¹⁵

Franklin também produziu uma charge política, uma contrapartida de seu “Unir-se, ou morrer”, que mostrava um Império Britânico sangrando e desmembrado, com os membros rotulados com os nomes de colônias. O lema abaixo, “Dê um centavo para Belisário”, fazia referência ao general romano que oprimia suas províncias e morreu na pobreza. Ele mandou imprimir o desenho em cartões, contratou um homem para entregá-los diante do Parlamento e enviou um para sua irmã Jane Mecom, com uma explicação: “A moral é que as colônias podem ser arruinadas, mas a Grã-Bretanha ficará assim mutilada”. A imposição da Lei do Selo, alertou a um ministro britânico, acabaria por “criar uma aversão arraigada entre os dois países e estabelecer as bases de uma futura separação total”.¹⁶

Como ainda era um britânico leal, Franklin estava ansioso por evitar essa divisão. Sua solução preferida era a representação colonial no Parlamento. Em um conjunto de anotações que preparou para seus encontros com ministros, rabiscou o argumento: “Representação útil duas maneiras. Traz informações e conhecimento para o grande conselho. Ela transmite de volta para as partes remotas do império as razões de conduta pública. [...] Preservará para sempre a união, que de outra forma pode ser rompida de várias maneiras”.

Mas ele também advertia que o momento para aproveitar essa oportunidade estava passando. “O momento foi quando as colônias teriam considerado uma grande vantagem, bem como uma honra, a permissão para enviar membros ao Parlamento”, escreveu a um amigo em janeiro de 1766. “Chegou um momento em que elas são indiferentes a isso, e provavelmente não irão pedi-la, embora possam aceitar se lhes for oferecida; e virá o tempo em que certamente a recusarão.”

Sem representação no Parlamento, escreveu Franklin, “a próxima melhor coisa” seria o método tradicional de solicitar fundos para serem apropriados por cada uma das legislaturas coloniais. Nas notas que escreveu para sua conversa com os ministros, ele sugeria uma terceira alternativa que seria um passo em

direção à independência para as colônias: “Dar-lhes poder para enviar delegados de cada Assembleia a um conselho comum”. Em outras palavras, as colônias americanas formariam seu próprio Legislativo federal, e não mais estariam sujeitas às leis do Parlamento. A única coisa que uniria as duas partes do Império Britânico seria a lealdade ao rei. Isso derivava do plano que ele havia proposto mais de uma década antes; ao lado dessa ideia em suas anotações, ele escreveu as palavras “Plano de Albany”.¹⁷

Em 13 de fevereiro de 1766, Franklin teve a oportunidade de apresentar seus argumentos diretamente ao Parlamento. Sua aparição teatral foi uma obra-prima tanto de lobby como de arte dramática, coreografada com a ajuda prestativa de seus defensores naquele organismo. Em uma tarde de testemunho altamente carregado, ele se transformaria no principal porta-voz da causa americana e restauraria com brilhantismo sua reputação na Pensilvânia.

Muitas das 174 perguntas dirigidas a ele foram preparadas com antecedência pelos líderes do novo ministério whig de lorde Rockingham, que era simpático às colônias e estava à procura de uma saída para o desastre da Lei do Selo. Outras eram mais hostis. Durante toda a sessão, Franklin foi convincente e calmo. O interrogatório foi iniciado por um membro cujo negócio de manufatura fora atingido pela queda no comércio e que perguntou a Franklin se os americanos já pagavam impostos voluntariamente à Grã-Bretanha. “Certamente muitos impostos, e muito pesados”, respondeu ele, e passou a narrar a história de cada um em detalhes (embora deixando de fora algumas disputas sobre a tributação de terras do proprietário).

Um adversário interrompeu e perguntou: “As colônias não estão em condições de pagar o imposto do selo?”. Franklin respondeu: “Não há ouro e prata suficientes nas colônias para pagar o imposto de selo por um ano”.

Grenville, que havia proposto a lei, defendeu-a perguntando se Franklin não concordava que as colônias deveriam pagar pela defesa fornecida pelas forças reais. Franklin respondeu que os americanos se defendiam e, ao fazê-lo, defendiam também os interesses britânicos. “As colônias reuniram, vestiram e pagaram, durante a última guerra, perto de 25 mil homens e gastaram muitos milhões”, explicou ele, acrescentando que apenas uma pequena parte havia sido reembolsada.

O maior problema, Franklin destacou, era como promover a harmonia dentro do Império Britânico. Antes da imposição da Lei do Selo, perguntou um aliado chamado Grey Cooper, “qual era a disposição da América em relação à Grã-Bretanha?”.

Franklin: A melhor do mundo. Eles se submetiam voluntariamente ao governo da Coroa e manifestavam, em todos os seus tribunais, obediência às leis do Parlamento [...] Eles não custavam nada em fortalezas,

cidadelas, guarnições ou exércitos para mantê-los em sujeição. Eram governados por este país à custa de apenas um pouco de tinta, caneta e papel. Eram conduzidos por um fio. Tinham não somente respeito, como também afeição pela Grã-Bretanha, por suas leis, seus costumes e modos, e até carinho por suas modas, o que aumentava consideravelmente o comércio.

Cooper: E qual é a disposição deles agora?

Franklin: Oh, muito alterada.

Cooper: Sob que luz o povo da América costumava considerar o Parlamento?

Franklin: Eles consideravam o Parlamento o grande baluarte e garantia de suas liberdades.

Cooper: E eles não têm mais o mesmo respeito?

Franklin: Não, é muito menor.

Mais uma vez, Franklin enfatizou a distinção entre impostos internos e externos. “Nunca ouvi nenhuma objeção ao direito de impor taxas para regular o comércio. Mas o Parlamento jamais deveria ter o direito de criar impostos internos, uma vez que não estamos representados nele.”

A América se submeteria a uma solução conciliatória? Não, disse Franklin, tratava-se de uma questão de princípio. Então, só a força militar poderia obrigá-los a pagar o Imposto do Selo?

“Não vejo como uma força militar poderia ser aplicada com esse propósito”, Franklin respondeu.

Pergunta: Por que não?

Franklin: Suponha que uma força militar seja enviada para a América. Ela não vai encontrar ninguém em armas. O que deverá fazer, então? Não podem forçar a ter selos um homem que escolhe viver sem eles. Não vão encontrar uma rebelião; na verdade, podem fazer uma.

O desfecho aconteceu quando defensores da Lei do Selo tentaram desfazer a distinção entre impostos internos e externos. Se as colônias obtivessem êxito contra um imposto interno, elas não poderiam se opor mais tarde a tarifas e outras taxas externas?

“Até agora não fizeram isso”, respondeu Franklin. “Muitos argumentos foram usados aqui para mostrar-lhes que não há diferença [...]. No momento,

elas não pensam assim. Mas com o tempo talvez sejam convencidas por esses argumentos.”

Foi um final dramático e premonitório. Ao fazer distinção entre os impostos internos e as tarifas externas, Franklin novamente assumiu uma postura mais moderada e pragmática do que alguns líderes americanos emergentes, entre eles a maioria dos membros da Assembleia de Massachusetts, que se exasperavam com a perspectiva da cobrança de impostos de importação pesados por parte de Londres. Mas ainda faltavam oito anos para a criação do *Tea Party* de Boston. Em ambos os lados do Atlântico, houve grande regozijo quando o Parlamento revogou a Lei do Selo, ainda que tenha preparado o terreno para futuros conflitos com o acréscimo de uma Lei Declaratória segundo a qual o Parlamento tinha o direito “em absolutamente todos os casos” de promulgar leis para a colônias.¹⁸

Franklin havia mostrado razão e determinação, com palavras duras envoltas em veludo. Para um orador público geralmente relutante, foi o mais longo desempenho de oratória de sua vida. Ele defendeu sua posição menos através da eloquência do que mediante uma persistência persuasiva em focalizar o debate nas realidades concretas que existiam na América. Até mesmo um dos seus adversários ferrenhos lhe disse depois, conforme Franklin registrou, “que gostou de mim desde aquele dia graças ao espírito que mostrei em defesa de meu país”. Famoso na Grã-Bretanha como escritor e cientista, ele passou a ser amplamente reconhecido como o porta-voz mais eficaz da América. De fato, tornou-se também o embaixador das colônias americanas em geral; além de representar a Pensilvânia, logo foi nomeado agente para a Geórgia e, depois, para Nova Jersey e Massachusetts.

Na Filadélfia, sua reputação foi totalmente restaurada. Seu amigo William Strahan ajudou nisso ao enviar uma transcrição do testemunho a David Hall para publicação lá. “A esse interrogatório”, escreveu Strahan, “mais do que a qualquer outra coisa, você deve a revogação rápida e total dessa lei odiosa.” Salvas foram disparadas de uma barcaça batizada de *The Franklin*, e nas tabernas havia bebidas e presentes gratuitos para todos aqueles que chegavam da Inglaterra com a notícia da vitória. “Seus inimigos finalmente começaram a se envergonhar de suas vis insinuações e a reconhecer que as colônias deviam obrigações a você”, escreveu Charles Thomson.¹⁹

SALLY E RICHARD BACHE

A batalha serviu para lembrar a Franklin as virtudes da mulher que havia

deixado em casa, ou pelo menos o fez se sentir mais culpado de sua negligência em relação a ela. A frugalidade e a autossuficiência de Deborah eram símbolos da capacidade americana de se sacrificar, em vez de se submeter a um imposto injusto. Com o imposto revogado, Franklin a recompensou com um pacote de presentes: catorze jardas de cetim Pompadour (com a observação de que “custa onze xelins a jarda”), duas dúzias de luvas, uma lingerie e saia de seda para Sally, um tapete turco, queijos, um saca-rolhas e algumas toalhas de mesa e cortinas, que ele educadamente informava que haviam sido selecionadas pela sra. Stevenson. Na carta que acompanhava os presentes, ele dizia:

Minha querida menina,
como a Lei do Selo foi totalmente revogada, quero que tenhas um vestido novo; podes supor que não mandei mais cedo porque sabia que não gostarias de ser mais fina do que tuas vizinhas, a não ser em um vestido feito por ti mesma. Se o comércio entre os dois países tivesse cessado totalmente, seria um conforto para mim lembrar que fui outrora vestido dos pés à cabeça em lã e linho de manufatura de minha esposa, que nunca tive mais orgulho de outra roupa em minha vida, e que ela e sua filha poderiam fazê-lo de novo, se necessário.

Ele observava jovialmente que talvez sobrasse um pouco do queijo para ele desfrutar quando chegasse em casa. Mas, apesar de ter completado sessenta anos durante a batalha da revogação e seu trabalho na Inglaterra parecesse ter acabado, Franklin não estava pronto para voltar. Ao contrário, fez planos para passar o verão de 1766 visitando a Alemanha com seu amigo, o médico Sir John Pringle.²⁰

As cartas de Deborah para seu marido, embora desajeitadas, transmitem tanto sua força como sua solidão: “Não participo de nenhuma das diversões. Fico em casa e me lisonjeia saber que o próximo pacote me trará uma carta tua”. Contava que lidava com a ausência dele e com as tensões políticas limpando a casa e se esforçava (talvez seguindo instruções dele) para não incomodá-lo com as preocupações acerca de assuntos políticos. “Já te escrevi várias cartas, uma quase todos os dias, mas então não pude deixar de dizer alguma coisa sobre os assuntos públicos, então eu as destruí e depois começava de novo e a queimava de novo, e assim por diante.” Descrevendo sua casa recém-concluída, ela informava que ainda não tinha pendurado as fotografias dele porque temia enfiar pregos na parede sem sua aprovação. “Há grande diferença entre um homem estar em casa e no exterior, pois todo mundo tem medo de que fará a coisa errada, então tudo é deixado por fazer.”

As cartas dele, por outro lado, eram geralmente metódicas, centradas sobretudo nos detalhes da casa: “Eu gostaria de estar presente no acabamento da cozinha. Acho que mal saberás como fazê-lo, os diversos dispositivos para tirar vapor, cheiro e fumaça não estando totalmente explicados para ti.” Ele mandava instruções detalhadas sobre como pintar cada quarto e, ocasionalmente, fazia referências torturantes ao seu eventual regresso para casa: “Se aquele ferro [fornalha] não estiver instalado, deixa-o de lado até o meu retorno, quando deverei levar um mais conveniente de cobre”.²¹

No final de 1766, sua sociedade com David Hall terminou depois de dezoito anos. O final foi um pouco amargo. Hall tornara-se menos ardente em relação ao uso das páginas do *Pennsylvania Gazette* para atacar os proprietários, e dois amigos de Franklin ajudaram a financiar uma nova impressora e papel para assumir a causa. Hall considerou isso uma violação do espírito de seu acordo de sociedade, ainda que tivesse expirado. “Embora você não esteja em absoluto proibido de se envolver com o negócio de impressão nesta cidade, muito está claramente implícito”, escreveu ele em tom de lamentação.

Franklin respondeu de Londres que a nova gráfica rival havia sido “montada sem meu conhecimento ou participação, e a primeira notícia que tive dela foi ao ler o anúncio em seu jornal”. Ele declarava seu profundo afeto por Hall e dizia que não tinha discordâncias com sua posição política ou políticas editoriais, mesmo que alguns de seus aliados políticos pensassem o contrário.

Nunca imaginei que você tivesse algum partido, pois nunca me culpou pelo lado que tomei em assuntos públicos, então nunca o censurei por não assumir o mesmo lado, pois creio que todo homem tem e deve desfrutar de uma perfeita liberdade de julgar por si mesmo em tais questões.

Ainda assim, ele se sentia obrigado a acrescentar que o acordo original, na verdade, não o impedia de competir, agora que havia expirado: “Eu não poderia prever com dezoito anos de antecedência que deveria, no final desse período, ser suficientemente rico para viver sem negócios”. Depois, acrescentava uma ameaça velada, envolta em uma promessa, dizendo que lhe haviam oferecido a chance de se tornar sócio no negócio rival, mas que se absteria de fazê-lo enquanto Hall lhe fornecesse um pouco mais do que Franklin achava que lhe era devido. “Espero não ter ocasião de fazer isso”, dizia sobre a possibilidade de se juntar ao rival de Hall. “Sei que deve haver uma quantia muito grande devida a mim por nossos clientes, e espero que disso venha a ser recuperado por você muito mais do que você suspeita.” Se assim fosse, Franklin assegurava que esse dinheiro, junto com seus outros rendimentos, lhe permitiria permanecer

aposentado. “Minha situação será suficientemente afluyente, em especial porque não sou inclinado a muita despesa. Neste caso, não tenho o propósito de me envolver de novo com impressão”.²²

O término da sociedade significava que Franklin perderia cerca de 650 libras esterlinas de renda por ano, o que atçou seu senso de economia. Sua vida em Londres era uma mistura de classe média de frugalidade e complacência. Embora não adotasse o grande estilo de vida que se poderia esperar de alguém de sua estatura, ele gostava de viajar, e suas contas mostram que encomendava cerveja de primeira qualidade para sua casa a trinta xelins o barril (um forte contraste com sua primeira estada em Londres, quando pregava as virtudes do pão e água em comparação com a cerveja). Seus esforços de economia eram direcionados principalmente para a esposa. Em junho de 1767, escreveu para ela:

Uma grande fonte de nossa renda foi cortada, e se eu perder os correios, o que... está longe de ser improvável, ficaremos reduzidos a nossos alugueis e juros de dinheiro para a subsistência, o que de forma alguma permitirá as despesas domésticas e entretenimentos com que estamos acostumados. De minha parte, vivo aqui o mais frugalmente possível sem ficar destituído dos confortos da vida, sem oferecer jantares para ninguém e contentando-me com um único prato quando janto em casa; contudo, é tamanha a carestia de viver aqui que minhas despesas me espantam. Vejo também pelos montantes que recebeste na minha ausência que as tuas são muito grandes, e estou muito consciente de que tua situação naturalmente te traz um grande número de visitantes, que ocasionam uma despesa não facilmente evitável... Mas, quando a renda das pessoas diminui, se elas não podem diminuir proporcionalmente as despesas, acabam chegando à pobreza.²³

O que torna essa carta particularmente fria é o fato de que foi escrita em resposta à notícia de que sua filha se apaixonara e esperava sua aprovação para se casar. Sally se tornara uma peça de destaque na sociedade da Filadélfia: participava de todos os bailes e até andava na carruagem do adversário de Franklin, o governador Penn. Mas ela se apaixonou por um homem que parecia ter um caráter e uma segurança financeira questionáveis.

Richard Bache, o pretendente em questão, emigrara da Inglaterra para trabalhar como importador e corretor de seguros marítimos com seu irmão, em

Nova York, e depois foi para a Filadélfia a fim de abrir um armazém de secos e molhados na Chestnut Street. Encantador para as mulheres, mas infeliz nos negócios, Bache fora noivo de Margaret Ross, a melhor amiga de Sally. Quando caiu fatalmente doente, Margaret pediu no leito de morte que Sally cuidasse de Bache para ela, e Sally estava bastante disposta a desempenhar essa tarefa.²⁴

Para Deborah, decidir o que fazer na ausência do marido era uma responsabilidade imensa. “Sou obrigada a ser pai e mãe”, escreveu a Franklin, com um toque de acusação. “Espero agir para tua satisfação, faço-o de acordo com o meu melhor julgamento.”

Isso deveria certamente precipitar o retorno de Franklin. Porém, ele permaneceu distante de sua família. A única vez que se apressara a voltar para casa na Filadélfia foi quando seu filho estava planejando se casar — em Londres. Ele escreveu para Deborah: “Como estou em dúvida se poderei retornar neste verão, não causaria um atraso na felicidade dela, se achar que o candidato é adequado”. Permitindo-se ser complacente de longe, mandou junto com a carta dois chapéus de verão para Sally.

Algumas semanas mais tarde, ele enviou seu longo sermão sobre economizar dinheiro. “Não faça uma festa de casamento cara”, escreveu para Deborah, “mas conduza tudo com frugalidade e economia que nossas circunstâncias realmente exigem agora.” E acrescentava que ela deveria deixar claro para Bache que eles dariam um bom dote, mas não excessivo:

Espero que as expectativas dele não sejam grandes de que nossa filha venha a ter alguma fortuna antes de nossa morte. Só posso dizer que, se ele se mostrar um bom marido para ela e um bom filho para mim, serei para ele um pai tão bom quanto posso ser. Mas no momento suponho que concordará comigo que não podemos fazer mais do que a aparelhar generosamente com roupas e móveis que não excedam no total o valor de quinhentas libras.²⁵

Então veio a notícia mais preocupante. A pedido de Franklin, William verificou a situação financeira de Bache e descobriu que estava um caos. Pior ainda, descobriu que o pai de Margaret Ross já havia feito a mesma descoberta e lhes negara permissão para casar. “O sr. Bache tentou muitas vezes enganá-lo [Ross] sobre sua situação”, informou William. “Em resumo, ele é um mero caçador de dotes que quer melhorar sua situação casando-se numa família que o sustente.” Ele terminava a carta com um pedido: “Queime isto”. Franklin não queimou.

Assim, o casamento foi posto em suspenso e Bache tentou explicar-se para

Franklin em uma carta. Era verdade, admitia, que sofrera um revés financeiro grave, mas alegava que não era culpa dele. Ficara injustamente com as faturas de um navio mercante que sofrera com o boicote da Lei do Selo.²⁶

“Eu amo minha filha, talvez tanto quanto um pai jamais amou uma criança”, Franklin respondeu, talvez com certo exagero.

Mas eu já lhe disse antes que meus bens são poucos, mal suficientes para o sustento meu e de minha esposa. [...] A menos que o senhor possa convencer os amigos dela da probabilidade de ser capaz de sustentá-la corretamente, espero que não persista em um procedimento que pode ter consequências desastrosas para os dois.

Franklin escreveu a Deborah no mesmo dia para dizer que supunha que Bache recuará. “É provável que a desgraça que aconteceu com seus negócios”, dizia Franklin, “o induzirá a se abster de entrar apressadamente” em um casamento. Ele sugeria que Sally poderia, em vez disso, querer visitar a Inglaterra, onde poderia conhecer outros homens, como o filho de William Strahan.²⁷

Embora os sentimentos de Franklin fossem claros, suas cartas não proibiam diretamente a filha de se casar. Talvez achasse que, uma vez que não estava disposto a voltar para casa a fim de tratar do assunto, ele não tinha o direito moral nem a capacidade prática de emitir nenhuma ordem. Separado da família pela distância, também permanecia desligado dela emocionalmente.

Para complicar ainda mais essa esquisita dinâmica familiar, a sra. Stevenson decidiu intrometer-se. Tendo vivido com Franklin, sentia-se a alma gêmea de Deborah e escreveu para compartilhar sua simpatia. Ela contou que Franklin estava irritadiço. Vítima do mau humor dele, ela consolou-se comprando um pouco de seda e fazendo uma saia para a filha dele, ainda que não a conhecesse. Com efeito, confidenciou, ela estava tão animada com o possível casamento que queria comprar ainda mais presentes, mas Franklin a proibira de fazê-lo. Ansiava pela oportunidade de sentar e conversar, disse a Deborah. “Eu realmente acho que suas expectativas de ver o sr. Franklin de tempos em tempos têm sido demais para uma mulher terna e carinhosa suportar.”²⁸

Ignorando o drama da família na Filadélfia, Franklin escapou em agosto de 1767 para um período de férias de verão na França. “Fiquei tempo demais em Londres neste verão, e sinto falta de minha viagem habitual para preservar minha saúde”, escreveu a Deborah. Seu humor estava tão azedo que, no caminho, “se envolveu em discussões perpétuas com os donos de estalagens”, contou a Polly. Ele e seu companheiro de viagem, John Pringle, ficaram contrariados porque a carruagem em que viajavam fora montada de uma

maneira que eles tinham pouca vista do campo. À explicação do cocheiro; Franklin resmungou, “fez-me, como em centenas de outras ocasiões, quase desejar que a humanidade nunca tivesse sido dotada de uma faculdade de raciocínio, uma vez que sabe tão pouco como o fazer uso dela”.

No entanto, quando chegaram a Paris, as coisas melhoraram. Ele ficou intrigado com a forma como as damas de lá aplicavam o ruge, tema que escolheu para compartilhar em grande detalhe em carta para Polly, e não com sua filha. “Corte um buraco de 7,62 centímetros de diâmetro num pedaço de papel, coloque-o no lado de sua face de tal maneira que a parte superior do buraco fique logo abaixo do olho; em seguida, com uma escova mergulhada na tinta pinte rosto e papel juntos; assim, quando o papel for retirado, ficará uma mancha vermelha redonda.”²⁹

Franklin foi festejado como uma celebridade na França, onde aqueles que faziam experiências com eletricidade eram conhecidos como *franklinistes*. Ele e Pringle foram convidados a Versalhes para participar de um grandioso *couvert* (jantar público) com o rei Luís XV e a rainha Maria. “Ele falou conosco de modo muito cortês e alegre”, relatou a Polly. Mas, apesar de suas agruras com os ministros da Inglaterra, ressaltou que ainda era leal “ao pensar que meu rei e minha rainha são os melhores e mais amáveis do mundo”.

Versalhes era magnífico, porém mantido com negligência, observou ele, “com suas meias paredes de tijolo gastas e janelas quebradas”. Paris, por outro lado, tinha algumas qualidades de limpeza que encantavam sua disposição para projetos de melhoria cívica. As ruas eram varridas diariamente para que ficassem “em condições de caminhar”, ao contrário das de Londres, e a água era “tão pura quanto a da melhor fonte graças à filtragem através de cisternas cheias de areia”. Enquanto sua filha se preparava para um casamento sem ele, Franklin comprava roupas novas sob medida e “uma pequena peruca masculina” que o fazia parecer “vinte anos mais jovem”, contou a Polly. A viagem tinha feito tanto para revigorar sua saúde, ele brincou, que “em certo momento estive muito perto de fazer amor com a mulher do meu amigo”.³⁰

Em seu retorno da França, Franklin logo escreveu cartas encantadoras para Polly e outros, mas apenas um pequeno bilhete para casa. Ele parecia zangado porque as cartas da Filadélfia traziam poucas notícias de sua filha, além da informação de que ela estava “desapontada” porque os planos de seu casamento haviam sido postos no limbo. Ele assegurava a Deborah que estava “extremamente forte e bem desde o meu retorno”, e então se dignava a perguntar sobre o bem-estar da filha.

Aquela altura, embora ele não soubesse, Sally e Richard já tinham ido em frente e se casado. Em outubro de 1767, conforme registrado no *Pennsylvania Chronicle* (o novo rival do velho *Gazette* de Franklin), “o sr. Richard Bache, desta cidade, comerciante, casou-se com a srta. Sally Franklin, filha única do célebre

dr. Franklin, uma jovem dama de distinto mérito. No dia seguinte, todos os navios no porto exibiram suas cores nessa feliz ocasião”.³¹

Não há sinal de que Franklin tenha alguma vez expressado arrependimento por ter perdido o casamento de sua única filha. Em dezembro, sua irmã Jane Mecom escreveu para dar-lhe parabéns pelo “casamento de sua amada filha com um cavalheiro digno a quem ela ama e é o único que pode fazê-la feliz”. Franklin respondeu em fevereiro do ano seguinte, com frieza: “Ela agradou a ela e a sua mãe, e espero que se dê bem; mas acho que elas deveriam ter visto alguma perspectiva melhor do que têm, antes de se casarem, sobre como a família se manteria”.³²

Em suas cartas ocasionais dos meses seguintes, Franklin mandaria seu amor para Deborah e Sally, mas nunca fez nenhuma tentativa de aproximação com Bache. Por fim, em agosto de 1768, Franklin escreveu a Bache admitindo-o na família. “Amável filho”, começava promissoramente, antes de ficar um pouco frio. “Pensei que o passo que você deu, de se envolver no comando de uma família quando seus negócios tinham um aspecto tão pouco promissor no que diz respeito aos meios prováveis de mantê-la, era muito estouvado e precipitado.” Por esse motivo, Franklin explicava, não havia respondido às cartas anteriores de Bache. “Eu não podia dizer nada agradável; escolhi não escrever o que pensava, pois não estava disposto a causar dor onde não poderia dar prazer.” Entretanto, no final da carta de um parágrafo, Franklin suavizava um pouco: “O tempo me tornou mais calmo. Meus melhores votos o esperam, e, se você se mostrar um bom marido e filho, encontrará em mim um pai afetuoso”. Em um pós-escrito de uma frase, mandava seu amor a Sally e avisava que estava lhe enviando um relógio novo.

Deborah ficou emocionada. Em um bilhete que enviou ao encaminhar a carta de Franklin para Bache, que estava visitando Boston, ela escreveu: “Sr. Bache (ou meu filho Bache), dou-lhe alegria: embora não haja belos discursos, como alguns fariam, seu pai (ou assim irei chamá-lo) e você, espero, terão muitos dias felizes juntos”.³³

No início de 1769, Deborah recebeu notícias ainda melhores de Franklin. Sua saúde estava muito boa, dizia ele, mas “sei que de acordo com o curso da natureza não poderei continuar por muito mais tempo”. Ele acabara de fazer 63 anos. Portanto, estava “entregando-me a nenhuma perspectiva futura, exceto uma, a de retornar para a Filadélfia e ali passar a noite da minha vida com meus amigos e minha família”. Sally e o marido voltaram de Boston na esperança de encontrá-lo. Porém ele ainda não estava pronto para voltar, apesar do que escrevera.

Tampouco voltou naquela primavera quando soube que Deborah tinha sofrido um pequeno derrame. “Esses são maus sintomas na vida avançada e auguram perigo”, o médico dela escreveu a Franklin. Ele consultou John Pringle,

seu companheiro de viagem que era médico da rainha, e encaminhou o conselho dele para Deborah. Por uma vez, ela expressou uma leve impaciência com o marido teimoso e menosprezou o conselho, dizendo que seu problema fora causado, em larga medida, por “aflição insatisfeita” provocada por sua ausência prolongada: “Eu fui apenas incapaz de suportar mais e assim caí e não consegui levantar-me de novo”.

Nem mesmo boas notícias conseguiam seduzi-lo a voltar para a Filadélfia. Quando soube que Sally estava grávida naquele verão, transmitiu seu carinho enviando um pouco de luxo: seis taças de duas alças de prata, que eram utilizadas por mulheres grávidas para compartilhar uma mistura quente de vinho, pão e especiarias. Sally não perdia oportunidade de procurar seu afeto. A criança, nascida em agosto de 1769, recebeu o nome de Benjamin Franklin Bache. Franklin se tornaria mais próximo de seus netos do que de seus filhos; Benny Bache, tal como seu primo Temple, acabaria por integrar sua comitiva. Ele mandou seus melhores votos e instruções para certificar-se de que Benny fosse vacinado contra a varíola.³⁴

A FAMÍLIA SUBSTITUTA

Em sua vida familiar, como no resto de sua vida pessoal, Franklin não procurava compromissos profundos. Porém, tinha necessidade de conforto doméstico e estímulo intelectual. Foi isso que encontrou em sua família substituta, em Londres. Na Craven Street havia inteligência e espírito, ausentes na Market Street. Sua senhoria, a sra. Stevenson, era mais vivaz do que Deborah, e sua filha, Polly, um pouco mais inteligente do que Sally. E, em setembro de 1769, pouco depois de Franklin voltar da França, Polly achou um pretendente que era mais distinto do que Bache.

William Hewson era um bom partido para Polly, então com trinta anos e ainda solteira. Ele estava prestes a iniciar uma carreira de destaque como pesquisador de medicina e conferencista. “Ele deve ser inteligente porque pensa como *nós*”, Polly escreveu com efusão em uma carta da casa de campo onde estava hospedada. “Eu não surpreenderia você nem minha mãe se fugisse com esse jovem; mas, com certeza, seria um passo imprudente na circunspecta idade de trinta anos.”

Em meio a essa brincadeira, Polly se fazia de inocente com Franklin, confessando (ou fingindo) sua falta de entusiasmo para se casar com Hewson. “Ele talvez seja jovem demais”, disse ao seu admirador mais velho. Ela estava feliz, acrescentou, mas não podia ter certeza se “esse arroubo se deve a este novo conhecimento ou à alegria de saber que o velho [referindo-se a Franklin, que

estivera em Paris] retornou a este país”.

A resposta de Franklin, escrita no dia seguinte, continha mais flertes do que felicitações. “Se a verdade fosse conhecida, tenho motivos para ter ciúmes desse médico jovem, bonito e insinuante.” Ele lisonjearia a própria vaidade e “faria ouvidos moucos à razão” decidindo “supor que você estava entusiasmada por causa de meu retorno seguro”.

Por quase um ano, Polly se manteve à distância do casamento porque Franklin se recusava a aconselhá-la a aceitar a proposta de Hewson. Finalmente, em maio de 1770, ele escreveu que não fazia objeções. Não era um endosso entusiasmado. “Tenho certeza de que você é um juiz muito melhor neste seu caso do que eu poderia ser”, disse ele, acrescentando que o casamento parecia ser “racional”. Quanto à preocupação dela de que não levaria um grande dote financeiro, Franklin não resistiu a dizer que “acho que você é fortuna suficiente para mim sem um xelim”.³⁵

Embora tivesse perdido o casamento de seus dois filhos, essa cerimônia Franklin fez questão de prestigiar. Embora tenha se realizado em pleno verão, quando costumava viajar para o exterior, ele estava lá para conduzir Polly pelo corredor da igreja e desempenhar o papel de seu pai. Algumas semanas mais tarde, declarou estar contente com a felicidade dela, mas confessou que ficava “de vez em quando deprimido” com a perspectiva de ter perdido sua amizade. Felizmente para todos, não seria assim. Ele ficou próximo do novo casal, e ele e Polly trocariam ainda mais de 130 cartas durante sua longa amizade.

Na verdade, poucos meses depois de seu casamento, Polly e William Hewson ficaram com Franklin enquanto a sra. Stevenson passava um de seus fins de semana prolongados visitando amigos no interior. Juntos, eles publicaram um jornal falso para marcar a ocasião. O *The Craven Street Gazette* de sábado, 22 de setembro de 1770, informava sobre a partida da “rainha Margarete” e o conseqüente mau humor de Franklin. “a GRANDE pessoa (assim chamada devido ao seu enorme tamanho) [...] dificilmente pôde ser consolada esta manhã, embora o novo ministério lhe tenha prometido paleta de carneiro assado e batatas para o jantar.” Noticiou-se que Franklin também ficou amuado porque a rainha Margarete tinha levado as chaves de um armário, de modo que ele não conseguia achar suas camisas de babados, o que o impediu de ir ao Palácio de St. James para o Dia da Coroação. “Grandes clamores foram feitos nesta ocasião contra Sua Majestade [...]. As camisas foram posteriormente encontradas, embora tarde demais, em outro lugar.”

Durante quatro dias, o jornal zombou de vários pontos fracos de Franklin: como ele infringia seus sermões sobre economia de combustível, acendendo fogo em seu quarto quando todo mundo estava fora; como prometeu consertar a porta da frente, mas desistiu porque era incapaz de decidir se era preciso comprar uma fechadura nova ou uma chave nova; e como prometeu ir à igreja

no domingo. “Descobre-se agora por triste experiência que boas resoluções são mais fáceis de serem pronunciadas do que executadas”, relatava a edição de domingo. “Não obstante a solene Ordem do Conselho de ontem, ninguém foi à igreja hoje. Parece que a ampla massa da GRANDE pessoa ficou por tanto tempo na cama que o desjejum não terminou antes que fosse tarde demais.” A moral da história poderia ter sido escrita pelo Pobre Ricardo: “Parece coisa vã esperar reforma a partir do exemplo de nossas grandes pessoas”.

Um artigo particularmente intrigante parece se referir a uma mulher que morava nas proximidades, com quem Franklin teve um flerte não correspondido. Naquele domingo, Franklin pretendia visitá-la: “O dr. Fatsides deu 469 voltas em sua sala de jantar, a distância exata de uma visita à encantadora sra. Barwell, a qual ele não encontrou em casa, por isso não houve luta a favor nem contra um beijo, e ele sentou-se em sua poltrona a sonhar que o obtivera, sem nenhum problema”. No terceiro dia da ausência da sra. Stevenson, a gazeta noticiava que o dr. Fatsides “começa a desejar o retorno de Sua Majestade”.

Essa edição final continha uma das inimitáveis cartas de Franklin para o editor, assinada com o pseudônimo de “Indignação”, na qual criticava a comida e o estado da casa. Referindo-se a Polly e seu marido, ele vituperava: “Se estes nefandos desgraçados miseráveis continuarem no poder por mais uma semana, a nação estará arruinada — desfeita! —, totalmente desfeita se a rainha não retornar, ou (o que é melhor) não os puser todos para fora e nomear a mim e meus amigos para lhes suceder”. A carta foi respondida por “Um inimigo do escândalo”: haviam oferecido ao ranzinza Franklin um maravilhoso jantar de costelas e ele o rejeitou, dizendo “que a carne com ele não transpirava bem, mas fazia suas costas coçarem, para seu não pouco tormento, agora que ele havia perdido a pequena mão de marfim chinesa na ponta da vara, comumente chamada de coçador de costas, presenteada a ele por Sua Majestade”.³⁶

Na Craven Street, Franklin podia entregar-se às muitas excentricidades que apreciava. Uma delas estava a de tomar “banhos de ar” de uma hora de duração no início de todas as manhãs, durante os quais abria as janelas e sentava-se em seu quarto “sem nenhuma roupa”. Outra era envolver-se em pequenos flertes. O famoso pintor Charles Willson Peale contou que certa vez visitou a Craven Street sem avisar e encontrou “o doutor sentado com uma jovem sobre seu joelho”. A senhora em questão era provavelmente Polly, embora o esboço que Peale fez mais tarde da cena seja ambíguo.³⁷

Polly e William Hewson acabaram por mudar-se para a Craven Street e levaram com eles os esqueletos, os “fetos preparados” e outras ferramentas de Hewson para a pesquisa médica. Mais tarde, Franklin e a sra. Stevenson se mudaram para algumas casas adiante. O estranho relacionamento deles se refletiu em uma carta mal-humorada que Franklin escreveu a ela durante uma de suas fugas regulares para visitar amigos no campo. Lembrando-lhe o ditado

do Pobre Ricardo de que os hóspedes se tornam cansativos depois de três dias, exortava-a a voltar na diligência seguinte. Mas, para que a sra. Stevenson não pensasse que ele era muito dependente dela, Franklin deixava claro seu contentamento em estar sozinho: “Sinto imensa satisfação em ser um pouco mais senhor de mim mesmo, ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa somente quando e como eu quiser. Essa felicidade, porém, talvez seja grande demais para ser conferida a alguém que não seja santo e eremita sagrado. Pecadores como eu — poderia ter dito nós — estão condenados a viver juntos e implicar um com o outro”.³⁸

HILLSBOROUGH E AS TAXAS DE TOWNSHEND

Em seu depoimento dramático em defesa da revogação da Lei do Selo, Franklin cometeu um grave erro de avaliação: disse que os americanos reconheciam o direito do Parlamento de impor tributos externos, tais como tarifas e taxas de exportação, mas não tributos internos, recolhidos em operações dentro do país. Em abril de 1767, ele repetiu o argumento em um jornal de Londres, escrevendo como “Um amigo de ambos os países” e, depois, com o pseudônimo de “Benevolus”. Em um esforço para acalmar relações atribuladas, relembra todas as vezes em que os americanos foram muito afáveis em ajudar a arrecadar dinheiro para a defesa do império. “As colônias submetem-se a pagar todos os tributos externos impostos a elas mediante a taxa sobre mercadoria importada para seu país e nunca contestaram a autoridade do Parlamento para estabelecê-las”, escreveu ele.³⁹

Charles Townshend, o novo ministro das Finanças, estivera entre aqueles que interrogaram Franklin no Parlamento sobre a aceitação de impostos externos, mas não internos. Townshend achava que a distinção era um “absurdo” completo, contudo decidiu fingir agradar às colônias — ou pagar para ver —, adotando-a. Em um discurso brilhante, que lhe valeu o apelido de “Charlie Champanhe”, porque foi feito quando estava meio bêbado, ele expôs um plano para taxas de importação de papel, vidro, porcelana, tintas e chá. Para piorar, parte do dinheiro arrecadado seria usada para pagar governadores reais, libertando-os assim da dependência dos legislativos coloniais.

Mais uma vez, como acontecera com a aprovação da Lei do Selo, Franklin manifestou pouca preocupação quando as taxas de Townshend foram aprovadas, em junho de 1767, e ele não percebeu como estava distanciado do radicalismo crescente em partes das colônias. A indignação com as novas taxas foi particularmente forte no porto da cidade de Boston, onde os Filhos da Liberdade, liderados por Samuel Adams, provocaram reações com danças em torno de uma

“árvore da liberdade” perto da propriedade pública. Adams fez a Assembleia de Massachusetts elaborar uma carta circular para o resto das colônias que pedia a revogação da lei. O ministério britânico exigiu que a carta fosse anulada e enviou tropas a Boston depois que a Assembleia se recusou a ceder.

Quando as notícias sobre a ira americana chegaram a Londres, Franklin permaneceu moderado e escreveu uma série de ensaios que pediam “civilidade e boas maneiras” de ambos os lados. Para amigos na Filadélfia, ele manifestou sua desaprovação do radicalismo crescente em Boston; em artigos publicados na Inglaterra, esforçou-se muito — na verdade, muitíssimo — para executar um número ágil de ambidesteridade.

Seu número de malabarismo refletiu-se em um ensaio longo e anônimo que escreveu em janeiro de 1768 para o *Chronicle* de Londres, intitulado “Causas dos descontentes americanos”. Escrito da perspectiva de um inglês, ele explicava a crença dos americanos de que suas próprias legislaturas deveriam controlar todas as medidas de receita, e acrescentava de forma um tanto nervosa: “Eu não pretendo aqui apoiar essas opiniões”. Seu objetivo, asseverava, era que as pessoas “soubessem que ideias os americanos têm”. Ao fazê-lo, Franklin tentava dar uma no cravo e outra na ferradura: alertava que a fúria da América por ser tributada pelo Parlamento poderia dividir o império, depois fingia lamentar esses “desvarios selvagens” como algo que “não pretendo apoiar”.⁴⁰

Sua reação foi semelhante quando leu um conjunto de artigos anônimos, publicados na Filadélfia, chamado “Cartas de um fazendeiro da Pensilvânia”. Na época, Franklin não sabia que foram escritos por John Dickinson, seu adversário nas batalhas da Filadélfia em relação aos proprietários. As cartas de Dickinson admitiam que o Parlamento tinha o direito de regular o comércio, mas ele argumentava que não podiam usar esse direito para aumentar as receitas das colônias sem o consentimento delas. Franklin providenciou para que as cartas fossem publicadas como um panfleto em Londres, em maio de 1768, e escreveu uma introdução. Entretanto, absteve-se de endossar totalmente seus argumentos. “Até que ponto esses sentimentos estão certos ou errados, não pretendo no momento julgar.”

Àquela altura, Franklin começara a perceber que sua distinção entre tributos internos e externos era provavelmente inviável. Em março, escreveu a William: “Quanto mais penso e leio sobre o assunto, mais confirmo minha opinião de que não é possível manter nenhuma doutrina média”. Havia apenas duas alternativas: “que o Parlamento tenha o poder de fazer *todas* as leis para nós, ou que não tenha o poder de fazer *nenhuma* lei para nós”. Ele começava a inclinar-se para a última hipótese, mas admitia que estava inseguro a respeito.⁴¹

A dança deselegante de Franklin em torno da questão do poder parlamentar durante o primeiro semestre de 1768 fez com que seus contemporâneos (assim como historiadores posteriores) chegassem a conclusões diferentes sobre em que

ele realmente acreditava ou que jogadas estava tramando. Na verdade, muitos fatores ressoavam em sua cabeça: ele sinceramente esperava que a moderação e a razão levassem à restauração da harmonia entre a Inglaterra e as colônias; queria fazer uma última tentativa para arrancar a Pensilvânia dos proprietários, e ainda estava atrás de negócios agrários que exigiam o favor do governo britânico. Acima de tudo, como admitiu em algumas cartas, seus pontos de vista estavam em fluxo e ele ainda tentava se decidir.

Havia outro fator complicador. Seu desejo de ajudar a resolver as disputas, combinado com sua ambição, o levou a esperar uma nomeação como funcionário do ministério britânico para supervisionar os assuntos coloniais. Lorde Hillsborough acabara de ser nomeado secretário de Estado do mesmo ministério, e Franklin pensou (erroneamente) que ele poderia vir a adotar uma conduta amistosa em relação às colônias. “Não acho que esse nobre seja, em geral, um inimigo da América”, escreveu a um amigo em janeiro. Em uma carta a seu filho, Franklin admitiu a ambição mais pessoal: “Disseram-me que se fala em me nomear subsecretário de lorde Hillsborough”. Suas chances, admitia, eram mínimas: “É um pensamento tácito aqui que sou americano demais”.

Esse era o ponto crucial do dilema de Franklin. Tornara-se suspeito, observou em carta a um amigo, “na Inglaterra de ser demasiado americano, e na América de ser demasiado inglês”. Com seus sonhos de um Império Britânico crescente e harmonioso, ele ainda esperava que pudesse ser ambos. “Tendo nascido e sido criado em um dos países e vivido muito tempo e feito muitas conexões agradáveis no outro, desejo toda a prosperidade para ambos”, proclamou. Assim, estava fascinado e até esperançoso de obter um cargo no governo no qual poderia tentar manter juntas as duas partes do império.⁴²

Quando Hillsborough consolidou seu poder, ao tornar-se chefe do Conselho de Comércio, bem como secretário colonial, Franklin ganhou apoio de outros ministros britânicos que achavam que lhe dar um posto no governo proporcionaria algum equilíbrio. Destacava-se entre eles lorde North, que assumiu o posto de ministro das Finanças após a morte de Townshend. Franklin se reuniu com ele em junho e declarou ter planos de voltar para a América. Acrescentou, no entanto, que “ficaria com prazer se pudesse ser útil de alguma maneira ao governo”. North entendeu o recado e começou a tentar obter apoio para sua nomeação.

Não era para ser. A esperança de Franklin de entrar para o governo britânico desfez-se abruptamente quando ele teve uma reunião longa e contenciosa com lorde Hillsborough, em agosto de 1768. Hillsborough declarou que não tinha intenção de nomeá-lo e escolheria para seu vice John Pownall, um burocrata leal. Franklin ficou consternado. Pownall “parece ter um forte preconceito contra nós”, escreveu a Joseph Galloway, seu aliado na Assembleia da Pensilvânia. Para acrescentar insulto à injúria, Hillsborough também rejeitou

de uma vez por todas qualquer novo exame da petição para retirar a Pensilvânia do domínio proprietário. Com dois de seus principais objetivos riscados, Franklin estava pronto para abandonar sua moderação nas batalhas das colônias com o Parlamento. O momento da virada havia chegado.⁴³

O PATRIOTA AMERICANO

Com a situação esclarecida em sua cabeça, Franklin pegou da caneta para travar uma guerra de ensaios contra Hillsborough e as taxas de Townshend. A maioria de seus artigos era anônima, mas dessa vez ele fez pouco para disfarçar sua autoria. Chegou mesmo a assinar um deles, com clara franqueza, com o pseudônimo de “Francis Lynn”. As relações entre a Grã-Bretanha e as colônias americanas haviam sido amigáveis, segundo ele, “até que a ideia de nos taxar pelo poder do Parlamento entrou infelizmente na cabeça de seus ministros”. Ele alegava que as colônias não tinham o desejo de se rebelar contra o rei, mas ministros equivocados iriam provavelmente “converter milhões de súditos leais do rei em rebeldes devido ao poder recém-alegado do Parlamento de tributar um povo distante”. Algo precisava ser feito. “Não existe um único homem sábio e bom na Grã-Bretanha que possa propor alguma medida conciliadora que evite esse dano?” Em outro texto, escrito como se fosse de um inglês preocupado, ele propunha sete “perguntas” para serem consideradas “por esses senhores que defendem a adoção de medidas enérgicas com relação aos americanos”. Entre elas: “Por que eles devem ser despojados de sua propriedade sem o seu consentimento?”. Quanto a Hillsborough pessoalmente, Franklin rotulou-o de “o nosso novo Aman”.⁴⁴

Seus adversários responderam ao ataque. Um artigo assinado por “Maquiavel” no *Gazetteer* chamava de “farsa sobre patriotismo” que tantos americanos estivessem “enchendo jornais e consagrando árvores à liberdade” com lamentações sobre ser tributados, enquanto, ao mesmo tempo, ocultamente recomendavam seus amigos para nomeações e “tentavam obter cargos” para si. Maquiavel fornecia uma lista de quinze desses hipócritas, com Franklin, o agente postal, no topo. Franklin respondeu (anonimamente) que os americanos estavam atacando o Parlamento, não o rei. “Como súditos leais ao seu soberano, os americanos pensam que têm tanto direito de ocupar cargos reais na América quanto um escocês tem na Escócia ou um inglês na Inglaterra.”

Ao longo de 1769, Franklin ficou cada vez mais preocupado com a ruptura a que a situação conduzia. As colônias americanas não poderiam ser subjugadas pelas tropas britânicas, argumentava ele, e logo estariam fortes o suficiente para conquistar sua independência. Se isso acontecesse, a Grã-Bretanha se

arrependeria de ter perdido a oportunidade de criar um sistema de harmonia imperial. Para defender sua posição, ele publicou uma parábola em janeiro de 1770 sobre um filhote de leão e um grande cão inglês viajando juntos em um navio. O cão atormentava o leãozinho e “frequentemente tomava sua comida à força”. Mas o leão cresceu e se tornou mais forte do que o cão. Um dia, em resposta a todos os insultos, ele estraçalhou o cão com “um golpe fortíssimo”, levando-o a “lamentar que não tivesse garantido a amizade dele em vez de provocar sua inimizade”. A parábola era “humildemente endereçada” a lordes Hillsborough.⁴⁵

Muitos membros do Parlamento buscavam um acordo. Uma proposta era retirar a maioria das taxas de Townshend, deixando apenas aquela sobre o chá como uma maneira de afirmar o princípio de que o Parlamento mantinha o direito de regular comércio e tarifas. Era o tipo de solução pragmática que em tempos anteriores teria atraído Franklin. No entanto, ele não tinha mais disposição para a moderação. “Não é o valor pago naquela taxa do chá que é considerado um fardo, e sim o princípio da lei”, escreveu ele a Strahan. A revogação parcial “pode inflamar ainda mais as coisas”, acarretar “alguma ação louca” e uma escalada que “levará à separação completa”.⁴⁶

De fato, os sentimentos separatistas já se inflamavam, especialmente em Boston. Em 5 de março de 1770, um jovem aprendiz insultou um dos casacas-vermelhas* enviados para impor as taxas de Townshend; uma briga teve início, sinos tocaram e um enxame de bostonianos irados saiu à rua em grande número. “Atirem e sejam amaldiçoados”, provocou a multidão. Os soldados britânicos atiraram. Cinco americanos foram mortos no que logo ficou conhecido como o Massacre de Boston.

O Parlamento foi em frente com a revogação parcial das taxas de Townshend naquele mês, com a manutenção de um imposto sobre o chá. Em carta a seu amigo na Filadélfia Charles Thomson, que foi prontamente publicada em todas as colônias, Franklin pediu um boicote contínuo de todos os produtos britânicos manufaturados. A América, dizia ele, deve ser “firme e perseverar em nossas resoluções”.

Franklin havia finalmente acertado o passo com o patriotismo mais ardente que se espalhava pelas colônias, sobretudo em Massachusetts. Em carta a Samuel Cooper, um ministro de Boston, ele declarava que o Parlamento não tinha autoridade para tributar as colônias nem mandar tropas britânicas para lá: “Na verdade, eles não têm esse direito, e a alegação deles se baseia apenas na usurpação”.

Ainda assim, como muitos americanos, ele ainda não estava disposto a defender uma ruptura total com a Grã-Bretanha. A solução, segundo ele, era um novo arranjo em que as Assembleias coloniais permaneceriam leais ao rei, mas não mais subservientes ao Parlamento da Grã-Bretanha. Na carta a Cooper, ele

dizia:

Portanto, mantenhamos firmemente a lealdade ao nosso rei (que tem a melhor disposição para conosco e um interesse familiar em nossa prosperidade), pois essa lealdade firme é o meio mais provável de proteger-nos do poder arbitrário de um Parlamento corrupto que não gosta de nós e se concebe como possuidor de um interesse em nos manter submissos e nos espoliar.

Era uma fórmula elegante de governança da comunidade. Infelizmente, baseava-se na suposição não comprovada de que o rei seria mais simpático aos direitos coloniais do que o Parlamento.⁴⁷

A carta de Franklin para Cooper, amplamente divulgada, ajudou a garantir-lhe uma nomeação pela Câmara Baixa de Massachusetts para também ser seu agente em Londres. Em janeiro de 1771, ele fez uma visita a lorde Hillsborough para apresentar suas novas credenciais. Embora estivesse se vestindo para ir à corte, o ministro o recebeu alegremente em seus aposentos. Mas, quando Franklin mencionou sua nova nomeação, Hillsborough zombou. “Eu devo esclarecer, senhor Franklin. O senhor não é agente.”

“Eu não entendo vossa senhoria”, respondeu Franklin. “Tenho a nomeação em meu bolso.”

Hillsborough sustentou que o governador de Massachusetts Hutchinson vetara o projeto de lei que nomeava Franklin.

“Não houve nenhuma lei desse tipo”, disse Franklin. “É uma votação da Câmara.”

“A Câmara dos Deputados não tem o direito de nomear um agente”, retrucou Hillsborough, irado. “Não tomaremos conhecimento de agentes, senão os designados por leis da Assembleia às quais o governador dê seu consentimento.”

O argumento de Hillsborough era claramente falacioso. Franklin havia sido nomeado para agente da Assembleia da Pensilvânia sem o consentimento dos governadores da família Penn. O ministro estava tentando eliminar o direito do povo de escolher seus próprios agentes em Londres, e Franklin ficou chocado. “Eu não posso conceber, meu senhor, por que o consentimento do *governador* deve ser considerado necessário para a nomeação de um agente do *povo*.”

A partir desse momento, a discussão degradingolou. Hillsborough empalideceu e iniciou um discurso inflamado sobre como sua “firmeza” era necessária para impor ordem aos colonos rebeldes. Ao que Franklin acrescentou um insulto pessoal:

Creio que não tem grande importância se a nomeação é reconhecida ou não, pois não tenho a menor esperança de que um agente *no momento* possa ser de alguma utilidade para qualquer uma das colônias. Portanto, não causarei mais nenhum problema para vossa senhoria.

Nesse momento, Franklin partiu abruptamente e foi para casa escrever uma transcrição da discussão.⁴⁸

Hillsborough “ficou muito ofendido com algumas de minhas últimas palavras, que considerou extremamente rudes e agressivas”, Franklin relatou a Samuel Cooper, em Boston. “Acho que ele não me entendeu mal.”

De início, Franklin fingiu estar despreocupado com a inimizade de Hillsborough. “Ele não é nem um pouco mais querido por seus colegas de ministério do que por mim”, disse Franklin em sua carta a Cooper. Em outra carta, ele o descreveu como “orgulhoso, arrogante, extremamente convencido de seus conhecimentos e habilidades políticas (tais como são), afeiçoado a todos que podem se inclinar para bajulá-lo e inimigo de todos os que se atrevem a dizer-lhe verdades desagradáveis”. A única razão de ele permanecer no poder, Franklin supunha, era porque os outros ministros tinham “dificuldade para saber como descartar ou o que fazer com um homem com sua energia mal aplicada”.

Não obstante, logo ficou claro que o confronto com Hillsborough deprimiu Franklin. Seu amigo Strahan notou que ele se tornara “muito reservado, o que aumenta muito a sua inatividade natural e não há como fazê-lo participar de algo”. Ele também ficou muito mais pessimista em relação ao eventual resultado das tensões crescentes entre as colônias americanas e a Grã-Bretanha. Podiam-se ver nas ações do Parlamento “as sementes plantadas de uma desunião total dos dois países”, relatou à Comissão sobre Correspondência de Massachusetts, que trouxe à tona seu lado mais radical. “A luta sangrenta vai acabar em escravidão absoluta para a América, ou em ruína para a Grã-Bretanha pela perda de suas colônias.”⁴⁹

Apesar de tais sentimentos pessimistas, Franklin ainda esperava por uma reconciliação. Ele pediu que a Assembleia de Massachusetts evitasse a aprovação de uma “negação e resistência aberta” à autoridade do Parlamento e que adotasse uma estratégia concebida “gradualmente para desgastar sua suposta autoridade sobre a América”. Ele até chegou a aconselhar Cooper que poderia “ser prudente de nossa parte ceder à pátria-mãe nessa questão para a própria honra dela”. E continuou a defender uma política de lealdade à Coroa, se não ao Parlamento.

Isso levou alguns de seus inimigos a acusá-lo de ser conciliador demais. “O doutor não é nada além do instrumento de traição de lordes Hillsborough”, escreveu o ambicioso virginiano Arthur Lee ao seu amigo Samuel Adams. Lee

passou a acusar Franklin de querer se agarrar ao seu posto de agente postal e manter seu filho no cargo. Tudo isso explicava, segundo ele, “a conduta contemporizadora que ele sempre teve em assuntos americanos”.

Lee tinha seus motivos: ele queria o posto de Franklin de agente em Londres. Franklin, contudo, ainda tinha o apoio da maioria dos patriotas de Massachusetts, entre eles (ao menos por enquanto) Samuel Adams. Adams ignorou a carta de Lee, permitiu que ela vazasse, e os amigos de Franklin em Boston, entre eles Thomas Cushing e Samuel Cooper, garantiram-lhe apoio. O ataque de Lee, escreveu-lhe Cooper, serviu para “confirmar a opinião sobre sua importância, enquanto mostra a baixeza do seu autor”. Mas mostrava também a dificuldade que Franklin enfrentava, como durante a crise da Lei do Selo, ao tentar ser ao mesmo tempo um britânico leal e um patriota americano.⁵⁰

* *Redcoats* no original inglês: casacas-vermelhas, soldados britânicos conhecidos pela cor de seus uniformes. (N. T.)

11. Rebelde
Londres, 1771-5

AS FÉRIAS DE 1771

Com a aproximação do verão de 1771, Franklin decidiu abandonar temporariamente o mundo dos assuntos públicos. Ao menos naquele momento, todas as suas missões políticas haviam sido bloqueadas: a luta contra os proprietários e, depois, o Parlamento, sua busca por uma doação de terras e uma nomeação pelo rei. Mas ainda não estava pronto para voltar para casa. Então, escapou das pressões da política da maneira que mais amava, fazendo uma extensa série de viagens que durou até o final do ano: para o centro e o norte industrial da Inglaterra em maio, para a propriedade de um amigo, no sul da Inglaterra, em junho e novamente em agosto, e depois para a Irlanda e a Escócia no outono.

Em suas andanças de maio, Franklin visitou a aldeia de Clapham, onde havia um grande lago. Era um dia de muito vento e a água estava agitada, então ele decidiu testar suas teorias sobre o efeito calmante do óleo. Usando apenas uma colher de chá, ele viu com espanto quando ela “produziu uma calma instantânea” que se estendeu gradualmente até tornar um “quarto da lagoa, talvez a metade de um acre, tão lisa quanto um espelho”.

Embora continuasse a estudar com seriedade o efeito do óleo sobre a água,

Franklin também descobriu maneiras de se divertir transformando-o em um truque de mágica. “Depois disso, eu tramei levar comigo, sempre que ia para o campo, um pouco de óleo na junta superior oca de minha bengala de bambu”, escreveu. Numa visita à casa de lordes Shelburne, ele estava caminhando ao lado de um riacho com um grupo de amigos, entre eles o grande ator David Garrick e o filósofo francês visitante abade Morellet, e disse-lhes que podia acalmar as ondas. Ele andou a montante, acenou três vezes com a bengala, e a superfície do rio se acalmou. Somente mais tarde exibiu a bengala e explicou o truque.¹

A excursão pelo centro e pelo norte da Inglaterra, na companhia de dois colegas cientistas, deu a Franklin a oportunidade de estudar a Revolução Industrial que florescia naquelas regiões. Visitou uma fábrica de ferro e estanho em Rotherham, as fundições de metais de Birmingham e uma fábrica de seda, em Derby, onde 63 700 bobinas rodavam constantemente, “e o processo de torção é conduzido por crianças de cerca de cinco a sete anos de idade”. Em Manchester, “embarcou em um luxuoso barco puxado a cavalo” de propriedade do duque de Bridgewater, que, condizente com seu nome de nobreza, o levou a um aqueduto que cruzava um rio antes de terminar em uma mina de carvão. Perto de Leeds, visitaram o cientista Joseph Priestley, “que fez algumas experiências elétricas muito boas” para eles e depois descreveu os vários gases que vinha descobrindo.

Franklin havia denunciado as leis comerciais mercantis da Inglaterra, projetadas para suprimir a manufatura em suas colônias, argumentando (de forma um pouco insincera) que o país jamais teria de temer que a América se tornasse um concorrente industrial. Em suas cartas relativas a sua excursão de 1771, no entanto, ele enviou conselhos detalhados sobre a criação de indústrias de seda, vestuário e metalúrgica que tornariam as colônias autossuficientes. Estava “cada vez mais convencido”, escreveu ao seu amigo de Massachusetts Thomas Cushing, da “impossibilidade” de a Inglaterra acompanhar a demanda crescente das colônias americanas por roupa. “Portanto, a necessidade, bem como a prudência, logo nos induzirá a buscar recursos em nossa própria indústria.”

Ele retornou a Londres brevemente no início de junho “a tempo de estar na corte para o aniversário do rei”, escreveu a Deborah. Apesar de suas divergências com as políticas tributárias do Parlamento, ele ainda era um súdito fiel de George III. Naquela semana, escreveu para Cushing: “Embora recusemos a autoridade usurpada do Parlamento, eu gostaria de ver mantida entre nós uma fidelidade obediente e constante ao rei e sua família.”²

Depois de uma quinzena em Londres, Franklin foi para o sul da Inglaterra, onde visitou seu amigo Jonathan Shipley em sua mansão Tudor em Twyford, nos arredores de Winchester. Shipley era um bispo anglicano no País de Gales, mas passava a maior parte do tempo em Twyford com sua esposa e cinco filhas vivazes. Foi uma visita tão prazerosa (Franklin poderia muito bem definir o prazer como uma casa de campo intelectualmente estimulante com cinco jovens

mulheres vivazes) que ele lamentou ter de ir embora depois de uma semana para cuidar da correspondência que se acumulava em Londres. Em seu bilhete de agradecimento para Shipley, que incluía maçãs secas da América como presente, Franklin queixou-se de que tinha de “respirar com relutância a fumaça de Londres” e disse que esperava voltar ao “ar fresco de Twyford” para uma visita mais longa ainda naquele verão.³

A AUTOBIOGRAFIA

Franklin, aos 65 anos, começava a pensar mais sobre assuntos familiares. Ele sentiu afeição por todos os seus parentes, apesar do fato — ou talvez, como ele mesmo especulou, devido ao fato — de que continuava a viver longe deles. Em uma longa carta escrita naquele verão para Jane Mecom, a única sobrevivente de seus irmãos, ele a elogiava por dar-se bem com seus parentes por casamento da Filadélfia e, em um trecho revelador, refletia sobre como era muito mais fácil para os familiares permanecerem amigos de longe. “Nosso pai, que era um homem muito sábio, costumava dizer que nada era mais comum para aqueles que amavam uns aos outros à distância do que encontrar muitas causas de desagrado quando estavam juntos.” Um bom exemplo, observava, era a relação de seu pai com seu irmão Benjamin. “Embora eu fosse criança, ainda me lembro de como a correspondência deles era afetuosa” enquanto Benjamin permaneceu na Inglaterra. Mas, quando o tio Benjamin se mudou para Boston, eles se envolveram em “discussões e mal-entendidos”.

Franklin também escreveu para Jane sobre Sally Franklin, uma menina de dezesseis anos que se juntara a sua família substituta na Craven Street. Sally era a única filha de um primo de segundo grau que dera continuidade ao negócio de tingimento têxtil da família Franklin em Leicestershire. A carta era acompanhada por uma árvore genealógica detalhada que mostrava que eles eram todos descendentes de Thomas Franklin de Ecton e observava que Sally era a última na Inglaterra a levar o nome da família.

Seu interesse pela família ficou ainda mais aguçado quando visitou um de seus sebos de livros preferidos de Londres. O vendedor mostrou-lhe uma coleção de velhos panfletos políticos que estavam cheios de anotações. Franklin ficou surpreso ao descobrir que haviam pertencido a seu tio Benjamin. “Suponho que se separou deles quando deixou a Inglaterra”, escreveu em carta a outro primo. Ele prontamente os comprou.⁴

No final de julho, quando se sentiu finalmente livre para voltar a Twyford e gozar de uma longa estada com os Shipley, Franklin estava num estado de ânimo reflexivo. Sua carreira enfrentava um impasse, e a história de sua família

estava em sua cabeça. Desse modo, estava montado o palco para a primeira parcela do mais duradouro de seus esforços literários, *A autobiografia de Benjamin Franklin*.

“Querido filho”, começava o texto, dando ao relato a forma de uma carta para William, a quem não via fazia sete anos. O disfarce epistolar permitiu-lhe dar um tom coloquial e casual para sua prosa. Ele fingiu, pelo menos inicialmente, que se tratava apenas de uma comunicação pessoal, e não de uma obra de literatura. “Eu costumava escrever de maneira mais metódica”, disse ele em um parágrafo inserido no texto depois de reler algumas das digressões genealógicas divagantes que havia escrito no primeiro dia. “Mas não nos vestimos para receber uma pessoa em casa como nos vestiríamos para um baile público.”

A autobiografia destinava-se, de fato, somente para seu filho? Não. Fica claro desde o início que Franklin estava escrevendo também para o consumo público. A informação da família que mais interessaria ao seu filho era omitida completamente: a identidade e a descrição da mãe de William. Tampouco Franklin escreveu a carta em papel de correspondência comum; ele usou a metade esquerda de grandes folhas de fôlio, deixando em branco a metade direita para revisões e acréscimos.

No início do segundo dia de escrita, ele parou para fazer um esboço de toda a sua carreira, revelando a intenção de construir um livro de memórias completo. Além disso, naquela segunda manhã, usou as colunas em branco da direita de suas primeiras páginas para inserir uma longa seção justificando a “ vaidade ” de sua decisão de “entregar-se à inclinação tão natural em homens de idade de falar de si mesmos”. E declarava que seu objetivo era descrever como ele se elevou da obscuridade para a proeminência e fornecer algumas indicações úteis sobre como obteve sucesso, expressando a esperança de que outros pudessem achá-las adequadas para serem imitadas.

Essas palavras dirigiam-se obviamente a um público além de seu filho, que já tinha quarenta anos e era governador de Nova Jersey. Havia, no entanto, um subtexto dirigido a ele: William assumira ares de superioridade desde que se tornara governador, e estava muito mais enamorado da aristocracia e do establishment do que seu pai. A autobiografia seria um lembrete de suas origens humildes e um hino ao esforço, à parcimônia, aos valores dos comerciantes e ao papel de uma classe média diligente que resistia, em vez de imitar, às pretensões da elite bem-nascida.

Por quase três semanas, Franklin escrevia durante o dia e depois lia partes em voz alta para os Shipley à noite. Como a obra tinha a forma de uma carta, e porque era lida em voz alta, a prosa de Franklin assumiu o tom de um adorável narrador idoso. Carente de pretensão literária, sem nenhuma metáfora poética nem floreio, a narrativa fluía como uma sequência de histórias irônicas e lições

instrutivas. Às vezes, quando se descobria escrevendo com demasiado orgulho sobre um evento, ele o revisava, acrescentando um comentário autodepreciativo ou irônico, tal como faria um bom contador de histórias após o jantar.

O resultado é uma das mais deliciosas criações literárias de Franklin: o retrato que ele pintou de si mesmo mais jovem. O romancista John Updike, em observação memorável, chamou-a de “uma obra elasticamente despreocupada, cheia de contradições joviais e reviravoltas bem-humoradas — um olhar apaixonado a um eu mais antigo, dando a um jovem extremamente ambicioso o benefício do relaxamento do homem mais velho”.

Com um misto de distanciamento irônico e autoconhecimento divertido, Franklin foi capaz de manter-se um pouco à distância de sua criação, para ser modestamente revelador, mas nunca com muita profundidade. Em meio a todas as historietas esclarecedoras, ele incluiu poucos indícios de tormento interior, nenhuma luta da alma ou reflexões mais profundas do espírito. Mais sugestivas do que profundas, suas lembranças proporcionam um olhar alegre para uma abordagem simples da vida que apenas insinua os significados mais profundos que encontrou ao servir ao seu semelhante e, portanto, ao seu Deus. O que ele escreveu pretendia pouco mais do que fingir zombar de todas as pretensões. É obra de um homem sociável, que adorava contar histórias, transformá-las em parábolas caseiras que pudessem levar a uma vida melhor e mergulhar nas águas rasas de lições simples.

Para alguns, essa simplicidade é a sua falha. O grande crítico literário Charles Angoff declara que “ela carece de quase tudo o que é necessário para uma verdadeira grande obra de *belles-lettres*: graça de expressão, encanto de personalidade e voo intelectual”. Mas é certamente injusto dizer que não tem encanto de personalidade; como aponta o historiador Henry Steele Commager, sua “simplicidade ingênua, lucidez, linguagem caseira, seu frescor e humor recomendaram-na para cada nova geração de leitores”. Na verdade, lida com olhos imparciais, é puro deleite, bem como um arquétipo da literatura americana despreziosa. E estava destinada a tornar-se, através de centenas de edições publicadas em quase todas as línguas, a autobiografia mais popular do mundo.

Nesta época de memórias instantâneas, é importante notar que Franklin estava produzindo algo relativamente novo para o seu tempo. As *Confissões* de Santo Agostinho tratavam principalmente de sua conversão religiosa, e as *Confissões* de Rousseau ainda não tinham sido publicadas. “Quase não houve autobiografia famosa antes da de Franklin, e ele não tinha modelos”, diz Carl Van Doren. Isso não é inteiramente verdade. Entre aqueles que já haviam publicado alguma forma de autobiografia estavam Benvenuto Cellini, lorde Herbert de Cherbury e o bispo Gilbert Burnet. Mas Van Doren está correto ao dizer que Franklin “escreveu para uma classe média que tinha poucos historiadores. Seu livro foi a primeira obra-prima de autobiografia de um *self-made man*”. O

modelo mais próximo de que ele dispunha, em termos de estilo narrativo, era um de seus livros preferidos: *O peregrino*, o sonho alegórico de John Bunyan. Mas Franklin contava a história de um peregrino muito real, embora não praticante, em um mundo muito real.

Em meados de agosto, quando precisou deixar Twyford, já havia terminado o primeiro dos quatro fascículos do que mais tarde se tornaria conhecido como a *Autobiografia*. Narrava seus anos de jovem impressor envolvido em iniciativas civis e terminava com a fundação da biblioteca da Filadélfia e suas ramificações, em 1731. Somente nas últimas linhas, deixava insinuar-se um pouco de política.

Essas bibliotecas tornaram os comerciantes e agricultores comuns tão inteligentes quanto a maioria dos cavalheiros de outros países e, talvez, tenham contribuído em alguma medida para a postura geralmente assumida em todas as colônias em defesa de seus privilégios.

Seriam necessários treze anos para que ele, a pedido de amigos, retomasse essa parte da história.⁵

Sempre ansioso para criar uma família onde quer que pudesse encontrar uma, Franklin tomou Kitty, a filha mais moça de onze anos de Shipley, sob sua asa e levou-a em seu coche para Londres, onde ela frequentaria a escola. Ao longo do caminho, eles conversaram sobre o tipo de homem com que cada uma das filhas de Shipley se casaria. Kitty achava que todas as suas irmãs mereciam um comerciante muito rico ou aristocrata. Quanto a ela, Kitty confessou de forma sedutora: “Eu gosto de homens velhos, com certeza, e, de uma maneira ou de outra, todos os homens velhos se afeiçoam a mim”. Talvez ela devesse se casar com um homem mais moço, Franklin sugeriu, “e deixá-lo envelhecer em suas mãos, porque você vai gostar dele cada vez mais à medida que ele envelhece”. Kitty respondeu que preferiria se casar com alguém já mais velho, “e então, você sabe, eu talvez venha a ser uma jovem viúva rica”.

Nascia assim outro flerte para toda a vida. Ele fez sua esposa mandar um esquilo da Filadélfia para ser o animal de estimação de todas as meninas Shipley. Um ano depois, quando o bichinho encontrou um fim prematuro nas mandíbulas de um cão, Franklin escreveu um epitáfio florido e depois acrescentou um mais simples, que se tornaria famoso: “Here Skugg/ Lies snug/ As a bug/ In a rug”.* Seu afeto por Kitty seria imortalizado quinze anos mais tarde, quando Franklin, então com oitenta anos, escreveu para ela um pequeno ensaio sobre “A arte de conseguir sonhos agradáveis”.

Em sua última noite em Twyford, os Shipley insistiram em oferecer uma

festa de aniversário, *in absentia*, para Benjamin Franklin Bache, seu neto de dois anos de idade que estava na Filadélfia. “Que ele possa ser tão bom quanto seu avô”, disse a sra. Shipley em seu brinde. Franklin respondeu que esperava que Benny viesse a ser, de fato, muito melhor. Ao que o bispo Shipley acrescentou: “Vamos fazer um acordo e ficar contentes se ele não se revelar *tão* bom assim”.⁶

O que era estranho em toda essa afeição por Benny era que Franklin não o conhecia, nem mostrara muito interesse em conhecê-lo. Não tinha sequer conhecido o pai do menino. Mas, naquele momento, Richard Bache estava chegando à Inglaterra em uma missão para encontrar seu famoso sogro. Bache apareceu sem avisar na Craven Street, onde a sra. Stevenson alegremente o cumprimentou. Franklin, no entanto, já havia partido, depois de pouco mais de uma semana em Londres, para novas férias prolongadas.

IRLANDA E ESCÓCIA

No final de agosto de 1771, viajando com Richard Jackson, o outro agente da Pensilvânia na Inglaterra, Franklin partiu para uma visita de três meses à Irlanda e à Escócia, onde esperava verificar se a relação que esses países estavam tentando forjar dentro do Império Britânico poderia servir de modelo para a América. Havia alguns sinais promissores. Na visita ao Parlamento irlandês, concederam a Jackson o direito de sentar-se na Câmara porque ele era membro do Parlamento da Inglaterra. Ao ver o famoso Franklin, o presidente da casa propôs que lhe concedessem o mesmo privilégio, porque ele representava os legislativos americanos. “A Câmara inteira pronunciou um ‘Sim’ alto e unânime”, relatou Franklin a Cushing. “Considerarei isso uma marca de respeito ao nosso país.”

Por outro lado, grande parte do que ele viu na Irlanda o deixou aflito. A Inglaterra controlava severamente o comércio irlandês, e proprietários de terras ingleses ausentes exploravam os agricultores arrendatários irlandeses. “Eles vivem em casebres miseráveis de barro e palha, vestem-se com trapos e subsistem principalmente comendo batatas”, observou. Seu choque com a disparidade entre ricos e pobres o deixou ainda mais orgulhoso de que a América estivesse construindo uma classe média dinâmica. A força das colônias americanas, segundo ele, estava em seus orgulhosos proprietários absolutos e comerciantes, que tinham o direito de votar sobre assuntos públicos e amplas oportunidades para alimentar e vestir suas famílias.⁷

Em Dublin, aconteceu de Franklin encontrar seu inimigo, lorde

Hillsborough, cuja propriedade familiar se situava no norte da Irlanda. Surpreendentemente, Hillsborough insistiu que ele e Jackson o visitassem em seu caminho para a Escócia. Franklin ficou dividido. “Como isso pode proporcionar uma oportunidade de dizer alguma coisa sobre os assuntos americanos, resolvi aceitar o convite”, escreveu a um amigo. Mas depois escreveu ao seu filho dizendo que tinha “decidido não ir”. Jackson, porém, insistiu em ir e Franklin não conseguiu encontrar outro coche, por isso teve de acompanhá-lo.

Foi uma visita espantosamente amigável. Na casa de Hillsborough, Franklin ficou “detido por mil cortesias” por quase uma semana. O ministro “parecia atento a tudo o que pudesse tornar agradável minha estada em sua casa”. Isso incluiu até “pôr sua própria capa sobre meus ombros quando saí, para eu não apanhar um resfriado”.

Ao discutir a pobreza da Irlanda, Hillsborough culpou a Inglaterra por restringir a indústria local. Franklin perguntou se o mesmo não valia para a política da Inglaterra em relação à América. Para seu prazer, Hillsborough respondeu que “a América não deveria se restringir à manufatura”. E até sugeriu um subsídio para as indústrias de seda e vinho americanas. Ele gostaria de ouvir “a opinião e os conselhos” de Franklin sobre isso, bem como sobre como formar um governo para a Terra Nova. Franklin consideraria essas questões e, quando voltasse para Londres, “o favoreceria com os meus sentimentos?”.

“Tudo isso não lhe parece extraordinário?”, escreveu ao seu filho. Em carta a Thomas Cushing, sugeriu que poderia haver uma explicação mais cínica. O comportamento de Hillsborough poderia “significar apenas, ao dar tapinhas e acariciar o cavalo, querer torná-lo mais paciente quando as rédeas fossem mais apertadas e as esporas, enfiadas com mais profundidade em seus flancos”. Ou, talvez, “ele percebeu a aproximação de uma tempestade e estava querendo diminuir de antemão o número de inimigos que tão imprudentemente criou”.⁸

Franklin chegou, em meio a tempestades e inundações, a Edimburgo na noite de um sábado e passou uma noite “alojado miseravelmente” em uma pousada. “Mas aquele excelente cristão, David Hume, conforme os preceitos do Evangelho, recebeu o estrangeiro e agora estou com ele”, relatou Franklin no dia seguinte. Seu velho amigo Hume construía uma casa nova e orgulhava-se de que a sopa de cabeça de ovelha feita por seu cozinheiro era a melhor na Europa. A conversa à mesa também era invejável: filosofia (Hume havia recentemente feito amizade com Rousseau em Paris), história e a situação ruim das colônias americanas.

Depois de dez dias, Franklin viajou para oeste, em direção a Glasgow, a fim de visitar lorde Kames, seu outro filósofo escocês preferido. Kames também era um grande botânico que cultivava bosques de diversas árvores; as que Franklin plantou em sua visita estão vivas hoje. No caminho de volta para Edimburgo, ele parou na fundição Carron, onde James Watt estava

desenvolvendo a máquina a vapor, para que pudesse continuar seu estudo da industrialização. Entre os materiais bélicos que viu sendo fundidos, alguns dos quais seriam usados contra as colônias dentro de poucos anos, estavam canhões que pesavam até 32 toneladas.

De volta à casa de Hume em Edimburgo, Franklin passou mais alguns dias desfrutando do círculo intelectual local. Encontrou-se com Adam Smith, que supostamente lhe mostrou alguns capítulos iniciais de *A riqueza das nações*, obra que estava escrevendo. Talvez suspeitando de que jamais veriam seu amigo americano de novo, Hume ofereceu um jantar de despedida ao qual compareceram vários dos acadêmicos e escritores escoceses preferidos de Franklin, entre eles lordes Kames.⁹

ENCONTRO COM BACHE

Franklin planejara ficar mais tempo com Hume, mas duas cartas o alcançaram enquanto ele estava lá. Uma era de seu genro, Richard Bache. Dizia que, após o desencontro com Franklin em Londres, ele fora visitar os pais em Preston, uma cidade do norte da Inglaterra, perto de Manchester. A outra era de Polly: “O sr. Bache está em Preston, onde aguardará com expectativa agradável vê-lo em seu retorno. Estamos todos muito satisfeitos com ele”. Então Franklin apressou sua partida para Londres e decidiu visitar seu genro no caminho.

Na Filadélfia, Sally Franklin Bache estava obviamente inquieta em relação ao encontro dos dois e escreveu para Richard: “Se não for tão cordial como eu gostaria, sei que, quando você considerar que se trata de meu pai, sua bondade e sua afeição por mim o farão se esforçar um pouco para ganhar a estima e a amizade dele”. Na realidade, seus temores eram infundados. Bache escreveu-lhe jubilosamente: “Posso, com grande satisfação, contar-lhe que ele me recebeu de braços abertos e com um grau de afeto que eu não esperava”. Ele estava particularmente contente porque todos disseram que ele se parecia com Franklin, revelação que naqueles tempos pré-freudianos não foi vista como um reflexo do gosto edipiano de Sally. “Eu deveria estar feliz por ser como ele em qualquer aspecto”, disse Bache, entusiasmado.

Na verdade, o velho encantador surpreendeu toda a família Bache, especialmente sua mãe, Mary Bache, uma viúva “imponente” e “séria” de 68 anos, que havia dado à luz vinte filhos. Durante a visita, ela ficou até meia-noite conversando com Franklin. Algumas semanas mais tarde, ele enviou-lhe um bilhete de agradecimento com algumas ostras e (vaidade não totalmente superada) um retrato de si mesmo. A sra. Bache levava-o para lá para cá, entre a sala de estar e a sala de jantar, para poder vê-lo durante todo o tempo. “É tão

parecido com o original que o senhor não pode imaginar com que prazer olhamos para ele, pois podemos perceber nele a semelhança de meu filho.”¹⁰

Bache voltou para Londres com Franklin, ficou com ele por um tempo na Craven Street e esforçou-se para lhe agradar. “Seu comportamento aqui tem sido agradável para mim”, Franklin contou a Deborah. Mas seu afeto não chegou a ponto de oferecer a Bache a ajuda que buscava para obter uma nomeação para o cargo público de inspetor da alfândega. “Sou da opinião de que quase qualquer profissão em que um homem foi formado é preferível a um cargo [...] sujeito aos caprichos de superiores.” Em vez disso, aconselhou Bache a voltar para casa, tornar-se um comerciante “vendendo apenas por dinheiro vivo” e “estar sempre perto” da esposa. Esse conselho, devemos lembrar, vinha de um homem que viveu a um oceano de distância de sua esposa por quase quinze anos e se agarrara à nomeação de agente postal real.

Quanto a Sally, aconselhava que ela aprendesse contabilidade (sempre um tema) e ajudasse o marido. “Para manter um negócio, se for onde você mora, você pode ser útil para ele como sua mãe foi para mim; pois não é deficiente nessa capacidade, e espero que não seja orgulhosa demais.” O casal Bache, sempre obediente, acabaria por morar na casa de Deborah, abriria uma loja em um dos prédios de Franklin na Market Street e anunciaria para venda “somente a dinheiro” uma variedade de sedas e tecidos. Quando essa loja se mostrou, como Bache reclamou a Franklin, uma “empresa lamentável”, ele a converteu em um “negócio de vinhos e mercearia”, que também não foi adiante. Não era o status ou a situação que uma mulher da educação de Sally e a ambição de Bache achavam que estava à altura deles, mas obedeceram ao conselho de Franklin de não serem muito orgulhosos.¹¹

Deborah escrevia para Franklin com tanta frequência sobre seu neto Benny que se pode detectar uma nota de cautela insinuando-se em suas respostas: “Percebo que você está completamente apaixonada por ele, e sua felicidade absorvida na dele”. E a elogiava por não se intrometer numa discussão quando Sally estava tentando disciplinar Benny: “Eu temia, devido à sua predileção pelo menino, que ele seria muito genioso, e talvez mimado demais”.

Entretanto, ele pensava diferente no que dizia respeito a mimar William Hewson, o filho de Polly Stevenson que havia nascido naquela primavera. “Por favor, deixe-o ter tudo o que gosta”, havia escrito a Polly. “Isso dá [às crianças] um ar agradável e [...] o rosto fica sempre mais formoso por isso.” Na mesma carta, respondia bem-disposto à notícia provocadora de Polly de que sua mãe tinha um novo amigo: “Estou acostumado com rivais, e raramente tive uma amiga ou amante em toda a minha vida de que outras pessoas não gostassem tanto quanto eu”.

Nos dois anos seguintes, Billy Hewson tornou-se o neto substituto de Franklin. Respondendo a outra carta de sua esposa que descrevia o próprio neto,

ele escreveu:

Em troca de sua história sobre seu *neto*, devo contar-lhe um pouco da história do meu *afilhado*. Ele está agora com 21 meses, muito forte e saudável, começa a falar um pouco e até mesmo a cantar. Esteve conosco alguns dias da semana passada, passou a se afeioar a mim e não se contentava em sentar-se para o desjejum sem vir chamar Pá.

Porém, dignou-se a acrescentar que observar Billy “dá-me vontade de estar em casa para brincar com Ben”.¹²

MAIS CIÊNCIA E INVENÇÃO

Quando derramou a colher de chá de óleo na lagoa em Clapham e notou que ele se espalhou por meio acre, Franklin chegou perto de uma descoberta que só seria concretizada um século depois: a determinação do tamanho de uma molécula. Se tivesse tomado o volume da colher de chá de óleo (dois centímetros cúbicos) e dividido pela área de meio acre que ela cobriu (2 mil metros quadrados), ele teria chegado a um valor aproximado (10^{-7} centímetros) para a espessura de uma molécula de óleo. Como Charles Tanford observou em seu maravilhoso livro *Ben Franklin Stilled the Waves* [Ben Franklin acalmou as ondas], “Franklin havia, na verdade, determinado corretamente a escala de magnitude das dimensões moleculares, a primeira pessoa a fazê-lo, mas ele não reconheceu isso”.

Franklin sempre foi melhor em aplicações práticas do que em análise teórica. Em vez de especular sobre o tamanho das moléculas, ele procurou usos para suas experiências com óleo e água. Seria possível salvar navios de ondas perigosas jogando óleo no oceano? Com três amigos da Academia Real, ele foi a Portsmouth realizar o experimento. “A experiência não teve o sucesso que desejávamos”, relatou depois. As ondas de superfície foram suavizadas, mas não a força das ondas subjacentes (outra metáfora, talvez). No entanto, seu relatório sobre a experiência fracassada foi considerado útil o suficiente para ser publicado nas *Philosophical Transactions* da Sociedade Real.¹³

Durante o tempo que passou na Inglaterra, sempre que podia escapar às exigências da política, ele dava continuidade às suas pesquisas científicas. Depois que ligou alguns para-raios na catedral de St. Paul, os guardiões das munições

reais pediram-lhe que propusesse maneiras de também proteger suas instalações de raios. Isso envolveu Franklin novamente numa discussão sobre se os para-raios deviam ter pontas arredondadas ou pontiagudas; ele defendia as pontiagudas, mas (talvez por razões políticas) o rei George alterou-as para arredondadas após a Revolução Americana. Ele também criou um sistema de canos de água quente para manter aquecida a Câmara dos Comuns.

As incursões nos campos da ciência e das invenções que fez nessa época em Londres eram muito variadas:

- *A causa dos resfriados:*
Embora germes e vírus ainda não tivessem sido descobertos, Franklin foi um dos primeiros a argumentar que gripes e resfriados “podem possivelmente ser transmitidos por contágio”, e não pelo ar frio. “Viajando em nossos invernos

rigorosos, muitas vezes tenho sofrido com o frio, às vezes ao extremo do quase congelamento, mas isso não me fez pegar resfriados”, ele escreveu ao médico da Filadélfia Benjamin Rush em 1773. “Com frequência, as pessoas pegam resfriado umas das outras quando fechadas juntas em quartos pequenos, carruagens etc., e ao sentar-se perto e

conversar de forma a respirar a transpiração umas das outras.” A melhor defesa era o ar fresco. Ao longo de sua vida, Franklin sempre gostou de boa ventilação e janelas abertas, mesmo durante o inverno.¹⁴

- *O estudo dos exercícios:* Para Franklin, uma maneira de prevenir resfriados era fazer exercícios com regularidade. A melhor

maneira de medir o exercício, argumentava, não era por sua duração, mas “pelo grau de calor que produz no corpo”. Trata-se de uma das primeiras teorias que ligam exercício a calorias de calor. Por exemplo, explicou ele, caminhar 1,5 quilômetro subindo e descendo escadas produzia cinco vezes mais calor corporal do que

caminhar 1,5 quilômetro em uma superfície plana. Ao levantar pesos, Franklin calculou que isso aumentava seu pulso de sessenta para cem batimentos por minuto. Mais uma vez, calculou corretamente que o calor corporal “aumenta geralmente com a rapidez do pulso”.¹⁵

- *Intoxicação por chumbo:*
Por trabalhar com

impressão, Franklin notara que a manipulação de tipos de chumbo quente causava muitas vezes rigidez ou paralisia. Ele também notou que as pessoas em certos ofícios eram propensas a uma doença grave chamada de “dor de barriga seca”. Um amigo acrescentou uma pista ao observar que as pessoas que bebiam rum de alambiques que usavam

bobinas de metal também pegavam essa doença. Atuando como um epidemiologista, Franklin tornou-se um dos primeiros a descobrir a causa dessa moléstia. “Ela afeta os comerciantes que utilizam chumbo, por mais diferentes que sejam suas atividades, como esmaltadores, fundidores de tipos, encanadores, oleiros,

fabricantes de branco de chumbo e pintores.” Ele sugeria, entre outras coisas, que as serpentinas dos alambiques fossem feitas de estanho puro, em vez de peltre, uma liga que inclui chumbo.¹⁶

- *Navios em canais:* Ao visitar a Holanda, Franklin e seu amigo Sir John Pringle, presidente da Sociedade Real, foram informados de

que os navios que passam por canais rasos navegavam com mais lentidão do que por canais mais profundos. Franklin supôs que isso se devia ao fato de que, cada vez que avançava uma distância equivalente ao seu comprimento, um barco deslocava uma quantidade de água igual ao espaço que o casco ocupava sob a água. Essa água tinha então de

passar ao lado ou debaixo do barco. Se a passagem por baixo fosse constrangida por ser pouco profunda, mais água teria de passar pelos costados do barco, diminuindo assim sua velocidade. Tratava-se de uma teoria científica com enorme importância prática. Então, Franklin reagiu em conformidade. “Resolvi montar uma experiência”,

escreveu para Pringle. Ele construiu uma calha de madeira de 4,2 metros com 15,24 centímetros de largura e de profundidade, e nela pôs um pequeno barco que era puxado por um fio de seda. O fio foi posto em uma roldana e era puxado pelo peso de uma moeda. Ele cronometrou várias vezes a velocidade com que o barco de brinquedo se movia

quando a água estava a várias profundidades. Os resultados mostraram que era preciso 20% a mais de força ou tempo para mover um barco através de um canal raso do que em um profundo.¹⁷

- *A salinidade dos oceanos:*
Na época, prevalecia a opinião de que os oceanos eram salgados porque, embora inicialmente cheios

de água doce, eles acumularam ao longo das eras os sais e minerais que neles eram despejados por rios. Franklin conjecturou, em carta a seu irmão Peter, que havia igualmente indícios para outra hipótese: “Toda a água deste planeta era originalmente sal, e a água doce que encontramos em nascentes e rios é produto de destilação”.

Franklin estava errado neste caso. Os oceanos, ao longo dos séculos, ficaram mais salgados.¹⁸

- *A harmônica de vidro*: Entre suas invenções mais divertidas estava um instrumento musical que ele chamou de *harmônica*. Baseava-se na prática comum de convidados de jantar entediados e de alguns músicos de produzir som

movendo um dedo molhado em torno da borda de um copo. Franklin assistiu a um concerto de música na Inglaterra executado em copos de vinho e, em 1761, aperfeiçoou a ideia ligando 37 taças de vidro de diferentes tamanhos a um eixo. Ele adaptou um pedal e um volante para girar a engenhoca, o que lhe permitia produzir vários tons

pressionando as peças de vidro com os dedos molhados. Em carta a um eletricista italiano, Franklin descreveu o novo instrumento nos mínimos detalhes. “É um instrumento que parece que se presta à música italiana, especialmente a do tipo suave e melancólico.” A harmônica de vidro de Franklin esteve em voga por

um tempo. Maria Antonieta teve aulas do instrumento, Mozart e Beethoven escreveram peças para ela, e seu som obsessivo tornou-se popular em casamentos. Mas tendia a causar melancolia, talvez devido ao envenenamento por chumbo, e acabou saindo de moda.19

FILOSOFIA SOCIAL

Ao longo dos anos, Franklin desenvolveu uma visão social que, na sua mistura de ideias liberais, populistas e conservadoras, se tornaria um arquétipo da filosofia do americano de classe média. Ele exaltava o esforço e a diligência, o empreendimento individual, a frugalidade e a autoconfiança. Por outro lado,

também defendia a cooperação cívica, a compaixão social e os projetos voluntários de melhoria da comunidade. Desconfiava tanto da elite quanto da plebe, temia ceder o poder para um establishment bem-nascido ou para uma multidão incontrolável. Com seus valores de comerciante de classe média, temia a luta de classes. Entranhados em seus ossos estavam a crença na mobilidade social e os valores da iniciativa de subir por meio de esforço próprio.

Seu conservadorismo inato em relação à intervenção do governo e à assistência social estava evidente na série de perguntas que fizera a Peter Collinson em 1753 (ver pp. 153-4). Naquela ocasião, perguntara se as leis “que obrigam os ricos a manter os pobres não têm causado nos últimos dependência” e “fornecem incentivos para a preguiça”.²⁰

Para Collinson esses temas foram apresentados como perguntas. Mas em seus ensaios do final da década de 1760 e início da seguinte, Franklin afirmou seu conservadorismo com mais força. O mais notável foi um artigo anônimo intitulado “Sobre os pobres trabalhadores”, que assinou com o pseudônimo “Medius” [Médio] e publicou na *The Gentleman Magazine* em 1768. Nesse ensaio, criticava os escritores que agitavam a população afirmando que os pobres eram oprimidos pelos ricos. “Você admitiria uma ou duas palavras sobre o outro lado da questão?”, perguntava Franklin. A situação dos pobres na Inglaterra era a melhor da Europa, segundo ele. Por quê? Porque, na Inglaterra, havia legislação para ajudar a apoiar os pobres. “Essa lei não foi feita pelos pobres. Os legisladores eram homens de fortuna [...]. Eles submeteram voluntariamente suas propriedades, e os bens dos outros, ao pagamento de uma taxa para a manutenção dos pobres.”

Essas leis eram compassivas. Mas Franklin advertia que elas poderiam ter consequências inesperadas e promover a preguiça: “Receio que dar à humanidade a dependência de qualquer coisa em apoio na idade ou na doença, além de diligência e frugalidade durante a juventude e a saúde, tende a favorecer nossa indolência natural, a incentivar a ociosidade e a prodigalidade e, assim, promover e aumentar a pobreza, o próprio mal que se pretendia curar”.

Franklin não só alertava contra a dependência da assistência social como dava a sua versão da teoria econômica do *trickle-down*. Quanto mais dinheiro os ricos e toda a sociedade ganhassem, mais dinheiro pingaria para os pobres. “Os ricos não trabalham uns para os outros [...]. Tudo o que eles ou suas famílias usam e consomem é produto do trabalho dos pobres.” Os ricos gastam seu dinheiro de um modo que enriquece os pobres trabalhadores: vestuário, móveis e habitações. “Nossos trabalhadores pobres recebem anualmente todas as receitas líquidas da nação.” Ele também denunciava a ideia de impor um salário mínimo mais alto: “Pode-se fazer uma lei para aumentar os salários, mas, se nossas manufaturas forem muito caras, talvez não vendam no exterior”.²¹

Seu conservadorismo econômico era equilibrado, no entanto, por sua

crença moral fundamental de que as ações devem ser julgadas pelo quanto beneficiam o bem comum. As políticas que incentivavam o esforço no trabalho eram boas, mas não porque levavam a grandes acumulações de riqueza privada; eram boas porque aumentavam o bem-estar total de uma comunidade e a dignidade de cada indivíduo esperançoso. As pessoas que adquiriam mais riqueza do que precisavam tinham o dever de ajudar e criar instituições civis que promovessem o sucesso dos outros. “Seu ideal era de uma classe média próspera cujos membros levassem uma vida simples de igualdade democrática”, define James Campbell. “Aqueles que obtinham o maior sucesso econômico na vida eram responsáveis por ajudar aqueles com genuínas necessidades; mas aqueles que por falta de virtude não conseguiam puxar o próprio peso não deveriam esperar nenhuma ajuda da sociedade.”²²

A essa mistura filosófica Franklin acrescentou uma defesa cada vez mais fervorosa dos valores liberais tradicionais ingleses dos direitos e liberdades individuais. Porém, ainda não havia completado sua evolução a respeito da grande questão moral da escravidão. Na função de agente de algumas das colônias, inclusive da Geórgia, ele se via na posição embaraçosa de defendê-las de forma pouco convincente contra os ataques britânicos de que a escravidão tornava ridículas as exigências de liberdade dos colonos.

Em 1770, Franklin publicou anonimamente uma “Conversa sobre a escravidão” na qual o participante americano tenta defender-se contra as acusações de hipocrisia. Somente “uma família em cem” nas colônias americanas tem escravos, e das que têm, “muitas tratam seus escravos com grande humanidade”. Ele também argumentava que a situação dos “trabalhadores pobres” na Inglaterra “se parece um pouco com a escravidão”. A certa altura, o argumento do orador escorrega para o racismo: “Talvez você imagine que os negros sejam pessoas de temperamento meigo e tratável. Com efeito, alguns são realmente assim. Mas a maioria tem uma disposição conspiradora, perversa, soturna, maligna, vingativa e cruel no mais alto grau”.²³

Em seu desejo de defender a América a todo custo, Franklin produziu uma das piores argumentações que já escrevera. Até mesmo os fatos estavam errados. A proporção de famílias donas de escravos nas colônias americanas não era uma em cem, mas perto de uma em cada nove (47 664 famílias, de um total de 410 636 famílias americanas, possuíam escravos em 1790). Para tornar seu argumento ainda mais fraco moral e factualmente, havia o fato de que, no mesmo momento em que tentava argumentar que possuir escravos era uma aberração, a família de Franklin estava entre aquelas que ainda mantinham escravos. Embora os dois escravos que o acompanharam em sua primeira viagem à Inglaterra não estivessem mais com ele, um ou dois continuavam a fazer parte da família de Deborah na Filadélfia.²⁴

Suas concepções, no entanto, estavam em evolução. Dois anos depois de

ter escrito essa “Conversa”, Franklin começou a se corresponder com Anthony Benezet, um fervoroso abolicionista da Filadélfia. Ele usou alguns dos argumentos de Benezet em um artigo que escreveu em 1772 para o *Chronicle* de Londres no qual denunciava, usando uma linguagem mais forte do que nunca, a “carnificina constante da espécie humana por esse tráfico pestilento e detestável de corpos e almas de homens”. Ele até se aproximava mais do argumento de Benezet de que a escravidão em si — não apenas a importação de novos escravos — tinha de ser abolida. “Estou contente de saber que a disposição contra manter negros se torna mais geral na América do Norte”, escreveu a Benezet. “Espero que com o tempo ela seja levada em consideração e suprimida pelo Legislativo.”

Nessa mesma linha, Franklin escreveu ao seu amigo Benjamin Rush, médico na Filadélfia: “Espero com o tempo que os amigos da liberdade e da humanidade aqui façam o melhor de uma prática que há tanto tempo desgraça nossa nação e religião”. Contudo, é importante notar que, tanto para Benezet como para Rush, Franklin incluiu a mesma locução qualificadora: “com o tempo”. Para ele, o apoio à abolição completa da posse de escravos (e não apenas ao fim da importação de escravos) viria apenas com o tempo, somente depois da Revolução.²⁵

A DERROTA DE HILLSBOROUGH

A cordialidade atenciosa de lorde Hillsborough na Irlanda, que deixou Franklin tão perplexo, logo se dissipou. “Algum tempo depois que retornei a Londres, fui visitá-lo para agradecer-lhe por suas cortesias na Irlanda”, Franklin escreveu ao filho. O porteiro informou que o ministro “não estava em casa”. Franklin deixou seu cartão e voltou outro dia para ouvir a mesma resposta, embora soubesse que Hillsborough estava recebendo convidados naquele dia. Ele tentou na semana seguinte, e uma semana depois, sem sucesso.

A última vez foi em um dia de recepção matinal, quando havia várias carruagens à sua porta. Meu cocheiro aproximou-se, desceu e estava abrindo a porta do coche quando o porteiro, ao me ver, saiu e admoestou grosseiramente o cocheiro por abrir a porta antes de perguntar se sua senhoria estava em casa; então, virando-se para mim, disse: “Meu senhor não está em casa”. Depois disso, nunca mais estive perto dele, e somente nos insultamos à distância.

Hillsborough “jogou-me fora como uma laranja que não produz suco e, portanto, não vale mais a pena espremer”, queixou-se Franklin. Mais uma vez, ele pensou em retornar para a Filadélfia. “Estou com saudades”, escreveu a William. Mas ainda havia um fator que o impedia de deixar a Inglaterra. Contra todas as probabilidades, mantinha esperanças de que poderia obter para si mesmo (e para seus amigos, familiares e parceiros) uma doação de terras ao longo do rio Ohio.²⁶

Com essa finalidade, envolveu-se em várias parcerias, entre elas com a Companhia de Illinois e, depois, com a Companhia de Indiana, que não conseguiram obter apoio em Londres. No verão de 1769, Franklin ajudou a organizar um consórcio tão poderoso que estava convencido de que conseguiria passar a perna em Hillsborough. A Grande Companhia Ohio, como se chamava, tinha entre seus sócios alguns dos nomes mais ricos e mais proeminentes de Londres, com destaque para Thomas e Richard Walpole. Por um tempo, parecia que o grupo, conhecido como a Companhia Walpole, estava destinado ao sucesso. Porém, no verão de 1770, Hillsborough conseguiu que o projeto fosse adiado para mais estudos.

O grupo de Walpole, no entanto, conseguiu manter suas perspectivas vivas ao distribuir ações de propriedade para vários ministros importantes, entre eles ao presidente da Câmara dos Lordes e ao presidente do Conselho Privado. Na primavera de 1772, Hillsborough já não conseguia mais adiar a matéria. Até mesmo o rei deixou Hillsborough saber que esperava que a questão fosse examinada. Em abril, a Câmara de Comércio enviou o pedido de terras ao Conselho Privado com a recomendação de que fosse negado. Mas o Conselho Privado, dois meses depois, realizou sua própria audiência, à qual compareceram Franklin, Walpole e muitos de seus influentes acionistas. Hillsborough ameaçou demitir-se se a concessão fosse aprovada, uma possibilidade que provavelmente prejudicou sua posição, pois muitos membros do conselho estavam ansiosos, nas palavras de Franklin, “para mortificá-lo”. E eles o fizeram. A concessão foi aprovada e Hillsborough renunciou.

Franklin e seus amigos jamais receberiam essa concessão de terras: as crescentes tensões entre a Grã-Bretanha e as colônias intervieram no processo. “O negócio da concessão continua, mas lentamente”, ele escreveu a um amigo no ano seguinte.

Começo a pensar um pouco como os marinheiros que estão levando um cabo de uma loja para um navio, e um deles diz: “É um cabo longo e pesado. Eu gostaria que pudéssemos ver o fim dele”. O outro responde: “Diabos me levem se acredito que ele tem um fim; alguém o cortou fora”.

Ainda assim, Franklin conseguira derrubar seu inimigo. “Finalmente nos livramos de lorde Hillsborough”, exultou em carta a William. Hillsborough, por sua vez, chamou Franklin de “um dos homens mais nocivos da Inglaterra”. Contudo, daquela forma estranha que tinham de disfarçar a inimizade em ataques ocasionais de cordialidade fingida, os dois fizeram as pazes quando se encontraram por acaso em Oxford, no verão seguinte. Hillsborough fez questão de se curvar e cumprimentar Franklin. “Em retribuição a essa extravagância”, Franklin relatou para William,

elogiei-o pelo desempenho de seu filho no teatro, embora isso fosse de fato indiferente; assim resolveu-se aquela questão. Pois como dizem as pessoas quando estão com raiva: “Se ele me atacar, eu o atacarei também”; às vezes, acho que se pode dizer: “Se ele me lisonjear, eu o lisonjeari também”.²⁷

AS CARTAS DE HUTCHINSON

“Recentemente caiu em minhas mãos parte de uma correspondência que tenho motivos para acreditar que está na base da maioria, se não de todas, das nossas queixas atuais.” Com essas palavras fatídicas, escritas em dezembro de 1772 ao seu aliado de Massachusetts Thomas Cushing, Franklin provocou uma tempestade que levaria à sua ruptura final com a Inglaterra. Junto estava um lote de cartas, seis delas escritas pelo governador de Massachusetts, Thomas Hutchinson, um comerciante de Boston de uma antiga família puritana, que fora amigo de Franklin quando montaram o Plano Albany para a união colonial, em 1754. As cartas foram sub-repticiamente dadas a Franklin por um membro não identificado do Parlamento, e ele as encaminhou para Cushing com a restrição de que não poderiam ser divulgadas.

As cartas de Hutchinson estavam cheias de conselhos sobre como subjugar a agitação colonial. “Deve haver uma restrição ao que chamam de liberdades inglesas”, ele recomendava. Ao serem publicadas em Boston (John e Samuel Adams, com a aquiescência de Thomas Cushing, providenciaram sua divulgação, apesar do pedido de Franklin), elas alimentaram a fúria crescente dos patriotas radicais da cidade.

Era o oposto do que Franklin pretendia. Seu objetivo era acalmar os sentimentos rebeldes mostrando privadamente a Cushing e alguns outros líderes que as políticas equivocadas da Inglaterra haviam sido causadas mais por maus

conselhos de pessoas como Hutchinson do que por ódio irracional da América. Ele acreditava que as cartas poderiam até promover uma “tendência [...] para uma reconciliação”, que era o que, mais tarde alegou, “eu sinceramente desejava”.²⁸

De fato, a maioria das missivas de Franklin do início de 1773 tinha por objetivo diminuir as tensões. “Espero que tomem muito cuidado para manter nosso povo tranquilo”, escreveu a Cushing em março, “uma vez que nada é mais desejado pelos nossos inimigos do que insurreições que dariam um bom pretexto para aumentar o exército entre nós e nos pôr sob restrições mais severas.” Quando a Assembleia de Massachusetts aprovou uma resolução declarando que não era subserviente ao Parlamento, Franklin instou os ingleses a se absterem de reagir com exagero. “Em minha opinião, seria melhor e mais prudente não tomar conhecimento disso”, escreveu ao secretário colonial lorde Dartmouth, que substituíra Hillsborough. “São apenas palavras.”²⁹

Para defender seu ponto de vista sem provocar mais animosidade, Franklin voltou ao seu amor juvenil pela sátira em dois artigos anônimos de propaganda que escreveu para os jornais ingleses, em setembro de 1773. O primeiro intitulava-se “Regras pelas quais um grande império pode ser reduzido a um pequeno”. Observando que “um sábio antigo” (o almirante e governante grego Temístocles) se gabara um dia de que sabia como transformar uma cidade pequena em grande, o artigo listava vinte maneiras de fazer o inverso com um império. Entre elas:

Em primeiro lugar, meus senhores, deveis considerar que um grande império, como um grande bolo, é diminuído com mais facilidade nas bordas.

Tomai especial cuidado para que as províncias jamais sejam incorporadas à pátria-mãe, que não gozem dos mesmos direitos comuns, os mesmos privilégios no comércio, e que sejam regidas por leis mais severas, todas de vossa promulgação, sem lhes permitir nenhuma participação na escolha dos legisladores.

Por mais que vossas colônias tenham se submetido pacificamente ao vosso governo, mostrado afeição por vosso interesse e pacientemente suportado vossas queixas, deveis supô-las sempre inclinadas à revolta, e tratá-las conformemente. Aquartelai tropas entre aquelas que por sua insolência possam provocar o surgimento de turbas [...]. Tal como o marido que trata mal sua esposa por suspeitar dela, vós podeis, com o tempo, converter vossas suspeitas em realidades.

Sempre que os ofendidos vierem à capital com queixas [...] puni tais litigantes com longo atraso, despesa enorme e um julgamento final em favor do opressor.

Resolvi atormentá-los com novos impostos. Eles provavelmente irão reclamar aos vossos Parlamentos que são tributados por um órgão no qual não têm nenhum representante, e que isso é contrário ao direito comum [...]. Deixai que os Parlamentos desprezem suas reivindicações [...] e tratai os peticionários com o máximo desprezo.

A lista, que refletia as indignidades perpetradas contra as colônias americanas, continuava detalhadamente: enviai-lhes “esbanjadores” e “advogados chicaneiros” para governá-los, “desconcertai seu comércio com infinitos regulamentos”, nomeai coletores de impostos “insolentes”, e guarnecei vossos soldados em suas casas, e não na fronteira, onde eles podem ser úteis. Se seguirdes essas regras para diminuir suas colônias, o ensaio concluía, “livrar-vos-eis do problema de governá-las”. O artigo trazia a assinatura “QED”, as iniciais da expressão latina *quod erat demonstrandum* (como queríamos demonstrar), usada no final de um argumento filosófico para dizer que a proposição foi provada.³⁰

Duas semanas depois, Franklin publicou uma paródia ainda mais ampla do tratamento dispensado pela Grã-Bretanha à América, “Um édito do rei da Prússia”. A farsa mal disfarçada pretendia ser uma declaração emitida pelo rei Frederico II. Uma vez que haviam criado os primeiros assentamentos na Inglaterra e a protegido na guerra contra a França, os alemães decidiram “que se deveria levantar uma receita nas ditas colônias na Grã-Bretanha”. Assim, a Prússia estava aplicando uma taxa de 4,5% sobre todas as importações e exportações inglesas e proibindo a criação de quaisquer novas fábricas na Inglaterra. O édito acrescentava que as prisões alemãs “devem ser esvaziadas” dos criminosos, que serão enviados para a Inglaterra “para o melhor povoamento do país”. Para que ninguém fosse tão obtuso a ponto de não entender a argumentação, o artigo concluía observando que todas essas medidas deveriam ser consideradas “justas e razoáveis” na Inglaterra, porque foram “copiadas” das regras impostas pelo Parlamento britânico às colônias americanas.³¹

Quando esse “Édito” foi publicado, Franklin tinha o prazer de ser hóspede da propriedade rural de lorde Le Despencer, que, como diretor-geral dos correios da Grã-Bretanha, era o chefe de Franklin e tornara-se seu amigo. Le Despencer era, nas palavras de Van Doren, um “velho pecador experiente” que havia restaurado uma antiga abadia onde reunia amigos dissolutos para, dizia-se,

realizar ritos blasfemos e orgias ocasionais. Franklin fez amizade com ele em 1772, quando Le Despencer se tornara um pouco mais respeitável, e o ajudou a compilar uma versão simplificada e deísta do Livro de Oração Comum. (Em seu fervor reformista, Franklin também escrevera recentemente uma versão “mais concisa” da Oração ao Senhor.)

Franklin estava conversando na sala de desjejum com Le Despencer e outros quando um convidado “veio correndo até nós sem fôlego” com os jornais da manhã e exclamou: “Aqui está o rei da Prússia reivindicando direito a este reino!”. Franklin fingiu inocência enquanto o artigo era lido em voz alta.

“Maldito seja seu atrevimento”, proclamou um dos presentes. Mas, quando a leitura se aproximava do fim, outro hóspede começou a pressentir a farsa. “Quero ser enforcado se isso não é uma de suas piadas americanas sobre nós”, disse a Franklin. Segundo Franklin, a leitura “terminou com abundância de riso e um veredicto geral de que era um golpe justo”.

Franklin descreveu orgulhosamente as paródias em carta para William. Ele preferia aquela sobre as “Regras”, graças à “quantidade e variedade da matéria contida e uma espécie de final vigoroso de cada parágrafo”, mas outros preferiam o “Édito”. Ele se vangloriou: “Não suspeitam que eu seja o autor, exceto um ou dois amigos, e ouvi falar do último [‘Édito’] nos termos mais elevados, como o artigo mais agudo e severo publicado aqui há muito tempo”.

Sua carta para William, no entanto, não era totalmente jovial. Lenta, mas inevitavelmente, um abismo se alargava entre o agente americano cada vez mais radical e o governador real com amigos e aspirações de classe alta. “O Parlamento não tem o direito de fazer nenhuma lei obrigatória para as colônias”, Franklin argumentava na carta. “Eu sei que seus sentimentos diferem dos meus nestes assuntos. Você é um completo homem do governo.”³²

NARINHA

“Quero muito saber como aquele chá será recebido”, Franklin escreveu preocupado a um amigo no final de 1773. O Parlamento havia aumentado a indignidade de sua tarifa sobre o chá aprovando novos regulamentos que davam à corrupta Companhia das Índias Orientais um virtual monopólio sobre esse comércio. Franklin pediu calma, ao contrário dos radicais de Boston, liderados por Sam Adams e os Filhos da Liberdade. Em 16 de dezembro de 1773, após um comício na igreja Old South, cerca de cinquenta patriotas disfarçados de índios mohawks desceram para o cais e despejaram no mar 342 caixas de chá, no valor de 10 mil libras esterlinas.**

Franklin ficou chocado com “o ato de injustiça violenta de nossa parte”.

Sua simpatia pela causa colonial não era suficiente para superar seu conservadorismo básico em relação ao domínio da rale. Os acionistas da Companhia das Índias Orientais “não são nossos adversários”, declarou ele. Era errado “destruir a propriedade privada”.³³

Enquanto Boston fazia sua festa do chá, a Inglaterra agitava-se com recriminações pela divulgação das cartas furtadas de Hutchinson. Franklin expressara surpresa porque “meu nome não foi ouvido” em conexão com o caso e acrescentou seu “desejo de que possa continuar desconhecido”. Porém, em dezembro, dois homens envolveram-se em um duelo inconclusivo no Hyde Park depois que um acusou o outro de vazar as cartas. Quando uma revanche parecia iminente, Franklin sentiu que deveria se manifestar. “Eu sozinho sou a pessoa que obteve e transmitiu para Boston as cartas em questão”, escreveu numa carta ao *Chronicle* de Londres no dia de Natal. Mas não pediu desculpas. Não se tratava de “cartas privadas entre amigos”, afirmou ele, e sim “escritas por funcionários públicos para pessoas em cargos públicos”. Elas destinavam-se a “inflamar a pátria-mãe contra suas colônias”.³⁴

O papel de Franklin na divulgação das cópias furtadas deu munição para aqueles que o viam como um agitador. No início de janeiro, ele foi intimado a comparecer perante o Conselho Privado em uma sala famosa conhecida como *Cockpit* [Rinha], porque ali se realizavam rinhas de galo no tempo de Henrique VIII. O motivo aparente era ouvir depoimentos sobre uma petição da Assembleia de Massachusetts para remover Hutchinson do posto de governador. O questionamento, no entanto, logo se voltou para as cartas de Hutchinson, que haviam sido apresentadas como provas por Franklin, pois se desejava saber se eram privadas e como haviam sido obtidas.

Franklin ficou surpreso ao encontrar na audiência o procurador-geral Alexander Wedderburn, um promotor desagradável e ambicioso que votara contra a revogação da Lei do Selo e possuía (nas palavras do primeiro-ministro, lorde North) “uma consciência contemporizadora”. Era óbvio que a questão política da petição contra Hutchinson estava sendo transformada em uma ação legal contra Franklin por divulgar as cartas. O governo, enfatizou Wedderburn, tinha “o direito de indagar como elas foram obtidas”.

“Eu pensei que se tratava de uma questão de política e não de direito”, Franklin disse à comissão, “e não trouxe advogado.”

“O dr. Franklin pode ter a assistência de um advogado, ou seguir em frente sem ele, como quiser”, disse um dos lordes do conselho.

“Quero um advogado”, Franklin respondeu. Perguntaram-lhe de quanto tempo precisava para preparar sua defesa: “Três semanas”.

Não foram três semanas divertidas para Franklin. As notícias da Festa do Chá de Boston chegaram à Inglaterra, prejudicando ainda mais a simpatia pela causa americana. Ele foi chamado de “incendiário” e, como disse, “os jornais

estavam cheios de invectivas contra mim”. Havia até sugestões de que ele poderia ser preso. Seus companheiros acionistas do grupo de Walpole expressaram temor de que sua participação prejudicasse o pedido de concessão de terras, então ele lhes escreveu que “portanto, desejo que vocês risquem o meu nome da lista de seus associados”. (Deve-se ressaltar que a carta foi habilmente formulada, de modo que ele não havia, de fato, renunciado; Franklin continuou a ser um acionista secreto, sem direito a voto.)³⁵

Quando o Conselho Privado voltou a se reunir no *Cockpit*, em 29 de janeiro de 1774, o confronto fez o uso original da sala parecer inofensivo. “Todos os cortesãos foram convidados, como se fosse um entretenimento”, observou Franklin. A plateia apinhada de conselheiros e espectadores ia do arcebispo de Cantuária ao sedento de vingança lorde Hillsborough, com uns poucos amigos de Franklin, entre eles Edmund Burke, lorde Le Despencer e Joseph Priestley, presentes para dar-lhe apoio moral. Franklin disse mais tarde que era como uma “luta com touros”.

Wedderburn, homem de língua afiada, foi ao mesmo tempo inteligente e brutal em seu discurso de uma hora de duração. Ele chamou Franklin de o “principal condutor” — numa alusão à sua fama elétrica — da agitação contra o governo britânico. Em vez de se concentrar no mérito da petição de Massachusetts, ele se deteve nas cartas furtadas. “A correspondência privada foi até hoje considerada sagrada”, vociferou. “Ele perdeu todo o respeito da sociedade e dos homens.” Com graça vigorosa, acrescentou: “A partir de agora, ele considerará calúnia ser chamado de homem de letras”.*** Além da graça, houve ampla invectiva. Burke chamou o ataque de Wedderburn de uma “filípica furiosa”, e outro espectador a considerou “uma torrente de ataques virulentos”.

Em meio à sua fúria, Wedderburn apresentou alguns argumentos válidos. Ao ridicularizar o argumento de Franklin de que o desejo de Hutchinson de manter as cartas em segredo era uma admissão de que tinha algo a esconder, o advogado observou corretamente que Franklin mantivera sua própria participação no caso em segredo por quase um ano. “Ele se manteve escondido até que quase ocasionou o assassinato” de um homem inocente, disse ele, em referência ao duelo em Hyde Park. Batendo na mesa do conselho até que (de acordo com Jeremy Bentham) ela “gemeu sob o ataque”, Wedderburn acusou Franklin de querer ser ele mesmo governador.

A plateia aplaudia e vaiava, mas Franklin não traía a menor emoção enquanto estava no canto da sala, com um terno simples confeccionado com veludo azul de Manchester. Edward Bancroft, um amigo de Franklin (que mais tarde o espiou em Paris), descreveu seu comportamento:

O doutor, vestido com um terno inteiro de veludo malhado de Manchester,

estava conspicuamente ereto, sem o menor movimento de qualquer parte de seu corpo. Os músculos do seu rosto foram previamente compostos para mostrar uma expressão plácida e tranquila de semblante, e ele não deixou que aparecesse a menor alteração nela.

No final de seu discurso, Wedderburn chamou Franklin como testemunha e declarou: “Estou pronto para examiná-lo”. Dizem os registros oficiais do processo: “O dr. Franklin, estando presente, permaneceu em silêncio, mas declarou por intermédio de seu advogado que não escolheu ser examinado”. O silêncio havia sido muitas vezes a sua melhor arma, fazendo-o parecer sábio, benigno ou sereno. Nessa ocasião, fê-lo parecer mais forte do que seus poderosos adversários, desdenhoso em vez de contrito, condescendente em vez de intimidado.³⁶

O Conselho Privado, como se esperava, rejeitou a petição de Massachusetts contra Hutchinson, chamando-a de “infundada, vexatória e escandalosa”. No dia seguinte, Franklin foi informado por carta de que seu velho amigo lorde Le Despencer “achou necessário” removê-lo de seu cargo de agente postal americano. Isso o enfureceu, pois ele se orgulhava de ter transformado o sistema colonial em eficiente e rentável. Escreveu então um bilhete conciso para William sugerindo que deixasse o cargo de governador e se tornasse fazendeiro. “É uma atividade mais honesta e mais respeitável, porque mais independente.” Para sua irmã Jane, foi mais meditativo: “Estou privado do meu cargo. Não deixe que isso a intranquilize. Você e eu quase terminamos a jornada da vida; estamos agora a pouca distância de casa, e temos o suficiente no bolso para pagar as carruagens”.³⁷

Temendo que pudesse ser preso ou ter seus documentos confiscados, Franklin desceu para o Tâmisia perto da Craven Street poucos dias depois da audiência no *Cockpit*. Carregando um baú com seus papéis, tomou um barco rio acima até a casa de um amigo em Chelsea, onde permaneceu por alguns dias. Quando o perigo passou, retornou para a Craven Street e voltou a receber visitas. “Não acho que tenha perdido um único amigo na ocasião”, observou ele. “Todos me visitaram várias vezes com garantias afetuosas de respeito inalterado.” A pedido deles, escreveu um relato muito longo e detalhado do caso Hutchinson, mas não o publicou, observando que “tais censuras eu geralmente superei em silêncio”.³⁸

Porém, sua torrente de publicações anônimas continuou. Entregando-se a um desejo atípico, mas, dadas as circunstâncias, compreensível de se gabar, escreveu um artigo semianônimo (assinado por *Homo Trium Literarum*, um “Homem de Letras”, o trocadilho insultuoso de Wedderburn), em que declarava que “os admiradores do dr. Franklin na Inglaterra estão muito chocados com o sr.

Wedderburn por tê-lo chamado de ladrão”. Ele observava que os franceses, no prefácio de seus artigos científicos recém-publicados naquele país, também o chamavam de ladrão: “Ele ensinou a roubar do Céu o fogo sagrado”. Numa descrição sem assinatura das audiências no *Cockpit*, publicada em um jornal de Boston, ele afirmava de si mesmo que “o doutor recebeu essas cartas de forma honrada, sua intenção ao enviá-las era virtuosa: diminuir a brecha entre a Grã-Bretanha e as colônias”.³⁹

Suas sátiras e seu sarcasmo tornaram-se cada vez mais cortantes. Em um ensaio, escrito depois que o general Gage foi enviado para substituir Hutchinson no governo de Massachusetts, ele sugeria que a Grã-Bretanha “introduzisse sem demora na América do Norte um governo absoluto e inteiramente militar”. Isso “intimidaria tanto os americanos” que eles se submeteriam, felizes, a todos os impostos. E acrescentava: “Quando os colonos forem esgotados de seu último xelim, eles deverão ser vendidos para quem fizer a melhor oferta”, como a Espanha ou a França. Em outro artigo, propunha uma política ao general Gage para garantir que não surgissem mais rebeldes na América: “Castrem-se todos os homens de lá”. Para completar, os “líderes”, como John Hancock e Sam Adams, “deveriam ser raspados bem curto”. Entre os benefícios secundários, acrescentava, isso seria útil para a ópera e reduziria o número de pessoas que emigram da Grã-Bretanha para a América.⁴⁰

Mais uma vez, surgia a pergunta: por que não retornar finalmente para casa? Sua esposa estava perto da morte, ele era um pária político. Mais uma vez, resolveu voltar. Assim que resolvesse as contas dos correios, disse a amigos; em maio, prometeu a Richard Bache. E, mais uma vez, acabou não retornando. Durante o resto de 1774, Franklin permaneceu na Inglaterra, com pouco para fazer, nenhum negócio oficial a tratar, nenhum ministro com que fazer lobby. Até mesmo o rei achou curioso.

“Onde está o dr. Franklin?”, Sua Majestade perguntou a lorde Dartmouth naquele verão.

“Creio, senhor, que está na cidade. Estava indo para a América, mas imagino que não foi.”

“Ouví dizer que estava indo para a Suíça”, disse o rei.

“Acho que houve uma notícia assim”, respondeu lorde Dartmouth.

Na verdade, ele permanecia perto da Craven Street, saía raramente, sobretudo para visitar os amigos próximos. Como ele escreveria para sua irmã em setembro: “Não vi nenhum ministro desde janeiro; tampouco tive a menor comunicação com eles”.⁴¹

O confronto iminente entre a Grã-Bretanha e as colônias americanas prenunciava inevitavelmente um choque pessoal entre Franklin e seu filho legalista. Atormentado com a primeira perspectiva, Franklin permaneceu insensível em relação à última.

Por outro lado, William sofria muito enquanto tentava equilibrar seus deveres de filho com os de governador de Nova Jersey. Em suas cartas ao pai depois do que ocorreu no *Cockpit*, ele esperava agradar-lhe com elogios, para tranquilizá-lo e convencê-lo a voltar para casa. “Sua popularidade neste país, qualquer que seja no outro lado, é muito maior do que jamais foi”, escreveu William em maio. “Pode ter certeza de que, quando voltar, será recebido com todos os sinais de respeito e afeição.” Ele deixava claro, no entanto, que não tinha intenção de renunciar ao posto de governador, apesar das ocasionais sugestões de seu pai nesse sentido.

Apanhado no meio desse choque estava o impressor William Strahan, um dos amigos mais próximos de Franklin na Inglaterra, que se tornara também confidente do Franklin mais moço. Ele instou William a não se deixar influir, manter-se fiel a suas posturas legalistas e informar aos ministros que não deixaria as opiniões de seu pai interferirem em sua lealdade ao governo que servia.

William seguiu o conselho. Pouco depois de escrever a carta atenciosa a seu pai, escreveu outra a lorde Dartmouth, o secretário colonial, em que prometia: “Sua Majestade pode ter certeza de que não deixarei de fazer tudo ao meu alcance para manter esta província tranquila”. E acrescentava enfaticamente: “Nenhuma ligação ou conexão jamais me fará desviar do dever de meu cargo”. Tradução: a lealdade a seu pai não o afastaria de sua lealdade à Grã-Bretanha. Lorde Dartmouth respondeu prontamente para tranquilizá-lo: “Eu seria injusto com meus próprios sentimentos em relação ao seu caráter e sua conduta se supusesse que o senhor poderia ser induzido por qualquer consideração a desviar-se da obediência que deve ao rei”.

William foi mais longe do que simplesmente fazer profissões de fidelidade. Ele iniciou o que chamou de uma correspondência “secreta e confidencial” com lorde Dartmouth que fornecia informações sobre os sentimentos americanos. Advertiu que em todas as colônias crescia o apoio para ajudar Massachusetts, em reação à decisão britânica de bloquear o porto de Boston. Uma reunião de delegados coloniais, que se tornaria conhecida como o Primeiro Congresso Continental, tinha sido marcada para setembro, na Filadélfia. William deixava claro de que lado estava. O encontro proposto, declarava, era “absurdo, se não inconstitucional”, e ele duvidava que levasse a um boicote em massa de produtos britânicos.⁴²

Seu pai discordava em todos os pontos. Ele vinha recomendando um congresso continental havia mais de um ano, era fortemente a favor da convocação de um boicote e estava confiante de que o Congresso iria aprová-lo.

Nesse caso, escreveu com satisfação para William, “o atual ministério será certamente derrubado”. Ele também repreendia William por se apegar ao seu cargo e, como era de seu feitio, punha a questão em termos pecuniários, além de políticos. Ao permanecer dependente do salário de governador, dizia Franklin, ele nunca seria capaz de pagar as dívidas devidas ao seu pai. Além disso, a mudança do clima político significava que “você vai se ver em uma situação nada confortável e talvez venha a se arrepender de não se ter desligado antes”. A carta era assinada simplesmente com um “B. Franklin”.⁴³

Embora soubesse que suas cartas eram abertas e lidas pelas autoridades britânicas, Franklin instava vigorosamente seus partidários americanos a tomar uma posição firme. O Congresso Continental, escreveu, deve votar “para cessar imediatamente todo o comércio com este país, tanto exportações como importações [...] até que tenham obtido reparação”. O que estava em jogo era “não menos do que o futuro dos americanos e de suas gerações sem-fim, se gozariam dos direitos comuns da humanidade ou se seriam piores do que escravos orientais”.

Naquela época, em que a correspondência podia levar até dois meses para ser entregue no outro lado do oceano, ocorriam muitos cruzamentos de cartas. William continuava tentando convencer o pai de que um congresso continental era uma má ideia. “Não há como prever as consequências que podem advir de tal Congresso.” Em vez disso, os bostonianos deveriam fazer uma restituição pelo chá que destruíram, e então “poderiam ter seu porto aberto em poucos meses”.

Na verdade, Franklin havia manifestado, alguns meses antes, sentimentos semelhantes, dizendo que seria prudente que os bostonianos pagassem a restituição pela Festa do Chá. “Um passo assim removerá grande parte do preconceito atualmente acalentado contra nós”, escrevera para Cushing em março. Porém enfureceu-se ao receber uma repreensão do filho e, em setembro, escreveu uma resposta esmagadora rebatendo William ponto por ponto. A Grã-Bretanha havia “extorquido muitos milhares de libras” das colônias inconstitucionalmente. “Desse dinheiro, deveriam fazer a restituição.” O argumento acabava em insulto: “Mas você, que é um cortesão completo, vê tudo com os olhos do governo”.

Franklin escreveu ao filho novamente em outubro, defendendo muitos dos mesmos argumentos, e depois tratando de assuntos pessoais: enfatizava que seu filho estava atrasado no reembolso do dinheiro que ele lhe havia emprestado ao longo dos anos e provavelmente não seria capaz de pagar se continuasse a ser um governador real.⁴⁴

Por um tempo, não houve resposta. Então, na véspera do Natal de 1774, William mandou para o pai uma carta de tristeza e dor brutais. Deborah havia morrido, sem que Franklin estivesse presente.

“Eu vim aqui na quinta-feira passada para assistir ao funeral de minha

pobre e velha mãe, que morreu na segunda-feira”, começava ele, referindo-se a sua madrasta.

A diligente e sofrida esposa de Franklin vinha definhando desde que sofrera um derrame, cinco anos antes. “Eu me vejo ficando muito fraca muito rápido”, ela escreveu em 1772. Durante a maior parte de 1774, estivera muito fraca para escrever. Alheio, Franklin continuara a lhe enviar bilhetes curtos, alguns paternalistas e outros burocráticos, com referências joviais à própria saúde, cumprimentos da família Stevenson e advertências para não lhe escrever.

“Um número muito respeitável de habitantes estava no funeral”, continuava William. Querendo claramente que seu pai se sentisse culpado, descrevia sua última visita a Deborah, em outubro. “Ela me contou que não esperava vê-lo mais, a não ser que você voltasse neste inverno, que ela tinha certeza de que não viveria até o próximo verão. Eu desejei sinceramente que você tivesse retornado no outono, pois penso que a decepção dela consumiu boa parte de sua vitalidade.”

No final da carta, William adotava um tom lamentoso e implorava que seu pai deixasse a Inglaterra. “Você é visto com um olhar maligno nesse país, e está em não pouco perigo de ter problemas devido à sua conduta política”, alertava. “É certamente melhor que você retorne, enquanto ainda é capaz de suportar as fadigas da viagem, para um país onde as pessoas o reverenciam.” Ele também ansiava por ver o próprio filho, Temple, então com catorze anos, e pedia a Franklin que o trouxesse para a América. “Espero vê-los na primavera e que você passe algum tempo comigo.”⁴⁵

AS CONVERSÇÕES SECRETAS HOWE-CHATHAM

Naquele dezembro, enquanto sua esposa morria, Franklin divertia-se com uma série de partidas de xadrez para flertar com uma mulher elegante que acabara de conhecer em Londres. Mas os jogos não eram meramente sociais. Faziam parte de um esforço secreto de última hora por parte de alguns membros da oposição whig da Grã-Bretanha para evitar uma revolução nas colônias.

O processo começara em agosto, quando ele recebeu um pedido para visitar lorde Chatham, anteriormente William Pitt, o Velho, que fora primeiro-ministro por duas vezes e era conhecido como o “Grande Plebeu” até cometer a imprudência de aceitar o título de nobreza de conde de Chatham. O grande orador whig era um defensor firme das colônias americanas. Em 1774, ele já estava doente e fora do governo, mas decidiu se envolver de novo em assuntos públicos como adversário ferrenho de lorde North e sua política de repressão colonial.

Lord Chatham recebeu calorosamente Franklin, declarou total apoio à resistência por parte das colônias à tributação britânica e disse que “esperava que eles continuassem firmes”. Franklin respondeu pedindo a Chatham que se unisse a outros “sábios” progressistas para derrubar o “atual conjunto de ministros inábeis” e formar um governo que restaurasse a “união e a harmonia entre a Grã-Bretanha e suas colônias”.

Isso não era provável, disse Chatham. Havia muita gente na Inglaterra que achava que não poderia haver mais concessões porque “a América visa criar para si um Estado independente”.

“A América não visa à independência”, afirmou Franklin.

Assegurei-lhe isso porque, tendo mais de uma vez viajado quase de uma ponta do continente à outra e conhecido grande variedade de pessoas, comendo, bebendo e conversando com elas livremente, nunca ouvi em nenhuma conversa, de qualquer pessoa bêbada ou sóbria, a menor expressão de um desejo de separação.

Franklin não estava sendo totalmente franco. Fazia dez anos que viajara pela América e sabia muito bem que um número pequeno, porém crescente, de colonos radicais, bêbados e sóbrios, desejava a independência. Ele mesmo começara a pensar nessa possibilidade. Josiah Quincy Jr., um fervoroso patriota de Boston e filho de um velho amigo de Franklin, visitou-o naquele outono e relatou que se discutia a “emancipação total” das colônias como uma consequência cada vez mais provável.⁴⁶

O próximo ato do drama teve início com um convite curioso de uma matrona bem relacionada na sociedade que deixou circular a notícia de que queria jogar xadrez com Franklin. A mulher em questão era Caroline Howe, irmã do almirante Richard Howe e do general William Howe, os quais viriam a ser os comandantes das forças marinhas e terrestres da Inglaterra durante a Revolução Americana, mas na época eram ambos um pouco simpáticos à causa americana. (Sua irmã era viúva de um primo distante, Richard Howe, e, portanto, conhecida como sra. Howe.)⁴⁷

No início de dezembro, quando visitou a sra. Howe, Franklin achou “sua conversa muito sensata e seu comportamento agradável”. Eles jogaram algumas partidas e Franklin aceitou “prontamente” um convite para jogar de novo alguns dias depois. Dessa vez, a conversa vagueou. Eles discutiram o interesse dela por matemática, que Franklin notou ser “um pouco incomum em mulheres”, e então a sra. Howe voltou-se para a política.

“O que deve ser feito em relação a essa disputa entre a Grã-Bretanha e

suas colônias?”, ela perguntou.

“Deveriam beijar-se e ser amigas”, respondeu Franklin.

“Eu já disse muitas vezes que gostaria que o governo o contratasse para resolver a disputa”, disse ela. “Tenho certeza de que ninguém poderia fazê-lo melhor. O senhor não acha que a coisa é possível?”

“Sem dúvida, minha senhora, se as partes estiverem dispostas à reconciliação”, ele respondeu. “Os dois países não têm realmente interesses conflitantes.” Tratava-se de uma questão que “pessoas razoáveis poderiam resolver em meia hora”. Ele acrescentou, no entanto, que “os ministros jamais pensarão em empregar-me nesse bom trabalho; eles preferem me agredir”.

Ela concordou: “Sim, eles têm se comportado vergonhosamente em relação ao senhor. E, na verdade, alguns deles estão agora com vergonha disso”.

Mais tarde, naquela mesma noite, Franklin jantou com dois velhos amigos, os quacres John Fothergill e David Barclay, que fizeram o mesmo apelo para que ele atuasse como mediador. “Ponha a pena no papel”, disseram e o instaram a elaborar um plano para a reconciliação.

E assim ele fez. Suas “Sugestões para uma conversação” abrangiam dezessete pontos, entre eles: Massachusetts pagaria pelo chá destruído, as taxas sobre o chá seriam revogadas, a regulamentação sobre a produção colonial seria reconsiderada, todo o dinheiro levantado pelos tributos comerciais iria para os cofres coloniais, nenhuma tropa seria estacionada em uma colônia sem a aprovação de seu Legislativo e todos os poderes de tributação caberiam às legislaturas coloniais, e não ao Parlamento. Seus amigos pediram permissão para mostrar a lista a alguns ministros “moderados” e Franklin concordou.

Essas negociações privadas foram interrompidas em meados de dezembro, quando Franklin recebeu finalmente as resoluções aprovadas pelo Primeiro Congresso Continental. Na reunião na Filadélfia, que durou até o final de outubro, essa assembleia reafirmou a lealdade das colônias à Coroa, mas não ao Parlamento. Além disso, votou por um boicote a produtos britânicos se o Parlamento não revogasse suas leis coercitivas.

Quando as resoluções chegaram a Londres, muitos dos agentes coloniais se recusaram a ter qualquer coisa a ver com elas. Então, Franklin e os outros agentes de Massachusetts tomaram para si a tarefa de entregá-las a lorde Dartmouth, que “nos disse que era uma petição decente e adequada e se comprometeu a apresentá-la à Sua Majestade”.

No dia de Natal, Franklin visitou a sra. Howe para outra partida de xadrez. Assim que ele chegou, ela mencionou que seu irmão, o almirante lorde Richard Howe, queria conhecê-lo. “O senhor permite que eu mande buscá-lo?”, perguntou ela.

Franklin prontamente concordou, e pouco depois ouvia lorde Howe acumulá-lo de elogios. “Ninguém poderia fazer mais para conciliar nossas

diferenças”, disse-lhe o almirante. Ele pediu a Franklin que oferecesse algumas sugestões, que ele, então, comunicaria aos ministros apropriados.

Franklin observou com ponderação que o Congresso Continental deixara claro o que as colônias queriam. Mas concordou com outra sessão secreta, uma semana depois, novamente sob o pretexto de visitar a sra. Howe para jogar xadrez.

Dessa vez, o encontro não foi tão cordial. Lorde Howe perguntou a Franklin se ele achava que poderia ser útil para a Inglaterra enviar um emissário à América em busca de um acordo. Poderia “ser de grande utilidade”, Franklin respondeu, desde que fosse alguém de “categoria e dignidade”.

A sra. Howe interveio indicando seu irmão para esse papel, com a sutil observação de que se falava em enviar seu outro irmão, o general do Exército, em uma missão menos pacífica. “Eu desejaria, irmão, que você fosse enviado para lá numa missão como essa”, disse ela. “Eu gostaria disso muito mais do que da ida do general Howe para comandar o Exército lá.”

“Eu penso, minha senhora, que deveriam oferecer ao general Howe algum emprego mais honroso”, disse Franklin explicitamente.

Lorde Howe então pegou um documento e perguntou se Franklin sabia algo a respeito. Era uma cópia das “Sugestões para uma conversação” preparadas por ele. Franklin disse que seu papel na elaboração daquele documento era para ser segredo, mas prontamente confessou ter sido o autor. Howe respondeu que “lamentava um pouco” descobrir que as proposições eram de Franklin, porque não havia nenhuma possibilidade de que os ministros a aceitassem. Ele pediu que Franklin reconsiderasse as propostas e chegasse a um novo plano “que fosse aceitável”. A sra. Howe poderia copiá-lo com seu próprio punho, de modo que a autoria seria mantida em segredo. Se Franklin fizesse isso, sugeriu lorde Howe, ele poderia “esperar qualquer recompensa que estivesse ao alcance do governo”.

Franklin irritou-se com o suborno implícito. “Isso para mim foi o que os franceses chamam de ‘cuspir na sopa’”, comentou mais tarde. Não obstante, Franklin sentiu convicção em lorde Howe e decidiu entrar no jogo. “Gostei do jeito dele”, observou, “e me vi disposto a depositar grande confiança nele.”

O documento que enviou à sra. Howe no dia seguinte não fazia concessões substantivas. Apenas reafirmava a posição americana e declarava-a necessária “para cimentar uma união cordial”. Embora as negociações com Howe tenham continuado irregularmente até fevereiro, impulsionadas sobretudo pela ambição do almirante em ser escolhido para enviado, elas nunca chegaram muito perto de se tornarem uma solução.

Enquanto isso, Franklin estava envolvido em várias outras conversas e negociações extraoficiais, principalmente com lorde Chatham. O antigo primeiro-ministro convidou-o a sua casa de campo para lhe mostrar uma série de propostas que pretendia apresentar ao Parlamento, e depois o visitou por duas

horas na Craven Street para mais discussões. A presença de lorde Chatham na humilde pensão de Franklin — a carruagem esperando conspicuamente na rua estreita diante de sua porta — causou grande agitação na vizinhança. “Uma visita como essa, de tão grande homem, sobre um negócio tão importante, não lisonjeou pouco minha vaidade”, admitiu Franklin. Ela foi particularmente saborosa porque coincidiu com o primeiro aniversário de sua humilhação no *Cockpit*.

O compromisso que Chatham propunha na pequena sala da casa da sra. Stevenson permitiria que o Parlamento regulamentasse o comércio imperial e enviasse tropas para a América. Mas só as legislaturas coloniais teriam o direito de impor tributos, e o Congresso Continental ganharia estatuto oficial e permanente. Embora não aprovasse todos os detalhes, Franklin prontamente concordou em emprestar seu apoio, estando presente quando Chatham apresentou o plano para a Câmara dos Lordes, em 10 de fevereiro.

Chatham fez uma explanação eloquente de suas propostas e lorde Dartmouth respondeu pelo governo, dizendo que elas eram de “tamanho peso e magnitude que exigiam muita consideração”. Por um momento, Franklin achou que todas as suas conversas extraoficiais poderiam dar frutos.

Então, lorde Sandwich, que, como primeiro lorde do almirantado, havia assumido uma linha dura em assuntos coloniais, tomou a palavra. Em um “discurso petulante e veemente”, atacou a lei de Chatham e depois voltou sua mira para Franklin. Disse que não podia acreditar que o plano viesse da pena de um par inglês. Ao contrário, parecia-lhe obra de algum americano. Nas palavras de Franklin:

Voltando o rosto para mim, [ele] disse que imaginava que tinha sob seus olhos a pessoa que o elaborou, um dos inimigos mais ferrenhos e mais daninhos que este país já conheceu. Isso atraiu o olhar de muitos lordes para mim, mas [...] mantive meu rosto imóvel como se minhas feições fossem feitas de madeira.

Chatham respondeu que o plano era seu, mas que não tinha vergonha de ter consultado “uma pessoa tão perfeitamente familiarizada com todos os assuntos americanos como a que o cavalheiro citou e sobre quem tão injuriosamente refletiu”. Passou então a elogiar Franklin como uma pessoa “a quem toda a Europa tinha em alta estima pelo seu conhecimento e sabedoria e classificava ao lado de nossos Boyles e Newtons; que era uma honra não somente para a nação inglesa, como para a natureza humana”. Franklin escreveu mais tarde para seu filho, talvez com um pouco de humildade fingida, que “achei

mais difícil suportar esse elogio extravagante do que o ataque precedente igualmente extravagante”.⁴⁸

Mas Chatham não estava apenas fora do poder, ele estava sem contatos. Lorde Dartmouth abandonou rapidamente sua franqueza inicial e concordou com lorde Sandwich que o projeto deveria ser rejeitado imediatamente, o que aconteceu. “A lei Chatham foi tratada com tanto desprezo quanto eles poderiam ter demonstrado por uma balada oferecida por um carregador bêbado”, escreveu Franklin a um amigo na Filadélfia.⁴⁹

Nas semanas seguintes, Franklin envolveu-se numa enxurrada de outros encontros destinados a salvar algum acordo. Mas no início de março de 1775, quando finalmente se preparava para deixar a Inglaterra, sua paciência se esgotou. Elaborou uma petição insolente a lorde Dartmouth exigindo reparações britânicas para o bloqueio do porto de Boston. Quando a mostrou ao seu amigo e parceiro de negócio agrário Thomas Walpole, “ele olhou para ela e para mim várias vezes alternadamente, como se achasse que eu estava um pouco fora de juízo”. Franklin voltou à razão e decidiu não apresentar a petição.

Em vez disso, desempenhou um pequeno papel em um dos últimos e mais eloquentes apelos pela paz. Ele passou a tarde de 19 de março com o grande orador e filósofo whig Edmund Burke. Três dias depois, Burke ergueu-se no Parlamento para fazer seu famoso mas inútil discurso “Sobre a conciliação com a América”. “Um grande império e mentes pequenas não combinam”, proclamou.

Àquela altura, Franklin já estava no pacote para a Filadélfia, saindo de Portsmouth. Ele passou seu último dia em Londres com seu velho amigo e parceiro científico Joseph Priestley. As pessoas que não conheciam Franklin, escreveu Priestley, às vezes o achavam reservado, até mesmo frio. Mas naquele dia, enquanto discutiam a guerra iminente e liam os jornais, ele ficou muito emotivo. Por um momento, as lágrimas em seus olhos o impossibilitaram de ler.⁵⁰

* “Aqui Skugg jaz aconchegado como um percevejo num cobertor”. (N. T.)

** O episódio é conhecido como “Boston Tea Party”, que pode ser traduzido como “Grupo do Chá” ou “Festa do Chá” de Boston; atualmente, tem também o sentido de “Partido do Chá” e designa a ala mais reacionária do Partido Republicano. (N. T.)

*** Wedderburn joga com a palavra *letters*, que significa tanto “letras” como “cartas”. (N. T.)

12. Independência *Filadélfia, 1775-6*

ESCOLHENDO LADOS

Assim como seu filho William o auxiliara em sua famosa experiência com pipas, Temple, o filho de William, o ajudava a mergulhar o termômetro caseiro no oceano. Três ou quatro vezes por dia, eles mediam a temperatura da água e a registravam em um gráfico. Franklin aprendera com seu primo de Nantucket, o capitão de baleeira Timothy Folger, a respeito do trajeto da corrente do Golfo. Durante a segunda metade de sua viagem de seis semanas de volta para casa, depois de escrever um relato detalhado de suas negociações inúteis, Franklin voltou sua atenção para o estudo da corrente. Os mapas que publicou e as medições de temperatura que fez podem ser encontrados no site da Nasa, que observa como são muito semelhantes aos dados infravermelhos coletados por satélites modernos.¹

A viagem foi notavelmente calma, mas na América se desencadeara a tempestade que se armava havia muito tempo. Na noite de 18 de abril de 1775, enquanto Franklin estava no meio do oceano, um contingente de soldados britânicos partiu de Boston em direção ao norte para prender Samuel Adams e John Hancock — os responsáveis pela Festa do Chá — e capturar as munições armazenadas por seus partidários. Paul Revere espalhou o alarme, assim como

outros menos famosos. Quando os casacas-vermelhas chegaram a Lexington, setenta *minutemen** americanos estavam lá para recebê-los.

“Dispersai-vos, rebeldes”, ordenou o major britânico. De início, eles obedeceram. Então, um tiro foi disparado. No confronto que se seguiu, oito americanos foram mortos. Os casacas-vermelhas vitoriosos marcharam sobre a Concord, onde, nas palavras de Emerson, “os fazendeiros sitiados fincaram pé e dispararam o tiro ouvido em todo o mundo”. (De alguma forma, os pobres lutadores de Lexington se perderam na versão poética da história de Emerson, assim como William Dawes e outros mensageiros foram menosprezados em “A cavalgada de Paul Revere”, de Longfellow.) Na retirada para Boston, que durou um dia inteiro, mais de 250 casacas-vermelhas foram mortos ou feridos por milicianos americanos.

Em 5 de maio, quando Franklin desembarcou na Filadélfia com seu neto de quinze anos, os delegados começavam a se reunir na cidade para o Segundo Congresso Continental. Tocaram-se sinos para celebrar sua chegada. “O dr. Franklin está muito contente por nos encontrar reunindo armas e nos preparando para os piores acontecimentos”, escreveu um jornalista. “Ele acha que nada mais pode nos salvar da escravidão mais abjeta.”

De fato, as colônias americanas estavam se armando e se preparando. Entre aqueles que chegaram à Filadélfia naquela semana, com seu uniforme embalado e pronto, estava o velho companheiro militar de Franklin, George Washington, que se tornara fazendeiro na Virgínia depois da guerra contra os franceses e índios. Perto de mil milicianos a cavalo e a pé o encontraram nos arredores da Filadélfia, e uma banda militar tocou canções patrióticas quando sua carruagem entrou na cidade. No entanto, ainda não havia consenso, exceto entre os patriotas radicais da delegação de Massachusetts, sobre se a guerra que acabara de estourar deveria ser travada pela independência ou apenas para a afirmação dos direitos dos americanos dentro de um Império Britânico que ainda poderia ser preservado. Para que essa questão fosse resolvida, levaria mais um ano, mas não para Franklin.

Franklin foi escolhido como membro do Congresso no dia seguinte à sua chegada. Com quase setenta anos, era, de longe, o mais velho. A maioria dos outros 62 que se reuniram no palácio do governo da Pensilvânia — como Thomas Jefferson e Patrick Henry, da Virgínia, e John Adams e John Hancock, de Massachusetts — ainda não havia nascido quando Franklin chegara à cidade, havia mais de quarenta anos.

Franklin mudou-se para a casa da Market Street que havia projetado, mas jamais conhecido, aquela em que Deborah morara sem ele nos últimos dez anos. Sua filha Sally cuidava de suas necessidades domésticas, o marido dela, Richard Bache, permanecia diligente, e seus dois filhos, Ben e Will, proporcionavam a diversão. “Will conseguiu uma arma pequena, marcha com ela e assobia ao

mesmo tempo, fazendo as vezes de pífano”, escreveu Franklin.²

Nesse meio-tempo, Franklin mantinha silêncio sobre ser a favor ou não da independência e evitava as tabernas onde os outros delegados passavam a noite debatendo o tema. Participava diligentemente das sessões e reuniões das comissões, falava pouco e depois ia para casa jantar com a família. Começando o que seria uma longa e conflituosa associação com Franklin, o loquaz e ambicioso John Adams se queixou de que o homem mais velho era tratado com reverência, mesmo quando estava “sentado em silêncio, grande parte do tempo dormindo em sua cadeira”.

Muitos dos delegados mais jovens e exaltados nunca haviam testemunhado o artifício do silêncio de Franklin, seu truque de parecer sábio por não dizer nada. Conheciam-no pela reputação do homem que havia discutido com sucesso no Parlamento contra a Lei do Selo, sem perceber que a oratória não lhe era natural. Assim, começaram a circular rumores. Qual era o jogo dele? Seria um legalista secreto?

Entre os desconfiados estava William Bradford, que assumira a gráfica e o jornal de seu pai, o primeiro protetor de Franklin e mais tarde seu concorrente. Alguns delegados, ele confidenciou ao jovem James Madison, “começam a acalantar grande suspeita de que o dr. Franklin veio antes como espião do que como amigo, e que ele pretende descobrir o nosso lado fraco e fazer as pazes com os ministros”.³

Na verdade, durante grande parte de maio Franklin estava dando um tempo, porque havia duas pessoas, ambas muito próximas a ele, que queria antes converter à causa rebelde americana. Uma delas era Joseph Galloway, seu antigo aliado na luta contra os Penn, que havia sido seu lugar-tenente e substituto durante dez anos na Assembleia da Pensilvânia. No Primeiro Congresso Continental, Galloway propusera a criação de um Congresso americano que teria poder paralelo ao do Parlamento, ambos leais ao rei. Era um plano de uma união imperial conforme os termos que Franklin havia apoiado na Conferência de Albany e depois, mas que o Congresso rejeitara peremptoriamente. Amuado, Galloway recusara sua indicação para o Segundo Congresso Continental.

No início de 1775, Franklin já acreditava que era tarde demais para que um plano como o de Galloway funcionasse. Não obstante, tentou persuadi-lo a se juntar a ele como membro do novo Congresso. Era errado sair da vida pública, escreveu, “num momento em que suas habilidades são tão necessárias”. De início, ele também não deu a Galloway mais pistas do que dera a outros sobre seu posicionamento em relação à questão da independência. “As pessoas pareciam não saber que partido ele tomaria”, Galloway recordou mais tarde.⁴

A outra pessoa que Franklin esperava converter à causa revolucionária era alguém ainda mais próximo dele.

ACÚPULA DE TREVOSE

O governador de Nova Jersey William Franklin, ainda leal ao Ministério britânico e enredado em disputas com seu próprio Legislativo, leu sobre o retorno de seu pai à Filadélfia nos jornais. “Foi uma notícia bastante inesperada para mim”, escreveu a Strahan. Estava ansioso para se encontrar com o pai e recuperar seu filho Temple. Antes, porém, teve de suportar uma sessão especial do Legislativo de Nova Jersey que havia convocado para 15 de maio. Pouco depois que a sessão terminou com ressentimentos, as três gerações de Franklin — pai, filho e o pobre neto entre os dois — finalmente se reuniram.⁵

Franklin e seu filho escolheram um local neutro para a reunião de cúpula: Trevoze, a grande mansão de pedra de Joseph Galloway em Bucks County, logo ao norte da Filadélfia. Surpreendentemente, dada a natureza demasiado emocional do encontro, parece que nem eles nem Galloway escreveram sobre a ocasião. A única fonte para o que aconteceu é, por ironia, o diário de Thomas Hutchinson, o governador de Massachusetts cujas cartas Franklin havia furtado; em seu diário, Hutchinson registrou um relato da reunião que Galloway fez três anos depois, quando ambos eram legalistas exilados na Inglaterra.

A noite começou meio sem jeito, com abraços e, em seguida, conversa fiada. A certa altura, William puxou Galloway de lado para dizer que havia evitado até então falar de política a sério com seu pai. Mas, depois de um tempo, “os copos tendo circulado livremente” e com muito vinho da Madeira consumido, eles confrontaram seus desacordos políticos. “Bem, sr. Galloway”, Franklin perguntou a seu aliado de longa data, “o senhor realmente pensa que eu devo promover uma reconciliação?”

Na verdade, Galloway assim pensava, mas Franklin não quis saber disso. Trouxera com ele a longa carta que escrevera a William durante a travessia do Atlântico, que detalhava suas tentativas inúteis de negociar uma reconciliação. Embora Galloway já tivesse ouvido partes dela, Franklin leu novamente a maior parte em voz alta e contou as agressões que sofrera. Galloway rebateu com suas próprias histórias de horror sobre como radicais anônimos lhe enviaram um laço de força por ter proposto um plano para salvar a união britânica. Uma revolução, enfatizou, seria suicida.

William argumentou que era melhor para todos se manterem neutros, porém seu pai não se comoveu. Como Hutchinson lembrou mais tarde, Franklin “abriu-se e se declarou a favor de medidas para alcançar a independência” e “vituperou contra a corrupção e a dissipação do reino”. William reagiu com raiva, mas também com um toque de preocupação pela segurança de seu pai. Se ele pretendia “pôr as colônias em chamas”, William esperava que “cuidasse de fugir à luz delas”.⁶

Assim, William voltou para Nova Jersey, derrotado e abatido, e retomou

suas funções de governador. Com ele estava seu filho Temple. A única questão que Benjamin e William haviam resolvido em Trevese era que o menino passaria o verão em Nova Jersey e depois retornaria para a Filadélfia e seria matriculado na instituição de ensino superior que seu avô havia fundado. A esperança de William era mandá-lo para o King's College (hoje Columbia), em Nova York, contudo Franklin abortou esse plano porque essa instituição se tornara um foco de fidelidade aos ingleses. Temple logo estaria no meio de um cabo de guerra entre dois homens que disputavam sua lealdade. Ele queria agradar a ambos, mas estava fadado a descobrir que isso era impossível.

FRANKLIN, O REBELDE

É difícil apontar exatamente quando os Estados Unidos cruzaram o limiar e decidiram que a completa independência da Grã-Bretanha era necessária e desejável. É até difícil determinar quando esse ponto de inflexão aconteceu para indivíduos específicos. Franklin, que durante dez anos fizera malabarismos entre a esperança e o desespero de que um rompimento poderia ser evitado, fez sua declaração privada para a família durante a reunião em Trevese. No início de julho de 1775, precisamente um ano antes que seus compatriotas americanos oficializassem sua postura, ele estava pronto para tornar pública sua posição.

Houve muitos eventos específicos que levaram Franklin a cruzar a linha para o lado da rebelião: desconsiderações pessoais, esperanças frustradas, traições, além de atos hostis britânicos. Mas é importante também não esquecer as causas principais da evolução de Franklin e, por extensão, das pessoas que ele passara a ter como exemplo.

Quando emigraram para uma nova terra, os ingleses, como seu pai, criaram um novo tipo de gente. Como Franklin enfatizou repetidamente nas cartas para seu filho, a América não deveria replicar as rígidas hierarquias dirigentes do Velho Mundo, as estruturas aristocráticas e ordens sociais feudais baseadas no nascimento, e não no mérito. Em vez disso, sua força seria a criação de um orgulhoso povo mediano, uma classe de lojistas e comerciantes frugais e industriais que afirmassem seus direitos e sentissem orgulho de sua posição social.

Como muitos desses novos americanos, Franklin se exasperava com a autoridade, motivo pelo qual fugira da gráfica de seu irmão em Boston. Não se impressionava com as elites estabelecidas, fossem eles os Mather ou os Penn, ou os pares na Câmara dos Lordes. Ele era atrevido em seus escritos e rebelde em seu comportamento. E havia assimilado a filosofia dos novos pensadores iluministas, para os quais liberdade e tolerância eram a base de uma sociedade

civil.

Por um longo tempo, ele alimentou uma visão de harmonia imperial em que a Grã-Bretanha e a América poderiam ambas florescer em um grande império em expansão. Mas achava que isso somente funcionaria se a Grã-Bretanha parasse de subjugar os americanos com suas regras e tarifas de comércio mercantil impostas de longe. Depois que ficou claro que a Grã-Bretanha mantinha a intenção de subordinar suas colônias, o único caminho restante era a independência.

A sangrenta batalha de Bunker Hill e o incêndio de Charleston, ambos em junho de 1775, inflamaram ainda mais a hostilidade que Franklin e seus compatriotas sentiam em relação aos britânicos. Apesar disso, a maioria dos membros do Congresso Continental não estava tão avançada no caminho da revolução. Muitos legislativos coloniais, inclusive o da Pensilvânia, haviam instruído seus delegados a resistir a todos os apelos pela independência. O capitão do acampamento dos cautelosos era John Dickinson, o antigo adversário de Franklin, que ainda se abstinha de pôr um para-raios em sua casa.

Em 5 de julho, Dickinson conseguiu que o Congresso aprovasse um último apelo ao rei, que ficou conhecido como a Petição Olive Branch. Pondo a culpa dos problemas nas perfídias de ministros “maçantes” e “delusórios”, o documento “suplicava” ao rei que viesse em socorro da América. O Congresso também aprovou uma Declaração das Causas e da Necessidade de Pegar em Armas, na qual proclamava “que não pretendemos dissolver a união que por tanto tempo e de forma tão feliz subsistiu entre nós e que, sinceramente, desejamos ver restaurada”.

Tal como os outros delegados, Franklin concordou, em nome do consenso, em assinar a Petição Olive Branch. Entretanto, tornou públicos seus sentimentos rebeldes no mesmo dia. A saída que escolheu foi muito estranha: uma carta a William Strahan, seu amigo de longa data de Londres e colega impressor. Não mais se dirigindo a ele como “caro Straney”, ele escreveu com fúria fria e calculada:

Sr. Strahan,

O senhor é membro do Parlamento, e da maioria que condenou meu país à destruição. O senhor começou a queimar nossas cidades e matar nosso povo. Olhe para suas mãos! Elas estão manchadas com o sangue de suas relações! O senhor e eu éramos amigos de longa data; o senhor é agora meu inimigo, e eu o sou do senhor. Atenciosamente,

B. Franklin

O que torna a famosa carta especialmente esquisita é que Franklin permitiu

que circulasse e fosse divulgada, mas nunca a enviou. Foi apenas um artifício para tornar claros seus sentimentos aos seus compatriotas americanos.

Na verdade, dois dias depois Franklin escreveu uma carta a Strahan muito mais suave e que efetivamente enviou. “Agora, palavras e argumentos são inúteis”, disse ele, em tom mais triste do que raivoso. “Tudo tende a uma separação.” Assim como não enviara a versão mais irada, ele não guardou uma cópia da carta mais suave entre seus papéis.⁷

(Franklin acabou permanecendo amigo próximo de Strahan, que quatro anos antes havia declarado que, “embora sejamos diferentes, não discordamos”. No mesmo dia em que Franklin escreveu o bilhete não enviado, Strahan escreveu outro de Londres lamentando a possibilidade de que a guerra iminente levasse “à ruína final do tecido mais glorioso de governo civil e religioso que já existiu”. Eles continuaram a se corresponder ao longo de 1775, com Strahan implorando a Franklin que voltasse para a Inglaterra “com propostas de acordo”. Em outubro, Franklin respondeu sugerindo que Strahan “nos envie propostas justas de paz, se assim escolher, e ninguém estará mais disposto do que eu a promover sua aceitação, porque para mim é uma regra não misturar ressentimentos pessoais com negócios públicos”. Tal como Strahan havia feito, ele se subscrevia “seu afetuoso e humilde servo”. Um ano mais tarde, quando chegou a Paris como enviado americano, Franklin recebeu um queijo Stilton de presente que Strahan mandou de Londres.)⁸

Em 7 de julho, Franklin também escreveu aos seus dois outros amigos próximos britânicos. Para o bispo Shipley, protestou contra as táticas da Inglaterra de agitar escravos e índios contra os colonos, e depois pediu desculpas pelo tom irado de sua carta: “Se um temperamento naturalmente frio e fleumático pode, na velhice, que com frequência esfria os mais inflamados, ser assim aquecido, o senhor julgará por essa amostra o temperamento geral daqui, que agora está a poucos passos da loucura”.⁹

Para Joseph Priestley, ele lamentou que a Petição Olive Branch estivesse destinada a ser rejeitada. “Fizemos outra humilde petição à Coroa, para dar à Grã-Bretanha mais uma chance, uma oportunidade a mais de recuperar a amizade das colônias, o que, no entanto, acho que ela não tem suficiente juízo para abraçar, e assim concluo que as perdeu para sempre.” A carta para Priestley também oferecia um vislumbre da jornada de trabalho de Franklin e do clima de relativa frugalidade nas colônias:

Meu tempo nunca foi tão plenamente empregado. De manhã, às seis, estou na Comissão de Segurança, nomeada pela Assembleia para pôr a província em estado de defesa; essa comissão vai até perto das nove, quando estou no Congresso, que dura até depois das quatro da tarde [...].

Grande frugalidade e grande diligência estão agora na moda aqui: cavalheiros que costumavam se entreter com dois ou três pratos orgulham-se agora de se satisfazer com carne simples e pudim. Por esses meios, e a interrupção de nosso comércio consumidor com a Grã-Bretanha, seremos mais capazes de pagar os nossos impostos voluntários para o apoio às nossas tropas.¹⁰

Liberado por sua ruptura privada com o filho e pela ruptura pública com Strahan, Franklin tornou-se um dos adversários mais fervorosos da Grã-Bretanha no Congresso Continental. Participou de uma comissão para redigir uma declaração a ser emitida pelo general Washington, e o resultado foi tão forte que o Congresso ficou com medo de aprová-la ou publicá-la. O documento vinha claramente da pena de Franklin. Continha frases que ele havia usado antes para refutar as afirmações da Grã-Bretanha de ter financiado a defesa das colônias (“afirmações infundadas e calúnias maliciosas”), e até concluiu com uma comparação da relação americano-britânica com aquela entre a Grã-Bretanha e a Saxônia (“sua pátria-mãe”), comparação que ele já havia feito em tom de brincadeira em sua paródia “Um édito do rei da Prússia”. Em um preâmbulo ainda mais contundente para uma resolução do Congresso sobre pirataria que elaborou mas nunca apresentou, Franklin acusava a Grã-Bretanha da “prática de todas as injustiças que a avareza pode ditar ou a rapacidade executar” e de “roubo descarado, declarando por um ato solene do Parlamento que todas as nossas propriedades são deles”.¹¹

Não havia mais nenhuma dúvida, mesmo entre seus detratores, a respeito da posição de Franklin. Sempre ansioso, como muitos virginianos, para saber de Franklin, Madison escreveu a Bradford para verificar se os rumores sobre sua ambivalência persistiam: “Mais alguma coisa foi sussurrada em relação à conduta do dr. Franklin?”. Bradford confessou que as opiniões haviam mudado. “As suspeitas contra o dr. Franklin acabaram. Qualquer que fosse seu projeto ao voltar, creio que ele já escolheu seu lado e está a favor de nossa causa.”

Da mesma forma, John Adams relatou a sua esposa, Abigail, que Franklin estava honestamente em seu campo revolucionário. “Ele não hesita diante de nossas medidas mais ousadas, antes parece pensar que somos demasiado irresolutos.” O ciumento orador não pôde reprimir o ligeiro ressentimento de que os britânicos acreditavam que a oposição americana “se devia totalmente” a Franklin, “e suponho que seus escrevinhadores atribuirão a índole e as ações deste Congresso a ele”.¹²

PRIMEIROS ARTIGOS DE FRANKLIN DO PLANO DA CONFEDERAÇÃO

Para que cruzassem o limiar da rebelião, as colônias precisavam começar a se conceber como uma nova nação. Para se tornarem independentes da Grã-Bretanha, tinham de se tornar menos independentes umas das outras. Como um dos líderes coloniais mais viajados e menos paroquiais, Franklin defendia alguma forma de confederação desde seu Plano de Albany, de 1754.

Esse plano, que nunca foi adotado, antevia um Congresso intercolonial que seria leal ao rei. Agora, em 1775, Franklin apresentava novamente a ideia, mas com uma grande diferença: embora seu plano levasse em conta a possibilidade de que a nova confederação continuasse a fazer parte do Império Britânico, era projetado para funcionar mesmo que o império se desfizesse.

Os Artigos da Confederação e União Perpétua que apresentou ao Congresso em 21 de julho, tal como seu Plano de Albany, continham as sementes do grande avanço conceitual que acabaria por definir o sistema federal dos Estados Unidos: uma divisão de poderes entre um governo central e os estados. Franklin, no entanto, estava à frente de seu tempo. Sua proposta de governo central era muito potente; com efeito, era mais forte do que aquele que acabou por ser criado pelos artigos da Confederação que o Congresso começou a elaborar no ano seguinte.

Grande parte do texto da proposta de Franklin foi elaborada a partir de planos de confederação da Nova Inglaterra que remontavam a um projeto forjado por assentamentos de Massachusetts e Connecticut, em 1643. Mas o alcance e os poderes iam muito além de qualquer proposta anterior. “O nome da Confederação passa a ser Colônias Unidas da América do Norte”, assim começavam os detalhados treze artigos de Franklin. “Por meio desta, as referidas Colônias Unidas entram solidariamente em uma firme Liga de Amizade umas com as outras, vinculando a elas e sua posteridade, para sua defesa comum contra seus inimigos, para a segurança de suas liberdades e propriedades, a segurança de suas pessoas e famílias, e seu bem-estar mútuo e geral.”¹³

Segundo a proposta de Franklin, o Congresso teria somente uma Câmara, em que haveria representação proporcional de cada estado baseada na população. Ele teria o poder de arrecadar impostos, fazer a guerra, gerir os militares, firmar alianças estrangeiras, resolver disputas entre colônias, formar novas colônias, emitir uma moeda unificada, estabelecer um sistema postal, regulamentar o comércio e promulgar leis “necessárias ao bem-estar geral”. Franklin também propunha que, em vez de um único presidente, o Congresso designasse um “conselho executivo” de doze pessoas, cujos membros teriam mandatos escalonados de três anos.

Franklin incluiu uma provisão de fuga: caso a Grã-Bretanha aceitasse todas as exigências da América e desse uma reparação financeira por todos os danos

que causara, a união poderia ser dissolvida. Caso contrário, “esta confederação é para ser perpétua”.

Como Franklin percebia com clareza, isso equivalia praticamente a uma declaração de independência da Grã-Bretanha e uma declaração de dependência das colônias umas das outras, duas propostas que ainda não tinham amplo apoio. Então ele leu sua proposta para o registro, mas não forçou uma votação sobre ela. Contentou-se em esperar pela história, e que o resto do Congresso Continental o alcançasse.

Ao final de agosto, quando chegou o momento de Temple voltar de Nova Jersey para a Filadélfia, William sugeriu que poderia acompanhar o menino até lá. Franklin, incomodado com a perspectiva de seu filho fiel aos britânicos chegar à cidade quando o Congresso rebelde estivesse em sessão, decidiu ele mesmo buscar Temple.¹⁴

Temple era magro, gostava de se divertir e era tão desorganizado quanto a maioria dos adolescentes de quinze anos. Grande parte da correspondência foi gasta para resgatar os artigos pessoais que ele havia deixado no lugar errado. Como sua madrastra observou, “você é extremamente infeliz com suas roupas”. William se esforçou para manter a aparência de harmonia familiar e incluiu palavras gentis sobre Franklin em todas as suas cartas a Temple. Tentou também atender aos pedidos frequentes do filho por mais dinheiro; no cabo de guerra por seus afetos, o rapaz ganhou menos palestras sobre frugalidade do que os outros membros de sua família.

Mais uma vez, Franklin cercou-se da espécie de zoológico doméstico que achava tão confortável: sua filha e o marido, dois filhos deles (Benny, de seis, e William, de dois anos), Temple e, por fim, Jane Mecom, sua única irmã sobrevivente. Em nenhuma das cartas que temos dessa época Deborah é mencionada; a vida na Market Street parecia ir bem sem ela.

Naquele momento, Franklin fechou suas contas, literal e simbolicamente, com sua outra família em Londres. Ele enviou para a sra. Stevenson um pagamento de mil libras esterlinas por seu aluguel atrasado e a advertiu com firmeza para investir em um pedaço de terra, e não em ações. “Tendo a Grã-Bretanha começado uma guerra conosco, que entendo não ser provável que acabe em breve, há grande probabilidade de que essas ações despenquem”, escreveu ele.

Por sua vez, a sra. Stevenson afundou no “desânimo”, ansiosa por seu retorno. “Sem a esperança animadora de passar o resto da vida com você”, um amigo dela escreveu a Franklin, “ela ficaria muito infeliz, de fato.” À sua maneira jovial, Franklin propôs mais uma vez um casamento arranjado, dessa vez entre seu neto Benny e a filha de Polly Stevenson, Elizabeth Hewson.¹⁵

UMA VIAGEM A CAMBRIDGE

Franklin estava servindo ao seu país, que se encaminhava para a revolução, em papéis condizentes com um homem de sua idade: diplomata, estadista, sábio e delegado que cochilava. Mas ainda tinha a inclinação e o talento para a gestão concreta, para organizar as coisas e fazê-las acontecer na prática.

Ele era a escolha óbvia para presidir uma comissão cujo objetivo era descobrir como substituir o sistema postal administrado pelos britânicos e, na sequência, assumir, como aconteceu em julho, a direção dos correios americanos. O cargo pagava um belo salário de mil libras esterlinas por ano, mas o patriotismo de Franklin superou sua frugalidade: ele doou o salário para o tratamento de soldados feridos. “Os homens podem ser tão diligentes conosco por zelo pelo bem público como com você por milhares por ano”, escreveu a Priestley. “Essa é a diferença entre novos Estados não corrompidos e antigos corrompidos.” Sua inclinação para o nepotismo, no entanto, permaneceu intacta. Richard Bache tornou-se o controlador financeiro do novo sistema.

Franklin também foi encarregado de criar um sistema de papel-moeda, uma de suas velhas paixões. Como de costume, mergulhou em muitos detalhes. Usando seu conhecimento botânico das estruturas de veias de diferentes tipos de folhas, fez pessoalmente os desenhos de folhas para as várias notas a fim de torná-los mais difíceis de falsificar. Mais uma vez, Bache se beneficiou: ele foi um dos selecionados por Franklin para supervisionar a impressão.

Entre as outras atribuições de Franklin estavam liderar o esforço para coletar chumbo para munições, inventar maneiras de fabricar pólvora, participar de comissões para lidar com os índios e promover o comércio com os inimigos da Grã-Bretanha. Além disso, foi nomeado presidente da Comissão de Defesa da própria Pensilvânia. Nessa qualidade, supervisionou a construção de um sistema secreto de obstruções submarinas para impedir que os navios de guerra inimigos navegassem pelo rio Delaware e escreveu propostas detalhadas, cheias de precedentes históricos, para a utilização de lanças e até arcos e flechas (o que lembrava as sugestões feitas em 1755 sobre o uso de cães), a fim de compensar a escassez de pólvora nas colônias. A ideia de usar flechas podia parecer esquisita, mas ele a justificou em uma carta ao general Charles Lee, em Nova York. Eis alguns dos motivos que apresentava:

Um homem pode disparar tanto com um arco como com um mosquete comum. [...] Ele pode disparar quatro flechas no mesmo tempo que leva para carregar e descarregar uma bala. [...] Uma chuva de flechas, vista por eles, aterroriza e perturba a atenção dos inimigos aos seus afazeres.

[...] Uma flecha que atinge qualquer parte de um homem o põe fora de combate até ser extraída.¹⁶

Tendo em vista sua idade e debilidade física, seria de esperar que Franklin contribuísse com sua experiência sem sair do conforto da Filadélfia. Porém entre seus atributos estava uma disposição, de fato uma ânsia, de se envolver em detalhes práticos, em vez de ficar na teorização distante. Ele também se sentia, tanto quando era adolescente como agora como septuagenário, revitalizado pelas viagens. Desse modo, partiu em missões para o Congresso em outubro de 1775 e em março do ano seguinte.

A viagem de outubro foi realizada em resposta a um apelo do general Washington, que havia assumido o comando das milícias heterogêneas de Massachusetts e estava lutando para transformá-las, juntamente com vários caipiras indisciplinados provenientes de outras colônias, no núcleo de um verdadeiro exército continental. Com pouco equipamento e o moral em declínio, era questionável se ele poderia manter suas tropas unidas durante o inverno. Então, o Congresso designou uma comissão para analisar a situação, que era praticamente tudo o que podia fazer, e Franklin concordou em chefiá-la.

Na véspera da sua partida, ele escreveu a dois de seus amigos britânicos para enfatizar que a América estava determinada a vencer. “Se vocês se iludem que vão nos derrotar e submeter, não conhecem o povo nem o país”, disse a David Hartley. Para Joseph Priestley, proporcionou um pouco de matemática para sua reflexão:

A Grã-Bretanha, ao custo de 3 milhões, matou 150 ianques nesta campanha, o que dá 20 mil libras por cabeça. [...] Durante o mesmo tempo, nasceram 60 mil crianças na América. A partir desses dados, sua cabeça matemática facilmente calculará o tempo e os custos necessários para matar todos nós.¹⁷

Franklin e seus dois colegas da comissão se reuniram com o general Washington em Cambridge durante uma semana. A disciplina era um grande problema, e Franklin abordou-a com sua costureira meticulosidade: elaborou (como tinha feito duas décadas antes para a milícia da Pensilvânia) métodos e procedimentos incrivelmente detalhados. Sua lista de punições prescritas, por exemplo, incluía entre vinte e 39 chicotadas por sentinelas que fossem apanhadas dormindo, a multa de um mês de salário para um oficial ausente sem licença, o confinamento de sete dias com apenas pão e água para que um soldado se

ausentasse sem licença, e a pena de morte por motim. As rações para cada homem estavam explicadas em detalhes semelhantes: 453 gramas de carne ou peixe salgado por dia, uma libra de pão, cerca de quinhentos mililitros de leite, cerca de um litro de cerveja ou sidra, e assim por diante, até a quantidade de sabão e velas.¹⁸

Quando se preparavam para ir embora, Washington pediu à comissão que enfatizasse ao Congresso “a necessidade de ter dinheiro enviado constante e regularmente”. Esse era o maior desafio das colônias, e Franklin ofereceu uma típica receita de como se poderiam levantar 1,2 milhão de libras esterlinas por ano meramente com mais frugalidade. “Se 500 mil famílias gastarem um xelim por semana a menos”, explicou a Bache, “elas poderão pagar a quantia inteira sem sentir. Abster-se de beber chá economiza três quartos do dinheiro, e 500 mil mulheres fazendo cada uma três pence de fição ou de tricô em uma semana pagarão o resto.” De sua parte, Franklin entregou seu salário de diretor dos correios, mais cem libras que a sra. Stevenson ajudara a levantar em Londres, para os americanos feridos. Ele também recolheu da Assembleia de Massachusetts o dinheiro que ela lhe devia por seus serviços de representante em Londres, e essa quantia guardou para si.¹⁹

Em um jantar durante a viagem, ele conheceu a esposa de John Adams, Abigail, que mais tarde faria comentários depreciativos sobre Franklin, mas que naquela noite ficou encantada. Sua descrição, em carta para seu marido, mostra que ela teve um bom insight sobre o seu comportamento, porém não sobre suas convicções religiosas:

Achei-o sociável, mas não loquaz, e, quando falava, algo de útil saía de sua boca. Ele era sério, mas agradável e afável. Você sabe que tenho algumas pretensões à fisiognomia, e achei que poderia ler em seu rosto as virtudes de seu coração; entre as quais, o patriotismo brilhou em seu esplendor total, e com ele estão misturadas todas as virtudes de um cristão, pois um verdadeiro patriota deve ser um homem religioso.²⁰

No caminho de volta para a Filadélfia, Franklin parou em Rhode Island para encontrar sua irmã Jane Mecom. Ela havia fugido de Boston, ocupada pelos britânicos, e se refugiara com a velha amiga de Franklin Catherine Ray Greene e seu marido. A casa de Caty abrigava dezenas de parentes e amigos refugiados e Franklin preocupou-se com a possibilidade de que Jane “deve ser um grande fardo para aquela casa hospitaleira”. Na verdade, como observa Claude-Anne Lopez, “Jane e Caty, distantes uma geração em idade, um mundo em circunstâncias e temperamento, tinham uma relação maravilhosa”. Assim como

Franklin costumava encontrar as filhas substitutas para si mesmo, Jane passou a tratar Caty como uma filha. (“Quisera Deus que eu tivesse uma assim!”, ela escreveu a Caty, embora Jane tivesse, de fato, uma filha de quem estava afastada.)²¹

Franklin retribuiu. Quando foi buscar Jane, convenceu Ray, o filho de dez anos de Caty, a ir com eles para a Filadélfia e se inscrever com Temple na faculdade de lá. O passeio de carruagem por Connecticut e Nova Jersey foi uma delícia para Jane. “A conversa de meu querido irmão era mais do que o equivalente de todo o bom tempo imaginável”, ela contou a Caty. Os bons sentimentos eram tão fortes que eles conseguiram superar as tensões políticas quando fizeram uma breve parada na mansão do governador, em Perth Amboy, para visitar William.

Seria a última vez que Franklin veria seu filho, além de uma reunião final tensa na Inglaterra, dez anos depois. Mas nenhum deles sabia disso na época e não prolongaram o encontro. “Gostaríamos de bom grado de detê-los por mais tempo”, escreveu a esposa de William para Temple, “mas papai estava ansioso para chegar em casa.”²²

Na Filadélfia, um grupo de unidades da Marinha estava sendo organizado para tentar capturar as remessas de armas britânicas. Franklin notou que um dos seus tambores pintara uma cascavel em seu instrumento, enfeitada com as palavras “Não pise em mim”. Em um artigo anônimo, cheio de humor ousado e um toque de veneno, Franklin sugeriu que este deveria ser o símbolo e o lema da luta dos americanos. A cascavel, observava Franklin, não tinha pálpebras e “pode, portanto, ser considerada um emblema da vigilância”. Ela também jamais iniciava um ataque nem se rendia depois que entrava em luta e “é, por isso, um emblema da magnanimidade e da verdadeira coragem”. Quanto aos chocalhos, a serpente no tambor tinha treze deles, “exatamente o número das colônias unidas na América; e eu lembrei também que essa era a única parte da serpente que aumentava em número”. Christopher Gadsen, um delegado da Carolina do Sul enviado ao Congresso, pegou a sugestão do artigo de Franklin e, mais tarde, desenhou uma bandeira amarela com uma cascavel e a frase “Não pise em mim”. Ela foi içada no início de 1776 pela primeira das unidades da Marinha americana e, depois, por muitas outras milícias.²³

CANADÁ

Empreender uma missão na região de Boston no outono era compreensível: tratava-se de uma viagem bastante fácil para sua cidade natal. A decisão do Congresso de enviá-lo numa segunda missão e sua disposição em

aceitar são menos explicáveis. Em março de 1776, Franklin, então com setenta anos, seguiu numa viagem brutal para Quebec.

Uma força americana combinada, liderada, em parte, pelo ainda patriótico Benedict Arnold, invadiu o Canadá com o objetivo de impedir que a Grã-Bretanha lançasse uma expedição pelo Hudson e dividisse as colônias. Apanhadas numa armadilha e cercadas, as forças americanas passaram o inverno congelando e implorando ao Congresso por reforços. Mais uma vez, o Congresso respondeu com a nomeação de uma comissão, novamente com Franklin na chefia.

No primeiro dia de viagem, Franklin e seus colegas comissários passaram logo ao norte de Perth Amboy, onde William mantinha a pretensão de governar, embora os rebeldes locais restringissem seus movimentos. Franklin não o visitou. Seu filho se tornou um inimigo. Com efeito, William deixou claro com quem estava sua lealdade: enviou a Londres todas as informações que conseguira reunir sobre a missão de seu pai. Conforme escreveu, o “dr. Franklin” planejava “convencer os canadenses a entrar para a Confederação com as outras colônias”. No entanto, em suas cartas a Temple, William derramava sua tristeza e seus temores. O velho tinha saúde suficiente para sobreviver à viagem? Havia uma maneira de dissuadi-lo de ir? “Nada me causou mais dor do que ele empreender aquela viagem.”

Quando chegou a Saratoga, onde fez uma pausa para esperar o degelo dos lagos, Franklin se deu conta de que, de fato, poderia não sobreviver. “Iniciei um esforço que no meu tempo de vida pode se revelar demasiado para mim”, escreveu para Josiah Quincy. “Então, sento-me para escrever a alguns amigos à maneira de despedida.” Mas ele seguiu em frente e, depois de um mês árduo de viagem, que incluiu dormir no chão de casas abandonadas, chegou finalmente a Montreal. No caminho, pegou um boné macio de pele de marta que mais tarde tornaria famoso: durante o período em que foi enviado em Paris, ele o usava como parte de sua pose de simples sábio da fronteira.²⁴

Apesar da desordem de suas forças, Benedict Arnold recebeu Franklin e seus colegas comissários com uma farta ceia, enfeitada com uma profusão de jovens damas francesas. Infelizmente, Franklin não estava em condições de apreciá-la. “Sofri muito com uma série de grandes furúnculos”, escreveu mais tarde. “No Canadá, minhas pernas incharam e contraí uma hidropisia.”

A situação militar estava igualmente ruim. O Exército americano cercado esperava que a comissão trouxesse os recursos necessários e houve grande desânimo quando descobriram que esse não era o caso. Por sua vez, a delegação de Franklin esperava conseguir levantar fundos junto aos canadenses, contudo isso se mostrou impossível. Franklin pessoalmente forneceu a Arnold 353 libras em ouro de seu próprio bolso, um gesto bonito que lhe granjeou alguma afeição, mas fez pouco para resolver a situação.

Ele fora instruído a tentar atrair Quebec para a rebelião americana, entretanto decidiu nem mesmo tentar e explicou em seu relato: “Até que o dinheiro chegue, parece impróprio propor a união federal dessa província com as outras, pois os poucos amigos que temos aqui dificilmente se aventurarão a esforçar-se para promovê-la, até que vejam o nosso crédito recuperado e a chegada de um exército suficiente”.

Quando foram alcançados por notícias de que mais navios britânicos estavam a caminho, os canadenses ficaram ainda menos hospitaleiros. A comissão chegou ao que era uma conclusão inevitável: “Se não pode haver dinheiro para apoiar nosso exército aqui com honra, de modo a ser respeitado em vez de ser odiado pelo povo, repetimos nossa firme e unânime opinião de que é melhor nos retirarmos imediatamente”.

Exausto e sentindo-se derrotado, Franklin passou o mês de maio lutando para voltar à Filadélfia. “Acho que fico cada dia mais fraco”, escreveu. Ao retornar, sua gota estava tão ruim que não pôde sair de casa por muitos dias. Parecia que havia cumprido a última missão para seu país.

Mas suas forças voltaram gradualmente, estimuladas por uma visita do general Washington e por algumas novas de um grande evento que estava prestes a ocorrer. A saúde debilitada, escreveu a Washington em 21 de junho, “manteve-me longe do Congresso e de companhia quase desde que o senhor nos deixou, de modo que pouco sei do que se passou por lá, exceto que está sendo preparada uma declaração de independência”.²⁵

O CAMINHO PARA A DECLARAÇÃO

Até 1776, a maioria dos líderes coloniais acreditava — ou educadamente fingia acreditar — que a disputa das colônias era com os ministros equivocados do rei, não com o próprio rei, nem com a Coroa como conceito. Para declarar a independência, tinham de convencer seus compatriotas — e eles mesmos — a dar o salto assustador de abandonar essa distinção. A publicação, em janeiro daquele ano, de um panfleto anônimo de 47 páginas intitulado *Senso comum* os ajudou a fazer isso.

Em prosa que tirava sua força, tal como Franklin fazia muitas vezes, da ausência de adornos, o autor argumentava que não havia “razão natural ou religiosa [para] a distinção dos homens entre reis e súditos”. O poder hereditário era uma abominação histórica. “Mais vale para a sociedade e perante Deus um homem honesto do que todos os malfeitores coroados que já viveram.” Desse modo, havia somente um caminho para os americanos: “Tudo o que é certo ou natural pleiteia a separação”.

Poucas semanas depois de sua publicação na Filadélfia, o panfleto já vendera a quantidade espantosa de 120 mil exemplares. Muitos acharam que Franklin era o autor, pois refletia suas ideias contundentes a respeito da corrupção do poder hereditário. Na verdade, a mão de Franklin foi mais indireta: o verdadeiro autor era um jovem quacre atrevido de Londres chamado Thomas Paine, que fracassara como fabricante de espartilhos, fora demitido do posto de cobrador de impostos e foi apresentado a Franklin, que, não surpreendentemente, gostou dele. Quando Paine resolveu emigrar para a América e se tornar escritor, Franklin arranhou-lhe uma passagem e escreveu para Richard Bache em 1774, pedindo-lhe que ajudasse Paine a conseguir um emprego. Em breve, ele estava trabalhando para um impressor da Filadélfia e aprimorando seus dotes de ensaísta. Quando Paine lhe mostrou o manuscrito de *Senso comum*, Franklin ofereceu seu apoio incondicional, assim como algumas sugestões de revisão.²⁶

O panfleto de Paine galvanizou as forças a favor da revolução imediata. Legislativos coloniais cautelosos deixaram de sê-lo tanto e revisaram as instruções aos seus delegados a fim de permitir que levassem em consideração a questão da independência. Em 7 de junho, enquanto Franklin se recuperava, Richard Henry Lee, da Virgínia, irmão de seu outrora e futuro rival Arthur Lee, pôs a moção sobre a mesa, a saber: “Estas Colônias Unidas são, e de direito têm de ser, estados livres e independentes”.

Embora tenha adiado a votação da proposta por algumas semanas, o Congresso deu um passo imediato em direção à independência que afetou os Franklin pessoalmente, ao ordenar a remoção de todos os governos reais nas colônias. Novos congressos provinciais patrióticos afirmaram-se, e o de Nova Jersey declarou, em 15 de junho de 1776, que o governador William Franklin era “um inimigo das liberdades deste país”. Em deferência ao fato de que era um Franklin, a ordem de prisão para William sugeria que ele fosse tratado “com toda a delicadeza e suavidade que a natureza do assunto pode possivelmente admitir”.

William não estava com disposição para delicadeza ou suavidade. O discurso que fez em seu julgamento, em 21 de junho, foi tão desafiador que um dos juizes o descreveu como, “em todos os aspectos, digno de seu nascimento exaltado”, referindo-se antes à sua ilegitimidade do que à sua famosa paternidade. De sua parte, o Franklin pai não foi especialmente paternal. Sua carta a Washington que mencionava a preparação de uma declaração de independência foi escrita no mesmo dia em que seu filho estava sendo julgado, mas Franklin não mencionou esse fato. Tampouco disse ou fez alguma coisa para ajudar o filho quando o Congresso Continental, três dias depois, votou por prendê-lo em Connecticut.

Assim, as palavras que William escreveu na véspera de seu confinamento ao próprio filho, firmemente abrigado sob a custódia do avô, parecem dolorosamente generosas: “Deus te abençoe, meu filho querido; seja obediente e

atento ao seu avô, a quem você deve grande obrigação”. E conclui com um pouco de otimismo forçado: “Se sobrevivermos à tempestade atual, todos nós poderemos nos encontrar e desfrutar as delícias da paz com o maior prazer”.²⁷

De fato, eles sobreviveriam à tempestade e, na realidade, todos se encontrariam novamente, mas jamais para saborear as delícias da paz juntos. As feridas de 1776 se revelariam demasiado profundas.

EDITANDO JEFFERSON

Preparando-se para votar sobre a questão da independência, o Congresso nomeou uma comissão para aquilo que, visto em retrospectiva, viria a ser uma tarefa significativa, mas que na época não parecia tão importante: a elaboração de uma declaração que explicasse a decisão. Dela faziam parte Franklin, evidentemente, Thomas Jefferson e John Adams, bem como o comerciante de Connecticut Roger Sherman e o advogado de Nova York Robert Livingston.²⁸

Como é que Jefferson, aos 33 anos, ganhou a honra de redigir o documento? Seu nome estava em primeiro lugar na lista da Comissão, o que indicava que ele era o presidente, porque obtivera a maioria dos votos e porque era da Virgínia, a colônia que havia proposto a resolução. Seus quatro colegas tinham outras atribuições na Comissão que achavam mais importantes, e nenhum deles percebeu que o documento viria a ser considerado um texto semelhante à Sagrada Escritura.

De sua parte, Adams equivocadamente pensou que já garantiria seu lugar na história por escrever o preâmbulo de uma resolução de 10 de maio que pedia o desmantelamento da autoridade real nas colônias. Ele acreditava, incorretamente, que aquela seria considerada pelos historiadores “a resolução mais importante jamais tomada na América”. Anos mais tarde, à sua maneira pomposa, ele alegaria que o desejo de Jefferson era de que ele fosse o redator da declaração, mas que convencera o jovem a fazer as honras da casa, argumentando: “Razão primeira, o senhor é um virginiano, e um virginiano deve aparecer à frente deste negócio. Razão segunda, sou antipático, suspeito e impopular. O senhor é o oposto. Razão terceira, o senhor pode escrever dez vezes melhor do que eu”. A lembrança de Jefferson era bem diferente. A Comissão “pressionou-me por unanimidade a fazer o rascunho sozinho”, escreveu mais tarde.²⁹

Quanto a Franklin, ainda estava de cama com furúnculos e gota, quando a Comissão se reuniu pela primeira vez. Além disso, explicou mais tarde a Jefferson: “Estabeleci como regra, sempre que estiver em meu poder, evitar tornar-me o redator de documentos a serem analisados por um organismo

público”.

E foi assim que Jefferson teve a gloriosa honra de redigir, em uma pequena mesa de colo que havia projetado, algumas das frases mais famosas da história, sentado sozinho numa sala do segundo andar de uma casa da Market Street, a apenas uma quadra da casa de Franklin. “Quando, no curso dos acontecimentos humanos [...]” começava o famoso texto. Significativamente, o que se seguia não era um ataque ao governo britânico (ou seja, os ministros), mas ao Estado britânico encarnado (ou seja, o rei). A historiadora Pauline Maier observa: “Atacar o rei era uma forma constitucional. Era a maneira como os ingleses anunciavam revolução”.³⁰

O documento elaborado por Jefferson era, de certa forma, semelhante ao que Franklin teria escrito. Ele continha uma lista muito específica de demandas contra os ingleses e relatava, como Franklin fizera muitas vezes, os detalhes das tentativas das colônias americanas de ser conciliadoras, apesar da constante intransigência da Inglaterra. Com efeito, as palavras de Jefferson repetiam algumas expressões que Franklin usara no início daquele ano em um projeto de resolução que nunca publicou:

Considerando que, sempre que os reis, em vez de proteger a vida e a propriedade de seus súditos, como é seu dever sagrado, tentam perpetrar a destruição de uma delas, deixam desse modo de ser reis, tornam-se tiranos e dissolvem todos os laços de lealdade entre eles e seu povo; nós, pela presente, declaramos solenemente que, sempre que nos parecer claro que as tropas e navios do rei agora na América, ou que no futuro sejam trazidas para cá, *por ordens de Sua Majestade*, destruam de fato qualquer cidade ou os habitantes de qualquer cidade ou lugar da América, ou que os selvagens tenham sido pelas mesmas ordens contratados para assassinar nossos pobres colonos e suas famílias, nós, a partir deste momento, renunciaremos a toda lealdade à Grã-Bretanha, enquanto aquele reino se submeter a ele, ou a qualquer de seus descendentes, como seu soberano.³¹

O estilo da escrita de Jefferson, no entanto, era diferente do de Franklin. Era adornado com cadências ondulantes e frases melifluas, elevadas em sua poesia e potentes apesar de sua polidez. Além disso, Jefferson baseava-se numa profundidade de filosofia não encontrada em Franklin. Ele ressoava a linguagem e as grandes teorias de pensadores iluministas ingleses e escoceses, em especial o conceito de direitos naturais proposto por John Locke, cujo *Segundo tratado sobre*

governo havia lido pelo menos três vezes. E baseava sua argumentação, de forma mais sofisticada do que Franklin teria feito, em um contrato entre governo e governados, fundamentado no consentimento do povo.

Deve-se enfatizar que Jefferson também tomou livremente emprestadas formulações de outros, inclusive da retumbante Declaração de Direitos da nova Constituição da Virgínia que acabara de ser elaborada por seu colega fazendeiro George Mason, de um modo que hoje poderia sujeitá-lo a questões de plágio, mas que na época era considerado não só adequado, como culto. Com efeito, quando o mal-humorado John Adams, com ciúmes da aclamação que Jefferson ganhara, disse anos mais tarde que não havia ideias novas na Declaração e que muitas das expressões foram roubadas de outros, Jefferson respondeu: “Não considere que fizesse parte de minha incumbência inventar ideias completamente novas e apresentar algum sentimento que já não tivesse sido externado antes”.³²

Depois que terminou um rascunho e incorporou algumas mudanças propostas por Adams, Jefferson o enviou a Franklin, na manhã de sexta-feira, 21 de junho, com um bilhete: “O dr. Franklin faria a gentileza de lê-lo atentamente e sugerir as alterações que sua visão mais ampla do assunto ditará?”.³³ As pessoas eram muito mais polidas com os editores naquela época.

Franklin fez poucas mudanças, algumas das quais podem ser vistas escritas de próprio punho, no que Jefferson chamou de o “esboço” da Declaração. (Esse documento notável encontra-se na Biblioteca do Congresso e em seu site.) A mais importante das alterações foi pequena, mas retumbante. Ele riscou, utilizando as grossas barras invertidas de que fazia uso com frequência, as três últimas palavras da frase de Jefferson “Consideramos estas verdades sagradas e inegáveis” e as trocou pelas palavras hoje consagradas pela história: “Consideramos estas verdades evidentes por si mesmas”.³⁴

A ideia de verdades “evidentes por si mesmas” baseava-se menos em John Locke, filósofo preferido de Jefferson, que no determinismo científico defendido por Isaac Newton e no empirismo analítico do amigo íntimo de Franklin David Hume. No que ficou conhecido como o “dilema de Hume”, o grande filósofo escocês, com Leibniz e outros, desenvolvera uma teoria que distinguia verdades sintéticas, que descrevem questões de fato (como “Londres é maior do que a Filadélfia”), de verdades analíticas, que são evidentes por si mesmas em virtude da razão e da definição (“os ângulos de um triângulo somam 180 graus”; “todos os solteiros não são casados”). Ao usar a palavra “sagrada”, Jefferson afirmara, intencionalmente ou não, que o princípio em questão — a igualdade dos homens e sua investidura pelo criador de direitos inalienáveis — era uma afirmação de religião. A alteração de Franklin transformou-o em uma afirmação de racionalidade.

Outras alterações de Franklin foram menos felizes. Ele mudou “reduzi-los

ao poder arbitrário” de Jefferson para “reduzi-los ao despotismo absoluto”, e tirou o floreado literário de Jefferson em “invadir-nos e afogar-nos em sangue” para torná-lo mais seco: “invadir-nos e destruir-nos”. Algumas de suas mudanças parecem um tanto pedantes. “Valor de seus salários” passou a “valor e pagamento de seus salários”.³⁵

Em 2 de julho, o Congresso Continental finalmente deu o passo fundamental de votar pela independência. A Pensilvânia foi um dos últimos estados a resistir; até junho, seu Legislativo havia instruído seus delegados a “rejeitar” totalmente qualquer ação “que possa causar ou levar a uma separação de nossa pátria-mãe”. Mas, sob a pressão de um Legislativo expurgado mais radical, as instruções foram alteradas. Liderada por Franklin, a delegação da Pensilvânia, com o conservador John Dickinson abstendo-se, juntou-se ao resto das colônias na votação pela independência.

Assim que a votação foi concluída, o Congresso todo constituiu-se em comissão para examinar o projeto de Declaração de Jefferson. Eles não foram tão leves em sua edição como Franklin havia sido. Grandes seções foram eliminadas, com destaque para a que criticava o rei por perpetuar o comércio de escravos. Diga-se a seu favor que o Congresso também cortou mais da metade dos cinco parágrafos finais do projeto, nos quais Jefferson divagava de uma maneira que prejudicava a força do documento.³⁶

Jefferson ficou consternado: “Eu estava sentado ao lado do dr. Franklin, que percebeu que não fiquei insensível a essas mutilações”. Mas o processo (além de aperfeiçoar de fato o grande documento) teve a consequência deliciosa de extrair de Franklin, que procurou consolar Jefferson, um de seus mais famosos pequenos contos. Quando ele era um jovem impressor, um amigo que estava começando no negócio de fabricação de chapéus queria uma placa para sua loja. Nas palavras de Franklin:

Ele a compôs com as seguintes palavras: “John Thompson, chapeleiro, faz e vende chapéus por dinheiro à vista”, com a imagem de um chapéu ao lado. Mas pensou em submetê-la a seus amigos para que fizessem alterações. O primeiro a quem ele mostrou julgou a palavra “chapeleiro” tautológica, porque era seguida das palavras “faz chapéus”, que mostravam que ele era chapeleiro. Ela foi riscada. O próximo observou que a palavra “faz” poderia muito bem ser omitida, porque seus clientes não se importariam com quem fazia os chapéus. [...] Ele a cortou. Um terceiro disse que achava que as palavras “por dinheiro à vista” eram inúteis, pois não era costume do lugar vender a crédito. Todos que

compravam esperavam pagar. Elas foram eliminadas e a inscrição ficou assim: “John Thompson vende chapéus”. “Vende chapéus!”, diz seu próximo amigo, “ora, ninguém espera que você os dê; para que serve então essa palavra?” Ela foi riscada, e “chapéus” teve o mesmo destino, pois havia um pintado na placa. Assim, a inscrição foi reduzida finalmente para “John Thompson”, com a figura de um chapéu ao lado.³⁷

Em 2 de agosto, no momento da assinatura oficial da cópia em pergaminho, John Hancock, o presidente do Congresso, escreveu seu nome com o famoso floreio. “Não devemos puxar em diferentes direções”, declarou ele. “Devemos todos permanecer unidos.” De acordo com o historiador americano do século XIX Jared Sparks, Franklin respondeu: “Sim, devemos permanecer unidos, ou com toda a certeza seremos todos separados”.^{**} A vida deles, bem como sua honra sagrada, estava em risco.³⁸

IDEIAS CONSTITUCIONAIS

Depois de ter declarado às colônias coletivas uma nova nação, o Segundo Congresso Continental precisava criar, a partir do zero, um novo sistema de governo. Assim, começou a trabalhar no que viriam a ser os Artigos da Confederação. O documento só foi concluído no final de 1777, e demoraria mais quatro anos para que fosse ratificado por todas as colônias, mas os princípios básicos foram decididos durante as semanas seguintes à Declaração de Independência.

No plano de Artigos da Confederação que apresentara um ano antes, Franklin propusera um governo central forte dirigido por um Congresso eleito pelo povo com base na representação proporcional. Por temperamento e formação, ele estava entre os mais democráticos dos líderes coloniais. A maioria de suas ideias não prevaleceu nos novos artigos, mas os argumentos que apresentou no debate — e nas reuniões simultâneas em que a Assembleia da Pensilvânia redigiu uma nova Constituição para o estado — acabaram por se mostrar influentes.

Uma das questões centrais, então e ao longo da história americana, era se estavam criando uma confederação de Estados soberanos ou uma nação unificada. Mais especificamente: cada estado deveria ter um voto no Congresso, ou a representação deveria ser proporcional à população? Não surpreende que Franklin fosse a favor desta última, não somente porque era de um estado grande,

mas também porque achava que o poder do Congresso nacional deveria vir das pessoas, e não dos estados. Além disso, dar aos estados pequenos a mesma representação que os grandes seria injusto. “Uma confederação baseada em princípios tão iníquos jamais durará muito tempo”, previu corretamente.

Como a discussão ficou acalorada, Franklin tentou adicionar alguma leveza. Os estados pequenos argumentavam que seriam esmagados pelos maiores se a representação fosse proporcional. Franklin respondeu que alguns escoceses haviam dito, no momento da união com a Inglaterra, que teriam o destino de Jonas de ser engolido por uma baleia, mas tantos escoceses acabaram fazendo parte do governo “que se descobriu, no fim das contas, que Jonas tinha engolido a baleia”. Jefferson observou que o Congresso riu o suficiente para recuperar o seu humor. Não obstante, votou por manter o sistema de um voto por estado. De início, Franklin ameaçou convencer a Pensilvânia a não aderir à confederação, mas por fim recuou.

Outra questão dizia respeito aos escravos: eles deveriam ser contados como parte da população de um estado com o objetivo de avaliar a sua responsabilidade fiscal? Não, argumentou um delegado da Carolina do Sul, os escravos não eram população, e sim propriedade, mais parecidos com ovelhas do que com pessoas. Isso provocou uma crítica de Franklin: “Há uma diferença entre eles e as ovelhas: ovelhas jamais farão insurreições”.³⁹

Ao mesmo tempo que o Congresso debatia os novos artigos, a Pensilvânia realizava sua Convenção Estadual Constitucional, convenientemente no mesmo edifício. Franklin foi escolhido por unanimidade para presidi-la, e sua principal contribuição foi defender um Legislativo composto de apenas uma casa. A ideia de contrabalançar o poder de um Legislativo eleito diretamente com uma câmara “alta” escolhida indiretamente, argumentou ele, era um vestígio do sistema aristocrático e elitista contra o qual a América estava se rebelando. Franklin comparou uma legislatura com duas casas com a cobra “lendária” de duas cabeças:

Ela estava indo a um riacho para beber e em seu caminho tinha de passar por uma cerca viva onde havia um galho que impedia o trajeto direto; uma cabeça escolheu ir para o lado direito do galho, a outra, para a esquerda, de tal modo que se perdeu tempo na disputa e, antes de chegar a uma decisão, a pobre serpente morreu de sede.

Suas impressões digitais também estavam visíveis na lista de qualificações que os ocupantes de cargos na Pensilvânia deveriam atender: ao contrário de outros estados, não precisavam ter propriedade, mas deviam ter “firme adesão à

justiça, moderação, temperança, diligência e frugalidade”.

A preferência de Franklin por uma legislatura unicameral viria a ser descartada tanto na Pensilvânia como nos Estados Unidos, mas foi recebida com grande sucesso na França, que a implantou (com resultados duvidosos) depois de sua revolução. Outra proposta ultrademocrática que Franklin fez à convenção da Pensilvânia era que a Declaração dos Direitos do estado desencorajasse a posse de grandes propriedades ou a concentração de riqueza como “um perigo para a felicidade da humanidade”. Isso também acabou se mostrando radical demais para a convenção.

Em seu tempo livre, Franklin participava de várias comissões do Congresso. Ele ajudou a projetar, por exemplo, o Grande Selo da nova nação, trabalhando mais uma vez com Jefferson e Adams. Jefferson propôs uma cena dos filhos de Israel sendo conduzidos pelo deserto e Adams sugeriu uma representação de Hércules. A proposta de Franklin era ter o lema *E Pluribus Unum* [De muitos, um] na frente e no verso, uma cena enfeitada do faraó sendo engolido pelo mar Vermelho com a frase “Rebelião contra os tiranos é obediência a Deus”. Jefferson apoiou o plano de Franklin, e grande parte dele foi aprovada pelo Congresso.⁴⁰

NOVA REUNIÃO COM LORDE HOWE

As negociações de Franklin em Londres com o almirante Richard Howe — aquelas que começaram sob o pretexto de partidas de xadrez na casa da irmã de Howe, no final de 1774 — haviam fracassado, mas não destruíram o respeito que os dois homens nutriam um pelo outro. O que particularmente frustrou lorde Howe foi que o impasse frustrou seu sonho de ser designado como enviado de paz às colônias. Em julho de 1776, o almirante já era o comandante de todas as forças britânicas na América e seu irmão, o general William Howe, chefiava as tropas terrestres. Além disso, realizara seu desejo de ser encarregado da tentativa de negociar uma reconciliação. Levava consigo uma proposta detalhada que oferecia uma trégua, perdão para os líderes rebeldes (com a secreta exceção de John Adams) e promessas de recompensas para qualquer americano que ajudasse a restaurar a paz.

Uma vez que os britânicos não reconheciam o Congresso Continental como órgão legítimo, lorde Howe não sabia ao certo para onde direcionar suas propostas. Então, quando chegou a Sandy Hook, em Nova Jersey, enviou uma carta a Franklin, a quem chamou de “meu digno amigo”. Na carta, declarava que tinha “esperança de ser útil para promover o estabelecimento de uma paz e

união duradouras com as colônias”.⁴¹

Franklin fez com que a carta fosse lida no Congresso e foi-lhe concedida permissão para responder, o que fez em 30 de julho. Era uma resposta hábil e eloquente, que deixava clara a determinação das colônias de permanecer independentes, mas que punha em marcha uma fascinante tentativa, a derradeira, de evitar uma revolução total.

“Recebi em segurança as cartas que Vossa Senhoria tão gentilmente encaminhou a mim, e peço-vos que aceiteis os meus agradecimentos”, Franklin começava com a civilidade necessária. Mas sua carta logo ficava veemente, e Franklin chegou mesmo a ressuscitar a expressão “afogar-nos em sangue”, cortada do projeto da Declaração de Jefferson:

Oferecer perdão às colônias, que são exatamente as partes lesadas, exprime, com efeito, aquela opinião de nossa ignorância, baixeza e insensibilidade que sua nação desinformada e orgulhosa há muito tempo se compraz em ter a nosso respeito; mas ela não pode ter senão o efeito de aumentar nossos ressentimentos. É impossível para nós pensar em submissão a um governo que com a barbárie e a crueldade mais injustificadas incendiou nossas cidades indefesas no meio do inverno, excitou os selvagens a massacrar nossos agricultores pacíficos e nossos escravos a assassinar seus senhores, e ainda agora traz mercenários estrangeiros para afogar nossos assentamentos em sangue.

Porém, com habilidade, Franklin incluiu em sua carta mais do que mera fúria. Com grande tristeza e comoção, passava a lembrar de como eles haviam trabalhado juntos para evitar um rompimento irreparável. Escreveu ele:

Esforcei-me por muito tempo, com sincero e incansável zelo, para preservar da quebra aquele belo e nobre vaso de porcelana, o Império Britânico, pois sabia que, uma vez quebrado, as partes separadas não poderiam reter nem sequer suas parcelas da força ou do valor que existiam no todo. Vossa Senhoria pode possivelmente lembrar-se das lágrimas de alegria que molharam o meu rosto quando, na casa de sua boa irmã, em Londres, me foram dadas expectativas de que uma reconciliação poderia acontecer em breve.

Franklin insinuava que negociações de paz talvez pudessem ser úteis. Não era provável. Seria necessário que Howe estivesse disposto a tratar a Grã-Bretanha e a América “como Estados distintos”. Franklin disse que duvidava que Howe tivesse essa autoridade. Mas, se a Grã-Bretanha quisesse fazer as pazes com uma América independente, Franklin deixava em aberto, “penso que um tratado nesse sentido ainda não é completamente impraticável”. Terminava com uma graciosa nota pessoal, declarando “a estima bem fundamentada e, permita-me dizer, o carinho que sempre terei por Vossa Senhoria”.⁴²

Howe ficou compreensivelmente surpreso com os termos da resposta de Franklin. O mensageiro que a entregou registrou a “surpresa” em seu rosto e seu comentário de que “seu velho amigo se expressara muito calorosamente”. Quando o mensageiro perguntou se queria mandar uma resposta, “ele se recusou, dizendo que o doutor ficara muito acalorado, e, se ele expressasse plenamente seus sentimentos a ele, iria apenas causar-lhe dor, o que queria evitar”.

Lorde Howe esperou duas semanas, enquanto os britânicos obtinham uma vantagem estratégica sobre as forças do general Washington em Long Island, para enviar uma resposta cuidadosamente redigida e extremamente polida ao seu “digno amigo”. Nela, o almirante admitia que não tinha autoridade “para negociar uma reunião com a América sob nenhuma outra condição que não fosse como súdita da Coroa da Grã-Bretanha”. Não obstante, dizia ele, a paz era possível nos termos que o Congresso havia estabelecido na sua Petição Oliver Branch ao rei no ano anterior, que incluía todas as exigências coloniais de autonomia, mas que ainda preservava alguma forma de união com a Coroa. Embora tivesse se absterido de ser explícito “em minha declaração pública”, Howe deixava claro agora que a paz que ele imaginava seria “de interesse mútuo para ambos os países”. Em outras palavras, a América seria tratada como um país separado no quadro do império.⁴³

Isso era o que Franklin havia imaginado durante anos. No entanto, depois de 4 de julho, provavelmente era tarde demais. Essa era a opinião de Franklin agora. Com mais fervor ainda, John Adams e outros de sua facção radical assim pensavam. Então, houve muita discussão e discordância dentro do Congresso sobre se Franklin deveria manter a correspondência com o representante inglês. Howe forçou a questão ao dar liberdade condicional a um general norte-americano capturado e enviá-lo à Filadélfia com um convite para que o Congresso enviasse uma delegação não oficial para negociações antes que “fosse dado um golpe decisivo”.

Três membros — Franklin, Adams e Edward Rutledge, da Carolina do Sul — foram indicados para se encontrarem com Howe e ouvir o que ele tinha a dizer. A inclusão de Adams (que, segundo as palavras de seu biógrafo David McCullough, advertira o Congresso de que o mensageiro de Howe era “um pato

chamariz enviado para seduzir o Congresso a renunciar à independência”) era uma salvaguarda de que Franklin não retomaria seu velho hábito de buscar a paz.

Talvez com uma pitada de ironia, Franklin propôs que a reunião poderia ocorrer na mansão do governador em Perth Amboy, que havia sido deixada por seu filho preso, ou, alternativamente, em Staten Island. Howe escolheu o último lugar. A caminho de Staten Island, a comissão passou a noite em New Brunswick, onde a estalagem estava tão cheia que Franklin e Adams foram obrigados a dividir a cama. O resultado foi uma noite um pouco ridícula, registrada por Adams em seu diário, que oferecia um vislumbre delicioso da personalidade de Franklin e da esquisita relação de casal que teve ao longo dos anos com Adams.

Adams estava resfriado e, quando foram para a cama, ele fechou a pequena janela do quarto. “Oh!”, exclamou Franklin. “Não feche a janela. Ficaremos sufocados.”

Adams respondeu que estava com medo do ar da noite.

“O ar dentro deste quarto estará em breve, e aliás já está, pior do que o de lá de fora”, retrucou Franklin. “Venha! Abra a janela e venha para a cama, e eu vou convencer você. Acredito que não está familiarizado com a minha teoria dos resfriados.”

Adams reabriu a janela e “saltou para a cama”, uma visão que deve ter valido a pena contemplar. Sim, ele disse, havia lido as cartas (ver p. 268) em que Franklin argumentava que ninguém pega resfriados do ar frio, mas a teoria era incompatível com sua própria experiência. Franklin poderia, por favor, explicar?

Adams, com um toque de ironia incomum para ele, registrou: “O doutor começou então uma arenga sobre ar frio, respiração e transpiração, que me divertiu tanto que logo cai no sono, e deixei ambos, ele e sua filosofia, juntos”. Além de ganhar a discussão sobre a abertura da janela, deve-se registrar que Franklin, talvez por causa disso, não pegou o resfriado de Adams.⁴⁴

Quando enviou uma barcaça para transportar a delegação americana para Staten Island, Howe instruiu seu oficial a ficar para trás como refém. Franklin e sua comissão levaram o oficial com eles como um gesto de confiança, em honra de Howe. Embora o almirante tenha conduzido seus convidados através de uma linha dupla de ameaçadores mercenários de Hesse, a reunião de três horas em 11 de setembro foi cordial, e os norte-americanos foram recebidos com presunto, língua, carne de carneiro e um bom clarete.

Howe prometeu que as colônias poderiam ter o que haviam solicitado na Petição Olive Branch: controle sobre a própria legislação e impostos e “revisão de qualquer das leis sobre plantações pela qual os colonos se sentissem lesados”. Os britânicos, disse, ainda estavam gentilmente dispostos em relação aos americanos: “Quando um americano cai, a Inglaterra sente”. Ele sentia a mesma coisa, ainda mais fortemente. Se a América caísse, “eu sentiria e lamentaria como a perda de um irmão”.

Adams registrou a réplica de Franklin.

O dr. Franklin, com ar afável e semblante contido, uma reverência, um sorriso e toda aquela ingenuidade que por vezes aparecia em sua conversa e se observa muitas vezes em seus escritos, respondeu: “Meu lorde, envidaremos nossos maiores esforços para salvar Vossa Senhoria dessa mortificação”.

A disputa que estava causando aquela guerra horrível, Howe insistiu, era apenas sobre o método que a Grã-Bretanha deveria usar no aumento de impostos da América. Franklin respondeu: “Que nunca recusamos, mediante requisição”.

A América oferecia outras fontes de força ao império, continuou Howe, inclusive “seus homens”. Franklin, cujos escritos sobre crescimento da população Howe conhecia bem, concordou. “Nós temos uma fábrica bastante considerável de homens.”

Por que, então, perguntou Howe, não era possível “pôr fim a essa situação extrema danosa?”.

Porque já era tarde demais para qualquer paz que exigisse um retorno à lealdade ao rei, respondeu Franklin. “Forças foram enviadas e cidades foram queimadas”, disse ele. “Não podemos esperar felicidade sob o domínio da Grã-Bretanha. Todos os laços anteriores foram apagados.” Do mesmo modo, Adams “mencionou acaloradamente sua determinação de não se afastar da ideia de independência”.

Os americanos sugeriram que Howe pedisse ao seu governo autoridade para negociar com eles na qualidade de nação independente. Essa era uma esperança “vã”, respondeu o almirante.

“Bem, meu lorde”, disse Franklin, “como a América não pode esperar nada, senão sob submissão incondicional...”

Howe o interrompeu. Não estava exigindo submissão. Mas estava claro, reconhecia, que nenhum acordo era possível, ao menos por enquanto, e pediu desculpas porque “os cavalheiros se deram ao trabalho de vir de tão longe para tão pouco propósito”.⁴⁵

PARA A FRANÇA, COM TEMPLE E BENNY

Duas semanas depois de seu retorno do encontro com lorde Howe, Franklin foi escolhido, por uma comissão do Congresso agindo em grande segredo, para

embarcar na mais perigosa, complexa e fascinante de todas as suas missões de serviço público. Ele deveria atravessar o Atlântico mais uma vez para atuar como enviado a Paris, com o objetivo de persuadir a França, que então desfrutava uma paz rara com a Grã-Bretanha, a ajudar e fazer uma aliança sem a qual era improvável que a América pudesse vencer.

Foi uma designação estranha. Idoso e doente, Franklin estava feliz por viver abrigado, finalmente, em um ninho familiar que, de fato, incluía membros de sua própria prole. Mas havia certa lógica, do ponto de vista do Congresso, para a escolha. Embora tivesse visitado a França somente duas vezes, ele era o mais famoso e reverenciado americano naquele país. Além disso, como membro da Comissão de Correspondência Secreta do Congresso, mantivera conversações confidenciais durante o ano anterior com grande variedade de intermediários franceses. Entre eles estava Julien de Bonvouloir, um agente pessoalmente aprovado pelo novo rei, Luís XVI. Em dezembro de 1775, Franklin encontrou-se com ele três vezes e saiu de lá com a impressão, embora Bonvouloir tivesse sido escrupulosamente discreto, de que a França estaria disposta a apoiar, pelo menos em segredo, a rebelião americana.⁴⁶

Dois outros comissários também foram escolhidos para a missão na França: Silas Deane, comerciante e delegado de Connecticut no Congresso, que já havia sido enviado para Paris em março de 1776, e Thomas Jefferson. Quando Jefferson pediu para ser liberado por razões familiares, seu lugar foi dado ao rabugento virginiano Arthur Lee, que assumira as funções de Franklin como agente colonial em Londres.

Franklin declarou aceitar a missão com relutância. “Estou velho e não sirvo para mais nada”, disse a seu amigo Benjamin Rush, que sentava ao seu lado no Congresso. “Mas, como dizem os lojistas de seus restos de pano, não passo de um retalho, e você pode me levar pelo que quiser dar.”⁴⁷

No entanto, conhecendo Franklin — com seu amor pelas viagens, atração por novas experiências, gosto pela Europa e (talvez) sua tendência a fugir de situações embaraçosas —, é provável que tenha gostado da tarefa, e há alguns indícios de que a procurou. Durante as deliberações da Comissão Secreta do mês anterior, ele escrevera um “Esboço de propostas para a paz” com a Inglaterra, que a comissão acabou não usando. Em seu esboço, Franklin deixou clara sua inclinação a voltar àquele país:

Ter tais proposições a fazer, ou quaisquer poderes para tratar da paz, irá fornecer um pretexto para BF ir à Inglaterra, onde tem muitos amigos e conhecidos, particularmente entre os melhores escritores e mais hábeis oradores em ambas as Casas do Parlamento; ele pensa que, quando lá, se os termos não forem aceitos, será capaz de provocar uma tal divisão de

sentimentos da nação de forma a enfraquecer enormemente seus empenhos contra os Estados Unidos.⁴⁸

Seu encontro com lorde Howe, que ocorreu depois de ele ter escrito esse memorando, tornou uma missão à Inglaterra menos sedutora, especialmente em comparação com as possibilidades de Paris. De suas visitas anteriores, ele concluía que adoraria Paris, e sem dúvida seria mais seguro do que permanecer na América, onde o resultado da guerra era bastante incerto (Howe se aproximava da Filadélfia na época). Alguns dos inimigos de Franklin, entre eles o embaixador britânico em Paris e alguns americanos fiéis ao rei, achavam que ele estava em busca de um pretexto para fugir do perigo. Até seu amigo Edmund Burke, o filósofo pró-americano e membro do Parlamento, pensou assim: “Jamais acreditarei que ele concluirá uma longa vida, que brilhou em todos os momentos de sua duração, com uma fuga tão repugnante e desonrosa”.⁴⁹

Essas suspeitas são provavelmente muito severas. Se a segurança pessoal fosse sua principal preocupação, uma travessia em tempo de guerra de um oceano controlado pela Marinha do inimigo aos setenta anos de idade, atormentado pela gota e por cálculos renais, não era o caminho mais lógico. Tal como acontecia com todas as decisões de Franklin a respeito de atravessar o Atlântico, esta envolvia muitas emoções e desejos conflitantes. Mas, certamente, a oportunidade de servir ao seu país em uma tarefa para a qual não havia nenhum outro americano mais bem equipado e a chance de viver e ser festejado em Paris eram razões suficientes para explicar sua decisão. Enquanto se preparava para a partida, retirou mais de 3 mil libras esterlinas de sua conta bancária e as emprestou ao Congresso para prosseguir com a guerra.

Seu neto Temple passara o verão cuidando de sua desamparada madrastra em Nova Jersey. A prisão do marido deixara Elizabeth Franklin, que no melhor dos momentos era frágil, completamente perturbada. “Não consigo fazer nada, exceto suspirar e chorar”, ela escreveu a sua cunhada Sally Bache em julho. “Minha mão treme a tal ponto que mal posso segurar uma pena.” Ao suplicar que Temple ficasse com ela, queixou-se dos “soldados desordeiros” que cercavam sua mansão. “Eles têm sido extremamente rudes, insolentes e abusados comigo e me aterrorizaram, quase me enlouquecendo.” Ela acrescentou que até tentaram roubar o cão de estimação de Temple.⁵⁰

Temple chegou à casa de sua madrastra no final de julho, como sempre esquecendo algumas de suas roupas pelo caminho. (“Parece haver uma espécie de fatalidade no transporte de suas coisas entre Amboy e Filadélfia”, escreveu o avô.) Franklin enviou junto com o neto algum dinheiro para Elizabeth, mas ela implorava por algo mais. Ele não poderia “assinar um livramento condicional” para que William voltasse para a família? “Considere, meu Querido e Honrado

Senhor, que agora estou defendendo a causa de seu filho e meu marido amado.” Franklin recusou o pedido e desconsiderou suas queixas patéticas a respeito de sua situação, observando que outros estavam sofrendo muito mais nas mãos dos britânicos. Tampouco fez qualquer esforço para vê-la quando passou por Amboy a caminho do encontro com lorde Howe. Desde seu casamento com William, ele demonstrara pouca vontade de fazer amizade com ela, visitá-la ou se corresponder com ela, muito menos de se entregar às adulações que normalmente esbanjava com as mulheres mais jovens.⁵¹

Temple era mais solidário. No início de setembro, fez planos para viajar a Connecticut, a fim de visitar seu pai na prisão e levar-lhe uma carta de Elizabeth. Mas Franklin proibiu-o de ir, dizendo que era importante retomar os estudos na Filadélfia em breve. Temple continuou pressionando. Não tinha nenhuma informação secreta, apenas uma carta que queria entregar. O avô permaneceu impassível. “Você se engana ao imaginar que estou apreensivo porque levaria informações perigosas para seu pai”, repreendeu. “Você estaria mais certo se pudesse ter suspeitado em mim uma pequena preocupação terna por seu bem-estar.” Se Elizabeth queria escrever ao seu marido, acrescentou ele, poderia fazê-lo aos cuidados do governador de Connecticut, e ele até mandava alguns envelopes franqueados para esse fim.

Na verdade, Franklin percebeu que seu neto tinha outros motivos — um mau, outro honroso — para querer ver seu pai: “Prefiro pensar que o projeto tem sua origem em sua inclinação a vaguear e relutância em voltar aos estudos, junto com um desejo que não censuro de ver um pai que você tem tantas razões para amar”.

Não censurá-lo por querer ver o pai? Dizer que ele tinha muitas razões para amá-lo? Para Franklin, tais sentimentos em relação a William eram um tanto surpreendentes, até mesmo comoventes. Porém, estavam em uma carta que havia negado ao filho de William o direito de visitá-lo.⁵²

A disputa tornou-se irrelevante menos de uma semana depois. Tomando cuidado para manter em segredo a notícia da sua nomeação de enviado à França, Franklin foi enigmático. “Espero que você volte para cá imediatamente e sua mãe não fará objeções a isso”, escreveu ele. “Há uma oferta aqui que lhe trará muitas vantagens.”

Franklin nunca consultou Elizabeth — que morreria um ano depois, sem ver o marido nem o enteado novamente — sobre a decisão de levar Temple para a França. Tampouco informou William, que só ficou sabendo mais tarde da partida de seu único filho, um rapaz que conhecera por apenas um ano. É uma prova da poderosa força pessoal exercida por Benjamin Franklin, homem muitas vezes insensível aos sentimentos de sua família, que William tenha aceitado a situação de forma tão patética. “Se o velho senhor levou o menino com ele”, escreveu para sua mulher abandonada, “espero que tenha sido somente para

colocá-lo em alguma universidade estrangeira.”⁵³

Franklin também decidiu levar seu outro neto, Benny Bache. Assim, foi um estranho trio que partiu em 27 de outubro de 1776, a bordo de um navio de guerra americano abarrotado, mas rápido, apropriadamente batizado de *Repesália*: um homem inquieto prestes a completar 71 anos, atormentado por problemas de saúde mas ainda ambicioso e aventureiro, rumo a uma terra sem amigos, de onde estava convencido de que nunca mais voltaria, acompanhado por um rapaz frívolo de dezessete anos e um menino pensativo, ansioso por agradecer, que acabara de completar sete anos. A experiência na Europa seria boa para seus netos, ele esperava, e a presença deles lhe seria reconfortante. Dois anos mais tarde, ao escrever para Temple, mas usando palavras que se aplicavam a ambos os meninos, Franklin explicou por que os queria ao seu lado: “Se eu morrer, tenho um filho para fechar meus olhos”.⁵⁴

* *Minutemen*: milicianos americanos que prometiam estar prontos para lutar em um minuto. (N. T.)

** Em inglês, Hancock diz “We must all hang together” — “Devemos permanecer unidos” —, e Franklin faz na frase um trocadilho com o verbo *to hang*, que significa também “enforcar”. (N. T.)

13. Cortesão
Paris, 1776-8

O AMERICANO MAIS FAMOSO DO MUNDO

A dura travessia invernal a bordo do *Repesália*, embora feita em apenas trinta dias, “quase me demoliu”, Franklin recordou mais tarde. A carne salgada trouxe de volta suas feridas e erupções cutâneas, outros alimentos eram muito difíceis para seus dentes idosos, e a pequena fragata balançava tanto que ele mal dormiu. Assim, ao avistar a costa da Bretanha, Franklin, esgotado e sem disposição para esperar por ventos que o levassem para mais perto de Paris, pediu que um barco de pesca o levasse com seus dois netos perplexos para a pequena aldeia de Auray. Conforme escreveu a John Hancock, até que chegasse a Paris de carruagem, evitaria assumir um “caráter público” e tentaria manter uma postura discreta, “julgando que seria prudente saber primeiro se a corte estava pronta e disposta a receber publicamente ministros do Congresso”.¹

A França, no entanto, não era um lugar onde o americano mais famoso do mundo encontraria, nem procuraria de verdade, o anonimato. Quando sua carruagem chegou a Nantes, a cidade o homenageou com um grande baile organizado às pressas, no qual Franklin reinou como um estadista-filósofo célebre e Temple ficou maravilhado com a altura dos penteados ricamente adornados das mulheres. Depois de ver o boné de pele macia de Franklin, as senhoras de

Nantes começaram a usar perucas que o imitavam, num estilo que ficou conhecido como *coiffure à la Franklin*.

Para os franceses, aquele cientista que desafiara os raios e tribuno da liberdade que aparecera inesperadamente em suas costas era um símbolo tanto da virtuosa liberdade da fronteira romantizada por Rousseau como da sabedoria racional do Iluminismo defendida por Voltaire. Por mais de oito anos, ele desempenharia seus papéis à perfeição. De maneira inteligente e deliberada, movido pela sagacidade e *jolie de vivre* que os franceses tanto adoravam, ele apresentaria a causa americana, através da própria personificação dela, como a de um Estado natural combatendo o corrompido, um Estado iluminado lutando contra a velha ordem irracional.

Em suas mãos, quase tanto como nas de Washington e outros, estava depositado o destino da Revolução. A menos que ele conseguisse obter o apoio da França — sua ajuda, seu reconhecimento, sua Marinha —, seria difícil para as colônias unidas da América vencer. Já reconhecido como o maior cientista e escritor americano de sua época, Franklin mostraria uma destreza que faria dele o maior diplomata americano de todos os tempos. Ele jogava com o romantismo, bem como com a razão que encantavam os *philosophes* da França, com o fascínio pela liberdade da América que cativava o seu público, e com o cálculo frio do interesse nacional que movia seus ministros.

Com sua tradição de 440 anos de guerras periódicas com a Inglaterra, a França era uma aliada potencial perfeita, especialmente porque desejava vingar a perda que sofrera no mais recente afloramento americano dessas lutas, a Guerra dos Sete Anos. Pouco antes de partir, Franklin soube que a França concordara em enviar alguma ajuda secreta para os rebeldes americanos por intermédio de uma entidade comercial de fachada.

Mas convencer a França a fazer mais do que isso não seria fácil. A nação estava sem dinheiro, aparentemente em paz com a Grã-Bretanha, e compreensivelmente cautelosa em relação a apostar em um país que, depois da retirada abrupta de Washington de Long Island, parecia um perdedor. Além disso, Luís XVI e seus ministros não eram defensores instintivos do desejo americano, que poderia se revelar contagioso, de livrar-se das monarquias hereditárias.

Entre as cartas na manga de que Franklin dispunha estava sua fama, e ele fazia parte de uma longa linhagem de estadistas, de Richelieu a Metternich, chegando a Kissinger, que percebia que com a celebridade vinha o prestígio e, com ele, a influência. Suas teorias sobre os raios foram provadas na França em 1752, suas obras coligidas publicadas em 1773, e uma nova edição de *O caminho para a riqueza* do Pobre Ricardo, intitulada *La Science du bonhomme Richard*, foi publicada logo após sua chegada e reimpressa quatro vezes em dois anos. Sua fama era tão grande que as pessoas foram às ruas na esperança de obter um vislumbre de sua entrada em Paris, em 21 de dezembro de 1776.

Em poucas semanas, todos da Paris elegante pareciam desejar alguma exibição de seu semblante benigno. Fizeram-se medalhões de vários tamanhos, penduraram-se gravuras e retratos nas casas, e sua face enfeitava caixas de rapé e anéis de sinete. “As quantidades vendidas são incríveis”, ele escreveu a sua filha, Sally. “Isso tudo, com os retratos, bustos e estampas (dos quais cópias e mais cópias estão espalhadas em todos os lugares), fez o rosto do seu pai tão conhecido quanto o da lua.” A moda chegou a ponto de aborrecer levemente, sem deixar de divertir, o próprio rei. Ele deu à condessa Diane de Polignac, que o havia aborrecido muitas vezes com louvores a Franklin, um urinol de porcelana de Sèvres com seu camafeu em relevo no interior.²

“Sua reputação era mais universal do que a de Leibniz, Frederico ou Voltaire, e seu caráter mais amado e estimado”, recordaria John Adams muitos anos mais tarde, depois que seu ciúme da fama de Franklin acalmara um pouco. “Difícilmente havia um camponês ou cidadão, um criado pessoal, cocheiro ou laçao, uma camareira de senhora ou ajudante de cozinha que não estivessem familiarizados com o nome de Franklin.”³

Os franceses tentaram até reivindicá-lo. Ele sempre supôs, como observamos no início deste livro, que seu sobrenome vinha da classe fundiária inglesa de homens livres conhecidos como *franklins*, e estava quase certamente correto. Mas o *Gazette* de Amiens informou que o nome Franquelin era comum na província de Picardie, de onde muitas famílias emigraram para a Inglaterra.

Vários grupos de filósofos franceses, além dos discípulos de Voltaire e Rousseau, também o reivindicaram intelectualmente. O mais notável foi o dos fisiocratas, pioneiro no campo da economia e responsável pelo desenvolvimento da doutrina do *laissez-faire*. O grupo tornou-se para ele uma nova Junta, e Franklin escreveu ensaios para a revista mensal deles.

Um dos mais famosos fisiocratas, Pierre-Samuel Du Pont de Nemours (que emigrou em 1799 com seu filho e fundou a empresa química DuPont), descreveu seu amigo Franklin em termos quase míticos: “Seus olhos revelam perfeita equanimidade e seus lábios, o sorriso de uma serenidade imperturbável”. Outros ficaram impressionados com o fato de ele se vestir com tanta simplicidade e não usar peruca. “Tudo nele anunciava a simplicidade e a inocência dos costumes primitivos”, maravilhou-se um parisiense, que acrescentou o perfeito cumprimento francês ao seu amor pelo silêncio: “Ele sabia como ser descortês sem ser rude”.

Sua taciturnidade e suas roupas sem adornos levaram muitos a confundir-lo com um quacre. Um clérigo francês informou logo após a chegada de Franklin: “Esse quacre usa a veste completa de sua seita. Tem uma bela fisionomia, sempre de óculos nos olhos, muito pouco cabelo, um gorro de pele, que usa o tempo todo”. Era uma impressão que Franklin fazia pouco para corrigir, pois sabia que o fascínio pelos quacres estava na moda na França. Voltaire fizera uma

famosa exaltação da simplicidade pacífica deles em quatro de suas “Cartas sobre a Inglaterra”, e, como Carl Van Doren observou, “Paris admirava a seita por seus méritos brandos e resolutos”.⁴

Franklin estava bem ciente da imagem que criara para si mesmo e divertia-se com ela. Imagine-me, escreveu a um amigo, “muito simplesmente vestido, com meus cabelos finos, lisos e grisalhos que espreitam sob o meu único penteado, um gorro de pele fina, que desce por minha testa até quase os óculos. Pense em como isso deve se destacar entre as cabeças empoadas de Paris”. Era uma imagem muito diferente daquela que adotara, e sobre a qual escrevera a Polly, durante sua primeira visita, em 1767, quando comprou “uma pequena peruca masculina” e fez seu alfaiate “transformar-me em um francês”.⁵

Na realidade, seu novo visual rústico era, em parte, uma pose, uma criação esperta do primeiro grande criador de imagens e mestre de relações públicas dos Estados Unidos da América. Ele usava seu gorro de pele de marta, aquele que trouxera da viagem ao Canadá, na maior parte dos eventos sociais, inclusive quando foi recebido no famoso salão literário de Madame du Deffand, pouco depois de sua chegada, e tornou-se uma característica de seus retratos e medalhões. O gorro, tal como aquele usado por Rousseau, servia como emblema da sua virtude despretensiosa e da pureza do Novo Mundo, assim como seus sempre presentes óculos (que também aparecem nos retratos) se tornaram um símbolo de sabedoria. Isso o ajudou a desempenhar o papel que Paris imaginava para ele: o do nobre filósofo de fronteira e simples sábio do interior — embora tivesse passado a maior parte de sua vida na Market Street e na Craven Street.

Franklin retribuiu a adoração dos franceses. “Acho que constituem a nação mais amável de se conviver”, escreveu a Josiah Quincy. “Conforme a opinião comum, os espanhóis são supostamente cruéis, os ingleses orgulhosos, os escoceses insolentes, os holandeses avarentos etc., mas acho que os franceses não têm um vício nacional que lhes seja atribuído. Eles têm algumas frivolidades, mas são inofensivos.” Como disse a um parente de Boston: “Esta é a nação mais civilizada do mundo”.⁶

ACORTE DE FRANKLIN EM PASSY

Na Inglaterra, Franklin havia montado um lar acolhedor, com uma família substituta. Na França, montou logo não apenas um lar, mas uma corte em miniatura. Ela se situava, figurativa e geograficamente, entre os salões de Paris e o palácio de Versalhes, e cresceria para incluir, além da necessária família nova, um elenco de visitantes: colegas comissários, deputados, espões, intelectuais, cortesãos e admiradoras coquetes.

A aldeia de Passy, onde Franklin reinava sobre esse círculo, era uma coleção de mansões e palácios a cerca de cinco quilômetros do centro de Paris, na orla do Bois de Boulogne. Uma das mais agradáveis dessas propriedades era a de Jacques-Donatien Leray de Chaumont, um comerciante nouveau riche que fizera fortuna negociando nas Índias Orientais e estava motivado — por simpatias sinceras, bem como pela perspectiva de lucro — a se associar à causa americana. Ele ofereceu, inicialmente sem cobrar aluguel, moradia e alimentação a Franklin e seu grupo, e seu complexo em Passy se tornou a primeira embaixada dos Estados Unidos no estrangeiro.

Era um arranjo idílico para Franklin. Ele tinha uma “bela casa” e um “grande jardim para passear”, bem como uma “abundância de conhecidos”, contou por carta à sra. Stevenson. A única coisa que faltava era “aquela ordem e economia em minha família que reinava quando estava sob sua direção”, acrescentou, fazendo uma mínima insinuação de que talvez apreciasse que ela viesse a ser sua parceira na família novamente. Mas não foi uma sugestão em que ele tenha insistido, pois se sentia bastante confortável com um novo conjunto de companhias domésticas e femininas. “Não me lembro de ter visto meu avô com melhor saúde”, Temple escreveu a Sally. “O ar de Passy e o banho quente três vezes por semana fizeram dele um homem bastante jovem. Sua agradável alegria faz todo mundo se apaixonar por ele, especialmente as senhoras, que sempre permitem que ele as beije.”

A casa principal de Chaumont (em que Franklin instalou um para-raios) situava-se em meio a uma série de pavilhões, jardins formais, terraços imponentes e uma lagoa octogonal com vista para o Sena. Os jantares, servidos às duas da tarde, eram extravagâncias de sete pratos, e Franklin montou uma coleção de vinhos que logo chegou a mais de mil garrafas de Bordeaux, champanhe e xerez. A espirituosa Madame Chaumont fazia o papel de anfitriã, e sua filha mais velha se tornou “*ma femme*” de Franklin. Ele também tomou gosto pela filha adolescente do *seigneur* da aldeia, à qual se referia desejosamente como sua “amante”. (Quando ela se casou com o marquês de Tonnerre, Madame Chaumont fez um trocadilho: “Todos os para-raios do senhor Franklin não conseguiram impedir que o relâmpago [em francês, *tonnerre*] caísse sobre Mademoiselle”.)

Por intermédio das empresas comerciais de Franklin, Chaumont obteve suprimentos para a causa americana, inclusive salitre e uniformes. Uma vez que ele seguia o conselho do Pobre Ricardo de ganhar dinheiro fazendo o bem, muitos questionaram seus motivos. “Ele agarraria, se pudesse, o comércio das treze colônias somente para si”, publicou um jornal.⁷

Chaumont também foi uma espécie de assessor de imprensa de Franklin. Ele encomendou ao grande escultor italiano Giovanni Battista Nini uma série de medalhões com a efígie de Franklin, e ao retratista do rei Joseph-Siffred

Duplessis, um majestoso retrato a óleo. Preferido de Franklin, o quadro de Duplessis está atualmente em uma sala no alto da grande escadaria do Museu Metropolitano de Nova York (outros pintados por Duplessis estão na Galeria Nacional de Retratos de Washington e em outros lugares).

Benny foi matriculado em uma escola próxima e rapidamente dominou o francês; todos os domingos, ia jantar com o avô, levando às vezes alguns colegas americanos. Jonathan Williams, um sobrinho-neto, veio da Inglaterra e durante um tempo cuidou de supervisionar as transações comerciais. Temple era um ajudante muito leal de Franklin, embora não fosse excelente; era uma espécie de playboy que ainda precisava dominar a maioria das treze virtudes de seu avô.

O ocupado Franklin, sempre às voltas com as complexidades dos carregamentos de armas e transações comerciais, precisaria de toda a lealdade e de todo o apoio da família que conseguisse reunir, pois se veria trabalhando ao lado de um colega comissário corrupto, outro que odiava todos, um secretário que era espião, um cozinheiro que dava desfalques e um proprietário que esperava aproveitar-se da situação.

Desse conjunto heterogêneo, o comissário corrupto, que era de fato muito simpático e não totalmente desonesto, era o preferido de Franklin. Silas Deane, de Connecticut, chegara à França em julho de 1776, cinco meses antes de Franklin, e ajudou a preparar o primeiro envio secreto de ajuda da França. Nessa empreitada, contou com um intermediário totalmente improvável: Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais, diplomata amador, aspirante a aproveitador e o dramaturgo mundialmente famoso que acabara de escrever *O barbeiro de Sevilha* e logo depois escreveria *O casamento de Figaro*. Tal como Beaumarchais, Deane parecia ter mão leve e métodos contábeis inescrutáveis. Ele seria chamado de volta um ano depois e enfrentaria uma auditoria do Congresso, na qual seria reprovado. Mas Franklin continuou seu amigo durante todo o tempo.

O grande antagonista nessa salada toda, de Deane e depois de Franklin, era o terceiro comissário americano, Arthur Lee, da Virgínia. Ele suspeitava de todo mundo ao seu redor ao ponto da paranoia, uma característica apenas parcialmente justificada pelo fato de que tinha razão em muitos casos. Lee tinha ciúmes de Franklin desde a época em que ambos foram agentes coloniais em Londres (e faziam parte de planos fundiários rivais). Junto com seus irmãos, William Lee e Richard Henry Lee, esteve por trás de muitos rumores que levantavam dúvidas sobre a lealdade e o caráter de Franklin.

Assim que conseguiu denunciar, com alguma razão, as transações duvidosas de Deane, Lee iniciou uma campanha, sem justificativa, para lançar dúvidas sobre Franklin. “Estou cada vez mais convencido de que o velho doutor está envolvido no saque”, escreveu a seu irmão. Mais tarde, observou, dessa vez com um pouco mais de razão, que Franklin estava “mais dedicado ao prazer do

que até mesmo um jovem estaria em sua posição”.⁸

Crente de que, outrora, Franklin fora mole demais com a Inglaterra, Lee julgava-o agora mole demais com a França. Também estava convencido de que quase todos em Passy eram espíões ou escroques, e ele se afligia com todos os detalhes, até com a cor dos uniformes que eram enviados para a América e com o fato de que Deane tinha alugado acomodações mais perto de Franklin.

Em raras ocasiões, Lee e Franklin deixavam de lado a animosidade quando discutiam sua causa comum. Uma noite em Passy, Franklin regalou-o longamente com a grandiosa história de julho de 1776, que Lee, que estava em Londres naquela ocasião, registrou com reverência em seu diário. Foi “um milagre nos negócios humanos”, contou Franklin, que resultaria na “maior revolução que o mundo já viu”.

No início de 1778, no entanto, Lee e Franklin mal falavam um com o outro. “Eu tenho o direito de saber suas razões para me tratar assim”, Lee escreveu depois de uma enxurrada de suas cartas ressentidas ficar sem resposta. Franklin reagiu com as mais virulentas palavras que jamais escreveu:

Senhor: é verdade que me omiti de responder a algumas das suas cartas. Não gosto de responder a cartas furiosas. Odeio discussões. Estou velho, não tenho muito tempo de vida, tenho muito a fazer e não tenho tempo para alterações. Se muitas vezes recebi e suportei suas censuras e reprimendas magistras sem responder, atribua isso às causas certas, minha preocupação com a honra e o sucesso da nossa missão, que seria prejudicada por nossas brigas, meu amor pela paz, meu respeito por suas boas qualidades e minha piedade por sua mente doente, que está sempre se atormentando, com seus ciúmes, desconfianças e fantasias de que os outros o julgam doente, querem enganá-lo, ou desrespeitá-lo. Se o senhor não se curar desse temperamento, vai terminar em loucura, da qual ele é o precursor sintomático, como já vi em vários casos. Deus o proteja de mal tão terrível: e em Seu nome, reze para permitir-me viver em paz.

Tal como sua outra carta irritada famosa, aquela em que chamava seu amigo Strahan de inimigo, Franklin não enviou essa. Embora ela expressasse exatamente o que queria dizer, ele era avesso a alterações e, ademais, como observou, estava velho demais para elas. Em vez disso, no dia seguinte, escreveu para Lee uma resposta um pouco mais suave. Na versão revista, admitia que não respondera a algumas de suas cartas, “particularmente as iradas em que o senhor

com ares muito magistras me instrua e ensinava como se eu fosse um de seus criados”. Em vez disso, ele as queimara, porque “vi sob a luz mais forte a importância de vivermos em uma civilidade decente um em relação ao outro”. Franklin queixou-se a Deane: “Suporto todas as repreensões dele com paciência para o bem do serviço, mas é um pouco difícil para mim”.⁹

Lee atraía visitantes com a mesma mentalidade que a sua e que se mostravam igualmente irritantes. Seu irmão William fora enviado em missão à Áustria, mas, como não foi recebido lá, acabou em Paris. O mesmo aconteceu com Ralph Izard, um rico e ciumento fazendeiro da Carolina do Sul, que veio depois de ser considerado emissário indesejável na Toscana. Quando Izard tomou o lado de Lee, Franklin retaliou com uma sátira anônima: “Petição da letra Z, comumente chamada de Ezzard, Zed ou Izard”. Nele, a letra Z reclama de estar “colocada no fim do alfabeto” e “totalmente excluída da palavra WISE [sábio]”.¹⁰

BANCROFT, O ESPIÃO

Arthur Lee foi particularmente recriminador em relação a Edward Bancroft, o secretário da delegação americana. Bancroft era um personagem intrigante em todos os sentidos dessas duas palavras.* Nascido em Massachusetts em 1744, havia sido instruído na juventude por Silas Deane e, depois, aos dezenove anos, passou a trabalhar em uma fazenda na Guiana, onde escreveu sobre plantas tropicais e patenteou um corante têxtil feito da casca escura de um carvalho nativo. Em 1767, aos 23 anos, mudou-se para Londres, onde se tornou médico e especulador na bolsa de valores. Lá, fez amizade com Franklin, que patrocinou sua eleição para a Sociedade Real e lhe pagou para colher informações sobre os líderes britânicos. Em março de 1776, quando se preparava para ir à França, Deane foi instruído por Franklin a “pedir uma reunião com o sr. Bancroft, escrevendo-lhe uma carta endereçada ao nome falso de sr. Griffiths, em Turnham Green, perto de Londres, instando-o a vir visitá-lo”. Bancroft chegou a Paris em julho, tal como Deane, e começou a trabalhar para seu antigo tutor.¹¹

Quando Franklin chegou, no final do mesmo ano, fez de Bancroft secretário da delegação. O que ele não sabia (e que os historiadores só descobriram um século depois ao examinar documentos secretos em arquivos de Londres) era que Bancroft havia começado a trabalhar como agente secreto britânico altamente ativo.

O Serviço Secreto britânico, que em 1777 gastava perto de 200 mil libras esterlinas por ano para reunir informações, era dirigido por um homem perspicaz

chamado William Eden, mais tarde lorde Auckland. Suas operações na França eram supervisionadas por Paul Wentworth, americano natural de New Hampshire que se mudou para Londres na década de 1760 e ganhou dinheiro especulando em ações e comprando terras nas Antilhas e na América do Sul, inclusive a fazenda na Guiana em que Bancroft havia trabalhado quando jovem pesquisador médico.

Wentworth, por sua vez, recrutou Bancroft para ser um de seus muitos espões em Paris e, em dezembro de 1776, eles entraram em um acordo formal, usando o frágil codinome “dr. Edward Edwards” para Bancroft. “O dr. Edwards compromete-se a se corresponder com P. Wentworth para comunicar-lhe o que possa vir a seu conhecimento sobre os seguintes assuntos”, assim começava o memorando. Passava então a detalhar por dez parágrafos as informações que Bancroft forneceria. Entre elas, estavam:

O progresso do tratado com a França e da assistência esperada. [...] O mesmo com a Espanha e todas as outras cortes da Europa. [...] Os meios de obter crédito, de efeito e dinheiro e os canais e agentes usados. [...] As correspondências secretas de Franklin e Deane com o Congresso. [...] Descrições dos navios e mercadorias, o momento da navegação e os portos a que se destinam. [...] As informações secretas que possam chegar da América.

Toda semana, o cordial e sofisticado Bancroft forneceria seus relatórios secretos escritos com tinta invisível entre as linhas de falsas cartas de amor. Os espões britânicos tinham uma lavagem química especial que tornava a escrita visível. Bancroft punha as cartas em uma garrafa com uma corda amarrada e, às nove e meia da noite de todas as terças-feiras, soltava-a no oco de uma árvore perto do terraço sul do Jardim das Tulherias, onde era recolhida por um mensageiro da Embaixada Britânica. As instruções para a entrega eram explícitas: “A garrafa deve ser selada e amarrada pelo gargalo com um fio comum, com cerca de meio metro de comprimento, e a outra extremidade deve ser amarrada a uma vara de madeira [...] a vara no chão, no lado oeste”. Por esses serviços, ele recebia inicialmente quinhentas libras esterlinas por ano, mas os executou tão bem que seu estipêndio subiu para mil libras, que se acrescentavam às mil libras anuais que ganhava como secretário da delegação americana de Franklin. Além disso, conseguia muito dinheiro usando as informações privilegiadas para especular nos mercados de ações.¹²

As centenas de relatórios secretos que Bancroft enviou aos britânicos estavam cheias de informações delicadas sobre as transações dos americanos

em Passy, as discussões que tiveram com ministros franceses, os horários dos carregamentos de armas que eram enviados para a América e outros assuntos militares. Ele contou, por exemplo, sobre a partida de Lafayette para a América, em abril de 1777, listou os oficiais franceses que o acompanhavam e revelou que ele estava partindo do porto espanhol de San Sebastian e indo “diretamente para Port Royal, Carolina do Sul”. Também alertou para o fato de que os franceses estavam “encomendando oito a dez navios de guerra para proteger o comércio das colônias perto da costa da França e para remover os cruzadores britânicos” e, em setembro de 1777 acrescentou que “quatro navios de guerra partiram de Toulon de para se juntar à frota de Brest”. No ano seguinte, em abril de 1778, enviou a notícia de que o almirante francês conde d’Estaing estava partindo de Toulon para se juntar ao esforço de guerra americano “e comanda uma frota de dezessete navios de carreira e fragatas para destruir ou segurar a frota inglesa”. Na carta da semana seguinte, ele revelava que “a frota de Brest está quase pronta” e mencionava a possibilidade de “o conde Broglio [um famoso marechal francês] comandar uma invasão da Inglaterra”.¹³

Franklin e Deane confiavam tanto em Bancroft que muitas vezes o mandavam viajar em segredo a Londres para obter informações secretas. Ele usava essas viagens para transmitir alguns resultados mais delicados de sua espionagem aos britânicos e voltava com informações que pareciam valiosas, mas que eram, na verdade, plantadas por seus chefes. Os britânicos estavam tão preocupados em manter seu disfarce que numa viagem a Londres, em março de 1777, fingiram detê-lo e prendê-lo brevemente por ser um agente americano. “O dr. Bancroft está preso em Londres por se corresponder conosco e nos ajudar”, Deane informou consternado ao Congresso e acrescentou: “Sinto mais pelo dr. Bancroft do que posso expressar”. No que pareceu um belo milagre, Bancroft foi libertado em poucas semanas e teve permissão para voltar a trabalhar em Passy.¹⁴

Arthur Lee logo suspeitou de suas lealdades. “O notório caráter do dr. Bancroft como corretor da bolsa é perfeitamente conhecido dos senhores”, ele escreveu a Franklin e Adams depois de saber que ele estava sendo enviado em mais uma missão secreta a Londres, em fevereiro de 1779. “Sua vida é um desafio aberto à decência e religião e vocês não são estranhos a isso, nem à inimizade dele contra mim.” Mais seriamente, Lee citava materiais que indicavam que Bancroft era um espião: “Tenho provas em meu poder que me fazem considerar Bancroft um criminoso no que diz respeito aos Estados Unidos”.

Uma vez que Lee era paranoico em relação a quase todo mundo, suas suspeitas eram geralmente ignoradas. Ele não era, no entanto, paranoico o suficiente para perceber que seu secretário particular também era um espião. Entre os papéis enterrados na Biblioteca Britânica estão transcrições secretas de

mais de uma dúzia das cartas mais delicadas de Lee, bem como um memorando informando ao chefe do serviço de espionagem que o agente deles “roubou o diário de Lee e copiou as informações”.¹⁵

Durante tudo isso, Franklin permaneceu otimista em relação à possibilidade de espões em seu meio, embora, pouco depois de sua chegada, tivesse sido aconselhado por uma mulher da Filadélfia que vivia então em Paris a ser cuidado. “Você está cercado de espões que observam todos os seus movimentos”, escreveu ela. Com a intenção mais de exaltar suas virtudes do que resolver o problema, ele mandou o que se tornou uma resposta famosa:

Há muito tempo observo uma regra que impede qualquer inconveniente de tais práticas. É simplesmente isto: não me envolver em assuntos que eu coraria por tornar públicos, e não fazer nada que os espões não possam ver e bem receber. Quando as ações de um homem são justas e honrosas, quanto mais elas são conhecidas, mais aumenta e se estabelece sua reputação. Portanto, se eu tivesse certeza de que o meu guia fosse um espão, como ele provavelmente é, penso que provavelmente não deveria despedi-lo por isso se, em outros aspectos, eu gostasse dele.¹⁶

Em um nível, a resposta de Franklin era ingênua, pois a traição de Bancroft punha navios em perigo. (Tal como as coisas aconteceram, não há nenhuma prova direta de que algum navio se perdeu em consequência de suas informações: Lafayette navegou com segurança, os britânicos não foram capazes de agir rápido o suficiente para bloquear a passagem d’Estaing através do estreito de Gibraltar e Broglio não invadiu a Inglaterra.) Em outro nível, no entanto, Franklin era astuto, pois acabaria usando sua suposição de que havia espões em seu meio para jogar os ingleses contra os franceses quando começaram as negociações sérias.

REALISMO E IDEALISMO

O conde de Vergennes, ministro das Relações Exteriores da França, era um diplomata profissional desalinhado, corpulento e desprezioso, mas, nas palavras de Susan Mary Alsop, cujo livro *Yankees at the Court* [Ianques na corte] é um retrato encantador do período, “era um indivíduo humano e afetuoso e um juiz astuto do caráter”. Com efeito, ele seria não só afetuoso como astuto em suas

relações com Franklin. Nunca foi plenamente aceito socialmente na corte de Luís XVI porque sua esposa era burguesa, mas admirava nela as qualidades sensatas da classe média e presumivelmente as julgava agradáveis também em Franklin.¹⁷

Vergennes era muito realista em sua visão das relações internacionais, uma perspectiva que resumiu sucintamente em 1774, quando declarou que “a influência de cada potência é medida pela opinião que se tem de sua força intrínseca”. Era também fervorosamente antibritânico, o que ajudou a torná-lo simpático à causa americana.

Na primavera de 1776, pouco antes da chegada de Franklin, Vergennes apresentou ao rei um conjunto de propostas que defendiam em termos crus qual deveria ser a política da França: “A Inglaterra é a inimiga natural da França; e ela é uma inimiga ávida, ambiciosa, injusta, transbordante de má-fé; o objeto permanente e desejado de sua política são a humilhação e a ruína da França”. A América, disse ele, precisava de apoio francês para vencer. Era do interesse da França, econômica e politicamente, tentar prejudicar a Inglaterra defendendo a nova nação. Ele apresentou essas propostas a Luís XVI e a seu gabinete — do qual fazia parte o controlador das finanças, Anne-Robert-Jacques Turgot, que se tornaria amigo e fã de Franklin — na sala recoberta de ouro da Câmara do Conselho de Versalhes.

Turgot e os outros ministros estavam preocupados com as finanças apertadas e com a falta de preparação da França e, assim, pediram cautela. O rei aprovou um compromisso: a França daria algum apoio à América, mas apenas em segredo. Decidiu-se que as cartas de Vergennes sobre o assunto seriam ditadas a seu filho de quinze anos, cuja letra não seria identificável se caíssem em mãos erradas.¹⁸

Franklin conheceu Vergennes no final daquele ano, em 28 de dezembro de 1776, em uma sessão secreta em Paris, poucos dias depois de sua chegada. Com Deane e Lee ao seu lado, Franklin insistiu, talvez um pouco rápido demais, em uma aliança com a França. O ministro das Relações Exteriores elogiou Franklin por seu conhecimento e inteligência, porém não assumiu nenhum compromisso; apenas disse que consideraria um memorando sobre o assunto, se Franklin quisesse escrevê-lo. Em suas notas escritas naquela noite, ele descreveu Franklin como “inteligente, mas prudente”, e em uma carta ao seu embaixador em Londres observou: “Sua conversa é gentil e honesta, ele parece ser um homem de muito talento”.¹⁹

Franklin aceitou a sugestão de Vergennes para escrever um memorando, e nele enfatizou o cálculo realista de equilíbrio de poder que sabia que o ministro francês apreciaria. Se a França e sua aliada Espanha aderissem à causa americana, a Grã-Bretanha perderia suas colônias, suas posses nas Índias Ocidentais e o “comércio que a tornou tão opulenta”, reduzindo-a a um “estado

de fraqueza e humilhação”. A América estaria disposta a “garantir da maneira mais firme” que França e Espanha pudessem ficar com quaisquer ilhas das Índias Ocidentais que a Grã-Bretanha perdesse. Mas se a França negasse ajuda, então a América poderia ser “reduzida à necessidade de acabar com a guerra por um acordo” com a Inglaterra. “O atraso pode trazer consequências fatais.”²⁰

Franklin percebia, entretanto, que apelar para um cálculo frio de interesses era apenas parte da equação. Mais do que a maioria dos outros diplomatas da história americana, ele entendeu que a força dos Estados Unidos nos assuntos mundiais viria de uma combinação única entre realismo e idealismo. Quando entretidos, como seriam mais tarde em políticas que foram da Doutrina Monroe ao Plano Marshall, constituíam a urdidura e a trama de uma política externa resistente. Como escreveu o historiador Bernard Bailyn: “Os grandes momentos históricos dos Estados Unidos ocorreram quando realismo e idealismo se combinaram, e ninguém sabia disso melhor do que Franklin”.²¹

Como mostraria na França, Franklin não somente sabia como fazer um calculado jogo de equilíbrio de poder, como o melhor praticante da *Realpolitik*, como também sabia jogar com a outra mão os acordos empolgantes do excepcionalismo americano, a sensação de que os Estados Unidos estavam à parte do resto do mundo graças à sua natureza virtuosa. Ele percebia que tanto o poder duro que vinha de seu poderio estratégico quanto o poder brando que advinha do apelo de seus ideais e cultura seriam igualmente importantes para garantir sua influência. Na diplomacia, como em seus negócios pessoais, ele era “um homem que acreditava no poder da razão e na realidade da virtude”, declarou o escritor e matemático Condorcet, que se tornou um de seus melhores amigos franceses.

Então, depois de escrever a Vergennes um memorando impregnado do realismo diplomático clássico, Franklin estabeleceu-se em Passy para pôr em ação o estratagema de extrair poder do idealismo americano. Tomou providências para que os documentos inspiradores que saíam da América — inclusive a Constituição que havia escrito para a Pensilvânia — fossem traduzidos e publicados como uma forma de ganhar corações e mentes na França e em outros lugares. “Toda a Europa está a nosso favor”, escreveu à Comissão de Correspondência Secreta em carta que explicava seus motivos para publicar aqueles documentos. Depois, passava a dar uma formulação clássica da atração exercida pelos ideais americanos: “A tirania está estabelecida de forma tão generalizada no resto do mundo que a perspectiva de um asilo na América para aqueles que amam a liberdade provoca alegria geral, e nossa causa é considerada a causa de toda a humanidade”. Ele terminava fazendo eco à metáfora do brilho da “cidade sobre a colina” usada pelos grandes excepcionalistas americanos, de John Winthrop a Ronald Reagan. “Estamos lutando pela dignidade e pela felicidade da natureza humana”, proclamava.

“Glorioso é para os americanos serem chamados pela Providência para esse posto de honra.” Algumas semanas depois, escreveu em estilo semelhante a um amigo de Boston, concluindo: “É uma observação comum aqui que nossa causa é a causa de toda a humanidade, e que estamos lutando pela liberdade dela ao defender a nossa”.²²

A estratégia da diplomacia pública de Franklin intrigou Vergennes. “Eu realmente não sei o que Franklin veio fazer aqui”, escreveu ele. “No início, pensamos que ele tinha todos os tipos de projetos, mas de repente fechou-se num santuário com os *filósofos*.” O ministro francês rejeitou a proposta americana de uma aliança imediata, evitou os pedidos de outras reuniões e manteve-se distante de Franklin por alguns meses, esperando para ver como a guerra evoluía. Porém, ofereceu discretamente alguma ajuda: a França faria outro empréstimo secreto à América e permitiria que seus portos fossem usados por navios mercantes americanos.

Franklin também fez sua campanha de relações públicas, como fizera na Inglaterra, com a publicação de alguns textos anônimos na imprensa. O mais potente foi uma paródia brutal, ao estilo de “Um édito do rei da Prússia”, que escreveu pouco depois de seu primeiro encontro com Vergennes. Pretendia ser uma carta ao comandante das tropas de Hesse na América escrita por um conde alemão que recebia uma recompensa pela morte de cada um dos soldados enviados por ele. Uma vez que a Grã-Bretanha decidira não pagar por soldados feridos, mas somente por aqueles que morriam, o conde incentivou seu comandante a se certificar de que morresse o maior número possível deles:

Não quero dizer com isso que o senhor deva assassiná-los; devemos ser humanos, meu caro barão, mas o senhor pode insinuar aos cirurgiões com inteira propriedade que um homem aleijado é uma vergonha para a sua profissão, e que não há caminho mais sábio do que deixar cada um deles morrer quando deixa de estar em forma para lutar. [...] Portanto, o senhor prometerá promoção para todos os que se expõem; os exortará a buscar a glória no meio de perigos.

Ele também usou sua mordacidade para defender-se dos relatórios de propaganda divulgados pelo embaixador britânico, lorde Stormont. Questionado sobre um desses relatórios, Franklin retorquiu: “Isso não é uma verdade, é apenas um Stormont”. Depois disso, ele e a Paris elegante começaram a usar o nome do embaixador como verbo, “*stormonter*”, um trocadilho fraco com o verbo francês *mentir*.²³

Estranhos boatos começaram a circular sobre os diferentes planos e estratégias de Franklin na França. Um espião britânico (não Bancroft) informou que Franklin estava preparando “um grande número de espelhos refletores” que seriam instalados na costa de Calais para concentrar o calor do sol sobre a Marinha britânica e, assim, destruí-la. Isso seria seguido por um choque elétrico enviado por uma corrente através do canal da Mancha que afetaria toda a ilha britânica. O *Gazette* de Nova Jersey foi mais longe: Franklin estava inventando um aparelho elétrico que poderia mudar continentes de lugar e um método de usar o óleo que poderia acalmar as ondas em um lugar ao mesmo tempo que provocava tempestades em outro.²⁴

Infelizmente, o que ele estava fazendo de fato era mais mundano, como lidar com suplicantes europeus que buscavam comissões para servir como oficiais no Exército americano. Suas cartas coligidas estão entupidas com pedidos, mais de quatrocentos no total, alguns corajosos, outros fúteis. “Não passa um dia sem que me solicitem várias visitas, além das cartas”, ele reclamou. “Você não tem ideia de como sou atormentado.” Havia o caso da mãe que ofereceu três de seu rebanho de filhos, o do cirurgião holandês que queria estudar corpos que fossem explodidos e o do monge beneditino que prometia rezar pela América se ela pagasse suas dívidas de jogo. O preferido de Franklin era uma recomendação menos que efusiva que recebeu de uma mãe, que começava assim: “Senhor, se em sua América se conhece o segredo de como reformar um sujeito detestável que tem sido a cruz da sua família...”.

O caso de um desses suplicantes mostra como a dificuldade de Franklin para dizer não fazia dele um alvo fácil. Um irlandês que morava em Paris chamado William Parsons escreveu-lhe uma carta patética em que descrevia sua situação infeliz e implorava por uma comissão para se juntar ao Exército americano. Franklin não lhe ofereceu uma recomendação, mas lhe emprestou quinze guinéus, com que Parsons fugiu em seguida para a Inglaterra, deixando sua pobre esposa para trás. Quando a esposa lhe escreveu uma carta triste acusando-o de ser a causa da fuga do marido, Franklin negou que lhe houvesse dado qualquer incentivo, cancelou o empréstimo de quinze guinéus e enviou a ela um guinéu para ajudar a comprar comida. Nos três meses seguintes, ela o bombardeou com mais pedidos de socorro.

Nem todos os suplicantes eram vagabundos. Franklin conseguiu encontrar, entre aqueles que procuravam comissões, alguns grandes oficiais para recomendar: o marquês de Lafayette, o barão Von Steuben (cuja patente no Exército prussiano Franklin aumentou em sua ânsia de fazer com que o general Washington o aceitasse) e o conde de Pulaski, um famoso lutador polonês que se tornou um heroico general de brigada nos Estados Unidos. Apesar disso, Washington logo ficou irritado com a quantidade de aspirantes a oficial que Franklin estava lhe enviando e escreveu: “Uma vez que nossos corpos já estão

formados e os postos de oficial totalmente preenchidos, cada nova chegada é apenas uma fonte de embaraço para o Congresso e para mim e de desapontamento e decepção para os senhores que chegam”.

Então, Franklin fazia o melhor que podia para rejeitar a maioria dos candidatos à comissão ou dar-lhes apenas cartas em que utilizava expressões como “vai à sua própria custa, contrariando meu conselho”. Para lidar com o fluxo constante de pedidos, ou talvez apenas para fazer troça, Franklin até redigiu uma fórmula que mandou imprimir. “O portador desta, que está indo para a América, pressiona-me a dar-lhe uma carta de recomendação, embora eu não saiba nada a respeito dele, nem mesmo seu nome. Devo encaminhá-lo, por seu caráter e méritos, os quais ele decerto conhece melhor do que eu possivelmente posso conhecer.”²⁵

Em setembro de 1777, Franklin e seus colegas comissários foram pressionar Vergennes novamente para que houvesse o reconhecimento francês e, como que para esconder a fraqueza da posição deles, solicitar sete vezes mais ajuda do que já havia sido dada. Foi um encontro infausto por duas razões. Antes mesmo de que acontecesse, Bancroft já vazara detalhes da solicitação planejada ao embaixador Stormont, que protestou junto a Vergennes, que então repreendeu os americanos por serem tão incautos. Além disso, logo após a reunião, chegou a notícia de que o general britânico Howe havia capturado a Filadélfia.

O sucesso de Howe foi um golpe pessoal para Franklin. Sua casa na Market Street foi tomada por um capitão britânico chamado John André, que, enquanto a família Bache se refugiava no campo, roubou seus equipamentos elétricos, livros, instrumentos musicais e um elegante retrato dele que fora pintado por Benjamin Wilson em 1759. (Foi devolvido pela Inglaterra em 1906 e está atualmente no segundo andar da Casa Branca).

Para a América, tratava-se da ameaça de um golpe ainda pior. Howe estava na Filadélfia e o general Burgoyne descia o rio Hudson; se e quando as duas forças britânicas estabelecessem uma conexão, a Nova Inglaterra seria isolada do resto das colônias.

Contudo, Franklin manteve a serenidade. Quando lhe contaram sobre o triunfo de Howe, ele respondeu: “Você está enganado. Em vez de Howe tomar a Filadélfia, a Filadélfia tomou Howe”. Por um lado, parecia um dito espiritualoso leviano. Por outro, era uma avaliação perspicaz. Se o avanço de Burgoyne pelo Hudson fosse retardado e se Howe não avançasse para o norte a fim de reforçá-lo, ambos poderiam acabar isolados.

Arthur Lee queria usar a posição precária dos americanos para apresentar um ultimato aos franceses: ou eles se uniam imediatamente aos Estados Unidos em uma aliança militar, ou então os Estados Unidos seriam forçados a se reconciliar com a Grã-Bretanha. “O dr. Franklin tinha uma posição diferente”, Lee escreveu em seu diário. “O efeito de tal declaração”, Franklin argumentou,

“pode fazê-los nos abandonar por desespero ou raiva.” Ele achava que os Estados Unidos acabariam por ganhar uma posição que faria a França, em seu próprio interesse, desejar uma aliança.

Ele estava certo. Pouco antes do meio-dia de 4 de dezembro, um mensageiro da América entrou a galope no pátio de Passy trazendo uma mensagem da frente de batalha. Franklin perguntou se, como ele já tinha ouvido falar, a Filadélfia havia caído. “Sim, senhor”, disse o mensageiro. Franklin deu as costas.

“Mas, senhor, eu tenho uma notícia melhor do que essa”, disse o mensageiro. “O general Burgoyne e todo o seu exército foram aprisionados!” Burgoyne fora derrotado na batalha de Saratoga, e Howe estava, de fato, isolado.²⁶

O bastante dramático dramaturgo Beaumarchais, que por acaso estava em Passy na ocasião, ficou ansioso por usar a informação privilegiada para especular nos mercados de ações; correu de volta para Paris com tamanha velocidade que seu cabriolé virou e ele fraturou um braço. Bancroft também saiu correndo imediatamente rumo a Londres para consultar seus chefes (ele também teria especulado, mas a notícia chegou a Londres antes dele).

Franklin, muito mais calmo do que seus estranhos amigos, escreveu uma nota para a imprensa repleta de pequenos detalhes e grandes exageros:

O correio da Filadélfia chegou à casa do dr. Franklin em Passy após 34 dias. Em 14 de outubro, o general Burgoyne foi forçado a depor armas, 9200 homens foram mortos ou feitos prisioneiros [...] O general Howe está na Filadélfia, onde se encontra cercado. Toda a comunicação com sua frota está cortada.

Para dizer a verdade, Howe não estava preso numa armadilha, nem os Estados Unidos estavam à beira da vitória. Ainda assim, a rendição britânica em Saratoga representou um grande ponto de inflexão no campo de batalha e — porque Franklin sabia que o poder no campo de batalha estava correlacionado ao poder na mesa de negociações — foi um importante ponto de inflexão para seus esforços diplomáticos. O bilhete que escreveu a Vergennes naquela tarde foi mais contido do que o seu comunicado à imprensa: “Temos a honra de inteirar Vossa Excelência da notícia da redução total da força sob o comando do general Burgoyne”.

Dois dias depois, Luís XVI, em sua câmara em Versalhes, após a aprovação real em um documento de borda dourada, preparado para ele por Vergennes, que convidava os americanos a rerepresentar o pedido de uma aliança

formal. Ao entregar a mensagem, o secretário de Vergennes acrescentou que “isso poderia ser feito não muito em breve”.²⁷

OS TRATADOS DE AMIZADE E ALIANÇA

No final de 1777, depois de passar um ano inteiro evitando pedidos de aliança, os franceses ficaram subitamente impacientes. Eles foram estimulados não somente pelo sucesso dos americanos em Saratoga e pela conclusão de seu próprio programa de rearmamento naval, como também por uma nova aposta de Franklin. Ele começou a jogar franceses e britânicos uns contra os outros e deixar que cada lado descobrisse — e nisso confiou nos espões que, sabia, estavam em seu meio — quão ansioso o outro estava por um acordo.

Franklin escreveu uma proposta renovada de uma aliança franco-americana em 7 de dezembro, Temple a entregou no dia seguinte, e dentro de uma semana os três comissários americanos se reuniam com Vergennes. Os franceses concordaram rapidamente com o pleno reconhecimento dos Estados Unidos e com tratados de comércio e aliança. Havia uma ressalva: a França precisava da aprovação da Espanha, pois os dois países se comprometeram a agir de comum acordo pelo pacto da família Bourbon de 1761. Vergennes enviou o seu mensageiro a Madri e prometeu aos americanos que teriam uma resposta em três semanas.

Enquanto isso, os britânicos enviavam para Paris o emissário mais confiável que conseguiram: Paul Wentworth, seu hábil espião. Na época, Wentworth estava zangado com seu agente secreto Bancroft porque ele mandara informações privilegiadas ao seu parceiro de especulação antes de enviá-las a Wentworth, que também era especulador. O rei George III, contrariado com as más notícias que seus espões lhe davam, denunciou-os todos como manipuladores de ações não confiáveis, mas aprovou com relutância a missão secreta de paz de Wentworth.

Ele chegou a Paris em meados de dezembro, justamente quando os americanos estavam se reunindo com Vergennes, e enviou uma missiva a Silas Deane que era digna de um espião britânico: um cavalheiro que desejava conhecê-lo poderia ser encontrado na manhã seguinte em uma carruagem num determinado lugar no caminho de Passy, ou mais tarde, em uma exposição na Galeria de Luxemburgo, ou nos banhos públicos do Sena, onde Deane encontraria um bilhete com o número do quarto que deveria usar. Deane enviou uma resposta digna de um americano: ele estaria em seu escritório, onde ficaria feliz em ver quem quisesse visitá-lo.²⁸

No jantar com Deane, Wentworth propôs um plano de reconciliação entre

a Grã-Bretanha e suas colônias. A América teria seu próprio Congresso, estaria sujeita ao Parlamento somente em questões de política e comércio externo, e todas as leis ofensivas aprovadas desde 1763 seriam revogadas. Ele também oferecia incentivos pessoais — títulos de cavaleiro, títulos de nobreza, empregos, dinheiro — a Deane ou a qualquer americano que ajudasse a estabelecer essa paz.

De início, Franklin recusou-se a se encontrar com Wentworth. Mas, depois, veio a notícia da resposta da Espanha à proposta da França de uma aliança com os americanos. Surpreendentemente, o rei espanhol rejeitara o plano e declarara que a Espanha não via nenhuma razão para reconhecer a América. Agora, caberia à França agir sozinha, se assim quisesse.

Assim, durante a primeira semana de 1778, Franklin aplicou pressão. Ele deixou vazar para a imprensa que os emissários britânicos estavam na cidade e que poderiam chegar a um pacto com os franceses se os franceses não o fizessem prontamente. Esse pacto, diziam as matérias, poderiam até incluir o apoio americano aos esforços britânicos para capturar ilhas da França nas Índias Ocidentais. Ele também concordou em se encontrar com Wentworth em 6 de janeiro, embora o tenha feito prometer que não ofereceria nenhum suborno pessoal.

O relatório de Wentworth ao voltar para Londres foi escrito no código desajeitado que se poderia esperar de um agente que tentara marcar um encontro secreto em um balneário: “Eu visitei 72 [Franklin] ontem, e o encontrei muito atarefado com seu sobrinho [Jonathan Williams ou, com maior probabilidade, Temple], que foi orientado a deixar a sala, e permanecemos juntos duas horas antes de 51 [Deane] se juntar a nós, quando a conversa cessou”. Wentworth acrescentava que oferecera a Franklin uma carta sem assinatura que falava da possibilidade de “107 sem ressalvas”, código que ele usava para a independência. “[Franklin] disse que era uma carta muito interessante, sensata”, Wentworth relatava, “e aplaudiu a sinceridade, o bom senso e espírito benevolente dela”. Então, ele acrescentou o senão: “Pena que não veio um pouco mais cedo”.

Sem ter certeza sobre quem estava espionando quem, Franklin continuou com a abordagem espertamente ingênua que havia descrito um ano antes. Era de seu interesse que os britânicos descobrissem (como fizeram por meio de seu espião Bancroft) como os americanos estavam próximos de um acordo com a França. E era de seu interesse que os franceses descobrissem (como fizeram através da sua vigilância constante de Wentworth) que os americanos estavam se reunindo com um emissário britânico. Ele estava feliz porque os franceses ficaram sabendo de tudo o que disse a Wentworth. Como observou o historiador de Yale Jonathan Dull: “A inépcia do governo britânico deu a Franklin a chance de interpretar um de seus melhores papéis diplomáticos: o inocente que pode não

ser tão inocente quanto finge que é”.²⁹

Na realidade, a reunião de Franklin com Wentworth parece ter espicaçado os franceses. Dois dias depois, o secretário de Vergennes visitou os americanos. Ele tinha apenas uma pergunta: “O que é preciso ser feito para satisfazer os comissários americanos para que não deem ouvidos a nenhuma proposta da Inglaterra para uma nova conexão com aquele país?”. Graças às manobras de Franklin, bem como à vitória de Saratoga, os franceses queriam uma aliança com tanta avidez quanto os americanos.

Franklin escreveu pessoalmente a resposta:

Os comissários propuseram há muito tempo um tratado de amizade e comércio que ainda não foi concluído. A conclusão imediata desse tratado removerá a incerteza em relação a ele e lhes dará tal confiança no tocante à amizade da França de modo que serão rejeitadas com firmeza todas as proposições de paz feitas pela Inglaterra que não tenham por base a total liberdade e independência da América.

Isso era tudo o que os franceses precisavam ouvir. Disseram a Franklin que o rei daria parecer favorável aos tratados — um de amizade e comércio, outro criando uma aliança militar — mesmo sem a participação da Espanha. A França fazia uma exigência: no futuro, a América não poderia fazer a paz com a Grã-Bretanha sem o consentimento da França. E assim os tratados de amizade e aliança foram conquistados.

Os tratados tinham um aspecto importante: não violaram a visão idealista, cultivada por Franklin e outros, de que os Estados Unidos, em sua pureza virginal, deveriam evitar envolver-se em alianças estrangeiras ou em esferas de influência europeia. Os direitos comerciais que os americanos concederam eram mútuos, não exclusivos, e permitiam um sistema de comércio aberto e livre com outras nações. “Nenhum monopólio do nosso comércio foi concedido”, Franklin destacou em carta ao Congresso. “Nenhum é dado à França, mas temos liberdade para concedê-lo a qualquer outra nação.”³⁰

Em 5 de fevereiro de 1778, os comissários americanos se reuniram em Paris para a assinatura do tratado. Porém, o secretário de Vergennes estava resfriado e a cerimônia foi adiada por um dia. Em ambos os encontros, Franklin apareceu sem o seu casaco marrom habitual. Em vez disso, usava um terno de veludo azul de Manchester que estava desbotado e um pouco gasto. Silas Deane achou isso intrigante e perguntou o porquê. “Para dar a isso um pequeno ar de vingança”, Franklin respondeu. “Eu estava com este casaco no dia em que Wedderburn me ofendeu em Whitehall.” Quatro anos haviam se passado desde a

sua humilhação no *Cockpit*, e ele havia guardado o terno para uma ocasião como aquela.³¹

Ao lado de Franklin, pronto para ajudar, estava seu secretário supostamente leal, Edward Bancroft. O espião britânico pegou o documento, fez uma cópia, contratou um mensageiro especial e fez com que chegasse aos ministros em Londres em 42 horas. Duas semanas antes, ele já havia escrito cartas codificadas em tinta invisível que forneciam o esboço do que o tratado conteria, mais a informação de que um comboio francês de três navios e duas fragatas de guerra se preparava para partir de Quiberon para levar o documento ao Congresso americano. Ele também mandou dizer que “acabamos de receber uma carta do ministério prussiano dizendo que o rei da Prússia seguirá imediatamente a França no reconhecimento da independência da América”.

Anos depois, quando estava regateando com os britânicos a respeito de pagamentos atrasados, Bancroft escreveu um memorando secreto dizendo ao secretário do Exterior que essa era a “informação pela qual muitas pessoas aqui, para fins de especulação, teriam me dado mais do que tudo o que recebi do governo”. Na verdade, Bancroft havia usado essa informação para ganhar dinheiro especulando nos mercados. Ele enviou 420 libras esterlinas ao seu parceiro de bolsa na Inglaterra, o comerciante natural da Filadélfia Samuel Wharton, e deu-lhe a notícia dos iminentes tratados para que pudesse ser usada em ações de curta duração. “Os apostadores na alta provavelmente ficarão na mão”, ele escreveu em uma carta secreta para Wharton, usando tinta invisível. Essa carta foi interceptada pelo serviço de espionagem inglês, mas outros conseguiram passar a mensagem para Wharton e para seu outro parceiro, o banqueiro britânico Thomas Walpole. Bancroft ganhou mil libras nas transações.³²

Em 20 de março, Luís XVI tornou oficiais os tratados franco-americanos, recebendo os três comissários em Versalhes. Multidões se reuniram às portas do palácio para ter um vislumbre do americano famoso e gritaram “Viva Franklin” quando sua carruagem passou pelos portões encimados de ouro.

Entre os presentes no pátio, de acordo com Susan Mary Alsop, estavam os “porteiros oficiosos” que alugavam aos visitantes as espadas cerimoniais que eram geralmente exigidas para admissão ao palácio. Os outros comissários americanos estavam com as suas e com os demais itens da vestimenta oficial da corte. Mas não Franklin. Não vendo nenhuma razão para abandonar o estilo simples que lhe tinha servido bem, ele estava com um simples terno marrom, e seus famosos óculos eram seu único adorno. Não trazia espada e, quando descobriu que a peruca que havia comprado para a ocasião não assentava bem em sua cabeça, decidiu abandoná-la também. “Eu deveria tê-lo tomado por um grande fazendeiro”, escreveu uma observadora feminina, “tão grande era o seu contraste com os outros diplomatas, que estavam todos empoados, em trajes

completos e cheios de ouro e faixas.”

Sua única concessão à moda foi não usar seu gorro de pele; ele levava um chapéu branco debaixo do braço. “O chapéu branco é um símbolo da liberdade?”, perguntou Madame du Deffand, a idosa aristocrata em cujo salão Franklin usara seu gorro de pele. Não se sabe se essa era sua intenção, mas os chapéus brancos para homens logo entraram na moda em Paris, como acontecia com tudo o que Franklin costumava usar.

Ao meio-dia, quando ele foi conduzido à Câmara do rei, depois da recepção matinal oficial, Luís XVI estava em postura de oração. “Espero que isso seja para o bem de ambas as nações”, disse ele, dando um imprimatur real ao estatuto dos Estados Unidos como nação independente. Com um toque pessoal, acrescentou: “Estou muito satisfeito com a sua conduta desde que chegou ao meu reino”.

Depois de um jantar oferecido no meio da tarde por Vergennes, Franklin teve a honra, se não o prazer, de receber permissão para ficar ao lado da rainha, a famosa e arrogante Maria Antonieta, enquanto ela brincava nas mesas de jogo. Sozinha no meio da multidão em Versalhes, ela parecia ter pouco apreço pelo homem que, conforme lhe haviam dito, tinha sido “chefe de uma gráfica”. Como ela observou com desdém, um homem com aquele passado jamais teria sido capaz de subir tão alto na Europa. Franklin teria orgulhosamente concordado.³³

O triunfo diplomático de Franklin ajudaria a selar o curso da Revolução. Também alteraria o equilíbrio de poderes do mundo, não apenas entre a França e a Inglaterra, mas igualmente — embora a França com certeza não tivesse essa intenção — entre republicanismo e monarquia.

Segundo Carl Van Doren, “Franklin ganhara uma campanha diplomática igual em resultados a Saratoga”. O historiador de Yale Edmund Morgan vai ainda mais longe, chamando-a de “a maior vitória diplomática que os Estados Unidos já obtiveram”. Com a possível exceção da criação da aliança da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), essa avaliação pode ser verdadeira, apesar de apontar para a escassez de sucessos americanos ao longo dos anos nas mesas de negociação, quer em Versalhes, após a Primeira Guerra Mundial, quer em Paris, no final da Guerra do Vietnã. No mínimo, pode-se dizer que o triunfo de Franklin deu aos Estados Unidos a possibilidade de uma vitória completa em sua guerra pela independência, sem ceder a envoltimentos duradouros que sobrecarregassem a nova nação.

Antes que a notícia do tratado chegasse à Filadélfia, o Congresso estava debatendo se deveria considerar as novas ofertas de paz vindas da Grã-Bretanha. Agora, depois de apenas dois dias de deliberação, decidiu ratificar a aliança com a França. “Você não pode imaginar a alegria que os tratados com a França difundiram entre todos os verdadeiros americanos”, escreveu de Massachuset

* Vale ressaltar que, em inglês, a palavra *character* significa tanto “personagem” quanto “caráter”. (N. T.)

14. *Bon vivant*
Paris, 1778-85

JOHN ADAMS

Em abril de 1778, logo depois da assinatura dos tratados americanos com a França, John Adams chegou a Paris para substituir Silas Deane no posto de um dos três comissários americanos. Os franceses não ficaram entusiasmados com a troca. “O sr. Deane é muito apreciado aqui, e há muita desconfiança em relação ao seu sucessor J. Adams”, informou o espião Edward Bancroft aos seus chefes em Londres. Bancroft informava que Adams também estava infeliz: “Adams ficou muito desapontado ao descobrir que tudo já foi feito e fala em voltar”.

Quando foram colegas no Congresso, Adams desconfiara inicialmente de Franklin, depois passou por uma mistura de emoções: espanto, ressentimento, admiração e inveja. Na viagem para negociar com lorde Howe em Staten Island (quando compartilharam a cama e a janela aberta), ele achava Franklin ao mesmo tempo divertido e irritante. Assim, quando chegou a Paris, era provavelmente inevitável que ele e Franklin, como de fato aconteceu, desfrutassem e sofressem uma complexa mistura de desprezo e admiração relutante um pelo outro.

Alguns achavam a relação desconcertante: Adams respeitava Franklin ou se sentia melindrado por ele? Franklin achava Adams insano ou sério? Eles

gostavam ou não um do outro? A resposta, que não é tão desconcertante, porque costuma ser verdade quando se trata da relação entre duas pessoas grandes e fortes, é que eles sentiam todas essas emoções conflitantes a respeito um do outro, e mais ainda.

Ambos eram muito inteligentes, mas, afora isso, tinham personalidades bastante diferentes. Adams era inflexível, franco e contestador; Franklin era encantador, calado e sedutor. Adams era rígido em sua moralidade pessoal e estilo de vida; Franklin era famoso por ser brincalhão. Adams aprendeu francês debruçando-se sobre livros de gramática e memorizando uma coleção de orações fúnebres; Franklin (que pouco se preocupava com a gramática) aprendeu a língua recostando-se nos travesseiros de suas amigas e escrevendo-lhes historietas divertidas. Adams se sentia confortável enfrentando as pessoas, enquanto Franklin preferia seduzi-las, e o mesmo valia para a forma como lidavam com as nações.

Adams, que tinha 42 anos quando chegou, era trinta anos mais jovem do que Franklin e cerca de cinco anos mais jovem do que William Franklin. Mais sensível aos insultos, reais e imaginários, chegou a ter sentimentos mais fortes em relação a Franklin do que o contrário. Às vezes, era levado quase à loucura pela despreocupação e complacência consigo mesmo de Franklin. “Ele invejava — e suspeitava — de pessoas sem arestas, pessoas que circulavam com facilidade nos círculos mais finos”, diz o historiador de Berkeley Robert Middlekauff sobre Adams, em seu detalhado estudo *Benjamin Franklin and His Enemies* [Benjamin Franklin e seus inimigos]. Ele era “incapaz de um gesto afável, e incapaz também de praticar as pequenas hipocrisias que carregam outros homens durante a vida”. David McCullough, em sua biografia magistral de Adams, é mais simpático e equilibrado acerca dele, mas também transmite a rica complexidade de suas atitudes com Franklin.¹

A maioria dos ressentimentos de Adams era causada por mal disfarçada inveja de ser ofuscado. Franklin tinha “um monopólio de reputação aqui e uma indecência em exibi-lo”, queixou-se Adams a um amigo depois de alguns meses em Paris. Mas, ao ler algumas das coisas desagradáveis que ele tinha a dizer sobre Franklin, é importante registrar que, em um momento ou outro, Adams lançou alguns adjetivos desagradáveis contra praticamente todos as pessoas que conhecia (por exemplo, certa vez chamou George Washington de “paspalho”). Apesar do atrito pessoal, Adams e Franklin estavam unidos pelo patriotismo e pela paixão pela independência dos Estados Unidos.

Franklin pôs Adams sob sua proteção em Passy, matriculou John Quincy Adams, de dez anos de idade, no internato em que estudava Benny Bache e apresentou o novo colega a todos os seus círculos sociais e culturais, inclusive à Académie, por ocasião de seu famoso abraço em Voltaire. No primeiro dia de Adams em Passy, Franklin o levou para jantar na casa de Jacques Turgot, o ex-

ministro das Finanças, e nos dias subsequentes, aos salões das várias mulheres cujo estilo sedutor encantava Franklin e chocava Adams.

Ainda mais estarrecedores para o puritano Adams eram a vida de Franklin e seu estilo de trabalho. Ele ficou perturbado com o que supôs ser o custo das luxuosas acomodações em Passy, e ainda mais abalado quando soube que o ambicioso Chaumont não lhe cobrava aluguel. Logo após sua chegada, Adams desabafou em seu diário sobre a dificuldade de conseguir que Franklin se concentrasse no trabalho:

Descobri que o trabalho de nossa comissão jamais seria feito, a menos que eu o fizesse. [...] A vida do dr. Franklin era uma cena de dissipação contínua [...] Já era tarde quando ele fazia o desjejum e, assim que o terminava, uma multidão de carros chegou para sua recepção matinal [...] alguns filósofos, acadêmicos e economistas; alguns membros de sua pequena tribo de humildes amigos do meio literário que ele empregava para traduzir alguns de seus textos antigos, como seu Bonhomme Richard e, pelo que sei, seu Polly Baker etc., mas, de longe, a maior parte era constituída por mulheres e crianças, que vinham para ter a honra de ver o grande Franklin, e para ter o prazer de contar histórias sobre sua simplicidade, sua cabeça calva...

Ele era convidado para jantar todos os dias e nunca recusava o convite, a menos que tivéssemos companhia convidada para jantar conosco. Eu era sempre convidado junto com ele, até que achei necessário enviar pedidos de desculpas, para que pudesse ter algum tempo para estudar o idioma francês e fazer o trabalho da missão. O sr. Franklin sempre tinha uma caderneta em seu bolso em que anotava todos os seus convites para jantar, e o sr. Lee disse que era a única coisa em que ele era pontual [...]. Nessas ocupações agradáveis e importantes diversões ele passava a tarde e a noite, e chegava em casa a qualquer hora entre as nove e as doze horas da noite.²

Um dos amigos franceses de Franklin deu uma interpretação mais positiva a respeito de seus hábitos de trabalho: “Ele comia, dormia, trabalhava, sempre que bem entendesse, de acordo com suas necessidades, de modo que nunca houve um homem mais descansado, embora ele certamente cuidasse de uma quantidade enorme de negócios”. Essas duas descrições do estilo de Franklin revelam não apenas pontos de vista diferentes a seu respeito, mas também pontos

de vista diferentes sobre o trabalho. Franklin sempre foi diligente e, na América, era famoso por acreditar em dar igualmente a *aparência* de ser diligente. Mas na França, onde a aparência de prazer era mais valorizada, Franklin soube como adotar o estilo. Como observa Claude-Anne Lopez: “Na América colonial, era pecado parecer ocioso; na França, era vulgar parecer ocupado”.³

Um dia, um francês perguntou a Adams se ele estava surpreso porque Franklin nunca participava de um serviço religioso. “Não”, respondeu rindo Adams, “porque o sr. Franklin não tem...” Adams não terminou a frase, por medo de parecer demasiado blasfemo.

“O sr. Franklin adora somente a grande natureza”, disse o francês, “o que interessou a muitas pessoas de ambos os sexos em seu favor.”

“Sim”, respondeu Adams, “todos os ateus, deístas e libertinos, bem como todos os filósofos e senhoras, estão em seu trem.”

“Sim”, o francês continuou, “ele é celebrado como o grande filósofo e o grande legislador da América.”

Adams foi incapaz de controlar seu ressentimento. “Ele é um grande filósofo, mas, como um legislador da América, fez muito pouco”, disse ao francês. “Acredita-se universalmente na França, na Inglaterra e em toda a Europa que sua varinha elétrica realizou toda essa revolução, mas nada é mais infundado [...] Ele não fez sequer a Constituição da Pensilvânia, ruim como ela é.” (Adams, que não era tão democrata como Franklin e acreditava em controles sobre o poder do povo, opunha-se fortemente a um Legislativo unicameral.)⁴

Após alguns anos, Franklin se cansaria de Adams e declararia que ele estava “às vezes, e em algumas coisas, absolutamente fora de seu juízo”. Mas, por enquanto, o achava tolerável, não raro até admirável. E estava feliz por introduzi-lo em seu círculo social, apesar do entusiasmo mínimo de Adams por tais frivolidades.⁵

VOLTAIRE

Os *philosophes* da França estavam, como Franklin, dispostos a se envolver no mundo real, em vez de perder-se em metafísicas abstrusas. Sua versão secular da Bíblia era a *Encyclopédie* compilada por Diderot, que incluía artigos de Turgot sobre economia, de Montesquieu sobre política, de Rousseau sobre artes, de Condorcet sobre ciências e de Helvétius sobre o homem. Acima de todos, como seu rei e deus — ou talvez nenhum dos dois, pois era cético em relação a ambos —, estava Voltaire, um homem que contribuiu de forma anônima para a *Encyclopédie*, mas com destaque para a vida intelectual

francesa.

Voltaire e Franklin eram, ao menos na cabeça do público francês, almas gêmeas. Ambos eram encarnações idosas da inteligência e da razão do Iluminismo, parodistas brincalhões mas aguçados, desmistificadores da ortodoxia e da simulação, discípulos do deísmo, tribunos da tolerância e apóstolos da revolução. Por isso, era inevitável não somente que os dois sábios se encontrassem, como também que seus encontros, ainda mais do que aquele entre Franklin e o rei em pessoa, empolgassem a imaginação pública.⁶

No início de 1778, Voltaire estava com 84 anos e doente, e já haviam circulado rumores de que havia morrido. (Sua réplica, ainda melhor do que a similar de Mark Twain, foi a de que as notícias eram verdadeiras, mas prematuras.) Em fevereiro, Franklin fez uma visita cerimonial à sua casa e pediu-lhe sua bênção ao pequeno Benny Bache, de sete anos de idade. Enquanto vinte discípulos maravilhados assistiam e derramavam “lágrimas de ternura”, Voltaire pôs as mãos sobre a cabeça do garoto e pronunciou em inglês “Deus e Liberdade”. De acordo com Condorcet, uma das testemunhas, ele acrescentou: “Esta é a única bênção apropriada para o neto de Monsieur Franklin”.

Alguns zombaram da exibição assaz histriônica. Um dos jornais mais cáusticos de Paris acusou-os de “representar uma cena” de “adulação pueril”, e quando o ex-governador Hutchinson, de Massachusetts, ouviu falar da bênção “Deus e Liberdade”, comentou que era “difícil dizer qual dessas palavras havia sido mais usada para maus propósitos”. Em geral, contudo, o encontro foi divulgado com reverência por toda a Europa.⁷

Franklin e Voltaire encenaram um encontro ainda mais teatral na Académie Royale, em 29 de abril do mesmo ano. Franklin estava vestido com a simplicidade que era sua marca registrada: casaco comum, sem peruca e sem outros adornos que não fossem seus óculos. Voltaire, que morreria dentro de um mês, estava macilento e frágil. A multidão exigiu que eles se dessem um abraço francês, um ato que provocou, nas palavras de Condorcet, uma “aclamação tão barulhenta que se diria que era Sólon que abraçava Sófocles”. A comparação com os grandes filósofos gregos, um famoso por suas leis e outro por sua literatura, foi proclamada por toda a Europa, como a testemunha ocular John Adams registrou com sua típica mistura de admiração e ressentimento:

Houve uma grita geral para que M. Voltaire e M. Franklin fossem apresentados um ao outro. Isso não era uma satisfação; devia haver algo mais. Nenhum dos nossos filósofos parecia adivinhar o que era desejado ou esperado; no entanto, um tomou o outro pela mão. Mas isso não foi suficiente. O clamor continuou até que veio a explicação: *Il faut*

s'embrasser à la française. Os dois atores idosos nesse grande teatro da filosofia e da frivolidade se abraçaram então, apertando um ao outro nos braços e beijando as bochechas um do outro, e então o tumulto diminuiu. E logo se espalhou o grito pelo reino, e suponho que por toda a Europa: *Qu'il est charmant de voir embrasser Solon et Sophocles*.⁸

A Académie serviu como uma das bases de Franklin junto à elite intelectual de Paris. Outra foi uma notável loja maçom conhecida como a Loja das Nove Irmãs, em honra das musas. Na França, a maçonaria estava deixando de ser apenas um conjunto de clubes sociais de empresários, como era, em geral, na América, e estava se tornando parte do movimento liderado pelos *philosophes* e outros livres-pensadores que contestavam as ortodoxias da Igreja e da monarquia. Claude-Adrien Helvétius, um filósofo adepto do livre-pensamento, fora o primeiro a imaginar uma superloja em Paris onde se reuniriam os maiores escritores e artistas. Quando ele morreu, sua viúva, Madame Helvétius (sobre quem ouviremos muito mais a seguir), ajudou a financiar sua fundação, em 1776.

Franklin e Voltaire entraram para a Loja das Nove Irmãs em abril de 1778, mesmo mês do encontro público na Académie. A loja proporcionou a Franklin apoiadores influentes e noites agradáveis. Mas era arriscado. Tanto o rei como os clérigos desconfiavam da loja renegada — e da adesão de Franklin a ela.

A controvérsia em torno da loja aumentou quando, em novembro de 1778, ela realizou uma cerimônia em memória de Voltaire que, em seu leito de morte, alguns meses antes, havia mandado embora os sacerdotes que queriam dar-lhe os últimos sacramentos. Alguns amigos, como Condorcet e Diderot, acharam prudente evitar a cerimônia. Franklin não só compareceu como dela participou.

O salão estava envolto em preto, iluminado fracamente por velas. Houve canções, discursos e poemas atacando o clero e o absolutismo em todas as formas. A sobrinha de Voltaire apresentou um busto feito por Houdon (maçom que também fez um busto de Franklin para a loja, atualmente no Museu de Arte da Filadélfia). Então, uma chama de luz revelou uma grande pintura da apoteose de Voltaire emergindo de seu túmulo para ser apresentado no céu pelas deusas da Verdade e da Benevolência. Franklin tirou a coroa maçônica de sua cabeça e a depôs solenemente aos pés da pintura. Todos então se retiraram para a sala de banquetes, onde o primeiro brinde incluiu uma homenagem a Franklin — “o trovão cativo morrendo a seus pés” — e à América.

Luis XVI, apesar de ser ele mesmo maçom, ficou irritado com o espetáculo e trabalhou por intermédio das outras lojas maçônicas para que expulsassem a Nove Irmãs. Depois de meses de controvérsia, a situação se

resolveu quando a Nove Irmãs se reorganizou e Franklin assumiu o posto de venerável, ou grão-mestre. Nos anos seguintes, Franklin induziria muitos americanos a entrar para a loja, entre eles seu neto Temple, o espião Edward Bancroft e o guerreiro naval John Paul Jones. Também ajudou a criar a partir da loja um grupo um pouco parecido com sua Sociedade Filosófica Americana, conhecido como Société Apollonienne.⁹

MADAME BRILLON

Por mais fascinantes que fossem os maçons e os *philosophes*, não era por seus amigos do sexo masculino que Franklin era famoso na França. Entre suas muitas reputações estava a lenda de ser um velho lascivo que tinha muitas amantes entre as damas de Paris. A realidade, verdade seja dita, era um pouco menos excitante. Suas famosas amigas eram amantes apenas em sua mente e alma. Contudo, isso não tornava suas relações menos interessantes.

A primeira delas foi com uma vizinha talentosa e tensa de Passy, Madame Brillon de Jouy, musicista que se destacava por suas apresentações ao cravo e também ao piano, novidade que estava se tornando moda na França. Quando conheceu Franklin, na primavera de 1777, ficou preocupada por ter sido muito tímida para causar boa impressão. Assim, no dia seguinte, pediu a um amigo em comum que lhe mandasse algumas melodias escocesas que ela sabia que Franklin adorava. “Gostaria de tentar tocá-las e compor algumas no mesmo estilo!”, escreveu ela. “Quero proporcionar ao grande homem alguns momentos de relaxamento de suas ocupações, e também ter o prazer de vê-lo.”

Assim começou uma intensa camaradagem, que logo se tornou sexualmente carregada e alimento para muitos mexericos. Adams e outros ficaram chocados com o que Madame Brillon chamava de “doce hábito de sentar-se no seu colo” e por histórias das noites que passavam juntos. “Estou certo de que o senhor anda beijando minha esposa”, o marido escreveu certa vez a Franklin.

No entanto, Monsieur Brillon acrescentava em sua carta: “Meu caro doutor, deixe-me beijá-lo em troca”. O relacionamento de Franklin com Madame Brillon, assim como tantos outros com senhoras distintas, era complexo e nunca totalmente consumado. Como Claude-Anne Lopez definiu habilmente, tratava-se de uma *amitié amoureuse* em que Franklin tinha de se contentar com o papel de “Cher Papa”, um pai estranhamente coquete.¹⁰

Madame Brillon, que tinha 33 anos quando conheceu Franklin, era fustigada por paixões conflitantes e humores variáveis. Seu marido, 24 anos mais

velho do que ela (mas catorze anos mais jovem do que Franklin), era rico, amoroso e infiel. Suas duas filhas tinham belas vozes cantantes e a família morava em uma das propriedades mais elegantes de Passy, mas ela era propensa a ataques de depressão e autocompaixão. Embora não falasse inglês, ela e Franklin trocaram mais de 130 cartas durante seu relacionamento de oito anos, e ela foi capaz não só de encantá-lo como também de manipulá-lo.

Fez isso compondo e tocando música para ele, criando um salão ao redor dele e escrevendo-lhe cartas elogiosas em francês e na terceira pessoa: “É uma verdadeira fonte de alegria para ela pensar que pode, às vezes, divertir o sr. Franklin, a quem ela ama e estima como ele merece”. Quando os americanos venceram a batalha de Saratoga, ela compôs uma abertura triunfal intitulada “Marche des Insurgents” (ainda apresentada às vezes) e a tocou para ele em um concerto particular. Eles também flertavam em torno do tabuleiro de xadrez. “Ela ainda está um pouco injuriada”, escreveu Madame Brillon em tom malicioso sobre si mesma, “com as seis partidas de xadrez que ele ganhou tão desumanamente e ela adverte que não vai poupar nada para conseguir sua vingança.”¹¹

Em março de 1778, depois de meses de somente música e xadrez, Franklin estava pronto para algo mais. Assim, ele a surpreendeu com um pouco de sua teologia libertina e a desafiou a salvar sua alma. “Você foi bastante gentil ao confiar-me sua conversão”, escreveu ela, agora confortável na primeira pessoa. As proposições dela eram promissoras, até mesmo sugestivas. “Eu conheço o ponto fraco de meu penitente, vou tolerá-lo! Na medida em que ele ama Deus, a América, e a mim acima de todas as coisas, eu o absolvo de todos os pecados, presentes, passados e *futuros*.”

Madame Brillon passava então a descrever os sete pecados capitais, alegremente observando que ele havia derrotado bem os seis primeiros, que iam do orgulho à preguiça. Quando chegou ao sétimo, o pecado da luxúria, ela ficou um pouco tímida: “O sétimo — não direi seu nome. Todos os grandes homens estão contaminados por ele [...] Você amou, meu querido irmão; você foi gentil e amável; você foi amado em troca. O que há de tão condenável nisso?”.

“Ela promete levar-me ao céu por uma estrada tão deliciosa”, exultou Franklin em sua resposta. “Estou em êxtase quando penso em ser absolvido de pecados *futuros*.” Voltando-se para os dez mandamentos, ele argumentou que havia, na verdade, outros dois que deveriam ser incluídos: multiplicar e encher a terra e amar uns aos outros. Ele sempre obedecera aos dois muito bem, disse ele, e isso não deveria “me compensar por ter tantas vezes desrespeitado um dos dez? Refiro-me àquele que nos proíbe de cobiçar a mulher do próximo, um mandamento que (confesso) violei continuamente”.¹²

Infelizmente, Madame Brillon aproveitou essa deixa para bater em retirada. “Não me atrevo a decidir a questão sem consultar o vizinho cuja esposa

cobiças”, escreveu ela, referindo-se ao marido. Havia, explicou, um duplo padrão a que ela devia obedecer. “Você é homem, eu sou mulher, e, embora possamos pensar de maneira semelhante, devemos falar e agir de forma diferente. Talvez não haja um grande dano em um homem ter desejos e ceder a eles; a mulher pode ter desejos, mas não deve ceder.”

Mal sabia ela que seu marido estava envolvido nesse duplo padrão. Mais uma vez, foi John Adams que registrou a situação em detalhes chocantes depois que Franklin o levou para jantar com “uma grande companhia de ambos os sexos” na casa de Brillon. Madame Brillon impressionou Adams como “uma das mulheres mais lindas da França”; seu marido, porém, era “um tipo bruto de proprietário rural”. No grupo, estava uma mulher “muito simples e desajeitada”. “Fiquei sabendo depois pelo dr. Franklin e por seu neto”, Adams observou, “que essa mulher era a *amie* do sr. Brillon.” Ele também supôs, dessa vez incorretamente, que Madame Brillon estava tendo um caso com outro vizinho. “Fiquei surpreso com o fato de que essas pessoas pudessem viver juntas numa aparente amizade e, com efeito, sem cortar a garganta uma da outra. Mas eu não conhecia o mundo.”

Um ano mais tarde, Madame Brillon descobriu o caso de seu marido com essa jovem “desajeitada”, Mademoiselle Jupin, que era a governanta das filhas de Brillon. Ela baniu a moça da casa e ficou temerosa de que ela pudesse arranjar um emprego como governanta de Franklin. Depois que Franklin lhe assegurou, em uma sessão a portas fechadas em seu escritório, que não tinha intenção de contratar a mulher, Madame Brillon escreveu-lhe uma carta aliviada. “Minha alma está mais calma, meu querido Papai, uma vez que se aliviou na sua, uma vez que não teme mais que Mlle. J _____ possa estabelecer-se com você e ser seu tormento.”¹³

Antes mesmo desse ataque de ciúmes, Madame Brillon iniciara uma cruzada para impedir Franklin de voltar suas atenções para outras mulheres, apesar de não estar disposta a satisfazer o ardor dele. “Quando você dispersa sua amizade, como o fez, minha amizade não diminui, mas a partir de agora tentarei ser um pouco mais severa com seus defeitos”, ameaçou.

Em uma resposta contundente mas sedutora, Franklin argumentou que ela não tinha o direito de ser tão possessiva. “Você renuncia e exclui totalmente tudo o que possa ser de carne em nossa afeição, permitindo-me somente alguns beijos, civis e honestos, do tipo que pode conceder aos seus primos pequenos”, ele a admoestou. “O que estou recebendo é tão especial a ponto de impedir-me de dar o mesmo a outras?”

Ele incluía na carta uma proposta de tratado de nove artigos de “paz, amizade e amor” entre os dois. Começava com artigos que ela aceitaria, seguidos por aqueles que declaravam praticamente o oposto e que ele aceitaria. Entre os primeiros, havia um estabelecendo que “o sr. F. virá sempre que ela

mandar buscá-lo” e outro, que ele “ficaria com ela o tempo que ela quisesse”. As cláusulas dele, por outro lado, incluíam um artigo determinando que “ele irá embora da casa de Madame B. sempre que quiser”, e outro que “ele ficará longe por quanto tempo quiser”. O último artigo do tratado pendia para o seu lado: “Que ele amará qualquer outra mulher desde que a julgue amável”. Ele acrescentava, porém, que “não tinha muita esperança” de que ela estaria de acordo com essa disposição final e, de qualquer modo, “não tenho esperança de encontrar outra mulher que pudesse amar com igual ternura”.¹⁴

Ao descrever seus desejos sexuais, Franklin podia ser bastante impudico. “Meu pobre garotinho, que você deveria ter estimado, em vez de estar gordo e alegre como aqueles em seus desenhos elegantes, está magro e faminto por falta de alimento que você desumanamente lhe nega.” Madame Brillon continuou o colóquio chamando-o de epicurista, que “quer um amor rechonchudo”, e a ela de platônica, que “tenta neutralizar suas pequenas flechas”. Em outra carta sugestiva, ele contava uma fábula sobre um homem que se recusava a emprestar seus cavalos a um amigo. Ele não era assim. “Você sabe que estou pronto a sacrificar meus belos e grandes cavalos.”

Depois que dezenas de investidas e defesas sensuais como essas se passaram entre eles, ao menos no papel, Madame Brillon rejeitou de uma vez por todas os desejos dele de um amor mais corpóreo. Em troca, ela também abandonou sua tentativa de impedi-lo de procurá-lo em outro lugar. “O platonismo pode não ser a seita mais prazenteira, mas é uma defesa conveniente para o belo sexo”, escreveu ela. “Assim, a senhora, que o acha apropriado, aconselha o cavalheiro a engordar o seu favorito em outras mesas que a dela, que sempre oferecerá uma dieta muito escassa para seus apetites vorazes.”¹⁵

A carta, que terminava com um convite para o chá no dia seguinte, não acabou com o relacionamento entre eles. Em vez disso, a relação assumiu outra forma: Madame Brillon declarava que a partir de então gostaria de desempenhar o papel de uma filha adoradora e atribuía a ele o papel de um pai amoroso.

É ao seu pai que esta filha terna e amorosa está falando. Tive um pai outrora, o melhor dos homens, ele foi o meu primeiro, o meu melhor amigo. Eu o perdi cedo demais! Você muitas vezes me perguntou: “Eu não poderia tomar o lugar daqueles cuja perda você lamenta?”. E você me contou sobre o costume humano de certos selvagens que adotam seus prisioneiros de guerra e os põem no lugar dos seus parentes mortos. Você assumiu em meu coração o lugar daquele pai.

Franklin, fosse por desejo ou necessidade, concordou formalmente:

“Aceito com infinito prazer, minha cara amiga, a proposta que faz, com tanta bondade, de adotar-me como seu pai”. Depois, ficou filosófico. Como ele havia dito de Benny e Temple, era importante para ele, agora que estava separado de sua “filha afetuosa” na Filadélfia, ter sempre algum filho com ele “para cuidar de mim durante minha vida e fechar ternamente meus olhos quando eu tiver de fazer meu último descanso”. Ele prometia se esforçar muito para desempenhar o papel corretamente. “Eu a amo como um pai, com todo o meu coração. É verdade que às vezes suspeito que o coração quer ir mais longe, mas tento esconder isso de mim mesmo.”¹⁶

A transformação da relação entre eles inspirou a Franklin um de seus pequenos contos mais melancólicos e reveladores de si mesmo, “As efeméridas”, escrito para ela depois de um passeio pelo jardim. (O tema vinha de um artigo que publicara no *Pennsylvania Gazette* cinquenta anos antes.) Acontecera de ele entreuviar o lamento de um dos minúsculos insetos de vida curta que percebera que suas sete horas sobre este planeta se aproximavam do fim.

Eu vi gerações nascerem, florescerem e expirarem. Meus amigos atuais são os filhos e netos dos amigos de minha juventude que, infelizmente, não existem mais! E eu devo segui-los em breve, pois pela marcha da natureza, embora ainda com saúde, não posso esperar viver acima de sete ou oito minutos a mais. Que agora aproveita todo o meu trabalho e labuta acumulando néctar nessa folha, que não posso viver para desfrutar! [...]

Meus amigos me consolam com a ideia de um nome que dizem que deixarei depois de mim; e me dizem que vivi tempo suficiente, para a natureza e para a glória. Mas o que será a fama para um efêmero que não existe mais? [...]

Para mim, depois de todas as minhas buscas ansiosas, não resta nenhum prazer sólido, mas o reflexo de uma longa vida gasta em fazer o bem, a conversa sensata de algumas boas efeméridas e, de vez em quando, um sorriso amável e uma melodia da sempre amável BRILHANTE. [Na versão original em francês, as palavras finais se referem mais claramente à destinatária: “*toujours amiable Brillon*”.]¹⁷

Ao longo de seus anos restantes na França, e até em cartas após seu retorno à América, Franklin permaneceria emocionalmente ligado a Madame Brillon. O novo arranjo deles ainda lhes permitia liberdades como jogar xadrez com um amigo em comum, até tarde da noite, no banheiro dela, enquanto ela

estava na banheira e observava. Mas era, como costumam ser jogos de xadrez no banheiro, bastante inocente: a banheira era coberta, ao estilo de então, por uma prancha de madeira. “Receio que a tenhamos deixado muito desconfortável por mantê-la tanto tempo no banho”, ele se desculpou no dia seguinte, acrescentando uma pequena promessa irônica: “Nunca mais consentirei em iniciar um jogo de xadrez com o vizinho em seu banheiro. Você pode me perdoar essa indiscrição?”. Ela certamente poderia. “Não, meu bom papai, você não me causou nenhum mal ontem. Eu sinto tanto prazer em vê-lo que compensou a pequena fadiga de ter de sair do banho um pouco tarde demais.”

Tendo abandonado a possibilidade de um romance terreno, eles se divertiam prometendo-se um no céu. “Dou-lhe a minha palavra”, ela brincou a certa altura, “que me tornarei sua esposa no paraíso, com a condição de que você não faça muitas conquistas entre as donzelas celestes enquanto espera por mim. Quero um marido fiel quando eu o tomar para a eternidade.”

Mais do que quase todas, ela era capaz de articular o que o tornava tão encantador para as mulheres, “aquela alegria e aquela galantaria que fazem todas as mulheres amá-lo, porque você as ama todas”. Com inteligência penetrante e afeto, ela declarou: “Você combina o coração mais generoso com o ensinamento moral mais sólido, uma imaginação muito viva, e aquela malandragem divertida que mostra que o mais sábio dos homens permite que sua sabedoria se quebre perpetuamente contra as rochas da feminilidade”.¹⁸

Nos anos seguintes, Franklin ajudaria Madame Brillon a atravessar suas crises de depressão e tentaria, como veremos, incentivar um casamento entre Temple e uma de suas filhas. Entretanto, em 1779, ele já estava voltando sua atenção cada vez mais para outra mulher, alguém com uma família ainda mais fascinante, que morava na aldeia vizinha de Auteuil.

MADAME HELVÉTIUS

Anne-Catherine de Ligniville d’Autricourt era filha de uma das grandes famílias aristocráticas da Lorena, porém era a décima de vinte filhos e, portanto, carecia de um dote. Assim, quando estava com quinze anos e em idade de casar, foi mandada para um convento. Como se veria, ela certamente não tinha temperamento para uma vida de clausura, nem, aliás, os fundos necessários. Aos trinta anos, sua pensão se esgotou e ela foi embora para Paris, onde foi acolhida por uma tia bondosa que abandonara o marido, se tornara romancista e criara um salão cheio de intelectuais brilhantes e levemente boêmios.

Ali, a vivacidade e a beleza de Anne-Catherine atraíram muitos pretendentes, em especial o economista Turgot, oito anos mais novo, que seria

mais tarde tesoureiro da França e amigo de Franklin. Turgot era interessante, mas não rico o suficiente, de modo que ela se casou com alguém mais bem estabelecido, Claude-Adrien Helvétius.

Helvétius era *fermier général* da França, membro de um grupo de cerca de cinquenta pessoas designadas pelo rei para exercer a atividade muito lucrativa de cobrar impostos e efetuar arrendamentos das terras reais. Depois de fazer fortuna, Helvétius tratou de satisfazer suas aspirações sociais e intelectuais. Assim, o financista rico casou-se com a aristocrata pobre e se tornou, como mencionado acima, um conhecido filósofo que ajudou a planejar a Loja Maçônica Nove Irmãs. Sua grande obra, *De l'Esprit* (1758), constituía uma adoção polêmica do hedonismo ateu e defendia que o amor do prazer motivava a atividade humana. Em torno dele, reuniam-se as estrelas do Iluminismo, como Diderot, Condorcet, Hume em suas visitas ocasionais a Paris e Turgot, ainda bem recebido, embora desprezado como pretendente.

Quando Helvétius morreu, em 1771, cinco anos antes da chegada de Franklin, sua viúva Anne-Catherine, agora Madame Helvétius, casou suas duas filhas com homens da escolha delas, deu um dos castelos da família a cada uma e comprou uma fazenda dispersa em Auteuil, perto de Passy. Ela era animada, extrovertida e, como convinha a seu nascimento aristocrático mas criação pobre, uma boêmia de espírito livre que gostava de projetar uma aura de despreensão. Há um comentário muito repetido que tem sido atribuído a muitos, mas que provavelmente foi proferido pela primeira vez pelo escritor Fontenelle, que tinha quase cem anos quando frequentava seu salão. Contemplando Madame Helvétius em uma de suas roupas mais simples e reveladoras, ele proclamou: “Ah, quem me dera ter setenta anos novamente!”.

Em Auteuil, ela cultivava um jardim de espírito livre, desprovido de qualquer formalidade francesa, uma coleção de patos e cães que compunham um zoológico barulhento e colorido e um salão que exibia muitos dos mesmos atributos. Os amigos traziam-lhe plantas raras, animais incomuns e ideias provocadoras, e ela alimentava todos naquilo que era chamado de brincadeira “L'Académie d'Auteuil”.¹⁹

Moravam com Madame Helvétius dois padres e um acólito:

- O abade André Morellet,
conhecido economista

político e colaborador da *Encyclopédie*, na casa dos quarenta anos, que fizera amizade com Franklin em 1772, na Inglaterra, na ocasião em que ele fez o truque de acalmar as ondas com sua bengala mágica, e que compartilhava seu amor por bons vinhos, música, teorias econômicas e invenções práticas.

- O abade Martin Lefebvre de

la Roche, com trinta e poucos anos, um ex-beneditino que (nas palavras de Morellet) “Helvétius havia secularizado conforme a moda”.

- Pierre-Jean-Georges Cabanis, um poeta solteiro com pouco mais de vinte anos, que traduziu Homero, estudou medicina, escreveu um livro sobre hospitais e venerava Franklin, cujos

contos e histórias registrava fielmente.

“Falávamos sobre moralidade, política e filosofia”, La Roche lembrou. “Nossa Senhora d’Auteuil excitava nosso coquetismo, e o abade Morellet discutia sobre o creme e apresentava seus argumentos para provar aquilo em que não acreditávamos.”²⁰

Foi Turgot, ainda apaixonado por Madame Helvétius, quem primeiro levou Franklin a visitá-la, em 1778, quando ela estava com quase sessenta anos, mas ainda era vivaz e bonita. Seu séquito doméstico, cheio de gracejos e irreverência intelectual, estava perfeitamente adaptado aos gostos de Franklin, e pouco depois ele lhe escreveu uma carta em que descrevia seu eletromagnetismo:

Eu tenho, à minha maneira, tentado formular algumas hipóteses para explicar o fato de a senhora ter tantos amigos e de tipos tão diferentes. Vejo que estadistas, filósofos, historiadores, poetas e homens de saber de todos os tipos prendem-se à senhora como palhas a uma bela peça de âmbar [...] Encontramos em sua companhia doce aquela benevolência encantadora, aquela atenção amável para obsequiar, aquela disposição para agradar e ser agradada, que nem sempre encontramos na companhia uns dos outros [...] Em sua companhia, não ficamos satisfeitos apenas com a senhora, mas mais satisfeitos uns com os outros e com nós mesmos.²¹

Não surpreende que John Adams tenha ficado chocado com Madame Helvétius e sua casa quando Franklin o levou para uma visita. Com os dois abades, ele foi cortante: “Suponho que têm tanto poder para perdoar um pecado quanto têm para cometê-lo”. Sobre os “absurdos” morais na casa, comentou: “Nenhum tipo de governo republicano poderá existir com tais costumes nacionais”. Sua esposa, Abigail, ficou ainda mais horrorizada quando a visitou mais tarde e descreveu Madame Helvétius com uma pena deliciosamente maldosa:

Seu cabelo era encrespado; em cima dele, ela usava um chapéu de palha pequeno, com um lenço de gaze suja atrás [...] Ela comandava a conversa

durante o jantar, frequentemente segurando a mão do doutor, e às vezes abrindo seus braços sobre os braços das cadeiras de ambos os cavalheiros, depois, jogando seus braços descuidadamente sobre o pescoço do doutor [...] Fiquei muito enojada, e jamais desejaria a amizade de senhoras dessa espécie. Após o jantar, ela se jogou em um sofá, onde mostrou mais do que os pés. Estava com um pequeno cão no colo que era, depois do doutor, o seu favorito. Este ela beijou e, quando ele molhou o chão, ela limpou com sua camisa.²²

Franklin fez mais do que flertar com Madame Helvétius: em setembro de 1779, propôs-lhe ardentemente casamento, de forma mais do que meio séria, no entanto manteve o suficiente distanciamento irônico para preservar sua dignidade. “Se aquela senhora gosta de passar seus dias com ele, por sua vez, ele gostaria de passar suas noites com ela”, escreveu-lhe por intermédio de Cabanis, usando a terceira pessoa. “Como ele já lhe deu muitos de seus dias, embora tenha tão poucos ainda para dar, ela aparece ingrata por nunca ter dado a ele uma única de suas noites, que constantemente passam como pura perda, sem dar felicidade a ninguém exceto Poupon [seu cão].”²³

Ela o incentivou de leve. “Eu esperava que, depois de pôr essas coisas bonitas no papel, você viesse me dizer algumas”, ela rabiscou. Ele continuou a investida de maneira inteligente, mas ainda graciosamente distanciada, criando para ela dois pequenos contos. O primeiro foi escrito na voz das moscas que viviam em seu apartamento. Elas se queixam dos perigos que enfrentavam diante das aranhas em Passy e lhe agradecem por fazê-lo limpar suas teias. “Resta apenas uma coisa para desejarmos”, elas concluem: “É ver vocês dois formarem finalmente um único lar”.²⁴

Turgot, agora mais enciumado do que entretido com Franklin, aconselhou-a a recusar suas propostas de casamento, o que ela fez. Não obstante, Franklin renovou seu pedido com um de seus contos mais famosos, “Os Campos Elísios”, em que contava um sonho sobre ir para o céu e discutir o assunto com o falecido marido dela e sua falecida esposa, que tinham se casado. Elogiando a aparência de Madame Helvétius em relação à de sua falecida esposa, ele sugeria que se vingassem:

Contrariado por sua decisão bárbara, anunciada de forma tão positiva na noite passada, de permanecer solteira toda a sua vida em respeito a seu querido marido, fui para casa, caí na cama e, acreditando-me morto, encontrei-me nos Campos Elísios [...] [M. Helvétius] recebeu-me com

grande cortesia, tendo me conhecido há algum tempo, ele disse, pela reputação que eu tinha lá. Perguntou-me mil coisas sobre a guerra e sobre o estado atual da religião, da liberdade e do governo da França. Você não pergunta nada, então, a respeito de sua querida amiga Madame H_____ ; no entanto, ela ainda o ama demais e eu estava na casa dela não faz uma hora.

Ah!, disse ele, você me faz lembrar de minha antiga felicidade. Mas é preciso esquecê-la, a fim de ser feliz aqui. Durante vários dos primeiros anos, eu só pensei nela. Finalmente estou consolado. Tomei outra esposa. A mais parecida com ela que pude encontrar. Ela não é, é verdade, tão completamente linda, mas tem o mesmo bom senso, um pouco mais de Espírito, e me ama infinitamente. Seu estudo contínuo é para me agradar, na verdade ela saiu em busca do melhor Néctar e da melhor Ambrosia, a fim de deliciar-me esta noite; fique comigo e você a verá.

[...] Após essas palavras. a nova Madame H_____ entrou com o Néctar: nesse instante, a reconheci como Madame F_____, minha velha amiga americana. Eu a reivindiquei. Mas ela me disse friamente: “Eu fui sua boa esposa por 49 anos e quatro meses, quase meio século: contente-se com isso. Aqui eu fiz uma nova conexão, que durará para a eternidade”.

Ofendido por essa recusa de minha Eurídice, decidi de repente abandonar aqueles espíritos ingratos, retornar à boa terra, para ver novamente a luz do sol e você. Aqui estou! Vingemo-nos.²⁵

Sob a frivolidade se escondia um desejo sincero — seus amigos pensavam assim, bem como seu amistoso rival Turgot —, mas expresso com uma habilidade que o fazia parecer seguro e inteligente. Sempre desconfortável com laços emocionais profundos, Franklin realizou o truque do distanciamento perfeito. Em vez de fazer seu pedido em segredo, o que lhe teria conferido uma seriedade perigosa, ele o tornou público ao divulgar a história na sua tipografia particular, alguns meses depois. Ao fazer isso, ele expôs seu coração para que todos vissem, e ali ele poderia dançar com segurança no espaço que se estendia entre a sinceridade e a brincadeira autodepreciativa. “De algum modo, Franklin nunca se comprometeu totalmente no amor”, observa Claude-Anne Lopez. “Uma parte dele estava sempre com o pé atrás e observava os trâmites com ironia.”

Para Madame Helvétius, foi tudo demasiado, tanto a seriedade como a brincadeira pública. Ela fugiu em junho de 1780 para passar o verão em Tours,

com a esperança, de acordo com uma carta que Turgot escreveu a um amigo em comum, “de poder esquecer, se possível, todo o tumulto que a atormentou”. Ele acrescentava que as férias eram o melhor, “não somente para a tranquilidade dela, mas também para restabelecê-la naquela outra cabeça [ou seja, na de Franklin] que se agitou de forma tão imprudente”.²⁶

Quanto a Franklin, a dança hábil de flertes meio sérios, embora não correspondidos, tivera um efeito rejuvenescedor em seu corpo e em seu espírito. “Não sinto que envelheço”, escreveu a um amigo naquela primavera. “Tendo chegado aos setenta, e considerando que, se viajasse mais no mesmo caminho, eu seria provavelmente levado à sepultura, eu parei, virei e caminhei de volta; como fiz isso nesses quatro anos, você pode dizer agora que estou com 66.”²⁷

AS BAGATELAS

Um produto dos flertes de Franklin em Passy e Auteuil foi a coleção de fábulas e contos — como “As efeméridas”, “As moscas” e “Os Campos Elisios”, mencionados acima — que escreveu para divertir seus amigos. Ele os chamou de bagatelas, termo francês para pequenas composições instrumentais, e publicou muitos deles na tipografia particular que instalou em Passy. Eram semelhantes às pequenas histórias que havia escrito no passado, tais como “O julgamento de Polly Baker”, mas a dúzia de textos escritos em Passy tem um ligeiro sotaque francês.

Essas obras foram objeto de muita crítica servil. “As bagatelas de Franklin combinam prazer com verdade moral”, declara Alfred Owen Aldridge. “Elas estão entre as obras-primas do mundo da literatura leve.” Não exatamente. O valor delas reside mais no vislumbre que dão da personalidade de Franklin do que em seu mérito literário, que é um pouco escasso. Trata-se de *jeux d’esprit*, tão divertidos quanto um exercício de cinco dedos para piano. A maioria exibe a típica consciência irônica de si mesmo de Franklin, ainda que alguns sejam um pouco pesados em sua tentativa de dar uma lição de moral.²⁸

O mais divertido é o “Diálogo entre a gota e o sr. Franklin”, um precursor do antigo comercial de Alka Seltzer em que um homem é repreendido por seu estômago. Em outubro de 1780, quando ele estava de cama por culpa da doença, Madame Brillon escreveu-lhe um poema, “Le Sage et la Goutte”, que deixava implícito que sua doença era causada por seu amor por “uma senhora bonita, às vezes duas, três, quatro”. Eis quatro versos:

“Moderation, dear Doctor”, said the Gout,

*"Is no virtue for which you stand out.
You like food, you like ladies' sweet talk,
You play chess when you should walk."**

Franklin respondeu numa meia-noite com um longo e divertido diálogo em que a Gota o repreendia por suas complacências e, também, uma vez que Franklin gostava de ser instrutivo, prescrevia uma série de exercícios e ar fresco:

SR. F.: Eh! oh! eh! O que eu fiz para merecer esses cruéis sofrimentos?

A GOTA: Muitas coisas; você comeu e bebeu sem reservas, e muito tolerou a indolência dessas suas pernas.

SR. F.: Quem é que me acusa?

A GOTA: Sou eu, até mesmo eu, a Gota.

SR. F.: O quê! Minha inimiga em pessoa?

A GOTA: Não, não sua inimiga.

SR. F.: Repito, minha inimiga, pois você não somente atormenta meu corpo até a morte, como arruína o meu bom nome; você me acusa de comilão e beberrão; ora, todo mundo que me conhece concederá que não sou uma coisa nem outra.

A GOTA: O mundo pode pensar o que quiser; ele é sempre muito complacente consigo mesmo, e às vezes com seus amigos, mas eu sei muito bem que a quantidade de comida e bebida adequada para um homem que faz um grau razoável de exercício seria demasiada para outro que nunca faz nenhum [...]

Se sua situação na vida é sedentária, suas diversões, seu lazer, pelo menos, deveriam ser ativos. Você deveria caminhar ou cavalgar; ou, se o tempo impede isso, jogar bilhar. Mas vamos examinar sua rotina de vida. Quando as manhãs são longas e você tem tempo livre para sair de casa, o que você faz? Por que, em vez de ganhar apetite para o desjejum com exercícios salutarés, você se diverte com livros, panfletos ou jornais, que geralmente não valem a leitura? No entanto, você faz um desjejum exagerado, quatro pratos de chá com creme, e uma ou duas torradas com manteiga, com fatias de carne-seca, o que imagino não sejam de fácil digestão.

Imediatamente depois, você se senta para escrever a sua mesa, ou

conversar com pessoas que pedem para tratar de negócios. Assim, o tempo passa até a uma, sem nenhum tipo de exercício físico. Tudo isso eu poderia perdoar, no que diz respeito, como você diz, a sua condição sedentária. Mas qual é a sua prática depois do jantar? Caminhar nos belos jardins das amigas com quem jantou seria a escolha de homens de bom senso; a sua é fixar-se ao xadrez, onde é encontrado jogando por duas ou três horas!

[...] Você conhece os jardins de M. Brillon, e que belas caminhadas eles contêm; você conhece a bela escadaria de cem degraus que conduzem do terraço acima ao gramado abaixo. Você tem o hábito de visitar essa amável família duas vezes por semana, depois do jantar, e é uma máxima sua que “um homem pode fazer tanto exercício caminhando 1,5 quilômetro subindo e descendo escadas quanto em quinze quilômetros em uma superfície plana”. Que oportunidade havia aqui para você se exercitar de ambas as maneiras! Você fez isso, e com que frequência?

SR. F.: Não posso responder a essa pergunta imediatamente.

A GOTA: Farei isso por você; nenhuma vez.²⁹

Ele enviou a bagatela para Madame Brillon junto com uma carta em que, atrevidamente, rebatia o argumento do poema dela “de que amantes tiveram uma participação na produção dessa doença dolorosa”. “Quando era jovem e desfrutava mais dos favores do belo sexo do que faço agora, eu não tinha gota. Assim, se as damas de Passy mostrassem mais daquela caridade cristã que tantas vezes lhe recomendei em vão, eu não deveria estar sofrendo de gota agora.” O sexo tornara-se, então, um tema de brincadeira em vez de tensão para eles. “Eu farei o meu melhor por você, com espírito de caridade cristã”, ela respondeu, “mas com a exclusão do *seu* tipo de caridade cristã.”

Franklin usava suas bagatelas como uma maneira de melhorar seus conhecimentos da língua; ele as traduzia e retraduzia de um idioma para o outro, mostrava para amigos como o abade de La Roche, e depois incorporava as correções. Escreveu, por exemplo, sua famosa história sobre o apito pelo qual pagou demais quando criança em duas colunas, a da esquerda em francês e a da direita em inglês, com espaço nas margens para revisões. Uma vez que Madame Brillon não falava inglês, Franklin mandou-lhe as versões francesas de seus escritos, que mostravam muitas vezes as correções que outros tinham feito.

Ela era mais frouxa no que dizia respeito à gramática do que em relação à

moral. “O corretor de seu francês estragou sua obra”, disse ela sobre as edições que La Roche fez ao diálogo da gota. “Deixe suas obras como estão, use palavras que dizem coisas, e zombe dos gramáticos, que com a pureza deles enfraquecem todas as suas frases.” Por exemplo: Franklin inventava muitas vezes palavras em francês, como “indulger” (no sentido do inglês *to indulge* [favorecer, tolerar]), que seus amigos corrigiam. Madame Brillon, no entanto, achava esses neologismos encantadores. “Uns poucos puristas podem vir com picuinhas, porque esses abutres pesam as palavras numa balança de erudição fria”, escreveu ela, mas, “uma vez que você parece se expressar com mais vigor do que um gramático, o meu julgamento vai a seu favor.”³⁰

Franklin achava particularmente difícil dominar as distinções de gênero da língua francesa, e até brincava de pôr palavras “masculinas” na forma feminina, e “femininas” no masculino, quando reclamava da necessidade de consultar isso no dicionário. “Há sessenta anos [desde os dezesseis anos de idade], coisas masculinas e femininas — e não estou falando sobre modos e tempos — me dão muitos problemas”, observou ironicamente. “Ficarei muito mais feliz de ir para o paraíso, onde, dizem, todas essas distinções serão abolidas.”

Então, como era o francês de Franklin? Por volta de 1780, ele já falava e escrevia com muito floreado e entusiasmo, embora nem sempre com pronúncia e gramática corretas. Essa maneira de encarar o idioma encantava a maioria de seus amigos de lá, sobretudo as mulheres, mas obviamente irritava John Adams. “Dizem que o dr. Franklin fala francês muito bem, mas acho, depois de observá-lo criticamente, que ele não fala conforme a gramática”, chiou Adams. “Ele admitiu para mim que era totalmente desatento à gramática. Sua pronúncia, também, que os senhores e as senhoras franceses elogiam muito, e que ele parecia achar muito boa, logo descobri que era muito inexata.”³¹

A bagatela que mais encantou seus amigos franceses, intitulada “Conte”, era uma parábola sobre a tolerância religiosa. Um oficial francês que está prestes a morrer conta um sonho em que ele chega às portas do céu e observa são Pedro perguntar às pessoas sobre a religião delas. O primeiro responde que é católico, e são Pedro diz: “Tome seu lugar lá entre os católicos”. Segue-se um procedimento semelhante em relação a um anglicano e um quacre. Quando o oficial confessa que não tem religião, são Pedro é indulgente: “Você pode entrar assim mesmo; apenas encontre um lugar onde puder”. (Franklin parece ter revisto o manuscrito algumas vezes para deixar mais clara sua posição sobre a tolerância, e em uma versão a expressou com mais vigor escrevendo: “Entre assim mesmo e tome o lugar que quiser”).³²

Esse conto lembrava muitos dos escritos leves anteriores de Franklin que defendiam a tolerância religiosa. Embora sua crença em um Deus benevolente se tornasse mais forte à medida que ele envelhecia, os intelectuais franceses admiravam o fato de ele não abraçar nenhuma seita religiosa. “Nossos livres-

pensadores o sondaram habilmente a respeito de sua religião”, escreveu um conhecido, “e afirmam ter descoberto que ele é um deles, que ele não tem nenhuma.”³³

XADREZ E PEIDOS

Uma das paixões famosas de Franklin era o xadrez, como comprova o jogo de fim de noite realizado no banheiro de Madame Brillon. Ele considerava o jogo uma metáfora para a diplomacia e a vida, ponto de vista que deixou explícito em uma bagatela que escreveu em 1779 sobre “A moral do xadrez”, baseada em um ensaio que havia elaborado em 1732 para sua Junta na Filadélfia.

O jogo de xadrez não é meramente um divertimento ocioso. Várias qualidades muito valiosas da mente, úteis no decorrer da vida humana, são adquiridas ou fortalecidas por ele, pois a vida é uma espécie de xadrez, em que temos muitas vezes pontos a ganhar e competidores ou adversários a enfrentar.

O xadrez, dizia ele, ensina previdência, circunspeção, cautela e a importância de não se desencorajar. Havia também uma etiqueta importante a ser praticada: nunca apressar o adversário, não tentar enganá-lo fingindo ter feito uma jogada ruim e nunca tripudiar na vitória: “Modere seu desejo de vitória sobre o adversário e fique satisfeito com aquela sobre você mesmo”. Havia momentos em que era até prudente deixar um adversário recuar de uma má jogada: “Pode acontecer de você perder o jogo para seu adversário, mas você ganhará o que é melhor, a estima dele”.³⁴

Durante uma das partidas de xadrez jogadas noite adentro em Passy, um mensageiro chegou com um importante conjunto de despachos da América. Franklin fez um gesto para que ele esperasse até o final da partida. Em outra ocasião, ele estava jogando com a duquesa de Bourbon, que fez um movimento que inadvertidamente expôs seu rei. Ignorando as regras do jogo, ele prontamente capturou a peça. “Nós não capturamos reis dessa maneira”, disse a duquesa. Franklin respondeu com um famoso dito espirituoso: “Na América, nós o fazemos”.³⁵

Certa noite, em Passy, ele estava absorto em um jogo quando as velas se apagaram. Recusando-se a desistir, pediu que seu adversário trouxesse mais velas. O homem voltou rapidamente com um olhar surpreso e a notícia de que já

estava claro lá fora. Franklin abriu as persianas. “Você está certo, é dia”, disse ele. “Vamos para a cama.”

O incidente foi inspiração para uma bagatela que escreveu sobre sua surpresa ao descobrir que o sol se levantava e derramava luz às seis da manhã. Àquela altura de sua vida, deve-se notar, ele já não compartilhava a crença do Pobre Ricardo em ir cedo para a cama e acordar cedo. Declarava que essa descoberta seria uma surpresa para seus leitores, “que comigo jamais viram nenhum sinal de sol antes do meio-dia”. Isso o levou a concluir que, se as pessoas se levantassem muito mais cedo, poderiam economizar muito dinheiro em velas. Ele até incluía alguns cálculos pseudocientíficos do que poderia ser economizado com esse “projeto econômico” se durante os meses de verão os parisienses mudassem seus horários de dormir para sete horas mais cedo: cerca de 97 milhões de libras, “uma imensa quantia que a cidade de Paris poderia economizar todos os anos usando a luz do sol em vez de velas”.

Franklin concluía dando de presente a ideia ao público, sem nenhum pedido de direito autoral ou recompensa. “Espero apenas ter a honra dela”, declarava. Ele acabou com muito mais honra do que poderia ter imaginado: a maioria das histórias da invenção do horário de verão atribui a ideia a esse ensaio de Franklin, embora ele o tenha escrito em tom de zombaria e não tenha apresentado a sugestão de alterar os relógios por uma hora durante o verão.³⁶

O ensaio, que parodiava ao mesmo tempo os hábitos humanos e os tratados científicos, refletia (tal como seus escritos da juventude) a influência de Jonathan Swift. “Era o tipo de ironia que Swift teria escrito no lugar de ‘Uma proposta modesta’ se tivesse passado cinco anos na companhia das Madames Helvétius e Brillon”, observa Alfred Owen Aldridge.³⁷

Uma paródia científica semelhante, ainda mais engraçada e famosa (ou talvez famigerada), foi a falsa proposta que ele fez à Academia Real de Bruxelas para que estudassem as causas e as curas do peido. Observando que os líderes da Academia, ao solicitar questões para estudo, alegavam “estimar a utilidade”, ele sugeriu uma “investigação séria”, que seria digna “desta época esclarecida”:

É universalmente sabido que, ao digerir a nossa comida comum, cria-se ou se produz nas entranhas das criaturas humanas grande quantidade de vento. Que a permissão para que esse ar escape e se misture com a atmosfera é geralmente ofensiva à companhia pelo cheiro fétido que o acompanha. Que, portanto, todas as pessoas bem-educadas, para evitar essa ofensa, contêm à força os esforços da natureza de descarregar esse vento. Que assim retido, contrário à natureza, ele não só causa frequentemente grande dor no presente como doenças em ocasiões futuras [...].

Se não fosse pelo cheiro odiosamente ofensivo que acompanha tais escapamentos, as pessoas educadas provavelmente não conteriam a descarga desse vento em companhia mais do que cuspir ou assoar o nariz. Minha Questão Excelente, portanto, deveria ser: Descobrir algum medicamento saudável e não desagradável, para ser misturado com nossos alimentos ou molhos comuns, que possa tornar as descargas naturais de vento de nossos corpos não somente inofensivas, mas agradáveis como perfumes.

Simulando seriedade científica, Franklin passava a explicar como os diferentes alimentos e minerais alteravam o odor dos peidos. Um mineral como a cal não funcionaria para tornar o cheiro agradável? “Isso vale o experimento!” Quem fizesse a descoberta, segundo ele, teria “honra imortal”, pois isso seria muito mais “útil [do que] essas descobertas da ciência que tornaram os filósofos famosos”. Todas as obras de Aristóteles e Newton, observava, fazem pouco para ajudar as vítimas dos gases. “Que conforto podem os vórtices de Descartes dar a um homem que tem redemoinhos em suas entranhas!” A invenção de um perfume para o peido permitiria que anfitriões soltassem ventosidades livremente com o conforto de que isso daria prazer aos seus convidados. Comparado a esse luxo, dizia ele num trocadilho ruim, as descobertas anteriores “mal valem, todas juntas, um *fart-hing*”. **

Embora tenha imprimido essa farsa em sua tipografia particular em Passy, Franklin aparentemente tinha escrúpulos e nunca a distribuiu ao público. Porém, enviou-a para amigos e observou, em particular, que poderia ser do interesse de um deles, o famoso químico e especialista em gás Joseph Priestley, “que é propenso a se dar ares”.³⁸

Outro ensaio delicioso de falsa ciência foi escrito na forma de uma carta ao abade Morellet. Ele celebrava as maravilhas do vinho e as glórias do cotovelo humano:

Ouvimos que a conversão da água em vinho nas bodas de Caná foi um milagre. Mas essa conversão é, graças à bondade de Deus, feita todos os dias diante de nossos olhos. Contemplem a chuva que desce do céu sobre nossas vinhas; ali ela entra nas raízes das videiras, para ser transformada em vinho; uma prova constante de que Deus nos ama, e adora nos ver felizes. O milagre em questão foi realizado somente para acelerar a operação.

Quanto ao cotovelo humano, Franklin explicava, era importante que ele estivesse localizado no lugar certo — caso contrário, seria difícil beber vinho. Se a Providência tivesse posto o cotovelo muito abaixo no braço, seria difícil para o antebraço alcançar a boca. Da mesma forma, se o cotovelo tivesse sido colocado muito alto, o antebraço ultrapassaria a boca. “Mas, pela situação atual, estamos habilitados para beber à vontade, com o copo indo exatamente para a boca. Vamos, então, com o copo na mão, adorar essa benevolente sabedoria; adoremos e bebamos!”³⁹

ASSUNTOS DE FAMÍLIA

Onde esse novo círculo de familiares substitutos deixava a verdadeira família Franklin? À distância. Sua filha Sally, que o adorava, escreveu sobre sua diligência em restaurar a casa na Filadélfia depois que os britânicos se retiraram, em maio de 1778. Mas, enquanto as cartas de suas amigas francesas começavam com “Cher Papa”, a maioria das de sua verdadeira filha começava mais rigidamente com “Caro e honrado senhor”. Suas respostas, endereçadas a “Querida Sally” e, ocasionalmente, “Minha querida criança”, expressavam com frequência deleite com as façanhas de seus netos. Mas, às vezes, até seus elogios eram carregados com exortações. “Se soubesse como suas cartas me deixam feliz, acho que me escreveria com mais frequência”, repreendeu-a em certo momento.

No início de 1779, Sally escreveu sobre o alto preço das mercadorias na América e como ela estava tecendo suas próprias toalhas. Infelizmente, no entanto, cometeu o erro de acrescentar que tinha sido convidada para um baile em homenagem ao general Washington e encomendara da França alfinetes, rendas e plumas para que pudesse estar na moda. “Nunca houve tanta preparação e prazer acontecendo”, ela exultou para seu pai e acrescentou que esperava que ele lhe enviasse alguns acessórios para que ela pudesse ter orgulho em exibir o gosto dele.

Na época, Franklin estava escrevendo suas doces bagatelas para suas amigas francesas e prometera a Polly Stevenson um par de brincos de diamante, se um dos seus bilhetes de loteria fosse premiado. Mas reagiu com consternação ao pedido de Sally de alguns luxos. “O fato de você encomendar longos alfinetes pretos, e rendas, e plumas! repugnou-me me tanto como se tivesse posto sal em meus morangos”, repreendeu. “Vejo que a roca foi posta de lado e você se vestirá para o baile! Você parece não saber, minha cara filha, que, de todas as coisas queridas neste mundo, a ociosidade é a mais querida.” Ele enviou-lhe algumas das coisas que ela pedira “que são úteis e necessárias”, mas com uma

dose de conselhos caseiros, com um leve toque do seu humor, sobre os refinamentos frívolos. “Se você usar seus franzidos de cambraia como eu, e tomar cuidado para não remendar os buracos, com o tempo eles se transformam em renda; e plumas, minha querida, podem ser obtidas na América dos rabos de galos.”⁴⁰

Claramente magoada, ela respondeu com uma descrição detalhada de como estava sendo diligente e frugal e tentou voltar a cair em suas graças enviando um pouco de seda americana tecida em casa para que ele presenteasse a rainha Maria Antonieta. Conhecendo o desejo de seu pai de promover a indústria da seda local, ela observava: “Isso vai mostrar o que pode ser enviado da América”.

Era um gesto gentil, com todos os elementos — laboriosidade, abnegação, promoção de produtos americanos, gratidão para com a França — que deveriam encantar Franklin. Infelizmente, a seda foi manchada pela água salgada no trajeto e, pior ainda, seu pai zombou de todo o plano. “Eu me pergunto como, tendo você escassos sapatos para os seus pés, entrou em sua cabeça dar roupas para uma rainha”, ele respondeu. “Verei se as manchas podem ser cobertas por tingimento do tecido e servir para fazer ternos de verão para mim, Temple e Benny.” No entanto, ele terminava num tom amável e gentil: “Todas as coisas que você encomendou serão enviadas, para que continue a ser uma boa menina, e teça e tricote as meias de sua família.”⁴¹

O coração de Franklin mostrava-se muito mais brando quando se tratava de notícia sobre seus netos. No final de 1779, Sally teve um quarto filho e, na esperança de agradar a Franklin, batizou o menino de Louis, nome do rei francês. O nome era tão incomum na América que as pessoas tinham de perguntar se a criança era menino ou menina. Quando seu filho Willy recitou o pai-nosso depois de um pesadelo e o dirigiu a Hércules, ela pediu um conselho ao pai: “É melhor instruí-lo em um pouco de religião ou deixá-lo rezar um pouco mais para Hércules?”. Franklin respondeu, com uma pitada de humor, que ela deveria ensiná-lo “a dirigir sua adoração de forma mais adequada, pois a divindade de Hércules está agora bastante fora de moda”. Sally obedeceu. Um pouco mais tarde, ela escreveu que Willy estava aprendendo bem a Bíblia e que tinha “uma memória extraordinária” para toda a literatura. “Ele aprendeu o discurso de Antônio sobre o corpo de César, que mal pode dizer sem chorar.” Ela acrescentava que sua filha Elizabeth gostava de olhar para a imagem de seu avô “e frequentemente tentou seduzi-lo a sair do quadro para brincar com ela com um pedaço de torta de maçã, a coisa de que ela mais gosta.”⁴²

Sally também achou um projeto que lhe permitiu ganhar a aprovação sincera de Franklin. Em dezembro de 1779, quando o exército de Washington sofria com uniformes esfarrapados, ela reuniu as mulheres da Filadélfia para levantar doações, comprar tecido e costurar mais de 2 mil camisas para as tropas

sitiadas. “Estou muito ocupada em cortar e confeccionar camisas [...] para nossos bravos soldados”, ela relatou. Quando Washington tentou pagar em dinheiro por mais camisas, as senhoras recusaram o pagamento e continuaram a trabalhar de graça. “Espero que o senhor aprove o que fizemos”, escreveu Sally, claramente na expectativa de uma expressão de louvor. Franklin, é claro, aprovou. Ele respondeu elogiando-a por seu “amor pela pátria” e fez com que uma notícia de suas atividades fosse publicada na França.⁴³

Seu filho Benny também sentia os caprichos do afeto de Franklin, embora o menino tivesse sido arrancado do seio da família Bache para acompanhá-lo à Europa. Depois de dois anos em um internato perto de Passy, onde via o avô uma vez por semana, aos nove anos de idade foi mandado para uma academia em Genebra, onde não o veria por mais de quatro anos. Apesar de seu amor pelos franceses, Franklin achava que uma monarquia católica não era o melhor lugar para educar seu neto, ele escreveu a Sally, “pois pretendo que ele seja presbiteriano, bem como republicano”.⁴⁴

Benny foi levado para Genebra por um diplomata francês, Philibert Cramer, que era editor de Voltaire. Faminto como sempre de afeto e de uma figura paterna, Benny aferrou-se a Cramer, que morreu repentinamente, alguns meses mais tarde. Assim, ele morou por um tempo com a viúva de Cramer, Catherine, e depois foi deixado a cargo de Gabriel Louis de Marignac, um ex-poeta e oficial militar que dirigia a Academia.

Terrivelmente solitário, Benny pediu que seu irmão William, ou seu ex-colega de classe em Passy John Quincy Adams, fosse enviado para acompanhá-lo. No mínimo, ele poderia, por favor, ter um retrato de Franklin e algumas notícias? Franklin, sempre disposto a enviar seu retrato, atendeu ao pedido e o mandou junto com a notícia do sucesso de Sally no fornecimento de camisas para as tropas de Washington. “Seja diligente em seus estudos para que possa estar qualificado a prestar serviço ao seu país e ser digno de tão boa mãe”, escreveu. Ele também mandou a notícia de que quatro dos ex-colegas de escola de Benny em Passy haviam morrido de varíola, e que ele deveria ser grato por ter sido vacinado quando criança. No entanto, até mesmo suas expressões de afeto traziam um tom de contingência. “Sempre o amarei muito, se continuar a ser um bom menino”, foram as palavras com que terminou uma carta.⁴⁵

Benny saiu-se bem em seu primeiro ano e até ganhou o prêmio da escola de tradução do latim para o francês. Franklin mandou-lhe algum dinheiro para que ele pudesse bancar a comemoração que o ganhador do prêmio oferecia tradicionalmente aos seus colegas. Ele também pediu a Polly Stevenson, ainda em Londres, que escolhesse alguns livros em inglês para Benny, pois ele dava sinais de que estava esquecendo esse idioma. Polly, sabendo como lisonjear seu amigo, escolheu um livro que continha menções a Franklin.⁴⁶

Entretanto, Benny caiu no desânimo de um adolescente deprimido, talvez

porque Franklin nunca o visitasse, nem Temple, e tampouco fosse chamado de volta a Passy para passar as férias. Tornou-se tímido e indolente, relatou Madame Cramer, que continuava a mantê-lo sob vigilância. “Ele tem um excelente coração; é sensato, razoável e sério, mas não tem alegria nem vivacidade; ele é frio, tem poucas necessidades, nenhuma fantasia.” Não jogava cartas, nunca entrava em brigas e não mostrava sinais de que exibiria alguma vez “grandes talentos” ou “paixões”. (Nessa previsão, ela estava errada, pois Benny se tornaria um editor de jornal apaixonado por causas.) Quando ela lembrou Benny de que ele havia ganhado o prêmio de latim e era obviamente capaz de ser um bom aluno, “ele respondeu friamente que tinha sido pura sorte”, ela escreveu a Franklin. E, quando se ofereceu para pedir uma mesada maior a seu avô, ele não mostrou nenhum interesse.

Os pais de Benny ficaram preocupados, e Richard Bache timidamente sugeriu que talvez Franklin pudesse encontrar tempo para ir vê-lo. “Dar-nos-ia prazer saber que o senhor encontrou lazer suficiente para visitá-lo em Genebra”, escreveu Bache, observando que “a viagem poderia conduzi-lo à sua saúde”. Mas foi uma sugestão hesitante, feita quase como uma desculpa. “Suspeito que seu tempo tem sido empregado em coisas mais importantes”, acrescentou rapidamente. De sua parte, Madame Cramer sugeria que ele ao menos poderia escrever ao neto com mais frequência.⁴⁷

Franklin não achou tempo para ir a Genebra, mas escreveu para o neto um de seus pequenos ensaios didáticos que proclamavam as virtudes da educação e da diligência. Aqueles que estudam muito, escreveu, “vivem confortavelmente em boas casas”, ao passo que aqueles que são ociosos e negligenciam seus deveres escolares “são pobres, sujos, maltrapilhos, ignorantes e perversos e vivem em cabanas miseráveis e sótãos”. Franklin gostou tanto da lição que fez uma cópia e a enviou para Sally, que disse num arroubo que “Willy irá decorá-lo”. Benny, por outro lado, nem mesmo acusou o recebimento do texto. Então Franklin lhe enviou outra cópia e ordenou que o traduzisse para o francês e o mandasse de volta para assegurar-se de que ele o havia compreendido.⁴⁸

Por fim, Benny encontrou um amigo que o tirou de seu torpor: Samuel Johonnot, neto do reverendo Samuel Cooper, amigo de Franklin de Boston. Rapaz “turbulento e faccioso”, foi expulso da escola em Passy e Franklin fez arranjos para enviá-lo à Academia de Genebra. Aluno inteligente, assumiu o primeiro lugar na classe, o que estimulou Benny a conquistar um respeitável terceiro lugar.

Do ponto de vista social, a influência de Johonnot sobre Benny foi ainda mais acentuada. Ele começou a desenvolver mais o traço rebelde de sua família. Em certo momento, um gato matou uma das cobaias de estimação dos dois, e eles resolveram matar um gato, qualquer gato, por vingança, o que fizeram. Benny foi ao seu primeiro baile, o que o deixou tão nervoso que ficou aliviado quando um incêndio do outro lado da rua o interrompeu abruptamente, mas

depois foi a outro baile, e a outro ainda, onde se divertiu imensamente. Escreveu ao avô contando que estava se divertindo, falou de sua caça a borboletas e expedições de colheita de uvas, e teve mesmo a ousadia de sugerir que ele, afinal, gostaria de ter uma mesada maior. Isso, e um relógio, “um bom, de ouro”. Seria prático, garantia ao avô, e prometia cuidar bem dele.

Franklin respondeu do mesmo jeito que fizera em relação ao pedido de Sally por rendas e plumas: “Não posso me dar ao luxo de dar relógios de ouro para crianças. Você não deve me aborrecer com coisas caras que podem ser de pouca ou nenhuma utilidade para você”. Ele também ficou horrorizado quando o jovem Johonnot pediu que ele e Benny tivessem permissão para voltar a Paris. Isso provocou outra severa advertência enviada a Johonnot, mas dirigida a ambos os garotos: “É hora de você pensar em estabelecer uma reputação de firmeza viril”.⁴⁹

Era uma ordem que deveria ter sido dirigida ao seu outro neto, Temple, que fora para a França a fim de continuar sua educação, mas não se matriculara em uma faculdade, nem fizera curso algum. O trabalho de Temple para a delegação americana era competente o suficiente, no entanto ele passava a maior parte de seu tempo caçando, cavalgando, indo a festas e perseguindo mulheres. Com a esperança de ajudá-lo a se estabelecer com um dote e um emprego, Franklin propôs um casamento entre seu neto malandro e a filha mais velha dos Brillon, Cunégonde.

Isso não era novidade. Casamenteiro incorrigível, mas nunca bem-sucedido, Franklin tentava sem cessar, geralmente com uma seriedade irônica, casar seus filhos e netos com os descendentes de seus amigos. Dessa vez, porém, era sério, na verdade, sinceramente dorido. Na carta em que fazia a proposta formal, escrita em um francês que não foi corrigido por seus amigos, ele declarava que Madame Brillon era uma filha para ele e expressava esperança de que a filha dela também se tornasse uma filha para ele. Dizia que Temple, a quem os Brillon chamavam de Frankinet, havia concordado com a proposta, especialmente depois que Franklin prometeu “permanecer na França até o fim dos meus dias” se o casamento se realizasse. Após repetir o seu desejo de ter filhos por perto “para fechar meus olhos quando eu morrer”, ele passava a exaltar as virtudes de Temple, “que não tem vícios” e “tem o que é preciso para se tornar, com o tempo, um homem distinto”.

Conhecendo bem Temple, os Brillon talvez não concordassem com essa avaliação. E certamente não concordaram com a proposta de casamento. A principal justificativa que deram foi que Temple não era católico. Isso deu a Franklin uma chance para escrever, como fizera muitas vezes antes, sobre a necessidade de tolerância religiosa e como todas as religiões tinham, em sua essência, os mesmos princípios básicos. (Entre os cinco que listava em sua carta estava seu credo religioso frequentemente declarado: “O melhor serviço a Deus

é fazer o bem aos homens”).)

Madame Brillon concordou, em sua resposta, que “existe apenas uma religião e uma moralidade”. No entanto, ela e seu marido recusavam-se a aceitar o casamento. “Somos obrigados a submeter-nos aos costumes de nosso país”, disse ela. Monsieur Brillon estava pensando em se aposentar de seu posto de arrecadador-geral de impostos e queria um genro que pudesse suceder-lhe. “Esse cargo é o mais importante de nossos ativos”, escreveu ela, ignorando que com frequência se queixava a Frankin de estar presa em um casamento arranjado por razões financeiras. “O cargo pede um homem que conheça as leis e costumes do nosso país, um homem de nossa religião.”

Frankin percebeu que as objeções de Monsieur Brillon poderiam ser causadas por algo mais do que a mera religião de Temple. “Talvez existam outras objeções que ele não me comunicou”, escreveu a Madame Brillon, “e eu não irei perturbá-lo”. Por sua vez, Temple iniciou uma série de casos com mulheres da alta e da baixa sociedade, entre elas uma condessa francesa e uma italiana, até que, de repente, se apaixonou, ainda que brevemente, pela filha mais moça dos Brillon, que tinha apenas quinze anos. Dessa vez, Monsieur Brillon parecia disposto a aprovar a aliança, e até ofereceu um emprego e um dote, mas o inconstante Temple já estava interessado em outras mulheres, inclusive uma amante casada que acabaria por fazer dele a terceira geração da família Frankin a ter um filho ilegítimo.⁵⁰

* “Moderação, caro Doutor”, disse a Gota,/ “Não é uma virtude pela qual te destacas./ Gostas de comida, gostas da conversa suave das damas,/ Jogas xadrez quando deverias caminhar.” (N. T.)

** O trocadilho é entre *fart*, “peido”, e *farthing*, antiga moeda de cobre que valia um quarto de pêni. (N. T.)

15. Pacificador
Paris, 1778-85

MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO

No verão de 1778, já estava claro para os três comissários americanos que deveria haver apenas uma pessoa responsável pelos contatos na França. Franklin comunicou ao Congresso que não somente era difícil para os três chegarem a um acordo sobre políticas a seguir como se tornara difícil até trabalharem juntos na mesma casa. Mesmo os criados estavam brigando. Além disso, os franceses haviam designado um ministro plenipotenciário para os Estados Unidos e o protocolo exigia que a nova nação retribuísse com a nomeação de alguém de categoria similar. Arthur Lee designou-se a si mesmo e conspirou com seus irmãos para ganhar o cargo. John Adams, mais gentil, sugeriu a amigos que Franklin, apesar de seus hábitos de trabalho e da brandura em relação à França, seria o melhor. Franklin não batalhou abertamente pelo posto, mas, em julho de 1778, pediu enfaticamente ao Congresso para “separar-nos”.

Os franceses fizeram o lobby de Franklin por ele. Deixaram vaziar que ele era o preferido deles e em setembro o Congresso concordou, escolhendo-o para ministro plenipotenciário único. O resultado da votação foi doze a um; o estado dissidente foi a Pensilvânia, onde seus inimigos questionaram sua lealdade e a de seu neto Temple, filho de um governador preso por fidelidade aos ingleses.¹

A notícia de sua nomeação só chegou a Paris em fevereiro de 1779, pois a guerra e o inverno impediram a passagem de navios americanos. Então, Arthur Lee amou-se e recusou-se a entregar seus documentos a Franklin. Quanto a Adams, seu biógrafo David McCullough diz: “O novo arranjo era exatamente o que Adams recomendara e a notícia o deixaria mais infeliz do que nunca”. Ele deixou Paris em seguida, pelo menos por aquele momento, para voltar a Massachusetts.

Franklin estava sofrendo de gota e não pôde apresentar imediatamente suas novas credenciais, contudo no final de março fez uma visita ao rei e seus ministros. Preocupado com os sentimentos feridos de Adams, Franklin esforçou-se para manter a cordialidade da relação. Escreveu uma carta polida e engraçada a Adams em que descrevia suas rondas em Versalhes e reclamava que “o cansaço, porém, foi um pouco demais para os meus pés e me inutilizou por quase outra semana”. Em suas cartas, Adams também manteve uma fachada amistosa e até manifestou certo apoio à lealdade profunda de Franklin aos franceses, apesar de suas dúvidas sobre a sabedoria de alinhar-se em demasia com eles. “Estou muito satisfeito com sua recepção na corte no novo papel”, respondeu ele, “e não tenho dúvida de que sua opinião sobre a boa vontade dessa corte em relação aos Estados Unidos é justa.”

A frágil equanimidade de Adams foi abalada, no entanto, quando Franklin e os franceses decidiram requisitar o navio que deveria levá-lo para casa e anexá-lo à frota que John Paul Jones planejava usar contra os britânicos (sobre isso se falará adiante). Consciente de que Adams esperava impaciente no porto de Nantes para zarpar, Franklin pediu desculpas e até conseguiu que o poderoso ministro naval francês Antoine de Sartine escrevesse uma carta explicando a decisão. Outro navio seria designado para levá-lo de volta, assim que possível, Franklin prometia, e isso daria a Adams o benefício de viajar com o novo ministro francês para os Estados Unidos.

Adams fingiu ser compreensivo: “O serviço público não deve ser obstruído pela conveniência privada de um indivíduo, e a honra de uma travessia com o novo embaixador deve ser uma compensação para mim da perda da perspectiva de um retorno tão rápido para casa”. Mostrando apenas um toque da educada hipocrisia por cuja ausência era famoso, Adams chegou a ponto de pedir a Franklin para “fazer-me o grande favor de apresentar meus cumprimentos [a] Madame Brillon e Madame Helvétius, senhoras pelas quais tenho grande respeito”.

Mas, enquanto ruminava no porto, Adams ficou cada vez mais amargo. Depois de jantar com Jones, declarou que o capitão era um homem de “excentricidades e irregularidades” e ficou furioso com a ideia de que Jones e Franklin estavam conspirando para adiar sua viagem de volta. “Está decretado que deverei suportar todos os tipos de humilhação”, escreveu ele em seu diário.

“Vejo que essas pessoas me desprezam, ou vejo que me temem?” Inevitavelmente, se pôs a atribuir motivos obscuros a Franklin. Fervilhando de prepotência, Adams começou a suspeitar que Franklin estava impedindo seu retorno porque temia as “verdades perigosas” que ele poderia revelar. “Será que o Velho Conjurado teme minha voz no Congresso?”, Adams escreveu em seu diário. “Ele tinha alguma razão, pois a ouviu muitas vezes lá, um terror para os malfeitores.”

Franklin estava despreocupadamente inconsciente das suspeitas sombrias de Adams e continuou a tentar ser cordial em suas cartas. “Terei o cuidado de apresentar seus respeitos às boas senhoras que você menciona”, prometeu. E até concordou, depois de três pedidos estridentes de Adams, que o novo navio fosse diretamente para Boston, em vez de satisfazer o ministro francês e ir primeiro para a Filadélfia. Mas foi em vão. Novos espectros da desconfiança haviam infectado o espírito de Adams e estavam destinados a assombrar sua relação com Franklin quando ele retornou no ano seguinte.²

Enquanto Adams fervia, na América Arthur Lee e seus irmãos declaravam guerra aberta a Franklin. Lee fez circular uma carta o acusando de “tramar pequenos complôs” e “semear discórdia perniciososa” e também tratou de assegurar-se de que o Congresso visse a enxurrada de cartas acusatórias a Franklin, questionando a sua honra, escritas por ele e Ralph Izard no início daquele ano.

Avisado por seu genro, Richard Bache, de todas essas intrigas, Franklin tratou de desconsiderar os ressentimentos dos Lee: “Minha reputação demasiado grande aflige esses infelizes senhores, insatisfeitos em seus temperamentos e nas paixões escuras e desconfortáveis de ciúme, raiva, desconfiança, inveja e maldade”.

Sentiu-se, entretanto, muito mais ferido pelos relatos de Bache de que Lee e seus aliados estavam atacando Temple, pois amava seu neto com uma cegueira que lhe era incomum. “Izard, Lees & companhia”, escreveu Bache, “põem alguma ênfase no fato de o senhor empregar como secretário particular seu neto, que eles consideram inadequado para ser confiável por causa dos princípios de seu pai.” E acrescentou agourentamente: “Eles tiveram algumas ideias de apresentar uma moção para que ele seja removido”. Em um bilhete separado, Sally Bache confidenciava que seu marido tivera medo de informar Franklin a respeito dessa campanha contra Temple porque sabia que isso iria perturbá-lo.

E certamente o fez. “Parece-me que é de algum mérito o fato de eu ter resgatado um jovem valioso do perigo de ser um tory”, escreveu a Richard. Depois, soltou um grito de raiva ao pensar que Temple poderia ser levado de volta:

É suficiente eu ter perdido meu *filho*; eles querem acrescentar meu *neto*! Velho de setenta anos, empreendi uma viagem de inverno por ordem do Congresso e para o serviço público, sem ninguém mais para cuidar de mim. Continuo aqui, em um país estrangeiro, onde, se estou doente, sua atenção filial me conforta e, se eu morrer, tenho um filho para fechar meus olhos e cuidar dos meus restos mortais.

Em carta a Sally da mesma época, repetiu esses sentimentos e acrescentou que a tentativa de privá-lo de Temple seria cruel, mas inútil. “Não me separaria da criança, e sim do emprego”, ameaçou. “Porém, estou confiante de que, o que quer que seja proposto por pessoas fracas ou mal-intencionadas, o Congresso é sábio demais e bom demais para pensar em me tratar dessa maneira.” Com efeito, o Congresso foi solidário. Não houve nenhum esforço sério para demitir Temple, e ele continuou a ser o secretário da delegação americana.³

Temple tinha cerca de dezenove anos na ocasião e era ainda um rapaz malandro que trabalhava duro; apesar de tudo, ele ganhara o respeito profundo de algumas pessoas, além do de seu avô. No verão de 1779, enquanto a controvérsia girava em torno dele, decidiu provar o seu valor participando de uma missão audaciosa com Lafayette para lançar um ataque surpresa à Grã-Bretanha.

O general francês, menos de três anos mais velho do que Temple, retornara recentemente do serviço sob o comando de George Washington. Àquela altura, a Revolução havia chegado a um impasse instável, com tropas britânicas comandadas por Sir Henry Clinton ainda abrigadas em Nova York, mas fazendo pouco mais do que ataques surpresa com recuo imediato. Então Lafayette, ao chegar de volta a Paris, urdiu seu audacioso plano de atacar a ilha britânica, que compartilhou com Franklin e os militares franceses. “Admiro muito a atividade de seu gênio”, Franklin escreveu. “É certo que as costas da Inglaterra e da Escócia são extremamente abertas e indefesas.” Ele admitia não conhecer o suficiente sobre estratégia militar para “presumir aconselhá-lo”. Mas poderia dar incentivo. “Muitos exemplos da história mostram que, na guerra, tentativas julgadas impossíveis se tornam muitas vezes, por isso mesmo, possíveis e praticáveis porque ninguém espera por elas.”

Lafayette estava ansioso para ter Temple ao seu lado. “Nós estaremos sempre juntos durante a campanha, o que lhe garanto que me dá grande prazer”, escreveu ao jovem. Por sua parte, Temple, o dândi de sempre, preocupava-se com seu posto, seu título, sua comissão e seu uniforme. Ele queria ser comissionado como oficial e não meramente como voluntário, e insistia no

direito de usar as dragonas de um oficial, apesar de Lafayette ser contrário a isso. Quando todas essas questões estavam sendo resolvidas, a invasão da ilha foi cancelada pelos militares franceses.

Franklin declarou-se desapontado. “Encantava-me”, escreveu a Lafayette, “que ele talvez pudesse pegar de você alguma tintura dessas maneiras envolventes que o fazem o deleite de todos que o conhecem.” Mais uma vez, foi frustrada a chance de Temple de fazer um nome para si mesmo.⁴

JOHN PAUL JONES

Um componente da proposta de invasão da Grã-Bretanha continuou presente e inseriu um personagem exuberante na vida de Franklin. Quando Lafayette começou a planejar sua missão, Franklin lhe disse que “muito dependerá de um comandante naval prudente e corajoso que conheça as costas”. Em vez disso, eles se fixaram em um comandante que era, como Franklin bem sabia, mais corajoso do que prudente: John Paul Jones.

Nascido John Paul, filho de um paisagista escocês, fora enviado para o mar aos treze anos, havia sido primeiro piloto de um navio negreiro e em breve comandava seu próprio navio mercante. Mas o capitão impetuoso, que ao longo de sua carreira se mostrou propenso a provocar motins, se meteu em problemas ao açoitar um membro da tripulação que acabou morrendo e, mais tarde, depois de ser absolvido, atravessou com sua espada outro membro da tripulação que o ameaçava com uma insurreição. Então, fugiu para a Virgínia, mudou seu sobrenome para Jones, e no início da Revolução ganhou uma comissão na heterogênea Marinha americana composta de ex-corsários e aventureiros. Em 1778, já tinha a reputação de efetuar ataques ousados ao longo das costas inglesas e escocesas.

Em um desses ataques, Jones decidiu sequestrar um conde escocês, porém o homem estava fora, nas termas de Bath, então a tripulação forçou sua mulher a entregar a prata da família. Em um acesso de culpa nobre, Jones decidiu comprar o butim de sua tripulação para devolvê-lo à família e escreveu uma carta floreada ao conde declarando sua intenção, cópias da qual fez circular entre vários amigos, inclusive Franklin, que havia assumido a difícil tarefa de ser seu supervisor americano, bem como seu anfitrião ocasional em Passy. Franklin tentou ajudar Jones a resolver o problema, entretanto houve uma troca de cartas tão complicada com o indignado conde e sua perplexa esposa que a prata só foi devolvida após o fim da guerra.

Franklin decidira que o impetuoso capitão faria mais bem, ou menos mal, se concentrasse seus ataques nas ilhas do canal da Mancha. “Os corsários de

Jersey nos causam grandes danos”, escreveu a Jones em maio de 1778. “Foi-me mencionado que sua pequena embarcação, comandada por um oficial tão corajoso, pode prestar um grande serviço, seguindo-os até onde navios maiores não ousam se arriscar.” E acrescentava que a sugestão vinha “de uma alta autoridade”, numa referência implícita ao grande ministro da Marinha francesa Antoine de Sartine.⁵

Jones, que não era fácil de manipular, respondeu que o seu navio, *Ranger*, era muito “instável e lento”, e que seria necessária uma promessa de grande recompensa para convencer seus homens a empreender mais missões. Mas ele sabia como lisonjear Franklin: enviou-lhe uma cópia de seus diários de batalha, que Franklin leu avidamente. Assim, sem permissão de seus colegas comissários ou da França, Franklin decidiu que Jones deveria ganhar o comando de um navio que tinha acabado de ser construído para os americanos, em Amsterdam. Infelizmente, os nervosos holandeses, que estavam tentando manter a neutralidade, frustraram o plano, sobretudo depois que os britânicos, que tomaram conhecimento dele por meio de seu espião Bancroft, aplicaram pressão.

Em fevereiro de 1779, Franklin conseguiu finalmente garantir para Jones um velho barco de guerra de quarenta canhões chamado *Duras*, prontamente rebatizado por Jones de *Bonhomme Richard*, em homenagem ao seu patrono. Jones estava tão emocionado que fez uma visita a Passy naquele mês para agradecer a Franklin e seu senhorio Chaumont, que o ajudara com uniformes e fundos. Talvez houvesse outro motivo para a visita: é possível que Jones tivesse um caso ilícito com Madame Chaumont.⁶

Durante essa estada, ocorreu um incidente que, da forma como se desenvolveu em cartas subsequentes, se assemelha a uma farsa francesa. Uma velha encarquilhada, esposa do jardineiro dos Chaumont, alegou que Jones tentara estuprá-la. Franklin fez uma alusão passageira ao alegado incidente em pós-escrito a uma carta posterior e Jones supôs por engano que “o mistério que você tão delicadamente menciona” se referia à polêmica que cercou o assassinato cometido por ele de um membro rebelde da tripulação anos antes. Ele então fez um longo e angustiante relato daquele antigo caso doloroso.

Confuso e achando um pouco de graça na explicação detalhada de Jones sobre a empalpação do amotinado, Franklin respondeu que nunca tinha ouvido essa história e informou que o “mistério” a que aludira se referia à acusação feita pela esposa do jardineiro de que Jones havia “tentado violentá-la” nos arbustos da propriedade “por volta das sete horas da noite anterior à sua partida”. A mulher relatava o horror com grandes detalhes, “alguns dos quais não me são adequados escrever”, e três dos filhos dela haviam declarado que “estavam decididos a matá-lo”. Mas Jones não deveria se preocupar: todo mundo em Passy achava a história motivo de grande diversão. “Causou alguns risos”, escreveu Franklin, o

fato de “a velha ser uma das mais obesas, grosseiras, sujas e feias que se podem encontrar em mil.” Madame Chaumont, cuja familiaridade com os apetites sexuais de Jones não a impediu de uma grande demonstração de indiferença francesa, declarou que “a história dava uma ideia elevada da potência de apetite e coragem dos americanos”.

Todos acabaram concluindo, Franklin tranquilizava Jones, que devia ter sido um caso de erro de identidade. Como parte das festividades do Carnaval, uma camareira vestira aparentemente um dos uniformes dele e, assim supunham, atacara a esposa do jardineiro como uma brincadeira. Parece bastante implausível que a esposa do jardineiro, mesmo na penumbra do início da noite, pudesse ser tão facilmente enganada — nem mesmo seu amigo Beaumarchais teria tentado uma cena de estupro travestido em *As bodas de Figaro* —, mas a explicação foi satisfatória o suficiente para que o evento não fosse mais mencionado em cartas posteriores.⁷

Tudo isso ocorreu enquanto Franklin ajudava a planejar o ataque furtivo à Grã-Bretanha por Jones e Lafayette, que haviam chegado a Passy e passavam horas avaliando cautelosamente um ao outro sob o olhar preocupado de Franklin. Ambos os oficiais eram orgulhosos, e eles logo estavam brigando sobre assuntos grandes e pequenos, variando de quem seria o responsável por vários aspectos da invasão a se seus homens comeriam nas mesmas mesas. Franklin recorreu à sua maneira mais indireta na tentativa de acalmar Jones. “Tem-se observado que expedições conjuntas de forças de terra e mar muitas vezes abortam devido a ciúmes e mal-entendidos entre os oficiais dos diferentes corpos”, ressaltou. Depois, dizendo quase o oposto do que realmente achava, acrescentou: “Conhecendo ambos como conheço e sua maneira justa de pensar nessas ocasiões, tenho confiança de que nada desse tipo pode acontecer”. Franklin deixou claro, no entanto, que estava preocupado, muito compreensivelmente, com o temperamento de Jones. “Uma conduta fria e prudente” era necessária, advertiu. Jones deveria lembrar que Lafayette era o oficial superior e seria “uma espécie de teste de suas capacidades e de sua aptidão em temperamento e disposição para agir em conjunto com outros”.

Em sua lista formal de instruções para Jones, Franklin foi ainda mais explícito ao ordenar-lhe que mostrasse contenção, especialmente à luz da pilhagem anterior feita por sua tripulação da prata do conde escocês. “Embora os ingleses tenham incendiado desenfreadamente muitas cidades indefesas na América, você não deve seguir este exemplo, exceto quando um resgate razoável é recusado, caso em que seus próprios sentimentos generosos, assim como esta instrução, o induzirão a avisar a tempo de sua intenção, para que pessoas doentes e idosas, mulheres e crianças possam ser retiradas antes.” Jones respondeu: “Suas nobres e liberais instruções fariam valente um covarde”.⁸

Quando a parte de Lafayette da missão foi abandonada, Franklin e os

franceses decidiram que Jones deveria continuar com um ataque puramente naval, o que ele fez em setembro de 1779. O resultado foi a lendária batalha marinha entre o *Bonhomme Richard* e o muito mais bem equipado *Serapis*. Quando o capitão britânico, depois de um bombardeio feroz, pediu sua rendição, Jones respondeu, pelo menos de acordo com a lenda: “Eu ainda não comecei a lutar”. Como ele disse em seu vívido e detalhado relato da batalha para Franklin, “eu lhe respondi com a negativa mais determinada”.

Jones conseguiu atacar o *Bonhomme Richard* em um abraço mortal com o *Serapis*, e seus homens subiram pelos mastros para jogar granadas no porão de munições do navio inimigo. Depois de uma batalha de três horas, em que metade dos trezentos membros de sua tripulação foi morta ou ferida, Jones conseguiu o controle do *Serapis* pouco antes de o *Bonhomme Richard* afundar. “A cena foi terrível para além do alcance da linguagem”, ele escreveu a Franklin. “A humanidade não pode senão recuar horrorizada e lamentar que a guerra seja capaz de produzir tais consequências fatais.”

Franklin orgulhou-se muito do sucesso de Jones e eles se tornaram amigos ainda mais próximos. “Dificilmente se falou de outra coisa em Paris e Versalhes que não fossem sua conduta fria e bravura perseverante durante aquele conflito terrível”, respondeu. Ele ajudou Jones, que ansiava desesperadamente por ganhar o respeito social, a se iniciar na Loja Maçônica Nove Irmãs e o acompanhou em uma visita triunfal ao rei, em Versalhes. Franklin chegou mesmo a se enredar nas disputas longas e encarniçadas de Jones com o insubordinado Pierre Landais, capitão do *Alliance*, que deveria fazer parte da frota de Jones. Landais não o ajudara durante a batalha com o *Serapis* e, na verdade, havia disparado contra o *Bonhomme Richard*. Nos dois anos seguintes, Franklin e Jones travaram uma batalha com Landais, que era apoiado por Arthur Lee, sobre quem deveria ser o capitão do *Alliance*. Quando finalmente Landais requisitou o navio e fez-se ao mar, Franklin decidiu que era melhor deixar que outros resolvessem o assunto. Ele tinha outras coisas de que cuidar na França.⁹

AMIGO DA CORTE

A ausência de John Adams em Paris, tão agradável tanto para Franklin quanto para a corte francesa, era boa demais para durar. Ele havia partido num estado de ânimo ainda mais amargo do que o habitual, depois que Franklin se tornou o único ministro para a França, mas estava na América havia apenas alguns meses quando o Congresso decidiu mandá-lo de volta a Paris. Sua nova missão oficial era negociar um acordo de paz com os britânicos, se e quando o

momento ficasse maduro. Como o momento não estava, de fato, maduro para essas negociações, Adams contentou-se em se intrometer nas tarefas de Franklin.

Isso aborreceu completamente o ministro dos Negócios Estrangeiros Vergennes. Quando Adams propôs, em sua chegada, em fevereiro de 1780, tornar pública sua autoridade para negociar com os britânicos, Vergennes invocou a promessa americana de não agir de forma independente da França. Ele não deveria dizer e fazer nada. “Acima de tudo”, Vergennes o instruiu severamente, “tome as precauções necessárias para que o objeto de sua comissão permaneça desconhecido para a corte de Londres.”¹⁰

Franklin também estava aborrecido. O retorno de Adams ameaçava perturbar seu cultivo cuidadoso da corte francesa e lembrava-lhe os ataques à sua reputação feitos por Adams e facções da família Lee no Congresso. Em estado de ânimo reflexivo, ele escreveu uma carta a Washington que o tranquilizava no que dizia respeito à reputação do general, mas que refletia claramente suas preocupações em relação a ele mesmo. “Devo sair de cena em breve”, escreveu Franklin, com introspecção incomum, referindo-se não ao seu posto na França, e sim à sua vida neste mundo. A grande reputação de Washington na França, dizia, estava “livre dessas pequenas sombras que o ciúme e a inveja dos contemporâneos e conterrâneos de um homem estão sempre se esforçando por lançar sobre o mérito de um vivente”. Era óbvio que ele estava tentando assegurar não somente a Washington, mas também a si mesmo, que a história ignoraria “a voz débil dessas paixões vis”.¹¹

Mais especificamente, Franklin procurava explicar para si mesmo e seus amigos (e também para a história) por que Adams, em vez dele, havia sido escolhido para negociar uma possível paz com a Grã-Bretanha. Justamente quando Adams estava chegando, Franklin escreveu uma carta ao seu velho amigo David Hartley, um membro do Parlamento com o qual havia discutido trocas de prisioneiros e sondagens de paz. Hartley propusera uma trégua de dez anos entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Franklin respondeu que sua “opinião pessoal” era de que uma trégua poderia fazer sentido, mas observava que “nem você nem eu estamos no momento autorizados” a negociar tais questões. Essa autoridade estava agora com Adams e Franklin deu sua interpretação a respeito da escolha do Congresso:

Se o Congresso resolveu, portanto, confiar a outros as negociações de paz, quando elas se iniciarem, como foi relatado, é talvez porque podem ter ouvido falar de uma opinião minha muito singular, de que dificilmente existe uma paz ruim ou uma guerra boa, e que eu poderia, portanto, ser facilmente induzido a fazer concessões indevidas.¹²

Na verdade, Franklin havia dito muitas vezes que não existe paz ruim nem guerra boa, e repetiria essa frase a dezenas de outros amigos depois do fim da Revolução. Ela costuma ser usada como um slogan contra a guerra e citada para incluir Franklin entre os nobres pacifistas da história. Mas isso é enganoso. Ao longo de sua vida, Franklin apoiou guerras quando achava que eram justificadas; ajudou a criar milícias na Filadélfia e angariou suprimentos para as batalhas contra os franceses e os indígenas. Embora a princípio tivesse trabalhado para evitar a Revolução, apoiou-a fortemente quando decidiu que a independência era inevitável. Os sentimentos em sua carta destinavam-se tanto a Hartley como à história. Ele queria explicar por que não fora escolhido para ser o negociador da paz. Talvez o mais intrigante seja o fato de que também queria que seus amigos na Grã-Bretanha soubessem que ele poderia proporcionar um bom canal, melhor do que Adams, se as negociações acaso se iniciassem.¹³

Nesse meio-tempo, Franklin estava ardentemente comprometido com a aliança com a França, mais do que a maioria de seus colegas americanos. Isso levou a uma grande desavença pública com Adams, após seu retorno no início de 1780. No passado, a tensão entre os dois homens se baseava mais em suas diferenças de personalidade e estilo, mas dessa vez era causada por uma discordância política fundamental: se os Estados Unidos deveriam ou não mostrar gratidão, lealdade e fidelidade à França.

Nos primeiros dias da Revolução, os dois homens compartilhavam uma visão um pouco isolacionista ou excepcionalista, que desde então tem sido uma linhagem na história americana: os Estados Unidos jamais deveriam suplicar o apoio de outras nações e deveriam ser recatados e cautelosos em relação a alianças estrangeiras. Mesmo depois que começou seu caso de amor com a França em 1777, Franklin reafirmou esse princípio. “Eu nunca mudei a opinião que dei no Congresso de que um Estado virgem deve preservar o caráter virgem, e não sair por aí cortejando alianças”, garantiu a Arthur Lee. Ao negociar a aliança com a França, ele havia resistido com sucesso a fazer concessões que dariam o monopólio sobre o comércio americano ou favores.

Contudo, depois que os tratados foram assinados, no início de 1778, Franklin passou a acreditar fortemente em demonstrar gratidão e lealdade. Nas palavras do historiador da diplomacia Gerald Stourzh, ele “exaltava a magnanimidade e a generosidade da França em termos que, por vezes, chegavam perto do ridículo”. A fidelidade dos Estados Unidos à França, na opinião de Franklin, baseava-se em idealismo e realismo, e ele a descrevia mais em termos morais do que com base no cálculo frio das vantagens comerciais e da balança de poder europeia. “Esta é realmente uma nação generosa, amante da glória e, particularmente, da proteção aos oprimidos”, declarou sobre a França em carta ao Congresso.

Dizer-lhes que o *comércio* deles será favorecido pelo nosso sucesso, e que é do *interesse* deles nos ajudar, parece-se muito com dizer “Ajudem-nos e não seremos gratos a vocês”. Essa linguagem indiscreta e imprópria foi, às vezes, usada aqui por alguns dos nossos, e não produziu bons efeitos.¹⁴

Por sua vez, Adams era muito mais um realista frio. Achava que a França apoiara os Estados Unidos em face dos próprios interesses nacionais — enfraquecer a Grã-Bretanha, ganhar uma nova relação comercial lucrativa — e que nenhum dos lados devia ao outro nenhuma gratidão moral. A França, ele previu corretamente, ajudaria a América apenas até certo ponto; ela queria que a nova nação rompesse com a Grã-Bretanha, mas não que se tornasse tão forte que não precisasse mais do apoio francês. Na opinião de Adams, Franklin mostrava subserviência demasiada à corte, e em seu retorno, em 1780, defendeu enfaticamente esse ponto de vista. “Devemos ser cautelosos”, escreveu ao Congresso em abril, “ao ampliarmos nossas ideias e exagerarmos nossas expressões em relação à generosidade e à magnanimidade de qualquer uma dessas potências.”

Vergennes, obviamente, estava ansioso por lidar só com Franklin e, no fim de julho de 1780, já havia trocado suficiente correspondência tensa com Adams — sobre diversos assuntos, da revalorização da moeda americana à mobilização da Marinha francesa —, por isso se sentiu justificado ao mandar-lhe uma carta ferina que conseguia ser ao mesmo tempo formalmente diplomática e não diplomática. Em nome da corte de Luís XVI, ele declarava: “O rei não necessita de suas solicitações para dirigir as atenções dele aos interesses dos Estados Unidos”. Em outras palavras, a França não negociaria mais com Adams.¹⁵

Vergennes informou Franklin dessa decisão e enviou-lhe cópia de toda a sua irritada correspondência com Adams, com a solicitação de que Franklin “ponha tudo diante do Congresso”. Em sua resposta, Franklin foi extremamente sincero com Vergennes — com efeito, perigosamente —, revelando a sua própria frustração com Adams. “Foi a partir de sua indiscrição particular, e não de instruções recebidas por ele, que ele deu essa justa causa de descontentamento.” Franklin se distanciava explicitamente das atividades de Adams. “Ele nunca me comunicou a respeito de suas atividades na Europa mais do que li nos jornais”, Franklin contou a Vergennes. “Eu vivo em termos de civilidade com ele, não de intimidade.” E concluía com a promessa de enviar ao Congresso a ofensiva correspondência de Adams que Vergennes lhe havia enviado.

Embora pudesse — e talvez devesse — despachar as cartas sem nada comentar, Franklin aproveitou a oportunidade para escrever (“com relutância”) uma carta ao Congresso em que detalhava sua discordância com Adams. A

disputa entre eles devia-se, em parte, a uma diferença de estilo. Adams acreditava em afirmações duras dos interesses norte-americanos, enquanto Franklin favorecia a persuasão e o charme diplomático. Mas a disputa também era causada por uma diferença fundamental de filosofia. Adams acreditava que a política externa americana deveria se basear no realismo; Franklin acreditava que ela deveria incluir um elemento de idealismo, tanto como um dever moral como um componente dos interesses nacionais dos Estados Unidos. Como dizia Franklin em sua carta:

O sr. Adams [...] pensa, como ele mesmo me diz, que a América foi liberal demais em expressões de gratidão para com a França, porque ela deve mais a nós do que nós a ela, e que devemos mostrar energia em nossos pedidos. Eu entendo que ele confunde seu terreno, e que esta corte deve ser tratada com decência e delicadeza. O rei, príncipe jovem e virtuoso, tem, estou certo, prazer em refletir sobre a benevolência generosa da ação de ajudar um povo oprimido, e propõe isso como uma parte da glória de seu reinado. Penso que está certo aumentar esse prazer com nossos reconhecimentos agradecidos, e que tal expressão de gratidão é não somente nosso dever como nosso interesse.¹⁶

Como os britânicos ainda não estavam prontos para negociar com ele e os franceses não estavam mais dispostos a negociar com ele, Adams mais uma vez deixou Paris cheio de ressentimentos. E Franklin mais uma vez tentou impedir que suas desavenças se tornassem pessoais. Escreveu a Adams na Holanda, para onde ele fora tentar obter um empréstimo para os Estados Unidos, e se condeou das dificuldades dessa tarefa: “Eu tenho sido humilhado com a ideia de correr de corte em corte pedindo dinheiro e amizade”. E em uma carta posterior, na qual reclamava do tempo que a França estava demorando para atender a seus pedidos, Franklin escreveu ironicamente a Adams: “Eu tenho, no entanto, duas das graças cristãs, fé e esperança. Mas minha fé é somente aquela de que o apóstolo fala, e à prova das coisas não vistas”. Se seus esforços mútuos fracassassem, ele acrescentava, “estarei pronto para romper, fugir, ou ir para a prisão com você, como queira Deus”.¹⁷

A necessidade de mais dinheiro dos Estados Unidos tinha, com efeito, se tornado bastante desesperada no final de 1780. No início daquele ano, o comandante britânico Sir Henry Clinton havia partido de navio para o sul de Nova York com o general Cornwallis como seu adjunto, para lançar um ataque a Charleston, na Carolina do Sul. Em maio, ele obteve sucesso e Cornwallis montou

um comando britânico lá depois que Clinton voltou para Nova York Também naquele verão, o perturbado general americano Benedict Arnold virou casaca de uma forma que seu nome se transformou em sinônimo de traição. “Nossa situação atual”, escreveu Franklin a Washington em outubro do mesmo ano, “faz com que uma de duas coisas seja essencial para nós: uma paz, ou a ajuda mais vigorosa de nossos aliados, especialmente no artigo dinheiro.”

Desse modo, Franklin recorreu a todos os seus ardis — súplicas pessoais misturadas com apelos ao idealismo e aos interesses nacionais — em seu pedido a Vergennes de fevereiro de 1781. “Estou velho”, dizia ele, acrescentando que sua doença fazia com que fosse provável sua breve aposentadoria. “A conjuntura atual é crítica.” Se mais dinheiro não chegasse logo, o Congresso poderia perder sua influência, o novo governo estaria natimorto e a Inglaterra recuperaria o controle sobre a América. Isso, advertia ele, inclinaria a balança do poder de uma forma que “permitirá que eles se tornem o Terror da Europa e exerçam com impunidade aquela insolência que é tão natural de sua nação”.¹⁸

Seu pedido era audacioso: 25 milhões de libras.*¹⁹ No final, a França concordou em fornecer 6 milhões, o que foi uma grande vitória para Franklin e dinheiro suficiente para manter vivas as esperanças americanas.

Franklin, no entanto, estava desanimado. Nos Estados Unidos, seus inimigos mostravam-se vingativos como sempre. “A salvação política da América depende de chamarmos de volta o dr. Franklin”, Ralph Izard escreveu a Richard Lee. Até Vergennes manifestou algumas dúvidas que chegaram aos ouvidos do Congresso através de carta que escreveu ao seu ministro na Filadélfia: “Embora eu tenha alta estima pelo sr. Franklin, não obstante sou obrigado a admitir que a idade dele e seu amor pela tranquilidade produzem uma apatia incompatível com os assuntos a seu cargo”. Izard propôs uma votação para retirar Franklin com o apoio da facção Lee-Adams. Embora Franklin tenha sobrevivido com facilidade, o Congresso decidiu enviar um emissário especial para cuidar de transações financeiras futuras.

Assim, em março, depois de receber a notícia de um novo empréstimo da França, Franklin informou ao Congresso que estava pronto para renunciar. “Ultrapassei 75 anos”, escreveu ele, acrescentando que era atormentado pela gota e por fraqueza. “Não sei se minhas faculdades mentais estão prejudicadas; talvez eu seja o último a descobrir isso.” Tendo servido na vida pública por cinquenta anos, ele recebera “honorarias suficientes para satisfazer qualquer ambição razoável, e não tenho mais outra senão repouso, que espero que o Congresso me conceda”.

Ele incluía um pedido pessoal: o de que os congressistas encontrassem um emprego para seu neto Temple, que deixara passar a chance de estudar direito para poder servir ao seu país na capital francesa. “Se entenderem ser apropriado empregá-lo como secretário de um ministro em qualquer corte europeia, estou

convencido de que terão razões para ficar satisfeitos com sua conduta, e serei grato por sua nomeação como um favor para mim.”²⁰

COMISSÁRIO DE PAZ

O Congresso não aceitou a demissão de Franklin. Em vez disso, o que veio a ser uma surpresa agradável, ele não só foi mantido como ministro para a França como também ganhou um papel adicional: seria um dos cinco comissários responsáveis por negociar a paz com a Grã-Bretanha, se e quando chegasse a hora de acabar com a guerra. Os outros eram John Adams (originalmente designado como o único negociador e ainda estava na Holanda), Thomas Jefferson (que mais uma vez declinou da missão no exterior por motivos pessoais), o fazendeiro-comerciante Henry Laurens da Carolina do Sul (que foi capturado no mar pelos britânicos e encarcerado na Torre de Londres) e o advogado de Nova York John Jay.

A inclusão de Franklin foi polêmica e aconteceu, em parte, devido à pressão de Vergennes. Apesar de suas dúvidas a respeito da energia de Franklin, o ministro francês instruiu seu embaixador na Filadélfia a fazer *lobby* em nome dele e informar ao Congresso que sua conduta “é tão zelosa e patriótica quanto ele é sábio e prudente”. Vergennes também pediu ao Congresso que a nova delegação não desse nenhum passo sem a aprovação da França. O Congresso concordou e deu aos seus comissários instruções rigorosas “para fazer as comunicações mais francas e confidenciais sobre todos os assuntos aos ministros de nosso generoso aliado, o rei da França; para não realizar nada nas negociações de paz ou trégua sem o conhecimento e a concordância deles”.²¹

Adams ficou estarrecido por ter de se manter tão acorrentado à vontade da França e chamou as instruções de “vergonhosas”. Jay concordou, declarando que, “ao lançar-se nos braços do rei da França”, a América não iria “promover seus interesses, nem sua reputação”. Franklin, por outro lado, ficou satisfeito com as instruções relativas a seguir a orientação da França. “Eu tinha tanta experiência da bondade de Sua Majestade para conosco”, escreveu ao Congresso, “e da sinceridade desse ministro honrado e capaz [Vergennes], que só posso pensar que a confiança foi bem e criteriosamente depositada e que ela trará efeitos felizes.”²²

Ele estava animado também com um triunfo pessoal. A despeito das objeções até mesmo de amigos como Silas Deane, conseguiu que Temple fosse nomeado secretário da nova delegação. A honra de sua nova designação e a rejeição de sua renúncia o rejuvenesceram. “Eu chamo essa continuidade de honra”, escreveu a um amigo, “e realmente estimo que seja maior do que a

minha primeira nomeação, quando levo em conta que todo o interesse de meus inimigos [...] não foi suficiente para impedi-la.”

Ele até escreveu outra carta amigável a Adams, cuja comissão para negociar com a Grã-Bretanha fora diluída pela criação da nova delegação. A designação dos dois, dizia Franklin, era uma grande honra, mas ele lamentava que seriam provavelmente criticados por qualquer coisa que realizassem. “Nunca conheci uma paz feita, até mesmo a mais vantajosa, que não fosse criticada como inadequada. ‘Bem-aventurados os pacificadores’ é, suponho, uma expressão que será compreendida no outro mundo, pois neste eles costumam ser amaldiçoados.”²³

Como um mestre da relação entre poder e diplomacia, Franklin sabia que seria impossível ganhar na mesa de negociação o que era impossível conquistar no campo de batalha. Ele conseguira negociar uma aliança com a França só depois de os Estados Unidos terem vencido a batalha de Saratoga, em 1777; ele seria capaz de negociar uma paz adequada com a Grã-Bretanha somente depois que a América e seus aliados franceses conquistassem uma vitória ainda mais decisiva.

Esse problema foi resolvido em outubro de 1781. O general britânico lorde Cornwallis havia marchado para o norte de Charleston, procurando travar batalha com as forças do general Washington, e tomou posição em Yorktown, Virgínia. O apoio da França revelou-se fundamental: Lafayette ocupou o flanco sul de Cornwallis para evitar um recuo, uma frota francesa chegou à foz do Chesapeake para impedir uma fuga por mar, a artilharia francesa chegou de Rhode Island, e 9 mil soldados franceses juntaram-se a 11 mil americanos sob o comando de Washington. Duas colunas de quatrocentos homens, uma francesa e outra americana, começaram o ataque e o bombardeio aliado, que continuou dia e noite com tal intensidade que, quando Cornwallis enviou um tambor em 17 de outubro para indicar sua rendição, demorou um pouco para que ele fosse notado. Haviam se passado quatro anos desde a batalha de Saratoga, seis e meio desde Lexington e Concord. Em 19 de novembro, Vergennes recebeu a notícia do triunfo aliado em Yorktown e mandou um bilhete para Franklin, que ele imprimiu em sua tipografia de Passy e distribuiu na madrugada seguinte.

Embora a guerra parecesse efetivamente acabada, Franklin foi cauteloso. Até que o Ministério britânico renunciasse, havia sempre a possibilidade de a Grã-Bretanha renovar a luta. “Lembro-me de que, quando era um garoto que lutava boxe, era permitido, mesmo depois que um adversário dissesse que não aguentava mais, dar-lhe um golpe ascendente”, escreveu a Robert Morris, o ministro das Finanças americano. “Que o nosso os ponha para dormir.”²⁴

Em março de 1782, o governo de lorde North finalmente desmoronou e foi substituído por um gabinete encabeçado por lorde Rockingham. As negociações de paz entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha poderiam começar. Aconteceu

de Franklin ser o único dos cinco comissários americanos que estava em Paris. Assim, nos meses seguintes, até que Jay e depois Adams chegassem, ele cuidaria das negociações sozinho. Ao fazer isso, enfrentaria dois fatores complicadores:

- Os Estados Unidos se comprometeram a coordenar sua diplomacia com a da França e seus aliados, em vez de negociar com Londres separadamente. Mas os britânicos queriam negociações diretas que levassem a uma paz em separado com a América. Franklin, na superfície, insistiria inicialmente em

agir em conjunto com os franceses. Mas, nos bastidores, providenciaria negociações de paz privadas e diretas com os britânicos.

- O governo Rockingham tinha dois ministros rivais, o secretário do Exterior Charles Fox e o secretário das colônias lorde Shelburne, e ambos enviaram seus próprios negociadores a Paris.

Franklin manobraria para que o enviado de Shelburne, de quem ele gostava mais e achava mais maleável, ganhasse uma comissão para negociar com os americanos.

O INÍCIO DAS NEGOCIAÇÕES

“Grandes coisas às vezes surgem de pequenas circunstâncias”, Franklin registrou no diário que iniciou sobre as negociações de paz de 1782. Nesse caso, foi um encontro casual entre seu antigo amor, Madame Brillon, e um inglês chamado lorde Cholmondeley, que era amigo de Shelburne. Madame Brillon mandou Cholmondeley visitar Franklin em Passy e, por intermédio dele, Franklin enviou seus cumprimentos ao novo secretário colonial. Franklin conhecia e gostava de Shelburne, pelo menos desde 1766, quando fizera lobby junto a ele para obter uma concessão de terras no Oeste e fizera visitas ocasionais a sua grande casa de campo, em Wiltshire. Madame Helvétius também desempenhou um pequeno papel: Shelburne acabara de lhe mandar alguns arbustos de groselha, e Franklin escreveu polidamente que eles haviam chegado “em excelente estado”.²⁵

Shelburne respondeu com o envio de Richard Oswald, um comerciante aposentado e caolho de Londres e ex-trafficante de escravos que vivera outrora na América, para começar a negociar com Franklin. Oswald chegou em 15 de abril e imediatamente tentou convencer Franklin de que os Estados Unidos poderiam obter um acordo mais rápido e melhor se negociassem de forma

independente dos franceses. Franklin ainda não estava inclinado a isso. “Deixei claro para ele que a América só negociaria em conjunto com a França.” Em vez disso, levou Oswald a Versalhes no dia seguinte para se encontrar com Vergennes, que propôs sediar uma conferência de paz geral de todas as partes em conflito em Paris.²⁶

No caminho de volta de Versalhes, Oswald defendeu novamente uma paz em separado. Depois de resolvida a questão da independência americana por meio de negociações, disse ele, ela não ficaria em suspenso enquanto as questões relativas apenas à França e à Espanha (inclusive a posse de Gibraltar) ainda estivessem em discussão. Ele acrescentou uma ameaça implícita: se a França se envolvesse e fizesse exigências demais, a Inglaterra continuaria a guerra e a financiaria deixando de pagar sua dívida pública.

A questão da independência, Franklin respondeu incisivamente, já tinha sido resolvida em 1776. A Grã-Bretanha deveria simplesmente reconhecê-la, e não se oferecer para negociá-la. Quanto a renegar a dívida a fim de continuar a guerra, Franklin não deu resposta. “Eu não queria desencorajá-los a deixar de pagar, que eu considerava como cortar a garganta do crédito público deles”, escreveu em seu diário. “Tais ameaças eram irrelevantes para mim, lembrando o velho ditado de que *quem ameaça está com medo*.”

Em vez disso, Franklin sugeriu que a Grã-Bretanha considerasse oferecer reparações à América, especialmente para “aqueles que tinham sofrido com os grupos de escalpelamento e queima” que a Inglaterra havia formado com índios. “Nada poderia significar maior tendência conciliadora”, disse ele, e isso levaria à renovação do comércio de que a Grã-Bretanha precisava e desejava.

Ele até sugeriu uma proposta específica de reparações: a Grã-Bretanha deveria ceder o controle do Canadá. Afinal, o dinheiro que ela poderia ganhar com o comércio canadense de peles era pouco em comparação com o que economizaria por não ter de defender aquele território. Era também muito menos do que poderia ganhar por meio da renovação do comércio com a América, que decorreria de um acordo amistoso. Além disso, o dinheiro que os Estados Unidos ganhariam com a venda de terras abertas no Canadá poderia ser usado para compensar os patriotas cujas casas tinham sido destruídas pelas tropas britânicas e também os leais à Grã-Bretanha cujas propriedades foram confiscadas pelos americanos.

Às costas da França, Franklin estava fazendo um astuto jogo de balança de poder. Ele sabia que a França, apesar de sua inimizade com a Grã-Bretanha, não queria ceder o controle do Canadá aos Estados Unidos. Isso tornaria as fronteiras americanas mais seguras, reduziria as tensões com a Inglaterra e diminuiria a necessidade de relações de amizade com a França. Se continuasse de posse do Canadá, Franklin explicou a Oswald, a Inglaterra “nos obrigaria necessariamente a cultivar e fortalecer nossa união com a França”. Em seu relato para Vergennes

sobre a conversa com Oswald, Franklin não mencionou que havia sugerido a cessão do Canadá. Era a primeira e pequena indicação de que Franklin, apesar de sua insistência de que trabalharia lado a lado com os franceses, estaria disposto a agir unilateralmente quando isso se justificasse.

Como de costume, Franklin falava a partir de anotações que havia preparado, e Oswald “implorou” que ele lhe confiasse tais anotações, a fim de que pudesse mostrá-las a Shelburne. Depois de alguma hesitação, Franklin concordou. Oswald ficou encantado com a confiança de Franklin, e Franklin achou Oswald sensato e desprovido de malícia. “Nós nos separamos como excelentes amigos”, observou.

Franklin se arrependeu somente de um item presente nos papéis que confiou a Oswald: sua sugestão de que poderia haver compensação aos legalistas britânicos na América cujas propriedades tivessem sido confiscadas. Assim, ele publicou em sua tipografia de Passy e enviou para Adams e outros uma edição falsa de um jornal de Boston que pretendia descrever, em detalhes terríveis, os horrores que os britânicos tinham perpetrado em americanos inocentes. Seu objetivo era enfatizar que nenhuma simpatia era devida aos legalistas britânicos e que eram os americanos que mereciam compensação. A edição falsa era inteligentemente convincente. Trazia a descrição de um carregamento de escalpos americanos supostamente enviado pelos índios senecas para a Inglaterra e uma carta que ele fingia ser de John Paul Jones. Para tornar a falsificação mais realista, incluiu até pequenos anúncios falsos de uma casa nova de alvenaria à venda no sul de Boston e uma égua baía perdida em Salém.²⁷

A Grã-Bretanha concordou com a proposta de Vergennes de uma conferência de paz de todas as partes, mas isso significava o envio de um novo emissário, alguém que representasse o secretário de Relações Exteriores Charles Fox, em vez do secretário colonial Shelburne. O nome do novo emissário não era auspicioso: Thomas Grenville, filho do desprezado George Grenville, que impusera a Lei do Selo em 1765. Mas Fox, que havia muito tempo era simpático ao lado americano, garantiu a Franklin que o jovem Grenville, de apenas 27 anos, era confiável. “Conheço bastante sua liberalidade de espírito para temer que qualquer preconceito existente contra o *nome* do sr. Grenville possa impedi-lo de estimar as excelentes qualidades de coração e mente que lhe pertencem, ou de dar o máximo de crédito à sinceridade dos seus desejos de paz.”²⁸

Quando Grenville chegou, no início de maio, Franklin imediatamente o levou a Versalhes, onde o jovem inglês cometeu o erro de sugerir a Vergennes que, se “a Inglaterra concedesse a independência à América”, a França deveria devolver algumas ilhas do Caribe que havia conquistado e uma paz poderia ser rapidamente estabelecida.

Com a insinuação de um sorriso, Vergennes virou-se para o diplomata inglês noviço e menosprezou sua oferta de independência: “A América não a

pediu para vocês. Ali está o senhor Franklin. Ele lhe responderá quanto a esse assunto”.

“Com certeza”, disse Franklin, “não consideramos ser necessário barganhar por uma coisa que é nossa e que compramos à custa de muito sangue e dinheiro.”

Tal como Oswald, Grenville esperava poder convencer Franklin a negociar a paz em separado com a Inglaterra, sem ter de permanecer ligado às demandas da França. Para esse fim, visitou Passy alguns dias depois e advertiu que a França “poderia insistir em” disposições que não estavam relacionadas ao tratado que ela havia firmado com a América. Se isso acontecesse, os Estados Unidos não deveriam se sentir obrigados por aquele tratado a “dar continuidade à guerra para obter tais vantagens para eles”.

Como havia feito com Oswald, Franklin se recusou a fazer essa concessão. “Eu expressei um pouco mais de meus sentimentos a respeito do tema geral dos benefícios, obrigações e gratidão”, Franklin observou. As pessoas que queriam escapar de obrigações muitas vezes “se tornavam engenhosas em descobrir razões e argumentos” para fazê-lo, mas os Estados Unidos não seguiriam esse caminho. Mesmo que um indivíduo tome dinheiro emprestado de outro e depois o reembolse, ele ainda deve gratidão: “Ele pagou a dívida de dinheiro, porém a obrigação permanece”.

Isso era ampliar demais a ideia de gratidão, retrucou Grenville, pois a França era a parte que efetivamente se beneficiava da separação entre a América e a Grã-Bretanha. Franklin insistiu que tinha sentimentos tão fortes em relação à “maneira nobre e generosa”, como a França apoiou os Estados Unidos que “eu nunca poderia recorrer a esse raciocínio para diminuir tais obrigações”.²⁹

Grenville deixou Franklin mais aborrecido por tentar esconder o fato de que sua comissão lhe dava autoridade para negociar apenas com a França, e não diretamente com os Estados Unidos, ainda não reconhecidos como país independente pela Grã-Bretanha. Franklin confrontou-o sobre essa questão no início de junho. Por que a comissão dele não o autorizava de maneira explícita a negociar diretamente com os Estados Unidos? Como Franklin informou a Adams no dia seguinte, “ele não conseguiu explicar isso satisfatoriamente, mas disse acreditar que a omissão era causada pelo fato de terem copiado uma comissão antiga”. Isso, é claro, não convenceu Franklin. Ele insistiu que Grenville obtivesse uma nova comissão antes do início de qualquer negociação. Não se tratava apenas de um detalhe de protocolo, como Franklin bem sabia. Ele estava exigindo que os britânicos aceitassem tacitamente a independência dos Estados Unidos como pré-condição para as negociações. “Imagino que há certa relutância do rei deles em dar este primeiro passo”, escreveu a Adams, “como se dar essa comissão fosse em si mesmo uma espécie de reconhecimento da nossa

independência.”³⁰

Franklin estava disposto a trabalhar em conjunto com a França, contudo não tinha intenção de permitir que a Grã-Bretanha insistisse em que a França negociasse em nome dos Estados Unidos. Vergennes concordou. “Eles querem que negociemos por vocês. Mas com isso o rei [da França] não vai concordar. Ele acha que não é consistente com a dignidade do vosso Estado. Vocês negociarão por si mesmos.” O que se exige, Vergennes acrescentou, é “que os tratados andem de mãos dadas e sejam assinados no mesmo dia”.

Querendo ou não, Vergennes dera a Franklin permissão tácita para começar as discussões em separado com os britânicos. Uma vez que os britânicos estavam muito ansiosos para ter essas conversas, e uma vez que havia dois negociadores britânicos que competiam pela condução da negociação, Franklin tinha muito poder. No início de junho, quando Grenville voltou a Passy para defender mais uma vez negociações diretas, Franklin decidiu “fugir da discussão”, em vez de rejeitar a ideia.

“Se a Espanha e a Holanda e até mesmo se a França insistirem em condições pouco razoáveis”, Grenville perguntou, “é correto que a América deva ser arrastada para uma guerra em que estão em jogo somente os interesses delas?”

No momento, era “desnecessário entrar em considerações desse tipo”, Franklin respondeu. “Se alguma das outras potências fizesse exigências extravagantes, seria então o momento de considerar quais eram nossas obrigações”, acrescentou sedutoramente.

Grenville estava tão ansioso para dar início às conversações diretas que se mostrou disposto a contar a Franklin, confidencialmente, que tinha instruções “para reconhecer a independência da América antes do início do tratado”. Oswald também estava ansioso para que as negociações diretas comesçassem, e foi a Passy dois dias depois para insinuar que se prontificaria a servir de negociador pela Grã-Bretanha, se Franklin assim preferisse. Ele era modesto. Enfatizou que não estava tentando suplantar Grenville, pois estava velho e não tinha necessidade de mais glórias. Mas ficou claro para Franklin que ele se encontrava na feliz posição de poder escolher entre dois pretendentes famintos.

Oswald, mais sofisticado do que Grenville, era capaz de parecer ao mesmo tempo mais ansioso e mais ameaçador. A paz era “absolutamente necessária” para a Grã-Bretanha, confidenciou. “Nossos inimigos podem fazer agora o que quiserem de nós, pois têm a faca e o queijo nas mãos.” Por outro lado, em Londres, havia quem estivesse “um pouco eufórico demais” com a vitória recente da Grã-Bretanha sobre a Marinha francesa em uma grande batalha nas Índias Ocidentais. Se ele e Franklin não agissem logo, eles poderiam prevalecer e a guerra se prolongar. Houvera até discussões sérias, Oswald advertiu, sobre formas de financiar novos combates, cancelando o pagamento da

dívida somente de títulos de mais de mil libras esterlinas, o que não atingiria a maioria da população.

Franklin observou que via nisso “uma espécie de intimidação”. Porém, Oswald conseguiu abrandá-lo mediante lisonjas. “Ele mencionou várias vezes a grande estima que os ministros tinham por mim”, registrou Franklin. “Eles dependiam de mim para obter os meios de livrar o país de sua atual situação desesperadora; que talvez nenhum outro homem tivera em mãos a oportunidade de fazer tanto bem quanto eu tinha no momento.”

Oswald granjeou ainda mais a estima de Franklin ao parecer concordar com ele, em privado, sobre o que deveria constar em um tratado. Quando Franklin protestou contra a ideia de pagar compensação aos legalistas cujas propriedades haviam sido confiscadas, dizendo que tal demanda iria provocar uma oposta dos Estados Unidos, com a exigência de reparações para todas as cidades que os britânicos haviam incendiado, Oswald confidenciou que ele, pessoalmente, achava o mesmo. Também disse que concordava com Franklin no que dizia respeito à cessão do Canadá, pela Grã-Bretanha, aos Estados Unidos. Era como se ele estivesse competindo com o jovem Grenville em um teste para o emprego de negociador da Grã-Bretanha e tentasse ganhar a recomendação de Franklin.

Na verdade, por incrível que pareça, estava. Ele mostrou a Franklin um memorando de Shelburne que oferecia a Oswald, se Franklin quisesse, uma comissão para ser o negociador especial com os Estados Unidos. Shelburne dizia que estava disposto a dar a Oswald toda a autoridade “que o dr. Franklin e ele pudessem julgar conducente a uma solução definitiva para a situação entre Grã-Bretanha e Estados Unidos”. Dessa forma, acrescentava o memorando de Shelburne, a Grã-Bretanha poderia forjar uma paz com os Estados Unidos “de uma maneira muito diferente da paz entre Grã-Bretanha e França, que sempre foram inimigas uma da outra”.

Oswald observou com modéstia que Grenville era “um jovem muito sensato”, e ele estava perfeitamente disposto a deixar com ele a condução das negociações em conjunto com a França. No entanto, se Franklin achasse que seria “útil” ter Oswald negociando diretamente com os americanos, ele ficaria “contente de ceder seu tempo e serviço”.

Franklin estava feliz em aceitar. “O conhecimento da América” de Oswald, observou, indicava que ele seria melhor do que Grenville “para persuadir o ministério a fazer coisas razoáveis.” Franklin perguntou a Oswald se ele preferiria negociar com todos os países, inclusive a França, ou somente com os Estados Unidos. Oswald optou obviamente pela segunda alternativa. “Ele disse que não escolheu se envolver em tratativas com as potências estrangeiras”, Franklin anotou. “Se ele aceitasse alguma comissão, seria a de negociar com os Estados Unidos.” Franklin concordou em escrever secretamente a Shelburne

recomendendo esse caminho.³¹

Em parte, Franklin era motivado por sua afeição por Oswald, que tinha a sua idade, e por sua falta de afeição pelo Grenville mais jovem, que o havia irritado por vazar para o *Evening Post* de Londres um relato inexato de uma de suas reuniões. “O sr. Oswald, um homem idoso, parece não ter outro desejo senão ser útil em fazer o bem”, anotou Franklin. “O sr. Grenville, um homem jovem, naturalmente desejoso de adquirir uma reputação, parece ter por objetivo ser um negociador capaz.” Franklin, apesar de ainda ambicioso aos 76 anos, acreditava nos efeitos moderadores da velhice.

Embora tivesse dado grandes demonstrações de que os franceses deveriam estar envolvidos em todas as negociações, Franklin passara a acreditar que era do interesse dos Estados Unidos ter seu próprio canal separado e privado com a Inglaterra. Assim, quando foi a Versalhes, em meados de junho, uma semana depois de sua importante reunião com Oswald, foi menos sincero do que o habitual com Vergennes. “Falamos de todas as tentativas [da Grã-Bretanha] de nos separar, e a prudência de nos mantermos unidos e negociar em conjunto”, ele registrou. Dessa vez, porém, escondeu algumas informações. Não deu detalhes sobre a oferta de Oswald de ter um canal de negociação privado ou sua sugestão de que a Grã-Bretanha cedesse o Canadá para os Estados Unidos.

Franklin também não foi totalmente sincero com o Congresso, que havia instruído seus comissários de paz, com a aprovação de Franklin, a não fazer nada sem o pleno conhecimento e apoio da França. No final de junho, em carta a Robert Livingston, o novo secretário de Relações Exteriores americano, Franklin informou que a Grã-Bretanha enviara dois emissários, Oswald e Grenville, e ele afirmava que havia rejeitado as tentativas de ambos de separar os Estados Unidos da França. “De início, eles tinham algumas esperanças de fazer as potências beligerantes negociarem separadamente, uma após a outra, mas, ao descobrir que isso era impraticável, chegaram, depois da troca de várias mensagens, à resolução de negociar uma paz geral com todos juntos.” No dia seguinte, entretanto, ele reiterou seu desejo de um canal separado em carta que escreveu para Oswald encaminhar a Shelburne: “Não posso senão esperar que ainda haja a intenção de investi-lo com [autoridade] no que diz respeito ao tratado com a América”.

A Grã-Bretanha estava igualmente envolvida numa intriga por baixo do pano. Além de manter discussões informais com os franceses, ela mandou emissários diretamente ao Congresso tentando exortar alguns membros a aceitar alguma forma de estatuto de domínio para os Estados Unidos que permitiria a existência de parlamentos separados leais ao rei comum. Quando soube dessas tentativas, Franklin escreveu outra carta a Livingston advertindo que deveriam ser energicamente combatidas. “O rei nos odeia muito cordialmente”, declarou. Se lhe concedessem “qualquer grau de poder ou governo” sobre os Estados Unidos,

“isso será em breve ampliado mediante corrupção, artifício e força, até sermos reduzidos à submissão absoluta”.³²

O PLANO DE PAZ DE FRANKLIN

No início de julho, a situação da negociação foi simplificada com a morte de lorde Rockingham. Shelburne tornou-se o primeiro-ministro, Fox renunciou ao cargo de secretário do Exterior e Grenville foi chamado de volta. Era o momento certo para Franklin fazer uma oferta de paz informal, mas detalhada, a Oswald, o que ele fez em 10 de julho.

Sua proposta dividia-se em duas partes: disposições “necessárias” e “aconselháveis”. Eram quatro na primeira categoria: independência para os Estados Unidos “total e completa em todos os sentidos”, retirada de todas as tropas britânicas, fronteiras seguras e direitos de pesca ao largo da costa canadense. Na categoria aconselhável, sugeria quatro disposições: pagamento de indenização pela destruição nos Estados Unidos, reconhecimento de culpa britânico, acordo de livre-comércio e cessão do Canadá aos Estados Unidos.

Oswald enviou imediatamente a Shelburne todos os detalhes, mas Franklin manteve as propostas em sigilo e nunca as registrou. Tampouco consultou, nem sequer informou, Vergennes sobre a oferta que havia feito a Oswald.³³

Desse modo, com uma visão clara e um pouco cúmplice, Franklin montou o cenário para as negociações finais que terminariam com a Guerra Revolucionária. Shelburne informou prontamente Oswald que as sugestões eram “provas inequívocas da sinceridade do dr. Franklin”. A Grã-Bretanha estava disposta a afirmar a independência dos Estados Unidos como condição preliminar para as negociações, e isso deveria “ser feito decididamente, de modo a evitar riscos futuros de inimizade”. Se os Estados Unidos desistissem das disposições “aconselháveis”, dizia Shelburne, e “mantivessem somente aquelas chamadas de necessárias como base para a discussão”, então ele estava confiante de que um tratado poderia ser “concluído rapidamente”. Embora demorasse mais alguns meses, isso foi, em essência, o que aconteceu.³⁴

A resolução final foi adiada, todavia, quando Franklin foi atacado pela “cruel gota” e por pedras nos rins, o que o incapacitou durante boa parte de agosto e setembro. John Jay, que finalmente chegara a Paris, assumiu o papel de principal negociador. O empedernido nova-iorquino criticou o texto da comissão de Oswald, que o autorizava a negociar “com as ditas colônias e plantações”, dizendo que não era muito melhor do que o de Grenville, e exigiu que Oswald obtivesse uma declaração clara de que estava negociando com uma nação independente, antes do prosseguimento das negociações.

Quando Jay e Franklin foram visitar Vergennes, o ministro francês disse que não parecia necessário insistir que a comissão de Oswald contivesse uma declaração clara da soberania dos Estados Unidos. Franklin, que também deu a sua opinião de que a comissão de Oswald “serviria”, ficou emocionado com a aprovação tácita de Vergennes à continuação das negociações anglo-americanas, o que ele interpretou como um gesto magnânimo e de apoio que mostrava a “gentil boa vontade” da França.

A interpretação de Jay, mais sinistra, porém mais correta, era a de que Vergennes não queria que a Grã-Bretanha reconhecesse a independência americana, exceto como parte de um acordo de paz abrangente, envolvendo a França e a Espanha. “Esta corte prefere adiar um reconhecimento de nossa independência pela Grã-Bretanha”, Jay relatou ao Congresso, “a fim de manter-nos sob a sua direção” até que todas as exigências da França e da Espanha fossem atendidas. “Devo acrescentar que o dr. Franklin não vê a conduta desta corte à luz que eu vejo.”³⁵

O ceticismo de Jay em relação aos motivos da França levou a uma discussão acalorada com Franklin quando eles voltaram de Versalhes para Passy naquela noite. Jay disse a Franklin que estava especialmente irritado porque Vergennes viera com o desejo da Espanha de reivindicar uma parte das terras entre as montanhas Allegheny e o rio Mississippi. Franklin concordou plenamente que a Espanha não deveria ter permissão para “nos confinar”, mas fez para Jay uma de suas brandas palestras sobre a sabedoria de presumir que uma amiga como a França estava agindo de boa-fé, até que houvesse provas concretas em contrário. A França não estava tentando segurar as negociações, como insistia Jay raivosamente; em vez disso, argumentava Franklin, Vergennes havia demonstrado uma vontade de acelerá-la ao não contestar o texto da comissão de Oswald.

Entretanto, as suspeitas de Jay foram reforçadas quando ele soube que Vergennes enviara um representante em missão secreta a Londres. Sem confiar nos franceses, nem em Franklin, Jay entrou na dança de modo dissimulado e despachou um enviado secreto a Londres. O que tornava tudo isso especialmente intrigante era que o enviado fosse Benjamin Vaughan, um editor e amigo de longa data de Franklin, que viera a Paris para visitá-lo e fazer o que pudesse para promover a paz.

Jay pediu a Vaughan que dissesse ao lorde Shelburne que a comissão de Oswald precisava afirmar inequivocamente que ele negociaria com “os Estados Unidos”. Jay prometia que esse reconhecimento explícito da independência americana no início ajudaria a “cortar as amarras” que prendiam os Estados Unidos à França. Shelburne, ansioso por concluir uma paz antes que seu governo fosse derrubado, estava disposto a ir até onde fosse possível para satisfazer Jay. Em meados de setembro, seu gabinete concedeu a Oswald uma nova comissão

“para tratar com os comissários designados pelas colônias sob o título de treze estados unidos” e reafirmava que a independência americana poderia ser reconhecida como um passo preliminar para futuras discussões.

Desse modo, em 5 de outubro, com Jay e Franklin satisfeitos e de volta à harmonia, começaram as negociações oficiais. Oswald apresentou sua nova comissão formal e Jay apresentou uma proposta de tratado que era muito semelhante àquela que Franklin havia informalmente elaborado em julho. O único acréscimo aos quatro pontos “necessários” de Franklin era uma disposição que certamente agradaria à Grã-Bretanha, mas não à França ou à Espanha: a de que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos teriam direitos de livre navegação no Mississippi.

O ímpeto deles, no entanto, foi retardado por algumas semanas depois de a Grã-Bretanha conseguir rechaçar um ataque franco-espanhol a Gibraltar, fortalecendo assim seus ministros. Para enrijecer a espinha dorsal de Oswald, Shelburne enviou Henry Strachey, um oficial de gabinete que fora secretário do almirante Howe. Assim que ele chegou, chegou também, mais uma vez, John Adams, para assumir seu papel de membro da delegação americana.

Adams estava rude como sempre, cheio de suspeitas e duvidando do caráter de todos, exceto do seu. Até Lafayette, que se tornara confidente próximo de Franklin, foi imediatamente taxado por ele de “sujeito híbrido” de “ambição desmedida” que “ofegava em busca de glória”. Adams também exibiu, de maneira pública e pouco diplomática, sua desconfiança pessoal em relação a Vergennes ao não visitá-lo por quase três semanas, até que o ministro “o levou a ser lembrado” do seu dever de fazê-lo. (Vergennes, que era tão suave quanto Adams era áspero, desconcertou o desconfiado Adams ao lhe oferecer um jantar luxuoso e dobrá-lo com bons vinhos e Madeira.)³⁶

Do mesmo modo, Adams no início recusou-se a fazer uma visita de cortesia a Franklin, que estava praticamente confinado a Passy com gota e pedras nos rins, embora tivessem conseguido trocar cartas civilizadas durante a missão de Adams na Holanda. “Ele não suportava chegar perto de Franklin”, registrou em seu diário Matthew Ridley, um comerciante americano em Paris. Ridley, que era amigo de ambos, por fim convenceu Adams de que a visita era necessária.

Adams sentia-se particularmente rancoroso porque acabara de tomar conhecimento da carta que Franklin havia escrito ao Congresso, por ordem de Vergennes, que o levara a ser chamado de volta. Franklin fora motivado por “ciúme abjeto” e “inveja sórdida”, disse Adams a um amigo. Tratava-se de uma completa interpretação equivocada de Franklin, que agira mais por aborrecimento do que por ciúme e cujos vícios ocasionais não incluíam o excesso de inveja.

Qualquer que fosse a causa, Adams estava cheio de raiva em seu retorno a

Paris. “Que não tenho nenhuma amizade por Franklin, admito”, escreveu ele. “Que sou incapaz de ter qualquer amizade com um homem de seus sentimentos morais, admito.” Em seu diário, Adams tinha ainda mais a dizer: “O ardil de Franklin será nos dividir. Para esse fim, ele provocará, insinuará, fará intriga, manobrá”.³⁷

Por isso, foi uma prova do grande charme de Franklin que ele tenha se dado bem com Adams depois que se sentaram para trabalhar. Quando Adams lhe disse bruscamente, durante a visita que fez a Passy, que concordava com a atitude mais dura de Jay em relação à França, “o doutor me ouviu com paciência, mas nada disse”. E no dia seguinte, em uma reunião dos três comissários, Franklin serenamente concordou com Adams e Jay que fazia sentido encontrar-se com os negociadores britânicos sem coordenação com os franceses. Virando-se para Jay, disse: “Sou de sua opinião e continuarei com estes senhores na negociação, sem consultar essa corte [da França]”.

A disposição de Franklin de negociar sem consultar a França não era nova; ele havia começado a buscar essa abordagem antes que Jay e Adams chegassem a Paris. Mas fez parecer que estava agindo assim em parte em deferência aos pontos de vista de seus dois colegas comissários, o que serviu para suavizar a atitude de Adams. Franklin “permaneceu conosco em completa harmonia e unanimidade”, Adams registrou feliz em seu diário, “e foi capaz e útil, tanto por sua sagacidade como por sua reputação, em toda a negociação”.

De sua parte, Franklin continuou a ter a mesma mistura de admiração e contrariedade em relação a Adams que sentia havia muito tempo. Como diria a Livingston alguns meses mais tarde, depois que as negociações terminaram: “Ele quer o bem de seu país, é sempre um homem honesto, com frequência sábio, mas por vezes, e em algumas coisas, absolutamente insano”.³⁸

Em 30 de outubro, dia em que Adams completava 47 anos, os negociadores americanos e britânicos iniciaram uma intensa semana de negociações, que começavam às onze da manhã e iam até ceias tardias quase todas as noites. Os britânicos aceitaram prontamente os quatro “pontos necessários” que Franklin havia proposto em julho, mas não os “pontos aconselháveis”, tais como a cessão do Canadá. As principais discussões que encaramaram nessa semana foram:

• Os direitos de pesca ao largo da Terra Nova: Tratava-se de

uma questão importante para Adams, que, como David McCullough ressalta, foi eloquente em seus sermões sobre “o interesse antigo da Nova Inglaterra pelo sagrado bacalhau”. Franklin foi igualmente firme nesse ponto e forneceu um argumento econômico: o dinheiro que os americanos ganhariam com a pesca seria gasto em manufaturas britânicas depois

que a amizade fosse restaurada. “Vocês têm medo de que não haja peixe suficiente, ou que vamos pescar demais?”, ele perguntou. Os britânicos cederam nesse item, para a consternação da França, que esperava ganhar direitos especiais de pesca. (Quando foi acusado por seus inimigos nos Estados Unidos de favorecer a posição francesa

e opor-se à demanda americana por direitos de pesca, Franklin escreveu a Jay e Adams e pediu-lhes que atestassem sua firmeza; Jay concordou cortesmente e Adams o fez de má vontade.)³⁹

- Dívidas anteriores à guerra ainda devidas por americanos a comerciantes britânicos: Franklin e Jay achavam que não deveriam ser pagas

porque a Grã-Bretanha havia tomado ou destruído numerosas propriedades americanas. Adams, no entanto, insistiu que essas dívidas fossem honradas, e seu ponto de vista prevaleceu.

- A fronteira ocidental: Com sua antiga visão da expansão americana, Franklin insistia que nenhuma outra nação deveria ter direitos sobre as

terras entre os Alleghenies e o Mississippi. Como registrou Jay: “Ele sempre declarou ser de opinião que devemos insistir no Mississippi como nossa fronteira ocidental”. Mais uma vez, isso não era um ponto que a França e a Espanha teriam apoiado em uma conferência de paz geral. Mas a Grã-Bretanha estava feliz em aceitar o rio como a

fronteira ocidental, em
conjunção com direitos livres
de navegação para ambas as
nações.

- Compensação para os
legalistas britânicos na
América cujas propriedades
havam sido confiscadas:
Essa foi a questão mais
polêmica, e Franklin a tornou
ainda mais controversa. Ele
justificava sua postura
implacável em termos morais.

Os legalistas tinham ajudado a provocar a guerra, e suas perdas eram muito menores do que as sofridas pelos patriotas americanos cujas propriedades foram destruídas pelos britânicos. Mas sua teimosia também tinha um componente pessoal. Entre os partidários mais visíveis do rei britânico estavam seu ex-amigo Joseph Galloway e, em especial, seu

filho William. A raiva de Franklin em relação a ele e seu desejo de provar isso publicamente teve grande influência em sua atitude para com as reivindicações legalistas e acrescentou uma dolorosa pungência pessoal às últimas semanas de negociações.

William, que fora libertado de seu encarceramento em Connecticut em setembro de 1778, mediante uma troca de prisioneiros, vivia em Nova York, cidade ocupada pelos britânicos, onde era presidente do Conselho dos Legalistas Associados. Nessa qualidade, incentivara uma série de ataques pequenos, mas brutais, contra as forças americanas. Um deles resultou no assassinato por linchamento de um capitão americano, e o general Washington reagira com a ameaça de enforcar um de seus prisioneiros britânicos, um oficial jovem e muito

bem relacionado chamado Charles Asgill, se os linchadores não fossem levados à Justiça.

Os amigos e familiares de Asgill usaram a grande influência que tinham para tentar salvar sua vida, e Shelburne enviou um apelo pessoal a Franklin para que ele intercedesse. Franklin recusou bruscamente. O objetivo de Washington era “obter a punição de um assassino deliberado”, ele respondeu. “Se os ingleses se recusam a entregar ou punir esse assassino, estão dizendo que preferem preservá-lo no lugar do capitão Asgill. Parece-me, portanto, que o pedido deve ser feito aos ministros ingleses.”⁴⁰

A questão tornou-se mais pessoal para Franklin quando uma corte marcial britânica absolveu o soldado britânico acusado, alegando que ele estava apenas cumprindo ordens. Isso fez com que os americanos indignados exigissem a prisão da pessoa que havia emitido as ordens: William Franklin. Então, em agosto de 1782, vinte anos depois de sua chegada à América como governador de Nova Jersey, William prudentemente fugiu para Londres, aonde chegou no final de setembro, justo quando começava a rodada final de negociações de paz de seu pai com Oswald.

O intrometido Vaughan complicou ainda mais a situação instando Shelburne a ser solícito com William. Ele informou ao primeiro-ministro que Temple Franklin, quando Vaughan discutira o assunto com ele em Passy, havia “insinuado esperanças de ver algo feito em favor de seu pai”, e Vaughan acrescentou depois sua própria crença, muito equivocada, de que isso teria uma “influência oportuna” na disposição de Benjamin Franklin em relação à Grã-Bretanha. Então Shelburne se encontrou com William e prometeu fazer tudo o que podia para ajudá-lo, bem como aos legalistas. Franklin ficou mortificado quando soube de tudo isso, e especialmente irritado quando descobriu que a interferência equivocada de Vaughan ocorrera por injunção de Temple, que intercedera em nome de seu pai sem contar ao avô.⁴¹

Franklin expressou seus sentimentos, como fazia com frequência, em uma fábula curta. Era uma vez um grande leão, rei da floresta, que “tinha entre seus súditos uma força de cães fiéis”. Mas o rei leão, “influenciado por maus conselheiros”, entrou em guerra com eles. “Alguns deles, de uma raça mestiça, derivada de uma mistura de lobos e raposas, corrompidos por promessas reais de grandes recompensas, desertaram dos cães honestos e se juntaram a seus inimigos.” Quando os cães ganharam sua liberdade, os lobos e as raposas do conselho do rei se reuniram para defender uma compensação aos vira-latas que tinham permanecido leais. Porém surgiu um cavalo, “com uma ousadia e liberdade que se tornaram a nobreza de sua natureza”, e argumentou que qualquer recompensa por fratricídio era injusta e só levaria a novas guerras. “O conselho teve o bom senso de resolver que a demanda fosse rejeitada”, concluiu Franklin.⁴²

Nos dias finais das negociações, Franklin tornou-se ainda mais obstinado contra qualquer compensação para os legalistas, mesmo quando Adams e Jay mostraram alguma disposição de acordo sobre a questão. No passado, Adams havia acusado Franklin de não ser confiável em virtude de sua suposta simpatia para com o filho legalista. Agora, ele estava perplexo diante da beligerância de Franklin na outra direção. “O dr. Franklin é muito firme contra os tories”, ele anotou em seu diário, “mais decidido em relação a esse ponto do que o sr. Jay ou eu mesmo.”

Tendo em vista a influência dos emigrantes legalistas que então viviam na Grã-Bretanha, Shelburne sabia que seu ministério poderia cair se não fizesse nada para satisfazer suas reivindicações. Seus negociadores pressionaram até o último dia, mas Franklin ameaçou invalidar o tratado inteiro por causa dessa questão. Ele tirou do bolso um papel que ressuscitava sua demanda de que a Grã-Bretanha, se quisesse alguma recompensa pelas propriedades dos legalistas, deveria pagar por todas as cidades americanas destruídas, bens tomados, cargas capturadas, aldeias queimadas, e até mesmo por sua biblioteca, saqueada na Filadélfia.

Os britânicos foram obrigados a ceder. Depois de ouvir a diatribe de Franklin, eles se retiraram para uma sala adjacente, conferenciaram e voltaram para dizer que aceitariam uma promessa um tanto sem sentido de que o Congresso “recomendaria com veemência” aos estados que fizessem a restituição que cada um deles julgasse apropriada pelas propriedades confiscadas dos legalistas em seus territórios. Os americanos sabiam que os estados acabariam fazendo pouco, então concordaram, mas Franklin ainda insistiu em uma advertência, que tinha por alvo William: a recomendação não se aplicaria a legalistas que tinham “levantado armas contra os referidos Estados Unidos”.

Na manhã seguinte, 30 de novembro de 1782, os negociadores americanos, junto com seu secretário, Temple Franklin, reuniram-se com os britânicos na suíte de Oswald no Grand Hotel Moscovita para assinar o tratado provisório que encerrou efetivamente a Guerra Revolucionária. Em um aceno para as obrigações devidas à França, o pacto não se tornaria formalmente vinculante “até Grã-Bretanha e França chegarem a um acordo sobre os termos de uma paz”. Isso levaria mais nove meses. Mas o tratado tinha uma consequência imediata e irrevogável que estava contida em sua linha de abertura: a declaração de que os Estados Unidos eram “livres, soberanos e independentes”.

Naquela tarde, os negociadores americanos foram a Passy, onde Franklin organizou um jantar comemorativo. Até mesmo John Adams estava se sentindo mais relaxado, ao menos naquele momento. Ele admitiu ao seu amigo Matthew Ridley que Franklin havia “se comportado bem e com nobreza”.⁴³

APLACANDO OS FRANCESES

A Franklin coube a difícil tarefa de explicar a Vergennes por que os americanos haviam violado suas obrigações para com a França e as instruções do Congresso ao concordar com um tratado sem consultá-lo. Depois de mandar para Vergennes uma cópia do acordo assinado, que ressaltou ser provisório, Franklin visitou-o em Versalhes na semana seguinte. O ministro francês comentou, com frieza, mas de modo educado, que “a assinatura abrupta dos artigos” não era “agradável ao rei [francês]”, e que os americanos “não foram particularmente corteses”. Não obstante, Vergennes admitiu que os americanos se saíram bem sozinhos e observou que “nossa conversa foi amigável”.

Foi somente quando Franklin fez um pedido ousado de mais um empréstimo francês, junto com a informação de que ele estava transmitindo o acordo de paz para o Congresso, que Vergennes aproveitou para protestar oficialmente. Escreveu a Franklin que era falta de decoro da parte dele “oferecer certa esperança de paz para a América sem sequer se informar sobre o estado da negociação da nossa parte”. Os Estados Unidos tinham a obrigação de não considerar a ratificação de qualquer tratado de paz até que a França também chegasse a um acordo com a Grã-Bretanha. “O senhor cumpriu durante toda a sua vida com seus deveres”, continuava Vergennes. “Suplico-lhe que considere como se propõe a cumprir aqueles que são devidos ao rei.”⁴⁴

A resposta de Franklin, que foi chamada de “obra-prima diplomática” e “uma das mais famosas de todas as cartas diplomáticas”, combinava algumas expressões de contrição com apelos ao interesse nacional da França. “Nada foi acordado nas preliminares que seja contrário aos interesses da França”, observava ele, de forma não inteiramente correta, e “nenhuma paz ocorrerá entre nós e a Inglaterra antes que tenham concluído a vossa”. Usando uma palavra francesa que pode ser traduzida como “decoro”, Franklin procurou minimizar a transgressão americana:

Ao não consultá-lo antes que [o tratado] fosse assinado, fomos culpados de negligenciar um ponto de *bienséance*. Mas, como isso não foi por falta de respeito ao rei, a quem todos amamos e honramos, esperamos ser desculpados, e que a grande obra, até agora conduzida com tanta felicidade, que está tão próxima da perfeição e é tão gloriosa para o seu reinado, não seja arruinada por uma única indiscrição nossa.

Ele continuava, impávido, argumentando a favor de outro empréstimo.

“Certamente, todo o edifício cai ao chão no ato se o senhor se recusar, com base nisso, a nos dar qualquer assistência adicional.” Junto, vinham um apelo e uma ameaça implícita: tornar a transgressão uma questão pública, alertava ele, poderia prejudicar os interesses mútuos dos dois países. “Os ingleses, acabei de saber, orgulham-se de já nos terem dividido. Espero, portanto, que este pequeno mal-entendido seja mantido em segredo, e que eles se descubram totalmente equivocados.”⁴⁵

Vergennes ficou estupefato com a carta de Franklin e enviou uma cópia dela a seu embaixador na Filadélfia. “Você pode imaginar a minha surpresa”, escreveu ele. “Acho que os membros mais influentes do Congresso devem ser informados sobre a conduta muito irregular de seus comissários em relação a nós.” Ele não culpava Franklin pessoalmente, exceto para dizer que “ele cedeu com muita facilidade ao preconceito de seus colegas”. Vergennes lamentava, com razão, que a nova nação não entraria em alianças emaranhadas e se queixava: “Seremos mal pagos por tudo o que fizemos pelos Estados Unidos e para garantir a eles uma existência nacional”.

Havia pouco que Vergennes pudesse fazer. Forçar um confronto, como Franklin sutilmente advertira, levaria os americanos a uma aliança ainda mais rápida e mais estreita com os britânicos. Então, com relutância, deixou o assunto morrer, instruiu seu enviado a não apresentar um protesto oficial ao Congresso, e até concordou em conceder mais um empréstimo.⁴⁶

“Dois grandes duelistas diplomáticos cruzaram formalmente espadas”, observou Carl Van Doren, “e o filósofo desarmou de forma primorosa o ministro.” Sim, mas uma analogia melhor talvez fosse o xadrez, jogo preferido de Franklin. Desde seu lance inicial que levou ao tratado de aliança dos Estados Unidos com a França, até o fim do jogo, que trouxe a paz com a Inglaterra ao mesmo tempo que preservava a amizade francesa, Franklin dominou um jogo tridimensional contra dois jogadores agressivos, exibindo grande paciência quando as peças não estavam bem alinhadas e explorando cuidadosamente as vantagens estratégicas quando elas estavam.⁴⁷

Franklin tinha sido fundamental na formulação dos três grandes documentos da guerra: a Declaração de Independência, a aliança com a França e o tratado com a Inglaterra. Agora ele voltava seus pensamentos para a paz. “Todas as guerras são loucuras, muito caras e muito daninhas”, escreveu a Polly Stevenson. “Quando a humanidade se convencerá disso e concordará em resolver suas diferenças por meio de arbitragem? Se fizesse isso, até mesmo por um lance de dados, seria melhor do que lutar e destruir uns aos outros.” Para Joseph Banks, um dos muitos amigos antigos da Inglaterra para quem escreveu a fim de comemorar, ele afirmou mais uma vez o seu famoso, embora um pouco enganador, credo: “Jamais houve uma guerra boa ou uma paz ruim”.⁴⁸

BENNY E TEMPLE

Em vez de voltar para casa imediatamente, Franklin decidiu saborear a paz e o descanso recém-conquistados desfrutando dos amigos, da família e das atividades intelectuais à sua disposição no cenário idílico de Passy. Seu neto Benny andava esquecido em sua escola, em Genebra, que recentemente atravessara um tumulto político relacionado com planos para dar pleno direito de voto a todos os cidadãos. Agora que seus deveres diplomáticos haviam cessado, Franklin resolveu permitir que Benny voltasse a Passy e lá passasse as férias de verão de 1783, as primeiras desde que partira, quatro anos antes.⁴⁹

Reunido afinal ao avô que estava tão ansioso para impressionar, Benny ficou completamente encantado. Franklin era “muito diferente de outras pessoas idosas”, disse a um visitante, “pois elas são irritáveis, queixosas e insatisfeitas, e meu avô é sorridente e alegre como uma pessoa jovem”. A nova proximidade entre eles também entusiasmou Franklin. Benny estava “tão bem crescido”, escreveu aos pais do menino, “e tão melhor em sua aprendizagem e seu comportamento”. Para Polly Stevenson escreveu: “Ele cresce a cada dia em minha afeição”.

Naquele verão, quando Benny completou catorze anos, seu avô o levou ao Sena para aulas de natação, e seu primo Temple lhe ensinou esgrima e dança. Temple também o impressionou fingindo matar um rato com hélio, para depois revivê-lo e, em seguida, matá-lo para valer com uma faísca elétrica de uma das baterias de Franklin. “Tenho certeza de que meu primo passaria por um mágico na América”, Benny escreveu aos seus pais.⁵⁰

Franklin sabia que Benny estivera doente e deprimido na escola, e a situação política em Genebra continuava explosiva. Então, decidiu que o menino não precisava retornar, apesar de ter deixado roupas e livros na Suíça. Ele já havia pensado antes em mandar Benny para uma escola na Inglaterra, sob os cuidados de Polly Stevenson, que ficara animada com a ideia. Agora, preocupado com que Benny estivesse perdendo o domínio da língua inglesa, voltou a falar com Polly de forma mais séria. “Isso ainda seria conveniente para você?”, perguntou. “Ele é dócil e de modos gentis, pronto para receber e seguir bons conselhos, e não representará nenhum mau exemplo para seus filhos.” Polly foi cautelosa, contudo se mostrou bem-disposta: “Receio que ele nos julgará tão rudes que dificilmente será capaz de suportar-nos, mas, se a cordialidade inglesa compensar o refinamento francês, podemos ter alguma chance de fazê-lo feliz”.⁵¹

Franklin, porém, que gostava cada vez mais de Benny, decidiu que ele deveria ficar em Passy. “Ele mostrou tamanha falta de vontade para me deixar, e Temple tamanha inclinação para retê-lo, que resolvi ficar com ele”, Franklin explicou a Polly em uma carta do final de 1783. “Ele se comporta muito bem, e

nós o amamos muito.”

Com sua graça e precisão de linguagem, Benny talvez pudesse vir a ser diplomata, Franklin pensava. Isso exigiria, no entanto, obter-lhe uma nomeação pública, algo que se mostrava bastante difícil para Temple. Ele dissera certa vez a Richard Bache, assim como havia dito a seu filho William e a muitos outros, que era humilhante ser dependente de uma nomeação governamental. Agora, expressava o mesmo sentimento para Richard, dessa vez em carta a respeito de seu filho Benny: “Eu decidi destiná-lo a uma ocupação que lhe possa dar algo para o sustento, e não ser obrigado a pedir favores ou cargos a ninguém”⁵²

A ocupação que Franklin escolheu era a óbvia. Sua pequena tipografia privada de Passy estava ocupada naquele outono fazendo edições de suas bagatelas, então ele ficou encantado quando o rapaz começou a trabalhar nela com entusiasmo. Um mestre fundidor foi contratado para ensiná-lo a fazer tipos e, na primavera, Franklin persuadiu François Didot, o maior e mais artístico impressor da França, a tomá-lo como aluno. Benny estava destinado a seguir os passos de Franklin, e não somente como impressor, mas também, por fim, como editor de jornal.

Quanto a Temple, Franklin estava reduzido a pedir favores e cargos. Enquanto desfrutava do delicioso verão de 1783, escreveu ao secretário de Relações Exteriores Livingston mais outro pleito lamurioso em nome do pobre Temple:

Ele já passou por um aprendizado de quase sete anos na área ministerial, e é muito capaz de servir aos Estados Unidos nesse ramo, como possuidor de todos os requisitos de conhecimento, zelo, atividade, linguagem e discurso [...]. Mas não é meu costume solicitar empregos para mim mesmo, ou para alguém de minha família, e não farei isso neste caso. Só espero que, se ele não for empregado em seu novo plano, eu possa ser informado disso o mais breve possível, para que, enquanto ainda tenho forças para isso, possa acompanhá-lo em uma viagem à Itália, retornando pela Alemanha, que acho que ele pode fazer com mais vantagem comigo do que sozinho, e a qual eu há muito prometi lhe proporcionar como recompensa por seu fiel serviço e seu afetuoso apego filial a mim.

Temple não obteve um posto no ministério, nem seu avô o levou para o *grand tour*. Em vez disso, ele imitou seu avô (e o pai) de uma forma menos louvável do que Benny. Depois de não conseguir casar com uma das filhas dos Brillon, Temple se envolveu com uma mulher casada, que morava perto de

Passy, Blanchette Caillot, cujo marido era um ator de sucesso. Com ela, teve um filho ilegítimo, Theodore. Numa ironia cruel, a criança morreu de varíola, doença que tinha levado o único filho legítimo em três gerações de Franklin.

Theodore Franklin, filho ilegítimo do filho ilegítimo do próprio filho ilegítimo de Franklin, foi, ainda que brevemente, o último descendente masculino da linhagem de Benjamin Franklin, que, no final, não deixaria nenhuma linhagem de família que levasse seu nome.⁵³

MANIA DE BALÃO

Entre as diversões de que Benny desfrutou com seu avô no verão e outono de 1783 estavam os grandiosos espetáculos dos primeiros voos de balão. A era das viagens aéreas começou em junho, quando dois irmãos, Joseph e Etienne Montgolfier, lançaram perto de Lyon um balão de ar quente não tripulado que subiu a uma altura de quase 2 mil metros. Os Franklin não estavam lá, mas no final de agosto testemunharam o primeiro voo tripulado usando hidrogênio. Um cientista chamado Jacques Charles lançou um balão de seda de 3,5 metros de diâmetro, cheio de hidrogênio produzido por derramamento de óleo de vitriolo sobre limalha de ferro ardente. Com grande alarde, ele decolou de Paris, diante de 50 mil espectadores, e flutuou durante mais de 45 minutos antes de pousar em uma aldeia a quase 25 quilômetros de distância. “As pessoas do campo que o viram cair ficaram assustadas”, Franklin escreveu para Sir Joseph Banks, presidente da Sociedade Real, “e o atacaram com pedras e facas, de modo que foi destroçado.”

A corrida foi então para produzir o primeiro voo *tripulado*, e foi vencida em 21 de novembro pelos irmãos Montgolfier com seu modelo de ar quente. Enquanto uma enorme multidão aplaudia e inúmeras mulheres desmaiavam, o balão decolou com dois nobres de champanhe em punho, que inicialmente se viram enredados por alguns galhos de árvores. “Eu sofri muito pelos homens, pensando no perigo de serem jogados para fora ou queimados”, relatou Franklin. Mas logo eles se livraram e deslizaram sobre o Sena e, depois de vinte minutos, desembarcaram do outro lado e estouraram suas rolhas em triunfo. Franklin estava entre os cientistas de renome que assinaram a certificação oficial do voo histórico na noite seguinte, quando os Montgolfier o visitaram em Passy.

Os irmãos Montgolfier acreditavam que a elevação era causada não somente por ar quente, mas também pela fumaça, então instruíram seus “aeronautes” a cobrir o fogo com palha molhada e lã. Franklin, no entanto, era mais partidário do modelo de “ar inflamável” de Charles que usava hidrogênio e ajudou a financiar o primeiro voo tripulado num balão desse tipo. Ela ocorreu dez

dias depois. Enquanto Franklin observava de sua carruagem estacionada perto do Jardim das Tulherias (sua gota o impediu de se juntar à multidão na grama molhada), Charles e um parceiro voaram por mais de duas horas e aterrissaram com segurança a quase 45 quilômetros de distância. Mais uma vez, Franklin fez um relatório à Sociedade Real, por intermédio de Banks: “Eu tinha um binóculo de bolso com o qual segui o balão até perder de vista, primeiro os homens, depois a gôndola, e quando vi pela última vez o balão, parecia não maior que uma noz”.

Desde a época de suas experiências com eletricidade, Franklin acreditava que a ciência devia ser seguida, inicialmente, por puro fascínio e curiosidade, e os usos práticos acabariam por surgir a partir do que fora descoberto. De início, ele relutou em adivinhar que utilização prática poderia vir dos balões, mas estava convencido de que, algum dia, a experiência com eles, como disse a Banks, “abriria o caminho para algumas descobertas em filosofia natural de que, no momento, não temos nenhuma ideia”. Em outra carta, observou que poderia haver “importantes consequências que ninguém pode prever”. Mais famosa ficou sua expressão mais sucinta do mesmo sentimento, em resposta a um espectador que perguntou para que serviria aquela coisa nova do balão: “Para que serve um bebê recém-nascido?”.⁵⁴

Como não viam utilidade no balonismo e como eram um pouco orgulhosos demais para seguir os franceses, os ingleses não participaram da emoção. “Vejo uma inclinação na parte mais respeitável da Sociedade Real para se acautelar contra a balomania [até que] seja proposta alguma experiência que se mostre benéfica à sociedade ou à ciência”, escreveu Banks. Franklin zombou dessa atitude. “Não me parece uma boa razão recusar-se a prosseguir com uma nova experiência que claramente aumenta o poder do homem sobre a matéria até que possamos ver em que esse poder pode ser aplicado”, ele respondeu. “Quando aprendermos a controlá-lo, podemos esperar que em algum momento será encontrado uso para ele, como os homens fizeram com o magnetismo e a eletricidade, dos quais os primeiros experimentos eram meros motivos de diversão.” No início do ano seguinte, ele já pensara numa possibilidade de uso prático: os balões poderiam servir como uma maneira de fazer a guerra, ou, melhor ainda, como uma maneira de preservar a paz. “Convencer os soberanos da loucura das guerras talvez possa ser um efeito, uma vez que será impraticável para o mais potente deles proteger seus domínios”, escreveu ao seu amigo Jan Ingenhousz, o cientista e médico holandês.

No entanto, Franklin contentou-se principalmente em apreciar a moda e todos os divertimentos que a rodeavam. Os voos de exibição de balões extravagantes, decorados e dourados em padrões esplêndidos, tornaram-se a mania da temporada parisiense e influenciaram até chapéus e penteados, roupas e danças. Temple Franklin e Benny Bache produziram modelos em miniatura. E Franklin escreveu uma de suas típicas paródias, que, como muitas entre suas mais

antigas, usava a voz anônima de uma mulher fictícia. “Se quereis encher vossos balões com um elemento dez vezes mais leve que o ar inflamável”, ela escreveu a um dos jornais, “podeis encontrar uma grande quantidade dele, e pronta, nas promessas dos amantes e dos cortesãos.”⁵⁵

EMINÊNCIA PARDA

Mesmo quando se entregava às frivolidades da Paris pré-revolucionária, Franklin concentrava grande parte de seus escritos em suas ideias igualitárias e antielitistas para a construção de uma nova sociedade americana baseada nas virtudes da classe média. Sua filha Sally enviou-lhe recortes de jornal sobre a criação de uma ordem de mérito hereditária chamada Sociedade do Cincinnati, encabeçada pelo general Washington e aberta a oficiais distintos do Exército americano, que transmitiria o título aos seus filhos mais velhos. No início de 1784, uma carta de Franklin ridicularizou o conceito. Os chineses estavam corretos, dizia ele, em homenagear os pais de pessoas que ganhavam distinção, pois eles tinham algum papel nisso. Mas honrar descendentes de uma pessoa digna, que não tinham nada a ver com o mérito, “não é somente sem fundamento e absurdo, como muitas vezes nocivo para aquela posteridade”. Qualquer forma de aristocracia ou nobreza hereditária estava “em oposição direta ao sentido solenemente declarado de seu país”.

Na carta, ele também ridicularizava o símbolo da nova ordem de Cincinnati, uma águia-de-cabeça-branca, também escolhida para símbolo nacional. Isso provocou um dos refrões mais famosos de Franklin sobre os valores dos Estados Unidos e a questão de um pássaro nacional:

Quisera que a águia-de-cabeça-branca não tivesse sido escolhida para representante do nosso país; trata-se de uma ave de mau caráter moral, ela não ganha a vida honestamente; vocês talvez a tenham visto empoleirada em uma árvore morta, perto do rio onde, preguiçosa demais para pescar para si mesma, ela observa a labuta da águia-pescadora [...] O peru é, em comparação, uma ave muito mais respeitável e um verdadeiro nativo original da América [...] Ele é (embora um pouco vaidoso e bobo, é verdade, mas não o pior emblema disso) uma ave de coragem e não hesitaria em atacar um granadeiro da guarda britânica.⁵⁶

Franklin ficava sabendo com tanta frequência de pessoas que queriam emigrar para a América que, no início de 1784, imprimiu um folheto, em francês e em inglês, destinado a encorajar os mais diligentes e desestimular aqueles que buscavam uma vida ociosa de classe alta. Seu ensaio, intitulado “Informações para aqueles que querem mudar para a América”, é uma das mais claras expressões de sua crença de que a sociedade americana deveria basear-se nas virtudes das classes médias (ou “mediócras”, como às vezes a chamava, usando a palavra como elogio), da qual ainda se considerava parte.

Havia poucas pessoas nos Estados Unidos pobres ou ricas como as da Europa, dizia ele. “O que prevalece é uma mediocridade geral feliz.” Em vez de proprietários ricos e inquilinos em dificuldades, “a maioria das pessoas cultiva as próprias terras” ou pratica algum ofício ou comércio. Franklin era particularmente duro com aqueles que buscavam privilégios hereditários ou que não tinham “nenhuma qualidade a recomendá-los, senão o nascimento”. Nos Estados Unidos “as pessoas não perguntam a respeito de um estranho o que ele é, mas o que ele pode fazer”. Refletindo seu próprio orgulho de descobrir que tinha antepassados trabalhadores em vez de aristocratas, ele dizia que um verdadeiro americano

se sentiria mais grato a um genealogista que pudesse provar que seus antepassados e parentes por dez gerações tinham sido lavradores, ferreiros, carpinteiros, oleiros, tecelões, curtidores ou até sapateiros, e, conseqüentemente, que eram membros úteis da sociedade, do que se pudesse provar somente que eram cavalheiros, sem fazer nada de valor, mas vivendo ociosamente do trabalho dos outros.

A América estava criando uma sociedade, proclamava Franklin, em que um “mero homem de Qualidade” que não quer trabalhar seria “desprezado e ignorado”, enquanto quem tem uma habilidade útil seria honrado. Tudo isso contribuía para um clima moral melhor. “A mediocridade quase geral de fortuna que prevalece na América, obrigando seus habitantes a exercer algum negócio para subsistência, faz com que os vícios que surgem geralmente da ociosidade sejam, em grande medida, evitados”, concluía ele. “Indústria e emprego constante são importantes preservadores da moral e da virtude.” Ele pretendia descrever como eram os Estados Unidos, mas também estava sutilmente prescrevendo o que queria que o país viesse a ser. Em termos gerais, era o seu melhor hino aos valores de classe média que ele representava e que ajudou a se tornarem parte integrante do caráter da nova nação.⁵⁷

A afeição de Franklin pela classe média e suas virtudes de esforço e

frugalidade apontava que suas teorias sociais tendiam a ser uma mistura de conservadorismo (como vimos, ele duvidava de leis sociais generosas que levassem à dependência dos pobres) e populismo (opunha-se aos privilégios de herança e à riqueza adquirida ociosamente graças à posse de grandes propriedades). Em 1784, expandiu essas ideias ao questionar a moralidade do excesso de luxos pessoais.

“Não consegui pensar em uma solução para o luxo”, lamentou-se a Benjamin Vaughan. Por um lado, o desejo de luxo estimulava as pessoas a ser diligentes. Ele lembrou que, certa vez, sua esposa havia dado um chapéu elegante para uma menina do campo, e logo todas as outras meninas da aldeia estavam se esforçando na fiação de luvas, a fim de ganhar dinheiro para comprar chapéus elegantes. Isso atraía seus sentimentos utilitaristas: “Não somente as meninas ficaram mais felizes por ter belos chapéus, como também os moradores da Filadélfia pelo fornecimento de luvas quentes”. No entanto, tempo demais gasto na busca de luxos era um desperdício e um “mal público”. Assim, sugeria que os Estados Unidos impusessem taxas pesadas à importação de refinamentos frívolos.⁵⁸

Sua antipatia à riqueza excessiva também o levou a defender impostos elevados, especialmente sobre artigos de luxo. O indivíduo tinha um “direito natural” a tudo o que ganhasse que fosse necessário para sustentar a si e sua família, escreveu ao ministro das Finanças Robert Morris, “mas todos os bens supérfluos para essas finalidades são propriedade do público que, por suas leis, os criou”. Da mesma forma, disse a Vaughan que leis penais cruéis tinham sido feitas por aqueles que procuravam proteger a propriedade excessiva de bens. “A propriedade supérflua é criatura da sociedade”, disse ele. “Leis simples e leves eram suficientes para proteger a propriedade que era meramente necessária.”⁵⁹

Para alguns de seus contemporâneos, tanto ricos como pobres, a filosofia social de Franklin parecia uma estranha mistura de ideias conservadoras e radicais. Na verdade, porém, ela compunha um ponto de vista trabalhista muito coerente. Ao contrário de muitas revoluções posteriores, a americana não foi uma rebelião radical de um proletariado oprimido. Em vez disso, foi liderada em ampla medida por cidadãos proprietários e pequenos comerciantes cujo grito de guerra bastante burguês era “nenhuma tributação sem representação”. A mistura de ideias de Franklin se tornaria parte da perspectiva de grande parte da classe média americana: a fé nas virtudes do esforço e da frugalidade, a crença benevolente em associações voluntárias para ajudar os outros, a oposição conservadora a donativos que levariam à preguiça e à dependência e o ressentimento um pouco ambivalente em relação ao luxo desnecessário, aos privilégios hereditários e a uma classe de proprietários de terra ociosos.

O fim da guerra permitiu a retomada da correspondência amável com velhos amigos na Inglaterra, em especial com seu colega impressor William

Strahan, a quem ele havia escrito nove anos antes a famosa carta não enviada em que declarava: “O senhor é agora meu inimigo”. Em 1780, já se havia suavizado o suficiente para escrever uma carta assinada “Seu amigo antigamente afetuoso”, que mudou depois para “Seu há muito tempo afetuoso humilde servo”. Em 1784, já se subscrevia: “Com muita afeição”.

Mais uma vez, eles debatiam as teorias de Franklin de que altos funcionários do governo não deveriam receber remuneração e que a sociedade e o governo da Inglaterra eram inerentemente corruptos. Agora, contudo, o tom era brincalhão, pois Franklin sugeria que os americanos, que “ainda têm algum resto de afeto” pelos britânicos, talvez devessem ajudar a *governá-los*: “Se vocês não têm juízo e virtude suficientes para se governarem, dissolvam sua atual Constituição velha e maluca e mandem membros para o Congresso”. Com medo de que Strahan não percebesse que ele estava brincando, Franklin confessava: “Você dirá que meu conselho cheira a Madeira. Tem razão. Esta carta insensata é mera conversa entre nós depois da segunda garrafa”.⁶⁰

Franklin também passou o início do verão de 1784 escrevendo a continuação de suas memórias. Ele havia escrito cerca de 40% do que se tornaria sua famosa *Autobiografia* na casa do bispo Shipley, em Twyford, em 1771. Agora, em resposta a um pedido de Vaughan, que disse que a história de Franklin ajudaria a explicar os “modos de um povo em ascensão”, ele escreveu em Passy o que viriam a ser outros 10% dessa obra. Seu foco na época concentrava-se na necessidade de construir um novo caráter americano, e a maior parte da seção que escreveu em 1784 era dedicada a uma explicação do famoso projeto de aperfeiçoamento de si mesmo em que ele procurava treinar-se nas treze virtudes que iam da frugalidade e da diligência à temperança e humildade.

Seus amigos de Passy ficaram especialmente entusiasmados com a história do livreto de ardósia em que ele gravava seus esforços para adquirir essas virtudes. Franklin, que ainda não tinha adquirido totalmente todos os aspectos da humildade, exibiu com orgulho os tabletes para Cabanis, o jovem médico que vivia com Madame Helvétius. “Nós tocamos nesse livreto precioso”, Cabanis exultou em seu diário. “Seguramo-lo em nossas mãos. Ali estava, de certa forma, a história cronológica da alma de Franklin!”⁶¹

Em seu tempo livre, Franklin aperfeiçoou uma de suas invenções mais famosas e úteis: os óculos bifocais. Em carta a um amigo de agosto de 1784, dizia-se “feliz com a invenção dos óculos duplos que, servindo tanto para objetos distantes como para os próximos, tornam meus olhos mais úteis do que nunca para mim”. Alguns meses mais tarde, em resposta a um pedido de mais informações sobre “sua invenção”, Franklin forneceu detalhes:

A mesma convexidade do vidro através do qual um homem vê mais claro

e melhor a uma distância adequada para a leitura não é a melhor para distâncias maiores. Portanto, eu tinha anteriormente dois pares de óculos, que trocava de vez em quando, pois em viagem às vezes leio, e muitas vezes queria olhar a paisagem. Achando essa mudança incômoda, e nem sempre suficientemente acessível, mandei cortar as lentes pela metade e associei cada tipo no mesmo círculo. Por esse meio, como uso meus óculos constantemente, só tenho de mover os olhos para cima ou para baixo quando quero ver com clareza longe ou perto, os óculos adequados estando sempre acessíveis.⁶²

Um retrato feito por Charles Willson Peale em 1785 mostra Franklin com seus óculos novos.

Por causa de sua fama de cientista e racionalista, em 1784 Franklin foi nomeado pelo rei para uma comissão que investigaria as teorias de Friedrich Anton Mesmer, cuja defesa de um novo método de cura levou à criação de uma nova palavra: “mesmerizar”. (Outro membro da comissão, o dr. Joseph Ignace Guillotin, também teria o seu nome celebrado por um neologismo durante a Revolução Francesa.) Curandeiro ostentoso de Viena, Mesmer acreditava que as doenças eram causadas pelo rompimento artificial de um fluido universal emitido por corpos celestes e que poderiam ser curadas por meio das técnicas de magnetismo animal que ele havia descoberto. Seu tratamento implicava pôr os pacientes em banheiras de carvalho enormes cheias de vidro e limalha de ferro enquanto um curandeiro, empunhando uma varinha de ferro, os magnetizava e hipnotizava. Em um sinal de que o Iluminismo estava perdendo força, o mesmerismo se tornou imensamente popular em Paris, substituindo o balonismo como a moda do momento, com adeptos que incluíam Lafayette, Temple Franklin e a rainha Maria Antonieta.

Muitas reuniões da comissão foram realizadas em Passy, onde o próprio Franklin, em nome da ciência, se submeteu aos tratamentos. Em seu diário, Benny, então com catorze anos, registrou uma sessão em que discípulos de Mesmer, “depois de terem magnetizado muitas pessoas doentes [...] foram para o jardim magnetizar algumas árvores”. Estava claro que o poder de sugestão podia produzir alguns efeitos estranhos. Os comissários, no entanto, decidiram que “nosso papel era manter-nos frios, racionais e de mente aberta”. Então, vendaram os pacientes, a fim de que não soubessem se estavam sendo tratados por médicos de Mesmer ou não. “Descobrimos que poderíamos influenciá-los nós mesmos, de tal forma que suas respostas eram as mesmas, fossem magnetizados ou não.” Eles concluíram que Mesmer era uma fraude e que o que estava em ação era “o poder da imaginação”, tal como escreveram em seu

relatório. Um anexo não publicado do relatório observava que o tratamento era eficaz para estimular sexualmente mulheres jovens quando aplicavam *titillations délicieuses*.

Franklin escreveu a Temple, que não era mais discípulo de Mesmer, que o relatório havia refutado completamente as teorias, mas advertia: “Alguns pensam que ele vai acabar com o mesmerismo, mas há uma maravilhosa quantidade de credulidade no mundo, e trapaças tão absurdas quanto essa se sustentaram durante eras”.⁶³

FINALE

Um motivo de desespero para Franklin foi que, na negociação de tratados com outras nações europeias, teve de trabalhar com John Adams novamente. Ele estava preocupado, disse a um amigo, com “qual será o resultado de uma coalizão entre a minha ignorância e a positividade dele”. O breve período de suavidade de Adams durou apenas alguns meses após a assinatura da paz provisória com a Grã-Bretanha; depois ele retomou sua má-língua. Franklin era um “político ininteligível”, escreveu para Robert Livingston. “Se esse senhor e o Mercúrio de mármore do jardim de Versalhes fossem candidatos a uma embaixada, eu não hesitaria em dar o meu voto para a estátua, conforme o princípio de que ela não faria mal algum.”

Assim, Franklin ficou entusiasmado quando Thomas Jefferson, que por duas vezes havia resistido a pedidos do Congresso para se juntar a Franklin e Adams na função de ministro em Paris, finalmente cedeu e lá chegou em agosto de 1784. Jefferson era tudo o que Adams não era: diplomático e encantador, parcial em favor da França, seguro, em vez de ciumento, amante das mulheres e da alegria social, sem pudicícia puritana. Também era filósofo, inventor e cientista cuja curiosidade iluminista combinava perfeitamente com Franklin.

Para tornar as coisas ainda melhores, Jefferson estava plenamente consciente da cegueira que infectava Adams. James Madison escreveu-lhe para reclamar que as cartas de Adams eram “uma exibição de sua vaidade, de seu preconceito contra a corte francesa e seu veneno contra o dr. Franklin”. Jefferson respondeu: “Ele odeia Franklin, odeia Jay, odeia os franceses, odeia os ingleses. A quem ele vai aderir?”.

Jefferson compartilhava a crença de Franklin de que idealismo e realismo deveriam ambos desempenhar um papel na política externa. “O melhor interesse das nações, como o dos homens, é seguir os ditames da consciência”, declarou. E, ao contrário de Adams, ele reverenciava totalmente Franklin. “Há mais

respeito e veneração pelo caráter do dr. Franklin na França do que por qualquer outra pessoa, estrangeira ou nativa”, escreveu ele e proclamou Franklin “o maior homem e ornamento da época”. Alguns meses mais tarde, quando se espalhou a notícia de que estava sendo sondado para substituir Franklin, Jefferson deu sua resposta famosa: “Ninguém pode substituí-lo, Sir, sou apenas seu sucessor”.⁶⁴

Jefferson jantava frequentemente com Franklin, jogava xadrez com ele e ouvia seus discursos sobre a lealdade que os Estados Unidos deviam à França. Sua presença calmante até ajudou Franklin e Adams a se darem melhor, e os três homens que haviam trabalhado juntos na Declaração agora trabalhavam juntos em Passy quase todos os dias de setembro, preparando novos tratados e pactos comerciais com os países europeus. Na verdade, nesse terreno havia muitos pontos com que os três patriotas podiam concordar. Eles compartilhavam a crença no livre-comércio, em acordos abertos e na necessidade de acabar com o sistema mercantilista de acordos comerciais repressivos e esferas de influência restritivas. Adams, com generosidade incomum, observou: “Avançamos com maravilhosa harmonia, bom humor e unanimidade”.

Para homens e nações, era uma época de reconciliação. Se Franklin podia recuperar seu relacionamento com Adams, havia esperança de que pudesse fazer o mesmo com seu filho. “Querido e honrado pai”, William escreveu da Inglaterra naquele verão. “Desde o término da disputa infeliz entre Grã-Bretanha e Estados Unidos, eu estava ansioso para lhe escrever e procurar reviver aquela relação e conexão afetuosa que, até o início dos últimos problemas, havia sido o orgulho e a felicidade da minha vida.”

Era um gesto nobre, cortês e dorido de um filho que, durante tudo aquilo, nunca dissera nada de ruim sobre seu distante pai nem deixara de amá-lo. Mas William ainda era um Franklin e não podia admitir que havia errado, nem pedir desculpas. “Se errei, não posso evitá-lo. É um erro de julgamento que a reflexão mais madura de que sou capaz não pode retificar; e eu realmente acredito que, se as mesmas circunstâncias ocorressem de novo amanhã, minha conduta seria exatamente semelhante à que foi.” Ele se oferecia para ir a Paris, se seu pai não quisesse ir à Inglaterra, para que pudessem resolver suas questões com “uma entrevista pessoal”.⁶⁵

A resposta de Franklin revelava sua dor, mas também oferecia algumas insinuações de esperança. Começava dizendo que estava “contente de saber que você deseja reavivar a relação afetuosa”, e chegava mesmo a acrescentar que “será agradável para mim”. No entanto, passava imediatamente do amor à ira:

Na verdade, nada me machucou tanto e me afetou com sensações tão pungentes como me ver abandonado na velhice por meu único filho; e não somente abandonado, mas vê-lo pegar em armas contra mim, em uma

causa na qual minha boa fama, fortuna e vida estavam todas em jogo. Você pensou, é o que diz, que seu dever para com seu rei e a consideração por seu país exigiam isso. Eu não deveria culpar você por diferir de mim em assuntos públicos. Somos homens, todos sujeitos a erros. Nossas opiniões não estão em nosso poder; elas são formadas e governadas muito pelas circunstâncias, que com frequência são tão inexplicáveis quanto irresistíveis. Sua situação era tal que poucos teriam censurado se tivesse permanecido neutro, *embora haja deveres naturais que precedem os políticos* [ênfase de Franklin].

Então, se conteve: “Este é um assunto desagradável. Eu o deixo de lado”. Não seria conveniente, acrescentou, “você vir aqui no momento”. Em vez disso, Temple seria enviado a Londres para agir como intermediário. “Você pode confiar ao seu filho os assuntos familiares que deseja discutir comigo.” Depois, de forma um pouco condescendente, completou: “Confio que você prudentemente evitará apresentá-lo a pessoas com as quais pode ser impróprio ele ser visto”. Temple podia ser filho de William, mas Franklin deixava claro quem o controlava.⁶⁶

Aos 24 anos, Temple tinha pouco da sabedoria do avô, mas possuía muito mais das emoções normais que unem as famílias, mesmo as que estão afastadas. A um amigo de Londres, ele escreveu que esperava havia muito tempo voltar para “abraçar meu pai”. Contudo, em sua visita à Inglaterra, teve o cuidado de mostrar lealdade ao avô, chegando mesmo a lhe pedir permissão para acompanhar o pai numa viagem ao litoral.

Depois de algumas semanas, Franklin começou a temer que Temple pudesse abandoná-lo por seu pai e o repreendeu por não escrever o suficiente. “Esperei com impaciência a chegada de cada correio. Mas nenhuma palavra.” Entre outras coisas, Franklin queixava-se de que isso o envergonhava diante daqueles que perguntavam se ele tinha notícias de Temple: “Julgue o que devo sentir, o que eles devem pensar, e me diga o que devo pensar de tal negligência”. De todos os membros de sua família, Temple era o único que poderia causar tamanhos ciúme e possessividade.

De sua parte, Temple estava se divertindo muito. Era tratado como um príncipe célebre: festejado pela Sociedade Real, pelo prefeito de Londres e por várias damas que realizaram chás em sua homenagem. Gilbert Stuart pintou seu retrato e um amigo lhe deu uma lista dos melhores fabricantes de botas e alfaiates, acrescentando: “E quando lascivo, procure as seguintes garotas seguras que acho bastante bonitas”.⁶⁷

Temple não foi capaz de resolver as questões que dividiam o pai e o avô,

mas conseguiu realizar outra parte de sua missão: seduzir Polly Stevenson a ir para Passy. Com 45 anos, ela estava viúva havia uma década, e sua mãe, senhoria e companheira de Franklin por muito tempo, morrera um ano antes. (Ela “o amou com a mais ardente afeição”, Polly escrevera ao transmitir a triste notícia.) Franklin havia escrito a Polly para que ela viesse vê-lo logo, pois ele era agora como um edifício que exigia “tantos reparos que, em um pouco tempo, o dono vai achar mais barato derrubá-lo e construir um novo”. No final do verão de 1784, suas cartas se tornaram ainda mais queixosas. “Vem, minha cara amiga, viver comigo enquanto eu estiver aqui, e vá comigo, se eu for, para a América.”⁶⁸

No início de dezembro de 1784, muitas pessoas convergiram para Passy e proporcionaram a Franklin, durante seu último inverno na França, uma versão muito satisfatória das famílias híbridas, reais e adotadas, que ele tanto gostava de reunir ao seu redor. Lá estavam para mimá-lo Temple e Benny, Polly e seus três filhos, Thomas Jefferson e outras grandes cabeças, além das Madames Brillon e Helvétius, com seus séquitos maravilhosos. “Por um frágil momento”, observam Claude-Anne Lopez e Eugenia Herbert, “suas várias ‘famílias’ estavam quase em equilíbrio perfeito, se aproximando em uma teia de boa vontade da qual ele era o centro.”⁶⁹

Polly divertiu-se com Temple ao vê-lo em Londres, depois de dez anos, e brincou com Franklin sobre o fato de ele tentar manter em segredo a linhagem do garoto naquela ocasião. “Nós vemos uma forte semelhança com você e, com efeito, vimos isso quando não achávamos que tínhamos liberdade para dizer que havíamos visto, pois fingíamos ser tão ignorantes quanto você supunha que éramos, ou escolhemos que deveríamos ser.” Isso lhe deu oportunidade para repreender um pouco os dois: “Creio que você talvez tenha sido mais bonito do que seu neto é, mas nunca foi tão gentil”.

Mas a familiaridade com Temple não engendrava, exceto no caso de seu avô, necessariamente afeição, e Polly ficou um pouco desencantada com ele depois que chegaram a Passy. “Ele tem tal adoração por roupas”, ela escreveu a um parente, “e está tão absorto na sua importância e tão envolvido na busca do prazer que não é um caráter amável ou respeitável.”

Benny, por outro lado, com o benefício de sua educação genebrina e a ânsia natural de agradar, impressionou Polly por ser “sensato e viril em seu comportamento, sem a menor tintura de pretensão”. Ele usava o cabelo como um rapaz inglês, e não como um almofadinha francês, e “com a simplicidade de suas roupas mantém uma simplicidade encantadora de caráter”. Temple podia parecer mais com Franklin fisicamente, mas Benny — que nadava no Sena, empinava pipas com paixão, levava Polly em excursões por Paris e, apesar disso, era sempre diligente em seu trabalho de impressor — se parecia com ele mais “em espírito”.⁷⁰

ADIEU

Houve momentos, na verdade muitos deles, em que Franklin escreveu sobre sua inclinação a não perturbar esse pequeno paraíso, permanecer na França e morrer entre aqueles que tanto o amavam e o agradavam. A gota e as pedras nos rins faziam-no tremer diante da perspectiva de uma viagem oceânica, enquanto as brasas de suas paixões pelas damas de Paris eram algo que ainda podia saborear. Em maio de 1785, escreveu a um amigo lembrando uma de suas antigas canções favoritas:

*May I govern my Passions with an absolute sway,
Grow wiser and better as my Strength wears away,
Without Gout or Stone, by a gentle Decay.***

“Mas o que significa nosso desejo?”, perguntava ele. “Cantei essa canção mil vezes quando era jovem, e agora descubro, aos oitenta, que os três contrários me aconteceram, estando sujeito à gota e à pedra e não sendo ainda senhor de todas as minhas paixões.”

Apesar disso, quando recebeu naquele mês a notícia de que o Congresso havia finalmente aceitado seu pedido de demissão e que não ofereciam a Temple uma nomeação no exterior, Franklin decidiu que era hora de voltar para casa. Escreveu a Polly, que havia retornado à Inglaterra, pedindo que o acompanhasse. Ele havia tomado a liberdade de reservar uma cabine espaçosa para toda a família dela. “Você talvez não tenha nunca mais uma oportunidade tão boa.” Mas ela decidiu, ao menos naquele momento, permanecer na Inglaterra.

Ele mandou notícia de seus planos de viagem para sua irmã Jane e explicou: “Continuei a trabalhar até o final do dia; está na hora de ir para casa, e ir para a cama”. Essas metáforas começaram a aparecer em seus escritos, e ele as expandiu para seu amigo David Hartley, que o ajudara durante suas muitas negociações. “Fomos durante muito tempo companheiros trabalhadores na melhor de todas as obras, a construção da paz”, escreveu ele. “Deixo-o ainda no campo, mas, tendo terminado minha tarefa do dia, vou para casa a fim de *ir para a cama!* Deseje-me uma boa noite, como lhe desejo uma noite agradável. *Adieu!*”⁷¹

As despedidas em Passy foram dramáticas e chorosas. “Todos os dias de minha vida hei de lembrar que um grande homem, um sábio, quis ser meu amigo”, escreveu Madame Brillon depois de seu último encontro. “Se alguma vez lhe agradar lembrar da mulher que mais o amou, pense em mim.”

Madame Helvétius não estava para ser superada. “Volte, meu querido amigo, volte para nós”, ela escreveu em carta enviada para apanhá-lo quando

embarcava no navio. Para cada um de seus amigos, deixou um presente que se tornaria uma relíquia: Cabanis ganhou a bengala oca que acalmava magicamente as ondas, o abade Morellet, uma caixa de ferramentas e uma poltrona, e seu senhorio Chaumont, uma mesa que podia ser engenhosamente levantada e abaixada. (Ele também apresentou a Chaumont uma conta das melhorias que fizera aos seus aposentos, inclusive a instalação de um para-raios e o concerto da chaminé “para curá-la de sua intolerável doença da fumaça”).

Para facilitar sua viagem para o porto de Le Havre, a rainha Maria Antonieta mandou sua liteira pessoal fechada puxada por mulas espanholas de andar seguro. Seu marido, o rei Luís XVI, enviou um retrato em miniatura dele mesmo cercado por 408 pequenos diamantes. Franklin também trocou presentes com Vergennes, que observou a um assessor que “os Estados Unidos jamais terão um servidor mais dedicado e mais útil do que o senhor Franklin”.⁷²

No dia em que partiu de Passy, 12 de julho, Benny registrou em seu diário: “Um silêncio fúnebre reinava ao seu redor, quebrado apenas por alguns soluços”. Jefferson foi se despedir e recordou mais tarde: “As senhoras o sufocaram com abraços, e, quando ele me apresentou como seu sucessor, eu lhe disse que desejava que ele transferisse esses privilégios para mim, mas ele respondeu: ‘Você é um homem demasiado jovem’”.⁷³

O plano de Franklin era atravessar o canal da Mancha e então decidir se poderia suportar uma travessia marítima. Se achasse que não conseguiria, voltaria para Le Havre, e a liteira da rainha, que lá esperava por alguma notícia, o levaria de volta a Passy.

No entanto, como de costume, viajar era um tônico e não sofrimento para Franklin, e ele acabou por ser o único passageiro a não enjoar durante a dura travessia do canal. Quando chegaram a Southampton, ele e seu grupo foram visitar um balneário de água salgada quente onde, ele anotou em seu diário, se banharam nas fontes “e, flutuando de costas, caí no sono e dormi perto de uma hora pelo meu relógio, sem afundar nem me virar!”.⁷⁴

Havia uma última cena dramática a ser encenada, um último momento emotivo, antes que ele pudesse zarpar em sua oitava e última travessia do Atlântico. Durante quatro dias, Franklin ficou no Star Inn, em Southampton, a fim de que pudesse receber alguns dos seus velhos amigos ingleses e se despedir deles. O bispo Shipley veio, acompanhado de sua filha Kitty. O mesmo fez Benjamin Vaughan, perdoadas suas missões em segredo para Jay e Temple, que se preparava para publicar uma nova edição dos escritos de seu amigo. Houve grandes jantares e festas, que ele descreveu em seu diário como “muito carinhosas”.

Mas a principal pessoa que viera para vê-lo no Star Inn ganhou apenas uma menção brusca em seu diário: “Encontrei meu filho, que chegou de Londres na noite anterior”. Não houve reconciliação, nenhuma lágrima ou afeição

registrada, apenas uma negociação fria de dívidas e bens.

Na ocasião, Franklin já havia recuperado o controle total sobre Temple e fez uma negociação dura em nome de seu neto. Pressionou William a vender sua fazenda de Nova Jersey a Temple por menos do que ele havia pagado e descontou do preço de compra as décadas de dívidas, cuidadosamente registradas, que William ainda tinha com ele. Também tomou o título de todas as concessões de terras de William em Nova York. Depois de tomar-lhe o filho, extraía de William sua riqueza e suas conexões com os Estados Unidos.

Essa reunião final de três gerações de Franklin, tão cheia de tensões entre pais e filhos, terminou tão friamente que nenhum deles jamais julgou apropriado discutir o assunto. O diário de Franklin não traz nenhum detalhe, nem há nenhum registro de que ele tenha escrito ou falado sobre isso. Ele e seu filho nunca mais se corresponderam. Quatro dias depois, William escreveu uma carta para sua meia-irmã Sally, mas, surpreendentemente, divagou sobre os filhos dela e sobre um retrato que estava tentando mandar para ela, sem descrever em nenhum momento a cena culminante. O mais próximo que chegou, no final da longa carta, foi lamentar, ao falar sobre como todos estariam em breve na Filadélfia, que “meu destino me jogou em um lado diferente do globo”. Décadas mais tarde, depois que seu pai e seu avô tinham morrido e ele finalmente conseguiu produzir uma compilação da vida e das obras do avô, Temple escreveu apenas uma frase fortuita e nada esclarecedora, observando que, em Southampton, Franklin “teve a satisfação de ver seu filho, o ex-governador de Nova Jersey”.⁷⁵

William não foi convidado para a festa de despedida a bordo do navio de seu pai, na noite de 27 de julho. Totalmente revitalizado pela viagem e sem demonstrar nenhum remorso em relação à fria separação de seu filho, Franklin ficou acordado com seus amigos até as quatro da madrugada. Quando acordou, no final da manhã, seus amigos já haviam ido embora, seus dois netos estavam com ele e seu navio já estava a caminho de casa.

* Trata-se do equivalente aproximado a 130 milhões de dólares em poder de compra de dólares de 2002. Em 1780, 23,5 libras valiam 1 libra esterlina britânica, e 1 libra esterlina em 1780 tinha o mesmo poder de compra de 83 libras esterlinas em 2002. Embora o Congresso americano já tivesse iniciado em 1780 a emissão de papel-moeda em dólares, os estados continuavam a emitir suas próprias moedas, muitas vezes em libras esterlinas. As mudanças rápidas no valor de todas as moedas americanas durante a Revolução tornam difícil compará-las com moedas europeias. Em 1786, uma onça de ouro custava 19 dólares ou 4,2 libras esterlinas, fazendo com que uma libra esterlina valesse 4,52 dólares, o que se tornou a taxa de câmbio semioficial em 1790. Ver a p. 507 para

obter mais dados sobre conversão de moedas.19 (N. A.)

** “Que eu possa governar minhas paixões com domínio absoluto,/ Ficar mais sábio e melhor enquanto minhas forças se desgastam,/ Sem gota ou pedra, por um declínio suave”. (N. T.)

FINALMENTE EM CASA

Em sua última viagem oceânica, Franklin não sentiu necessidade de estudar, nem de mencionar o efeito calmante do óleo em águas turbulentas. Tampouco, apesar das muitas promessas aos amigos, conseguiu trabalhar em suas memórias, que havia começado como uma carta ao “querido filho” que acabara de abandonar.

Em vez disso, entregou-se à paixão que ao mesmo tempo relaxava e revigorava seu espírito: investigações científicas cheias de detalhes experimentais e consequências práticas. O resultado foi um jorro de quarenta páginas de observações e teorias sobre uma grande variedade de temas marítimos, repletas de gráficos, desenhos e tabelas de dados. A certa altura, ele fez uma pausa, admitiu que “a loquacidade de um velho se apoderou de mim”, mas depois seguiu adiante. “Acho que eu poderia muito bem agora, de uma vez por todas, esvaziar meu estoque náutico.”

Esse estoque estava cheio: teorias, ilustradas com diagramas, sobre como projetar cascos para minimizar a resistência ao vento, bem como à água; descrições de suas antigas experiências, junto com propostas para novas, sobre os efeitos das correntes de ar em objetos de várias formas; como armar cartas de

jogar para avaliar os efeitos do vento; como traduzir essa experiência em uma que usasse velas e vergas; maneiras de usar polias para evitar a quebra de cabos de ancoragem; uma análise de como os navios se enchem de água após um vazamento; propostas para compartimentar cascos como os chineses faziam; histórias reais sobre os navios em perigo que afundaram e aqueles que sobreviveram, com especulações a respeito dos motivos; comparações eruditas entre caiaques esquimós, barcos a remos chineses, canoas indígenas, chalupas das Bermudas e paraus das ilhas do Pacífico; propostas para a construção de hélices aquáticas e hélices aéreas; e mais, muito mais, página após página, diagrama após diagrama.

Ele também voltou sua atenção novamente para a corrente do Golfo, dessa vez com a invenção de um experimento para testar se ela se estendia para as profundezas ou se era mais como um rio quente que corre perto da superfície do oceano. Uma garrafa vazia tampada com rolha de cortiça foi afundada até 64 metros: a pressão da água empurrou a rolha para dentro e deixou a garrafa encher. A água recolhida nessa profundidade estava seis graus mais fria do que na superfície. Em uma experiência similar com um barril com duas válvulas descobriu-se que a água na parte inferior, mesmo a apenas 33 metros, estava doze graus mais fria do que a água na superfície. Ele providenciou gráficos e mapas de temperatura e sugeriu que um “termômetro pode ser um instrumento útil para um navegador”, pois poderia ajudar os capitães a pegar uma carona na corrente do Golfo indo para leste e evitá-la para oeste; desse modo, talvez fosse possível economizar uma semana ou mais de viagem.¹

Além disso, Franklin escreveu artigos, igualmente longos e cheios de achados experimentais, sobre como corrigir chaminés enfumaçadas e como construir fogões melhores. De um ponto de vista moderno, esses tratados podem parecer obsessivos em sua imersão nos detalhes, mas devemos lembrar que atacavam um dos problemas mais sérios da época: a fuligem sufocante que assolava a maioria das casas e cidades. Foi, no total, sua produção científica mais prodigiosa desde seus experimentos com eletricidade de 1752. E, tal como aqueles estudos anteriores, os que produziu durante sua travessia do oceano de 1785 mostravam seu apreço inigualável — o de um homem engenhoso, se não um gênio — pela combinação de teoria científica, invenção técnica, experimentos inteligentes e utilidade prática.²

Em setembro de 1785, quando Franklin e seus dois netos chegaram ao cais da Market Street da Filadélfia, 62 anos depois de ter partido dali pela primeira vez como um fugitivo de dezessete anos de idade, “fomos recebidos por uma multidão de pessoas com hurras e acompanhados com aclamações até quase minha porta”. Dispararam-se canhões, tocaram-se sinos, Sally abraçou-o e lágrimas correram pelo rosto de Temple. Preocupado havia muito tempo com os danos que os Lee e os Adams poderiam ter causado à sua reputação, Franklin

ficou muito aliviado. “O caloroso acolhimento que recebi de meus concidadãos está muito além de minha expectativa”, escreveu orgulhosamente a John Jay.³

Reunida em torno dele em sua casa da Market Street, ainda mais do que em Passy, estaria aquela gloriosa família, tanto a verdadeira como a adotada, que ele sempre adorou. Lá estavam Sally, sua filha sempre obediente, que faria o papel de sua governanta, e o marido dela, Richard Bache, nunca bem-sucedido, mas sempre obsequioso. Além de Benny e Willy, havia quatro novos Bache — “quatro pequenos tagarelas que se agarram nos joelhos do vovô e me dão grande prazer” — com outro logo a caminho. E, dentro de um ano, Polly Stevenson cumpriria sua promessa de vir, junto com os três filhos. “Quanto a minhas circunstâncias domésticas”, escreveu Franklin ao bispo Shipley, “elas são atualmente tão felizes quanto eu poderia desejá-las. Estou cercado de meus descendentes, uma filha obediente e carinhosa em minha casa, com seis netos.”⁴

Benny matriculou-se na Academia da Filadélfia que seu avô havia fundado (já então rebatizada de Universidade Estadual da Pensilvânia) e, ao se formar, em 1787, tornou-se impressor em tempo integral. Franklin ficou encantado, quase demais. Montou uma gráfica para Benny, ajudou-o a escolher e fundir fontes e sugeriu-lhe livros para publicar. Mas seu talento especial para criar best-sellers, como os almanaques do Pobre Ricardo, dera lugar a um desejo por tomos mais edificantes e educacionais, e Benny por fim começou a se incomodar um pouco diante de sua presença constante. No entanto, servia lealmente a Franklin na função de seu secretário e amanuense.

Temple tentou se transformar em um nobre fazendeiro na propriedade de Nova Jersey, que acabara de ser arrancada ao seu pai, mas seu temperamento era inadequado para cuidar de lavouras e rebanhos. Numa tentativa mal concebida de criar um castelo para se exibir, importunou seus amigos franceses para que lhe mandassem exemplares de cervos (segundo ele, a carne de veado americano não tinha gosto), cães de caça e trajes para seus trabalhadores. Depois que vários cervos morreram a caminho, Temple voltou aos seus hábitos de dândi urbano e passava a maior parte de seu tempo no circuito de festas da Filadélfia, enquanto seu avô, a única pessoa que babava por ele, reiterava seus esforços inúteis para obter-lhe uma nomeação ministerial.

Embora com menos mobilidade do que antes, Franklin era tão sociável quanto havia sido quando jovem comerciante, e os poucos membros sobreviventes de suas antigas associações retomaram as reuniões, muitas vezes em sua casa. Restavam apenas quatro da companhia de bombeiros voluntários que ele fundou em 1736, mas Franklin desenterrou seu balde e convocou uma reunião. A Sociedade Filosófica Americana, que às vezes realizava sessões em sua sala de jantar, elegeu Temple para membro em 1786, assim como a maioria dos amigos intelectuais que Franklin fizera na Europa ao longo dos anos: Le Veillard, La Rochefoucauld, Condorcet, Ingenhouz e Cabanis. Para aplicar a

mesma curiosidade diligente “à ciência árdua e complicada do governo” que a sociedade filosófica aplicava à ciência da natureza, Franklin organizou um grupo de companheiros, a Sociedade para Investigações Políticas, da qual faziam parte seus amigos ativistas jovens, como Thomas Paine.

Franklin chegara a uma idade em que já não se afligia com o desperdício de seu tempo. Por horas a fio, jogava cartas com amigos, o que o levava, conforme escreveu a Polly, a ter breves pontadas de culpa.

Mas outra reflexão vem para me aliviar, sussurrando: “Você sabe que a alma é imortal, por que então ser tão avaro com um pouco de tempo quando tem toda a eternidade pela frente?”. Assim facilmente convencido e, como outras criaturas racionais, satisfeito com uma pequena razão quando ela é a favor de fazer o que tenho vontade, eu embaralho as cartas novamente e começo outro jogo.⁵

Como achava que o bem abastecido mercado dos agricultores, que se estendia até a terceira quadra da Market Street onde ele morava, era uma fonte de produtos agrícolas mais fácil do que plantar ele mesmo, Franklin transformou sua horta em um pequeno jardim de Passy, com sendas de cascalho, arbustos e uma amoreira frondosa. Um visitante registrou o novo cenário doméstico:

Nós o encontramos em seu jardim, sentado em um gramado, debaixo de uma amoreira muito grande, com vários outros cavalheiros e duas ou três senhoras [...] A mesa de chá estava aberta sob a árvore e a sra. Bache, que é a única filha do doutor e mora com ele, serviu o grupo. Ela estava com três de seus filhos ao seu redor. Eles pareciam ser excessivamente afeiçoados ao avô.⁶

Era um estilo de vida que mantinha a gota à distância e, por enquanto, impedia que as pedras nos rins piorassem. Ele sentia dores somente quando caminhava ou “vertia água”, escreveu a Veillard.

Como vivo com moderação, não bebo vinho e faço diariamente exercício com halteres, orgulho-me de que a pedra é impedida de aumentar tanto quanto poderia e de que eu ainda possa continuar a achar que ela é

tolerável. As pessoas que vivem muito tempo, que beberão o cálice da vida até o fundo, devem esperar encontrar alguns dos sedimentos habituais.

Vinte e dois anos antes, ele havia supervisionado pessoalmente cada detalhe da construção de sua nova casa, na Market Street, e até instruíra Deborah de longe sobre os detalhes da decoração e do mobiliário. Entretanto, morara nela apenas durante breves intervalos e agora a considerava muito apertada para sua família extensa, as reuniões do clube e entretenimento. Decidiu que já era tempo de iniciar uma nova construção.

Apesar da idade, achou a perspectiva sedutora. Sentia alegria com os detalhes de design e artesanato, tinha paixão por invenções e aperfeiçoamentos modernos e adorava a excitação da construção. Em carta a Veillard, disse que sentia prazer em supervisionar “pedreiros, carpinteiros, canteiros, pintores, vidraceiros”, cuja habilidade admirara pela primeira vez quando era criança em Boston. Além disso, sabia que bens imobiliários eram um bom investimento; os valores dos imóveis aumentavam rapidamente, assim como os aluguéis.⁷

Seu plano era demolir três casas velhas que possuía na Market Street e substituí-las por duas maiores. Havia cortejado Deborah em uma delas e trabalhado como impressor incipiente em outra, mas a nostalgia não estava entre seus sentimentos mais fortes. Porém, foi forçado a mudar de planos por uma contestação aos limites de suas propriedades. “Meu vizinho contesta meus limites e fui obrigado a adiar até que o litígio seja resolvido pela Justiça”, escreveu para sua irmã Jane, em Boston. “Enquanto isso, com os operários e materiais à disposição, mandei fazer um complemento na casa em que vivo, que é demasiado pequena para a nossa família em crescimento.”

A nova ala de três andares, projetada para combinar perfeitamente com a casa existente, tinha dez metros de comprimento e cinco de largura, o que ampliava seu espaço em um terço. No piso térreo, havia uma sala de jantar com espaço para sentar 24 pessoas, e no terceiro andar havia novos quartos. O melhoramento mais admirável, que se ligava por uma passagem ao “meu melhor quarto antigo”, era uma biblioteca que ocupava todo o segundo andar. Com prateleiras do chão ao teto, acomodava 4276 volumes, fazendo dela o que um visitante afirmou (com algum exagero) “a maior e, de longe, a melhor biblioteca particular dos Estados Unidos”. Como ele confessou a Jane, “mal sei como justificar a construção de uma biblioteca numa idade que em breve me obrigará a deixá-la, mas somos capazes de esquecer que ficamos velhos, e construir é uma diversão”.⁸

Por fim, pôde também construir as duas casas novas, uma das quais se tornou a gráfica de Benny, e projetou uma passagem em arco entre elas que dava para o pátio em frente à sua própria casa renovada, que era afastada da

rua. Toda a construção nova lhe possibilitou pôr em prática as várias ideias de segurança contra incêndio que defendera ao longo dos anos. Nenhuma das vigas de madeira de uma dependência se conectava diretamente com as de outra, os pisos e escadas eram fortemente rebocados e um alçapão se abria para o telhado, de tal modo que “se poderia sair e molhar as telhas em caso de um incêndio vizinho”. Ele ficou satisfeito ao descobrir, durante a renovação de sua casa principal, que um raio havia derretido a ponta de seu velho para-raios enquanto ele estava na França, mas a casa permanecera incólume, “portanto, finalmente a invenção teve alguma serventia para o inventor”.⁹

Além de todos os seus livros, sua nova biblioteca ostentava várias parafernalias científicas, entre elas seu equipamento de eletricidade e uma máquina de vidro que exibia o fluxo do sangue através do corpo. Para seu conforto de leitura, Franklin construiu uma grande poltrona posta sobre balanças, com um ventilador de teto que era movido por um pedal. Entre seus instrumentos musicais, lá estavam uma harmônica de vidro, um cravo, um “cravo de vidro” semelhante à harmônica, uma viola e sinos.

De James Watt, o famoso fabricante de motores a vapor de Birmingham, ele importou a primeira máquina de copiar rudimentar e realizou alguns aperfeiçoamentos nela. Os documentos eram escritos com uma tinta de secagem lenta, feita de goma-arábica, e em seguida eram prensados em folhas de papel de seda úmido para fazer cópias enquanto a tinta ainda estava úmida, geralmente um dia inteiro. Franklin, que usara a máquina pela primeira vez em Passy, gostou tanto dela que encomendou outra, que deu de presente a Jefferson.¹⁰

Franklin orgulhava-se especialmente de uma invenção muito útil, um braço mecânico capaz de pegar e pôr de volta livros das prateleiras superiores. Escreveu uma descrição do mecanismo, cheia de desenhos, diagramas e dicas instrutivas, tão detalhada quanto os tratados científicos que havia redigido ao longo de sua travessia do oceano. Era típico de Franklin. Durante toda a sua vida, ele apreciou mergulhar em minúcias e curiosidades de uma forma tão obsessiva que poderia hoje ser descrito como um *nerd*. Era meticuloso na descrição de todos os detalhes técnicos de suas invenções, fosse um braço mecânico, uma estufa, ou um para-raios. Em seus ensaios, que iam desde argumentos contra honorárias hereditárias a discussões sobre comércio internacional, ele fornecia resmas de cálculos detalhados e notas de rodapé históricas. Até em suas paródias mais humorísticas, como sua proposta para o estudo dos peidos, a inventividade era reforçada pela inclusão de pretensos fatos sérios, curiosidades, cálculos e precedentes eruditos.¹¹

Essa propensão estava presente em sua forma mais encantadora numa longa carta que escreveu a sua jovem amiga Kitty Shipley, filha do bispo, sobre a arte de obter sonhos agradáveis. O texto continha todas as suas teorias, algumas mais sensatas do que outras, sobre nutrição, exercícios, ar fresco e saúde. O

exercício deveria preceder as refeições, não sucedê-las. Deveria haver um abastecimento constante de ar fresco no quarto; Matusalém, ele lembrava, sempre dormia ao ar livre. Propunha uma completa, embora não cientificamente válida, teoria de como o ar em um quarto abafado fica saturado e, assim, impede os poros das pessoas de expulsar “partículas pútridas”. Após um discurso inteiro sobre ciência e pseudociência, ele apresentava três maneiras importantes de evitar sonhos desagradáveis:

1. Ao comermoderadamente, menos matéria transpirável é produzida em um determinado tempo; daí que as roupas de cama a recebem muito antes que fiquem saturadas e podemos, portanto, dormir mais antes de ficarmos inquietos devido à recusa delas de receber mais.
2. Ao usar roupas de cama mais finas e porosas, pelas quais a matéria transpirável passa com mais facilidade, somos menos incomodados, o que se torna tolerável por mais tempo.
3. Quando você for despertada por esse mal-estar e descobrir que não pode dormir de novo com facilidade, saia da cama, bata e vire seu travesseiro, sacuda bem as roupas de cama, com pelo menos vinte sacudidas, depois deixe a cama aberta e deixe-a esfriar; nesse intervalo, continuando despida, caminhe pelo quarto até sua pele ter tempo de descarregar sua carga, o que ela fará assim que o ar possa ficar seco e mais frio. Quando começar a sentir que o ar frio está desagradável, retorne para a cama, e em breve cairá no sono, e seu sono será suave e agradável [...]. Se acontecer de ser indolente demais para sair da cama, você pode, em vez disso, levantar suas roupas de cama com um braço e uma perna, de modo a atrair uma boa quantidade de ar fresco, e, ao deixá-las cair, forçá-lo para fora novamente. Isso, repetido vinte vezes, vai limpá-las da matéria transpirável que absorveram, de forma a permitir que você durma bem por algum tempo. Mas este último método não é igual ao primeiro. Aqueles que não gostam de esforço e podem dar-se ao luxo de ter duas camas, vão achar um grande luxo levantar, quando acordam em uma cama quente, e ir para a fria.

Ele concluía com uma observação gentil:

Há um caso em que a observância mais pontual deles será totalmente

infrutífera. Não preciso mencionar esse caso para você, minha cara amiga, mas meu relato da arte seria imperfeito sem ele. O caso é quando a pessoa que deseja ter sonhos agradáveis não tomou o cuidado de preservar o que é necessário acima de tudo, UMA BOA CONSCIÊNCIA.¹²

A Pensilvânia prosperava na época. “As colheitas são abundantes”, ele escreveu a um amigo, “os trabalhadores têm abundância de emprego.” No entanto, como de costume, os políticos do estado estavam divididos em duas facções. De um lado, havia os populistas, principalmente comerciantes locais e produtores rurais, que apoiavam a muito democrática Constituição do estado, com seu Legislativo unicameral eleito diretamente, que Franklin ajudara a escrever; do outro, os que tinham mais medo do domínio da ralé, entre eles os donos de propriedades de classe alta e média. Franklin se encaixava filosoficamente nos dois campos; ambos procuraram seu apoio, e com ambos ele se comprometeu. Assim, os dois lados o designaram para o Conselho Executivo estadual e, em seguida, para sua presidência, o equivalente ao cargo de governador, para o qual foi eleito quase por unanimidade.¹³

Contente por descobrir que ainda era tão popular, Franklin sentiu muito orgulho de sua eleição, como disse a um sobrinho: “Velho como estou, ainda não me tornei insensível com relação à reputação”. Para o bispo Shipley ele admitiu que “os restos de ambição de que eu me imaginara livre” o haviam seduzido.

Ele também gostou do fato de ser capaz de ganhar prestígio por ficar acima da batalha, depois de anos vendo sua reputação ser alfinetada por ataques partidários. “Ele destruiu a raiva partidária em nosso estado”, disse, emocionado, Benjamin Rush depois de jantar com Franklin, “ou, para tomar emprestada uma alusão de uma de suas descobertas, sua presença e seus conselhos, como o óleo sobre águas turbulentas, conciliaram as ondas rivais das facções.” Era um talento que em breve serviria muito bem a ele e sua nação.¹⁴

A CONVENÇÃO CONSTITUCIONAL DE 1787

A necessidade de uma nova Constituição federal tornou-se evidente alguns meses após a ratificação dos Artigos da Confederação em 1781, quando um mensageiro chegou ao Congresso com a notícia maravilhosa da vitória em Yorktown. Não havia dinheiro no Tesouro nacional para pagar as despesas do mensageiro, então os congressistas tiveram de tirar moedas dos próprios bolsos.

Nos termos dos Artigos, o Congresso não tinha poder para cobrar impostos, nem para fazer muitas outras coisas. Em vez disso, tentou requisitar dinheiro dos estados, da maneira como os líderes coloniais outrora haviam desejado que o rei fizesse, e os estados, tal como o rei e seus ministros outrora haviam temido, muitas vezes não respondiam.

Em 1786, a situação já era ameaçadora. Um ex-oficial da Guerra Revolucionária chamado Daniel Shays liderou uma rebelião de agricultores pobres no oeste de Massachusetts contra a coleta de impostos e dívidas, e havia temores de que a anarquia se espalhasse. O Congresso, que estava então reunido em Nova York, tinha andado de lugar em lugar, com frequência incapaz de pagar suas contas ou reunir quórum. Os treze estados regalavam-se com sua independência não só da Grã-Bretanha como também uns dos outros. Nova York impôs taxas a todos os navios vindos de Nova Jersey, que retaliou tributando um farol do porto de Nova York instalado em Sandy Hook. Outros estados estavam em processo de formação — inclusive um chamado Franklin, mais tarde rebatizado de Tennessee — e se esforçavam para resolver seu relacionamento potencial com os estados existentes. Quando os colonos que desejavam formar o novo estado de Franklin procuraram seu conselho sobre como lidar com as reivindicações rivais da Carolina do Norte, ele lhes disse para submeter toda a questão ao Congresso, o que todo mundo sabia que pouco resolveria.¹⁵

Depois que Maryland e Virgínia não conseguiram resolver alguns conflitos de divisas e de navegação, convocou-se uma conferência de todos os estados em Annapolis para resolvê-los, além de questões mais amplas de comércio e cooperação. Apenas cinco estados compareceram e pouco foi realizado, mas James Madison e Alexander Hamilton, com outros que viam a necessidade de um governo nacional forte, usaram o encontro para convocar uma convenção federal, aparentemente projetada apenas para alterar os Artigos da Confederação. Ela foi marcada para maio de 1787, na Filadélfia.

O que estava em jogo era enorme, como Franklin, que foi selecionado para ser um dos delegados da Pensilvânia, deixou claro em carta que enviou a Jefferson em Paris:

Nossa Constituição federal é em geral considerada defeituosa, e uma convenção, proposta inicialmente pela Virgínia e desde então recomendada pelo Congresso, deve se reunir aqui no próximo mês, para revisá-la e propor alterações [...] Se ela não fizer bem, causará danos, pois mostrará que não temos sabedoria suficiente entre nós para nos governarmos.¹⁶

Assim, eles se reuniram no verão anormalmente quente e úmido de 1787 para elaborar, no mais profundo segredo, uma nova Constituição americana que viria a ser a mais bem-sucedida já escrita por mão humana. Na famosa avaliação posterior de Jefferson, os homens que lá se reuniram formavam “uma assembleia de semideuses”. Talvez, mas principalmente jovens. Hamilton e Charles Pinckney tinham 29 anos. (Vaidoso em relação à idade, tanto quanto no que dizia respeito à sua riqueza, Pinckney fingiu não ter mais de 24, para que pudesse passar por ser o membro mais jovem, posição que na verdade pertencia a Jonathan Dayton, de Nova Jersey, com 26 anos.) Aos 81 anos, Franklin era o mais velho por quinze anos de diferença, e tinha exatamente o dobro da idade média dos demais participantes da convenção.¹⁷

Em 13 de maio, quando o general Washington chegou à cidade, seu primeiro ato foi visitar Franklin, que abriu sua sala de jantar nova, bem como um barril de cerveja escura para entretê-lo. Entre os muitos papéis que o célebre sábio da Filadélfia desempenhou na convenção estava o de anfitrião simbólico. Seu jardim com a sombra da amoreira, a apenas algumas centenas de metros da Assembleia, tornou-se uma pausa para os debates, um lugar onde os delegados podiam conversar enquanto tomavam chá, ouvir as histórias de Franklin e se acalmar para entrar num clima de compromisso. Entre os dezesseis murais grandiosos do Great Experiment Hall do Capitólio americano que representam cenas de importância histórica, desde o Pacto do Mayflower até as marchas das sufragistas, está uma cena em que Hamilton, Madison e James Wilson conversam com Franklin à sombra de sua amoreira.

Se sua saúde permitisse e a ambição desejasse, Franklin poderia ter sido a única pessoa, além de Washington, com chance de se tornar o presidente da convenção. Em vez disso, preferiu ser aquele a indicar Washington. Infelizmente, chuvas fortes e um ataque de pedras nos rins fizeram com que perdesse o dia de abertura, 25 de maio, então ele pediu a outro membro de sua delegação que indicasse Washington. Em seu diário da convenção, Madison registrou que “a indicação veio com particular cortesia da Pensilvânia, pois somente o dr. Franklin poderia ter sido pensado como concorrente”.

Na segunda-feira, 28 de maio, Franklin chegou para tomar o seu lugar em uma das catorze mesas-redondas no Salão Leste da Assembleia, onde havia passado tantos anos. De acordo com alguns relatos posteriores, foi uma entrada grandiosa: para minimizar sua dor, teria sido transportado da quadra de sua casa em uma liteira fechada que trouxera de Paris, carregada por quatro prisioneiros da prisão de Walnut Street. Eles seguraram a cadeira no alto de hastes flexíveis e caminharam lentamente para evitar qualquer encontro doloroso.¹⁸

O semblante benigno de Franklin, a graça venerável com que tomava seu lugar todas as manhãs e sua preferência por contar histórias oblíquas em vez de usar uma oratória argumentativa constituíam uma presença calmante. “Ele exhibe

todos os dias um espetáculo de benevolência transcendente ao comparecer pontualmente à convenção”, disse Benjamin Rush, que acrescentou que Franklin havia declarado que a convenção era “a assembleia mais augusta e respeitável em que ele jamais estivera”.

Franklin, às vezes, podia ser titubeante, um pouco fora de foco em seus discursos e ocasionalmente desconcertante em algumas de suas sugestões. Ainda assim, os delegados costumavam respeitá-lo e eram sempre condescendentes com ele. Essa mistura de sentimentos foi registrada de forma reveladora por William Pierce, um representante da Geórgia:

O dr. Franklin é bem conhecido por ser o maior filósofo da era atual; ele parece entender todas as operações da natureza, o próprio céu lhe obedece e as nuvens cedem seus raios para serem aprisionadas em sua vara. Mas suas qualidades de político, a posteridade deve determinar. É certo que não brilha muito em reuniões públicas. Não é um orador, nem parece deixar a política prender sua atenção. Porém, é um homem extraordinário, e conta uma história no estilo mais envolvente do que qualquer coisa que já ouvi.

Ao longo dos quatro meses que se seguiram, muitas das propostas caras a Franklin — um Legislativo unicameral, orações, um conselho executivo, em vez de presidente, nada de salários para os detentores de cargos — foram educadamente ouvidas e, às vezes, com um pouco de constrangimento, apresentadas. No entanto, ele levou para o plenário da convenção três pontos fortes incomparáveis e cruciais que o puseram no centro do compromisso histórico que salvou a nação.

Primeiro, ele se sentia muito mais confortável com a democracia do que a maioria dos delegados, que tendiam a considerar a palavra e o conceito mais perigosos do que desejáveis. “Os males que vivemos”, declarou Gerry Elbridge, de Massachusetts, “vêm do excesso de democracia.” O povo, acrescentou Roger Sherman, de Connecticut, “deve ter o mínimo possível a ver com o governo”. Franklin estava no outro extremo do espectro. Embora avesso ao poder da plebe, era a favor de eleições diretas, confiava no cidadão médio e resistia a qualquer coisa parecida com elitismo. A Constituição que havia elaborado para a Pensilvânia, com seu Legislativo de câmara única eleito pelo povo, era a mais democrática de todos os novos estados.

Em segundo lugar, ele era, de longe, o mais viajado dos delegados e conhecia não somente as nações da Europa, mas os treze estados, e entendia tanto o que eles tinham em comum quanto suas diferenças. No cargo de diretor dos correios, ajudara a unir a América. Era um dos poucos homens igualmente

em casa ao visitar as Carolinas ou Connecticut — lugares em que tivera gráficas franqueadas — e era capaz de discutir, como já havia feito, a agricultura de índigo com um plantador da Virgínia e comércio internacional com um mercador de Massachusetts.

O terceiro ponto — aquilo que viria a ser o mais importante de tudo — era que ele personificava o espírito de tolerância e o compromisso pragmático do Iluminismo. “Ambos os lados devem abandonar algumas de suas demandas”, pregou a certa altura, numa frase que seria o seu mantra. “Estamos aqui para *conferenciar*, não para *competir* uns com os outros”, disse em outro momento. “Sua postura surpreendentemente sincera mascarava uma personalidade muito complexa”, escreveu o historiador constitucional Richard Morris, “mas sua natureza acomodaticia conciliaria de quando em quando interesses discordantes.”¹⁹

Esses três atributos mostraram-se inestimáveis na resolução das questões centrais enfrentadas pela convenção. A maior delas era se a América permaneceria como treze estados separados ou se se tornaria uma nação, ou — se os semideuses fossem capazes de ser bastante engenhosos — alguma combinação mágica de ambos, como Franklin sugerira pela primeira vez em seu Plano de União de Albany, em 1754. Esse problema se manifestava de várias formas específicas: o Congresso seria eleito diretamente pelo povo ou escolhido pelos Legislativos estaduais? A representação se basearia na população ou seria igual para todos os estados? Quem seria soberano, o governo nacional ou os governos estaduais?

A América estava profundamente dividida a respeito desse conjunto de questões. Algumas pessoas — de início, Franklin estava entre elas — eram a favor da criação de um governo nacional supremo e da redução dos estados a um papel subordinado. Do outro lado, estavam aqueles fervorosamente contrários a qualquer entrega da soberania dos estados, que fora consagrada nos Artigos da Confederação. A convocação para a convenção declarava expressamente que seu propósito seria rever os artigos, não abandoná-los. Os defensores mais radicais dos direitos dos estados chegaram mesmo a se recusar a participar. “Sinto cheiro de trapaça”, declarou Patrick Henry. Samuel Adams justificou sua ausência dizendo: “Eu tropeço no limiar. Encontro um governo nacional, em vez de uma união federal de estados soberanos”.²⁰

A delegação da Virgínia, liderada por Madison e Edmund Randolph, chegou cedo à Filadélfia e tratou de fazer exatamente o que o lado do direito dos estados temia: propôs descartar os artigos inteiramente e começar de novo com uma nova Constituição, para um governo nacional forte. Ele seria encabeçado por uma poderosa Câmara de Deputados, eleitos diretamente pelo povo com base na representação proporcional. A Câmara selecionaria membros de uma Câmara Alta, o presidente e o Judiciário.

Havia muito tempo que Franklin defendia um Legislativo unicameral eleito diretamente, pois via poucas razões para pôr controles na vontade democrática do povo, e havia projetado um sistema assim na Pensilvânia. Mas em sua primeira semana, a convenção decidiu que isso era, de fato, democrático demais para uma considerável maioria. Madison registrou: “O Legislativo nacional deve consistir de dois ramos” foi aceito sem debate ou dissidência, exceto na Pensilvânia, provavelmente por complacência com o dr. Franklin, que, como era sabido, defendia uma única Casa de Legislação”. Uma modificação foi feita no plano da Virgínia. Para dar aos governos estaduais alguma participação no novo Congresso, os delegados decidiram que a Câmara Alta, chamada de Senado conforme o precedente romano, seria escolhida pelos Legislativos estaduais e não pela Câmara de Deputados. (Esse procedimento permaneceu em vigor até 1913.)²¹

A questão central, no entanto, continuava sem solução. Os votos nas Casas do Congresso seriam em proporção à população ou, conforme os Artigos da Confederação, iguais para cada estado? A disputa não era apenas filosófica, entre os defensores de um governo nacional forte e aqueles que eram a favor da proteção dos direitos dos estados. Era também uma luta pelo poder: os estados pequenos, como Delaware e Nova Jersey, temiam ser oprimidos pelos estados grandes, como Virgínia e Nova York.

O debate ficou acalorado, ameaçando romper a convenção, e, em 11 de junho, Franklin decidiu que era hora de tentar restaurar o espírito de compromisso. Ele havia escrito o seu discurso com antecedência e, devido à sua saúde, pediu que outro delegado o lesse em voz alta. “Até que essa questão [sobre] a proporção da representação se apresentasse diante de nós”, começava ele, “nossos debates se realizaram com grande frieza e calma.” Depois de fazer seu pedido para que os membros conferenciassem, em vez de competir, ele expressou um sentimento pregado durante grande parte de sua vida, a começar pelas regras que havia elaborado para sua Junta, sessenta anos antes, sobre os perigos de ser assertivo demais em debates. “Declarações de uma opinião fixa e de resolução determinada de nunca mudá-la não esclarecem nem nos convencem”, disse ele. “Positividade e calor de um lado, naturalmente, geram seus semelhantes do outro.” Ele estava pessoalmente disposto a rever muitas de suas opiniões, inclusive a conveniência de um Legislativo unicameral. Agora era o momento para que todos os membros cedessem a fim de entrar em acordo.

Franklin propunha algumas sugestões, algumas delas sensatas, outras um tanto estranhas. Ele defendia a ideia da representação proporcional com o exemplo histórico da Escócia, que, apesar da menor representação no Parlamento britânico, evitara ser esmagada pela Inglaterra. Então, com seu amor pelos detalhes, apresentava um conjunto extenso de cálculos matemáticos que demonstravam que os estados menores poderiam reunir votos suficientes

para igualar o poder dos maiores. Havia outras soluções a serem consideradas. Talvez os estados maiores pudessem dar um pouco de suas terras para os menores. “Se for considerado necessário diminuir a Pensilvânia, eu não me oporia a dar uma parte dela para Nova Jersey e outra para Delaware.” Mas, se isso fosse factível, ele sugeria uma opção ainda mais complexa: poderia haver contribuições fiscais iguais requisitadas de cada estado, e votos iguais no Congresso de cada estado sobre como gastar esse dinheiro, depois uma requisição suplementar dos estados maiores, com votos proporcionais no Congresso sobre como gastar esse fundo.²²

O discurso de Franklin era longo, complexo e, não raro, desconcertante. Tratava-se de sugestões sérias, ou algumas eram apenas discursos teóricos? Os membros pareciam não saber. Ele não apresentou nenhuma moção para votar sua sugestão de ajuste das divisas ou da criação de fundos de Tesouro separados, nem os outros delegados o fizeram. Mais importante do que suas ideias específicas era o tom de moderação e conciliação. Seu discurso, com sua abertura para novas ideias e ausência de advocacia unilateral, proporcionou um tempo para os ânimos esfriarem, e seu apelo por acordos criativos causou efeito.

Poucos minutos depois, Roger Sherman, de Connecticut, levantou-se para sugerir outra abordagem possível: a Câmara dos Deputados seria repartida pela população e o Senado teria votos iguais para cada estado. Samuel Johnson, do mesmo estado, explicou o raciocínio por trás do que se tornaria conhecido como o Compromisso de Connecticut. O novo país era, sob alguns aspectos, “uma sociedade política”, mas, sob outros, uma federação de estados separados; não obstante, esses dois conceitos não precisavam estar em conflito, pois podiam ser combinados como “metades de um todo único”. Houve, entretanto, pouca discussão sobre esse plano. Por uma votação de seis a cinco, a ideia foi rejeitada, ao menos naquele momento, em favor da representação proporcional em ambas as câmaras.

À medida que os dias ficavam ainda mais quentes, o mesmo acontecia com a disputa sobre a representação. William Paterson, de Nova Jersey, propôs outro plano, baseado na alteração dos artigos, no lugar de sua substituição, com um Legislativo unicameral em que cada estado, grande ou pequeno, teria um voto. Os estados maiores conseguiram derrotar essa ideia, mas o debate ficou tão intenso que um delegado de Delaware sugeriu que, se os estados grandes tentassem impor um governo nacional, “os pequenos encontrarão algum aliado estrangeiro de mais honra e boa-fé que os conduzirá e lhes fará justiça”.

Mais uma vez, era hora de Franklin tentar restaurar a equanimidade, e o fez de forma inesperada. Em discurso de 28 de junho, ele sugeriu que abrissem cada sessão com uma oração. Com a convenção “tateando como se estivesse no escuro para encontrar a verdade política, como aconteceu de não termos até agora pensado em pedir humildemente ao Pai luzes para iluminar nosso

entendimento?”. Então, ele acrescentou, em trecho destinado a se tornar famoso: “Quanto mais eu vivo, provas mais convincentes vejo desta verdade — que Deus governa nos assuntos dos homens. E se um pardal não pode cair ao chão sem seu conhecimento, será provável que um império possa se erguer sem sua ajuda?”.

Franklin acreditava, ainda mais à medida que envelhecia, em uma providência divina bastante geral e, às vezes, nebulosa: o princípio de que Deus tinha um interesse benevolente nos assuntos dos homens. Mas ele nunca mostrou muita fé na noção mais específica de providência especial, que sustentava que Deus interviria diretamente com base na oração pessoal. Então surge a pergunta: ele fez a proposta de oração devido a uma profunda fé religiosa ou a uma crença política pragmática de que esse procedimento incentivaria a calma nas deliberações?

Como de costume, provavelmente ele foi movido por um pouco de ambos, talvez sobretudo pelo último. Franklin nunca ficou conhecido por rezar em público e raramente frequentava a igreja. No entanto, considerou útil relembrar para aquela assembleia de semideuses que eles estavam na presença de um Deus muito maior, e que a história também estava de olho. Para ter sucesso, eles tinham de se impressionar com a magnitude de sua tarefa e ser humildes, não assertivos. Caso contrário, concluía, “seremos divididos pelos nossos pequenos e parciais interesses locais, nossos projetos serão confundidos, e nós mesmos nos tornaremos uma vergonha e objeto de desprezo para gerações futuras”.²³

Hamilton alertou que a contratação repentina de um capelão poderia levar a população assustada a pensar que “embaraços e dissensões no seio da convenção demandaram essa medida”. Franklin respondeu que um sentimento de alarme fora da sala poderia ajudar, em vez de prejudicar as deliberações dentro dela. Outra objeção foi levantada: não havia dinheiro para pagar a um capelão. A ideia foi rapidamente arquivada. Na parte inferior da sua cópia de seu discurso, Franklin anexou uma nota de pasmo: “A convenção, com exceção de três ou quatro pessoas, julgou desnecessárias as orações!”²⁴

Chegara o momento de Franklin propor medidas mais terrenas. Dois dias depois de seu discurso sobre oração — no sábado, 30 de junho —, ele ajudou a pôr em marcha o processo que romperia o impasse e, em grande medida, moldaria a nova nação. Outros haviam discutido compromissos, e agora chegava o momento de insistir em um deles e propô-lo.

Primeiro, Franklin expôs sucintamente o problema: “A diversidade de opiniões gira em torno de dois pontos. Se houver uma representação proporcional, os estados pequenos alegam que suas liberdades estarão em perigo. Se for instaurada uma igualdade de votos, os estados grandes acreditam que seu dinheiro estará em perigo”.

Depois, gentilmente enfatizou, numa analogia caseira que vinha de sua afeição por artesãos e pela construção, a importância do acordo: “Quando vai

fazer uma mesa larga e as bordas de pranchas não se encaixam, o artesão tira um pouco de ambas, e faz uma boa articulação. Da mesma forma, aqui, ambos os lados devem abdicar de algumas de suas exigências”.

Por fim, incorporou um acordo viável numa moção específica. Os representantes para a Câmara Baixa seriam eleitos pelo povo e repartidos de acordo com a população de cada estado, mas, no Senado, “os Legislativos dos diversos estados devem escolher e enviar um número igual de delegados”. A Câmara teria autoridade máxima sobre impostos e gastos, e o Senado, sobre a confirmação de autoridades executivas e assuntos de soberania.²⁵

A convenção tratou de nomear uma comissão, integrada por Franklin, para elaborar os detalhes desse acordo, e por uma votação apertada ele foi definitivamente adotado, em grande parte na forma proposta por ele no dia 16 de julho. “Essa foi a grande vitória de Franklin na convenção”, afirma Van Doren: “o fato de ter sido o autor do acordo que manteve a união dos delegados.”

Essa declaração talvez lhe atribua um mérito um pouco exagerado. Ele não foi o autor da ideia, nem o primeiro a sugerir-la. Ela veio de propostas de Sherman, representante de Connecticut, e de outros. Apesar disso, o papel que desempenhou foi crucial. Ele encarnou o espírito e lançou o apelo por um acordo, selecionou a opção mais palatável disponível e a refinou, redigiu a moção e escolheu o momento certo para apresentá-la. Seu prestígio, sua neutralidade e sua eminência tornaram mais fácil para todos engoli-la. O artesão havia tomado um pouco de todos os lados e fez uma articulação suficientemente boa para manter unida uma nação por séculos.

Poucos dias depois de ter apresentado seu acordo, Franklin recebeu alguns dos delegados para o chá em seu jardim, entre eles Elbridge Gerry, de Massachusetts, um importante cético da democracia irrestrita. Contudo, o jardim sombreado de Franklin era um lugar onde as controvérsias podiam ser esfriadas. Gerry convidou para acompanhá-lo um ministro de Massachusetts chamado Manasseh Cutler, uma figura corpulenta e simpática que estava na cidade para defender os projetos territoriais da Companhia de Ohio, que ajudara a fundar. Em seu diário, Cutler observou que “meus joelhos tremiam” diante da perspectiva de encontrar o célebre sábio, mas ele foi imediatamente posto à vontade pelo estilo desprezioso de Franklin. “Fiquei muito encantado com o amplo conhecimento que ele parecia ter de cada assunto, o brilho de sua memória e a clareza e vivacidade de todas as suas faculdades mentais, apesar de sua idade”, registrou Cutler. “Seus modos são perfeitamente agradáveis e tudo nele parece difundir uma liberdade irrestrita e felicidade. Ele tem uma veia humorística incessante, acompanhada por uma vivacidade incomum, que parece tão natural e involuntária quanto a respiração.”

Ao descobrir que Cutler era um botânico voraz, Franklin mostrou uma curiosidade que acabara de receber: uma cobra de 25 centímetros com duas

cabeças perfeitamente preservada em um frasco. Imagine o que aconteceria, Franklin especulou com humor, se uma cabeça da serpente tentasse ir para a esquerda de um galho e a outra cabeça fosse para a direita e elas não conseguissem entrar em acordo. Ele estava prestes a comparar isso com uma questão debatida havia pouco na convenção, mas alguns dos outros delegados o detiveram. “Ele parecia ter esquecido que tudo o que acontecia na convenção era para ser mantido em segredo profundo”, observou Cutler. “Mas o segredo de assuntos de convenções lhe foi sugerido, o que o deteve, e privou-me da história que ia contar.”

O argumento que Franklin estava prestes a apresentar era, sem dúvida, o mesmo sobre o qual falara na convenção estadual da Pensilvânia, em 1776, quando se manifestou contra um Legislativo bicameral, pois poderia ser vítima do destino da lendária cobra de duas cabeças que morreu de sede quando suas cabeças não chegaram a um acordo a respeito de que lado passar por um galho. Com efeito, em um artigo que escreveu em 1789 exaltando o Legislativo unicameral da Pensilvânia, ele se referiu novamente ao que chamou de “a famosa fábula política da cobra de duas cabeças”. Não obstante, ele acabara por aceitar que, na forjadura do acordo necessário para criar um Congresso nacional, duas cabeças podiam ser melhores do que uma.²⁶

Em outras questões, Franklin em geral também era favorável a menos restrições à democracia direta. Ele se opôs, por exemplo, a conceder ao presidente o poder de vetar atos do Congresso, que via como o repositório da vontade do povo. Lembrou aos delegados que os governadores coloniais haviam usado esse poder para extorquir mais influência e dinheiro sempre que o Legislativo queria a aprovação de uma medida. Quando Hamilton se manifestou a favor de tornar o presidente um quase monarca a ser escolhido para o resto da vida, Franklin observou que ele mesmo fornecia a prova viva de que a vida de uma pessoa, às vezes, durava mais do que seu auge físico e mental. Em vez disso, seria mais democrático relegar o presidente ao papel de cidadão comum depois de seu mandato. O argumento de que “o retorno à massa do povo era degradante”, disse ele, “era contrário aos princípios republicanos. Nos governos livres, os governantes são servos, e o povo, seu superior e soberano. Para eles, portanto, voltar a viver entre o povo não é se degradar, mas ser promovido”.

Da mesma forma, defendeu que o Congresso devia ter o poder de destituir o presidente. No passado, quando o impeachment não era possível, o único método que o povo tinha para remover um governante corrupto era o assassinato, “no qual ele era privado não somente de sua vida, como também da oportunidade de defender seu caráter”. Franklin achava igualmente que seria mais democrático se o poder executivo ficasse nas mãos de um pequeno conselho, como acontecia na Pensilvânia, e não nas de um único indivíduo. Tratava-se de um debate difícil de ser promovido diante de Washington, pois a

suposição geral era de que ele seria o primeiro presidente. Então Franklin observou com diplomacia que o primeiro homem a assumir o cargo provavelmente seria benevolente, mas a pessoa que viesse a seguir (quicá desconfiasse que pudesse ser John Adams) talvez nutrisse tendências mais autocráticas. Nessa questão, Franklin perdeu, no entanto a convenção decidiu institucionalizar o papel do gabinete ministerial.

Ele também defendeu, sem sucesso, a eleição direta de juizes federais, e não mediante sua escolha pelo presidente ou pelo Congresso. Como de costume, defendeu sua posição contando uma história. Era a prática na Escócia que os juizes fossem indicados pelos advogados daquele país, que sempre selecionavam o mais hábil da profissão, a fim de livrar-se dele e compartilhar entre eles seu escritório. Nos Estados Unidos, seria no melhor interesse dos eleitores “fazer a melhor escolha”, que era como deveria ser.²⁷

Muitos delegados acreditavam firmemente que apenas aqueles que possuíam propriedade substancial deveriam ser elegíveis para cargos, como era o caso na maioria dos estados, exceto a Pensilvânia. O jovem Charles Pinckney, da Carolina do Sul, chegou a propor que a exigência de riqueza para presidente deveria ser de 100 mil dólares, até que lhe disseram que isso poderia excluir Washington. Franklin ergueu-se e, nas palavras de Madison, “expressou seu desagrado em relação a tudo o que tende a rebaixar o espírito das pessoas comuns”. Suas sensibilidades democráticas eram ofendidas por qualquer sugestão de que a Constituição “traísse uma grande parcialidade em favor dos ricos”. Ao contrário, disse ele, “alguns dos maiores vilões que conheci eram os mais ricos”. Da mesma forma, manifestou-se contra requisitos de propriedade para ter o direito a voto. “Não devemos diminuir a virtude e o espírito público de nossas pessoas comuns.” Nessas questões, teve sucesso.²⁸

Em apenas uma questão Franklin assumiu o que poderia ser considerada a posição menos democrática, embora ele não a reconhecesse como tal. As autoridades federais, segundo ele, não deveriam ter remuneração. Em *The Radicalism of the American Revolution* [O radicalismo da Revolução Americana], o historiador Gordon Wood sustenta que a proposta de Franklin refletia os “sentimentos clássicos da liderança aristocrática”. Até John Adams, cuja visão era, em geral, menos democrática, escreveu de Londres que, com essa política, “todos os cargos seriam monopolizados pelos ricos, as fileiras pobres e médias seriam excluídas e se seguiria imediatamente um despotismo aristocrático”.

Franklin, acredito, não tinha a intenção de que sua proposta fosse elitista ou excludente; ele a considerava uma maneira de limitar influências corruptoras. Em suas muitas cartas sobre o tema, Franklin nunca cogitou, embora devesse, que seu plano poderia limitar os cargos àqueles que podiam se dar ao luxo de trabalhar de graça. Com efeito, parecia bastante inconsciente desse argumento.

Fundamentava sua posição em sua fé nos cidadãos voluntários e em sua velha crença de que a busca do lucro havia corrompido o governo inglês. Essa foi a argumentação que apresentou em uma troca de cartas com William Strahan três anos antes, e ele usou quase exatamente a mesma linguagem no plenário da convenção:

Há duas paixões que têm uma forte influência nos assuntos dos homens. São a *ambição* e a *avareza*, o amor pelo poder e o amor pelo dinheiro. Separadamente, cada uma delas tem grande força para instigar os homens à ação; mas, quando unidas em vista de um mesmo objeto, elas provocam no espírito de muitos os efeitos mais violentos [...] E de que tipo são os homens que se empenham por essa preeminência lucrativa, por meio de toda a azáfama da cabala, o calor da disputa, a infinita agressão mútua de partidos, rasgando em pedaços os melhores caracteres? Não serão os sábios e moderados, os amantes da paz e da boa ordem, os homens mais aptos para a confiança. Serão os audazes e os violentos, os homens de paixões fortes e atividade incansável em suas buscas egoístas.

No que dizia respeito a essa questão, ele não encontrou quase nenhum apoio, e a ideia foi posta de lado, sem debate. “Foi tratada com grande respeito”, registrou Madison, “mas antes pelo seu autor do que por qualquer convicção de sua conveniência ou praticidade.”²⁹

Durante o verão longo e quente, houve algumas ocasiões para humor. O governador Morris, da Pensilvânia, que escrevia com uma pena tensa e séria, mas, às vezes, agia como o bobo da corte do Congresso, foi desafiado por Hamilton, pelo preço de um jantar, a dar um tapa no ombro do austero e intimidador Washington e dizer: “Meu caro general, como estou feliz de ver que o senhor está com uma aparência tão boa!”. Morris fez isso; porém, depois de aguentar a expressão do rosto de Washington, declarou que não o faria de novo, nem por mil jantares. Elbridge Gerry, ao argumentar contra um grande exército permanente, o comparou lascivamente a um pênis ereto: “Uma excelente garantia de tranquilidade doméstica, mas uma perigosa tentação de aventura no estrangeiro”³⁰

Quando tudo acabou, muitos acordos tinham sido feitos, inclusive sobre a questão da escravidão. Alguns membros estavam aflitos porque achavam que o resultado usurpava demais a soberania dos estados, outros porque achavam que não fora criado um governo nacional suficientemente forte. O rabugento Luther Martin, de Maryland, disse com desprezo que eles haviam inventado uma

“miscelânea perfeita” e foi embora antes da votação final.

Ele estava certo, exceto em seu desprezo desdenhoso. A miscelânea era, na verdade, o mais próximo da perfeição que os mortais poderiam ter alcançado. Desde suas profundas primeiras três palavras — “Nós, o povo” — até os compromissos e contrapesos cuidadosamente calibrados que se seguiam, ela criava um engenhoso sistema em que o poder do governo nacional e aquele dos estados derivavam diretamente da cidadania. E, assim, cumpria o lema que estava no Grande Selo da nação, sugerido por Franklin, em 1776: *E Pluribus Unum*, de todos, um.

Com a sabedoria de um jogador de xadrez paciente e a praticidade de um cientista, Franklin percebeu que eles tinham obtido sucesso, não porque fossem seguros de si, mas porque estavam dispostos a admitir que poderiam ser falíveis. “Estamos fazendo experiências na política”, escreveu a La Rochefoucauld. Para Du Pont de Nemours, confessou: “Não devemos esperar que um novo governo possa ser formado como um jogo de xadrez pode ser jogado, por uma mão hábil, sem nenhuma falha”.³¹

O triunfo final de Franklin foi expressar esses sentimentos com um charme irônico, embora poderoso, no notável discurso de encerramento da convenção. Trata-se de um testemunho da virtude da tolerância intelectual e do mal da infalibilidade presumida, que proclama para sempre o credo esclarecido que se tornou fundamental para a liberdade dos Estados Unidos. São as palavras mais eloquentes que Franklin escreveu — e talvez as melhores já escritas por alguém sobre a magia do sistema americano e o espírito de compromisso que o criou:

Confesso que não aprovo inteiramente esta Constituição no momento; mas, senhor, não tenho certeza de que nunca a aprovarei, pois, depois de ter vivido muito, experimentei muitas situações em que fui obrigado, em razão de melhores informações ou de consideração mais plena, a mudar de opinião, mesmo sobre temas importantes, que antes eu julgava certa, mas descobri que não era. É por isso que, quanto mais velho fico, mais propenso estou a duvidar de meu próprio julgamento e a respeitar mais o juízo dos outros.

Na verdade, a maioria dos homens, bem como a maioria das seitas religiosas, julga-se na posse de toda a verdade e, sempre que os outros discordam deles, trata-se de um erro. Steele, um protestante, em uma inauguração, diz ao papa que a única diferença entre as nossas duas Igrejas na opinião delas mesmas sobre a certeza de suas doutrinas é que a Igreja de Roma é infalível, e que a Igreja da Inglaterra nunca está errada.

Mas, embora muitas pessoas pensem quase tão bem de sua própria infalibilidade quanto a de sua seita, poucas expressam isso de forma tão natural como certa senhora francesa que, em uma pequena discussão com sua irmã, disse: “Eu não sei como isso acontece, irmã, mas não encontro ninguém, exceto eu mesma, que esteja *sempre* com a razão”.

Com esses sentimentos, senhor, concordo com esta Constituição, com todos os seus defeitos — se de fato o são — porque acho que um governo geral é necessário para nós [...] Duvido, também, que alguma outra convenção que consigamos obter possa ser capaz de fazer uma Constituição melhor, pois, quando reunimos um grupo de homens para ter a vantagem da sabedoria conjunta deles, inevitavelmente reunimos com aqueles homens todos os seus preconceitos, suas paixões, seus erros de opinião, seus interesses locais e suas opiniões egoístas. De tal assembleia, pode-se esperar uma produção perfeita?

Por isso, espanta-me, senhor, ver este sistema se aproximar tão perto da perfeição quanto ele o faz, e penso que vai espantar nossos inimigos, que esperam confiantemente ouvir dizer que nossos conselhos são confusos como os dos construtores de Babel, e que os nossos estados estão à beira da separação, somente para se encontrarem depois com o objetivo de cortar o pescoço uns dos outros. Assim, consinto, senhor, com esta Constituição porque não espero melhor, e porque não tenho certeza de que não é a melhor.

Ele concluía pedindo que, “para o bem da nossa posteridade, devemos agir com cordialidade e por unanimidade”. Para tanto, apresentou uma moção para que a convenção adotasse o dispositivo de declarar que o documento tinha sido aceito por todos os estados, o que permitiria que até a minoria de delegados que dele discordava o assinasse. “Não posso deixar de expressar o desejo de que todos os membros da convenção que ainda possam ter objeções a ele, que, comigo, nesta ocasião, duvidem um pouco de sua própria infalibilidade e tornem manifesta nossa unanimidade, apondo seu nome neste instrumento.”³²

E foi assim que, quando Franklin terminou, a maioria dos delegados, mesmo aqueles que tinham dúvidas, acatou seu apelo e se enfileirou por delegação estadual para a assinatura histórica. Enquanto faziam isso, Franklin voltou sua atenção para o sol esculpido nas costas da cadeira de Washington e observou que muitas vezes os pintores achavam difícil distinguir em sua arte o sol nascente do poente. “Com frequência, no decurso da sessão e das vicissitudes de

minhas esperanças e temores a respeito dessa questão, olhei para as costas do presidente sem conseguir dizer se ele estava nascendo ou se pondo. Mas agora tenho finalmente a felicidade de saber que é um sol nascente, e não poente.”

De acordo com uma história registrada por James McHenry, de Maryland, ele deixou clara sua posição de forma sucinta para uma senhora ansiosa de sobrenome Powel, que o abordou fora do salão. Que tipo de governo, ela perguntou, os senhores delegados nos deram? Ao que ele respondeu: “Uma república, minha senhora, se vocês conseguirem mantê-la”.³³

O historiador Clinton Rossiter chamou o discurso de encerramento de Franklin de “o desempenho mais notável de uma vida notável”, e a pesquisadora de Yale Barbara Oberg o considera “o ponto culminante da vida de Franklin como propagandista, persuasor e adular de pessoas”. Com seu uso hábil e autodepreciativo de negativas duplas — “Não tenho certeza de que nunca a aprovarei”, “Não tenho certeza de que não é a melhor” —, ele enfatizava a humildade e o apreço pela falibilidade humana que eram necessários para formar uma nação. Os oponentes acusaram a abordagem transigente de Franklin de falta de princípios, entretanto era esse o cerne de sua mensagem. “Uma defesa da transigência”, destaca Oberg, “não é a matéria de que são feitos o heroísmo, a virtude ou a certeza moral. Mas é a essência do processo democrático.”³⁴

Ao longo de sua vida, Franklin, por seus pensamentos e atividades, ajudou a lançar as bases da república democrática que essa Constituição consagrava. Quando jovem, ele ensinou seus colegas comerciantes a se tornarem diligentes, virtuosos e cidadãos responsáveis. Depois, tentou alistá-los em associações — Juntas, bibliotecas, bombeiros, patrulhas de bairro e milícias — para seu benefício mútuo e para o bem comum da comunidade. Mais tarde, criou redes, do serviço postal à Sociedade Filosófica Americana, concebidas para promover as conexões que integrariam uma nação emergente. Por fim, na década de 1750, começou a insistir que as colônias ganhassem força por meio da unidade, da defesa conjunta de objetivos comuns de uma maneira que ajudou a moldar uma identidade nacional.

Desde aquela época, ele foi fundamental na formulação de todos os documentos importantes que levaram à criação da nova república. Foi o único a assinar todos os quatro documentos fundadores: a Declaração de Independência, o tratado com a França, o acordo de paz com a Grã-Bretanha e a Constituição. Além disso, criou o primeiro projeto federal para a América, o plano não cumprido de Albany de 1754, em que os estados separados e um governo nacional teriam partilhado o poder. E os Artigos da Confederação que propôs em 1775 estavam mais próximos da Constituição final do que os fracos e malfadados artigos alternativos adotados em 1781.

A Constituição, escreveu Henry May em seu livro *The Enlightenment in*

America [O Iluminismo na América], refletia “todas as virtudes do Iluminismo moderado, e também um de seus defeitos: a crença de que tudo pode ser resolvido por compromisso”. Para Franklin, que encarnava o Iluminismo e seu espírito de compromisso, isso não era um defeito. Para ele, a solução conciliatória não era uma abordagem somente prática, mas também moral. Tolerância, humildade e respeito pelos outros a exigiam. Por mais de dois séculos, em quase todas as questões esse suposto defeito serviu muito bem à Constituição e à nação que ele formou. Havia apenas uma grande questão que não poderia, então ou mais tarde, ser resolvida por um acordo constitucional: a escravidão. E essa foi, com efeito, a questão diante da qual Franklin, quando sua vida se aproximava do fim, optou por ter uma posição inflexível.³⁵

FIM DE JOGO

O papel de Franklin no milagre da Filadélfia poderia ter sido um final apropriado para alguém que passou a vida criando a possibilidade de uma república livre e democrática, e para a maioria das pessoas, ou pelo menos para a maioria das pessoas de sua época que se aproximavam dos 82 anos, isso teria sido suficiente para saciar qualquer ambição. Agora, ele poderia, se quisesse, se retirar da vida pública, consciente de que era amplamente venerado e sobrevivera a todos os inimigos. Não obstante, um mês depois de apresentar pessoalmente uma cópia da nova Constituição federal à Assembleia da Pensilvânia, Franklin aceitou a reeleição para um terceiro mandato de um ano de presidente do estado. “Era a minha intenção recusar a presidência por mais um ano, para que pudesse ter a liberdade de fazer uma viagem a Boston na primavera”, escreveu à irmã. “Já tenho mais de cinquenta anos como empregado em cargos públicos.”

Na verdade, ele nunca mais viajaria nem veria sua irmã novamente. Suas pedras nos rins e a saúde dela, ele observou, fizeram com que tivessem de se satisfazer com cartas, em vez de visitas. Além disso, como Franklin admitiu francamente, seu orgulho ainda o fazia apreciar o reconhecimento público: “Não é pequeno prazer para mim, e acho que isso dará prazer à minha irmã, que, depois dessa longa provação, eu tenha sido eleito pela terceira vez pelos meus concidadãos. Essa confiança ilimitada e universal de todo um povo lisonjeia minha vaidade muito mais do que um título de nobreza poderia fazer”.

As cartas de Franklin para sua irmã estavam cheias de comentários sinceros desse tipo, especialmente durante seus últimos anos. A certa altura, ele rezingou que “sua agência dos Correios é muito mal administrada” e criticou a propensão dela para entrar em disputas pequenas. Isso levou a um comentário

divertido sobre como os Franklin “estavam sempre sujeitos a ser um pouco melindrosos”. O que havia acontecido, ele perguntou, com os primos Folger de Nantucket? “Eles são maravilhosamente tímidos. Mas admiro a simplicidade honesta da fala deles. Há cerca de um ano, convidei dois deles para jantar comigo. A resposta foi que viriam — se não pudessem melhorar. Acho que melhoraram, pois nunca mais os vi.”³⁶

Para Noah Webster, o lexicógrafo famoso que lhe dedicou seu *Dissertations on the English Language* [Dissertações sobre a língua inglesa], Franklin lamentava o uso frouxo de novas palavras que infectavam o idioma, uma queixa comum de escritores rabugentos, mas um pouco atípica do jovial Franklin, que outrora sentira prazer em inventar novas palavras inglesas e, com ainda mais prazer, divertia as damas de Paris com novas palavras francesas.

Descobri um verbo formado a partir do substantivo *notice*: “Eu não devia ter *noticed* isso, se não fosse um cavalheiro que etc.”. Também outro verbo do substantivo *advocate*: “O cavalheiro que *advocates* ou que *advocated* aquela moção etc.”. Outra do substantivo *progress*, a mais desajeitada e abominável das três: “a comissão, tendo *progressed*, resolveu adiar...”. Se por acaso concordar com minha opinião em relação a essas inovações, você usará sua autoridade para reprová-las.³⁷

Finalmente ele também voltou a trabalhar em sua autobiografia. Havia escrito 87 páginas em Twyford, em 1771, depois acrescentara mais doze em Passy, em 1784. Escrevendo constantemente de agosto 1788 a maio do ano seguinte, terminou mais 119 páginas, que o levaram até sua chegada à Inglaterra no cargo de agente colonial. “Omito todos os fatos e transações que podem não ter uma tendência a beneficiar o leitor jovem”, escreveu a Vaughan. Seu propósito ainda era oferecer um manual de autoajuda para a ambiciosa classe média americana, descrevendo “o meu sucesso em sair da pobreza” e “as vantagens de certos modos de conduta que observei”³⁸

Enfrentava agora uma dor cada vez mais forte causada pelas pedras nos rins e recorreu ao uso de láudano, uma tintura de ópio e álcool. “Sou interrompido por uma dor extrema que me obriga a recorrer ao ópio e, entre os efeitos de ambos, tenho pouco tempo para escrever alguma coisa”, queixou-se a Vaughan. Temia também que o que escrevera não valesse a pena publicar: “Dê-me sua opinião sincera se é melhor publicá-lo ou suprimi-lo, porque estou tão velho e fraco de espírito, bem como de corpo, que não posso pôr confiança alguma em meu próprio juízo”. Ele começara a ditar o trabalho para Benny, em

vez de escrever à mão, mas só conseguiu completar mais algumas páginas.

Os amigos lhe enviaram vários remédios caseiros para pedras nos rins, inclusive Vaughan, cuja sugestão de que uma pequena dose de cicuta poderia funcionar divertiu Franklin. Às vezes, ele conseguia ser bem-humorado a respeito de seus males e repetia sua máxima de que aqueles que “bebem até o fundo do copo devem esperar encontrar alguns sedimentos”, como fez com sua velha amiga Elizabeth Partridge, a quem disse que ainda estava “brincando, rindo e contando histórias alegres, como quando você me conheceu, um rapaz perto dos cinquenta”.³⁹

No entanto, Franklin estava se conformando com o fato de que não tinha muito mais tempo de vida, e suas cartas assumiram um tom bem-disposto de despedida. “Até agora, esta longa vida tem sido razoavelmente feliz”, escreveu a Caty Ray Greene, a garota que havia conquistado sua mente e seu coração 35 anos antes. “Se me fosse permitido viver tudo de novo, não faria nenhuma objeção, apenas desejando que me deixassem fazer o que os autores fazem em uma segunda edição das suas obras: corrigir algumas de minhas erratas.” Naquele ano, quando Washington assumiu a presidência, Franklin escreveu-lhe que estava contente por ainda estar vivo: “Para meu alívio pessoal, eu deveria ter morrido há dois anos, mas, embora esses anos tenham sido passados com dor excruciante, estou satisfeito por tê-los vivido, já que me permitiram ver nossa situação atual”.⁴⁰

Ele também estava animado a respeito da revolução que brotava em sua amada França. A explosão de sentimentos democráticos estava produzindo “malfeitos e problemas”, observou, mas ele supunha que isso levaria a uma democracia maior e, por fim, a uma boa Constituição. Assim, a maioria de suas cartas para seus amigos franceses era inapropriadamente alegre. “Você ainda está vivo?”, escreveu ao cientista Jean-Baptiste Le Roy, seu amigo e vizinho de Passy, no final de 1789. “Ou a multidão de Paris confundiu a cabeça de um monopolizador do conhecimento com um monopolizador de trigo e desfilou com ela pelas ruas no alto de uma estaca?” (Foi também nessa carta que ele fez a famosa observação de que “Nada pode ser considerado certo, exceto a morte e os impostos”.) Ele tranquilizou Louis-Guillaume le Veillard, seu vizinho e amigo mais próximo em Passy, que era tudo para o bem. “Quando a fermentação acabar e as partes preocupantes diminuírem, o vinho vai ficar bem e bom, e alegrar o coração daqueles que o beberem.”⁴¹

Franklin estava errado, tristemente errado, a respeito da Revolução Francesa, embora não viesse a viver o suficiente para saber disso. Le Veillard logo perderia a vida na guilhotina. O mesmo aconteceria com o químico Lavoisier, que havia trabalhado com ele na investigação sobre Mesmer. Condorcet, o economista que acompanhara Franklin aos seus encontros famosos com Voltaire, seria preso e morreria envenenado na cela. E La Rochefoucauld,

que traduzira as constituições de Estados para Franklin e mantivera com ele uma correspondência animada desde sua partida, seria apedrejado até a morte pela turba.

ESCRavidÃO

No último ano de sua vida, Franklin se lançaria numa derradeira missão pública, uma cruzada moral que ajudaria a melhorar uma das poucas manchas de uma vida dedicada à luta pela liberdade. Durante grande parte do século XVIII, a escravidão fora uma instituição que poucos brancos questionaram. Até mesmo na Filadélfia fraternal, a posse de escravos continuou a crescer até por volta de 1760, quando quase 10% da população da cidade era composta de escravos. Mas as opiniões começaram a evoluir, especialmente depois das palavras categóricas da Declaração de Independência e dos difíceis acordos da Constituição. George Mason, da Virgínia, embora possuísse duzentos escravos, chamou a instituição de “perniciosa” na Convenção Constitucional e declarou que “todo senhor de escravos é um pequeno tirano; eles fazem o juízo dos céus cair sobre um país”.

As concepções de Franklin também vinham evoluindo. Como vimos, ele tivera um ou dois escravos domésticos durante grande parte de sua vida e, quando jovem editor, publicara anúncios de venda de escravos. Entretanto também havia publicado, em 1729, um dos primeiros artigos da nação contra a escravidão e entrara para os Associados do Dr. Bray, cujo objetivo era fundar escolas para negros na América. Deborah matriculara seus criados domésticos na escola da Filadélfia e, depois de visitá-la, Franklin expressara suas “opiniões mais elevadas a respeito das capacidades naturais da raça negra”. Em “Observações sobre o crescimento da humanidade”, de 1751, ele atacou com energia a escravidão, mas principalmente de uma perspectiva econômica, e não moral. Na década de 1770, ao expressar simpatia pelo abolicionista da Filadélfia Anthony Benezet, concordara que a importação de novos escravos deveria terminar imediatamente, porém restringiu seu apoio à abolição definitiva dizendo que ela deveria vir “a seu tempo”. Na função de agente da Geórgia em Londres, defendera o direito dessa colônia de manter escravos. Mas pregou, em artigos como “O caso de Somerset e o tráfico de escravos”, de 1772, que um dos grandes pecados cometidos pela Grã-Bretanha contra a América era impingir-lhe a escravidão.

A conversão de Franklin culminou em 1787, quando aceitou a presidência da Sociedade da Pensilvânia para a Promoção da Abolição da Escravatura. O grupo tentou persuadi-lo a apresentar uma petição contra a escravidão na

Convenção Constitucional, mas, sabendo das delicadas negociações que estavam em andamento entre o Norte e o Sul, ele se manteve em silêncio sobre o assunto. Depois, no entanto, passou a manifestar-se abertamente.

Um dos argumentos contra a abolição imediata que Franklin até então aceitara era que não era prático ou seguro libertar centenas de milhares de escravos adultos em uma sociedade para a qual não estavam preparados. (Havia cerca de 700 mil escravos nos Estados Unidos, em uma população total de 4 milhões, em 1790.) Assim, sua sociedade abolicionista se dedicava não somente a libertar escravos, como também a ajudá-los a se tornarem bons cidadãos. “A escravidão é um aviltamento tão atroz da natureza humana que sua própria extirpação, se não for feita com cuidado, pode se tornar fonte de graves males”, escreveu Franklin em uma palestra de novembro de 1789 para o público da Sociedade. “O homem infeliz, tratado há muito como animal, com muita frequência afunda abaixo do padrão comum da espécie humana. As cadeias torturantes que prendem seu corpo também acorrentam suas faculdades intelectuais e prejudicam as afeições sociais de seu coração.”

Como era típico de Franklin, ele elaborou para a sociedade um estatuto e procedimentos meticulosamente detalhados “para melhorar a condição dos negros livres”. Haveria uma comissão de 24 pessoas dividida em quatro subcomissões:

- Uma Comissão de Inspeção, que deverá supervisionar a moral, a conduta geral e a situação comum dos negros livres e oferecer-lhes conselhos e instruções [...]
- Uma Comissão de Guardiões, que deverá colocar crianças e jovens com pessoas adequadas, para que possam (durante um tempo moderado de aprendizagem ou servidão) aprender algum ofício ou outros negócios [...]
- Uma Comissão de Educação, que deverá supervisionar a instrução escolar das crianças e jovens dos negros livres. Ela pode influenciá-los a frequentar regularmente as escolas já estabelecidas na cidade, ou criar outras com esse objetivo [...]
- Uma Comissão de Emprego, que deverá empenhar-se em conseguir emprego constante para aqueles negros livres que são capazes de trabalhar, pois a falta disso causará pobreza, ociosidade e muitos hábitos viciosos.⁴²

Em nome da Sociedade, Franklin apresentou uma petição formal de

abolição ao Congresso, em fevereiro de 1790. “A humanidade é toda criada pelo mesmo Ser Todo-Poderoso, objeto igual de seus cuidados, e igualmente concebida para o gozo da felicidade”, declarava o documento. O dever do Congresso era garantir “as bênçãos da liberdade ao Povo dos Estados Unidos”, e isso deveria ser feito “sem distinção de cor”. Portanto, o Congresso deveria conceder “liberdade para aqueles homens infelizes que são os únicos, nesta terra de liberdade, degradados na servidão perpétua”.⁴³

Franklin e sua petição foram severamente criticados pelos defensores da escravidão, com destaque para o congressista James Jackson, da Geórgia, que declarou no plenário da Câmara que a Bíblia havia sancionado a escravidão e, sem ela, não haveria ninguém para fazer o trabalho duro e quente nas fazendas agrícolas. Era a deixa perfeita para a última grande paródia de Franklin, escrita meses de um mês antes de sua morte.

Ele iniciara sua carreira literária 68 anos antes, quando era um aprendiz de dezesseis anos de idade e fingiu ser uma viúva recatada chamada Silence Dogood; depois, fez uma carreira de esclarecimento de leitores com embustes semelhantes, tais como “O julgamento de Polly Baker” e “Um édito do rei da Prússia”. No espírito do último desses ensaios, publicou anonimamente em um jornal local, com as devidas citações de fonte eruditas, um discurso supostamente feito por um membro do divã de Argel, cem anos antes.

O texto tinha uma semelhança mordaz com o discurso do deputado Jackson. “Deus é grande, e Maomé é seu profeta”, começava de forma realista. Em seguida, passava a atacar a petição de uma seita purista que pedia o fim da prática de capturar e escravizar cristãos europeus para trabalhar na Argélia: “Se nos abstermos de fazer escravos de seu povo, quem neste clima quente cultivará nossas terras? Quem executará os trabalhos comuns de nossa cidade, e em nossas famílias?”. O fim da escravidão de “infieis” faria com que o valor da terra caísse e os arrendamentos despencassem pela metade.

Quem indenizará seus senhores por suas perdas? O Estado fará isso? Nosso Tesouro é suficiente? [...] E se libertarmos nossos escravos, o que deve ser feito com eles? Poucos deles retornarão aos seus países; eles conhecem muito bem os sofrimentos maiores a que estarão sujeitos lá; eles não abraçarão nossa santa religião, não adotarão nossos costumes; nosso povo não se poluirá casando-se com eles. Devemos mantê-los como mendigos em nossas ruas, ou nossas propriedades serão a presa de sua pilhagem? Pois homens acostumados há tanto tempo à escravidão não trabalharão para ganhar o sustento se não forem obrigados a isso.

E o que há de tão lamentável em sua condição atual? [...] Aqui eles

são levados para uma terra onde o sol do islamismo emite sua luz e brilha em todo o seu esplendor, e eles têm oportunidade de conhecer a verdadeira doutrina e, assim, salvar sua alma imortal [...] Ao sermos servidos por eles, tomamos o cuidado de proporcionar-lhes tudo, e eles são tratados com humanidade. Os trabalhadores em seu próprio país são, como estou bem informado, mais mal alimentados, alojados e vestidos [...].

Como estão grosseiramente equivocados ao imaginar que a escravidão é desaprovada pelo Alcorão! Não são os dois preceitos, para não citar mais, “senhores, tratai seus escravos com bondade; escravos, servi seus mestres com alegria e fidelidade”, provas claras em contrário? [...] Então, não ouçamos mais esta proposição detestável, a alforria dos escravos cristãos, cuja adoção, ao depreciar nossas terras e casas e, assim, privar tantos bons cidadãos de suas propriedades, cria um descontentamento universal e provoca insurreições.⁴⁴

Em sua paródia, Franklin registra que o divã argelino acabou por rejeitar a petição. O Congresso, do mesmo modo, decidiu que não tinha autoridade para agir a respeito da petição de Franklin pela abolição.

PARA A CAMA

Não é surpresa que, no final da vida, muitas pessoas fazem um inventário de suas crenças religiosas. Franklin jamais aderiu totalmente a uma Igreja nem subscreveu um dogma sectário; ele achava mais útil concentrar-se em assuntos terrenos do que nas questões espirituais. Em 1757, quando escapou por pouco de um naufrágio nas proximidades da costa inglesa, brincou com Deborah: “Se eu fosse católico romano, talvez devesse nesta ocasião prometer construir uma capela para algum santo; mas, como não sou, se fosse fazer uma promessa, seria a de construir um farol”. Da mesma forma, em 1785, quando uma cidade de Massachusetts decidiu chamar-se Franklin e lhe pediu a doação de um sino para a igreja, ele lhes disse para abandonarem a torre e construir uma biblioteca, para a qual enviou “livros em vez de um sino, o juízo sendo preferível ao som”.⁴⁵

À medida que envelhecia, a fé amorfa de Franklin em um Deus benevolente parecia tornar-se mais firme. “Se não fosse pela justiça de nossa causa e pela consequente interposição da Providência, em que tivemos fé, deveríamos ter nos arruinado”, escreveu a Strahan depois da guerra. “Se em

algum momento fui ateu, deveria estar agora convencido da Existência e do governo de uma Divindade!”⁴⁶

Seu apoio à religião tendia a basear-se em sua crença de que ela era útil e prática para fazer as pessoas se comportarem melhor, e não porque fosse divinamente inspirada. Ele escreveu uma carta, enviada possivelmente em 1786 a Thomas Paine, em resposta a um manuscrito que ridicularizava a devoção religiosa. Franklin implorou ao destinatário que não publicasse seu tratado herético, porém fez isso alegando que os argumentos poderiam ter efeitos práticos nocivos, e não porque fossem falsos. “Você mesmo pode achar fácil levar uma vida virtuosa sem a assistência oferecida pela religião”, dizia ele, “mas pense como uma grande proporção da humanidade consiste de homens e mulheres fracos e ignorantes, e de jovens inexperientes e desatenciosos de ambos os sexos, que precisam de motivos religiosos para impedi-los do vício.” Além disso, observava ele, as consequências pessoais para o autor seriam provavelmente odiosas. “Quem cospe contra o vento cospe no próprio rosto.” Se a carta foi de fato dirigida a Paine, ela foi eficaz. Havia tempos que ele formulava o ataque virulento contra a fé religiosa organizada, que intitularia mais tarde *A idade da razão*, no entanto segurou sua publicação por mais sete anos, até perto do final da vida.⁴⁷

O papel religioso mais importante que Franklin desempenhou — extremamente importante na formação de sua nova república esclarecida — foi o de apóstolo da tolerância. Ele contribuiu para os fundos de construção de cada seita na Filadélfia, inclusive com cinco libras esterlinas em abril de 1788 à Congregação Mikveh Israel, para sua nova sinagoga, e se opusera a juramentos e exames religiosos tanto na Constituição da Pensilvânia como na federal. Durante as celebrações de 4 de julho em 1788, Franklin estava muito doente para sair da cama, mas o desfile passou sob sua janela. Pela primeira vez, de acordo com arranjos supervisionados por ele, “o clero de diferentes denominações cristãs, com o rabino dos judeus, caminhou de braços dados”.⁴⁸

O resumo final de seu pensamento religioso veio no mês anterior à sua morte, em resposta às perguntas do reverendo Ezra Stiles, reitor de Yale. Franklin começou por reafirmar sua crença básica: “Eu acredito em um único Deus, Criador do universo. Que ele o governa por sua Providência. Que ele deve ser adorado. Que o serviço mais aceitável que prestamos a ele é fazer o bem para seus outros filhos”. Essas crenças eram fundamentais para todas as religiões; todo o resto era mero ornamento.

Depois, respondeu à pergunta de Stiles sobre sua crença em Jesus; segundo ele, era a primeira vez que lhe faziam essa pergunta diretamente. O sistema de moral que Jesus ofereceu, respondeu Franklin, era “o melhor que o mundo já viu ou poderá ver”. Mas sobre sua divindade, deu uma resposta surpreendentemente sincera e irônica: “Tenho algumas dúvidas quanto à sua divindade, embora seja

uma pergunta sobre a qual não dogmatizo, sem nunca tê-la estudado, e acho que é inútil ocupar-me dela agora, quando espero ter logo a oportunidade de conhecer a verdade com menos esforço”.⁴⁹

A última carta que Franklin escreveu foi, apropriadamente, para Thomas Jefferson, seu herdeiro espiritual como apóstolo americano mais importante da fé iluminista na razão, na experiência e na tolerância. Jefferson fora visitar Franklin e dar-lhe notícias de seus amigos sitiados na França. “Ele repassou tudo em sucessão”, Jefferson observou, “com uma rapidez e animação quase demasiadas para suas forças.” Jefferson elogiou-o por chegar tão longe em suas memórias, que previa que seriam muito instrutivas. “Não posso dizer muito a esse respeito”, respondeu Franklin, “mas vou dar-lhe uma amostra.” Pegou então uma página que descrevia as últimas semanas de suas negociações em Londres para evitar a guerra e insistiu que Jefferson ficasse com ela como uma lembrança.

Jefferson perguntou depois sobre um assunto misterioso que precisava ser resolvido: quais mapas tinham sido usados para traçar as fronteiras ocidentais dos Estados Unidos nas negociações de paz em Paris? Depois que Jefferson foi embora, Franklin estudou a questão e escreveu sua última carta. Sua mente estava clara o suficiente para descrever, com precisão, as decisões que haviam tomado e os mapas que usaram no que dizia respeito aos vários rios que corriam para a baía de Passamaquoddy.⁵⁰

Logo depois que terminou a carta, a febre e as dores no peito de Franklin pioraram. Durante dez dias, ele ficou confinado à cama com uma tosse forte e dificuldade para respirar. Sally e Richard Bache assistiram-no, assim como Temple e Benny. Polly Stevenson também estava lá, pressionando-o a fazer uma clara proclamação de sua fé religiosa, contente porque ele tinha uma imagem do Juízo Final à sua cabeceira. Apenas uma vez durante esse período ele conseguiu levantar-se brevemente e pediu que sua cama fosse feita para que pudesse “morrer de forma decente”. Sally expressou a esperança de que ele estivesse se recuperando, que ele pudesse viver ainda muitos anos. “Espero que não”, respondeu calmamente.⁵¹

Então, estourou um abscesso em seu pulmão, o que o impossibilitou de falar. Benny se aproximou da cama e o avô segurou sua mão por um longo tempo. Às onze horas daquela noite, 17 de abril de 1790, Franklin morreu com 84 anos.

Em 1728, quando era um jovem impressor imbuído do orgulho que acreditava que um homem honesto devia ter de sua profissão, Franklin havia composto para ele mesmo, ou pelo menos para sua diversão, um epítáfio atrevido que refletia sua perspectiva irônica a respeito de seu progresso de peregrino através deste mundo:

*O corpo de
B. Franklin, impressor
(como a capa de um livro velho,
seu conteúdo esgotado
e despojado de suas letras e douraduras)
jaz aqui, alimento para os vermes.
Mas a obra não se perderá,
pois aparecerá (como ele acreditava), uma vez mais,
em uma nova e mais elegante edição,
revista e corrigida
pelo Autor.⁵²*

Pouco antes de morrer, no entanto, ele prescreveu algo mais simples para ser posto sobre o túmulo que compartilharia com sua esposa. Sua lápide deveria ser, conforme escreveu, uma laje de mármore “de 1,80 metro de comprimento, 1,20 metro de largura, simples, com apenas uma pequena moldura em torno da borda superior, e esta inscrição: Benjamin e Deborah Franklin”.⁵³

Perto de 20 mil pessoas, mais gente do que jamais se reunira na Filadélfia, viram seu cortejo fúnebre seguir até o cemitério da igreja de Cristo, a poucos quarteirões de sua casa. Na frente, iam os clérigos da cidade, todos eles, de todas as crenças religiosas.

Epilogo

William Franklin: Em seu testamento, Franklin legou a seu único filho sobrevivente nada mais do que algumas reivindicações de terras inúteis no Canadá e o perdão das dívidas que ainda lhe tinha. “A parte que ele assumiu contra mim na última guerra, que é de notoriedade pública, será responsável por eu não deixar para ele uma herança de cujo desfrute ele se empenhou em me privar.” William, que achava que já pagara suas dívidas por ter cedido suas terras de Nova Jersey, queixou-se da “injustiça vergonhosa” do testamento, e nos 25 anos restantes de sua vida jamais voltou aos Estados Unidos. Mas ainda reverenciava a memória do pai e não se permitiu emitir outra palavra dura em público sobre ele. Na verdade, quando seu próprio filho, Temple, vacilou na produção de uma edição da vida e dos escritos de Franklin, William começou a trabalhar em uma de sua autoria, que esperava que exaltasse seu pai, mostrando “o estilo de sua mente e a variedade de seu conhecimento”. Não era para ser. Ele se casara com sua senhoria irlandesa, Mary D’Evelyn, mas, depois que ela morreu, em 1811, tornou-se um homem quebrado e solitário. Morreu três anos mais tarde, afastado de seu filho, sofrendo no que chamou de “aquele estado solitário que é o mais repugnante para minha natureza”.¹

Temple Franklin: Tendo herdado uma bela parte dos bens de seu avô e todos os seus documentos importantes, Temple voltou para a Inglaterra em 1792 e reuniu-se temporariamente a seu pai. Continuava a ser um atraente tratante,

mas sem rumo; irritou-se com a pressão do pai para se casar e trabalhar nos papéis de Franklin e levou a disfuncionalidade da família a novos extremos. Teve outra criança ilegítima, uma filha chamada Ellen, cuja mãe era a irmã mais moça da nova mulher de William; depois rompeu asperamente com todos eles e fugiu para Paris, deixando a pequena Ellen Franklin para ser criada por William, que era ao mesmo tempo seu tio e seu avô. Durante catorze anos, Temple não restabeleceu contato com o pai nem publicou os documentos do avô, mesmo quando partes não autorizadas da *Autobiografia* apareceram na França. Por fim, em 1812, escreveu ao pai para informar que estava prestes a publicar os trabalhos e queria ir a Londres para consultá-lo. William, que lembrou a resposta fria que recebera quando escreveu uma carta semelhante ao próprio pai, 28 anos antes, encheu-se de alegria: “Ficarei feliz de vê-lo, não sendo capaz de suportar a ideia de morrer em inimizade com alguém tão próximo”. Mas Temple nunca foi à Inglaterra. Em vez disso, em 1817, publicou a *Autobiografia* (sem o capítulo final) e uma coleção caótica de alguns textos do avô. Ele viveu os seis anos seguintes em Paris, com outra amante, uma inglesa chamada Hannah Collyer, com quem se casou poucos meses antes de morrer, em 1823. Mais tarde, ela levou muitos documentos preciosos de Franklin de volta para Londres, onde foram redescobertos em 1840, na loja de um alfaiate que os usava como moldes. Os documentos que Temple abandonou na Filadélfia se espalharam por vários caçadores de suvenires, até que a Sociedade Filosófica Americana iniciou o processo de reuni-los, na década de 1860.²

Sally e Richard Bache: A filha leal de Franklin e seu marido ficaram com a maior parte dos bens, entre eles as casas da Market Street, sob a condição de Richard “libertar seu homem negro Bob”. (Ele fez isso, mas Bob passou a beber, não conseguiu se sustentar e pediu para voltar à escravidão; os Bache não aceitaram, porém o deixaram morar na casa deles pelo resto de sua vida.) Sally também ganhou a miniatura de Luís XVI cravejada de diamantes, com a condição de que não transformasse “nenhum desses diamantes em ornamentos para si mesma ou para as filhas e, assim, não introduzisse nem consentisse com a moda cara, fútil e inútil de usar joias neste país”. Ela vendeu os diamantes para realizar seu antigo desejo de conhecer a Inglaterra. Com o marido, ficou com William, de quem sempre se manteve próxima. Ao retornar, os Bache se instalaram em uma fazenda de Delaware.

Benjamin Bache: Ao herdar o equipamento de impressão de Franklin e muitos de seus livros, ele seguiu os passos do avô lançando, setenta anos depois que o *New England Courant* foi publicado pela primeira vez, um jornal que apoiava Jefferson, *The American Aurora*. O jornal tornou-se ferozmente partidário em defesa daqueles que acreditavam, com uma paixão que superava até mesmo a de Franklin, nas políticas democráticas e pró-francesas, e atacou Washington e Adams por criarem presidências imperiais. Foi, por um tempo, o

jornal mais popular dos Estados Unidos, e é tema de dois livros recentes. Sua posição política provocou um racha com seus pais, assim como sua decisão de se casar contra a vontade deles com uma mulher enérgica e independente chamada Margaret Markoe. Em 1798, ele foi preso por sedição e por difamar Adams, mas, antes que pudesse ser julgado, morreu de febre amarela, aos 29 anos. Àquela altura, estava tão distante dos pais que suas irmãs tiveram de sair furtivamente para vê-lo em sua doença final. Margaret prontamente casou-se com um jornalista de seu falecido marido, um irlandês polemista chamado William Duane, e eles continuaram a publicar o *Aurora*. Uma das irmãs de Benny, Deborah Bache, casou-se depois com um dos filhos do primeiro casamento de Duane.³

Polly Stevenson: Ela não herdou mais do que uma caneca de prata do homem que havia reverenciado por 33 anos e logo se desencantou com todos os ramos da família dele e com todas as coisas americanas. Quando seu segundo filho, Tom, voltou para a Inglaterra (acompanhado por Willie Bache, para estudar medicina), escreveu-lhe cartas saudosas sobre seu desejo de voltar para casa também. Mas morreu em 1795, antes que tivesse a chance de retornar. Tom voltou para a Filadélfia, onde veio a ser um médico bem-sucedido; seu irmão William e sua irmã Eliza também permaneceram na América, e todos criaram famílias felizes.

Os aspirantes a comerciantes de Boston e da Filadélfia: A provisão mais incomum no codicilo ao testamento de Franklin era a criação de um fundo. Ele afirmava que, ao contrário dos outros fundadores do país, nascera pobre e fora ajudado em sua ascensão por aqueles que o apoiaram quando era um artesão batalhador. “Desejo ser útil, mesmo depois de minha morte, se possível, na formação e no progresso de outros jovens que possam ser úteis para seu país.” Assim, designou que as 2 mil libras esterlinas que ganhara no posto de presidente da Pensilvânia — citando sua crença muitas vezes expressa de que as autoridades deveriam servir sem pagamento — fossem divididas entre as cidades de Boston e Filadélfia e fornecidas como empréstimos, “a 5% ao ano, para jovens artífices casados” que tivessem sido aprendizes e procuravam estabelecer os próprios negócios. Com sua obsessão habitual pelos detalhes, descreveu com precisão como os empréstimos e reembolsos iriam funcionar e calculou que, depois de cem anos, as anuidades valeriam, cada uma, 131 mil libras esterlinas. Nessa ocasião, as cidades poderiam gastar 100 mil libras desse montante em projetos públicos, mantendo o restante no fundo, que depois de outra centena de anos de empréstimos e juros compostos valeria, segundo seu cálculo, £4 061 000. Nesse momento, o dinheiro iria para o Tesouro público.

O esquema funcionou como ele imaginou? Em Boston, teve de ser modificado quando o sistema de aprendizes deixou de ser utilizado, mas os empréstimos foram feitos de acordo com o espírito de seu testamento e, depois

de cem anos, o fundo valia cerca de 400 mil dólares, um pouco menos do que ele havia calculado. Naquela ocasião, fundou-se uma escola de comércio, a Franklin Union (hoje Instituto de Tecnologia Benjamin Franklin), com três quartos do dinheiro, mais um legado correspondente de Andrew Carnegie, que considerava Franklin um herói; o resto permaneceu no fundo. Um século mais tarde, esse montante havia crescido para quase 5 milhões de dólares, não o equivalente a 4 milhões de libras esterlinas, porém ainda assim uma quantia considerável. Conforme a vontade de Franklin, o fundo foi então despendido. Depois de uma batalha legal, resolvida pelo Legislativo, os fundos foram para o Instituto de Tecnologia Benjamin Franklin.

Na Filadélfia, o legado não rendeu tão bem. Um século depois de sua morte, totalizava 172 mil dólares, cerca de um quarto do que ele havia projetado. Dessa quantia, três quartos foram para a fundação do Instituto Franklin da Filadélfia, que ainda é um próspero museu de ciência, e o restante continuou como um fundo de empréstimo para comerciantes jovens, em grande parte concedido como hipotecas residenciais. Um século depois, em 1990, esse fundo alcançara 2,3 milhões de dólares. Por que tinha menos da metade do de Boston? Um partidário da Filadélfia acusou Boston de ter transformado seu fundo em “uma companhia de poupança para os ricos”. Ao se concentrar em empréstimos para indivíduos pobres, como Franklin pretendia, a Filadélfia não fora tão bem-sucedida em receber o reembolso.

Aquela altura, o prefeito da Filadélfia Wilson Goode sugeriu, supõe-se de brincadeira, que o dinheiro de Ben Franklin fosse usado para pagar uma festa com apresentações de *Ben Vereen* e *Aretha Franklin*. Outros, mais sérios, propuseram que fosse usado para promover o turismo, o que causou uma gritaria popular. Por fim, o prefeito nomeou um painel de historiadores, e o estado dividiu o dinheiro de acordo com suas recomendações gerais. Entre os destinatários estavam o Instituto Franklin, várias bibliotecas comunitárias e companhias de bombeiros, além de um grupo chamado Academias da Filadélfia, que financia bolsas de estudos em programas de formação profissional nas escolas da cidade. Quando as bolsas de 2001 foram anunciadas, um colunista do *Philadelphia Inquirer* destacou que a diversidade dos 34 nomes — entre eles Abimaél Acaedevo, Muhammed Hogue, Zrakpa Karpoleh, David Kusiak, Pedro Lopez e Rany Ly — teria encantado o benfeitor deles. Franklin certamente teria sorrido diante de um exemplo pequeno, mas apropriado, de seu legado no Tour de Sol daquele ano, uma corrida de carros experimentais. Alguns desses bolsistas de uma escola pobre de ensino médio, de West Filadélfia, usaram uma doação de 4300 dólares do pai da eletricidade para construir um carro movido a bateria que conquistou o prêmio da corrida Poder dos Sonhos.⁴

REFLEXÕES DA HISTÓRIA

“A humanidade se divide em duas classes”, declarou a revista *Nation* em 1868: os que “amam desde sempre” e os que “odeiam desde sempre” Benjamin Franklin. Um motivo para essa divisão é que ele não encarna o caráter americano, apesar do que afirmam alguns comentaristas. Na verdade, ele encarna um aspecto desse caráter. Representa um dos lados de uma dicotomia nacional que existe desde os tempos em que ele e Jonathan Edwards se destacaram como figuras culturais contrastantes.¹

De um lado estavam aqueles que, como Edwards e a família Mather, acreditavam em um eleito ungido e na salvação somente pela graça de Deus. Eles tendiam a ter um fervor religioso, um senso de classe social e hierarquia e uma exaltação dos valores mais elevados em detrimento dos terrenos. Do outro lado, estavam os Franklins, aqueles que acreditavam na salvação mediante as boas obras, cuja religião era benevolente e tolerante, se esforçavam sem pudor e ascendiam socialmente.

Disso decorreram muitas divisões no caráter americano, e Franklin representa uma vertente: o lado do pragmatismo contra o romantismo, da benevolência em contraposição à cruzada moral. Ele estava do lado da tolerância religiosa, não da fé evangélica. Do lado da mobilidade social, não de uma elite

estabelecida. Do lado das virtudes de classe média, não das aspirações mais nobres e etéreas.

Durante os três séculos decorridos desde seu nascimento, as avaliações cambiantes de Franklin tenderam a revelar menos sobre ele do que sobre os valores das pessoas que o julgavam e suas atitudes em relação a uma classe média batalhadora. De um palco histórico augusto, cheio de pais fundadores muito menos acessíveis, ele virou-se para cada nova geração com um meio sorriso e falou diretamente em qualquer língua que estivesse em voga, enfurecendo alguns e seduzindo outros. Assim, sua reputação tendeu a refletir, ou refratar, as atitudes de cada época.

Nos anos imediatamente posteriores à sua morte, à medida que os antagonismos pessoais se apagaram, a reverência por ele cresceu. Até mesmo William Smith, que o combateu no Legislativo e no conselho da Academia, fez um elogio respeitoso durante uma homenagem realizada em sua memória em 1791, na qual deixou de lado as “infelizes divisões e disputas” entre eles e preferiu se concentrar na filantropia e na ciência de Franklin. Quando sua filha disse depois que duvidava que ele acreditasse “em um décimo do que disse sobre o velho para-raios de Ben”, ele apenas riu cordialmente.²

Outro antagonista ocasional de Franklin, John Adams, também se abrandou. “Nada na vida me mortificou ou me entristeceu mais do que a necessidade que me obrigou a me opor a ele com tanta frequência”, escreveu em uma reavaliação notavelmente angustiada, em 1811. Suas duras críticas anteriores, Adams explicou, eram, em alguns aspectos, um testemunho da grandeza de Franklin: “Se ele fosse um homem comum, eu jamais teria me abalado ao expor a torpeza de suas intrigas”. Ele até via sob luz mais favorável a falta de compromisso religioso de Franklin, de que havia outrora zombado por beirar o ateísmo: “Todas as seitas o consideravam, e creio que com justiça, um amigo de tolerância ilimitada”. Às vezes, acusava Adams, Franklin era hipócrita, um negociador fraco e um político equivocados. Mas seu ensaio também trazia algumas das mais sutis palavras de apreço escritas por qualquer contemporâneo:

Franklin tinha um grande gênio, original, perspicaz e inventivo, capaz de descobertas na ciência não menos do que de melhoria nas belas-artes e nas artes mecânicas. Ele tinha uma enorme imaginação [...] Tinha agudeza de espírito à vontade. Tinha um humor que, quando queria, era delicado e delicioso. Tinha uma sátira que era de boa índole ou cáustica, Horácio ou Juvenal, Swift ou Rabelais, ao seu bel-prazer. Tinha talentos para a ironia, a alegoria e a fábula, que era capaz de adaptar com grande habilidade para a promoção da verdade moral e política. Era um mestre daquela

simplicidade infantil que os franceses chamam *naïveté*, que nunca deixa de encantar.³

Àquela altura, a concepção de Franklin do papel central da classe média na vida americana havia triunfado, apesar dos receios de quem achava que isso representava uma tendência à vulgarização. “Ao absorverem a nobreza da aristocracia e o trabalho da classe trabalhadora, as classes medianas conquistaram uma poderosa hegemonia moral sobre toda a sociedade”, observou o historiador Gordon Wood. Ele estava descrevendo os Estados Unidos no início do século XIX, mas também poderia estar descrevendo Franklin pessoalmente.

A reputação de Franklin foi realçada quando seu neto Temple finalmente produziu uma edição de seus trabalhos, em 1817. Adams escreveu a Temple que a coleção “parecia fazer-me reviver minha vida em Passy”, o que poderia ser lido ambigualmente por aqueles que sabiam da briga encarniçada deles na França, se não tivesse acrescentado: “Há dificilmente um risco de sua pena que não valha a pena ser preservado”. Francis, lorde Jeffrey, um dos fundadores da *Edinburgh Review*, elogiou os escritos de Franklin por sua “jocosidade desprezível”, sua tentativa de “persuadir a multidão à virtude” e, acima de tudo, por sua ênfase nos valores humanistas que definiam o Iluminismo. “Esse americano autodidata talvez seja o mais racional de todos os filósofos. Ele nunca perde de vista o senso comum, em qualquer de suas especulações.”⁴

No início do século XIX, no entanto, a era do Iluminismo começava a ser substituída por uma época literária que valorizava mais o romantismo do que a racionalidade. Com essa mudança, veio uma inversão profunda, em especial entre aqueles de sensibilidades supostamente mais elevadas, nas atitudes em relação a Franklin. Os românticos não admiravam razão e intelecto, mas emoção profunda, sensibilidade subjetiva e imaginação. Exaltavam o heroico e o místico, no lugar da tolerância e da racionalidade. Suas críticas desdenhosas dizimaram a reputação de Franklin, Voltaire, Swift e outros pensadores iluministas.⁵

O grande poeta romântico John Keats foi um dos muitos que atacaram Franklin por sua sensibilidade inferior. Em carta a seu irmão de 1818, dizia que ele estava “cheio de máximas médias e baratas” e não era um “homem sublime”. Amigo de Keats e seu primeiro editor, o poeta e editor Leigh Hunt mostrou abundantemente seu desdém sobre as “máximas canalhas” de Franklin e o acusou de estar “à frente daqueles que pensam que o homem vive só de pão”. Ele tinha “poucas paixões e nenhuma imaginação”, continuava Leigh, e incentivava a humanidade a um “amor pela riqueza”, despojado que estava de “apelos superiores” ou do “coração e da alma”. Nessa mesma linha, Thomas Carlyle, o crítico escocês tão apaixonado pelo heroísmo romântico, desprezava Franklin por ser “o pai de todos os ianques”, o que talvez não fosse tão aviltante

quanto Carly le pretendia.⁶

Transcendentalistas americanos como Thoreau e Emerson, que compartilhavam a reação alérgica dos poetas românticos ao racionalismo e ao materialismo, também achavam Franklin banal demais para seus gostos refinados. Os caipiras mais práticos e a classe média ainda reverenciavam a *Autobiografia* de Franklin — era o único livro que Davy Crockett levava consigo, até sua morte no Álamo —, mas um caipira tão refinado quanto Thoreau não tinha lugar para ela quando partiu para Walden Pond. Com efeito, o primeiro capítulo de seu diário de Walden, sobre economia, tem tabelas e gráficos que sutilmente satirizam aqueles usados por Franklin. Da mesma forma, Edgar Allan Poe, em seu conto “O homem de negócios”, cutucou obliquamente Franklin e outros homens “metódicos” ao descrever a ascensão e os métodos de seu anti-herói, apropriadamente chamado Peter Proffit [Lucro].

Franklin aparece com seu próprio nome no romance semi-histórico de Herman Melville *Israel Potter*, de 1855. Na narrativa, ele surge como um declamador raso de máximas. Mas Melville, dirigindo-se diretamente ao leitor, desculpa-se e observa que Franklin não era tão unidimensional como o livro o retratava. “Buscando aqui representá-lo em seus hábitos menos elevados, o narrador se sente mais como se estivesse brincando com uma das meias de lã penteada do sábio do que reverencialmente manuseando o honrado chapéu que outrora descansava oracularmente em sua testa.” O juízo do próprio Melville sobre Franklin era o de que, para melhor ou pior, ele era muito versátil. “Tendo cuidadosamente sopesado o mundo, Franklin era capaz de interpretar qualquer papel nele.” Ele enumera as dezenas de atividades em que Franklin se destacou e depois acrescenta, numa crítica por excelência romântica: “Franklin era tudo, menos poeta”. (Franklin teria concordado. Ele escreveu que “aprovava que alguém se divertisse com poesia de vez em quando, para melhorar sua linguagem, mas não mais que isso”.)⁷

Emerson também fez uma avaliação ambivalente. “Franklin foi um dos homens mais sensíveis que já existiram”, escreveu a sua tia, e foi “mais útil, mais moral e mais puro” do que Sócrates. Em seguida, contudo, lamentava que “o homem de Franklin é um cidadão frugal, inofensivo, econômico, porém não exala nada de heroico”. Nathaniel Hawthorne faz um de seus personagens mais jovens reclamar de que as máximas de Franklin “são todas sobre como ganhar dinheiro ou economizá-lo”; em resposta a isso, o próprio Hawthorne observa que há alguma virtude nelas, mas que “ensinam aos homens apenas uma pequena parte de seus deveres”.⁸

A ascensão do romantismo acarretou um desdém crescente, entre aqueles para quem “burguês” se tornaria um termo de desprezo, pela classe média urbana e seus valores tão exaltados por Franklin. Esse esnobismo viria a ser compartilhado por grupos muito diferentes: proletários e aristocratas, operários

radicais e proprietários de terras ociosos, marxistas e elitistas, intelectuais e anti-intelectuais. Flaubert declarou que o ódio à burguesia “é o começo de todas as virtudes”, o que era precisamente o oposto do que Franklin pregara.⁹

Mas, com a publicação de edições mais completas de seus trabalhos, sua reputação renasceu. Depois da Guerra Civil, o crescimento da indústria e o início da Era Dourada fizeram com que a época ficasse madura para a glorificação de suas ideias e, nas três décadas seguintes, ele foi o objeto mais popular da biografia americana. Os 130 romances de Horatio Alger, que venderiam 20 milhões de exemplares, popularizaram novamente as histórias de jovens virtuosos que passavam da miséria à riqueza. A reputação de Franklin também foi elevada pelo surgimento daquela filosofia distintamente americana conhecida como pragmatismo, que sustenta, tal como Franklin, que a verdade de qualquer proposição, seja científica, moral, teológica ou social, está correlacionada ao sucesso de suas experiências e à produção de um resultado prático.

Mark Twain, um herdeiro literário que camuflava seu humor com o mesmo pano caseiro, divertiu-se muito zombando amigavelmente de Franklin, que “prostituiu seus talentos para inventar máximas e aforismos calculados para infligir sofrimento à nova geração de todas as épocas posteriores [...] garotos que de outro modo poderiam ter sido felizes”. Mas Twain era, na verdade, um admirador relutante, e mais ainda o eram os grandes capitalistas que levaram a sério as máximas de Franklin.¹⁰

O industrial Thomas Mellon, que ergueu uma estátua de Franklin na sede de seu banco, declarou que ele o inspirou a deixar a fazenda de sua família, perto de Pittsburgh, e entrar no negócio. Escreveu ele:

Considero a leitura da *Autobiografia* de Franklin o ponto de inflexão da minha vida. Ali estava Franklin, mais pobre do que eu, que, por economia, diligência e frugalidade, se tornou culto e sábio e se elevou à riqueza e à fama. [...] As máximas do Pobre Ricardo eram exatamente apropriadas aos meus sentimentos. Li o livro várias vezes e me perguntei se não poderia fazer algo na mesma linha por meios semelhantes.

Andrew Carnegie foi igualmente estimulado. A história do sucesso de Franklin não somente lhe ofereceu orientação nos negócios como também inspirou sua filantropia, em especial sua devoção à criação de bibliotecas públicas.¹¹

Franklin foi elogiado como “o primeiro grande americano” pelo historiador definitivo desse período, Frederick Jackson Turner. “Sua vida é a história do senso comum americano em sua forma mais elevada”, escreveu ele em 1887, “aplicado aos negócios, à política, à ciência, à diplomacia, à religião, à

filantropia.” Ele também foi defendido pelo editor mais influente da época, William Dean Howells, da revista *Harper's*, que escreveu em 1888: “Ele foi um grande homem, e os temas a que se dedicou com uma mistura infalível de motivos diziam respeito ao conforto imediato dos homens e ao avanço do conhecimento”. Apesar de ser “cnicamente incrédulo quanto aos ideais e às crenças sagradas para a maioria de nós”, ele foi “fundamental para promover o bem-estar moral e material da raça”.¹²

O pêndulo oscilou novamente contra Franklin na década de 1920, quando o individualismo da Era Dourada caiu em desgraça intelectual. Max Weber distinguiu-se por dissecar a ética do trabalho da classe média americana de uma perspectiva quase marxista em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, que citava extensamente Franklin (e o Pobre Ricardo) como um exemplo da “filosofia da avareza”. “Todas as atitudes morais de Franklin são marcadas pelo utilitarismo”, escreveu Weber, que o acusou de acreditar apenas na “obtenção de mais e mais dinheiro combinada com a fuga rigorosa de todo engajamento espontâneo da vida”.

O crítico literário Van Wyck Brooks fez a distinção entre as culturas *highbrow* (erudita) e *lowbrow* (popular) dos Estados Unidos e situou Franklin como o fundador da segunda. Conforme Brooks, ele exemplificava um “oportunismo barato” e uma “sabedoria bidimensional”. O poeta William Carlos Williams acrescentou que ele era “o nosso sábio profeta da chicana”. Em seu romance *Babbitt*, Sinclair Lewis menosprezou os valores burgueses e o ufanismo cívico. Em uma farpa que visava ao credo frequentemente declarado de Franklin, Lewis escreveu: “Se você tivesse perguntado a Babbitt qual era sua religião, ele teria respondido em sonora retórica do Clube dos Incentivadores: ‘Minha religião é servir aos meus semelhantes, honrar meu irmão como a mim mesmo e fazer a minha parte para tornar a vida mais feliz para todos’”.¹³

O ataque mais cruel e divertido — e na maioria dos aspectos, equivocado — a Franklin veio em 1923, do romancista e crítico inglês D. H. Lawrence. Seu ensaio é, às vezes, uma arenga em forma de fluxo de consciência que agride Franklin pela natureza não romântica e burguesa das virtudes refletidas em sua autobiografia:

Dr. Franklin. Homenzinho cor de rapé! Alma imortal e tudo! A parte da alma imortal era uma espécie de apólice de seguro barata. Benjamin não tinha nenhuma preocupação, realmente, com a alma imortal. Ele estava muito ocupado com o homem social [...] Eu não gosto dele.

Lembro-me, quando era menino, de que meu pai costumava comprar um almanaque anual insignificante com o sol, a lua e as estrelas

na capa. E costumava profetizar derramamentos de sangue e fomes. Mas também, amontoados nos cantos, havia pequenas historietas e humorismos, com uma moral da história. E eu costumava dar meu pequeno riso pedantesco para a mulher que contava suas galinhas antes que nascessem, e assim por diante, e estava convencido de que a honestidade era a melhor política, também um pouco pedantemente. O autor dessas miscelâneas era o Pobre Ricardo, e o Pobre Ricardo era Benjamin Franklin, escrevendo na Filadélfia bem mais de cem anos antes. E, provavelmente, ainda não superei aqueles chavões do Pobre Ricardo. Ainda me irrita com eles. Eles são espinhos na carne jovem.

Porque, embora eu ainda acredite que a honestidade é a melhor política, não gosto nada de política; embora seja correto não contar suas galinhas antes de serem chocadas, é ainda mais odioso contá-las com regozijo quando estão chocadas. Levei muitos anos e esperteza incontáveis para sair desse recinto de arame farpado moral que o Pobre Ricardo montou. [...]

O que nos leva de volta à nossa pergunta, o que há de errado com Benjamin, que não podemos suportá-lo? [...] Eu sou um animal moral. E vou continuar a sê-lo. Não vou me transformar em um pequeno autômato virtuoso como Benjamin gostaria que eu fosse. [...] E agora eu, pelo menos, sei por que não suporto Benjamin. Ele tenta tirar minha integridade e minha floresta escura, minha liberdade.

Como parte do ensaio, Lawrence reescreveu as treze virtudes de Franklin para torná-las mais palatáveis ao seu gosto romântico. Em vez da definição de Franklin de diligência (“Esteja sempre empregado em alguma coisa útil”), Lawrence a substituiu por “Sirva ao Espírito Santo; nunca sirva à humanidade”. No lugar da definição de Franklin de justiça (“Não seja injusto com ninguém cometendo injúrias”), Lawrence proclamou: “A única justiça é seguir a intuição sincera da alma, irada ou gentil”.

Trata-se de um ensaio estimulante, mas é preciso notar que Lawrence, além de uma definição estranha e indulgente consigo mesmo de justiça, tinha por alvo de seu ataque não o Franklin da vida real, e sim o personagem que ele criou no Pobre Ricardo e na autobiografia. Além disso, Lawrence estava errado em relação a alguns fatos, entre eles o de atribuir a Franklin a máxima “A honestidade é a melhor política”, que, embora pareça dele, é, na verdade, de Cervantes, assim como a história de não contar galinhas nos ovos, cuja autoria é

de Esopo.¹⁴

A abordagem de Lawrence repetiu-se de forma mais substantiva e menos dramática em um ataque à *Babbitt* [tacanhez] burguesa de Franklin feito por Charles Angoff em sua *História literária do povo americano*, publicada em 1931. A descrição de Franklin por Carlyle como o pai de todos os ianques era, segundo Angoff, um “libelo contra a tribo” que havia produzido belos escritores, como Hawthorne e Thoreau. “Seria mais correto chamar Franklin de pai de todos os kiwanianos”,* zombou Angoff, que foi brutal a respeito do que considerava a “ordem baixa” do pensamento de Franklin:

Franklin representava as qualidades menos louváveis dos habitantes do Novo Mundo: avareza, praticidade fanática e falta de interesse por aquilo que é geralmente conhecido como coisas espirituais. A *Babbitt* não era uma coisa nova na América, mas ele fez dela uma religião e, por seu tremendo sucesso, a enxertou no povo americano tão firmemente que o gênio nacional ainda sofre dela. [...] Nem uma palavra sobre a nobreza, nem uma palavra sobre a honra, nem uma palavra sobre a grandeza de alma, nem uma palavra sobre a caridade de espírito! [...] Ele tinha uma alma barata e pobre, e os níveis superiores da mente estavam muito além de seu alcance.¹⁵

A Grande Depressão da década de 1930 lembrou às pessoas que as virtudes da diligência e da frugalidade, de ajudar os outros e fazer com que a comunidade se mantivesse unida, não mereciam ser vistas como triviais e banais. A reputação de Franklin novamente renasceu. O filósofo pragmático Herbert Schneider, em seu livro *The Puritan Mind* [A mente puritana], destacou que os ataques anteriores foram destinados principalmente contra a pregação do Pobre Ricardo, e não contra o modo como Franklin realmente viveu sua vida, que não se concentrou na busca da riqueza por si mesma.

Em 1938, Carl Van Doren, colega de Schneider na Universidade Columbia, deu corpo a esse argumento em sua gloriosa biografia literária de Franklin. “Ele movia-se por este mundo com domínio humorístico”, concluiu Van Doren. E o grande historiador da ciência I. Bernard Cohen começou seu trabalho de uma vida inteira para mostrar que as realizações científicas de Franklin o punham no panteão ao lado de Newton. As experiências de Franklin, escreveu em 1941, “forneceram uma base para a explicação de todos os fenômenos conhecidos de eletricidade”.¹⁶

Franklin também se tornou o santo padroeiro do movimento de autoajuda.

Dale Carnegie estudou a *Autobiografia* quando escreveu *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, livro que, após a sua publicação, em 1937, ajudou a lançar uma mania que persiste até hoje por livros com regras e segredos simples sobre como obter sucesso nos negócios e na vida. Como observou E. Digby Baltzell, um sociólogo que estuda a elite americana, a autobiografia de Franklin foi “o primeiro e maior manual de *Babbitt*ry carreirista já escrito”.¹⁷

Stephen Covey, o guru do gênero, referiu-se ao sistema de Franklin ao desenvolver seu best-seller intitulado *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes*, e uma cadeia nacional de lojas vende atualmente “Organizadores FranklinCovey” e outros apetrechos com as ideias de Franklin. No início do século XXI, as prateleiras de autoajuda das livrarias estavam cheias de títulos como *O livro das virtudes de Ben: O plano semanal simples de Ben Franklin para o sucesso e felicidade*; *As doze regras de gestão de Ben Franklin: O pai fundador dos negócios americanos resolve seus problemas mais difíceis*; *A arte da virtude de Benjamin Franklin: Sua fórmula para a vida bem-sucedida*; *O fator Ben Franklin: Vendendo um a um*; e *Saudável, rico e sábio: Princípios para uma vida bem-sucedida baseados na vida de Benjamin Franklin*.¹⁸

No mundo acadêmico, com a aproximação do tricentenário de seu nascimento, Franklin foi tema de livros em geral favoráveis. Em *The First American*, H. W. Brands, da Universidade do Texas A&M, descreveu com simpatia a evolução do caráter de Franklin numa biografia narrativa sólida e equilibrada. “Ao gênio ele acrescentou uma paixão pela virtude”, concluiu Brands. Em 2002, Edmund S. Morgan, o aposentado e reverenciado professor de história de Yale, escreveu uma análise de caráter maravilhosamente astuta baseada em uma leitura exaustiva das obras de Franklin. “Podemos descobrir um homem com uma sabedoria a respeito de si mesmo que só acontece aos grandes de coração”, declarou Morgan.¹⁹

Na imaginação popular, Franklin passou a ser visto como uma figura divertida, e não como o pensador sério admirado por Hume ou o manipulador político odiado por Adams. Durante uma época por vezes trivial e sem problemas, cheias de piscadelas sexuais e empreendedorismo irrestrito, Franklin foi convocado para a espiritualidade. Ele se tornou um devasso jovial aventurando-se na arte de governar em peças teatrais como *1776* e *Ben Franklin em Paris*, um esperto porta-voz idoso para tudo, de biscoitos a fundos mútuos, e um sábio cordial cujos adágios eram criados para entreter, e não para intimidar trabalhadores jovens esperançosos.

“Hoje conhecemos Benjamin Franklin graças principalmente a uma velha imagem publicitária: um homem idoso de calções presos à altura dos joelhos, casaco longo e óculos, com uma coroa calva e cabelos longos — um fanático toalmente decidido a empinar uma pipa durante uma tempestade”, escreveu o

historiador Alan Taylor. “Ele já não desperta controvérsia ou adulação, somente riso. Percebemos apenas vagamente sua importância no século XIX e no início do XX, como paradigma e padrão dos valores da classe média americana.”²⁰

Para o comentarista social David Brooks, essa versão anódina de Franklin encarna o sentido tanto empresarial quanto moral dos Estados Unidos no início do século XXI. Ele é a única figura histórica do panteão americano, segundo Brooks, “que se sentiria imediatamente à vontade em um parque empresarial”.

Ele provavelmente entraria para o coro de todos aqueles entusiastas da tecnologia que afirmam que os avanços da internet e da biotecnologia transformarão de forma maravilhosa a vida na terra; ele compartilhava essa paixão pelo progresso. Ao mesmo tempo, estaria completamente em casa com a ironia e o cinismo delicado que é o tom predominante das conversas naqueles edifícios. [...]

Na verdade, Franklin se sentiria à vontade na maior parte dos Estados Unidos contemporâneos. Ele partilharia os valores da classe média confortável; ele era otimista, afável e bondoso, e seu maior defeito era a complacência consigo mesmo. Pode-se facilmente imaginá-lo passeando por um shopping center, encantado com a animada abundância e o marketing inteligente. Ao mesmo tempo, admiraria o ativismo cívico dos jovens americanos e a maneira como os americanos mais velhos fazem bom uso da religião por meio de organizações comunitárias baseadas na fé.

Franklin foi injustamente atacado ao longo dos anos, concluiu Brooks, por românticos cujos verdadeiros alvos eram o capitalismo e a moralidade da classe média. “Mas agora o principal problema é o excesso de frankinismo, e temos de descobrir como trazer para os Estados Unidos de hoje o sentido trágico e a seriedade moral de que tanto carecia seu yuppie fundador.”²¹

O LIVRO-RAZÃO

Essa aparente falta de gravidade moral e profundidade espiritual é a acusação mais séria contra Franklin. Tanto em sua vida como em seus escritos, ele exibiu algumas vezes uma falta de compromisso, de angústia, de poesia ou alma. Uma frase que escreveu para sua irmã Jane, em 1771, capta essa

complacência e carência de paixão: “Em geral, estou muito disposto a gostar do mundo tal como o encontro, e a duvidar de meu próprio juízo a respeito do que poderia consertá-lo”.²²

Suas crenças religiosas, especialmente no início da vida, eram em grande parte um cálculo a respeito de qual credo seria útil para as pessoas terem, em vez de uma expressão de sinceras convicções íntimas. O deísmo era atraente, mas ele descobriu que não era nada útil, então lhe deu um brilho moral e raramente perturbou sua alma com perguntas sobre a graça, a salvação, a divindade de Cristo, ou outras questões profundas que não se prestavam à investigação prática. Ele estava no extremo oposto dos angustiados puritanos e seus exames de consciência. Como não dispunha de nenhuma prova factual sobre o que tinha inspiração divina, satisfazia-se com a crença simples de que a melhor maneira de servir a Deus era fazer o bem para os outros.

Do mesmo modo, suas crenças morais eram simples e terrestres, centradas nas maneiras práticas de beneficiar os outros. Ele esposava as virtudes de classe média de um lojista e tinha pouco interesse em fazer proselitismo sobre aspirações éticas mais elevadas. Lutava mais com o que chamava de “errata” do que com o pecado.

Como cientista, tinha sensibilidade para o funcionamento mecânico do mundo, porém pouco apreço por teorias abstratas ou pelo sublime. Era um grande experimentador e inventor inteligente, com ênfase em coisas úteis. Mas não tinha nem o temperamento nem a formação para ser um pensador profundo.

Na maioria dos esforços de sua alma e sua mente, sua grandeza vinha mais da praticidade do que da profundidade ou da poesia. Em ciência, era mais um Edison do que um Newton; na literatura, mais um Twain do que um Shakespeare; na filosofia, mais um dr. Johnson do que um bispo Berkeley; e em política, mais um Burke do que um Locke.

Na vida pessoal também exibiu uma falta de compromisso comovente e de paixão profunda. Frequentou muitas antecâmaras, mas poucas câmaras interiores. Seu amor pela viagem reflete o espírito de um jovem fugitivo, que fugira de sua família em Boston, de Deborah quando pensou pela primeira vez em se casar, e de William, pouco antes de seu casamento. Ao longo de sua vida, teve poucos vínculos emocionais que o amarrassem a um lugar e parecia deslizar pelo mundo do mesmo modo como deslizava pelos relacionamentos.

Sua amizade com homens frequentemente acabava mal: seu irmão James, seus amigos John Collins e James Ralph, seus sócios de gráfica Samuel Keimer e Hugh Meredith. Era um homem sociável que gostava de clubes que oferecessem conversas e atividades iluminadoras, contudo a amizade que fazia com homens era mais afável do que íntima. Tinha um afeto cordial pela esposa, mas não amor suficiente para impedi-lo de passar quinze dos últimos dezessete anos de seu casamento a um oceano de distância. Seu relacionamento com ela era

prático, assim como foi o caso com sua senhoria de Londres, Margaret Stevenson. Com suas muitas admiradoras do sexo feminino, preferia flertar a assumir compromissos sérios e recuava para o desapego lúdico a qualquer sinal de perigo. Sua relação mais apaixonada foi com seu filho William, no entanto esse fogo se transformou em gelo. Apenas para seu neto Temple ele demonstrou afeto genuíno.

Ele também podia, apesar de sua crença declarada na virtude da sinceridade, dar a impressão de fazer uso da intriga. Escreveu seu primeiro embuste aos dezesseis anos e o último em seu leito de morte; enganou seu empregador Samuel Keimer quando planejava abrir um jornal; aperfeiçoou a obliquidade como artifício de conversação e fez uso da aparência de virtude, bem como de sua realidade. “Em um lugar e uma época que celebravam a sinceridade ao mesmo tempo que praticavam a insinceridade, Franklin parecia muito à vontade na última”, observa Taylor. “Devido aos seus modos suaves e táticas cambiantes, provocava suspeitas muito além de sua real intenção de enganar.”²³

Tudo isso levou alguns críticos a considerar aspirações banais de uma alma rasa até mesmo as realizações cívicas de Franklin. A apoteose desse tipo de crítica encontra-se na obra famosa de Vernon Parrington *Main Currents in American Thought* [Correntes principais do pensamento americano]:

Um homem que está menos preocupado com as calçadas de ouro da Cidade de Deus do que com a colocação bem-feita e uniforme dos paralelepípedos da Chestnut Street, na Filadélfia, que se preocupa menos com salvar sua alma do fogo eterno do que proteger as casas de seus vizinhos organizando um eficiente corpo de bombeiros, que dá menos atenção à luz que nunca esteve no mar ou na terra do que a um novo modelo de lâmpada de rua para iluminar os passos de um transeunte tardio — um homem assim, obviamente, não revela a plena natureza da aspiração humana.²⁴

É o uso arrogante que Parrington faz do advérbio “obviamente” que nos fornece um bom ponto de partida para uma defesa de Franklin. “Obviamente”, talvez, para Parrington e outros de sensibilidade rarefeita cujas contribuições para a sociedade não são tão banais quanto uma biblioteca, uma universidade, corpos de bombeiros, óculos bifocais, aquecedores, para-raios e, por falar nisso, Constituições democráticas. O desdém deles é, em parte, um anseio pelos ideais mais elevados de que às vezes a alma de Franklin parece carecer. Mas também

é, em parte, um esnobismo em relação às preocupações terrenas e aos valores da classe média que ele valorizava.

Então, como equilibrar a contabilidade de forma justa, como Franklin, o guarda-livros, teria desejado? Como ele mesmo fez em sua versão de cálculo moral, podemos listar todos os prós de um lado e determinar se, como penso ser o caso, eles superam os contras.

Primeiro temos que resgatar Franklin da caricatura de livro escolar de um velhote cordial empinando pipas na chuva e esguichando máximas caseiras sobre um tostão poupado ser um tostão ganho. Devemos também resgatá-lo das críticas que o confundem com o personagem que ele cuidadosamente criou em sua *Autobiografia*.²⁵

Quando Max Weber afirma que a ética de Franklin se baseia somente no ganho de mais dinheiro, e quando D. H. Lawrence o reduz a um homem que espregueira tostões e moral, eles traem a falta de uma familiaridade até mesmo ligeira com o homem que se aposentou dos negócios aos 42 anos, dedicou-se a atividades cívicas e científicas, desistiu de grande parte de seus salários públicos, absteve-se de obter patentes de suas invenções e sempre defendeu que a acumulação de riqueza em excesso e da indulgência ociosa em luxos fúteis não deveria ser aprovada pela sociedade. Franklin não via a poupança de um centavo como um fim em si, e sim como um caminho que possibilitava aos comerciantes jovens exibir virtudes mais elevadas, espírito de comunidade e cidadania. “É difícil para um saco vazio ficar de pé”, proclamavam tanto ele como o Pobre Ricardo.²⁶

Para avaliarmos corretamente Franklin, temos de vê-lo em toda a sua complexidade. Ele não era frívolo, nem pouco profundo, tampouco simples. Há muitas camadas a serem descascadas nesse homem que está diante de nós tão timidamente disfarçado, tanto para a história como para si mesmo, como um personagem simples, sem adornos de perucas e outras pretensões.

Começemos pela camada superficial, o Franklin que serve de para-raios para os raios jupiterianos daqueles que desprezam os valores da classe média. Há algo a ser dito a favor — e Franklin o disse muito bem e muitas vezes — das virtudes pessoais da diligência, honestidade, esforço e temperança, especialmente quando elas são vistas como um meio para um fim mais nobre e benevolente.

O mesmo é verdade para as virtudes cívicas que Franklin não só praticava como pregava. Suas associações comunitárias e outros empreendimentos públicos ajudaram a criar uma ordem social que promovia o bem comum. Poucas pessoas já se esforçaram tanto ou fizeram tanto para inculcar virtude e caráter em si mesmos e em suas comunidades.²⁷

Tais esforços eram banais, como acusam Parrington e alguns outros? Talvez em parte, mas em sua autobiografia, depois de relembrar seu esforço

para pavimentar as ruas da Filadélfia, Franklin apresenta uma defesa eloquente contra esse tipo de calúnia:

Há quem possa pensar que não vale a pena se importar ou relatar essas questões insignificantes, mas quando eles consideram que, embora a poeira soprada nos olhos de uma única pessoa, ou em uma única loja em um dia ventoso, seja de pequena importância, o grande número de casos em uma cidade populosa e suas frequentes repetições lhes dão peso e consequência, talvez eles não censurem com muita severidade aqueles que concedem alguma atenção a assuntos dessa natureza aparentemente baixa. A felicidade humana é produzida não tanto por pedaços grandes de boa sorte que raramente acontecem, como por pequenas vantagens que ocorrem todos os dias.²⁸

Da mesma forma, embora uma fé religiosa baseada no fervor possa ser inspiradora, há também algo de admirável numa visão religiosa baseada na humildade e na franqueza. A acusação de Charles Angoff era de que “a principal contribuição dele para a questão religiosa foi pouco mais do que uma tolerância afável”. Bem, talvez sim, mas o conceito de tolerância religiosa afável era, na verdade, um avanço não pequeno para a civilização no século XVIII. Foi uma das maiores contribuições do Iluminismo, mais indispensável do que a dos teólogos mais profundos da época.

Tanto em sua vida quanto em seus escritos, Franklin tornou-se um defensor proeminente desse credo da tolerância. Ele o desenvolveu com muito humor em seus contos e com profundidade convicta em sua vida e suas cartas. Em um mundo que era (e, infelizmente, ainda é) ensanguentado por aqueles que procuram impor teocracias, ele ajudou a criar um novo tipo de nação que poderia tirar força de seu pluralismo religioso. Como Garry Wills argumentou em seu livro *Under God* [Sob Deus], isso, “mais do que qualquer outra coisa, fez dos Estados Unidos algo novo sobre a terra”.²⁹

Franklin também deu uma contribuição religiosa mais sutil: separou o espírito puritano da laboriosidade do dogma rígido da seita. Weber, com seu desprezo pelos valores de classe média, desdenhou da ética protestante, e Lawrence achava que a versão desmistificada de Franklin não poderia saciar a alma sombria. Essa ética, no entanto, foi fundamental para incutir a virtude e o caráter que construíram uma nação. “Ele transformou o puritano que havia nele em um ardoroso burguês”, escreve John Updike, cujos romances exploram justamente esses temas, “e este é decerto seu significado principal para a psique

americana: a liberação para o Iluminismo das energias comprimidas pelo puritanismo.” Como Henry Steele Commager declarou em *The American Mind* [A mente americana], “em um Franklin poderiam se fundir as virtudes do puritanismo sem os seus defeitos, a iluminação do Iluminismo sem seu calor”.³⁰

Assim, Franklin merece o galardão, concedido por seu grande contemporâneo David Hume, de “primeiro filósofo” da América? Até certo ponto, sim. Desembaraçar a moral da teologia foi uma importante conquista do Iluminismo, e Franklin foi seu avatar nos Estados Unidos. Além disso, ao relacionar a moralidade a consequências humanas cotidianas, ele lançou as bases para a mais influente das filosofias americanas, o pragmatismo. Nas palavras de James Campbell, seu pensamento moral e religioso, quando julgado no contexto de suas ações, “torna-se uma rica defesa filosófica do serviço para promover o bem comum”. O que lhe faltava em profundidade espiritual era compensado em praticidade e potência.³¹

E o que dizer da acusação de que Franklin era demasiado conciliador, em vez de um homem heroico de princípios? Sim, na década de 1770, ele jogou dos dois lados por alguns anos, quando estava tentando fazer a mediação entre a Inglaterra e suas colônias americanas. Sim, ele foi um pouco tolerante demais ao lidar com a Lei do Selo. Quando comerciante jovem, havia ensinado a si mesmo evitar afirmações controvertidas, e seu hábito de sorrir benignamente enquanto ouvia todos os tipos de pessoa às vezes o fazia parecer hipócrita ou insinuante.

Entretanto, de novo, há algo a ser dito em favor do ponto de vista de Franklin, de seu pragmatismo e sua disposição ocasional de transigir e conciliar. Ele acreditava na humildade de estar aberto a opiniões diferentes. Para ele, não se tratava apenas de uma virtude prática, mas moral. Baseava-se no princípio, tão fundamental para a maioria dos sistemas morais, de que cada indivíduo merece respeito. Durante a Convenção Constitucional, por exemplo, ele estava disposto a abrir mão de algumas de suas crenças para desempenhar um papel fundamental no processo de conciliação que produziu um documento quase perfeito. Isso não poderia ter sido realizado se o salão contivesse somente cruzados que defendessem princípios inabaláveis. Os conciliadores podem não fazer grandes heróis, mas fazem democracias.

O mais importante é que Franklin acreditava de fato em alguns altos princípios — importantíssimos para a formação de uma nova nação — aos quais foi fiel durante toda a sua vida. Tendo aprendido com seu irmão a resistir ao poder estabelecido, nunca vacilou em sua oposição à autoridade arbitrária. Isso o levou a ser inflexível na oposição às políticas fiscais injustas que os Penn tentaram impor, mesmo quando poderia levar vantagem pessoal se os apoiasse. E, embora desejasse chegar a um acordo com a Grã-Bretanha durante a década de 1770, isso significou também sua adesão firme ao princípio de que os cidadãos americanos e seus legisladores não deviam ser tratados como subservientes.

Do mesmo modo, ajudou a criar, e veio a simbolizar, uma nova ordem política em que os direitos e o poder não se baseavam no acaso de uma herança, e sim no mérito, na virtude e no esforço. Ele subiu a escada social, de aprendiz em fuga a comensal de reis, de uma maneira que se tornaria tipicamente americana. Porém, ao fazer isso, resistiu de modo resolutivo, como uma questão de princípios, em algumas ocasiões a ponto de não tirar seu gorro de pele, a assumir pretensões elitistas.

A crença de Franklin de que poderia servir melhor a Deus servindo ao próximo pode chocar alguns que a consideram banalidade, contudo era, na verdade, um credo digno em que ele acreditava profundamente e seguia fielmente. É notável sua versatilidade nesse serviço. Ele planejou Legislativos e para-raios, loterias e bibliotecas circulantes. Buscou maneiras práticas de fazer fogões menos enfumacados e comunidades de nações menos corruptas. Organizou forças policiais de bairro e alianças internacionais. Combinou dois tipos de lente para criar óculos bifocais e dois conceitos de representação para promover o compromisso federal do país. Como disse um amigo seu, o estadista francês Turgot, em seu famoso epigrama, *Eripuit cælo fulmen sceptrumque tyrannis*, “Ele arrebatou o relâmpago do céu e o cetro dos tiranos”.

Tudo isso fez de Franklin o americano mais consumado de sua época e o mais influente na invenção do tipo de sociedade que os Estados Unidos viriam a ser. Com efeito, as raízes de grande parte do que distingue essa nação podem ser encontradas em Franklin: humor e sabedoria simplórios; engenhosidade tecnológica; tolerância pluralista; capacidade de juntar individualismo e cooperação comunitária; pragmatismo filosófico; celebração da mobilidade meritocrática, o traço idealista arraigado em sua política externa; e as virtudes da Rua Principal (ou Rua do Mercado) que servem de alicerce para seus valores cívicos. Ele era igualitário no que viria ser o sentido americano do termo: aprovava os indivíduos que abriam seu caminho para a riqueza por meio de diligência e talento, mas se opunha a dar privilégios especiais para pessoas com base em seu nascimento.

Sua atenção tendia a voltar-se para o modo como as questões comuns afetam a vida cotidiana e para o modo como as pessoas comuns podiam construir uma sociedade melhor. Mas isso não fazia dele um homem comum. Tampouco refletia superficialidade. Ao contrário, sua visão de como construir um novo tipo de nação foi ao mesmo tempo revolucionária e profunda. Embora não encarnasse todos os ideais transcendentes ou poéticos, ele personificava os mais práticos e úteis. Esse era o seu objetivo, por sinal muito digno.

Em tudo isso, ele confiava mais no coração e na mente de seus companheiros de avental de couro do que naqueles de qualquer elite pura. Considerava os valores da classe média uma fonte de força social e não algo a ser ridicularizado. Sua diretriz básica era uma “aversão a tudo o que tendia a

depreciar o espírito das pessoas comuns”. Poucos fundadores da nação sentiam de forma tão plena como ele esse conforto com a democracia, e nenhum tão intuitivamente.

Desde os 21 anos de idade, quando reuniu pela primeira vez sua Junta, ele foi fiel a um ideal fundamental com inabalável e, não raro, heroica fortaleza: a fé na sabedoria do cidadão comum, que se manifestava na valorização da democracia e na oposição a todas as formas de tirania. À sua maneira, era um ideal nobre, transcendente e poético.

E que veio a ser, como a história mostrou, também prático e útil.

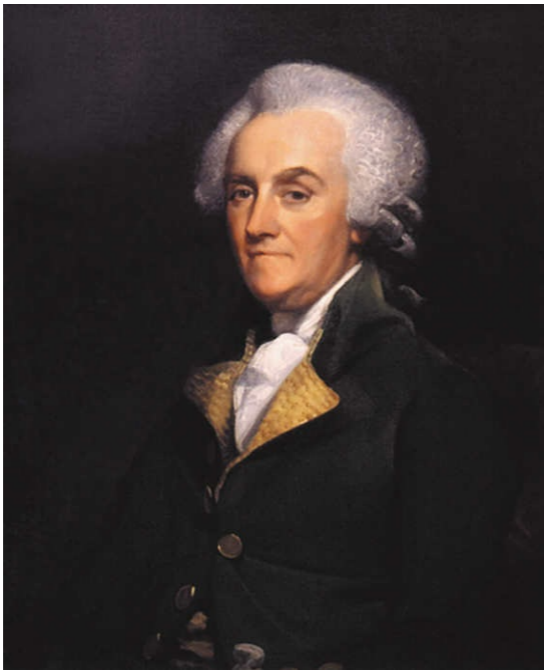
* Kiwanis: organização de clubes masculinos fundada em 1915 para promover o serviço comunitário e defender os ideais elevados nos negócios e na vida profissional. (N. T.)



1. Casa onde nasceu Franklin, na Milk Street de Boston, na frente da igreja Old South.



2. Deborah Franklin, c. 1759, por Benjamin Wilson.



3. William Franklin, c. 1790, por Mather Brown.



4. Sarah "Sally" Franklin Bache, 1793, por John Hoppner.



5. O famoso busto de Franklin, por Jean-Antoine Houdon.



6. Francis Folger Franklin, c. 1736, que morreu de varíola aos quatro anos.

Poor Richard, 1733.

A N

Almanack

For the Year of Christ

1 7 3 3,

Being the First after LEAP YEAR:

<i>And makes since the Creation</i>	Years
By the Account of the Eastern Greeks	7241
By the Latin Church, when \odot ent. Υ	6932
By the Computation of <i>W.W.</i>	5742
By the Roman Chronology	5682
By the Jewish Rabbits	5494

Wherein is contained

The Lunations, Eclipses, Judgment of the Weather, Spring Tides, Planets Motions & mutual Aspects, Sun and Moon's Rising and Setting, Length of Days, Time of High Water, Fairs, Courts, and observable Days.

Fitted to the Latitude of Forty Degrees, and a Meridian of Five Hours West from London, but may without sensible Error, serve all the adjacent Places, even from Newfoundland to South-Carolina.

By RICHARD SAUNDERS, Philom.

PHILADELPHIA:

Printed and sold by B. FRANKLIN, at the New Printing-Office near the Market.

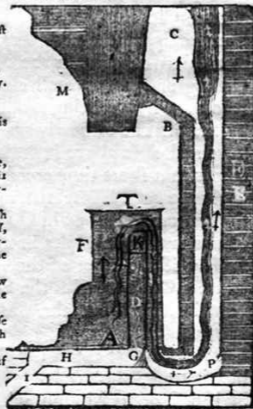


8. *Franklin atraindo a eletricidade do céu*, de Benjamin West, c. 1817.

... Operation may be conceiv'd by observing
the following

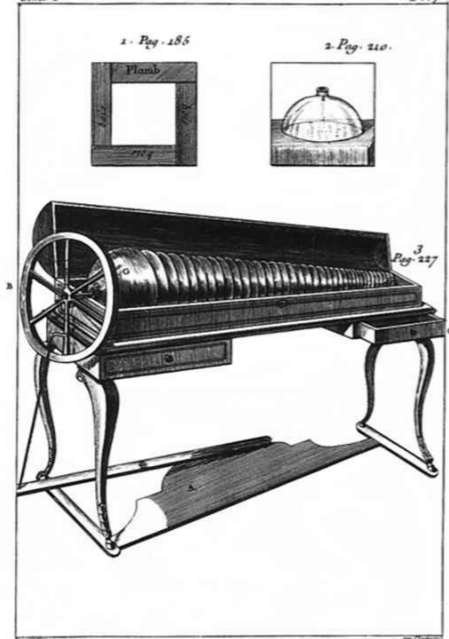
P R O F I L E of the Chimney and
FIRE-PLACE.

- M* The Mantle-piece or Breast of the Chimney.
- C* The Funnel.
- B* The false Back & Closing.
- E* True Back of the Chimney.
- T* Top of the Fire-place.
- F* The Front of it.
- A* The Place where the Fire is made.
- D* The Air-Box.
- K* The Hole in the Side-plate, thro' which the warm'd Air is discharg'd out of the Air-Box into the Room.
- H* The Hollow fill'd with fresh Air, entering at the Passage *I*, and ascending into the Air-Box thro' the Air-hole in the Bottom-plate near
- G* The Partition in the Hollow to keep the Air and Smoke apart.
- P* The Passage under the false Back and Part of the Hearth for the Smoke.
- ↑ ↑ ↑ ↑ ↑ The Course of the Smoke.



The

9. Esboço de Franklin para sua estufa, 1744.



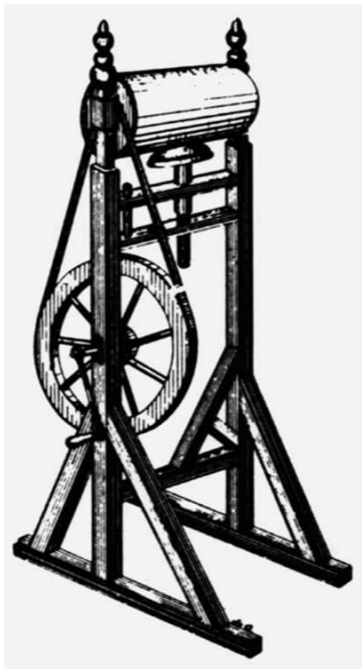
10. A harmônica de vidro, invenção musical de Franklin.



11. Um mapa da corrente do Golfo baseado nas anotações de Franklin.



12. Bateria de garrafas de Leyden de Franklin.



13. Máquina coletora de eletricidade estática de Franklin.



14. O primeiro retrato de Franklin, como simples cavalheiro, feito por Robert Feke, 1748.



15. Thomas Penn, proprietário da Pensilvânia e inimigo de Franklin.



16. O palácio do governo da Pensilvânia, 1778.



17. Casa de Franklin na Craven Street, Londres.



18. William Strahan, amigo de Franklin, por Joshua Reynolds.



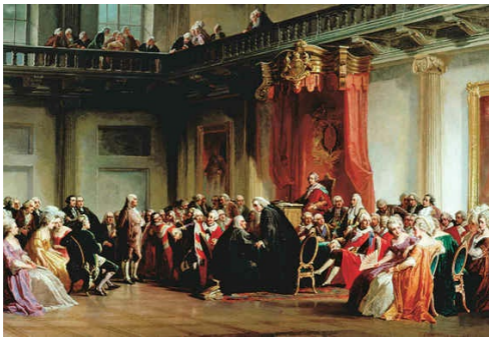
19. O primeiro cartum político dos Estados Unidos, produzido por Franklin.



20. Franklin em Londres, estudando sob o olhar de Newton, por David Martin, 1766.



21. Esboço feito por Charles Willson Peale depois de surpreender Franklin beijando uma moça, talvez Polly Stevenson, na Craven Street.



22. Franklin de pé, em silêncio, enquanto é humilhado no *Cockpit*, em Londres, 1774.

A Declaration by the Representatives of the UNITED STATES
OF AMERICA, in General Congress assembled.

When in the course of human events it becomes necessary for ^{one} people to
~~discard the political bands which have connected them with another, and to~~
~~assume among the powers of the earth, the ^{separate and equal} position to~~
which the laws of nature & of nature's god entitle them, a decent respect
to the opinions of mankind requires that they should declare the causes
which impel them to ~~take~~ ^{separation} ~~the~~ ^{with} ~~separation~~

We hold these truths to be ~~self-evident~~ ^{self-evident} that all men are
created equal & independent; that ~~they are endowed by their creator with~~ ^{they are endowed by their creator with}
~~unalienable rights, that among these are life, liberty, & the pursuit of happiness;~~ ^{unalienable rights, that among these are}
life, liberty, & the pursuit of happiness; that to secure these ~~rights,~~ ^{rights,} go-
vernments are instituted among men, deriving their just powers from
the consent of the governed; that whenever any form of government
~~shall~~ becomes destructive of these ends, it is the right of the people to alter
or to abolish it, to institute new government, laying its foundation on
such principles & organizing it in such form, as to them shall
seem most likely to effect their safety & happiness. ~~prudence instead~~

23. Alterações de Franklin e Adams no rascunho da Declaração de Independência feito por Jefferson; os riscos grossos de Franklin mudam “sagrado e inegável” para “evidentes por si mesmas”.



24. O Congresso debate a Declaração, com Franklin cochilando, no centro.



25. O famoso retrato feito por Siffred Duplessis, 1778.



26. Gravura baseada no retrato, c. 1778, por Rosalie Filleul, uma das amigas de Franklin em Paris, que escreveu que “aguardaria muito para beijá-lo”. Ela foi guilhotinada durante a Revolução Francesa.



27. Franklin e as damas de Paris.



28. Uma vista de Passy.



29. Franklin e seu famoso gorro de pele de marta.



30. Gravura de Madame Helvétius.



31. Os negociadores americanos nas conversações de paz com a Grã-Bretanha em Paris, num quadro inacabado de Benjamin West, 1783: Temple Franklin, Henry Laurens, Benjamin Franklin, John Adams, John Jay.



32. Mural no Capitólio americano mostra Franklin sob sua amoreira, durante a Convenção Constitucional, com Alexander Hamilton, James Wilson e James Madison.

Personagens

ABADE ANDRÉ MORELLET (1727-1819). Economista, colaborador da *Encyclopédie* e apreciador de vinhos. Conheceu Franklin em 1772 numa festa na casa de lordes Shelburne, onde Franklin fez seu truque de acalmar as ondas com óleo. Participava do círculo de Madame Helvétius.

ABIAH FOLGER FRANKLIN (1667-1752). Casou-se com Josiah Franklin em 1689 e teve dez filhos, entre eles Benjamin.

ANDREW BRADFORD (1686-1742). Impressor da Filadélfia e editor do *American Weekly Mercury*, tornou-se concorrente de Franklin e apoiou a elite proprietária.

ANDREW HAMILTON (c. 1676-1741). Presidente da Assembleia da Pensilvânia durante grande parte da década de 1730. Defendeu John Peter Zenger em seu julgamento por difamação e geralmente apoiava Franklin.

ANNE-CATHERINE DE LIGNIVILLE HELVÉTIUS (1719-1800). Amiga íntima de Franklin em Auteuil, perto de Passy. Franklin lhe propôs casamento, mais do que de brincadeira, em 1780. Enviuvou em 1771 do notável filósofo e rico *fermier général* Claude-Adrien Helvétius.

ANNE LOUISE-BOIVIN D'HARDANCOURT BRILLON DE JOUY (1744-1824). Vizinha de Franklin em Passy, consumada cravista que se tornou uma das amigas preferidas de Franklin. Escreveu “*Marche des insurgents*” para comemorar a vitória americana em Saratoga.

ANNE-ROBERT-JACQUES TURGOT (1727-81). Economista, ministro das Finanças de Luís XVI, amigo de Franklin e rival ocasional nas afeições de Madame Helvétius. Escreveu o famoso epigrama: *Eripuit cælo fulmen*

sceptrumque tyrannis — “Ele arrebatou o relâmpago do céu e o cetro dos tiranos”.

ARTHUR LEE (1740-92). Político e diplomata da Virgínia. Iniciou sua oposição pessoal a Franklin quando ambos estavam em Londres, no final da década de 1760. Suas disputas com Franklin se intensificaram quando ambos eram comissários em Paris, em 1777. Manteve-se inimigo de Franklin, assim como seus poderosos irmãos: William, Richard Henry e Francis Lightfoot Lee.

BENJAMIN “BENNY” FRANKLIN BACHE (1769-98). Filho de Sally e Richard Bache, viajou para Paris com o avô e o primo Temple em 1776; enviado para uma escola em Genebra, aprendeu impressão em Passy; instalado por Franklin como impressor na Filadélfia, publicou o jornal antifederalista *The American Aurora* e foi preso por difamação pelo presidente John Adams. Morreu de febre amarela aos 29 anos.

BENJAMIN FRANKLIN “O VELHO” (1650-1727). Irmão do pai de Franklin. Incentivou seu sobrinho (sem sucesso) na poesia e na pregação. Viúvo aposentado, foi morar em Boston em 1715.

BENJAMIN VAUGHAN (1751-1835). Diplomata e associado de lorde Shelburne. Compilou muitos dos trabalhos de Franklin em 1779 e ajudou a negociar com ele os tratados de paz finais com a Inglaterra.

CADWALLADER COLDEN (1688-1776). Político e naturalista de Nova York. Correspondeu-se frequentemente com Franklin sobre experimentos e temas científicos.

CATHERINE “CATY” RAY [GREENE] (1731-94). Conheceu Franklin em sua viagem de 1754 para a Nova Inglaterra e foi seu primeiro grande flerte com mulheres jovens. Casou-se em 1758 com William Greene, que se tornou governador de Rhode Island, mas continuou amiga de Franklin e de sua família. (Ela assinava “Caty”, mas Franklin tendia a chamá-la de “Katy” ou “Katie”).

CHARLES GRAVIER, CONDE DE VERGENNES (1717-87). Ministro francês das Relações Exteriores entre 1774 e 1787, com quem Franklin negociou uma aliança.

CHARLES THOMSON (1729-1824). Professor nascido na Irlanda. Franklin deu-lhe um emprego na Academia da Filadélfia e o envolveu na política da Pensilvânia. Atuou como olhos e ouvidos de Franklin enquanto ele estava em Londres. Mais tarde, tornou-se secretário do Congresso, de 1774 a 1789.

CONDE DE SHELBURNE (1737-1805). Amigo inglês em cuja casa Franklin fez seu truque do óleo na água. Mais tarde, secretário colonial e primeiro-ministro durante as negociações de paz anglo-americanas de 1782.

COTTON MATHER (1663-1728). Proeminente clérigo puritano e famoso caçador de bruxas. Sucedeu a seu pai, Increase Mather, como pastor da igreja Old North de Boston. Seus escritos inspiraram os projetos civis de Franklin.

DAVID HALL (1714-72). Recomendado por William Strahan, mudou-se de Londres em 1744 para se tornar gerente da gráfica de Franklin e, em 1748, assumiu a gestão do negócio como sócio-gerente.

DAVID HUME (1711-76). Historiador e filósofo escocês. Com Locke e Berkeley, foi um dos maiores analistas empíricos britânicos. Franklin fez amizade com ele em Londres e o visitou em Edimburgo, em 1759 e 1771.

DEBORAH READ FRANKLIN (1705[?]-74). A fiel concubina de Franklin. Pode ter nascido em Birmingham, mas foi criada na Market Street, na Filadélfia, e nunca deixou a vizinhança. Viu Franklin pela primeira vez em outubro de 1723, quando ele se perdeu do barco na Filadélfia. Casou com John Rogers, que a abandonou. Tornou-se concubina de Franklin em 1730. Foi contadora e gerente de gráfica. Defendeu-se lar durante os tumultos da Lei do Selo. Dois filhos: Francis (“Franky”), que morreu aos quatro anos, e Sarah (“Sally”), que em muitos aspectos se assemelhava a ela.

EDWARD BANCROFT (1745-1821). Médico nativo de Massachusetts e especulador na bolsa que conheceu Franklin em Londres, tornou-se secretário da comissão americana na França durante a Revolução Americana e que era, na verdade, espião britânico.

FRANCIS DASHWOOD, BARÃO LE DESPENCER (1708-81). Político britânico e, de 1766 a 1781, diretor dos correios que protegeu e depois teve de demitir seu amigo Franklin da vice-diretoria dos correios americanos. Em sua casa de campo, Franklin teve o prazer de ver sua brincadeira “Um édito do rei da Prússia” enganar as pessoas.

GEORGE WHITEFIELD (1714-70). Evangelista. Ingressou no movimento Wesley quando estava no Pembroke College, Oxford. Fez sete viagens à América como um dos principais pregadores do Grande Despertar e foi apoiado por Franklin na Filadélfia, em 1739.

HENRY HOME, LORD KAMES (1696-1782). Juiz e filósofo moral escocês, com interesses em agricultura, ciências e história, que Franklin conheceu em sua viagem de 1759 à Escócia.

HUGH MEREDITH (c. 1697-c. 1749). Impressor na gráfica de Keimer. Tornou-se membro da Junta de Franklin e seu primeiro sócio, em 1728. Mas, quando voltou a beber, Franklin comprou sua parte em 1730 e ele foi para a Carolina do Norte.

ISAAC NORRIS (1701-66). Comerciante da Filadélfia, presidente da Assembleia entre 1750 e 1764; aliado de Franklin na oposição aos proprietários.

JACQUES-DONATIEN LE RAY DE CHAUMONT (1725-1803). Comerciante, candidato a aproveitador de guerra e ex-trafficante de escravos. Senhorio de Franklin em Passy.

JAMES FRANKLIN (1697-1735). Irmão e primeiro mestre de Franklin. Fundou o *New England Courant* em 1721 e foi um pioneiro do jornalismo provocador americano.

JAMES HAMILTON (1710-83). Filho de Andrew, foi governador da Pensilvânia, em 1748-54 e 1759-63. Membro da maçonaria, foi provedor da Companhia da Biblioteca e da Academia; embora fosse amigo de Franklin, com frequência estavam em lados politicamente opostos.

JAMES LOGAN (1674-1751). Proeminente quacre e cavalheiro da Filadélfia, conselheiro da biblioteca com quem Franklin fez amizade.

JAMES PARKER (c. 1714-70). Impressor de Nova York, fugiu do aprendizado com William Bradford e Franklin o estabeleceu em Nova York como parceiro de impressão, chefe dos correios local e, mais tarde, tesoureiro do sistema postal. Franklin se correspondia com ele sobre um plano para a união

antes da Conferência de Albany.

JANE FRANKLIN [MECOM] (1712-94). Irmã mais moça e a preferida de Franklin.

JEAN-ANTOINE NOLLET (1700-70). Cientista e eletricitista francês. Oponente ciumento das teorias de Franklin.

JEAN-BAPTISTE LE ROY (1720-1800). Cientista francês. Partilhava o interesse de Franklin pela eletricidade e se tornou seu amigo íntimo em Paris.

JOHN ADAMS (1735-1826). Patriota de Massachusetts, o segundo presidente dos Estados Unidos. Trabalhou com Franklin na edição do rascunho de Jefferson da Declaração da Independência e na negociação com lorde Howe em 1776. Chegou a Paris em abril de 1778 para trabalhar com Franklin como comissário, partiu em março de 1779, voltou em fevereiro de 1780, foi para a Holanda em agosto de 1780 e retornou para as negociações finais de paz com a Grã-Bretanha em outubro de 1782.

JOHN DICKINSON (1732-1808). Político da Filadélfia que se opôs a Franklin na luta com os proprietários e foi mais cauteloso em relação à independência. Escreveu “Cartas de um fazendeiro da Pensilvânia”, que Franklin (sem saber quem era o autor) ajudou a publicar em Londres.

JOHN FOTHERGILL (1712-80). Médico quacre em Londres. Publicou os trabalhos sobre eletricidade de Franklin em 1751 e foi seu médico na Inglaterra. “Eu mal posso imaginar que tenha existido um homem melhor”, Franklin disse certa vez.

JOHN FRANKLIN (1690-1756). Irmão de Franklin. Tornou-se fabricante de sabão e vela em Rhode Island e depois (com a ajuda de Franklin) chefe dos correios em Boston. Franklin fez um cateter flexível para ele.

JOHN PENN (1729-85). Neto do fundador da Pensilvânia, William Penn. Foi governador durante boa parte do período entre 1763 e 1776. Foi com Franklin para a Conferência de Albany em 1754, solicitou sua ajuda durante os tumultos dos Paxton Boys, mas logo se tornou seu inimigo político na questão dos direitos e impostos dos proprietários.

JONATHAN SHIPLEY, BISPO DE ST. ASAPH (1714-88). Bispo anglicano em cuja casa, Twyford, perto de Winchester, Franklin iniciou sua autobiografia.

JOSEPH GALLOWAY (c. 1731-1803). Político da Filadélfia e antigo aliado de Franklin na luta contra os proprietários. Sua casa, Trevoze, foi o local de um encontro tenso entre Franklin e seu filho. Permaneceu fiel à Coroa e rompeu com Franklin durante a Revolução.

JOSEPH PRIESTLEY (1733-1804). Teólogo que se voltou para as ciências. Conheceu Franklin em 1765. Escreveu uma história da eletricidade (1767) que destacava o trabalho de Franklin. Isolou o oxigênio e outros gases.

JOSIAH FRANKLIN (1657-1745). Tingidor de seda nascido em Ecton, Inglaterra. Emigrou para os Estados Unidos em 1683, onde se tornou fabricante de velas. Teve sete filhos com sua primeira esposa, Anne Child, e dez (inclusive Benjamin Franklin) com sua segunda esposa, Abiah Folger Franklin.

LORDE RICHARD HOWE (1726-99). Almirante britânico. Ingressou na Marinha Real aos catorze anos e tornou-se comandante na América. Negociou

secretamente com Franklin sob o pretexto de jogar xadrez na casa de sua irmã, no final de 1775. Encontrou-se com Franklin e Adams em Staten Island, em setembro de 1776.

LOUIS-ALEXANDER, DUQUE DE LA ROCHEFOUCAULD (1743-92). Cientista e nobre, traduziu as Constituições estaduais americanas para publicação na França e a pedido de Franklin. Apedrejado até a morte durante a Revolução Francesa.

LOUIS-GUILLAUME LE VEILLARD (1733-94). Proprietário de uma famosa estação de águas. Vizinho de Franklin em Passy. Guilhotinado durante a Revolução Francesa.

MARGARET STEVENSON (1706-83). Senhoria de Franklin na Craven Street, perto do Strand, e companheira ocasional em Londres.

MARIE-JEAN-ANTOINE-NICOLAS CARITAT, MARQUÊS DE CONDORCET (1743-94). Matemático e biógrafo, colaborador da *Encyclopédie* de Diderot. Amigo íntimo de Franklin em Paris. Morreu envenenado durante a Revolução Francesa.

MARY "POLLY" STEVENSON [HEWSON] (1739-95). Filha da sra. Stevenson. Foi durante muito tempo amiga jovem e insinuante e companheira intelectual de Franklin. Casou-se em 1770 com o pesquisador médico William Hewson. Enviuvou em 1774. Visitou Franklin em Passy em 1785. Mudou-se para a Filadélfia em 1786 para estar ao lado do leito de morte dele.

PAUL WENTWORTH (c. 1740-93). Chefe da espionagem da Grã-Bretanha na França, foi quem recrutou Edward Bancroft. Nascido em New Hampshire, mudou-se para Londres na década de 1760, tornou-se rico em ações e compras de terras na Guiana. Encontrou-se com Franklin em Paris, em dezembro de 1777, para tentar sabotar o tratado americano com a França.

PETER COLLINSON (1694-1768). Comerciante e cientista de Londres que ajudou Franklin a montar a biblioteca e lhe forneceu tratados e equipamentos de eletricidade.

PIERRE-AUGUSTIN CARON DE BEAUMARCHAIS (1732-99). Dramaturgo, especulador da bolsa e traficante de armas. Colaborou na organização da ajuda francesa para a América durante a Revolução e se tornou amigo de Franklin em Passy. Escreveu *O barbeiro de Sevilha*, em 1775, e *Fígaro*, em 1784.

RICHARD BACHE (1737-1811). Comerciante em dificuldades que se casou com Sally, filha de Franklin, em 1767. Tiveram sete filhos que sobreviveram à infância: Benjamin, William, Louis, Elizabeth, Deborah, Sarah e Richard.

RICHARD PETERS (c. 1704-76). Clérigo anglicano. Foi para a Pensilvânia em 1734 como braço direito da família Penn. Tornou-se um dos adversários de Franklin, mesmo quando trabalharam juntos na construção da Academia.

ROBERT HUNTER MORRIS (c. 1700-64). Governador dos Penn na Pensilvânia de 1754 a 1756. Lutou com Franklin em relação à tributação das fazendas dos proprietários. Filho de Lewis Morris, governador de Nova Jersey.

ROBERT LIVINGSTON (1746-1813). Estadista de Nova York, ministro das Relações Exteriores dos Estados Unidos entre 1781 e 1783.

SAMUEL COOPER (1725-83). Político e ministro de Boston. Defensor da independência e confidente íntimo de Franklin.

SAMUEL KEIMER (c. 1688-1742). Impressor de Londres. Mudou-se para a Filadélfia em 1722 e no ano seguinte deu a Franklin seu primeiro emprego nessa cidade. Franklin teve uma relação tempestuosa com ele e tornou-se seu concorrente; Keimer foi embora para Barbados em 1730.

SAMUEL WHARTON (1732-1800). Comerciante nascido na Filadélfia. Mudou-se para Londres em 1769 e se envolveu em negócios de terras e especulações de ações com Thomas Walpole.

SARAH "SALLY" FRANKLIN [BACHE] (1743-1808). Filha única e leal. Casou-se com Richard Bache em 1767. Foi anfitriã e dona de casa quando Franklin voltou para a Filadélfia, em 1776 e 1785. Tal como sua mãe, nunca viajou para a Europa com ele, mas o acompanhou a Boston em 1763.

SILAS DEANE (1737-89). Diplomata e comerciante de Connecticut. Foi para a França em julho de 1776, pouco antes de Franklin, para solicitar apoio. Tornou-se aliado de Franklin, mas provocou a hostilidade de Arthur Lee, que o acusou de corrupção e ajudou a forçar seu chamado de volta aos Estados Unidos.

SIR JOHN PRINGLE (1707-82). Médico inglês que se tornou amigo íntimo e companheiro de viagens de Franklin.

SIR WILLIAM KEITH (1680-1749). Governador da Pensilvânia de 1717 a 1726. Tornou-se um patrono não confiável de Franklin em 1724 e o enviou para Londres sem a carta de crédito que havia prometido. Keith foi substituído no cargo quando desafiou os proprietários. Por não pagar dívidas, acabou preso no Old Bailey, onde morreu.

THOMAS CUSHING (1725-88). Político de Massachusetts e presidente de sua Câmara (1766-74). Correspondente frequente de Franklin e destinatário das cartas de Hutchinson.

THOMAS HUTCHINSON (1711-80). De início, amigo de Franklin e seu aliado na Conferência de Albany de 1754. Tornou-se governador real de Massachusetts em 1771. Teve a casa queimada durante a crise da Lei do Selo e Franklin lhe escreveu manifestando solidariedade. Mas, em 1773, Franklin obteve algumas de suas cartas e as enviou aos aliados em Massachusetts, o que fez com que enfrentasse um interrogatório dos ministros britânicos no *Cockpit*.

THOMAS PAINE (1737-1809). Fabricante falido de espartilhos e funcionário da Fazenda na Inglaterra. Encantou Franklin, que providenciou uma carta de apresentação para Richard Bache, o que redundou em um emprego de jornalista e impressor na Filadélfia. Escreveu *Common Sense* em janeiro de 1776, que abriu o caminho para a Declaração de Independência. Escreveu *A idade da razão*, mas adiou sua publicação até 1794, talvez porque Franklin o advertisse de que as pessoas o julgariam herético.

THOMAS PENN (1702-75). Filho de William e tio de John Penn. Vivendo em Londres, tornou-se, em 1746, o primeiro proprietário da Pensilvânia, junto com seu irmão Richard. Um dos principais inimigos políticos de Franklin.

THOMAS WALPOLE (1727-1803). Banqueiro britânico e membro do Parlamento, sobrinho do primeiro-ministro Robert Walpole. Formou com Franklin a Grande Companhia Ohio para obter concessões de terras americanas e, mais

tarde, especulou com ações, utilizando informações privilegiadas de Edward Bancroft.

WILLIAM ALLEN (1704-80). Comerciante e juiz da Corte Suprema da Pensilvânia, inicialmente amigo de Franklin, mas que rompeu com ele quando passou a apoiar os proprietários.

WILLIAM BRADFORD (1663-1752). Impressor pioneiro de Nova York que Franklin conheceu quando fugiu de Boston e que o apresentou a seu filho Andrew, na Filadélfia.

WILLIAM DENNY (1709-65). Oficial do Exército britânico que foi nomeado governador da Pensilvânia (1756-9).

WILLIAM FRANKLIN (c. 1730-1813). Filho ilegítimo criado por Franklin. Acompanhou-o à Inglaterra, tornou-se simpatizante dos conservadores, foi nomeado governador real de Nova Jersey, permaneceu leal à Coroa e irrevogavelmente rompido com o pai.

WILLIAM HOWE (1729-1814). Irmão mais moço do almirante lorde Richard Howe. Lutou na Guerra Franco-Indígena e, depois, na batalha de Bunker Hill. Em 1775, substituiu o general Thomas Gage no comando das tropas terrestres britânicas nas colônias, servindo sob o comando geral de seu irmão. Tornou-se visconde Howe em 1799.

[WILLIAM] TEMPLE FRANKLIN (c. 1760-1823). Filho ilegítimo de William Franklin. O avô ajudou a criá-lo e educá-lo, trouxe-o de volta para a América em 1775, levou-o para Paris em 1776; manteve sua lealdade ao avô na briga com o pai. Também teve filhos ilegítimos. Publicou uma coleção aleatória dos escritos de Franklin.

WILLIAM PITT, O VELHO, CONDE DE CHATHAM (1708-78). Como o “Grande Plebeu”, foi primeiro-ministro durante a Guerra dos Sete Anos (1756-63). Aceitou o título de nobreza em 1766. Opôs-se a medidas repressivas dos conservadores. Negociou com Franklin no início de 1776, estacionando sua carruagem em frente à casa da pensão da sra. Stevenson.

WILLIAM SHIRLEY (1694-1771). Advogado de Londres. Mudou-se para Boston para ser governador de Massachusetts entre 1741 e 1757 e foi por pouco tempo comandante das tropas britânicas. Ele e Franklin se corresponderam após a Conferência de Albany de 1754 sobre como deveria ser a união colonial americana.

WILLIAM SMITH (1727-1803). Clérigo e escritor inglês. Recrutado por Franklin no início da década de 1750 para a nova Academia da Filadélfia, foi escolhido como seu reitor. Tornou-se um ardente defensor dos proprietários e rompeu amargamente com Franklin.

WILLIAM STRAHAN (1715-85). Impressor de Londres que se tornou amigo íntimo de Franklin através de cartas antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente. Enviou David Hall para ser seu sócio. Franklin escreveu-lhe, mas não lhe enviou, uma famosa carta em que declarava “Você é meu inimigo” durante a Revolução Americana; na verdade, eles permaneceram amigos.

Cronologia

- 1706 Nasce em Boston, em 17 de janeiro (6 de janeiro de 1705 pelo calendário juliano).
- 1714 Frequenta a Escola Latina de Boston.
- 1715 Frequenta a escola de Brownell.

- 1716 Começa a trabalhar na fábrica de vela e sabão do pai.
- 1718 Torna-se aprendiz do irmão James.
- 1722 Escreve os ensaios de Silence Dogood.
- 1723 Foge para a Filadélfia. Trabalha para Keimer.
- 1724 Muda-se para Londres.
- 1725 “Uma dissertação sobre liberdade e necessidade, prazer e dor”.
- 1726 Retorna para a Filadélfia. Trabalha com Denham.
- 1727 Volta para a gráfica de

Keimer.

- 1728 Abre gráfica própria com Hugh Meredith.
- 1729 Escreve os ensaios de Busy-Body. Compra o *Pennsylvania Gazette*.
- 1730 Passa a viver em concubinato com Deborah Read. Nascimento de William?
- 1731 Entra para a maçonaria. Funda uma biblioteca.
- 1732 Nasce Francis. Lança o *Almanaque do Pobre Ricardo*.
- 1733 Elabora projeto de

perfeição moral.

- 1735 Participa de controvérsia em torno do pregador Hemphill.
- 1736 Torna-se funcionário da Assembleia da Pensilvânia. Morte de Francis. Cria a Companhia de Bombeiros.
- 1737 É nomeado agente postal da Filadélfia.
- 1739 Torna-se amigo do evangelista Whitefield.
- 1741 Lança a *General Magazine*, que fracassa. Projeta uma estufa.

- 1743 Nasce Sarah (“Sally”).
Funda a Sociedade
Filosófica Americana.
- 1745 Collinson manda panfletos
sobre eletricidade e tubo
de vidro.
- 1746 Verão de experimentos
com eletricidade.
- 1747 Escreve “Verdade
simples”. Organiza uma
milícia.
- 1748 Aposenta-se do negócio
de impressão.
- 1749 Escreve a proposta de
Academia (Universidade
da Pensilvânia).

- 1751 Escritos sobre
eletricidade são
publicados em Londres.
Eleito para a Assembleia
da Pensilvânia.
- 1752 Faz experiência com pipa
e raios.
- 1753 Torna-se agente adjunto
dos Correios para as
colônias. Conferência de
Carlisle.
- 1754 Começa a guerra franco-
indígena. Plano de União
de Albany.
- 1755 Fornece suprimentos para
o general Braddock.

Aprova a lei da milícia.
Combate os proprietários.

1756 Elabora leis sobre guardas-noturnos e iluminação pública.

1757 Parte para Londres como agente. Escreve “O caminho para a riqueza” e o último *Almanaque do Pobre Ricardo*. Mora com a sra. Stevenson na Craven Street.

1758 Visita Ecton com William para pesquisar seus ancestrais.

1759 Visita o norte da Inglaterra e a Escócia. Tropas

inglesas e americanas capturam Quebec.

1760 Insta a Grã-Bretanha a manter o Canadá. O Conselho Privado lhe dá vitória parcial na luta contra os Penn. Viaja pela Inglaterra com William.

1761 Viaja para Flandres e Holanda com William.

1762 Retorna para a Filadélfia. William é nomeado govenador real de Nova Jersey e se casa.

1763 Constrói a nova casa na Market Street. Realiza a

viagem de inspeção postal da Virgínia à Nova Inglaterra. Fim da guerra franco-indígena.

1764 Crise dos Paxton Boys. Derrotado em eleição encarniçada para a Assembleia. Retorna para Londres como agente.

1765 Aprovação da Lei do Selo.

1766 Testemunha contra a Lei do Selo no Parlamento. Lei revogada. Expira a sociedade com David Hall.

1767 Imposição das taxas de

Townshend. Viaja à França.

1768 Trava cruzada pela imprensa de Londres em favor das colônias.

1769 Realiza sua segunda visita à França.

1770 Taxas de Townshend são revogadas, exceto sobre o chá. É nomeado agente de Massachusetts.

1771 Confronto com Hillsborough. Começa a *Autobiografia*. Visita a Irlanda e a Escócia. Encontra-se com o genro,

Bache.

1772 Envia secretamente cartas roubadas de Hutchinson para Boston.

1773 Escreve as paródias “Regras pelas quais um grande império pode ser reduzido a um pequeno” e “Um édito do rei da Prússia”. Tea Party de Boston.

1774 Dá-se o confronto no *Cockpit* a respeito das cartas de Hutchinson. É demitido do cargo nos correios. Aprovação das

Leis Coercitivas. Inicia discussões de paz com lorde Chatham e lorde Howe. Morre Deborah.

1775 Retorna para a Filadélfia. Batalhas de Lexington e Concord. Eleito para o Segundo Congresso Continental. Propõe os primeiros Artigos da Confederação.

1776 William é afastado do governo de Nova Jersey e preso em Connecticut. Missão no Canadá. Declaração de Independência. Encontra-

se com lorde Howe em Staten Island. Vai para a França com Temple e Benny.

1777 Instala-se em Passy, festejado por toda Paris.

1778 São assinados os tratados de aliança e comércio com a França. William é libertado da prisão e muda-se para Nova York.

1779 Torna-se o único ministro para a França. Frequenta os salões das Madames Brillon e Helvétius. O *Bonhomme Richard* de John Paul Jones derrota o

Serapis.

- 1780 Adams retorna, Franklin colabora para que ele seja deposto do cargo de comissário. Os britânicos capturam Charleston.
- 1781 Adams volta para Paris como ministro para negociar com a Grã-Bretanha. Franklin é então designado (com Jay e outros) para participar, com Adams, dessa comissão. Cornwallis rende-se em Yorktown.

- 1782 Negocia, com Adams e Jay, o tratado de paz com a Grã-Bretanha. William retorna para Londres.
- 1783 Presencia voos de balão.
- 1784 Participa de comissão para investigar Mesmer. Polly Stevenson visita Passy.
- 1785 Encontra-se pela última vez com William. Retorna para a Filadélfia.
- 1786 Amplia a casa da Market Street.
- 1787 Convenção Constitucional. Eleito presidente da

Sociedade para a
Promoção da Abolição da
Escravidão na
Pensilvânia.

1790 Morre em 17 de abril, aos
84 anos.

Conversão de moedas

Equivalência aproximada de moedas do século XVIII em valores de hoje com base em comparações de índices de preços de um conjunto de produtos de consumo:

1706

A libra esterlina britânica era a moeda corrente nas colônias americanas.

Uma libra tinha o mesmo valor de compra de 104 libras (ou 161 dólares) em 2002.

Uma onça de ouro puro custava 4,35 libras esterlinas.

1750

A libra esterlina britânica ainda era a moeda-padrão nas colônias, mas algumas delas (como a Pensilvânia, por ordem de Franklin) já estavam imprimindo papel-moeda denominado em libras, cujo valor variava um pouco.

Uma libra tinha o mesmo valor de compra de 103 libras (ou 160 dólares) em 2002.

Uma onça de ouro puro custava 4,25 libras esterlinas.

1790

O dólar começava a ser a moeda-padrão nos Estados Unidos e estabeleceu-se uma taxa de câmbio oficial. O preço do ouro da libra esterlina continuava fixo, mas seu poder de compra havia caído.

Pela taxa de câmbio oficial, uma libra valia 4,55 dólares, que valia 23,5 *livres* francesas.

Uma onça de ouro puro custava 4,25 libras ou 19,50 dólares.

Uma libra tinha o mesmo valor de compra de setenta libras em 2002.

Um dólar tinha o mesmo valor de compra de 19,26 dólares em 2002.

As mudanças de poder de compra da libra esterlina e do dólar de 1790 não são comparáveis.

Fontes: Economic History Services, eh.net/hmit; John McCusker, *How Much Is That in Real Money?* (New Castle, Del.: Oak Knoll Press, 2001).

Agradecimentos

Alice Mayhew, da Simon & Schuster, tem sido uma editora diligente e amiga gentil há vinte anos e, agora, três livros. Suas anotações detalhadas e correções valiosas em todos os meus manuscritos são bens preciosos. Ela sempre foi rigorosa em relação, entre outras coisas, à estruturação de uma narrativa lógica, e sua energia ao lidar com este livro foi infatigável e profundamente apreciada. Do mesmo modo, Amanda Urban na ICM tem sido uma valiosa amiga e agente em todos esses anos. Ela leu minhas primeiras versões e ofereceu boas sugestões e caloroso encorajamento, bem como um quarto de hóspede ocasional para trabalhar.

Para ter certeza de que meus fatos estavam tão corretos quanto possível e que eu não deixaria inadvertidamente de fazer as devidas citações, contratei Carole Le Faivre Rochester para verificar o manuscrito, as fontes e as notas dos créditos. Por 24 anos, ela trabalhou na Sociedade Filosófica Americana, que Franklin fundou e que fez um grande trabalho para preservar seus documentos, da qual se aposentou como editora em 2001. Ela foi diligente ao desenterrar materiais e fazer sugestões úteis.

Uma das alegrias de trabalhar sobre Franklin foi conhecer a generosa e bem-humorada Claude-Anne Lopez, a editora de Yale que durante muito tempo compilou seus documentos e é autora de muitos livros e artigos deliciosos sobre ele. Ela gentilmente concordou em ler partes do manuscrito e corrigir os três

capítulos a respeito de seus anos na França, sobre os quais é ao mesmo tempo especialista e entusiasta.

Ela sugeriu que eu tentasse desencavar informações sobre as atividades de espionagem de Edward Bancroft sobre Franklin. Para ajudar nessa tarefa, contratei Susan Ann Bennett, uma pesquisadora de Londres, que, entre outras coisas, escreveu “Benjamin Franklin da Craven Street” quando era curadora da RSA (anteriormente, Royal Society of Arts). Sou muito grato pelo seu trabalho diligente, pelas transcrições e pela investigação inteligente na Biblioteca Britânica, onde estão guardados alguns relatórios de Bancroft em código e tinta invisível.

Agradeço também aos editores de Yale, que continuam a produzir o que julgo ser a maior coleção de papéis de alguém. Seu 37^o volume, que vai até agosto de 1782, sairá ao mesmo tempo que este livro e deve ser comprado por todos os interessados em Franklin. Eles foram gentis em me deixar examinar o manuscrito desse trabalho, bem como os primeiros rascunhos dos volumes 38, 39 e 40. Apreciei particularmente um animado almoço que tive em New Haven com Claude-Anne Lopez e alguns dos principais membros da equipe atual, entre eles Ellen Cohen, Judith Adkins, Jonathan Dull, Karen Duval e Kate Ohno.

Nesse almoço também estava presente o venerado Edmund Morgan, professor aposentado de história na Universidade Yale, que escreveu um livro maravilhoso em que analisa Franklin e seus papéis. O professor Morgan foi gentil, benevolente, generoso e extremamente prestativo, na tradição de Franklin. Ofereceu-se gentilmente para ler partes de meu manuscrito e deu sugestões e estímulo sobre o meu tema e o capítulo final. Tentei adotar uma abordagem diferente da dele, escrevendo uma biografia narrativa cronológica, mas não pretendo ter chegado à altura de seus *insights*. Aqueles que acharem meu livro interessante e, mais importante, aqueles que não acharem isso devem comprar e ler o livro dele, se não o fizeram.

Márcia Baliscano é a diretora da Franklin House, na Craven Street, em Londres, que em breve será (todos nós esperamos) um museu adequado. Com enorme habilidade e rigor intelectual, assim como uma diligência que teria deslumbrado o próprio Franklin, ela dissecou todo o meu manuscrito e fez dezenas de sugestões de valor inestimável. Além disso, foi muito prestativa ao me hospedar na Craven Street e cumpriu seu dever de arregimentar a mim e outros para sua causa. Um dos membros do seu conselho é lady Joan Reid, um grande repositório de informações sobre Franklin. Agradeço muito sua disposição de oferecer-se para a árdua tarefa de ler meu manuscrito e ser ao mesmo tempo minuciosa e inabalável em sua cruzada de separar fatos de folclore. Ao fazer isso, ela despendeu não somente enorme quantidade de tempo e energia intelectual como também uma enorme pilha de Post-it coloridos repletos de sugestões. Espero que algum dia ela escreva um livro sobre o círculo de amigos

de Franklin em Londres.

Faz parte do prazer de escrever sobre Franklin conhecer seus aficionados. Entre eles, destaca-se um grupo chamado Amigos de Franklin, com sede na Filadélfia, que promove almoços, organiza seminários e publica o delicioso *Franklin Gazette* (para participar, acesse <<http://friendsoffranklin.org/>>). Quero agradecer à sua secretária executiva Kathleen DeLuca pela hospitalidade. O grupo está trabalhando com o Instituto Franklin, a Sociedade Filosófica Americana, a Companhia da Biblioteca da Filadélfia, o Museu de Arte da Filadélfia, da Universidade da Pensilvânia, e o Pew Charitable Trust para organizar uma comemoração e uma exposição, sob a direção de Conover Hunt, que culminará com o aniversário de trezentos anos do nascimento de Franklin, em janeiro de 2006.

Sou profundamente grato a Strobe Talbott, meu amigo e inspiração de muito tempo. Ele me ajudou a estruturar e editar tanto *The wise men*, do qual fui coautor em 1986, como a biografia de Henry Kissinger, que publiquei em 1992. Desta vez, ele se ofereceu novamente para ler o meu manuscrito e voltou com uma fartura de sugestões e comentários. Stephen Smith, um dos editores mais hábeis que já conheci, também leu todo o manuscrito e forneceu perspectivas e ideias úteis. Evan Thomas, meu coautor de *The wise men*, descobriu alguns erros que cometi a respeito de John Paul Jones, sobre o qual ele escreveu um grande livro. Steven Weisman leu uma primeira versão e deu sugestões muito perspicazes. Muitos outros amigos deram conselhos sábios, entre eles James Kelly, Richard Stengel, Priscilla Painton e Tim Smith, Elisabeth Bumiller, Andrew e Betsy Lack, David e Sherrie Westin.

Elliot Ravetz, meu ex-assistente na *Time*, ajudou-me no começo ao dar-me minha primeira coleção de papéis de Franklin e me inspirou com um busto de Franklin, ofereceu comentários sobre meu manuscrito, e tem sido um compatriota fervoroso. Também sou grato a Tosca Laboy e Ashley Van Buren, da CNN, ambas pessoas maravilhosas.

Meu pai e minha madrasta, Irwin e Julianne Isaacson, também leram e corrigiram meu manuscrito. Eles são, junto com minha falecida mãe, Betsy Isaacson, as pessoas mais inteligentes que já conheci.

Acima de tudo, agradeço à minha esposa, Cathy, e minha filha Betsy. Cathy leu tudo o que escrevi com enorme cuidado e foi inestimável para aguçar os temas e detectar alguns problemas. Mas isso é apenas uma pequena fração do que ela fez como minha parceira neste livro e na vida. Betsy, depois de um pouco de insistência, encarou partes do manuscrito. Alguns trechos, ela admitiu que eram interessantes (como condiz com uma menina de doze anos, ela gostou da seção sobre balonismo); sobre outras partes (como aquela sobre a Convenção Constitucional), ela declarou que eram chatas, o que acredito ter sido uma ajuda, especialmente para os leitores, que assim foram aquinhoados com versões

abreviadas de algumas dessas seções. Ambas fazem com que tudo não somente seja possível, mas valha a pena.

Nenhuma dessas pessoas, é claro, merece ser responsabilizada por quaisquer erros ou lapsos que eu, sem dúvida, cometi. Em carta de 23 de maio de 1785 para seu amigo George Whatley, Franklin disse sobre sua vida: “Eu não me oporei a uma nova edição de mim, esperando, porém, que a errata da última possa ser corrigida”. Sinto o mesmo em relação a este livro.

Fontes e abreviações

Exceto observação em contrário, os escritos de Franklin citados estão nos Franklin Papers editados em Yale (ver abaixo) e no CD-ROM do Instituto de Humanidades Packard.

Ao usar os endereços da internet, observe que os pontos, vírgulas, hifens e pontos e vírgulas usados a seguir para separar verbetes não devem ser incluídos nos endereços.

Abreviações utilizadas nas notas sobre fontes

Pessoas

BF = Benjamin Franklin

DF = Deborah Franklin, esposa

JM = Jane Franklin Mecom, irmã

MS = Margaret Stevenson, senhoria em Londres

PS = Mary “Polly” Stevenson [Hewson], filha da senhoria

RB = Richard Bache, genro

SF = Sarah “Sally” Franklin [Bache], filha

TF = [William] Temple Franklin, neto

WF = William Franklin, filho

Escritos de Franklin

Autobiografia = *The Autobiography of Benjamin Franklin*.

Para a conveniência do leitor, as citações das páginas se referem à edição

mais comumente disponível, a Signet Classic em brochura (Nova York Penguin Putnam, 2001), que se baseia principalmente em uma versão preparada por Max Farrand (Berkeley: University of California Press, 1949).

Há mais de 150 edições desse clássico. A que melhor mostra suas revisões é o “Genetic Text”, editado por J. A. Leo Lemay e P. M. Zall (Knoxville: University of Tennessee Press, 1981), que também pode ser encontrada na Norton Critical Edition, editada por Lemay e Zall (Nova York Norton, 1986), citadas nas notas abaixo como Lemay/Zall Autobiografia e Norton Autobiografia, respectivamente. A edição oficial produzida por Leonard Labaree e os outros editores dos Franklin Papers na Universidade Yale (New Haven: Yale University Press, 1964), mencionada como Yale Autobiografia, baseia-se diretamente no manuscrito de Franklin e inclui anotações úteis e uma história de várias versões.

Versões eletrônicas da autobiografia podem ser encontradas na internet em: ushistory.org/franklin/autobiography/; earlyamerica.com/lives/franklin/index.html; odur.let.rug.nl/~usa/B/bfranklin/frank.htm; etext.lib.virginia.edu/toc/modeng/public/Fra2Aut.html; eserver.org/books/franklin/.

Lib. of Am. = *Benjamin Franklin Writings*

com notas de J. A. Leo Lemay (Nova York Library of America, 1987). Esse volume de 1560 páginas tem uma coleção confiável dos escritos mais importantes de Franklin, assim como notas de fontes e anotações. Inclui revisões importantes do cânone frankliniano feitas por Lemay que atualizam o trabalho dos editores de Yale das obras de Franklin. Uma versão eletrônica de grande parte do texto está na internet em www.historycarper.com/resources/twobf1/contents.htm.

Pa. Gazette = *Pennsylvania Gazette*

Versões eletrônicas encontram-se na internet em www.accessible.com; etext.lib.virginia.edu; www.historycarper.com/resources/twobf2/pg29-30.htm.

Papers = *The Papers of Benjamin Franklin*

(New Haven: Yale, 1959-). Essa definitiva e extraordinária série de volumes com notas explicativas, produzida em Yale em conjunto com a Sociedade Filosófica Americana, foi iniciada sob a direção de Leonard Labaree. Entre os membros recentes da distinta equipe de editores estão Ellen Cohn, Judith Adkins, Jonathan Dull, Karen Duval, Leslie Lindenauer, Claude-Anne Lopez, Barbara Oberg, Kate Ohno e Michael Sletcher. Em 2003, a equipe havia chegado ao volume 37, que vai até agosto de 1782. Toda a correspondência e os escritos citados a seguir, salvo indicação em contrário, referem-se a versões dos *Papers*. Ver: www.yale.edu/franklinpapers.

Papers CD = CD-ROM de *Papers of Benjamin Franklin*

elaborado pelo Instituto de Humanidades Packard, em colaboração com os editores de Yale. Contam com todos os escritos conhecidos de Franklin, inclusive materiais de 1783 a 1790 que ainda não foram publicados. É pesquisável por frase, correspondente e cronologia, mas não dispõe das valiosas anotações dos editores de Yale. Sou grato a David Packard e sua equipe por me darem uma versão do CD-ROM antes de seu lançamento.

Pobre Ricardo = *Poor Richard's: An Almanack*

de Benjamin Franklin. Muitas versões estão disponíveis e as citações são feitas por ano nas notas a seguir. Versões eletrônicas podem ser encontradas na internet em itech.fgcu.edu/faculty/wohlp/ra/franklin.htm; e www.swarthmore.edu/SocSci/bdorseyl/41docs/52-fra.htm.

Silence Dogood — Os ensaios de Silence Dogood

As edições completas do *New England Courant* que contêm esses ensaios estão em ushistory.org/franklin/courant.

Smyth Writings = *The Writings of Benjamin Franklin*

editado por Albert Henry Smyth, publicado pela primeira vez em 1907 (Nova York: Macmillan, 1905-7; reimpressão Nova York: Haskell House, 1970). Até as edições de Yale, essa obra em dez volumes era a coleção definitiva dos papéis de Franklin.

Sparks = *The Works of Benjamin Franklin e Life of Benjamin Franklin*

de Jared Sparks (Boston: Tappan, Whittemore and Mason, 1840). Sparks foi professor de história e reitor de Harvard; publicou uma coleção de dez volumes dos papéis de Franklin e uma biografia em 1836-40; www.ushistory.org/franklin/biography/index.htm.

Temple Writings = *Memoirs of the Life and Writings of Benjamin Franklin*

por [William] Temple Franklin, 3 volumes (Londres: Henry Colburn, 1818).

Outras fontes citadas com frequência

Adams Diary = *The diary and autobiography of John Adams*

editado por L. H. Butterfield (Cambridge: Harvard University Press, 1961).

Adams Letters = *Adams family correspondence*

editado por L. H. Butterfield (Cambridge: Harvard University Press, 1963-73).

Aldridge French = *Franklin and his French contemporaries*

de Alfred Owen Aldridge (Nova York: NYU Press, 1957).

Aldridge *Nature = Benjamin Franklin and Nature's God*
de Alfred Owen Aldridge (Durham, N.C.: Duke University Press, 1967).

Alsop = *Yankees at the court*
de Susan Mary Alsop (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1982).

Bowen = *The most dangerous man in America*
de Catherine Drinker Bowen (Boston: Little, Brown, 1974).

Brands = *The First American*
de H. W. Brands (Nova York Doubleday, 2000).

Buxbaum = *Benjamin Franklin and the zealous presbyterians*
de Melvin Buxbaum (University Park Pennsylvania State University Press, 1975).

Campbell = *Recovering Benjamin Franklin*
de James Campbell (Chicago: Open Court, 1999).

Clark = *Benjamin Franklin*
de Ronald W. Clark (Nova York Random House, 1983).

Cohen = *Benjamin Franklin's Science*
de I. Bernard Cohen (Cambridge: Harvard University Press, 1990).

Fay = *Franklin: the apostle of modern man*
de Bernard Fay (Boston: Little, Brown, 1929).

Fleming = *The man who dared the lightning*
de Thomas Fleming (Nova York Morrow, 1971).

Hawke = *Franklin*
de David Freeman Hawke (Nova York Harper & Row, 1976).

Jefferson Papers = *Papers of Thomas Jefferson*
editado por Julian Boyd (Princeton: Princeton University Press, 1950).

Lemay *Internet Doc* = "Benjamin Franklin: a documentary history"
de J. A. Leo Lemay, Universidade de Delaware, <www.english.udel.edu>.

Lemay *Reappraising* = *Reappraising Benjamin Franklin*
editado por J. A. Leo Lemay (Newark University of Delaware Press, 1993).

Lopez *Cher* = *Mon Cher Papa*
de Claude-Anne Lopez (New Haven: Yale University Press, 1966).

Lopez *Life* = *My life with Benjamin Franklin*
de Claude-Anne Lopez (New Haven: Yale University Press, 2002).

Lopez *Private* = *The Private Franklin*
de Claude-Anne Lopez e Eugenia Herbert (Nova York Norton, 1975).

McCullough = *John Adams*
de David McCullough (Nova York Simon & Schuster, 2001).

Middlekauff = *Benjamin Franklin and his enemies*
de Robert Middlekauff (Berkeley: University of California Press, 1996).

Morgan *Devious* = *The devious Dr. Franklin: Benjamin Franklin's years in London*
de David Morgan (Macon, Ga.: Mercer University Press, 1996).

Morgan *Franklin* = *Benjamin Franklin*
de Edmund S. Morgan (New Haven: Yale University Press, 2002).

Parton = *Life and times of Benjamin Franklin*
de James Parton, 2 volumes (Nova York Mason Brothers, 1865).

PMHB = *Pennsylvania Magazine of History and Biography*

Randall = *A little revenge*
de Willard Sterne Randall (Nova York William Morrow, 1984).

Sanford = *Benjamin Franklin and the American character*
editado por Charles Sanford (Boston: Heath, 1955).

Sappenfield = *A sweet instruction: Franklin's journalism as a literary apprenticeship*
de James Sappenfield (Carbondale: Southern Illinois University Press, 1973).

Schoenbrun = *Triumph in Paris*
de David Schoenbrun (Nova York Harper & Row, 1976).

Skemp *Benjamin* = *Benjamin and William Franklin*
de Sheila Skemp (Nova York St. Martin's, 1994).

Skemp *William = William Franklin*
de Sheila Skemp (Nova York: Oxford University Press, 1990).

Smith = *Franklin and Bache: envisioning the enlightened republic*
de Jeffery A. Smith (Nova York: Oxford University Press, 1990).

Stourzh = *Benjamin Franklin and American Foreign Policy*
de Gerald Stourzh (Chicago: University of Chicago Press, 1954).

Tourtellot = *Benjamin Franklin: the shaping of genius, the Boston years*
de Arthur Tourtellot (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1977).

Van Doren = *Benjamin Franklin*
de Carl Van Doren (Nova York: Viking, 1938). Os números de página são os mesmos na edição em brochura da Penguin USA, 1991 e reimpressões posteriores.

Walters = *Benjamin Franklin and his gods*
de Kerry S. Walters (Urbana: University of Illinois Press, 1998).

Wright = *Franklin of Philadelphia*
de Esmond Wright (Cambridge: Harvard University Press, 1986).

1. BENJAMIN FRANKLIN E A INVENÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

1. Para uma descrição do processo de escrita da *Autobiografia*, ver pp. 258-61 e capítulo 11, nota 5.

2. David Brooks, “Our founding yuppie”, *Weekly Standard*, 23 out. 2000, p. 31. A palavra “meritocracia” provoca discussões e eu a empreguei com parcimônia neste livro. Ela é frequentemente usada sem muito rigor para denotar uma visão da mobilidade social baseada no mérito e na diligência, como a de Franklin. A palavra foi inventada pelo pensador social britânico Michael Young (que viria a ser, ironicamente, lorde Young de Darlington), em seu livro de 1958 *The Rise of a Meritocracy* (Nova York: Viking Press) como um termo desdenhoso para satirizar uma sociedade que equivocadamente criou uma nova classe de elite baseada na “faixa estreita de valores” do QI e das credenciais educacionais. O filósofo de Harvard John Rawls, em *A Theory of Justice* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1971), p. 106, utilizou-a de forma mais ampla para se referir a uma “ordem social [que] segue o princípio de carreiras abertas a talentos”. A melhor descrição da ideia está no livro de Nicholas Lemann *The Big Test: The Secret History of the American Meritocracy* (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1999), uma história dos testes de aptidão educacionais e seus efeitos sobre a sociedade americana. Na época de Franklin, pensadores iluministas (como Jefferson, em suas propostas para a criação da Universidade da Virgínia)

defendiam a substituição da aristocracia hereditária por uma “aristocracia natural”, cujos membros seriam arrancados às massas em uma idade precoce, com base em “virtudes e talentos”, e preparados para a liderança. A ideia de Franklin era mais abrangente. Ele acreditava em incentivar e oferecer oportunidades a todas as pessoas para que crescessem o máximo que pudessem com base em diligência, esforço, virtude e talento. Como veremos, suas propostas para o que veio a ser a Universidade da Pensilvânia (em contraste com a de Jefferson para a Universidade da Virgínia) não tinham por objetivo filtrar uma nova elite, mas incentivar e enriquecer todos os homens jovens “aspirantes”. Franklin apresentava uma abordagem mais igualitária e democrática do que a de Jefferson, propondo um sistema que, como Rawls (p. 107) prescreveria mais tarde, asseguraria que “os recursos para a educação não [fossem] alocados apenas ou necessariamente de acordo sobretudo com o seu retorno tal como estimado em habilidades treinadas produtivas, mas também de acordo com o seu valor no enriquecimento da vida pessoal e social dos cidadãos”. (Tradução: Ele não se preocupava somente em tornar a sociedade como um todo mais produtiva, mas também em tornar cada indivíduo mais enriquecido.)

2. O PROGRESSO DO PEREGRINO: BOSTON, 1706-23

1. Autobiografia, p. 18; Josiah Franklin para BF, 26 maio 1739; nota do editor em Papers 2, p. 229; Tourtellot, p. 12. Franklin inclui uma nota de rodapé em sua autobiografia que mostra como o substantivo e o sobrenome “franklin” eram usados na Inglaterra do século xv. Alguns analistas, bem como seus fãs franceses, lembraram que Franquelin era um nome comum na província da Picardie, na França, no século XV, e seus antepassados podem ter vindo de lá. Seu pai, Josiah Franklin, escreveu: “Alguns pensam que somos de uma linhagem francesa que antigamente era chamada de Franks; alguns, de uma *frank line*, uma linhagem livre da vassalagem que era comum para indivíduos naquele tempo; alguns, de uma ave de longas pernas vermelhas”. A avaliação do próprio Franklin de que seu sobrenome vinha da classe de homens livres ingleses chamada *franklins* é quase certamente a explicação correta e, o que é igualmente importante, era aquela em que ele acreditava. O *Dicionário de Oxford* define *franklin* como “uma classe dos proprietários de terras, de nascimento livre, mas não nobre, e classificação imediatamente abaixo da nobreza”. O termo deriva da palavra *frankeleyn* do inglês médio, que significa “homem livre” ou “dono de propriedade alodial”. Ver, de Chaucer, “The Franklin’s Tale”, ou “The Frankeleyn’s Tale”. Disponível em: <www.librarius.com/cantales.htm>.

2. Autobiografia, p. 20; Josiah Franklin para BF, 26 maio 1739. A história da Bíblia e o banco está na carta de Josiah Franklin, mas BF escreve que ele a ouviu de seu tio Benjamin. Para uma genealogia completa, ver Papers I, p. XLIX. A edição Signet da autobiografia, baseada numa versão preparada por Max Farrand (Berkeley: University of California Press, 1949), usa uma expressão um pouco

diferente: “Nossa humilde família abraçou cedo a Reforma”.

3. Como David McCullough faz em *Truman* (Nova York Simon & Schuster, 1992) e Robert Caro em *The Path to Power* (Nova York Knopf, 1982).

4. Autobiografia, p. 20; “A short account of the family of Thomas Franklin of Ecton”, por Benjamin Franklin, o velho (tio de BF), Yale University Library; coletânea de citações de Benjamin Franklin, o Velho, citado em Papers, vol. 1; Tourtellot, p. 18.

5. BF para David Hume, 19 maio 1762.

6. Tourtellot, p. 42.

7. John Winthrop, “A Model of Christian Charity” (1630), <http://winthropsociety.com/doc_charity.php>; Perry Miller, *Errand into the Wilderness* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1956). Veja também Andrew Delbanco, *The Puritan Ordeal* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989); Edmund Morgan, *Visible Saints: The History of a Puritan Idea* (Nova York New York University Press, 1963); Herbert Schneider, *The Puritan Mind* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1958).

8. Perry Miller, “Benjamin Franklin and Jonathan Edwards”, em *Major Writers of America* (Nova York Harcourt Brace, 1962), p. 84; Tourtellot, p. 41; Cotton Mather, “A Christian at his Calling”, 1701, <personal.pitnet.net/primarysources/mather.htm>; Pobre Ricardo, 1736 (tirado da fábula de Esopo “Hércules e o carroceiro”, c. 550 a.C., e de *Discourses on Government*, de Algernon Sidney, 1698, entre outros antecedentes).

9. Tourtellot, pp. 47-52; Nian Sheng Huang, “Franklin’s Father Josiah: Life of a Colonial Boston Tallow Chandler, 1657-1745” (Filadélfia: Transactions of the American Philosophical Society, 2000), v. 90, parte 3.

10. Lemay, *Internet Doc* para 1657-1705; um desenho da casa encontra-se em Papers 1, p. 4.

11. Edmund Morgan, *The Puritan Family* (Nova York Harper & Row, 1966); Mark Van Doren e Samuel Sewall, eds., *Samuel Sewall’s Diary* (Nova York Macy-Masius, 1927), p. 208.

12. Autobiografia, p. 24.

13. Autobiografia, pp. 25, 91.

14. Tourtellot, p. 86; Lopez, *Private*, pp. 5-7.

15. Alexander Starbuck, *The History of Nantucket* (Nova York Heritage, 1998), pp. 53, 91, citado em Tourtellot, p. 104.

16. Peter Folger, “A Looking Glass for the Times”, reimpresso em Tourtellot, p. 106; Autobiografia, p. 23.

17. A genealogia das famílias Franklin e Folger encontra-se em Papers 1, p. XLIX.

18. Autobiografia, p. 23. A edição Farrand/Signet usa a frase “aquilo que não era honesto não podia ser verdadeiramente útil”.

19. BF para Barbeu Dubourg, abr. de 1773; Tourtellot, p. 161.

20. BF para Madame Brillon, 10 nov. 1779 (conhecida como a bagatela do apito); Autobiografia, p. 107; Pierre Jean Georges Cabanis, em *Complete Works* (Paris: Bossange Frères, 1823), 5, p. 222, registra isso como uma lição aprendida com sua família.

21. Autobiografia, p. 24; Lopez, *Private*, p. 7.
22. Benjamin Franklin, o Velho, “To My Name, 1713”, Paper 1, pp. 3-5; BF para JM, 17 jul. 1771; Parton, pp. 32-8; Tourtellot, pp. 139-40; Autobiografia, p. 20.
23. Autobiografia, p. 22; BF para JM, 17 jul. 1771; Lopez, *Private*, p. 9.
24. Autobiografia, p. 22; Tourtellot, p. 156. A Escola Latina de Boston era então chamada de South Grammar School.
25. Temple, *Writings*, 1, p. 447.
26. Autobiografia, pp. 25-6.
27. Autobiografia, p. 27; *Boston Post*, 7 ago. 1940, citado em Papers, 1, pp. 6-7. Não consta que tenham sobrevivido cópias autenticadas desses dois poemas. Franklin Papers 1, pp. 6-7, cita alguns versos possíveis que podem ter sido de sua autoria.
28. Lemay, *Internet Doc* para 1719-20, citando *Early Boston Booksellers*, de George Emery Littlefield (Boston: Antiquarian Society, 1900), pp. 150-5; Tourtellot, pp. 230-2. Franklin declara erroneamente que o *Courant* foi o segundo jornal de Boston. Ver Yale Autobiografia, n. 67.
29. Perry Miller, *The New England Mind: From Colony to Province* (Cambridge: Harvard University Press, 1983), p. 344. Veja também E. Digby Baltzell, *Puritan Boston and Quaker Philadelphia* (Nova York: Free Press, 1979).
30. John Blake, “The Inoculation Controversy in Boston: 1721-1722”, *New England Quarterly* (1952), pp. 489-506; *New England Courant*, 7 ago. 1721, e depois, <ushistory.org/franklin/courant>; Tourtellot, p. 252.
31. Lemay, *Internet Doc* para 1721; Perry Miller, *The New England Mind: From Colony to Province*, p. 337.
32. Autobiografia, p. 26. Uma análise das leituras da infância de Franklin pode ser encontrada em Parton 1, pp. 44-51, 60-72; Ralph Ketcham, *Benjamin Franklin* (Nova York: Washington Square Press, 1965), pp. 8-31; Tourtellot, p. 166.
33. Autobiografia, p. 27; BF para Samuel Mather, 7 jul. 1773, 12 maio 1784; John Bunyan, *Pilgrim’s Progress*, 1678, <www.ccel.org/b/bunyan/progress/>; Plutarco, *Parallel lives*, c. 100 d.C., <ibiblio.org/gutenberg/etext96/plivs10.txt>; Cotton Mather, *Bonifacius*, também conhecido como *Essays to Do Good e An Essay upon the Good*, 1710, <edweb.sdsu.edu/people/DKitchen/new_655/mather.htm>; Tourtellot, pp. 187-9.
34. Daniel Defoe, *An Essay upon Projects*, 1697, <ibiblio.org/gutenberg/etext03/esprj10.txt>; Tourtellot, p. 185.
35. Autobiografia, p. 28.
36. *The Spectator*, 13 mar. 1711, <harvest.rutgers.edu/projects/spectator/markup.htm>; Autobiografia, p. 29.
37. *The Spectator*, 1^o mar. 1711; Silence Dogood, n. 1, 2 abr. 1722; Silence Dogood, n. 2, 16 abr. 1722; Silence Dogood, n. 3, 30 abr. 1722; <ushistory.org/franklin/courant>; Papers 1, pp. 8-11. Essas datas, ao contrário de outras, estão no calendário juliano porque se referem a edições do *Courant* tal como datado na época.
38. Silence Dogood, n. 4, 14 maio 1722; *The Spectator*, 3 mar. 1711.
39. Autobiografia, p. 34; *New England Courant*, 18 e 25 jun., 2 e 9 jul. 1722.

O trecho é de *The London Journal*.

40. *New England Courant*, 16 e 23 jul. 1722.

41. *New England Courant*, 14 set. 1722, 11 fev. 1723; Autobiografia, p. 33. Franklin comprime a cronologia lembrando que seu nome foi para o alto do jornal logo depois da saída da prisão de seu irmão, que foi em julho de 1722; na verdade, isso ocorreu depois que James entrou em outra disputa, em janeiro de 1723. Estranhamente, seu nome permaneceu no alto do jornal até pelo menos 1726, três anos depois de ter fugido para a Filadélfia. Veja *New England Courant*, 25 jun. 1726, e Yale Autobiografia, 70n.

42. Autobiografia, pp. 34-5.

43. Claude-Anne Lopez, editora dos documentos de Franklin em Yale, descobriu um pedaço de papel no qual Franklin anotou, em 1783, datas e lugares para apontar com precisão seu itinerário de sessenta anos antes. Na edição Norton da Autobiografia, J. A. Leo Lemay e P. M. Zall observam que o único barco que partiu de Boston para Nova York naquela semana foi uma chalupa, em 25 de setembro. A edição de Franklin do trecho sobre a “moça travessa” está anotada na edição Signet 35. O anúncio desamparado de James Franklin saiu no *New England Courant*, 30 set. 1723.

3. ARTÍFICE ASSALARIADO: FILADÉLFIA E LONDRES, 1723-6

1. *The Way to Health* foi escrito por Thomas Tryon (1634-1703) e publicado pela primeira vez em 1683; Autobiografia, p. 29.

2. Autobiografia, p. 49.

3. Autobiografia, p. 38.

4. Autobiografia, p. 79; Jonathan Yardley, resenha de *Benjamin Franklin*, de Edmund Morgan, *Washington Post Book World*, 15 set. 2002, 2.

5. Autobiografia, p. 41.

6. Autobiografia, p. 52.

7. Autobiografia, p. 42. Mais tarde, Franklin alterou polidamente a frase de sua autobiografia para “fitou com espanto”. A Autobiografia de Lemay/Zall proporciona uma visão completa do manuscrito original e todas as suas alterações. Os governadores enviados à Pensilvânia eram chamados às vezes de vice-governadores.

8. Franklin contou essa história duas vezes para o filho de Mather: BF para Samuel Mather, 7 jul. 1773 e 12 maio 1784.

9. Autobiografia, p. 104.

10. Autobiografia, p. 48.

11. Autobiografia, p. 54.

12. Autobiografia, pp. 55-8.

13. “A Dissertation on Liberty and Necessity, Pleasure and Pain”, 1725, Papers 1, p. 58; Campbell, pp. 101-3.

14. Autobiografia, p. 70; Campbell, pp. 91-135.

15. Autobiografia, p. 92; Poor Richard Improved, 1753; Papers 4, p. 406.

Veja também Alfred Owen Aldridge, “The Alleged Puritanism of Benjamin Franklin”, em Lemay, *Reappraising*, p. 370; Aldridge, *Nature*; Campbell, p. 99. Para boas descrições da evolução do pensamento religioso de Franklin, veja Walters; Buxbaum. Veja também capítulo 7 deste livro.

16. Autobiografia, p. 63.

17. “Plan of Conduct”, 1726, Papers 1, p. 99; Autobiografia, p. 183.

18. “Journal of a Voyage”, 22 jul.-11 out. 1726, Papers 1, pp. 72-99. A ideia de que “afabilidade e sociabilidade” eram princípios centrais do Iluminismo está bem explicada em Gordon Wood, *The Radicalism of the American Revolution* (Nova York Random House, 1991), pp. 215-6.

4. IMPRESSOR: FILADÉLFIA, 1726-32

1. Autobiografia, p. 64. Para uma visão geral da vida na Filadélfia, ver Carl Bridenbaugh e Jessica Bridenbaugh, *Rebels and Gentlemen: Philadelphia in the Age of Franklin* (Nova York Oxford University Press, 1942); E. Digby Baltzell, *Puritan Boston and Quaker Philadelphia* (Nova York Free Press, 1979). Para uma boa visão geral do trabalho de impressão de Franklin, ver C. William Miller, *Benjamin Franklin's Philadelphia Printing 1728-1766* (Filadélfia: American Philosophical Society, 1974).

2. A cronologia na Autobiografia não está correta. Denham adoeceu na primavera de 1727, mas só morreu em julho de 1728. Lemay/Zall, Autobiografia, p. 41.

3. Autobiografia, p. 69; Brands, pp. 87-9; Van Doren, pp. 71-3.

4. Autobiografia, pp. 71-9; Brands, p. 91; Lemay/Zall, Autobiografia, p. 49. A história dos quacres foi escrita por William Sewel. Franklin registra que publicou quarenta folhas de fôlio, o que daria 160 páginas, mas, na verdade, produziu 178 páginas e Keimer as restantes 532 páginas.

5. Testamento e codicilo, 23 jun. 1789, Papers CD 46:u20.

6. Whitfield J. Bell Jr., *Patriot Improvers* (Filadélfia: American Philosophical Society, 1999), v. 1; Autobiografia, pp. 72-3; “On Conversation”, Pa. Gazette, 15 out. 1730. Dale Carnegie, em sua obra *How to Win Friends and Influence People* (1937; Nova York Pocket Books, 1994), recorre às regras para a conversa de Franklin. As duas primeiras regras de Carnegie para “Como conquistar as pessoas para a sua maneira de pensar” são: “A única maneira de obter o melhor de uma discussão é evitá-la” e “Mostre respeito pelas opiniões da outra pessoa. Jamais diga ‘Você está errado’”. Na seção sobre “Como mudar as pessoas sem ofendê-las ou provocar ressentimento”, ele instrui: “Chame a atenção para os erros das pessoas indiretamente” e “Faça perguntas em vez de dar ordens diretas”. O livro de Carnegie vendeu mais de 15 milhões de exemplares.

7. Autobiografia, p. 96; “Rules for a Club for Mutual Improvement”, 1727; “Proposals and Queries to be Asked the Junto”, 1732.

8. BF para Samuel Mather, 17 maio 1784; Van Doren, p. 75; Cotton Mather, “Religious Societies”, 1724; Lemay/Zall Autobiografia, 47n. Veja também

Mitchell Breitwieser, *Cotton Mather and Benjamin Franklin* (Cambridge: Cambridge University Press, 1984).

9. Autobiografia, p. 74; *American Weekly Mercury*, 28 jan. 1729 (Shortface and Careful); Papers 1, p. 112; Brands, p. 101; Van Doren, p. 94; Sappenfield, pp. 49-55.

10. Busy-Body, n. 1, *American Weekly Mercury*, 4 fev. 1729; Sappenfield, p. 51; *The Universal Instructor [...] and Pennsylvania Gazette*, 25 fev. e 13 mar. 1729; Papers 1, pp. 115-27.

11. Busy-Body, n. 3, *American Weekly Mercury*, 18 fev. 1729; Busy-Body, n. 4, *American Weekly Mercury*, 25 fev. 1729; Busy-Body, n. 8, *American Weekly Mercury*, 28 fev. 1729. As notas magistras de Lemay na edição da Library of America dos *Writings* de Franklin (p. 1524) descrevem quais partes Franklin escreveu e o que foi retirado em Busy-Body, n. 8.

12. “A Modest Enquiry into the Nature and Necessity of a Paper Currency”, 3 abr. 1729; Autobiografia, pp. 77-8. Franklin recorre à obra de William Petty de 1662, *A Treatise of Taxes and Contributions*, <www.socsci.mcmaster.ca/~econ/ugcrn/3113/petty/taxes.txt>.

13. “The Printer to the Reader”, *The Pennsylvania Gazette*, 2 out. 1729.

14. “Printer’s Errors”, *The Pennsylvania Gazette*, 13 mar. 1730.

15. *The Pennsylvania Gazette*, 19 mar. 1730; Autobiografia, p. 75.

16. “Apology for Printers”, *The Pennsylvania Gazette*, 10 jun. 1731; Clark, p. 49; Isaiah Thomas, *The History of Printing in America* (1810; Albany: Munsell, 1874), 1, p. 237.

17. *The Pennsylvania Gazette*, 17 e 24 jun., 29 jul. 1731, 15 fev., 19 jun., 3 jul. 1732.

18. *The Pennsylvania Gazette*, 24 out. 1734; não nos Yale Papers, mas posteriormente atribuído ao cânone de Franklin por Lemay, veja Lib. of Am., pp. 233-4.

19. *The Pennsylvania Gazette*, 7 set. 1732. Para uma análise do tratamento jornalístico dado por Franklin a crimes e escândalos, veja Ronald Bosco, “Franklin Working the Crime Beat”, Lemay, *Reappraising*, pp. 78-97.

20. *The Pennsylvania Gazette*, 12 set. 1732, 27 jan. 1730.

21. “Death of a Drunk”, *The Pennsylvania Gazette*, 7 dez. 1732; “On Drunkenness”, 19 fev. 1733; “A Meditation on a Quart Mugg”, 19 jul. 1733; “The Drinker’s Dictionary”, 13 jan. 1737. Em *Silence Dogood*, n. 12 (10 set. 1722), Franklin fez sua viúva atrevida defender a bebida com moderação e condenar o excesso, valendo-se dos ensaios de Richard Steele no *Tatler* de Londres. Veja Robert Arnor, “Politics and Temperance”, em Lemay, *Reappraising*, pp. 52-77.

22. *The Pennsylvania Gazette*, 23 set. 1731.

23. Autobiografia, pp. 34, 80, 72; “Anthony Afterwit”, *The Pennsylvania Gazette*, 10 jul. 1732.

24. Autobiografia, pp. 64,81; Fay, p. 135; Brands, pp. 106-9; Lopez, *Private*, pp. 23-4; BF para Joseph Priestley, 19 set. 1772; Pobre Ricardo, 1738. O primeiro volume dos Papers 1, p. LXII, de 1959, dizia que Deborah nasceu na Filadélfia em 1708, mas essa data foi alterada depois que Francis James Dallett publicou um artigo no ano seguinte chamado “Dr. Franklin’s In-Laws”, que está citado em

Papers 8, p. 139. A pesquisa de Dallett indica que Deborah nasceu em 1705 ou 1706, talvez na Filadélfia, mas com maior probabilidade em Birmingham, de onde emigrou para a Filadélfia com sua família por volta de 1711. Veja Edward James et al., *Notable American Women 1607-1950* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1971), 1, p. 663, verbete sobre Deborah Franklin de Leonard Labaree, o editor inicial dos Yale Papers. Se ela atravessou o oceano com mais ou menos cinco anos de idade, isso pode ter provocado sua aversão a atravessá-lo (ou até vê-lo) novamente que durou toda a sua vida. Para uma boa análise, veja J. A. Leo Lemay, "Recent Franklin Scholarship", *PMHB* 76.2 (abr. 2002), p. 336.

25. BF para "honrada mãe" Abiah Franklin, 12 abr. 1750; Lemay, *Internet Doc* para 1728; Parton 1, pp. 177, 198-9; Randall, p. 43; Skemp, *William*, pp. 4-5, 10; Brands, pp. 110, 243; *Gentleman's Magazine* (1813), em Papers 3, 474n. Os editores de Yale dos papéis de Franklin dizem no volume 1 (publicado em 1959) que William nasceu por volta de 1731, mas, no volume 3 (publicado em 1961), eles mencionam a controvérsia (Papers 3, 89n) e sugerem que ele talvez tenha nascido antes; porém, na edição que fizeram da Autobiografia, publicada em 1964, reiteram "por volta de 1731" como o ano de seu nascimento.

26. Van Doren, pp. 93, 231; Brands, pp. 110, 243. Veja também Charles Hart, "Who Was the Mother of Franklin's Son?", *PMHB* (jul. 1911), pp. 308-14; Paul Leicester Ford, *Who Was the Mother of Franklin's Son?* (Nova York Century, 1889).

27. Van Doren, p. 91; Lopez, *Private*, pp. 22-3; Clark, p. 41; carta de Roberts, Papers 2, 370n; Bell, *Patriot Improvers*, 1, pp. 277-80.

28. Autobiografia, p. 92; BF para JM, 6 jan. 1727; Pobre Ricardo, 1733.

29. "Anthony Afterwit", *The Pennsylvania Gazette*, 10 jul. 1732; "Celia Single", *The Pennsylvania Gazette*, 24 jul. 1732.

30. "Rules and Maxims for Promoting Matrimonial Happiness", *The Pennsylvania Gazette*, 8 out. 1730, Lib. of Am., p. 151. Esse texto não foi incluído pelos editores de Yale, mas Lemay e outros o atribuíram depois a Franklin.

31. Lopez, *Private*, pp. 31-7; BF para James Read, 17 ago. 1745; "A Scolding Wife", *The Pennsylvania Gazette*, 5 jul. 1733.

32. BF para Deborah Franklin, 19 fev. 1758; "I Sing My Plain Country Joan", 1742; Francis James Dallett, "Dr. Franklin's In-Laws", citado em Papers 8, p. 139; Leonard Labaree, "Deborah Franklin", em *Notable American Women 1607-1950*, Org. Edward James et al. (Cambridge, MA: Harvard University Press 1971), 1, p. 663.

33. Autobiografia, p. 112; BF para JM, 13 jan. 1772; *The Pennsylvania Gazette*, 23-30 dez. 1736; Van Doren, p. 126; Clark, p. 43; Brands, pp. 154-5. Franklin escrevera um editorial a favor da vacina contra varíola em seu jornal antes do nascimento de Francis: *The Pennsylvania Gazette*, 14 e 28 maio 1730, 4 mar. 1731.

34. "The Death of Infants", *The Pennsylvania Gazette*, 20 jun. 1734, atribuído ao cânone de Franklin por Lemay, Lib. of Am., p. 228.

35. Franklin diz na Autobiografia (p. 92) que foi "educado como presbiteriano", mas a seita puritana em Boston, na qual foi batizado, se tornou o que é agora chamado de Igreja Congregacional. Tanto presbiterianos como

congregacionalistas seguem geralmente a doutrina de Calvino. Veja Yale Autobiografia, 145n. Para mais informações sobre Jedediah Andrews, veja Richard Webster, *A History of the Presbyterian Church in America, from Its Origin until the Year 1760* (Filadélfia: J. M. Wilson, 1857), pp. 105-12. Para mais detalhes sobre a relação de Franklin com os presbiterianos, veja capítulo 5, nota 7.

36. Autobiografia, pp. 92-4.

37. O deísmo pode ser um conceito amorfo. Apesar de seus receios em relação às consequências do deísmo não aperfeiçoado, Franklin não recuava diante da palavra ao dar nome às suas crenças. Eu a utilizo, tal como ele, para descrever a filosofia da época do Iluminismo que 1) rejeita a crença de que a fé depende de doutrinas religiosas recebidas ou reveladas; 2) não enfatiza uma relação espiritual íntima ou apaixonada com Deus ou Cristo; 3) acredita num Criador impessoal que põe em movimento o universo e todas as suas leis; 4) sustenta que a razão e o estudo da natureza nos dizem tudo o que podemos saber sobre o Criador. Veja Walters; “Franklin’s Life in Deism”, em Campbell, pp. 110-26; Kerry Walters, *The American Deists* (Lawrence: University of Kansas Press, 1992); Buxbaum; A. Owen Aldridge, “Enlightenment and Awakening in Franklin and Edwards”, em *Benjamin Franklin, Jonathan Edwards*, Org. Barbara Oberg e Harry Stout (Nova York: Oxford University Press, 1997), pp. 27-41; Aldridge, “The Alleged Puritanism of Benjamin Franklin”, em Lemay, *Reappraising*, pp. 362-71; Aldridge, *Nature*; Douglas Anderson, *The Radical Enlightenment of Benjamin Franklin* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997); Baltzell, *Puritan Boston and Quaker Philadelphia*; Larzer Ziff, *Puritanism in America* (Nova York: Viking, 1973); Donald Meyer, “Franklin’s Religion”, em *Critical Essays*, Org. Melvin Buxbaum (Boston: Hall, 1987), pp. 147-67; Perry Miller, *Nature’s Nation* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1967); Mark Noll, *America’s God* (Nova York: Oxford University Press, 2002); Simon Blackburn, *The Oxford Dictionary of Philosophy* (Oxford: Oxford University Press, 1994).

38. “Articles of Belief and Acts of Religion”, 20 nov. 1728, Papers 1, p. 101.

39. Walters, pp. 8, 84-6. O livro de Walters é o argumento mais direto de que Franklin não estava aderindo a um politeísmo literal. A ideia oposta está expressa no abrangente *Benjamin Franklin and Nature’s God*, de A. Owen Aldridge. Lido de forma figurativa, Franklin parece estar dizendo que diferentes seitas e religiões têm cada uma as seus próprios deuses: existe o Deus dos puritanos, que é diferente do Deus do próprio Franklin, ou o Deus dos metodistas, dos judeus, dos anabatistas, ou, por falar nisso, de hindus, muçulmanos e gregos antigos. Esses deuses diferentes surgem devido a diferentes perspectivas (produzindo o que Walters chama de “perspectivismo teísta” de Franklin). Franklin acreditava que a ideia de um Deus como Criador e primeira causa é comum a todas as religiões, portanto, pode-se supor ser verdadeira. No entanto, as diferentes religiões e seitas acrescentam suas expressões e conceitos próprios, nenhum dos quais podemos realmente saber se é verdadeiro ou falso, mas que levam à existência de uma multiplicidade de deuses que permitem uma relação mais pessoal com seus crentes. Essa interpretação está de acordo com o comentário de Franklin em seu ensaio de que esses deuses às vezes podem desaparecer com a evolução dos tempos e das culturas. “Pode ser que depois de muitas eras eles mudem e outros

ocupem seus lugares.”

40. “On the Providence of God in the Government of the World”, Papers 1, p. 264. Os editores de Yale propõem 1732 como sua data. A. Owen Aldridge, Leo Lemay e outros sustentam convincentemente, baseados numa carta que Franklin escreveu depois sobre isso, que foi em 1730; BF para Benjamin Vaughan, 9 nov. 1779. Veja Aldridge, *Nature*, pp. 34-40; Lemay, *Internet Doc* para 1730. A edição da Library of America dos escritos de Franklin aceita a data de 1730. Wilhelm Niesel, *The Theology of Calvin* (Filadélfia: Westminster Press, 1956), p. 70; John Calvin, *Commentaries*, “On Paul’s Epistle to the Romans” (1539), <www.ccel.org/c/calvin/comment3/comm_vo138/htm/TOC.htm>.

41. Walters, p. 98; Campbell, pp. 109-11; Aldridge, *Nature*, pp. 25-38; BF para John Franklin, maio 1745.

42. “A Witch Trial at Mount Holly”, *The Pennsylvania Gazette*, 22 out. 1730.

43. BF para Josiah e Abiah Franklin, 13 abr. 1738. Quando sua amada irmã Jane também manifestou dúvidas sobre sua ênfase em boas obras, em vez de na oração, ele ofereceu uma combinação semelhante de explicação e tranquilização moderada. “Estou tão longe de pensar que Deus não deve ser adorado que compus e escrevi um livro inteiro de devoções para meu próprio uso”, diz ele, e depois pede tolerância. “Há algumas coisas em suas doutrinas e no culto da Nova Inglaterra com que não concordo, mas nem por isso os condeno [...] Gostaria somente que você tivesse a mesma tolerância comigo.” BF para JM, 28 jul. 1743.

44. Autobiografia, pp. 49, 94-105; D. H. Lawrence, “Benjamin Franklin”, em *Studies in Classic American Literature* (Nova York Viking, 1923), pp. 10-6, <roads.virginia.edu/~HYPER/LAWRENCE/dhlch02.htm>.

45. Randy Cohen, “Best Wishes”, *New York Times Magazine*, 30 jun. 2002; David Brooks, *Bobos in Paradise* (Nova York Simon & Schuster, 2000), p. 64; Morgan, *Franklin*, p. 23; Autobiografia, p. 104.

46. Autobiografia, pp. 94-105, 49; Sappenfield, pp. 187-8; Lopez, *Private*, p. 24; Lopez, *Cher*, p. 277. O amigo francês era o cientista Pierre-Georges Cabanis, *Complete Works* (Paris: Bossange Frères, 1825), 2, p. 348.

47. Cotton Mather, “Two Brief Discourses”, 1701; A. Whitney Griswold, “Two Puritans on Prosperity”, 1934, em Sanford, p. 42; Campbell, pp. 99, 166-74; Ziff, *Puritanism in America*, p. 218; Aldridge, “The Alleged Puritanism of Benjamin Franklin”, em Lemay, *Reappraising*, p. 370; Lopez, *Private*, p. 104. Perry Miller observa: “Esse filho do puritanismo da Nova Inglaterra simplesmente jogou toda a preocupação teológica ao mar; mas, sem deixar de ser puritano de forma alguma, foi tratar de seus negócios”; veja “Ben Franklin, Jonathan Edwards”, *Major Writers of America* (Nova York Harcourt Brace, 1962), p. 86. Veja capítulo 4, nota 37 para as fontes sobre o deísmo e o Iluminismo.

48. Veja capítulo 18 para detalhes acerca da visão da época romântica sobre Franklin.

49. John Updike, “Many Bens”, *The New Yorker*, 22 fev. 1988, p. 115; Henry Steele Commager, *The American Mind* (New Haven: Yale University Press, 1950), p. 26.

O argumento mais forte de que Franklin era um exemplar puro do Iluminismo está no ensaio magistral do historiador Carl Becker sobre ele no *Dictionary of American Biography* (Nova York Scribner, 1933), em que chama Franklin de “um verdadeiro filho do Iluminismo, não da escola de Rousseau, e sim de Defoe, Pope e Swift, de Fontenelle, Montesquieu e Voltaire. Ele falava a língua deles, ainda que com um sotaque caseiro [...] Ele aceitava sem questionar todas as ideias características [do Iluminismo]: o ceticismo saudável e esclarecedor; a paixão pela liberdade e suas simpatias humanas; a preocupação com o mundo que é evidente aos sentidos; a profunda fé no senso comum, na eficácia da razão para a solução dos problemas humanos e para o avanço do bem-estar da humanidade”. Veja também Stuart Sherman, “Franklin and the Age of Enlightenment”, em Sanford.

50. Autobiografia, p. 139; Albert Smyth, *American Literature* (Filadélfia: Eldredge, 1889), p. 20; BF para Benjamin Vaughan, 9 nov. 1779; BF para DF, 4 jun. 1765. Para outras palavras de repulsa em relação à metafísica, ver BF para Thomas Hopkinson, 16 out. 1746. Para uma avaliação mais completa das crenças religiosas e morais de Franklin, veja o capítulo final deste livro. As ideias aqui expostas baseiam-se em parte nas seguintes obras: Campbell, pp. 25, 34-6, 137, 165, 169-72, 286; Charles Angoff, *Literary History of the American People* (Nova York Knopf, 1931), pp. 295-310; Van Wyck Brooks, *America's Coming of Age* (Garden City, NY: Anchor, 1934), pp. 3-7; Lopez, *Private*, p. 26; Alan Taylor, “For the Benefit of Mr. Kite”, *The New Republic*, 19 mar. 2001, p. 39; Vernon Parrington, *Main Currents in American Thought* (Nova York Harcourt, 1930), 1, p. 178; David Brooks, “Our Founding Yuppie”, *The Weekly Standard*, 23 out. 2000, p. 31. “Em sua simplicidade ingênua, isso não parece digno de estudo como filosofia”, escreve Herbert Schneider, “contudo, como regime moral e esboço da arte da virtude, tem uma clareza e uma força que exigem respeito.” Herbert Schneider, *The Puritan Mind* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1958), p. 246.

51. Alan Taylor, “For the Benefit of Mr. Kite”, p. 39.

52. Pobre Ricardo 1733-58, de Franklin, mais a nota do editor em Papers 1, p. 280; Fay, pp. 159-73; Sappenfield, pp. 121-77; Brands, pp. 124-31. Existiu também um Richard Saunders verdadeiro que aparece nos livros de contabilidade como cliente de Franklin. Van Doren, p. 107.

53. *The Pennsylvania Gazette*, 28 dez. 1732.

54. Pobre Ricardo, 1733; Autobiografia, p. 107.

55. Pobre Ricardo, 1734, 1735; *American Almanack*, de Titan Leeds, 1734; Jonathan Swift, “Predictions for the Ensuing Year by Isaac Bickerstaff, esq.”, 1708, <<ftp://sailor.gutenberg.org/pub/gutenberg/etext97/bstaf10.txt>>. O texto de Swift era uma paródia de um almanaque de John Partridge; ele previa a morte de Partridge, e depois começou uma gozação contínua semelhante àquela que Franklin fez com Leeds.

56. Pobre Ricardo, 1734, 1735, 1740; Papers 2, 332n; Sappenfield, p. 143; Brands, p. 126.

57. Pobre Ricardo, 1736, 1738, 1739. Veja também os versos de “Bridget Saunders, minha duquesa” sobre homens preguiçosos em 1734 (“Deus em sua

misericórdia pode fazer muito para salvá-lo/ Mas coitada da pobre esposa cujo fardo é tê-lo”) que o “Pobre Ricardo” publica como resposta aos seus próprios versos de 1733 sobre mulheres preguiçosas.

58. Mark Twain, “The Late Benjamin Franklin”, *The Galaxy*, jul. 1870, <www.twainquotes.com/Galaxy/187007e.html>; Groucho Marx, *Groucho and Me* (Nova York: Random House, 1959), p. 6.

59. Para um estudo detalhado da procedência de “dormir cedo e acordar cedo”, veja Wolfgang Mieder, “Early to Bed and Early to Rise”, na revista eletrônica

De

Proverbio,

<www.utas.edu.au/docs/flonta/DP,1,1,95/FRANKLIN.htm>. *Bartlett's Familiar Quotations* (1882; Boston: Little, Brown, 2002), em sua 13ª ed. (1955) e edições anteriores, atribui a frase a Franklin, mas cita também os *Proverbs* (1639), de John Clarke; a referência a Clarke não consta das edições posteriores.

60. A obra mais detalhada sobre as origens das máximas é de Robert Newcombe, “The Sources of Benjamin Franklin's Sayings of Poor Richard”, dissertação de Ph.D., Universidade de Maryland, 1957. Veja também Papers 1, pp. 281-2; Van Doren, pp. 112-3; Wright, p. 54; Frances Barbour, *A Concordance to the Sayings in Franklin's Poor Richard* (Detroit: Gale Research, 1974). As principais fontes de Franklin são Jonathan Swift; os *Proverbs* (1659), de James Howell; e *Gnomologia* (1732), de Thomas Fuller

61. Philomath (BF), “Talents Requisite in an Almanac Writer”, *The Pennsylvania Gazette*, 20 out. 1737. “Philomath” [filomata] era um termo usado para escritores de almanaques.

62. *Poor Richard Improved*, 1758.

63. Autobiografia, p. 107; Wright, p. 55; Van Doren, p. 197; D. H. Lawrence, “Benjamin Franklin”, p. 14; BF para William Strahan, 2 jun. 1750; Pobre Ricardo, 1743.

5. CIDADÃO PÚBLICO: FILADÉLFIA, 1731-48

1. Pobre Ricardo, 1744; “Appeal for the Hospital”, *The Pennsylvania Gazette*, 8 ago. 1751; Alexis de Tocqueville, *Democracy in America* (1835; Nova York: Doubleday, 1969), p. 513; “Inside Main Street USA”, *New York Times*, 27 ago. 1995; John Van Horne, “Collective Benevolence for the Common Good”, em Lemay, *Reappraising*, p. 432. Os dois livros que mais influenciaram Franklin a criar associações para o bem público foram *An Essay upon Projects* (1697), de Daniel Defoe, e *Bonifacius: Essays to do Good* (1710), de Cotton Mather.

2. Autobiografia, pp. 82, 90-1; Fay, p. 149; “The Library Company of Philadelphia”, <www.librarycompany.org>; Morgan, *Franklin*, p. 56. A lista dos primeiros livros está em *PMHB* 300 (1906), p. 300.

3. “Brave Men at Fires”, *The Pennsylvania Gazette*, 10 dez. 1733; Autobiografia, p. 115; “On Protection of Towns from Fire”, *The Pennsylvania Gazette*, 4 fev. 1735; notícia em *The Pennsylvania Gazette*, 27 jan. 1743; Van

Doren, p. 130; Brands, pp. 135-7; Hawke, p. 53.

4. Autobiografia, p. 115; Brands, p. 214.

5. Fay, p. 137; *The Pennsylvania Gazette*, 30 dez. 1730; Clark, p. 44; site da Pennsylvania Grand Lodge, <www.pagrاندlodge.org>; Julius Sachse, *Benjamin Franklin's Account with the Lodge of Masons* (Kila, Mont.: Kessinger, 1997).

6. Van Doren, p. 134; Fay, p. 180; Brands, pp. 152-4; BF para Joseph e Abiah Franklin, 13 abr. 1738; *The Pennsylvania Gazette*, 7 fev. 1738 (datada 15 fev.).

7. Autobiografia, p. 111; "Dialogue between Two Presbyterians", *The Pennsylvania Gazette*, 10 abr. 1735; "Observations on the Proceedings Against Mr. Hemphill", jul. 1735, Papers 2, p. 37; BF, "A Letter to a Friend in the Country", set. 1735, Papers 2, p. 65; Jonathan Dickinson, "A Vindication of the Reverend Commission of the Synod", set. 1735, e "Remarks upon the Defense of Rev. Hemphill's Observations", nov. 1735; "A Defense of Mr. Hemphill's Observations", out. 1735. Os textos de Franklin, bem como anotações sobre o caso e a suposta autoria de Dickinson dos ensaios atribuídos a ele, estão em Papers 2, pp. 27-91. A fascinante batalha de Franklin em relação a Hemphill foi contada em muitos bons estudos históricos, nos quais essa seção se baseou: Bryan LeBeau, "Franklin and the Presbyterians", *Early American Review* (verão de 1996), <earlyamerica.com/review/summer/franklin>; Merton Christensen, "Franklin on the Hemphill Trial: Deism Versus Presbyterian Orthodoxy", *William and Mary Quarterly* (jul. 1953), pp. 422-40; William Barker, "The Hemphill Case, Benjamin Franklin and Subscription to the Westminster Confession", *American Presbyterians* 69 (inverno de 1991); Aldridge, *Nature*, pp. 86-98; Buxbaum, pp. 93-104.

8. Campbell, p. 97; Barbara Oberg e Harry Stout, eds., *Benjamin Franklin, Jonathan Edwards* (Nova York Oxford University Press, 1997), p. 119; Carl Van Doren, *Benjamin Franklin and Jonathan Edwards* (Nova York Scribner's, 1920), introdução; Jonathan Edwards, "Sinners in the Hands of an Angry God", pregação feita em Enfield, Conn., 8 jul. 1741, <douglass.speech.nwu.edu/edwa_a45.htm>; Jack Hitt, "The Great Divide: It's Not Left and Right. It's Meritocrats and Valuecrats", *New York Times Magazine*, 31 dez. 2000, p. 14.

9. *The Pennsylvania Gazette*, 15 nov. 1739, 22 maio 1740, 12 jun. 1740; Autobiografia, pp. 116-20; Buxbaum, pp. 93-142; Brands, pp. 138-48; Hawke, p. 57. Buxbaum apresenta uma análise exaustiva de todos os artigos que Franklin imprimiu sobre Whitefield.

10. Frank Lambert, "Subscribing for Profits and Piety", *William and Mary Quarterly* (jul. 1993), pp. 529-48; Harry Stout, "George Whitefield and Benjamin Franklin", *Massachusetts Historical Society* 103 (1992), pp. 9-23; David Morgan, "A Most Unlikely Friendship", *The Historian* 47 (1985), pp. 208-18; Autobiografia, p. 118.

11. "Obadiah Plainman", *The Pennsylvania Gazette*, 15 e 29 maio 1740, Lib. of Am., pp. 275-83, 1528; *American Weekly Mercury*, 22 maio 1740. Os editores de Yale dos papéis de Franklin não incluem as cartas de Obadiah Plainman como se fossem de autoria de Franklin. Mas Leo Lemay apresenta argumentos convincentes de que ele as escreveu e as incluiu na coleção da Library of

America. Do mesmo modo, parece possível que Franklin, como era seu costume, tenha atestado a controvérsia escrevendo as cartas opostas de “Tom Trueman”.

12. “Letter to a Friend in the Country” e “Statement of Editorial Policy”, *The Pennsylvania Gazette*, 24 jul. 1740; Autobiografia, p. 118.

13. “Obituary of Andrew Hamilton”, *The Pennsylvania Gazette*, 6 ago. 1741; “Half-Hour’s Conversation with a Friend”, *The Pennsylvania Gazette*, 16 nov. 1733.

14. Sappenfield, pp. 86-93; Autobiografia, pp. 113-4.

15. C. William Miller, *Benjamin Franklin’s Philadelphia Printing: A Descriptive Bibliography* (Filadélfia: American Philosophical Society, 1984), p. 32; James Green, *Benjamin Franklin as Publisher and Bookseller*, em Lemay, *Reappraising*, p. 101. Green foi um eminente curador da Companhia da Biblioteca e suas notas sobre exposições dos livros de Franklin são úteis.

16. Walter Isaacson, “Info Highwayman”, *Civilization* (mar. 1995), p. 48; Autobiografia, p. 114.

17. Sappenfield, pp. 93-105; *The Pennsylvania Gazette*, 13 nov. e 11 dez. 1740; *American Weekly Mercury*, 20 e 27 nov., 4 e 18 dez. 1740; Papers, v. 2; Frank Mott, *A History of American Magazines* (Nova York: Appleton, 1930), 1, pp. 8-27.

18. BF para Abiah Franklin, 16 out. 1747, 12 abr. 1750; Lopez, *Private*, pp. 70-9; Autobiografia, p. 109; BF para William Strahan, 2 jun. 1750, 31 jan. 1757; Clark, pp. 62, 139; sra. E. D. Gillespie (filha de Sally Franklin Bache), *A Book of Remembrance* (Filadélfia: Lippincott, 1901), citado em Clark, p. 17; Silence Dogood, n. 5, *New England Courant*, 28 maio 1722; DF para Margaret Strahan, 24 dez. 1751; “A Petition of the Left Hand”, 1785, em Lib. of Am., p. 1115 e Papers CD 43:u611.

Além de tentar casar Sally com o filho de Strahan, Franklin esperava que seu filho William viesse a se casar com Polly Stevenson, a filha de sua senhoria em Londres; que seu neto William Temple Franklin se casasse com a filha de sua amiga parisiense Madame Brillon; e que o filho de Sally Benjamin Bache se casasse com a filha de Polly Stevenson. Uma avaliação mais dura do modo como Franklin tratava Sally e da educação que lhe proporcionou pode ser vista no ensaio de Larry Tise, “Liberty and the Rights of Women”, na coletânea *Benjamin Franklin and Women* (University Park: Pennsylvania State University Press, 2000), pp. 37-49.

19. Lopez, *Private*, p. 34; Pobre Ricardo, 1735. “Reply to a Piece of Advice”, *The Pennsylvania Gazette*, 4 mar. 1735, faz o elogio do casamento e filhos. Os editores de Yale dos papéis de Franklin atribuem-no a ele, em parte porque está assinado por “A. A.”, iniciais que ele usava com frequência. Papers 2, p. 21.

20. “Advice to a Young Man on the Choice of a Mistress”, também conhecido como “Old Mistress Apologue”, 25 jun. 1745. Uma descrição da história de sua publicação encontra-se em Papers 3, pp. 27-31, e na introdução a *Benjamin Franklin and Women*, de Larry Tise.

21. “Speech of Polly Baker”, *General Advertiser*, 15 abr. 1747; Sappenfield, p. 64. Franklin revelou sua autoria por volta de 1778, em um jantar com o abade Raynal em Paris, quando a autenticidade do famoso discurso estava em debate.

Franklin contou ao grupo: “Vou esclarecer as coisas. Quando eu era jovem e publicava um jornal, acontecia às vezes, quando estava com pouco material para encher minhas páginas, de me divertir inventando histórias, e a de Polly Baker é uma delas”. Papers 3, pp. 121-2.

22. “A Proposal for Promoting Useful Knowledge”, 14 maio 1743, Papers 2, p. 378; *The Beginnings of the APS* (Filadélfia: APS Proceedings, 1944), pp. 277-89; Edward C. Carter III, *One Grand Pursuit* (Filadélfia: American Philosophical Society, 1993); American Philosophical Society, <www.amphilsoc.org>.

Franklin adorava escrever estatutos, regras e procedimentos muito detalhados para organizações. Entre os grupos para os quais fez isso estava a Junta, a loja maçônica, o corpo de bombeiros, a patrulha policial, a Sociedade Filosófica Americana, a milícia da Pensilvânia, a Academia, o serviço postal e a Sociedade para a Abolição da Escravidão. Essa propensão o ajudou também a traçar o Plano de União de Albany, as regras disciplinares para o Exército colonial e os primeiros artigos da proposta de confederação.

23. Autobiografia, pp. 121-3; “Plain Truth”, 17 nov. 1747; “Form of Association”, 24 nov. 1747; Papers 3, p. 187, com notas históricas. Veja capítulo 4 para a questão da idade de William.

24. Autobiografia, p. 123; Richard Peters para Thomas Penn, 29 nov. 1747, Papers 3, p. 214; Penn para Peters, 30 mar. e 9 jun. 1748, Papers 3, p. 186; “The Necessity of Self Defense”, *The Pennsylvania Gazette*, 29 dez. 1747 (em Lib. of Am., mas não nos Yale Papers); Brands, pp. 179-88; Wright, pp. 77-81; Hawke, pp. 75-80.

25. Wright, p. 52; Van Doren, p. 122; Autobiografia, pp. 92, 120; “Articles of Agreement with David Hall”, 10 jan. 1748; Brands, pp. 188, 380; Clark, p. 62; BF para Abiah Franklin, 12 abr. 1750; BF para Cadwallader Colden, 29 set. 1748; Pobre Ricardo, 1744.

No ano em que se aposentou, Franklin escreveu e publicou um ensaio chamado “Conselhos a um jovem comerciante, escritos por um velho”, em que reafirmava boa parte da filosofia do Pobre Ricardo e da Autobiografia: “O caminho para a riqueza, se você o desejar, é tão simples quanto o caminho para o mercado. Ele depende principalmente de duas palavras: Diligência e Frugalidade; i.e., não desperdice tempo nem dinheiro, mas faça o melhor uso de ambos”, Papers 3, p. 304.

26. Gordon S. Wood, *The Radicalism of the American Revolution* (Nova York Random House, 1991), pp. 77, 85-6, 199. Eu tendo a discordar da tese de Wood, na medida em que ele retrata Franklin como um homem de aspirações aristocráticas cuja imagem de avental de couro ganhou força principalmente depois que suas ambições sociais foram frustradas. As provas em favor de dar mais peso do que Wood dá à visão de Franklin como um membro orgulhoso da classe média estão, espero, detalhadas ao longo deste livro. Mesmo no período logo após a sua aposentadoria, que Wood diz ter sido o auge de suas aspirações “aristocráticas”, a postura política de Franklin continuou a ser bastante populista e suas iniciativas cívicas tinham um toque comum. Não obstante, Wood faz uma avaliação interessante que merece consideração como contraponto à abordagem adotada por outros historiadores. E, uma vez que ele afirma que a atitude

aristocrática de Franklin se manifesta principalmente durante o período que vai de 1748 ao final da década de 1760 (mais quando ele defendeu na Convenção Constitucional que os detentores de cargos públicos não deveriam receber remuneração), pode-se levar em conta sua tese sem rejeitar inteiramente a ideia de que durante a maior parte de sua vida Franklin sentiu orgulho, como ele alegava, de fazer parte de “nós, o povo mediano”. Wood também usa uma definição um pouco mais ampla de aristocracia e inclui nela, além da nobreza com títulos e das classes hereditárias, plebeus ricos que se consideravam cavalheiros. A tese de Wood nos lembra corretamente que um dos objetivos de Franklin, a começar pela criação da biblioteca de empréstimo, era ajudar os membros da classe média a assumir algumas das qualidades da nobreza esclarecida. (Deve-se observar também que a definição clássica da aristocracia denotava um sistema de governo pelos melhores, em vez de um sistema de classe hereditária de hierarquia social e títulos baseados no nascimento, que é o que o termo passou a significar na Inglaterra na época de Franklin.)

27. Wayne Craven, “The British and American Portraits of Benjamin Franklin”, em Lemay, *Reappraising*, p. 249; Charles Sellers, *Benjamin Franklin in Portraiture* (New Haven: Yale University Press, 1962); Pobre Ricardo, 1748.

6. CIENTISTA E INVENTOR: FILADÉLFIA, 1744-51

1. Dudley Herschbach, “Dr. Franklin’s Scientific Amusements”, *Harvard Magazine* (nov. de 1995), p. 36, e no *Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences* (out. 1994), p. 23. Herschbach, professor da cadeira Baird de Ciências em Harvard, ganhou o prêmio Nobel de química em 1958.

Os estudos acadêmicos mais importantes sobre Franklin e as ciências foram feitos pelo eminente historiador da ciência de Harvard, I. Bernard Cohen. São eles: *Benjamin Franklin’s Science* (Cambridge: Harvard University Press, 1990); *Science and the Founding Fathers* (Nova York: Norton, 1995) e *Franklin and Newton* (Filadélfia: American Philosophical Society, 1956). Também são úteis Charles Tanford, *Ben Franklin Stilled the Waves* (Durham, CN: Duke University Press, 1989); Nathan Goodman (Org.), *The Ingenious dr. Franklin* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1931), que é uma coletânea de cartas e ensaios científicos de Franklin; J. L. Heilbron, “Franklin as an Enlightened Natural Philosopher”, e Heinz Otto Sibum, “The Bookkeeper of Nature”, em Lemay, *Reappraising*.

2. “Magic Squares”, BF para Peter Collinson, 1750; BF para PS, 20 set. 1761; Cohen, pp. 159-71; Brands, p. 630. Cohen data as experiências com calor de Franklin e Breintnall de 1729 a 1737, baseado em cartas e anotações da Junta, e remonta às teorias de Newton e Boyle, sobre as quais Franklin havia lido relatos.

3. “An Account of the New Invented Pennsylvania Fire-Places”, 1744, Papers 2, pp. 419-46 (com notas históricas dos editores); Autobiografia, p. 128; Lemay, *Reappraising*, pp. 201-3; carta ao *Boston Evening Post*, 8 set. 1746, redescoberta pela primeira vez em Lemay, *Internet Doc* para 1746; Brands, p.

167; Samuel Edgerton Jr., “The Franklin Stove”, em Cohen, pp. 199-211. Edgerton, historiador da arte da Universidade da Pensilvânia, mostra que a estufa não era tão prática ou popular como outros historiadores supõem.

4. BF para John Franklin, 8 dez. 1752; “Origin of Northeast Storms”, BF para Jared Eliot, 13 fev. 1750; BF para Jared Eliot, 16 jul. 1747; BF para Alexander Small, 12 maio 1760; John Cox, *The Storm Watchers* (Nova York: Wiley, 2002), pp. 5-7.

5. Cohen, pp. 40-65; BF para Collinson, 28 mar. 1747; Autobiografia, p. 164; Bowen, pp. 47-9. Cohen apresenta provas detalhadas a respeito das datas das palestras do dr. Spencer, de seu conteúdo, do presente de Collinson e dos erros que Franklin cometeu ao relembrar mais tarde a cronologia.

6. BF para Collinson, 25 maio e 28 jul. 1747, 29 abr. 1749; Cohen, pp. 22-6; I. Bernard Cohen, *Franklin and Newton*, p. 303; Clark, p. 71. J. L. Heilbrun e Heinz Otto Sibum, em Lemay, *Reappraising*, pp. 196-242, enfatizam a natureza “contábil” das teorias de Franklin.

7. BF para Collinson, 29 abr. 1749, 4 fev. 1750; Brands, p. 199; Thomas Pynchon, *Mason & Dixon* (Nova York: Holt, 1997), p. 294. [Ed. bras.: *Mason e Dixon*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.]

8. BF para John Lining, 18 mar. 1755; BF para Collinson, 2 mar. 1750; BF para John Winthrop, 2 jul. 1768; Hawke, pp. 86-8; Cohen, p. 121; Van Doren, pp. 156-70; Brands, pp. 198-202. Andrew White, “History of Warfare of Science with Theology in Christendom”, <www.human-nature.com/reason/white/chap11.htm>. Além de Newton, já haviam notado as semelhanças entre faíscas elétricas e raios Francis Hauksbee, Samuel Wall, John Freke, Johann Heinrich Winkler e o antagonista de Franklin, o abade Nollet; veja Clark, pp. 79-80. Nenhum deles, no entanto, havia proposto experimentos sérios para testar a hipótese.

9. BF para John Mitchell, 29 abr. 1749.

10. BF para Collinson, 29 jul. e 2 mar. 1750.

11. *The Gentlemans Magazine*, jan. e maio 1750; *Experiments and Observations on Electricity, Made at Philadelphia in America, by Mr. Benjamin Franklin* (Londres: 1750, 1756 e edições subsequentes); abade Guillaume Mazéas para Stephen Hales, 20 maio 1752, Papers 4, p. 315, e *Philosophical Transactions of the Royal Society* (1751-2); Autobiografia, pp. 165-7; Clark, pp. 3-5, 83; Cohen, pp. 70-2.

12. “The Kite Experiment”, *The Pennsylvania Gazette*, 19 out. 1752; Papers 4, pp. 360-5, tem uma nota de rodapé que explica as questões históricas; *The Pennsylvania Gazette*, 27 ago. e 19 out. 1752; Cohen, pp. 68-77; Joseph Priestley, *The History and Present State of Electricity* (1767), <www.ushistory.org/franklin/info/kite.htm>; Hawke, pp. 103-6.

13. Cohen, pp. 66-109; Van Doren, p. 164; Tom Tucker, *Bolt of Fate* (Nova York: Public Affairs, 2003). Tucker acusa que “é possível que [...] Franklin tenha inventado sua alegação a respeito da pipa” e que tudo não tenha passado de uma “farsa”, semelhante às literárias que cometeria. Seu livro não aborda as provas detalhadas que I. Bernard Cohen cita sobre essa questão e é, na minha opinião, pouco convincente. A descrição que Franklin faz da pipa não é de forma alguma

similar aos seus embustes literários e, se fosse falsa, seria uma mentira deslavada e não uma brincadeira. Tucker também faz a estranha alegação de que a descrição de Franklin de sua experiência com uma guarita era uma ameaça de morte ao presidente da Sociedade Real de Londres. Afirma, ainda, que Franklin poderia estar mentindo quando relatou, em 1752, que dois para-raios haviam sido erguidos em prédios públicos da Filadélfia naquele verão (um relatório que foi publicado na revista da Sociedade Real e que seria contestado na época se fosse falso). A análise abrangente de Cohen, um professor de história da ciência que é a maior autoridade acerca do trabalho sobre eletricidade de Franklin, trata de forma mais convincente as questões em torno da guarita, da pipa e do para-raios de Franklin. Outros artigos que discutem se Franklin empinou a pipa naquele verão: Abbott L. Rotch, “Did Franklin Fly His Electrical Kite before He Invented the Lighting Rod?”, *American Antiquarian Society Proceedings*, 1907; Alexander McAdie, “The Date of Franklin’s Kite Experiment”, *American Antiquarian Society Proceedings*, 1925.

14. Cohen, pp. 66-109; Van Doren, pp. 165-70. Van Doren diz que a possibilidade de que Franklin tenha inventado ou enfeitado sua experiência com a pipa estaria “muito em desacordo com seu comportamento em relação à ciência, que em outros momentos parece sempre verdadeiro e despretensioso”.

15. BF para Collinson, set. 1753; BF para DF, 10 jun. 1758; Dudley Herschbach, “Ben Franklin’s Scientific Amusements”, *Harvard Magazine* (nov. 1995), p. 44; BF para Cadwallader Colden, 12 abr. 1753; BF para a Sociedade Real, 29 maio 1754.

16. BF para Collinson, 29 jul. 1750; Van Doren, p. 171; J. J. Thompson, *Recollections and Reflections* (Londres: Bell, 1939), p. 252; BF para Cadwallader Colden, 11 out. 1750; epigrama de Turgot, 1781: *Eripuit cælo fulmen, sceptrumque tyrannis*.

7. POLÍTICO: FILADÉLFIA, 1749-56

1. “On the Need for an Academy”, *The Pennsylvania Gazette*, 24 ago. 1749; “Proposals Relating to the Education of Youth in Pennsylvania”, out. 1749; BF para Cadwallader Colden, nov. 1749; Constitutions of the Publick Academy, 13 nov. 1749; Autobiografia, pp. 121, 129-31; Van Doren, p. 193; história da Universidade da Pensilvânia, <www.archives.upenn.edu/histy/genlhistory/brief.html>. (A escola chamou-se originalmente Academia da Filadélfia, depois College da Filadélfia; em 1779, foi assumida pelo estado e se tornou Universidade do Estado da Pensilvânia e, por fim, em 1791, Universidade da Pensilvânia.)

2. “Appeal for the Hospital”, *The Pennsylvania Gazette*, 8 ago. 1751; Autobiografia, p. 134.

3. BF para Peter Collinson, 9 maio 1753; Stuart Sherman, “Franklin and the Age of Enlightenment”, em Sanford, p. 75. Veja também capítulo 4, nota 49. Para mais detalhes sobre o pensamento político de Franklin, veja Paul Conner,

Poor Richard's Politicks (Nova York: Oxford University Press, 1965), e Francis Jennings, *Benjamin Franklin: Politician* (Nova York: Norton, 1996).

4. "Observations Concerning the Increase of Mankind", 1751, Papers 4, p. 225; Conner, pp. 69-87; Hawke, p. 95.

5. "Felons and Rattlesnakes", *The Pennsylvania Gazette*, 9 maio 1751.

6. "Observations Concerning the Increase of Mankind", 1751; BF para Abiah Franklin, 12 abr. 1750; John Van Horne, "Collective Benevolence", em Lemay, *Reappraising*, pp. 433-6; Lopez, *Private*, pp. 291-302.

7. BF para John Waring, 17 dez. 1763.

8. BF para Peter Collinson, 9 maio 1753.

9. Autobiografia, p. 131.

10. Autobiografia, p. 132.

11. Autobiografia, p. 132; Report of the Treaty of Carlisle, 19 nov. 1753; Minutes of the Provincial Council of Pennsylvania, 15 nov. 1753.

12. Autobiografia, p. 140; BF para Collinson, 21 maio 1751; John Franklin para BF, 26 nov. 1753; "Procedures for Postmasters", 1753, Papers 5, pp. 162-77; finanças dos correios, 10 ago. 1753, Papers 5, p. 18; Wright, p. 85; Hawke, p. 114; Brands, pp. 243-5; Clark, p. 100; Lopez, *Private*, p. 53.

13. BF para James Parker, 20 mar. 1751; *The Pennsylvania Gazette*, 9 maio 1754.

14. "Commission to Treat with the Indians", Pennsylvania Assembly, 13 maio 1754, Papers 5, p. 275; "Short Hints Towards a Scheme for Uniting the Northern Colonies", em BF para James Alexander e Cadwallader Colden, 8 jun. 1754, Papers 5, p. 335.

15. BF para Peter Collinson, 29 jul. 1754; BF para Cadwallader Colden, 14 jul. 1754; "Plan of Proposed Union", 10 jul. 1754; Autobiografia, pp. 141-2; BF para William Shirley, 4 e 22 dez. 1754. Para visões gerais: Bernard Bailyn, *The Ordeal of Thomas Hutchinson* (Cambridge: Harvard University Press, 1974); Robert Newbold, *The Albany Congress and Plan of Union* (Nova York: Vantage, 1955), pp. 95-105; Morgan, *Franklin*, pp. 83-90; Hawke, pp. 116-23; Brands, pp. 234-40; Wright, pp. 89-94. A narrativa popular mais pitoresca é a de Catherine Drinker Bowen, *The Most Dangerous Man in America* (Boston: Little, Brown, 1974), pp. 91-162.

Há uma disputa acadêmica sobre como repartir o mérito do plano final entre Franklin e Hutchinson. Em carta escrita anos depois, Hutchinson diz que o plano era seu, mas em um livro de história ele escreveu que "o plano de uma união geral foi projetado por Benjamin Franklin". Na verdade, o plano final era muito semelhante em estrutura e estilo ao documento "Sugestões curtas" que Franklin preparou antes de chegar a Albany. Veja Papers 5, p. 335; Wright, p. 92. Para uma visão pró-Hutchinson, veja Lawrence Gipson, *The British Empire before the American Revolution* (Nova York: Knopf, 1936-69), 5, pp. 126-38.

16. BF para John Franklin, 16 mar. 1755; BF para Catherine Ray, 4 mar., mar-abr., 11 set. e 16 out. 1755; Catherine Ray para BF, 28 jun. 1755. (Ela assinava "Caty", mas Franklin tendia a chamá-la de "Katy" ou "Katie".)

17. A melhor análise encontra-se em Lopez, *Private*, pp. 55-7, e Lopez, *Life*, pp. 25-9. A citação de Lopez é do primeiro livro, mas ela aparece de forma

semelhante no segundo. Veja também William Roelker, *Benjamin Franklin and Catherine Ray Greene* (Filadélfia: American Philosophical Society, 1949). Também digna de nota é a astuta análise de J. A. Leo Lemay em *PMHB* 126, p. 2 (abr. 2002), p. 336: “Os biógrafos que veem nos flertes de Franklin tentativas sérias de ter casos sexuais me parecem pouco sofisticados em matéria de psicologia humana ou tão pudicos quanto John Adams em Paris”.

18. BF para Catherine Ray, 2 mar. 1789.

19. Autobiografia, pp. 143-7; Hawke, pp. 124-62; BF para Peters, 17 set. 1754; BF para Collinson, 25 ago. 1755.

20. Autobiografia, pp. 151-2, 148-51; “Advertisement for Wagons”, 26 abr. 1755; Papers 6, p. 19. (Está com a data na Autobiografia.)

21. BF para Peter Collinson, 26 jun. 1755; Autobiografia, p. 144; Robert Hunter Morris para Thomas Penn, 16 jun. 1755.

22. Autobiografia, pp. 154-6; Resposta da Assembleia ao governador Morris, 8 e 19 ago., 11 nov. 1755.

23. Autobiografia, p. 156; Brands, p. 262; *The Pennsylvania Gazette*, 18 ago. 1755; BF para James Read, 2 nov. 1755; BF para Richard Partridge, 27 nov. 1755.

24. BF para DF, 25 jan. 1756; Autobiografia, pp. 160-2; Brands, pp. 267-9; J. Bennett Nolan, *General Benjamin Franklin* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1936), p. 62.

25. Autobiografia, pp. 162-3; Brands, pp. 270-1; BF para Collinson, 5 nov. 1756.

26. BF para George Whitefield, 2 jul. 1756; BF para DF, 25 mar. 1756; Autobiografia, p. 169; resposta da Assembleia, por BF, 29 out. 1756; nomeação de Franklin pela Assembleia, 29 jan. e 3 fev. 1757, Papers 7, p. 109; Wright, p. 105; Thomas Penn para Richard Peters, 14 maio 1757.

8. ÁGUAS TURBULENTAS: LONDRES, 1757-62

1. BF para William Brownrigg, 7 nov. 1773; “Tudo é abrandado pelo óleo”, escreveu Plínio, o Velho (23-79 d.C.) em sua obra *História natural*, livro 2, seção 234. Além de ser cientista e senador, ele era comandante da frota da Roma imperial perto de Nápoles e morreu numa erupção do Vesúvio.

2. BF para DF, 17 jul. 1757; Autobiografia, pp. 175-7.

3. Lopez, *Private*, p. 86.

4. A casa da Craven Street onde Franklin passou a maior parte de seu tempo em Londres, hoje número 36, ainda existe e, em 2003, iniciaram-se obras para convertê-la em um pequeno museu. O plano é fazer com que cada um dos minúsculos cômodos apresente um aspecto diferente de quando de sua estada em Londres: diplomacia, ciência, vida social e escritos. A casa tem uma fachada de tijolos do século XIX, mas, com exceção disso, sua estrutura é similar à do tempo de Franklin; fica a poucas centenas de metros da estação Charing Cross e da Trafalgar Square. <www.thersa.org/franklin/default.htm>; <www.rsa.org.uk/projects/project_closeup.asp?id=1001>;

<www.cs.mdx.ac.uk/wrt/Siteview/project.html>.

5. BF para PS, 4 maio 1759, e sem data, 1759, 1^o maio e 13 set. 1760.

6. BF para PS, 13 set. 1759, 1^o maio, 11 jun. (inclui o trecho sobre “moderação prudente”), 13 set. e sem data, nov. 1760; PS para BF, 23 jun. 1760, sem data, ago. e 16 set. 1760. Veja também suas cartas durante 1761-2.

7. BF para PS, 27 jan. 1783; Wright, p. 110; Clark, p. 140; Lopez, *Private*, p. 83; Randall, p. 123.

8. William Strahan para DF, 13 dez. 1757.

9. BF para DF, 14 jan., 19 fev. e 10 jun. 1758; Lopez, *Private*, p. 80; Clark, pp. 142-3, 147.

10. BF para DF, 22 nov. e 3 dez. 1757, 10 jun. 1758, 27 jun. 1760; Lopez, *Private*, p. 172.

11. Verner Crane, “The Club of Honest Whigs”, *William and Mary Quarterly* 23 (1966), p. 210; Leonard Labaree, “Benjamin Franklin’s British Friendships”, *Proceedings of the American Philosophical Society* 108 (1964), p. 423; Clark, p. 142; Brands, p. 279; Morgan, *Devious*, p. 15; Hawke, p. 163.

12. Strahan para DF, 13 dez. 1757; BF para DF, 27 nov. 1757.

13. Wright, pp. 114-5, 216-7.

14. Thomas Penn para Richard Peters, 14 maio 1757.

15. Autobiografia, pp. 177-9.

16. Autobiografia, p. 178.

17. Autobiografia, p. 179; “Heads of Complaint”, BF para os Penn, 20 ago. 1757; resposta a “Heads of Complaint” de Ferdinand John Paris, 28 nov. 1758, Papers 8, p. 184; Cecil Currey, *Road to Revolution* (Garden City, NY: Anchor, 1968), p. 35.

18. “Pennsylvania Charter of Privileges”, 28 out. 1701, <www.constitution.org/bcp/penncharpriv.htm>; BF para Isaac Norris, 14 jan. 1758; Clark, p. 144; Middlekauff, pp. 65-6; Brands, p. 301.

19. Thomas Penn para Richard Peters, 5 jul. 1758; BF para Joseph Galloway, 17 fev. 1758; Brands, p. 302; Wright, p. 117.

20. WF para o editor de *Citizen*, da Pennsylvania Coffee-House em Londres, 16 set. 1757.

21. BF para DF, 10 jun. 1758; Skemp, *William*, pp. 30-1.

22. Lopez, *Private*, pp. 61-9; Skemp, *William*, pp. 24-6, 37; Randall, pp. 102-5; WF para Elizabeth Graeme, 26 fev., 7 abr., 9 dez. 1757; WF para Margaret Abercrombie, 24 out. 1758. *A verdadeira conduta de pessoas de qualidade* foi escrito por Nicolas Rémond des Cours, traduzido do francês para o inglês e publicado em Londres em 1694.

23. BF para Abiah Franklin, 12 abr. 1750; WF para BF, 3 set. 1758.

24. BF para DF, 6 set. 1758, 29 ago. 1759.

25. Dr. Thomas Bray, “Society for the Propagation of the Gospel in Foreign Parts Among the Negroes in the Colonies”, <docsouth.dsi.internet2.edu/church/pierre/pierre.html>; BF para John Lining, 14 abr. 1757, 17 jun. 1758; BF para Cadwallader Colden, 25 fev. 1763.

26. BF para DF, 6 set. 1758.

27. Resposta a “Heads of Complaint” de Ferdinand John Paris, 28 nov. 1758; Thomas e Richard Penn para a Assembleia, 28 nov. 1758; BF para Isaac Norris, 19 jan. 1759. Ver Papers 8, pp. 178-86; Middlekauff, pp. 68-70; Hawke, p. 173; Morgan, *Devious*, p. 38.

28. Morgan, *Franklin*, pp. 102, 130; Gordon Wood, “Wise Men”, *The New York Review*, 26 set. 2002, p. 44. Nessa resenha do livro de Morgan, Wood afirma que os atos de Franklin podem ser facilmente explicados por sua lealdade à Coroa. Ele critica Morgan por apresentar uma visão retrospectiva cega quando acusa Franklin de cegueira. “Sua avaliação de Franklin parece às vezes sutilmente impregnada daquilo que os historiadores chamam de *whiggism*, o escorço anacrônico que faz do passado uma antecipação do futuro”, diz Wood. No fim das contas, acho que a raiva de Franklin em relação aos proprietários fez com que ele perdesse, de fato, a perspectiva num momento em que outros, tanto partidários como adversários dos Penn, foram capazes de ver com mais clareza que não havia apoio suficiente de ambos os lados do oceano para transformar a Pensilvânia em uma colônia real e que o problema fundamental era a atitude generalizada dos líderes britânicos de que as colônias deviam ser econômica e politicamente submissas.

29. BF para o Conselho Privado, 20 set. 1758; Hawke, p. 176.

30. BF para Thomas Leech, 13 maio 1758; Hawke, pp. 169, 177; Papers 8, p. 60.

31. Autobiografia, p. 180; Relatório do Conselho de Comércio, 24 jun. 1760, em Papers 9, pp. 125-73; ordem do Conselho Privado, 2 set. 1760; Morgan, *Devious*, pp. 56-7; Middlekauff, p. 73.

32. Brands, pp. 305-6; “A Parable on Brotherly Love”, 1755, Papers 6, p. 124; BF para lorde Kames, 3 maio 1760.

33. BF para David Hume, 19 maio 1762.

34. BF para David Hume, 27 set. 1760; David Hume para BF, 10 maio 1762.

35. BF para lorde Kames, 3 jan. 1760; Brands, p. 287; menção na Universidade de St. Andrews, 1^o out. 1759, Papers 8, p. 277.

36. BF para DF, 5 mar. 1760.

37. A lápide no túmulo de Temple Franklin registra sua data de nascimento como 22 de fevereiro de 1762, mas a correspondência da família indica que ele nasceu em fevereiro de 1760. Lopez, *Private*, p. 93; Van Doren, p. 290.

38. BF para Jared Ingersoll, 11 dez. 1762; WF para SF, 10 out. 1761.

39. “Humorous Reasons for Restoring Canada”, *Chronicle*, Londres, 27 dez. 1759; “The Interest of Great Britain Considered”, abr. 1760, Papers 9, pp. 59-100; Jack Greene, “Pride, Prejudice and Jealousy”, em Lemay, *Reappraising*, p. 125.

40. BF para William Strahan, 23 ago. 1762.

41. Aldridge, *French*, p. 169, de Pierre Cabanis, *Complete Works* (Paris: Bossange Frères, 1825), v. 5, p. 222.

42. Temple Franklin, “Memoirs of Benjamin Franklin”, 1, p. 75; Randall, p. 180; Skemp, *William*, p. 38; Brands, p. 328; BF para JM, 25 nov. 1752; BF para PS, 11 ago. 1762.

43. BF para John Pringle, 1^o dez. 1762.

9. DESPEDIDA DE CASA: FILADÉLFIA, 1763-4

1. Skemp, *William*, p. 48; Thomas Penn para James Hamilton, set. 1762; Clark, p. 170.

2. BF para Benjamin Waller, 1^o ago. 1763.

3. BF para lorde Bessborough, out. 1761; Lopez, *Private*, p. 100; BF para DF, 16 jun. 1763.

4. BF para PS, 10 jun. 1763; Lopez, *Private*, p. 100.

5. Hawke, p. 202; BF para JM, 19 jun. 1763; BF para Catherine Ray Greene, 1^o ago. 1763; BF para William Strahan, 8 ago. 1763.

6. Lopez, *Private*, p. 114; WF para William Strahan, 25 abr. 1763; BF para William Strahan, 19 dez. 1763.

7. BF para Peter Collinson, 19 dez. 1763; “A Narrative of the Late Massacres, in Lancaster County, of a Number of Indians, Friends of this Province, by Persons Unknown”, jan. 1764; Van Doren, p. 307; Hawke, p. 208; Brands, p. 352.

Há uma interessante disputa histórica a respeito das simpatias de Franklin pelos índios e preconceito contra os presbiterianos e alemães da fronteira. Buxbaum (pp. 185-219) está entre aqueles que ressaltam o preconceito de Franklin em relação aos presbiterianos e o censura por fazer os índios parecerem “seres humanos não essencialmente diferentes dos ingleses”. Brooke Hindle, em “The March of the Paxton Boys”, *William and Mary Quarterly* (out. 1946), assume postura semelhante. Eles são contestados por Francis Jennings em *Benjamin Franklin: Politician* (Nova York Norton, 1996), pp. 158-9. Ele chama Buxbaum de “confuso ilustrado” e acusa Hindle de “absoluta ignorância” e de fazer comentários “asnáticos preconceituosos”.

8. BF para John Fothergill, 14 mar. 1764; BF para Richard Jackson, 11 fev. 1764; Hawke, p. 208.

9. BF para lorde Kames, 2 jun. 1765; John Penn para Thomas Penn, 5 maio 1764; BF para John Fothergill, 14 mar. 1764; Hawke, p. 211; Brands, p. 356; Van Doren, p. 311.

10. Resposta da Assembleia ao governador, 24 mar. 1764.

11. Van Doren, p. 314; Buxbaum, p. 192; Cecil Currey, *Road to Revolution* (Garden City, NY: Anchor, 1968), p. 58.

12. Resoluções da Assembleia da Pensilvânia, 24 mar. 1764; “Cool Thoughts on the Present Situation of Our Public Affairs”, 12 abr. 1764; BF para Richard Jackson, 14 e 29 mar., 1^o set. 1764; BF para William Strahan, 30 mar. 1764; J. Philip Gleason, “A Scurrilous Election and Franklin’s Reputation”, *William and Mary Quarterly* (out. 1961); Brands, p. 357; Van Doren, p. 313; Morgan, *Devious*, pp. 80-3. Os panfletos contra Franklin estão em Papers 11, p. 381.

13. Hawke, p. 225; Brands, p. 358; Van Doren, p. 316; Buxbaum, p. 12; “Remarks on a Late Protest”, 5 nov. 1764.

14. BF para Richard Jackson, 1^o maio 1764; BF para SF, 8 nov. 1764; Hawke, pp. 222-6.

10. AGENTE PROVOCADOR: LONDRES, 1765-70

1. BF para PS, 12 dez. 1764.

2. BF para DF, 27 dez. 1764, 9 e 14 fev. 1765. Para boas visões gerais sobre a missão de Franklin, veja Middlekauff; Morgan, *Devious*; Cecil Currey, *Road to Tevolution* (Garden City, NY: Anchor, 1968); Theodore Draper, *The Struggle for Power* (Nova York: Times Books, 1996); Edmund Morgan e Helen Morgan, *The Stamp Act Crisis* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1953).

3. BF para PS, 20 jul. 1768; PS para BF, 26 set. 1768; Noah Webster para BF, 24 maio 1786; BF para Webster, 18 jun. 1786; Van Doren, p. 426; Noah Webster, *Dissertations on the English Language: With Notes, Historical and Critical, to which Is Added, by Way of Appendix, an Essay on a Reformed Mode of Spelling, with Dr. Franklin's Arguments on that Subject* (Boston: Isaiah Thomas, 1789), <edweb.sdsu.edu/people/DKitchen/new_655/webster_language.htm>.

4. Lopez, *Private*, p. 152; WF para BF, 2 jan. 1769; PS para Barbara Hewson, 4 out. 1774; PS para BF, 5 set. 1776.

5. Cadwalader Evans para BF, 15 mar. 1765; John Penn para Thomas Penn, 16 mar. 1765; Morgan, *Devious*, p. 94.

6. BF para Joseph Galloway, 11 out. 1766; Morgan, *Devious*, p. 102. Morgan e Morgan, *The Stamp Act Crisis*, pp. 89-91; Brands, pp. 360-3; Van Doren, p. 320.

7. BF para John Hughes, 9 ago. 1765; Morgan, *Devious*, p. 106; Thomas Penn para William Allen, 13 jul. 1765.

8. BF para Charles Thomson, 11 jul. 1765; Morgan, *Devious*, p. 105; Charles Thomson para BF, 24 set. 1765; John Hughes para BF, 17 set. 1765.

9. David Hall para BF, 6 set. 1765; Morgan, *Devious*, p. 106; Wright, p. 188.

10. Samuel Wharton para BF, 13 out. 1765; John Hughes para BF, 12 set. 1765; DF para BF, 22 set. 1765; Morgan, *Devious*, p. 107; BF para DF, 9 nov. 1765; Brands, p. 368.

11. Patrick Henry para a Câmara de Delegados da Virgínia, 30 maio 1765; BF para John Hughes, 9 ago. 1765; Thomas Hutchinson para BF, 18 nov. 1765; Brands, p. 368.

12. BF para o comitê da Assembleia da Pensilvânia, 12 abr. 1766; Thomas Penn para John Penn, 30 nov. 1765.

13. BF para David Hall, 9 nov. 1765; BF para Joseph Galloway, 11 out. 1766; John Fothergill para James Pemberton, 27 fev. 1766; "Defense of Indian Corn and a Reply", *The Gazetteer*, 2 e 15 jan. 1766.

14. *Public Advertiser*, 22 maio 1765, 2 jan. 1766.

15. William Warner, "Enlightened Anonymity", palestra na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, 8 mar. 2002, <dc-mrg.english.ucsb.edu/conference/2002/documents/william_warner_anon.html>.

16. BF para JM, 10 mar. 1766; BF para WF, 9 nov. 1765; Brands, p. 373; Hawke, pp. 235-7.

17. BF para destinatário desconhecido, 6 jan. 1766; veja também BF para Cadwalader Evans, maio 1766; Wright, p. 187; Van Doren, p. 333.

18. Testemunho à Câmara dos Comuns, 13 fev. 1766, *Papers* 13, pp. 129-62;

Brands, pp. 374-6; Van Doren, pp. 336-52.

19. William Strahan para David Hall, 10 maio 1766; Joseph Galloway para BF, 23 maio, 7 jun. 1766; Charles Thomson para BF, 20 maio 1766; Van Doren, p. 353; Clark, p. 195; Hawke, p. 242.

20. BF para DF, 6 abr. 1766.

21. DF para BF, 10 fev., 8 e 13 out. 1765; BF para DF, 4 jun. 1765; Lopez, *Private*, p. 126.

22. David Hall para BF, 27 jan. 1767; BF para Hall, 14 abr. 1767.

23. BF para DF, 22 jun. 1767.

24. Lopez, *Private*, p. 134, citando E. D. Gillespie, *A Book of Remembrance* (Filadélfia: Lippincott, 1901), p. 25.

25. DF para BF, 25 abr. 1767; BF para DF, 23 maio, 22 jun. 1767; Brands, p. 390; Hawke, p. 255.

26. WF para BF, maio 1767; RB para BF, 21 maio 1767; Brands, p. 391.

27. BF para RB, 5 ago. 1767; BF para DF, 5 ago. 1767.

28. MS para DF, 18 set. 1767; Lopez, *Private*, p. 139.

29. BF para DF, 28 ago. 1767; BF para PS, 14 set. 1767.

30. BF para PS, 28 ago. 1767; Van Doren, pp. 367-9.

31. BF para DF, 2 e 17 nov. 1767; BF para PS, 9 out. 1767; Brands, pp. 395-6; Van Doren, p. 368; Hawke, p. 258.

32. JM para BF, 10 dez. 1767; BF para JM, 21 fev. 1768.

33. BF para RB, 13 ago. 1768; BF para DF, 9 ago. 1768; Lopez, *Private*, p. 141.

34. BF para DF, 26 jan. 1769; Thomas Bond para BF, 7 jun. 1769; DF para BF, 27 nov. 1769; Van Doren, p. 404; Lopez, *Private*, p. 143; Brands, p. 456.

35. PS para BF, 10 set. 1769; BF para PS, 2 set. 1769, 31 maio 1770; Lopez, *Private*, p. 154.

36. “Craven Street Gazette”, 22-25 set. 1770, em Papers 17, pp. 220-6.

37. BF para Barbeu Dubourg, 28 jul. 1768; Lopez, *Private*, p. 27.

38. BF para MS, 3 nov. 1772, datada equivocadamente como 1767 em Papers.

39. “A Friend to Both Countries”, *Chronicle*, Londres, 9 abr. 1767; “Benevolous”, *Chronicle*, Londres, 11 abr. 1767; Brands, p. 386; Hawke, p. 252; Cecil Currey, *Road to Revolution*, p. 222.

40. “Causes of the American Discontents before 1768”, *Chronicle*, Londres, 7 jan. 1768. Embora fosse anônimo, Franklin indicou sua autoria ao usar como epigrama um verso que havia utilizado em seu artigo de 1760 sobre “O interesse da Grã-Bretanha considerado”: “As ondas nunca se erguem, exceto quando o vento sopra”. Com seu interesse por ondas, tanto científico como político, ele gostava dessa metáfora.

41. “Preface to Letters from a Farmer”, por N. N. (BF), 8 maio 1768, Papers 15, p. 110; BF para WF, 13 mar. 1768.

42. BF para Joseph Galloway, 9 jan. 1768; BF para WF, 9 jan. 1768; BF para destinatário desconhecido, 28 nov. 1768; Lib. of Am., p. 839; Clark, p. 211.

43. BF para Joseph Galloway, 2 jul., 13 dez. 1768; BF para WF, 2 jul. 1768;

Hawke, pp. 263, 268; Brands, p. 408.

44. Para Thomas Crowley, de “Francis Lynn” (BF), *Public Advertiser*, 21 out. 1768; “On Civil War”, assinado N. N. (BF), *Public Advertiser*, 25 ago. 1768; “Queries”, de “NMCNPCH” (BF), *Chronicle*, Londres, 18 ago. 1768; “On Absentee Governors”, de Twilight (BF), *Public Advertiser*, 27 ago. 1768.

45. “An American” (BF) para o *Gazetteer*; 17 jan. 1769; “A Lion’s Whelp”, *Public Advertiser*, 2 jan. 1770.

46. BF para William Strahan, 29 jan. 1769.

47. BF para Charles Thomson, 18 mar. 1770; BF para Samuel Cooper, 8 jun. 1770.

48. Relato de Franklin sobre a audiência com Hillsborough, 16 jan. 1771, Papers 18, p. 9; Hawke, p. 290; Brands, pp. 431-4.

49. BF para Samuel Cooper, 5 fev., 10 jun. 1771; Strahan para WF, 3 abr. 1771; BF para o Comitê de Correspondência de Massachusetts, 15 maio 1771; Hawke, pp. 294-5; Van Doren, pp. 387-8.

50. BF para Thomas Cushing, 10 jun. 1771; Arthur Lee para Sam Adams, 10 jun. 1771, em Richard Henry Lee, *The Life of Arthur Lee* (Boston: Wells and Lilly, 1829); Samuel Cooper para BF, 25 ago. 1771; Brands, pp. 437-8.

11. REBELDE: LONDRES, 1771-5]

1. BF para William Brownrigg, 7 nov. 1773; Charles Tanford, *Ben Franklin Stiffed the Waves* (Durham, CN: Duke University Press, 1989), p. 29; Van Doren, p. 419.

2. Jonathan Williams (sobrinho de BF), “Journal of a Tour Through Northern England”, 28 maio 1771, Papers 18, p. 113; BF para Thomas Cushing, 10 jun. 1771; BF para DF, 5 jun. 1771; Hawke, p. 295; Brands, p. 438.

3. BF para Jonathan Shipley, 24 jun. 1771.

4. BF para JM, 17 jul. 1771; BF para Samuel Franklin, 19 jul. 1771.

5. John Updike, “Many Bens”, *The New Yorker*, 22 fev. 1988, p. 112; Charles Angoff, *A Literary History of the American People* (Nova York Knopf, 1931); Van Doren, p. 415. Lemay/Zall, Autobiografia, oferece uma visão completa do manuscrito original e todas as suas revisões. A edição organizada por Leonard Labaree e os outros editores dos Franklin Papers em Yale (New Haven: Yale University Press, 1964) é fidedigna, cheia de anotações úteis e tem uma introdução que traz uma boa história do manuscrito. Carl Van Doren, *Benjamin Franklin’s Autobiographical Writings* (1945; Nova York Viking, 2002), pp. 208-11, e a biografia de Franklin escrita por Van Doren, pp. 414-5, descrevem o processo de escrita de Franklin. Também são valiosos diversos artigos de J. A. Leo Lemay: “The Theme of Vanity in Franklin’s Autobiography”, em Lemay, *Reappraising*, p. 372, e “Franklin and the Autobiography”, *Eighteenth Century Studies* (1968), p. 200. Para boas análises do manuscrito, que está disponível na Biblioteca Huntington, veja P. M. Zall, “The Manuscript of Franklin’s Autobiography”, *Huntington Library Quarterly* 39 (1976); P. M. Zall, “A Portrait of the

Autobiographer as an Old Artificer”, em *The Oldest Revolutionary*, Org. J. A. Leo Lemay (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1976), p. 53. A edição crítica Norton (Nova York Norton, 1968), que foi editada por Lemay e Zall, contém uma bibliografia de artigos acadêmicos, bem como excertos de críticas. Veja também Ormond Seavey, *Becoming Benjamin Franklin: The Autobiography and the Life* (University Park Pennsylvania State University Press, 1988); Henry Steele Commager, introdução à edição da Modern Library (Nova York Random House, 1944); Daniel Aaron, introdução à edição da Library of America (Nova York Vintage, 1990).

As memórias escritas por lorde Herbert de Cherbury (1583-1648) foram publicadas por Horace Walpole, amigo de Franklin, em 1764, sete anos antes de Franklin iniciar sua obra. Gilbert Burnet foi um grande clérigo e historiador inglês que descreveu a revolução de 1688 em *History of my Own Time*, do qual a Companhia da Biblioteca de Franklin possuía um exemplar.

6. BF para Anna Shipley, 13 ago. 1771; BF para Georgiana Shipley, 26 set. 1772; BF para DF, 14 ago. 1771; Van Doren, pp. 416-7.

7. BF para Thomas Cushing, 13 jan. 1772; BF para Joshua Babcock, 13 jan. 1772; Brands, p. 440.

8. BF para Thomas Cushing, 13 jan. 1772; BF para WF, 30 jan. 1772.

9. J. Bennett Nolan, *Benjamin Franklin in Scotland and Ireland* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1956). Esse pequeno livro é um relato detalhado e bem pesquisado das atividades de Franklin nessas viagens. Há discordâncias em relação a Adam Smith ter mostrado ou não a Franklin capítulos de *A riqueza das nações*, publicado em 1776, mas um dos parentes de Smith disse que isso aconteceu.

10. PS para BF, 31 out. 1771; SF para RB, 2 dez. 1771; RB para DF, 3 dez. 1771; Mary Bache para BF, 3 dez. 1771, 5 fev. 1772; Lopez, *Private*, pp. 143-4.

11. BF para DF, 28 jan. 1772; BF para SF, 29 jan. 1772; Lopez, *Private*, p. 146; RB para BF, 6 abr. 1773; Van Doren, p. 392; Brands, p. 455.

12. BF para DF, 3 out. 1770; BF para PS, 25 nov. 1771; BF para DF, 2 fev. 1773; Brands, p. 456; Van Doren, pp. 404, 411.

13. BF para William Brownrigg, 7 nov. 1773; Stanford, pp. 78-80; C. H. Giles, “Franklin’s Teaspoon of Oil”, *Chemistry & Industry* (1961), pp. 1616-34; Stephen Thompson, “How Small is a Molecule?” *SHiPS News*, jan. 1994, <www1.umn.edu/ships/words/avogadro.htm>; “Measuring Molecules: The Pond on Clapham Common”, <www.rosepetruckchem.brown.edu/Chem10-01/Lab3/Chem10_lab3.htm>.

14. BF para Benjamin Rush, 14 jul. 1773.

15. BF para WF, 19 ago. 1772.

16. BF para Cadwalader Evans, 20 fev. 1768.

17. BF para John Pringle, 10 maio 1768.

18. BF para Peter Franklin, 7 maio 1760.

19. BF para Giambattista Beccaria, 13 jul. 1762; <www.gigmasters.com/armonica/index.asp>.

20. Franklin para Collinson, 9 maio 1753.

21. Medius (BF), “On the Labouring Poor”, *The Gentleman’s Magazine*, abr.

1768.

22. Campbell, p. 236.

23. "A Conversation on Slavery", *Public Advertiser*, 30 jan. 1770.

24. Lopez, *Private*, pp. 292-8; Gary Nash, "Slaves and Slaveowners in Colonial Philadelphia", *William and Mary Quarterly* (abr. 1973), pp. 225-56. Lopez e Herbert dizem que uma em cada cinco famílias possuía escravos, o que está errado; porém, é verdade que os escravos compunham cerca de um quinto da população em 1790, o que não é exatamente a mesma coisa. De acordo com o censo de 1790, o primeiro realizado nos Estados Unidos, o país tinha uma população de 3 893 874 habitantes, dos quais 694 207 eram escravos. Havia 410 636 famílias, das quais 47 664 possuíam escravos. Em 1750, estima-se que havia 1,2 milhão de pessoas nas treze colônias, das quais 236 mil eram escravos. Veja <fisher.lib.virginia.edu/census/>; <www.eh.net/encyclopedia/wahl.slavery.us.php>; Stanley Engerman e Eugene Genovese, *Race and Slavery in the Western Hemisphere: Quantitative Studies* (Princeton: Princeton University Press, 1975).

25. Anthony Benezet para BF, 27 abr. 1772; BF para Anthony Benezet, 22 ago. 1772; BF para Benjamin Rush, 14 jul. 1773; "The Somerset Case and the Slave Trade", *Chronicle*, Londres, 20 jun. 1772; Lopez, *Private*, p. 299.

26. BF para WF, 30 jan., 19 ago. 1772.

27. BF para WF, 17 ago. 1772, 14 jul. 1773; BF para Joseph Galloway, 6 abr. 1773; Van Doren, pp. 394-8.

28. BF para Thomas Cushing, 2 dez. 1772; BF, *Tract Relative to the Affair of the Hutchinson Letters*, 1774, Papers 21, p. 414. Um excelente relato do caso encontra-se em Bernard Bailyn, *The Ordeal of Thomas Hutchinson* (Cambridge: Harvard University Press, 1974), pp. 221-49. Veja também Brands, p. 452; Van Doren, p. 461; Wright, p. 224.

29. BF para Thomas Cushing, 9 mar., 6 maio 1773.

30. "Rules by Which a Great Empire May Be Reduced to a Small One", *Public Advertiser*, 11 set. 1773.

31. "An Edict by the King of Prussia", *Public Advertiser*, 23 set. 1773.

32. Barão Le Despencer, "Franklin's Contributions to an Abridged Version of a Book of Common Prayer", 5 ago. 1773, Dashwood Papers, Bodleian Library, Oxford, Papers 20, p. 343; "A New Version of the Lord's Prayer", Papers 15, p. 299; BF para WF, 6 out. 1773. Sir Francis Dashwood tornou-se lorde Le Despencer em 1763.

33. BF para Joseph Galloway, 3 nov. 1773; BF para Thomas Cushing, 2 fev. 1774.

34. BF para Thomas Cushing, 25 jul. 1773; BF para *Chronicle*, Londres, 25 dez. 1773, Papers 20, p. 531; BF, *Tract Relative to the Affair of the Hutchinson Letters*, 1774, Papers 21, p. 414; Bailyn, *The ordeal of Thomas Hutchinson*, p. 255.

35. BF para Thomas Cushing, 15 fev. 1774; BF para Thomas Walpole, 12 jan. 1774; Van Doren, pp. 462-3.

36. Os registros das audiências e do discurso de Wedderburn, 29 jan. 1774, estão em Papers 21, p. 37. Existem numerosas reconstruções, em especial Fleming, pp. 248-50; Hawke, pp. 324-7; Brands, pp. 470-4; Van Doren, pp. 462-

37. BF para Thomas Cushing, 15 fev. 1774; BF para WF, 2 fev. 1774; BF para JM, 17 fev. 1774.

38. BF para Jan Ingenhousz, 18 mar. 1774; “A Tract Relative to the Hutchinson Letters”, 1774, Papers 21, p. 414; Hawke, p. 327; Van Doren, p. 477.

39. Homo Trium Literarum (A Man of Letters, BF), “The Reply”, *Public Advertiser*, 16 fev. 1774; *Gazette*, Boston, 25 abr. 1774; Brands, pp. 477-8.

40. *Public Advertiser*, 15 abr., 21 maio 1774.

41. BF para RB, 17 fev. 1774; Hawke, p. 329; BF para JM, 26 set. 1774.

42. WF para BF, 3 maio 1774; WF para lorde Dartmouth, 31 maio 1774; lorde Dartmouth para WF, 6 jul. 1774; Randall, pp. 282-4.

43. BF para WF, 30 jun., 7 maio 1774. A carta de 7 de maio está datada de 1775 e muitos autores aceitam que foi escrita nesse ano, poucos dias depois da volta de Franklin para a América. Na verdade, parece haver um erro na data, como os editores de Yale concluíram. Em 7 de maio de 1775, um domingo, ele não escreveu nenhuma outra carta, mas em 7 de maio de 1774 estava ocupadíssimo com a correspondência. A carta encaixa-se no padrão das que estava escrevendo na ocasião.

44. BF para destinatário desconhecido, 27 jul. 1774; BF para Thomas Cushing, 22 mar. 1774; WF para BF, 5 jul. 1774; BF para WF, 7 set., 12 out. 1774.

45. BF para DF, 10 set. 1774; WF para BF, 24 dez. 1774.

46. “Journal of the Negotiations in London”, BF para WF, 22 mar. 1775, em Papers 21, p. 540; Sparks, cap. 8.

47. Morgan, *Devious*, p. 241.

48. Essa seção tem por base o diário (citado acima) das negociações de Franklin (22 mar. 1775) e as notas que ele inseriu, Papers 21, p. 540. Também, BF para Charles Thomson, 5 fev., 13 mar. 1775; BF para Thomas Cushing, 28 jan. 1775; BF para Joseph Galloway, 5 e 25 fev. 1775; Thomas Walpole para BF, 16 mar. 1775; Van Doren, pp. 495-523.

49. BF para Charles Thomson, 5 fev. 1775.

50. Van Doren, p. 521, citando J. T. Rutt, *The Life and Correspondence of Joseph Priestley* (1817; Nova York: Thoemmes Press, 1999), v. 1, p. 227.

12. INDEPENDÊNCIA: FILADÉLFIA, 1775-6

1. “Benjamin Franklin and the Gulf Stream”, <podac.jpl.nasa.gov/kids/history.htm>.

2. BF para TF, 13 jun. 1775; Brands, p. 499.

3. Adams Diary 2, p. 127; William Rachel, Org., *Papers of James Madison* (Chicago: University of Chicago Press, 1962), v. 1, p. 149; Lopez, *Private*, p. 200; Van Doren, p. 530; Hawke, p. 351; Brands, p. 499.

4. BF para Joseph Galloway, 25 fev., 8 maio 1775; Van Doren, p. 527; Peter Hutchinson, Org., *The Diary of Thomas Hutchinson* (1884; Boston: Houghton Mifflin, 1991), v. 2, p. 237.

5. WF para William Strahan, 7 maio 1775. Há alguma incerteza a respeito de quando os Franklin se reuniram. Há quem suponha que foi poucos dias após o retorno de Benjamin Franklin, embora eu não tenha encontrado prova disso. Veja Hawke, p. 292, e Clark p. 273. Sheila Skemp, em dois livros sobre William Franklin, conclui que William permaneceu em Nova Jersey até o final da sessão legislativa de 15-16 de maio e viajou para a Pensilvânia pela primeira vez logo depois. Veja Skemp, *William*, pp. 167, 173; Skemp, *Benjamin*, p. 127. Brands, p. 524, aceita essa cronologia. Veja também o capítulo 11, nota 43, em relação à carta de 7 de maio de Benjamin para William Franklin que alguns autores (especialmente Hawke, p. 349), mas não os editores de Yale, datam de 1775, logo depois da chegada de Franklin.

6. Peter Hutchinson, *The Diary of Thomas Hutchinson*, v. 2, p. 237; Hawke, p. 349; Skemp, *William*, pp. 173-9; Fleming, p. 292; Lopez, *Private*, p. 199. Veja também Bernard Bailyn, *The Ordeal of Thomas Hutchinson* (Cambridge: Harvard University Press, 1974).

7. BF para William Strahan, não enviada, 5 jul. 1775; BF para Strahan, 7 jul. 1775, citado por Strahan para BF, 6 set. 1775.

8. William Strahan para BF, 5 jul., 6 set., 4 out. 1775; BF para Strahan, 3 out. 1775; Lopez, *Private*, p. 198; Clark pp. 276-7.

9. BF para Jonathan Shipley, 7 jul. 1775.

10. BF para Joseph Priestley, 7 jul. 1775.

11. "Intended Vindication and Offer from Congress to Parliament", jul. 1775, em Smyth, *Writings*, pp. 412-20, e Papers, v. 22, p. 112; preâmbulo proposto antes de 23 mar. 1776, Papers, v. 22, p. 388.

12. Adams para Abigail Adams, 23 jul. 1775; Brands, p. 500; Hawke, p. 354.

13. "Proposed Articles of Confederation", 21 jul. 1775, Papers, v. 22, p. 120; <www.yale.edu/lawweb/avalon/contcong/07-21-75.htm>; Artigos da Confederação das Colônias Unidas da Nova Inglaterra, 19 maio 1643, <religiousfreedom.lib.virginia.edu/sacred/colonies_of_ne_1643.html>.

14. WF para BF, 14 ago., 6 set. 1775; Lopez, *Private*, p. 202; Skemp, *William*, p. 181.

15. BF para MS, 17 jul. 1775; Lopez, *Private*, p. 201; Dorothea Blount para BF, 19 abr. 1775.

16. BF para Joseph Priestley, 7 jul. 1775; BF para Charles Lee, 11 fev. 1776; Van Doren, pp. 532-6.

17. BF para David Hartley, 3 out. 1775; BF para Joseph Priestley, 7 jul., 3 out. 1775.

18. Minutas da conferência com o general Washington, 18-24 out. 1775, em Papers, v. 22, p. 224.

19. BF para RB, 19 out. 1775.

20. Abigail para John Adams, 5 nov. 1775, Adams Letters, v. 1, p. 320; Van Doren, p. 537.

21. Lopez, *Private*, p. 204; JM para Catherine Ray Greene, 24 nov. 1775.

22. JM para Catherine Ray Greene, 24 nov. 1775; Elizabeth Franklin para TF, 9 nov. 1775.

23. "The Rattle-Snake as a Symbol of America", de An American Guesser

(BF), *Pennsylvania Journal*, 27 dez. 1775; <www.crwflags.com/fotw/flags/us-ratt.html>.

24. WF para TF, 14 mar., 3 jun. 1776; WF para lorde Germain, 28 mar. 1776; BF para Josiah Quincy, 15 abr. 1776.

25. Diário de Franklin em Passy, 4 out. 1778; BF para Charles Carroll e Samuel Chase, 27 maio 1776; Allan Everest, Org., *The Journal of Charles Carroll* (1776; Nova York: Champlain-Upper Hudson Bicentennial Commission, 1976), p. 50; BF para John Hancock, 10 e 8 maio 1776; BF para George Washington, 21 jun. 1776; Brands, pp. 506-8; Van Doren, pp. 542-6; Clark, pp. 281-4.

26. BF para RB, 30 set. 1774; Thomas Paine, *Common Sense*, 14 fev. 1776, <www.bartleby.com/133/>.

27. WF para TF, 25 jun. 1776; Skemp, *William*, pp. 206-15.

28. A literatura sobre a redação da Declaração de Independência é volumosa. Essa seção baseia-se em Pauline Maier, *American Scripture* (Nova York: Knopf, 1997); Garry Wills, *Inventing America* (Garden City, NY: Doubleday, 1978); e Carl Becker, *The Declaration of Independence* (Nova York: Random House, 1922; Vintage, 1970). Veja também McCullough, pp. 119-36; Adams Diary, v. 2, pp. 392, 512-5; Jefferson para James Madison, 30 ago. 1823, em Jefferson Papers, v. 10, pp. 267-9; versões e revisões da Declaração de Independência, <www.walika.com/sr/drafting.htm>. Veja também nota 34 abaixo.

29. Adams Diary, v. 3, pp. 336, v. 2, pp. 512-5; Jefferson Papers, v. 1, p. 299; Maier, p. 100; “Thomas Jefferson’s Recollection”, <www.walika.com/sr/jeff-tells.htm>.

30. Maier, *American Scripture*, p. 38.

31. Sparks, capítulo 9, nota 62; preâmbulo a uma resolução do Congresso, Papers, v. 22, p. 322. O documento que está na obra de Sparks é mais completo do que aquele que se encontra nos papéis de Franklin.

32. Becker, *The Declaration of Independence*, pp. 24-5; Adams Diary, v. 2, p. 512; Jefferson Papers, v. 7, p. 304.

33. Jefferson para BF, 21 jun. 1776.

34. O “esboço original” da Declaração mostra a evolução do texto da “cópia a limpo” inicial de Thomas Jefferson até o texto final adotado pelo Congresso. Ele pode ser visto na Biblioteca do Congresso e na internet em <www.loc.gov/exhibits/treasures/trt001.html> e <www.lcweb.loc.gov/exhibits/declara/declara4.html>. Veja também <odur.let.rug.nl/-usa/D/1776-1800/independence/doiij.htm> e <www.walika.com/sr/drafting.htm>.

Sou grato a Gerhard Gawalt, o historiador da Biblioteca do Congresso, por me mostrar pessoalmente o “esboço original” e por compartilhar seu conhecimento sobre cada uma das mudanças do documento. Também sou grato a James Billington, bibliotecário do Congresso, e a Mark Roosa, o diretor de preservação, que providenciaram a apresentação. O dr. Gawalt editou e escreveu um prefácio para uma versão atualizada de livro ilustrado que mostra as várias versões: Julian Boyd, *The Declaration of Independence: The Evolution of the Text* (1945; Washington, DC: Library of Congress, 1999).

35. As alterações de Franklin estão registradas em Becker, *The Declaration of Independence*, p. 142; Van Doren, p. 550; Maier, *American Scripture*, p. 136. Veja também Wills, *Inventing America*, pp. 181 ss. Wills não discute o papel de Franklin na mudança das palavras de Jefferson para “evidentes por si mesmas”, mas sim a definição usada por Locke. Wills também faz uma análise fascinante das influências dos filósofos iluministas escoceses.

36. Maier, *American Scripture*, apêndice C, pp. 236-40, mostra todas as revisões feitas pelo Congresso. Garry Wills sustenta que as mudanças realizadas não melhoraram o documento tanto quanto alguns estudiosos afirmaram; Wills, *Inventing America*, pp. 307 ss.

37. Thomas Jefferson para Robert Walsh, 4 dez. 1818, Jefferson Papers, v. 18, p. 169.

38. Sparks, v. 1, p. 408, capítulo 9.

39. Discurso de Franklin de 31 de julho de 1776, em Adams Diary, v. 2, p. 245; Van Doren, pp. 557-8.

40. Smyth, *Writings*, v. 10, p. 57; Papers CD 46:u344 tem o discurso reutilizado em seus comentários de 3 de novembro de 1789 sobre a Constituição da Pensilvânia. Para uma descrição do projeto de Franklin do Grande Selo, ver James Hutson, Sara Day e Jaroslav Pelikan, *Religion and the Founding of the American Republic* (Washington, DC: Library of Congress, 1998), pp. 50-2; Jefferson Papers, LCMS-27748, pp. 181-2.

41. Richard Howe para BF, escrita em 20 de junho, enviada em 12 de julho de 1776.

42. BF para lorde Howe, 30 jul. 1776.

43. Comentários de Howe em Papers, v. 22, p. 518; Richard Howe para BF, 16 ago. 1776.

44. Adams Diary, v. 3, p. 418.

45. Esceveram-se muitos relatos da reunião de cúpula de Staten Island: as notas de Henry Strachey (secretário de Howe) na Biblioteca Pública de Nova York e reimpressas em outros lugares; relatório ao Congresso do comitê para conferência com lorde Howe, em Smyth, *Writings*, v. 6, p. 465; Adams Diary, v. 3, p. 79, v. 3, pp. 418-22; Papers, v. 22, pp. 518-20; relatório de Howe a lorde Germain, 20 set. 1776, no Arquivo Público de Londres e reimpresso em *Documents of the American Revolution* (Dublin: Irish Academic Press, 1981); John Adams para Abigail Adams, 14 set. 1776, em Adams Letters, v. 2, p. 124. Veja também Parton, v. 2, p. 148; Van Doren, pp. 558-62; Clark, pp. 287-91; Brands, pp. 518-9; McCullough, pp. 156-8.

46. Alsop, pp. 30-1.

47. BF para Benjamin Rush, 27 set. 1776.

48. “Sketch of Propositions for Peace”, escrito em algum momento entre 26 de setembro e 25 de outubro de 1776, Papers, v. 22, p. 630; Smyth, *Writings*, p. 454; Cecil Currey, *Code Number 72* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1972), p. 73; Van Doren, p. 553.

49. Currey, *Code Number 72*, p. 77-8; Edward Hale Sr. e Edward Hale Jr., *Franklin in France* (Boston: Roberts Brothers, 1888), v. 1, p. 67.

50. Elizabeth Franklin para SF, 12 jul. 1776; Elizabeth Franklin para TF, 16 jul.

1776.

51. BF para TF, 19 set. 1776; Elizabeth Franklin para BF, 6 ago. 1776; Skemp, *William*, p. 217.

52. BF para TF, 19 e 22 set. 1776; TF para BF, 21 set. 1776.

53. BF para TF, 28 set. 1776; WF para Elizabeth Franklin, 25 nov. 1776.

54. BF para RB, 2 jun. 1779.

13. CORTESÃO: PARIS, 1776-8

1. Diário de Franklin de Passy, 4 out. 1778; BF para SF, 10 maio 1785; BF para John Hancock, 8 dez. 1776. Ele escrevia para Hancock na condição de presidente do Congresso.

Não é de surpreender que a vida social de Franklin em Paris tenha inspirado muitos livros. Entre os mais deliciosos estão Lopez, *Cher*; Aldridge, *French*; Alsop; Schoenbrun. Uma obra mais antiga de algum valor é a de Edward Hale Sr. e Edward Hale Jr., *Franklin in France* (Boston: Roberts Brothers, 1888). Ela também foi tema de um musical, *Ben Franklin in Paris*, de Mark Sandrich Jr. e Sidney Michaels, que estreou em 27 de outubro de 1964 e teve 215 apresentações.

2. BF para SF, 3 jun. 1779; Aldridge, *French*, p. 43; Van Doren, p. 632. A história do urinol dado pelo rei à condessa Diane de Polignac vem das memórias de Madame Henriette de Campan, a dama de companhia de Maria Antonieta. É bem sabido que foi contada pelo embaixador francês numa cerimônia na sala Benjamin Franklin do Departamento de Estado americano; veja: <www.info-france-usa.org/news/statmnts/1998/amba0910.asp>. Porém, Claude-Anne Lopez me disse que “ela vem de uma fonte muito pouco confiável, um esnobe ranzinza, e minha impressão é de que não é verdade”. Dito isso, Lopez a incluiu sem restrições em *Cher*, p. 184.

3. *The Boston Patriot*, 15 maio 1811, em Charles Francis Adams, Org., *The Works of John Adams* (Boston: Little, Brown, 1856), v. 1, p. 660; Lopez, *Cher*, p. 13; Wright, p. 270.

4. Aldridge, *French*, pp. 23, 66, 115, 43, 61; Voltaire, “Letters on England” (1733), <www.literatureproject.com/letters-Voltaire>; Van Doren, p. 570; abade Flamarens para *Mémoires Secrets*, 17 jan. 1777.

5. BF para Emma Thompson, 8 fev. 1777; BF para PS, 28 ago. 1767.

6. BF para Josiah Quincy, 22 abr. 1779; BF para Elizabeth Partridge, 11 out. 1776.

7. BF para MS, 25 jan. 1779; Alsop, pp. 76-94; Lopez, *Cher*, pp. 123-36; Aldridge, *French*, pp. 196-9. A carta de Temple é de Randall 455, citando TF para SF, 25 nov. 1777. A citação de Madame Chaumont é extraída de Adams Diary, v. 4, p. 64. Sou grato ao professor Thomas Schaeper, da Universidade St. Bonaventure por sua ajuda e sua deliciosa, embora difícil de achar, biografia do senhorio de Franklin, *France and America in the Revolutionary Era: The Life and Times of Jacques-Donatien Leray de Chaumont* (Providence, RI: Berghahn,

1995).

8. Arthur Lee para Richard Lee, 12 set. 1778; BF para Congresso, 7 dez. 1780; Charles Isham, *The Silas Deane Papers* (Nova York New-York Historical Society, 1890). Para mais detalhes sobre os papéis de Silas Deane guardados na Sociedade Histórica de Connecticut em Hartford e um esboço biográfico, veja <www.chs.org/library/ead/htm_faids/deans1789.htm#OBI.3>.

9. BF para Arthur Lee, 3 (não enviada) e 4 abr. 1778; Van Doren, p. 598.

10. "Petition of the Letter Z", 1778, Papers, v. 28, p. 517.

11. "Instructions to Silas Deane", 2 mar. 1776, da Comissão de Correspondência Secreta do Congresso, assinada por BF e outros e aparentemente escrita por BF, Papers, v. 22, p. 369; Sidney Edelstein, "Notes on the Wet-Processing Industry: The Dual Life of Edward Bancroft", *American Dyestuff Reporter* (25 out. 1954).

12. "Engagement of Dr. Edwards to Correspond with P. Wentworth and Lord Stormont, and the Means of Conducting that Correspondence", 13 dez. 1776, British Library, Londres, Auckland Papers, manuscritos adicionais 34413 (doravante citados como Auckland Papers, Add Mss); memorando de Edward Bancroft para o marquês de Camarthen, 17 set. 1784, documentos do Foreign Office, v. 4, p. 3, Arquivo Público de Londres.

Uma parte do material está disponível em *Material Relating to the American Revolution from the Auckland Papers* (Yorkshire, Inglaterra: EP Microform, 1974) e em Benjamin Stevens, Org., *Facsimiles of Manuscripts in European Archives Relating to America, 1773-1783* (25 volumes publicados em 1898, cópias na coleção Franklin da Biblioteca Sterling de Yale). Agradeço a Susan Ann Bennett, que ajudou na pesquisa em Londres; ela encontrou e transcreveu alguns documentos citados nessa seção. Também sou grato ao Centro para o Estudo da Inteligência da Agência Central de Inteligência por fornecer o artigo tornado público de John Vaillancourt, "Edward Bancroft (@Edwd.Edwards) Estimable Spy", *Studies in Intelligence* (inverno de 1961): A53-A67. Veja também Lewis Einstein, *Divided Loyalties* (Boston: Ayer, 1933), pp. 3-48; Cecil Currey, *Code Number 72* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1972); Samuel Bemis, "The British Secret Service and the French-American Alliance", *American Historical Review* 29.3 (abr. 1924). Há um romance histórico divertido, mas fortemente fictício, sobre Bancroft: Arthur Mullin, *Spy: America's First Double Agent, Dr. Edward Bancroft* (Santa Bárbara, Califórnia: Capra Press, 1987).

Currey afirma que as lealdades de Franklin (e de Deane) também eram suspeitas. Trata-se de um livro interessante e cheio de fatos, mas sua análise não é convincente. Jonathan Dull, em *Franklin the Diplomat* (Filadélfia: Transactions of the American Philosophical Society, 1982), v. 1, pp. 72, 36 ss., argumenta convincentemente que Franklin ignorava as transações de Bancroft e que Deane estava envolvido com Bancroft em especulações na bolsa, mas não em espionagem.

13. Auckland Papers, Add Mss 34413, f330 e 402; 46490, f64; 34413, f405-7; Paul Wentworth ao conde de Suffolk (o ministro encarregado do Departamento do Norte), citando uma carta secreta do "Dr. Edwards", 19 set. 1777, em Stevens, *Facsimiles* em Yale, citado acima.

14. Silas Deane para Robert Morris ao Congresso, 16 mar. 1777; Isham, *The Silas Deane Papers*, v. 2, p. 24.

15. Arthur Lee para BF e John Adams, 7 fev. 1779; Auckland Papers, Add Mss, 46490, f52 e f57.

16. Juliana Ritchie para BF, 12 jan. 1777; BF para Juliana Ritchie, 19 jan. 1777.

17. Alsop, p. 20.

18. Dull, *Franklin the Diplomat*, v. 1, pp. 72, 9; Alsop, pp. 35-40, de Henri Doniol, *History of the Participation of France in the Establishment of the United States* (Paris: Imprimerie Nationale, 1866), v. 1, p. 244.

As melhores visões gerais da diplomacia de Franklin na França, além do livro de Dull citado acima, são Jonathan Dull, *A Diplomatic History of the American Revolution* (New Haven: Yale University Press, 1987); Jonathan Dull, *The French Navy and American Independence* (Princeton: Princeton University Press, 1975); Richard Morris, *The Peacemakers* (Nova York Harper & Row, 1965); Samuel Flagg Bemis, *The Diplomacy of the American Revolution* (Nova York: Appleton, 1935); Stourzh; Ronald Hoffman e Peter Albert, Orgs., *Diplomacy and Revolution* (Charlottesville: University of Virginia Press, 1981). Para documentos originais, veja Francis Wharton, Org., *Revolutionary Diplomatic Correspondence of the United States* (Washington, DC: GPO, 1889). Veja também Orville Murphy, *Charles Gravier, Comte de Vergennes* (Albany: State University of New York Press, 1982).

19. Vergennes, 28 dez. 1776, em Papers, v. 23, nota 113; Vergennes ao marquês de Noailles, 10 jan. 1777, em Clark, p. 306.

20. BF para Vergennes, 5 jan. 1777; Doniol, *History of the Participation of France*, v. 1, p. 20; Stourzh, p. 137.

21. Bernard Bailyn, *Realism and Idealism in American Foreign Policy* (Princeton: Institute of Advanced Studies, 1994), p. 13, reimpresso em Bernard Bailyn, *To Begin the World Anew* (Nova York: Knopf, 2003).

22. BF para Comissão de Correspondência Secreta, 9 abr. 1777; BF para Samuel Cooper, 1º maio 1777; Brands, p. 532; Stourzh, p. 3. Para uma discussão contemporânea de “poder duro” em contraposição a “poder brando”, veja Joseph Nye, *The Paradox of American Power* (Nova York: Oxford University Press, 2002). A imagem da “cidade sobre a colina” vem do Sermão da Montanha de Jesus, Mateus 5,14 “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte”. Ela foi usada por John Winthrop no sermão “Um modelo de caridade cristã”, proferido em 22 de março de 1630, no *Arabella*, a caminho da América. Ronald Reagan usou a imagem durante toda a sua carreira política, notadamente como título de um discurso feito em 25 de janeiro de 1974 para o Comitê de Ação Política Conservadora, em seu primeiro debate de 1980 com Jimmy Carter, em um debate de 1980 com John Anderson, em seu discurso de 1984 para a Convenção Republicana e em seu discurso de despedida de 1989.

23. “The Sale of the Hessians”, 18 fev. 1777, Lib. of Am., 917; Papers, v. 23, p. 480; Van Doren, p. 577. Sou grato a Claude-Anne Lopez por me chamar a atenção para o trocadilho fraco em francês.

24. Alsop, p. 77; *New Jersey Gazette*, 2 out. 1777, citado em Clark, p. 325.

25. William Parsons para BF, 4 ago. 1778; sra. Parsons para BF, 12 e 17 ago., 2 out. e 2 nov. 1778; BF para a sra. Parsons, 12 ago. 1778; BF para George Washington, 29 mar., 4 set. 1777; Washington para BF, 17 ago. 1777; “Model of a Letter of Recommendation”, de BF, 2 abr. 1777; Van Doren, p. 578; Clark, p. 335. Na carta de 4 set. 1777 para Washington, Franklin refere-se ao barão Von Steuben como barão de Steuben e infla sua patente de capitão para general de divisão. O espião Bancroft informou Londres de que eles haviam “recebido uma determinação do Congresso no sentido de que seus ministros” desestimulassem os mercenários franceses, exceto se falassem inglês, o que “pode nos possibilitar acabar com a solicitação com que fomos por muito tempo quase perseguidos até a morte de milhares de oficiais em busca de emprego na América”; Edward Bancroft para Paul Wentworth, jun. 1777, Auckland Papers, Add MSS 46490, f64.

26. Diário de Arthur Lee, 27 nov. 1777, em Richard Lee, *Life of Arthur Lee* (Boston: Wells and Lilly, 1829), v. 1, p. 354; Hale e Hale, *Benjamin Franklin in France*, v. 1, p. 159; Papers, v. 25, nota 234.

27. Declaração de Franklin, 4 dez. 1777; BF para Vergennes, 4 dez. 1777; Lee, *Life of Arthur Lee*, v. 1, p. 357; Alsop, pp. 93-4; Doniol, *History of the Participation of France*, v. 2, p. 625. Veja também Dull, *A Diplomatic History of the American Revolution*, p. 89. Dull sustenta que os franceses planejaram durante meses entrar na guerra contra a Grã-Bretanha no início de 1778, assim que seu programa de rearmamento naval permitisse; a vitória americana em Saratoga, segundo ele, não foi um fator determinante. Outros discordam dessa opinião. Veja Claude Van Tyne, “Influences Which Determined the French Government to Make Their Treaty with America”, *American Historical Review* 21 (1915-6), p. 528, citado por Dull.

28. Alsop, p. 103; Cecil Currey, *Code Number 72* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1972), pp. 175-92. Currey devota um capítulo inteiro ao encontro com Wentworth. Parece haver certo exagero em sua avaliação da duplicidade de Franklin, mas o texto é cuidadosamente anotado e pesquisado. Veja também James Perkins, *France and the American Revolution* (Nova York: Franklin, 1970), pp. 203-4.

29. Paul Wentworth para William Eden, 25 dez. 1777, 7 jan. 1778; Van Doren, p. 592; Currey, *Code Number 72*, p. 186; Dull, *Franklin the Diplomat*, p. 29.

30. BF para Thomas Cushing (para o Congresso), 27 fev. 1778.

31. R. M. Bache, “Franklin’s Ceremonial Coat”, *PMHB* 23 (1899), pp. 444-52, a citação está na p. 450.

32. Edward Bancroft para Paul Wentworth, tal como decifrada, 22 e 28 jan. 1778, Auckland Papers, Add Mss 46491, f1 e f1b; memorando de Edward Bancroft para o marquês de Camarthen, 17 set. 1784, documentos do Foreign Office, v. 4, p. 3, Arquivo Público de Londres; Edward Bancroft para Thomas Walpole, com o codinome de Mr. White, com duas páginas de tinta invisível, 3 nov. 1777, Auckland Papers, Add Mss 34414, f.304; bilhete de Edward Bancroft, sem assinatura nem data, enviado a Samuel Wharton, com duas páginas de tinta branca, nov. 1777, Auckland Papers, Add Mss 34414, f.306; cartas de Samuel

Wharton para Edward Bancroft, 1778, Auckland Papers, Add Mss 321, ff6-35; contas de Silas Deane com Edward Bancroft, fev. 1778, ago. 1779, Sociedade Histórica de Connecticut, Hartford, série 4, pasta 9.12.

Jonathan Dull discute as manipulações de ações de Bancroft em *Franklin the Diplomat*, pp. 33-6, e observa que Silas Deane, embora, em sua opinião, não fosse espião, também conseguiu ganhar dinheiro especulando com Wharton em cima de informações privilegiadas de Bancroft. Essa maquinação incluía Thomas Walpole, o rico e bem relacionado banqueiro de Londres que tentara, com Franklin, obter uma concessão de terras em Ohio. Deane morreu envenenado em 1789, quando se preparava para ir de Londres ao Canadá, e há quem tenha especulado que foi morto por Bancroft, especialista em venenos.

33. Lopez, *Cher*, pp. 179-83; Alsop, pp. 108-10; Van Doren, p. 595; Clark, p. 341.

34. Van Doren, p. 593; Edmund Morgan, *The Birth of the Republic* (Chicago: University of Chicago Press, 1956), p. 83; Gordon Wood, “Not so Poor Richard”, *The New York Review of Books*, 6 jun. 1996; Samuel Cooper para BF, 14 maio 1778. Veja também Samuel Cooper para BF, 10 jul. 1778, na qual o clérigo de Boston conta como o tratado frustrou as tentativas da Inglaterra de atrair o Congresso para uma reconciliação e como as informações enviadas por Franklin e Adams sobre um comboio britânico de onze navios de guerra seriam passadas adiante, presumivelmente para avisar o almirante francês D’Estaing.

14. *BON VIVANT: PARIS, 1778-85*

1. Edward Bancroft, “excertos mais secretos”, 2 abr., p. 16, 1778, British Library, Auckland Papers, Add Mss 34413, f405-7; Middlekauff, p. 171; McCullough, pp. 197, 204, 208, 239. O capítulo de Middlekauff sobre Adams, pp. 171-202, é um exame vívido da esquisita relação entre eles. McCullough, pp. 210-5, faz uma avaliação convincente dos sentimentos de um em relação ao outro, com alguma deferência a Adams.

2. Adams para James Lovell, 20 fev. 1779, Adams Letters, v. 4, pp. 118-9; Middlekauff, p. 189.

3. Lopez, *Private*, p. 237; Lopez, *Cher*, p. 9. A citação é de Pierre-Jean-Georges Cabanis, *Complete Works* (Paris: Bossange Frères, 1825), v. 2, p. 267.

4. Brands, pp. 547-8; Adams Diary, v. 2, p. 391, v. 4, p. 69.

5. BF para Robert Livingston, 22 jul. 1783.

6. Diderot, editor, *Encyclopédie*, <www.lib.uchicago.edu/fts/ARTFL/projects/encyc/>; Alsop, p. 13; Harold Nicolson, *The Age of Reason* (Londres: Constable, 1960), p. 268.

7. Segundo a maioria dos relatos — a meu ver, erroneamente —, foi Temple que recebeu a bênção. Smith, pp. 60, 187, rastreia o mistério e conclui de forma convincente que o “menino” era, na verdade, seu neto mais moço Benny, que tinha sete anos na época, em vez de Temple, que estava com quase dezoito. Aldridge, *French*, p. 10, acredita que era Temple, mas em escritos posteriores,

como *Voltaire and the Century of Light* (Princeton: Princeton University Press, 1975), p. 399, revisa sua opinião. Claude-Anne Lopez me contou que Temple usava um selo de cera com a expressão “Deus e Liberdade”, o que a leva a crer que talvez tenha sido Temple. Veja também Voltaire para o abade Gaultier, 21 fev. 1778, em *The Works of Voltaire* (Paris: Didot, 1829), v. 1, p. 290; Hutchinson Diary and Letters, v. 2, p. 276. O jornal citado é *Les Mémoires Secrets*, 22 fev. 1778, em Aldridge, *French*, p. 10.

8. Aldridge, *French*, p. 12; Adams Diary, v. 3, p. 147; Van Doren, p. 606.

9. Lopez, *Life*, pp. 148-57; Van Doren, pp. 655-6; Lemay, *Reappraising*, p. 145.

10. Lopez, *Cher*, pp. 34, 29. Na qualidade de uma das editoras de Yale, a especialidade de Lopez era analisar os papéis de Franklin do período em que viveu na França. Suas traduções, avaliações astutas e discussões pessoais comigo foram as bases das informações fornecidas neste capítulo.

11. Madame Brillon para BF, 30 jul. 1777.

12. Madame Brillon para BF, 7 mar. 1778; BF para Madame Brillon, 10 mar. 1778.

13. Madame Brillon para BF, 3 e 8 maio 1779; Lopez, *Cher*, pp. 40, 61-2; Adams Letters, v. 4, p. 46; Brands, p. 552.

14. BF para Madame Brillon, 27 jul. 1778. Lib. of Am. utiliza uma versão datada de 1782, e algumas fontes apresentam variações no texto do artigo final. A versão que usei é dos Yale Papers e da Sociedade Filosófica Americana; Papers, v. 27, p. 164.

15. Madame Brillon para BF, 16-18 mar., 26 abr., 9 jun., 27 jul., 13 e 17 set. 1778; BF para Madame Brillon, 27 jul., 10 e 15 set. 1778.

16. Madame Brillon para BF, 13 set. 1778; BF para Madame Brillon, 15 set. 1778; Lopez, *Cher*, pp. 29-121.

17. “The Ephemera”, 20 set. 1778, Lib. of Am., p. 922; A. Owen Aldridge, “Sources for Franklin’s Ephemera”, *New England Quarterly* 27 (1954), p. 388.

18. BF para Madame Brillon, 29 nov. 1777; Madame Brillon para BF, 30 nov. 1777 (o parceiro de xadrez era o vizinho deles Louis-Guillaume le Veillard); Papers, v. 25, p. 204, v. 25, p. 218; Madame Brillon para BF, 10, 15, 20 dez. 1778; BF para Madame Brillon, [11?] dez. 1778.

19. Lopez, *Cher*, pp. 243-8. Lopez baseia-se em Antoine Guillois, *Le Salon de Madame Helvétius* (Paris: Calmann Levy, 1894). Claude-Adrien Helvétius, *De l’Esprit* (Paris, 1758; tradução para o inglês, *Essays on the Mind*, Londres, 1759); a obra foi queimada em público em Paris, mas também foi um dos livros mais lidos de sua época. Veja <gallica.bnf.fr/Fonds_textes/T0088614.htm>; <www.aei.ca/~anbou/mhelv.htm>.

20. Aldridge, *French*, p. 162; Gilbert Chinard, “Abbé Lefebvre de la Roche’s Recollections of Benjamin Franklin”, *Proceedings of the American Philosophical Society* (1950).

21. BF para Madame Helvétius, 31 out. 1778.

22. Aldridge, *French*, p. 165; Adams Papers, v. 2, p. 55.

23. BF para Madame Helvétius, por intermédio de Cabanis, 19 set. 1779. É possível que Poupon fosse um gato, mas sabemos que ela tinha um cão, e isso é

mais provável.

24. “The Flies”, Papers, v. 34, p. 220; Lib. of Am., p. 991 (a data desse texto é desconhecida e objeto de controvérsia); Lopez, *Cher*, p. 260. Veja também Lopez, *Cher*, p. 371, nota 32, onde ela afirma que alguns biógrafos “dramatizam excessivamente” a proposta de Franklin a Madame Helvétius, ao passo que outros a desprezam demais.

25. “The Elysian Fields”, 7 dez. 1778, Lib. of Am., p. 924.

26. Turgot para Pierre du Pont de Nemours, 24 jun. 1780, em Lopez, *Cher*, p. 170.

27. BF para Thomas Bond, 16 mar. 1780.

28. Aldridge, *French*, p. 183. Para uma boa avaliação, veja Richard Amacher, *Franklin's Wit and Folly: The Bagatelles* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1953).

29. Poema de Madame Brillon para BF, out. 1780, tradução em Lopez, *Cher*, p. 78; “Dialogue with the Gout”, 22 out. 1780.

30. Madame Brillon para BF, 18 e 26 nov. 1780; Lopez, *Cher*, pp. 79-81; Aldridge, *French*, p. 166.

31. Lopez, *Cher*, pp. 25-6.

32. “Conte”, datado de dezembro de 1778 em Papers, v. 28, p. 308, e início de 1779 por Lemay em Lib. of Am., p. 938; Aldridge, *French*, p. 173; Lopez, *Cher*, p. 90.

33. Abade Flamarens, 15 jan. 1777, em Aldridge, *French*, p. 61.

34. “The Morals of Chess”, 28 jun. 1779; Papers, v. 29, pp. 750-6, inclui as anotações da Junta que ele criou em 1732. Veja também Jacques Barbeu-Dubourg para BF, 3 jul. 1779, que menciona uma “refutação” das afirmações de Franklin.

35. Aldridge, *French*, p. 197; Jefferson Papers, v. 18, p. 168.

36. “An Economical Project”, *Journal of Paris*, 26 abr. 1784; Pobre Ricardo, 1735. Veja também <<http://www.standardtime.com>>; <<http://www.energy.ca.gov/daylightsaving.html>>; <<http://webexhibits.org/daylightsaving>>.

37. Aldridge, *French*, p. 178.

38. “To the Royal Academy of ***”, 19 maio 1780, ou depois, Lib. of Am., p. 952. Veja também Carl Japsky, Org., *Fart proudly* (Columbus, Ohio: Enthea Press, 1990).

39. BF para o abade Morellet, c. 5 jul. 1779.

40. SF para BF, 17 jan. 1779; BF para SF, 3 jun. 1779. O general Howe foi substituído por Sir Henry Clinton, que evacuou suas tropas britânicas da Filadélfia em maio de 1778 para concentrar-se na defesa de Nova York. O general Washington tentou deter os britânicos e não conseguiu numa batalha no condado de Monmouth, Nova Jersey, e as tropas de Clinton conseguiram se abrigar em Nova York.

41. SB para BF, 14 set. 1779; BF para SB, 16 mar. 1780. Veja o capítulo pungente “No Watch for Benny, No Feathers for Sally”, em Lopez, *Private*, pp. 215-32.

42. SF para BF, 17 jan., 25 set. 1779, 8 set. 1780; BF para SF, 3 jun. 1779.

43. RB para BF, 28 jul. 1780; SF para BF, 9 set. 1780; BF para RB e SF, 4 out. 1780.

44. BF para SF, 3 jun. 1779.

45. BF para Benjamin Bache, 19 ago. 1779, 16 abr. 1781. Para uma avaliação bem pesquisada e reveladora da relação deles, ver Smith, em particular pp. 67-70, 77-82. Também Lopez, *Private*, pp. 221-30.

46. BF para Benjamin Bache, 25 jan. 1782. Veja também 3 e 30 maio, 19 ago. 1779, 18 jul. 1780. Gabriel Louis de Marignac para BF, 20 nov. 1781.

47. Catherine Cramer para BF, 15 maio 1781; RB para BF, 22 jul. 1780.

48. BF para Benjamin Bache, 25 set. 1780; SB para BF, 14 jan. 1781.

49. Benjamin Bache para BF, 30 jan. 1783; BF para Benjamin Bache, 2 maio 1783; BF para Johonnot, 26 jan. 1782.

50. BF para os Brillon, 20 abr., 30 out. 1781; Madame Brillon para BF, 20 abr., 20 out. 1781; Lopez, *Cher*, pp. 91-101.

15. PACIFICADOR: PARIS, 1778-85

1. BF para James Lovell (para o Congresso), 22 jul. 1778; Richard Bache para BF, 22 out. 1778; Van Doren, p. 609.

2. BF para John Adams, 3 abr., 24 e 10 maio, 5 jun. 1779; John Adams para BF, 13 e 29 abr., 14 e 17 maio 1779; Middlekauff, pp. 190-2; McCullough, pp. 210-4; Schoenbrun, p. 229.

3. RB para BF, 8 e 22 out. 1778; BF para RB, 2 jun. 1779; BF para SF, 3 jun. 1779.

4. BF para Lafayette, 22 mar., 1^o out. 1779; Lafayette para BF, 12 jul. 1779; Lafayette para TF, 7 set. 1779. Veja também Harlowe Giles Unger, *Lafayette* (Nova York Wiley, 2002).

5. BF para Lafayette, 22 mar. 1779; BF para John Paul Jones, 27 maio, 1^o e 10 jun. 1778. Veja também Evan Thomas, *John Paul Jones* (Nova York Simon & Schuster, 2003). Evan Thomas forneceu gentilmente uma cópia inicial de seu manuscrito, que ajudou com as informações dessa seção; além disso, ele a leu e ajudou a corrigi-la.

6. Samuel Eliot Morison, *John Paul Jones* (Annapolis, MD: Naval Institute Press, 1959), pp. 156 ss. Alsop, p. 176, também diz que “todo mundo sabia do caso amoroso entre o galante oficial e Madame de Chaumont”. Mas Evan Thomas, em sua biografia, afirma que não existem provas concretas disso.

7. John Paul Jones para BF, 6 mar. 1779; BF para Jones, 14 mar. 1779.

8. BF para John Paul Jones, 27 abr. 1779; Jones para BF, 1^o maio 1779.

9. John Paul Jones para BF, 26 maio, 3 out. 1779; BF para Jones, 15 out. 1779. Como diz Evan Thomas, não está claro se Jones pronunciou de fato a famosa frase “ainda não comecei a lutar”.

10. Vergennes para Adams, 15 fev. 1780; McCullough, p. 232.

11. BF para George Washington, 5 mar. 1780.

12. BF para David Hartley, 2 fev. 1780.

13. Para o uso da frase “não existe paz ruim nem guerra boa” por Franklin, veja BF para Jonathan Shipley, 10 jun. 1782; BF para Joseph Banks, 27 jul. 1783; BF para Josiah Quincy, 11 set. 1783; BF para Rodolphe-Ferdinand Grand, 5 mar. 1786.

14. BF para Arthur Lee, 21 mar. 1777; Stourzh, p. 160; BF para Robert Livingston, 4 mar. 1782.

15. John Adams para o Congresso, 18 abr. 1780, Adams Letters, v. 3, p. 151; Vergennes para John Adams, 29 jul. 1780, Adams Letters, v. 3, p. 243; McCullough, p. 241.

16. Vergennes para BF, 31 jul. 1780; BF para Vergennes, 3 ago. 1780; BF para Samuel Huntington (para o Congresso), 9 ago. 1780. Adams ainda discutia esse desacordo décadas depois, em um artigo publicado no *Boston Patriot*, 15 maio 1811; veja Stourzh, p. 159.

17. BF para John Adams, 2 out. 1780, 22 fev. 1781. Adams respondeu com uma camaradagem sombria, dizendo que aceitara algumas leis “confiando em suas virtudes e graças de Fé e Esperança”. John Adams para BF, 10 abr. 1781.

18. Washington para BF, 9 out. 1780; BF para Vergennes, 13 fev. 1781.

19. A respeito da conversão de moedas, ver nota a respeito neste livro. Veja também: Thomas Schaeper, *France and America in the Revolutionary Era* (Providence: Bergham Books, 1995), p. 348; John McCusker, *How Much is that in Real Money?* (New Castle, Delaware: Oak Knoll Press, 2001); Economic History Services, <<http://eh.net/hmit>>; Inflation Conversion Factors, <www.orst.edu/Dept/pol_sci/fac/sahr/cf166502.pdf>.

20. Ralph Izard para Richard Lee, 15 out. 1780; Vergennes para La Luzerne, 19 fev. 1781; Stourzh, p. 153; BF para Samuel Huntington (para o Congresso), 12 mar. 1781.

21. Vergennes para La Luzerne, 4 dez. 1780; Stourzh, p. 167.

22. Stourzh, p. 168; BF para Samuel Huntington (para o Congresso), 13 set. 1781.

23. BF para William Carmichael, 24 ago. 1781; BF para John Adams, 12 out. 1781.

24. BF para Robert Morris, 7 mar. 1782.

25. Madame Brillon para BF, 20 jan., 1º fev. 1782; BF para Shelburne, 22 mar., 18 abr. 1782; BF para Vergennes, 15 abr. 1782. Veja também BF para WF, 12 e 27 set., 11 out. 1766, 13 jun., 28 ago. 1767, a respeito de discussões dos primeiros encontros de Franklin com Shelburne.

26. “Journal of Peace Negotiations”, 9 maio–1º jul. 1782, Papers CD 37:191.

Esse diário de quarenta páginas é uma descrição detalhada de todas as conversações e reuniões que Franklin teve até que um ataque de gota o obrigasse a abandonar o diário, em 1º de julho. A narrativa seguinte vale-se desse diário, bem como das cartas nele incluídas por Franklin.

Grande parte dessas informações baseia-se também no volume 37 dos Franklin Papers, que cobre de 16 de março a 15 de agosto de 1782, publicado em 2003. Ele acrescenta notas e avaliações sobre os escritos de Franklin que já

estavam disponíveis em Papers CD e em outros lugares. Sou grato aos editores de Yale por me deixarem ler o manuscrito no outono de 2002. Os editores também me facilitaram o acesso aos rascunhos dos volumes 38 e 39, que cobrem a conclusão das negociações.

27. “Supplement to the *Boston Independent Chronicle*”, uma brincadeira de BF, 12 mar. 1782. Os editores de Yale oferecem uma avaliação detalhada desse documento no volume 37 dos Papers. Entre as pessoas para as quais ele o mandou estava James Hutton, um amigo inglês, que respondeu: “Aquele artigo no jornal de Boston deve ser uma fábula, tudo pura invenção, falsificação cruel, espero e creio. Fardos de escalpos!!! Nem o rei, tampouco seus velhos ministros [...] são capazes dessas atrocidades”. Apesar disso, ao menos uma revista de Londres (*Public Advertiser*, 27 set. 1782) republicou partes dele como se fossem verdade. BF para James Hutton, 7 jul. 1782; James Hutton para BF, 23 jul. 1782, Papers, v. 37, pp. 443, 503.

28. “Journal of Peace Negotiations”; Shelburne para BF, 28 abr. 1782; Charles Fox para BF, 1^o maio 1782.

29. Richard Morris, *The Peacemakers* (Nova York: Harper & Row, 1965), p. 274, afirma que Grenville e Oswald não informaram a respeito das firmes recusas de Franklin de considerar uma paz em separado e que, ao contrário, insinuaram que ele poderia estar aberto a essa proposta.

30. BF para John Adams, 2 jun. 1782.

31. “Journal of Peace Negotiations”; BF para Shelburne, 18 abr., 10 e 13 maio 1782; Shelburne para BF, 28 abr. 1782; BF para Charles James Fox, 10 maio 1782; BF para John Adams, 20 abr., 2 e 8 maio 1782; BF para Henry Laurens, 20 abr. 1782.

32. BF para Robert Livingston, 25 e 29 jun. 1782; BF para Richard Oswald, 25 jun. 1782. O diário de Franklin termina em 1^o jul.

33. Richard Oswald para lorde Shelburne, 10 jul. 1782; BF para Richard Oswald, 12 jul. 1782; BF para Vergennes, 24 jul. 1782.

34. Lorde Shelburne para Richard Oswald, 27 jul. 1782; Wright, p. 314.

35. John Jay para Robert Livingston, 18 set., 17 nov. 1782; Stourzh, p. 178; BF para Lafayette, 17 set. 1782.

36. Vergennes para La Luzerne, 19 dez. 1782; McCullough, p. 280.

37. Middlekauff, p. 197; Herbert Klinghoffer, “Matthew Ridley’s Diary During the Peace Negotiations of 1782”, *William and Mary Quarterly* 20.1 (jan. 1963), p. 123; John Adams para Edmund Jennings, 20 jul. 1782, em McCullough, p. 276; Adams Letters, v. 3, p. 38; Wright, p. 315.

38. John Adams para BF, 13 set. 1783; McCullough, p. 277; Wright, p. 316; Stourzh, p. 177; BF para Robert Livingston, 22 jul. 1783.

39. BF para John Jay, 10 set. 1783; John Adams para BF, 13 set. 1783; McCullough, p. 282.

40. Samuel Cooper para BF, 15 jul. 1782; Robert Livingston para BF, 23 jun. 1782; BF para Richard Oswald, 28 jul. 1782; Fleming, p. 455.

41. Benjamin Vaughan para lorde Shelburne, 31 jul., 10 dez. 1782.

42. “Apologue”, nov. 1782, Lib. of Am., p. 967; Smyth, *Writings*, v. 8, p. 650.

43. Adams Diaries, v. 3, p. 37; Middlekauff, p. 198; Klinghoffer, “Matthew Ridley’s Diary”, p. 132.

44. Vergennes para La Luzerne, 19 dez. 1782; Vergennes para BF, 15 dez. 1782.

45. BF para Vergennes, 17 dez. 1782; Stourzh, p. 178. A disputa não permaneceu em segredo: Edward Bancroft, ainda espião, logo enviou carta aos ministros britânicos.

46. Vergennes para La Luzerne, 19 dez. 1782. Alguns meses depois, quando o secretário do Exterior Robert Livingston lhe perguntou sobre as objeções francesas, Franklin respondeu:

Não vejo, no entanto, que eles tenham muita razão em se queixar daquela transação. Nada foi estipulado em prejuízo deles, e nenhuma das estipulações entraria em vigor senão por uma lei subsequente deles [...] Há muito tempo satisfiz o conde de Vergennes a respeito disso. Fizemos o que parecia para todos nós o melhor naquela ocasião e, se cometemos um erro, o Congresso terá razão, depois de nos ouvir, em nos censurar.

Franklin disse a Livingston que achava que a advertência dos franceses acerca dos direitos de pesca se destinava somente a garantir a realização de um acordo. Para Adams, os franceses estavam fazendo as sugestões porque não queriam que os Estados Unidos tivessem sucesso na obtenção de tais direitos. É nessa carta que Franklin censura Adams por sua falta de gratidão para com a França e o chama de, “em algumas coisas, completamente insano”. BF para Robert Livingston, 22 jul. 1783.

47. Van Doren, pp. 696-7.

48. BF para PS, 27 jan. 1783; BF para Joseph Banks, 27 jul. 1783.

49. BF para Benjamin Bache, 23 jun. 1783; Robert Pigott para BF, 27 jun. 1783; Smith, p. 79.

50. Dorcas Montgomery para SB, 23 jul. 1783; BF para PS, 7 set. 1783; BF para SF, 27 jul. 1783; Benjamin Bache para RB e SF, 30 out. 1783; Smith, pp. 80-2.

51. BF para PS, 8 jan. 1782, 7 set. 1783; PS para BF, 28 set. 1783.

52. BF para PS, 26 dez. 1783; BF para RB, 11 nov. 1783; Van Doren, p. 709.

53. BF para Robert Livingston, 22 jul. 1783; Lopez, *Cher*, p. 314.

54. BF para Joseph Banks, 30 ago., 21 nov., 1^o dez. 1783. Um relato vívido da mania por balões encontra-se em Lopez, *Cher*, pp. 215-22, que cita Gaston Tissandier, *Histoire des ballons et des aéronautes célèbres, 1783-1800* (Paris: Launette, 1887). Veja também Lopez, *Private*, p. 267; <www.ballooning.org/ballooning/timeline.htm>; <www.balloonzone.com/history.htm>.

55. Joseph Banks para BF, 7 nov. 1783; BF para Joseph Banks, 21 nov. 1783; BF para Jan Ingenhousz, 16 jan. 1784; Lopez, *Cher*, p. 222, contém a cartaparódia de Franklin, BF para SF, 26 jan. 1784.

56. BF para SF, 26 jan. 1784.

57. “Information to Those Who Would Remove to America”, fev. 1784; Lib. of Am., p. 975; Morgan, *Franklin*, p. 297. Em carta endereçada a mim com

comentários sobre algumas primeiras versões de seções deste livro, Edmund Morgan observou: a descrição de Franklin “é geralmente exata, mas, ao mesmo tempo, é uma declaração do que ele valoriza no país e espera ser perpetuado ou ampliado” (2 dez. 2002).

58. BF para Benjamin Vaughan, 26 jul. 1784.

59. BF para Robert Morris, 25 dez. 1783; BF para Benjamin Vaughan, 14 mar. 1785.

60. BF para Strahan, 24 jan. 1780, 16 fev., 19 ago. 1784.

61. Lopez, *Cher*, pp. 277-79; Pierre Cabanis, *Complete Works* (Paris: Bossange Frères, 1825), v. 2, p. 348.

62. BF para George Whatley, 21 ago. 1784, 23 maio 1785.

63. BF para TF, 25 ago. 1784. Existem muitos livros e artigos sobre Mesmer. O melhor, no que diz respeito a Franklin, é o capítulo em Lopez, *Life*, pp. 114-26. Veja também Robert Darnton, *Mesmerism and the End of the Enlightenment in France* (Cambridge: Harvard University Press, 1968); Lopez, *Cher*, pp. 163-73; Van Doren, pp. 713-4.

64. Willard Sterne Randall, *Thomas Jefferson* (Nova York: Henry Holt, 1993), pp. 370-400; John Adams para Robert Livingston, 25 maio 1783, James Madison para Thomas Jefferson, 11 fev. 1783, Jefferson para Madison, 14 fev. 1783, todos citados em Middlekauff, pp. 200-1.

65. WF para BF, 22 jul. 1784.

66. BF para WF, 16 ago. 1784.

67. BF para TF, 2 out. 1784; Lopez, *Private*, p. 258.

68. BF para PS, 19 mar., 15 ago. 1784.

69. Lopez, *Private*, p. 272.

70. PS para BF, 25 out. 1784; PS para Barbara Hewson, 25 jan. 1785; Lopez, *Private*, p. 269.

71. BF para PS, 4 jul. 1785; BF para JM, 13 jul. 1785; BF para David Hartley, 5 jul. 1785.

72. Vergennes para François Barbé de Marbois, 10 maio 1785; BF para John Jay, 21 set. 1785.

73. Lopez, *Cher*, pp. 137-9; Lopez, *Private*, p. 275; Fawn Brodie, *Thomas Jefferson* (Nova York: Norton, 1974), p. 425.

74. Diário de viagem de Franklin, 13-28 jul. 1785, Papers CD 43:310.

75. WF para SF, 10 ago. 1785; Temple, *Writings*, v. 2, p. 165. Em carta a John Jay, 21 set. 1785, ele descreve a visita que Shipley e outros lhe fizeram em Southampton, mas não menciona William.

16. SÁBIO: FILADÉLFIA, 1785-90

1. “Maritime Observations”, BF para David Le Roy, ago. 1785, Papers CD 41:384.

2. “Causes and Cure of Smoky Chimneys”, BF para Jan Ingenhousz, 28 ago. 1785; “Description of a New Stove”, de BF, ago. 1785, Papers CD 43:380.

3. Diário de BF, 14 set. 1785, inédito, Papers CD 43:310; BF para John Jay, 21 set. 1785.

4. BF para Jonathan Shipley, 24 fev. 1786.

5. BF para Polly Stevenson, 6 maio 1786.

6. Manasseh Cutler, excerto do diário de 13 jul. 1787, em Smyth, *Writings*, v. 10, p. 478.

7. BF para Louis-Guillaume le Veillard, 15 abr. 1787; BF para Ferdinand Grand, 22 abr. 1787.

8. BF para JM, 21 set. 1786; Manasseh Cutler, excerto do diário de 13 jul. 1787, em Smyth, *Writings*, v. 10, p. 478. Quando ele morreu, os 4276 volumes de sua biblioteca foram avaliados em pouco mais de 184 libras esterlinas. Veja “An Inventory and Appraisal of the Goods and Chattels of the Estate of Benjamin Franklin”, papéis de Bache, Coleção Castle, Sociedade Filosófica Americana Filadélfia.

9. BF para JM, 20 set. 1787; BF para o professor Landriani, 14 out. 1787.

10. BF para James Woodmason, 25 jul. 1780, na qual ele discute com o papelheiro de Londres a “recém-inventada arte de copiar” e encomenda três máquinas rudimentares para entrega em Passy. As máquinas de Woodmason vinham da fábrica de Watt, e o papelheiro insistiu que Franklin pagasse adiantado antes que fossem encomendadas. Em carta de 19 nov. 1780, ele diz a Franklin que está mandando três máquinas novas e fornece instruções sobre como usar a tinta; Papers CD 33:579. Veja também “História das máquinas de copiar”, em <http://www.inc.com/articles/it/computers_networks/peripherals/2000.htm>.

11. “Description of an Instrument for Taking Down Books from High Shelves”, jan. 1786, Papers CD 43:873; Lib. of Am., p. 1116.

12. BF para Catherine (Kitty) Shipley, 2 maio 1786; Lib. of Am., p. 1118.

13. BF para David Hartley, 27 out. 1785.

14. BF para Jonathan Williams, 16 fev. 1786; para Jonathan Shipley, 24 fev. 1786; Brands, p. 661.

15. BF para William Cocke, 12 ago. 1786.

16. BF para Thomas Jefferson, 19 abr. 1787.

17. Disponível em:

<www.nara.gov/exhall/charters/constitution/confath.htm>.

Grande parte do que se segue é baseada em Max Farrand, Org., *Records of the Federal Convention* (New Haven: Yale University Press, 1937), e, em particular, *Madison's Journals*. Existem muitas edições dessa narrativa magistral. Entre as mais convenientes estão as versões pesquisáveis na internet, como <www.yale.edu/lawweb/avalon/debates/debcont.htm> e <www.constitution.org/dfc/dfc_000.htm>.

Para uma boa análise do papel de Franklin na convenção, ver William Carr, *The Oldest Delegate* (Newark University of Delaware Press, 1990); Gordon Wood, *The Creation of the American Public* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1969); Clinton Rossiter, *1787: The Grand Convention* (Nova York Macmillan, 1966); Catherine Drinker Bowen, *Miracle at Philadelphia* (Boston: Little, Brown, 1966); Richard Morris, *The Forging of the Union* (Nova York Harper & Row, 1987).

18. A tão conhecida história de Franklin chegando à convenção em uma liteira é descrita em cores vivas por Catherine Drinker Bowen, *Miracle at Philadelphia*, p. 34. Veja também Smyth, *Writings*, v. 10, p. 477; Brands, p. 674; Van Doren, p. 741. O cauteloso erudito J. A. Leo Lemay diz que não há provas de que Franklin tenha sido levado de liteira a nenhuma reunião da convenção. Veja Lemay, “Recent Franklin Scholarship, with a Note on Franklin’s Sedan Chair”, *PMHB* 76:2 (abr. 2002), pp. 339-40. A verdade, porém, é que existe uma carta inédita escrita por sua filha, Sally, a Temple durante a convenção em que ela registra: “Seu avô estava entrando na liteira para ir à convenção quando eu lhe disse que havia recebido sua carta” (SB para TF, sem data, 1787, Papers CD 45:u350). Sabemos que Franklin estava se sentindo mal no início da convenção, mas não o tempo todo, e também que ele possuía uma liteira. A lista de seus bens (“An Inventory and Appraisalment of the Goods and Chattels of the Estate of Benjamin Franklin”, papéis de Bache, Coleção Castle, Sociedade Filosófica Americana Filadélfia) contém uma “liteira” avaliada em vinte libras esterlinas, e ela aparece igualmente na lista das coisas vendidas da casa de Franklin em 25 de maio de 1792, dois anos após sua morte (*Dunlap’s American Daily Advertiser*, 21 maio 1792, cópia na Sociedade Filosófica Americana, reimpressa em *PMHB* 23 [1899], p. 123). Sabe-se ainda que um amigo pediu permissão para tomar emprestada “sua liteira” em 1788 (sra. Powel para BF, inédita, 16 jun. 1788, Papers CD 45:558). Assim, penso ser razoável acreditar nos relatos de que ele foi carregado até a convenção naquele primeiro dia, 28 de maio. Porém, Lemay argumenta com razão que é improvável que ele costumasse usá-la para ir à convenção. O próprio Franklin escreveu para sua irmã em setembro: “O exercício diário de ir e voltar do palácio do governo me fez bem” (BF para JM, 20 set. 1787, Papers CD, 45:u167). Um amigo escreveu no final de 1786: “A não ser pela pedra, que o impede de fazer exercícios exceto subir e descer escadas em casa e às vezes caminhar até o palácio do governo, [ele] mantém sua saúde, seu humor e sua memória” (Samuel Vaughan para Richard Price, 4 nov. 1786, *Massachusetts Historical Society Proceedings*, 21.17 [maio 1903], p. 355).

19. Benjamin Rush para Richard Price, 2 jun. 1787, *Massachusetts Historical Society Proceedings*, 21.17 (maio 1903), p. 361. Para o discurso de Pierce, veja Farrand’s Records of the Convention, v. 3, p. 91; discursos de Franklin, 30 jun., 11 jun., *Madison Journal*; Morris, *The Forging of the Union*, p. 272.

20. Bowen, p. 18.

21. *Madison Journal*, 31 maio 1787.

22. *Madison Journal*, 11 jun. 1787.

23. *Madison Journal*, 28 jun. 1787.

24. “Motion for Prayers”, de BF, 28 jun. 1787; *Madison Journal*, Farrand, v. 1, p. 452; Papers CD 45:u77; Smyth, *Writings*, v. 9, p. 600.

25. *Madison Journal*, 30 jun. 1787.

26. Diário de Manasseh Cutler, 13 jul. 1787, em Smyth, *Writings*, v. 10, p. 478; “Queries and Remarks Respecting Alterations in the Constitution of Pennsylvania”, 3 nov. 1789, Smyth, *Writings*, v. 10, p. 57.

27. *Madison Journal*, 26 e 20 jul., 5 jun. 1787.

28. *Madison Journal*, 7 e 10 ago. 1787.

29. *Madison Journal*, 2 jun. 1787; BF para Benjamin Strahan, 16 fev., 19 ago. 1784; Gordon S. Wood, *The Radicalism of the American Revolution* (Nova York Random House, 1991), p. 199. Veja também capítulo 5, nota 25; McCullough, p. 400.

30. Farrand's Records of Convention, v. 3, p. 85; Samuel Eliot Morison, *Oxford History of the American People* (Nova York Oxford University Press, 1965), v. 1, p. 398.

31. BF para La Rochefoucauld, 22 out. 1788; BF para Pierre Du Pont de Nemours, 9 jun. 1788.

32. Discurso de encerramento de Franklin, 17 set. 1787, Papers CD 45:u161. Existem algumas versões desse discurso, inclusive um rascunho, uma cópia e as anotações de Madison, cada uma delas com pequenas variações. A citada aqui é aquela usada pelos editores de Yale, extraída dos papéis de Franklin.

33. Farrand's Records of Convention, v. 3, p. 85; veja <memory.loc.gov/ammem/amlaw/lwfr.html>.

34. Barbara Oberg, "Plain, Insinuating, Persuasive", em Lemay, *Reappraising*, pp. 176, 189; Rossiter, *1787: The Grand Convention*, p. 234.

35. Roger Rosenblatt, *Where we Stand* (Nova York Harcourt, 2002), p. 70, citando Henry May, *The Enlightenment in America* (Nova York Oxford University Press, 1976). O único documento importante da fundação dos Estados Unidos que Franklin não assinou foram os Artigos da Confederação, pois estava na França. Roger Sherman assinou a Declaração de Independência, os Artigos da Confederação e a Constituição, bem como a Declaração de 1774, mas não assinou nenhum dos tratados.

36. BF para JM, 4 nov. 1787, 3 ago. 1789.

37. BF para Noah Webster, 26 dez. 1789.

38. BF para Benjamin Vaughan, 24 out. 1788; veja também BF para Louis-Guillaume le Veillard, 24 out. 1788.

39. BF para Benjamin Vaughan, 3 jun., 2 nov. 1798; BF para Elizabeth Partridge, 25 nov. 1788.

40. BF para Catherine Ray Greene, 2 mar. 1789; BF para George Washington, 18 set. 1789.

41. BF para Jean Baptiste Le Roy, 13 nov. 1789; BF para Louis-Guillaume le Veillard, 24 out. 1788.

42. "An Address to the Public", 9 nov. 1789, Smyth, *Writings*, v. 10, p. 66. A citação de Mason encontra-se em Farrand's Records of the Convention, v. 2, p. 370.

43. Sociedade para a Abolição da Escravidão da Pensilvânia, Petição ao Congresso, por BF, 12 fev. 1790.

44. "Sidi Mehemet Ibrahim on the Slave Trade", BF para *Federal Gazette*, 23 mar. 1790.

45. Veja capítulo 11; BF para Richard Price, 18 mar. 1785.

46. BF para William Strahan, 19 ago. 1784.

47. BF para destinatário desconhecido, 3 jul. 1786, Smyth, *Writings*, v. 9, p. 520; a mesma carta, datada de 13 de dezembro de 1757, Papers 7:293; Thomas Paine, *The Age of Reason*, publicado na íntegra pela primeira vez em 1794,

<www.ushistory.org/paine/; libertyonline.hypermall.com/Paine/AOR-Frame.html>.

Os editores de Yale dos papéis de Franklin observam: “Tanto a data como o destinatário dessa carta têm sido objeto de muita discrepância de opinião. Cada uma das três versões manuscritas subsistentes tem uma data diferente. A que está no rascunho, manuscrita por Franklin, foi fortemente riscada, provavelmente muito tempo depois de ter sido redigida, por alguém que não Franklin. Esse rascunho, hoje na Biblioteca do Congresso, tem uma anotação em que Franklin a chama de “rascunho da carta dissuadindo _____ de publicar seu texto”. Jared Sparks, um dos primeiros editores e biógrafos, decifrou a linha riscada como “Filad., 3 de julho de 1786” e a publicou como se dirigida a Thomas Paine (Sparks, v. 10, p. 281). Sparks escreve: “Quando um autor cético, que se supõe ter sido Thomas Paine, mostrou-lhe em manuscrito uma obra escrita contra a religião, ele o instou veementemente a não publicá-la, e sim a queimá-la, contestando seus argumentos como falaciosos e seus princípios como envenenados com as sementes do vício, sem tender para nenhum bem imaginável”. John Bigelow, em *The Works of Benjamin Franklin* (Nova York Putnam, 1904), e Smyth, *Writings*, v. 9, p. 520, também usam essa data. Para uma avaliação contrária escrita por um aluno de Sparks, ver Moncure Conway, *The Life of Thomas Paine* (Nova York Putnam, 1892), pp. VII-VIII.

De acordo com os editores de Yale (Papers, v. 7, nota 293, publicados em 1963), essa datação era “plausível”, mas fornecem outros seis anos possíveis, de 1751 a 1787. Eles utilizam com cautela a data de 1757, com base em uma transcrição para o francês que parece ter sido escrita e datada pelo copista usado por Franklin quando morava em Passy. Em nota, no entanto, eles dizem: “Os editores não conseguiram identificar nenhum ‘infiel’ em particular que possa ter enviado a Franklin um manuscrito em 1757, nem localizaram trecho algum que possa ser prova de que o seu conselho contra a publicação foi desconsiderado”. Em 2002, quando os questioneei, os editores de Yale afirmaram permanecer incertos a respeito da data. Em carta de 2 de dezembro de 2002 em que comentava alguns rascunhos de seções deste livro, Edmund Morgan me escreveu: “Sua sugestão de que ela foi escrita em 1786 para Paine faz mais sentido para mim do que as razões oferecidas pelos antigos editores para datá-la em 1757”.

Minha crença de que a data de 1786 é provável e que ela foi enviada para Paine baseia-se no que descrevo a seguir. Já em 1776, Paine expressara seu “desprezo” pela Bíblia e disse a John Adams: “Eu tenho ideia de publicar meus pensamentos sobre religião, mas acredito que será melhor adiar isso para a parte mais tardia de minha vida” (John Keane, *Tom Paine* [Boston: Little, Brown, 1995], p. 390). Em 1786, Paine já escrevia com frequência para Franklin (23 de setembro, 31 de dezembro de 1785, 31 de março, 6 e 14 de junho de 1786) e até usava o pátio em frente à casa em que aquele vivia para exibir um projeto de ponte de sua autoria. Em *The Age of Reason*, Paine menciona favoravelmente Franklin cinco vezes (“Os Provérbios que dizem ser de Salomão [...] não [são] mais sábios e econômicos do que os do Franklin americano”). Ele repercutiu os aspectos mais gerais do credo deísta de Franklin, dizendo que acredita em Deus e

que o “dever moral do homem” é praticar a beneficência de Deus “uns para os outros”. Mas também faz muitos ataques heréticos à religião organizada que provocariam uma reação cautelosa de Franklin. Para Paine, as Igrejas “não me parecem ser senão invenções humanas criadas para aterrorizar e escravizar a humanidade e monopolizar o poder e o lucro”. Ele também afirma que “a teoria do que é chamado de Igreja cristã derivou de narrativa da mitologia pagã” e deprecia a teologia cristã por sua “absurdidade”. E começa seu livro indicando que considerara publicar seus pensamentos antes, mas fora dissuadido: “Foi minha intenção, durante vários anos passados, publicar meus pensamentos sobre religião. Estou bem consciente das dificuldades que acompanham o assunto e, a partir dessa consideração, o reservei para um período mais avançado da vida”.

48. Arquivos da Congregação Mikveh Israel, 30 abr. 1788 (a doação de Franklin é uma das três maiores de 44 e ele está no topo da lista de subscritores). Disponível em: <www.mikvehisrael.org/gifs/frank2.jpg>; BF para John Calder, 21 ago. 1784.

49. BF para Ezra Stiles, 9 mar. 1790.

50. BF para Thomas Jefferson, 8 abr. 1790.

51. Relatórios do dr. John Jones e de Benjamin Rush, em Sparks e em outros lugares; *The Pennsylvania Gazette*, 21 abr. 1790; Benjamin Bache para Margaret Markoe, 2 maio 1790.

52. Epitáfio, 1728; essa é a versão que Temple Franklin publicou. Veja Papers CD 41:u539. Franklin também produziu versões levemente editadas, inclusive uma que termina com “Corrigida e emendada/ Pelo autor” (Papers 1:109a).

53. Última vontade e testamento, mais codicilo, 23 jun. 1789, Papers CD 46:u20.

EPÍLOGO

1. Última vontade e testamento, mais codicilo, 23 jun. 1789, Papers CD 46:u20; Skemp, *William*, p. 275. O testamento e o codicilo estão em <www.sln.fi.edu/franklin/family/lastwill.html>.

2. WF para TF, 3 jul. 1789; Skemp, *William*, p. 275; Lopez, *Private*, p. 309. Uma edição em língua inglesa completa e autorizada da autobiografia de Franklin foi publicada somente em 1868.

3. Os dois grandes livros sobre Benjamin Bache e seu jornal são os de Jeffery A. Smith, *Franklin and Bache: Envisioning the Enlightened Republic* (Nova York: Oxford University Press, 1990), e Richard Rosenfeld, *American Aurora* (Nova York: St. Martin's, 1997). Veja também Bernard Fay, *The Two Franklins* (Boston: Little, Brown, 1933).

4. Patricia Nealon, “Ben Franklin Trust to Go to State, City”, *Boston Globe*, 7 dez. 1993, A22; Clark DeLeon, “Divying Up Ben”, *Philadelphia Inquirer*, 7 fev. 1993, B2; Tom Ferrick Jr., “Ben Franklin's Gift Keeps Giving”, *Philadelphia Inquirer*, 27 jan. 2002, B1; site da Tour de Sol, <www.nesea.org/transportation/tour>; *The Franklin Gazette*, impressa por Friends

of Franklin Inc., <www.benfranklin2006.org> (primavera de 2002); Philadelphia Academies Annual Report 2001 e site <www.academiesinc.org>. Sites sobre o legado de Franklin: <www.philanthropyroundtable.org/magazines/2000-01/lastpage.htm>; <www.cs.appstate.edu/~sjg/class/1010/wc/finance/benfranklin.htm>; <www.lehighvalleyfoundation.org/support.htm#BenFranklin>.

CONCLUSÕES

1. *The Nation*, 9 jul. 1868, reimpresso em Norton Autobiografia, p. 270. Veja também Nian-Sheng Huang, *Benjamin Franklin in American Thought and Culture, 1790-1990* (Filadélfia: American Philosophical Society, 1994).

2. The Provost Smith Papers, *The Pennsylvania Gazette*, abr. 1997. Disponível em: <www.upenn.edu/gazette/0497/>.

3. John Adams, *Boston Patriot*, 15 maio 1811.

4. Gordon Wood, *The Radicalism of the American Revolution* (Nova York: Vintage, 1991), p. 347; John Adams para TF, 5 maio 1817; Francis, lorde Jeffrey, *Edinburgh Review* 8 (1806), em Norton Autobiografia, p. 253. Trata-se de uma resenha de Jeffrey de uma edição não autorizada dos escritos e da autobiografia.

5. Robert Spiller, "Franklin and the Art of Being Human", *Proceedings of the American Philosophical Society* 100.4 (ago. 1956), p. 304.

6. John Keats para George e Georgiana Keats, 31 out. 1818; Leigh Hunt, *Autobiography* (Nova York: Harper, 1850), v. 1, pp. 130-2; ambos reimpressos em Norton Autobiografia, pp. 257, 266.

7. Herman Melville, *Israel Potter* (1855; Nova York: Library of America, 1985), capítulo 8, <<http://www.melville.org/hmisrael.htm>>; Autobiografia, p. 45.

8. Diários de Emerson, v. 1, p. 375, citado em Campbell, p. 35; Nathaniel Hawthorne, *Works*, v. 12, p. 189, citado em Yale Autobiografia, p. 13.

9. David Brooks, "Among the Bourgeoisophobes", *The Weekly Standard*, 15 abr. 2002.

10. Mark Twain, "The Late Benjamin Franklin", *The Galaxy*, jul. 1870.

11. Jim Powell, "How Benjamin Franklin's Autobiography Inspired All Kinds of People to Help Themselves". Disponível em: <www.libertystory.net/LSCONNFRAN.htm>.

12. Frederick Jackson Turner, ensaio em *The Dial*, maio 1887; William Dean Howells, "Editor's Study", *Harper's*, abr. 1888; reimpresso em Norton Autobiografia.

13. Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, publicado primeiro em 1904 (em alemão) e revisto em 1920 (Nova York: Harper Collins, 1930), 52-53; Van Wyck Brooks, *America's Coming of Age*, publicado originalmente em 1915 como um ensaio (Garden City, NY: Doubleday, 1934); William Carlos Williams, *In the Grain* (Nova York: New Directions, 1925), p. 153; Sinclair Lewis, *Babbitt*, primeira edição em 1922, capítulo 16, seção 3, ver <www.bartleby.com/162/16.htm>.

14. D. H. Lawrence, “Benjamin Franklin”, *Studies in Classic American Literature* (Nova York Viking, 1923), pp. 10-6, <xroads.virginia.edu/~HYPER/LAWRENCE/dhlch02.htm>; Cervantes, *Dom Quixote*, segunda parte, capítulo 33; Esopo, “A leiteira e o balde”. Franklin citou de fato a máxima “Honestidade é a melhor política” em uma carta para Edward Bridgen, 2 out. 1779, mas fazia parte de uma lista de máximas que poderiam estar em moedas, e não alegou que era de sua autoria.

15. Charles Angoff, *A Literary History of the American People* (Nova York Knopf, 1931), pp. 296-308.

16. Herbert Schneider, *The Puritan Mind* (Nova York Henry Holt, 1930); Van Doren, p. 782; I. Bernard Cohen, *Benjamin Franklin's Experiments* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1941), p. 73.

17. Para mais informações sobre *How to Win Friends and Influence People* (1937; Nova York Pocket Books, 1994), veja capítulo 4, nota 6; E. Digby Baltzell, *Puritan Boston and Quaker Philadelphia* (Nova York: Free Press, 1979), p. 55.

18. Site FranklinCovey, <www.frankincovey.com>; Grady McAllister, “An Unhurried Look at Time Management”, <vasthead.com/Time/tm_papl.html>. Peter Jennings e Todd Brewster, *In Search of America* (Nova York Hyperion, 2002), capítulo 3, descrevem uma interessante discussão em aula do professor Blaine McCormick sobre Franklin como pai fundador dos livros sobre negócios.

19. Brands, p. 715; Morgan, *Franklin*, p. 314.

20. Alan Taylor, “For the Benefit of Mr. Kite”, *The New Republic*, 19 mar. 2001, p. 39. A peça *1776*, de Sherman Edwards e Peter Stone, estreou no teatro da Broadway da Rua 46 em 16 de março de 1969, teve 1217 apresentações e foi levada ao cinema em 1972; Howard Da Silva fez o papel de Franklin tanto no palco como na tela. *Ben Franklin in Paris*, de Mark Sandrich Jr. e Sidney Michaels, estreou no teatro Lunt Fontanne em 27 de outubro de 1964 e teve 215 apresentações, com Robert Preston no papel de Franklin.

21. David Brooks, “Our Founding Yuppie”, *The Weekly Standard*, 23 out. 2000, pp. 32, 35.

22. BF para JM, 17 jul. 1771.

23. Taylor, “For the Benefit of Mr. Kite”, p. 39.

24. Vernon Parrington, *Main Currents in American Thought* (Nova York Harcourt, 1930), v. 1, p. 178.

25. Taylor, “For the Benefit of Mr. Kite”, p. 39.

26. Pobre Ricardo, 1750; BF para Louis le Veillard, 6 mar. 1786; Autobiografia, p. 107 (todos usam a expressão “saco vazio”).

27. Brooks, “Our Founding Yuppie”, p. 35.

28. Autobiografia, p. 139.

29. Angoff, *A Literary History of the American People*, p. 306; Garry Wills, *Under God* (Nova York Simon & Schuster, 1990), p. 380.

30. Henry Steele Commager, *The American Mind* (New Haven: Yale University Press, 1950), p. 26; John Updike, “Many Bens”, *The New Yorker*, 22 fev. 1988, p. 115.

31. David Hume para BF, 10 maio 1762; Campbell, p. 356.

Créditos das imagens

Retrato de Benjamin Franklin (gravura), Escola Francesa (século XIX)/ Coleção particular/ Ken Welsh/ Bridgeman Images
Cortesia de Chapin Library of Rare Books, Williams College

CADERNO DE IMAGENS

- 1: Cortesia de The Bostonian Society/ Old State House
- 2, 11, 12, 17, 21, 26, 29: American Philosophical Society
- 3, 6: Coleção particular
- 4: The Metropolitan Museum of Art, Coleção Catharine Lorillard Wolfe, Wolfe Fund, 1901 (01.20). Fotografia © 1998 The Metropolitan Museum of Art
- 5, 27: © Réunion des Musées Nationaux/ Art Resource, NY
- 7: Rosenbach Museum & Library, Filadélfia
- 8: Philadelphia Museum of Art: Doação de Mr. e Mrs. Wharton Sinkler
- 9: Cortesia de Chapin Library of Rare Books, Williams College
- 10, 30: Franklin Collection, Yale University Library
- 13, 16, 19: © Bettman/ Corbis
- 14: Cortesia da Coleção da Harvard University Portrait, herança do dr. John Collins Warren, 1856
- 15, 24: Cortesia de The Historical Society of Pennsylvania Collection, Atwater Kent Museum of Philadelphia
- 18: Cortesia da National Portrait Gallery, Londres
- 20: Cortesia da Pennsylvania Academy of Fine Arts, Filadélfia. Doação de Maria

McKean Allen e Phebe Warren Downes pela herança de sua mãe, Elizabeth Wharton McKean

22: © Huntington Library/ Superstock

23: Library of Congress

25: The Metropolitan Museum of Art, Coleção The Friedsam, herança de Michael Friedsam, 1931 (32.100.132). Fotografia © 1981 The Metropolitan Museum of Art

28: Leonard Labaree et al., Orgs., *The Papers of Benjamin Franklin* (36 v. até a data atual, New Haven e Londres: Yale University Press, 1959-), vol. XXIII

31: Cortesia de Winterthur Museum, doação de Henry Francis du Pont

32: The Architect of the Capitol

Pesquisa de fotos adicionais por Alexandra Truitt e Jerry Marshall, edição e pesquisa de imagens.



PATRICE GILBERT

WALTER ISAACSON nasceu nos Estados Unidos, em 1952. É diretor-geral do Aspen Institute, foi presidente da CNN e editor administrativo da revista *Time*. É autor de *Kissinger: A Biography* e coautor de *The Wise Men: Six Friends and the World They Made*, além de *Einstein: Sua vida, seu universo*, do best-seller internacional *Steve Jobs: A biografia* e *Os inovadores: Uma biografia da revolução digital*, os três últimos publicados no Brasil pela Companhia das letras.

Copyright © 2003 by Walter Isaacson

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com a editora original, Simon & Schuster Inc.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Benjamin Franklin: An American Life

Capa

Tamires Cordeiro

Foto de capa

The Bridgeman Art Library/

Keystone Brasil

Preparação

Cláudia Cantarin

Revisão

Isabel Jorge Cury

Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-438-0439-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br